

tocaia grande

JORGE AMADO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.





Tocaia GRANDE →

jorge amado

A FACE OBSCURA

romance

Para Zelia, de deu em deu.

Para Alice e Georges Raillard,

Anny-Claude Basset e antoinette Hallery

na cidade de Paris.

Para Lygia e Fernando Sabino.

Para Itassuce e Raymundo Sa Barreto, em

memoria de Basilio de Oliveira.

"Alguns verbetes em dicionários e enciclopédias, certas notícias bibliográficas, fazem-me nascido em Pirangi. Em verdade sucedeu o contrário: vi Pirangi nascer e crescer. Quando por ali passei pela primeira vez, encarapitado no cavalete da sela de montaria de meu pai, existiam apenas três casas isoladas. A estação da Estrada de Ferro ficava longe, em Sequeiro de Espinho."

(J.A. -- "O Menino Grapluna")

"o cacau -- fruto mor de teus abrolhos;

o cacau -- vida va e morte reta."

(Helio Polvora -- "Sonetos para o meu pai morto")

"A gente pode com a enchente e com a peste; com a lei não pode não: sucumbiu."

(Lupiscinio, sobrevivente)

As comemorações dos setenta anos da fundação de Irisópolis e dos cinquenta de sua elevação a cidade, cabeça de comarca e sede de município, alcançaram certa repercussão na imprensa do sul do país. Se para tanto o dinâmico Prefeito despendeu verba elevada, não incorre em crítica: tudo quanto se faça para divulgar as excelências de Irisópolis, o passado de epopeia, o presente de esplendor, merece aplauso e elogio. Além das matérias pagas, os jornais do Rio e de São Paulo divulgaram algum noticiário sobre os eventos principais que abrilhantaram os festejos, com destaque para as cerimônias, ambas solenes, da inauguração dos bustos do coronel Prudêncio de Aguiar e do doutor Inácio Pereira, erguidos um em cada praça, a da Prefeitura e a da Matriz.

A partir do reverterio da situação política, com o fim do domínio da laia que assumira o mando após a morte dos Andrade, o pai e o filho, o fazendeiro mandou e desmandou na Intendência durante lustros, Intendente ele próprio ou preposto de sua escolha, parente

ou compadre. Provas da capacidade administrativa do Coronel e de sua dedicacao no exercicio do poder ainda hoje sao vistas e admiradas no perimetro urbano, inclusive a rua calcada com paralelepipedos ingleses -- importados da Inglaterra, sim senhores! --, orgulho da populacao irisopolense, enquanto as acusacoes de desvio dos dinheiros publicos desvaneceram-se no passar do tempo.

Quanto ao esculapio, na qualidade de cunhado e conselheiro, de cidadao de aptidoes singulares, exerceu os cargos mais elevados, assumiu as incumbencias mais responsaveis, tendo presidido a comissao formada com o meritorio objetivo de angariar fundos destinados a construcao da Matriz, magnifico templo catolico, outro orgulho da coletividade: simbolo da fe e do idealismo daqueles valentes que, empolgados com o denodo dos dois benemeritos pioneiros, colaboraram na colocacao da primeira pedra da localidade. Administrador competente, o doutor encontrou maneira de erguer ao mesmo tempo a igreja e o elegante 13

bangalo onde ainda hoje vivem descendentes seus; nem sequer, no auge das paixoes politicas, se conseguiu provar qualquer dos multiplos aleives assacados contra sua honestidade. Acusacoes faceis, provas dificeis.

Foram escritos artigos laudatorios, recordando, com a enfase e a retorica necessarias, os feitos do Coronel e do Doutor, paginas de civismo, licoes da Historia, exemplos para as geracoes vindouras. Tudo como manda o figurino, para gaudio dos notaveis, da intelectualidade, da juventude -- esperanca da Patria --, enfim de todos os que sao capazes de reconhecer e aplaudir o heroismo e o devotamento dos inclitos antepassados a causa publica. Assim, o Brasil inteiro, do Oiapoque ao Chul, pode contemplar, ao clarao do foguetorio comemorativo, a refulgente face de Irisopolis, comunidade nascida do arco-iris em longinquo dia de bonanca, de paz e fraternidade entre os homens conforme proclamou em poema de versos brancos o vate principal da regio, cujo nome certamente ja ouvistes pronunciar entre louvores. Em seus textos

comemorativos, literatos, politicos e jornalistas omitiram quase sempre o nome primitivo do burgo; razoes obvias relegaram-no ao esquecimento. Antes de ser Irisopolis, foi Tocaia Grande.

14

Digo nao quando dizem sim em coro unissono.

Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compendios de Historia por infame e degradante; quero descer ao renegado comeco, sentir a consistencia do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violencia, a ambicao, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda nao se erguera um altar para a virtude. Digo nao quando dizem sim, nao tenho outro compromisso.

O LUGAR

NATARIO DA FONSECA, HOMEM DE CONFIANCA,

ARMA UMA TOCAIA NUM LUGAR BONITO

1

Antes de existir qualquer casa, cavou-se o cemiterio ao sope

da colina, na margem esquerda do rio. As primeiras pedras serviram para marcar as covas rasas nas quais foram enterrados os cadaveres no fim da manha, hora do meio-dia, quando finalmente o coronel Elias Daltro apareceu cavalgando a frente de alguns poucos capangas -- quatro gatos pingados, os que haviam permanecido na fazenda -- e se deu conta da extensao do desastre. Nao ficara um cabra sequer para contar a historia. O Coronel contemplou os corpos ensanguentados. Benito morrera com o revolver na mao, nao tivera ensejo de atirar: a bala arrancara-lhe o tampo da cabeça, o Coronel desviou a vista. Compreendeu que aquela carnificina significava o fim, ja nao tinha meios para prosseguir. Trancou a aflicao dentro do peito, nao deu mostras, nao deixou que os demais percebessem. Elevou a voz de comando, ditou ordens.

Apesar do temporal -- chuva de acoite, nuvens negras, trovoes espoucando na mata --, alguns urubus, atraídos pelo sangue e pelas visceras expostas, sobrevoaram os homens ocupados no transporte dos corpos e na abertura das covas.

-- Depressa, antes que a fedentina aumente.

2

Cavalgaram em silencio ate a entrada do pontilhao quando Natario, na vanguarda da escolta que fora buscar o Coronel no arraial de

Taquaras, estacao da Estrada de Ferro, retardou o passo da mula, colocou-se a par com o patroa, falou com voz mansa:

-- Conheco um lugar muito conveniente, Coronel. Posso mostrar, se vosmice quiser fazer um desvio, coisa de meia legua. Fica pouquinho mais adiante, subindo o rio.

Lugar conveniente? Conveniente, para que? A informacao 19

do mameluco chegava tao a proposito que o coronel Boaventura Andrade sobressaltou-se. Dona Ernestina, sua santa esposa, entendida em espiritismo, afirmava que algumas pessoas tinham o dom de ler o pensamento dos outros. Em companhia do filho, Venturinha, estudante de Direito, o fazendeiro assistira num teatro da Capital a um espetaculo de prestidigitacao e telepatia, ficara de boca aberta, bestificado com o tal de faquir e com a mulher dele, uma louraca que merecia macho mais racudo do que aquele magricela de barbicha espetada. Magricela, as faces cavadas, a tez de cera, ruim de carcaca mas um retado na adivinhacao, lia os pensamentos ocultos nas cabeças alheias como se os lesse escritos numa folha de papel. Venturinha, pernóstico aprendiz de bacharel, garantiu que tudo aquilo nao passava de truque mas nao conseguiu provar, fornecer explicacao convincente. O Coronel preferia nao aprofundar essas incognitas: de valentia quase legendaria, nada nesse mundo o assustava; sentia porem um temor incontrolavel ante as forcas do sobrenatural. De um lugar conveniente estava precisado, como pudera Natario adivinhar?

Fitou o rosto do capataz, numa interrogacao. Natario esbocou um sorriso. Face larga de indio, cabelos negros, escorridos, macas do rosto salientes, olhos miudos e argutos. Ostentava o titulo de capataz e se bem exercesse o cargo a contento, responsavel pelo trabalho nas rocas de cacau, nos ultimos tempos se ocupara sobretudo com a briga, entrevero mortal, que dividia os poderosos senhores. Tinha experiencia, adquirida em situacoes anteriores, sempre a servico do coronel Boaventura. De jovem fugitivo da

justica, Natario ascendera aquelas alturas: capanga, capataz, chefe de jaguncos, homem de confianca, pau para toda obra. Pesava os fatos, tirava conclusoes. Atento as conveniencias, o Coronel evitava falar em luta armada, referir-se a tiroteios, tocaias, encontros sangrentos com mortos e feridos. Por mais renhida fosse a desavenca, para designa-la utilizava palavra que lhe parecia mais civilizada, menos violenta: politica.

-- A politica esta fervendo, seu Natario, temos de tomar providencias senao acabam com a gente, politica mais perigosa!

Pouco mais adiantara na conversa mantida com o capataz, uma semana antes, na varanda da casa-grande da Fazenda da 20

Atalaia, comentando as comprovadas noticias sobre os preparativos do coronel Elias Daltro, chefe politico, senhor da Fazenda Cascavel, cujas plantacoes de cacau faziam divisa com as da Atalaia. Amigos e correligionarios, os dois coroneis tornaram-se inimigos jurados, cada qual se considerando dono exclusivo daquela imensidao de terra devoluta, de mata cerrada, que se estendia da boca do sertao as margens do rio das Cobras.

-- O vizinho perdeu a cabeca, mandou buscar jagunco ate

em Alagoas. Sergipano tem aos montes, nem da pra contar. Seu Natario, preste atencao...

-- Estou prestando, Coronel.

-- Ou a gente se cuida, faz um plano, arma uma trampa bem armada, ou se estrepa. Tenho de me precaver, em campo raso ninguem pode com o vizinho. -- Dizia "vizinho" para nao pronunciar o nome do desafeto,

Ficara nessas vagas referencias, mesmo porque ainda nao havia estabelecido o plano, imaginado a trampa, somente em Ilheus concebera os detalhes. Como era possivel entao que o capataz se

referisse a determinado lugar, respondendo a sua preocupação, a pergunta que ainda não lhe fizera?

Lugar muito conveniente, O coronel Boaventura sentiu o coração pulsar mais forte: por acaso teria Natario o dom de ler os pensamentos? Em se tratando de gente de sangue índio nunca se pode saber. O capitão falara exatamente quando o Coronel refletia sobre a urgente necessidade de encontrar local adequado onde armar a trampa, operação principal do plano elaborado em segredo. Natario respondia diretamente a seu pensamento, antes que o Coronel abrisse a boca para anunciar a decisão tomada:

-- Conveniente, para que, Natario?

O sorriso se ampliou no rosto tranquilo do mameluco. Não fossem os pequenos olhos penetrantes, passaria por indivíduo docil e pacato, simplório. Apenas os que o conheciam de perto, os que o tinham visto em ação em momentos críticos, sabiam quanta capacidade de decisão e raciocínio, de valentia e comando se escondia sob a face estática.

-- Para uma tocaia grande, Coronel. Melhor lugar, não conheço. Coincidência, sem dúvida, não havia outra explicação. Ainda bem, pois se Natario adivinhasse pensamento alheio, não 21

restaria escolha ao Coronel senão mandar liquidá-lo. O que seria uma lastima: cabra de tanta competência não se encontrava vagando nas estradas. Natario servia ao coronel Boaventura há mais de quinze anos, com uma lealdade repetidas vezes posta à prova: nas lutas passadas, por duas ocasiões lhe salvara a vida. Quando chegara à Atalaia pedindo couro -- havia matado um comerciante numa casa de putas em Propria -- era um rapazola imberbe, ninguém daria nada por ele. Hoje, o nome de Natario corre mundo, respeitado, bem visto por uns, odiado por outros, temido por todos: quando abre a boca faz-se silêncio para ouvi-lo, quando saca da arma é um deus-nos-acuda, um salve-se-quem-puder. Em troca da

dedicacao e dos bons servicos, o patroo lhe prometera um pedaco de terra, com escritura lavrada em cartorio, no qual Natario plantasse roca de cacau, estabelecesse fazenda. Logo que o barulho terminasse, O Coronel nao se arrepende da promessa: adivinho ou nao, Natario era merecedor.

-- Todo lugar serve para se armar uma trampa -- o Coronel evitava usar a palavra tocaia -- basta uma arvore bem situada e um cabra bom na mira.

Natario abriu ainda mais o sorriso:

-- Vosmice esta certo mas eu estou falando de uma tocaia grande que e do que nos precisa. Andam dizendo por ai que os homens que o coronel Elias contratou vao ir para Itabuna por esses dias, mais hoje mais amanha. Pra cima de vinte homens... --

reforcou a voz: -- Com um pe de pau e um vivente nao basta nao senhor.

Estavam a par dos movimentos do coronel Elias, do recrutamento de jaguncos, alguns vindos de longe, escolhidos a dedo para garantir a posse do advogadozinho de meia pataca, eleito Intendente com a caucacao do Governador. Por que diabo o Governador tomava partido naquela disputa que somente a eles interessava, aos senhores da regioao? Por que se metia a decidir se nao tinha competencia para tanto? O coronel Boaventura nao desejava indispor-se com o Governador, mas a Intendencia de Itabuna era assunto privativo, a ser decidido pelos coroneis, por bem ou por mal, por um acordo ou pelas armas, quem fosse mais forte ou mais sabido designaria o candidato. Necessaria apenas para legalizar o fato consumado, a farsa da eleicao devia suceder a decisao, jamais 22

precede-la. O vizinho, julgando-se sabido, antecipara a data, proclamara o advogadozinho vencedor e pretendia empossa-lo. Tricas de bacharel, o coronel Boaventura as odiava. O remedio legal era a anulacao do pleito -- pleito, uma bosta!, nomeacao a bico de

pena, os capangas substituindo os eleitores -- mas para obte-la nao bastava a peticao ao juiz: igual a eleicao, a anulacao devia suceder aos fatos consumados. Nos dias passados em Ilheus, de onde estava voltando, o coronel Boaventura ativara aliancas, fizera promessas, proferira ameacas, azeitara molas emperradas nos cartorios, e, como de habito, se locupletara no macio leito, no calido colo de Adriana, rapariga que mantinha com aparente exclusividade na pensao de Loreta. Concebido o plano em todos os detalhes, tomadas as medidas indispensaveis para seu completo sucesso, faltava apenas descobrir um lugar a contento e certificar-se do dia em que os homens do vizinho tomariam o rumo de Itabuna. Para sabido, sabido e meio. Passada a curva do rio, Natario sustou o passo da mula:

-- Nao da para subir montado, Coronel, nao tem passagem. Deixaram as montarias com os dois capangas, Natario puxou do facao; ia cortando galhos, abrindo uma picada, O corpulento fazendeiro segurava-se nos arbustos, escorregava nas pedras soltas: valeria a pena tanto esforco? Mas, quando chegaram ao alto da colina, nao pode conter uma exclamacao ao descortinar o imenso descampado, o vale se estendendo nas duas margens do rio, vista soberba, um deslumbramento

-- Lugar mais bonito!

Natario balançou a cabeça, concordando:

-- E onde vou fazer minha casa, Coronel, quando a peleja acabar e vosmice cumprir o trato. Isso aqui ainda ha de ser uma cidade. Tao certo, nem que eu estivesse vendo. -- Fitava ao longe, parecia enxergar alem do horizonte, alem do tempo. Mais uma vez o Coronel sentiu agucar-se a duvida: o mameluco seria vidente? Talvez o fosse, sem saber: havia casos, dona Ernestina conhecera mais de um. Tambem Adriana acreditava em telepatia e em videncia, nisso as duas se pareciam, a esposa e a amasia, no mais que diferenca!

Natario prosseguiu:

-- Tive sabendo que os paus-mandados do coronel Elias vao vir por aqui para alcancar o rio sem cruzar pela Atalaia. Esta

23

vendo aquela trilha, Coronel? Nao tem outra. Se vosmice quiser, de as ordens, me posto aqui em cima com um punhado de homens, lhe garanto que nao vai chegar nem um cabra deles em Itabuna. Lugar mais conveniente que esse para uma tocaia grande nao pode haver, Coronel. Daqui de cima e so fazer a mira e despachar os clavinoteiros para os quintos dos infernos. -- Sorriu: --

Parece que Deus fez este lugar de proposito, Coronel. O coronel Boaventura sentiu que se aceleravam as batidas do coracao. Alem das forcas sobrenaturais, igualmente Natario por vezes o assustava: com que tranquilidade fazia de Deus seu cumplice, aliado do Coronel! Ainda bem que o tinha a seu servico; valia por dez, no desassombro e no devaneio.

-- Voce nasceu para militar, Natario. Se tivesse se engajado na tropa e houvesse guerra, ia terminar com galoes de oficial.

-- Se assim lhe parece, Coronel, e se acha que mereco, entao me compre uma patente de capitao.

-- De Capitao da Guarda Nacional?

-- Vosmice nao vai se arrepender.

-- Pois a promessa esta feita e vai ser para logo. Pode se considerar capitao desde hoje.

-- Capitao Natario da Fonseca, para lhe servir, Coronel. Lugar mais conveniente nao podia haver.

3

Antes de deixar a fazenda, Natario examinara rifles e bacamartes, clavinotes e revolveres: armas de primeira, escolhidas a dedo, compradas a peso de ouro; bem azeitadas, em ponto de bala. Fizera e refizera calculos, disposto a evitar qualquer imprevisto. Nao podia permitir descuidos, tampouco depender de ajustes duvidosos; afirmara ao coronel Boaventura que nem um unico jagunco saido da Fazenda Cascavel prosseguiria na viagem para Itabuna, estavam em jogo sua palavra e a patente de capitao. O fazendeiro fora aguardar a noticia em ilheus. A chuva se prolongava ha mais de uma semana. Nos caminhos transformados em lamacal, a marcha se tomava dificil, extenuante, cada legua valia por tres. Na intencao de reduzir ao minimo a demora na tocaia, Natario aguardara o anuncio da 24

partida do bando armado pelo coronel Elias Daltro, para movimentar seus homens. A noticia demorou a chegar pois os condenados abandonaram o couro na Fazenda Cascavel com atraso de dois dias, esperando em vao que o temporal amainasse. Tendo as chuvas redobrado, nao lhes sobrou outro jeito senao enfrentar a jornada naquelas pessimas condicoes: levavam pressa, tinham data marcada para chegar. Impaciente -- a manha ia alta--, o coronel Elias assistiu a partida, deu as ultimas instrucoes a Berilo: em Itabuna deveria se apresentar ao doutor Castro, colocar-se as ordens. Quanto ao percurso, Coroinha os guiaria: andarilho e cacador, vaqueano experimentado, conhecia aqueles cafundos palmo a palmo, passaria longe das divisas da Fazenda da Atalaia. A expedicao fora preparada debaixo do maior sigilo para que dela nao chegasse anuncio ou consta aos ouvidos do coronel Boaventura ou de sua gente. Excetuando-se Berilo e Coroinha, os demais nao sabiam para onde viajavam. Jaguncos pagos para combater, nao eram confidentes nem comandantes, quanto menos soubessem, melhor.

-- O que e que tu tem, homem de Deus? -- Indagou Berilo a Coroinha quando, ao escurecer, se desviaram do caminho para enveredar pela trilha: -- Tu ta vendo passarinho verde? Ou ta

com medo? De que?

-- Tou pondo sentido para nao perder o rumo.

Ate podia ser. A lama desfazia o carreiro aberto pelo rastro dos animais em direcao ao rio. Coroinha se abaixava, cheirava o chao, partia em frente. Cada passo custava esforco; no lombo, fardos de cansaco. Caititus e cutias atravessavam em disparada, cobras silvavam, jararacucus e cascaveis. Berilo acertara com o coronel Elias o sitio para o pernoite, do lado de la do pontilhao; ia ser dificil cumprir o trato: a noite caia e ainda estavam perdidos naquela mata virgem, a merce do tino do vaqueano, cada vez mais encagacado. Berilo pos-se de sobreaviso, de olho no fuinha. Enquanto isso, os cabras do coronel Boaventura Andrade desceram pela estrada real; ainda assim a caminhada foi penosa. Chegaram porem a tempo e hora para armar a tocaia e ficar a espera. 25

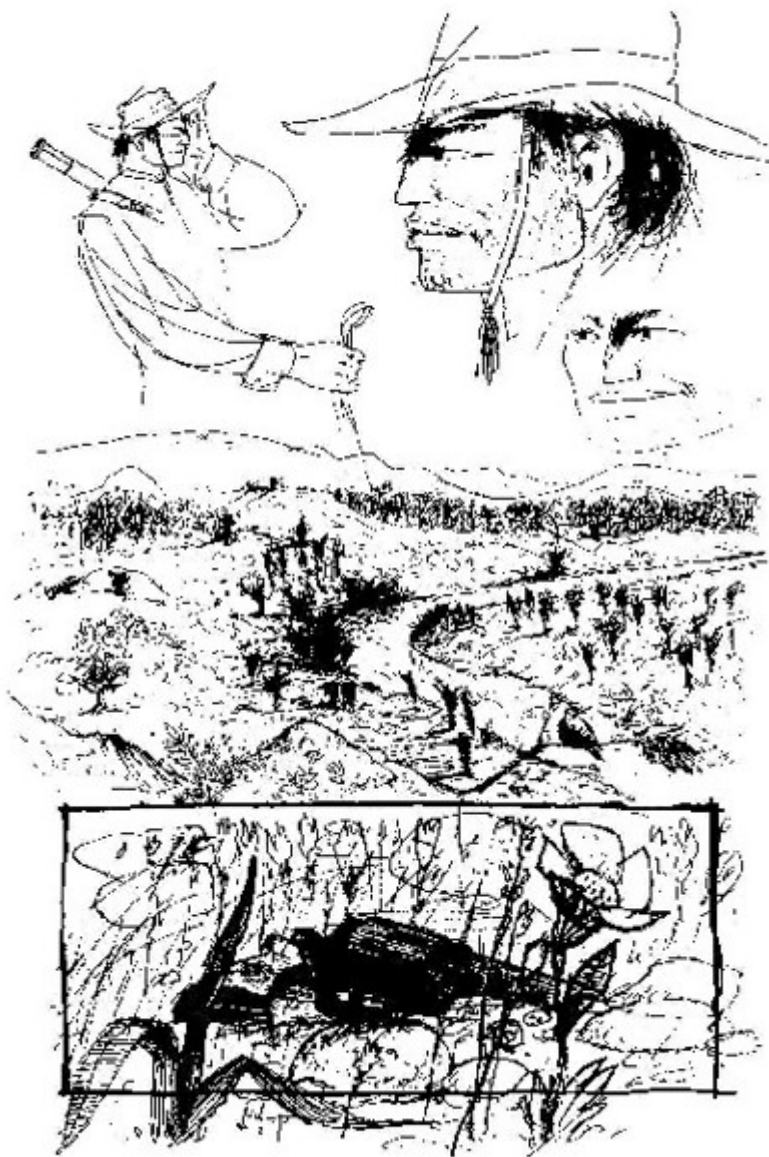
4

Ouvidos a escuta, tentando distinguir rumor de passos em meio a comocao da borrasca -- o zunido do vento, o estrondo do trovao, o barulho medonho da queda de um pe de pau atingido pelo raio -- encharcados, cobertos de lama, distribuidos por detras das arvores, no alto da colina, os cabras esperam, tensos. Habitados ao tempo longo das tocaias, temperados no perigo e na luta, intimos da morte, ainda assim nao conseguem impedir incomoda sensacao de agonia diante da furia da natureza, o fim do mundo. Procuram manter a calma, controlar o sobressalto; medo maior sentem de Natario: da intemperie poderao escapar com vida, de bala do capataz nem por milagre.

Armada a tocaia, designado o posto de cada um, Natario determina como e quando entrar em acao, exige silencio e acentua a responsabilidade da empreitada: ai daquele que errar a pontaria!

Em seguida, ele proprio se coloca quase na beira do barranco, junto ao tronco do mulungu, de onde domina o vale inteiro. Empunhando o parabelo, Natario permanece imovel, a espreita. Cabe-lhe o

primeiro tiro, sinal para os cabras abrirem fogo, sentença de morte para o tal Berilo, pistoleiro recrutado nas Alagoas, facinora famoso pela perversidade, comandante da expedição. Depois cuidara de Coroinha, o guia, se o desinfeliz escapar da primeira rajada ou se não tiver capado o gato. Não chega a ter do de Coroinha apesar de conhece-lo há um ror de anos: indivíduo que serve a dois patroes, que se vende, não merece compaixão. Nascido e criado nas rocas do coronel Elias Daltro, pessoa de sua estima e confiança, o vaqueano fornecera ao inimigo informações preciosas por dez reis de mel coado: o número exato dos componentes da tropa, vinte e sete homens, um exercito!, as armas que portavam, dia e hora da partida, e se comprometera a emitir o grito da coruja quando se aproximassem. Talvez cumpra o trato, talvez não. Natario tenta perceber qualquer ruído suspeito: galho sendo quebrado para abrir passagem, escorrego na lama, uma voz, cicio de conversa -- vindos pela trilha, os jaguncos estarão descuidados, na certeza de que o perigo ficara para tras, nas distantes divisas da 26



Atalaia. Poderá escutar até mesmo, quem sabe, o pio da coruja, mas duvida. O mais certo é que Coroinha, ao chegar nas proximidades, ganhe o mundo; caçador inveterado, conhece esconderijos e desvios. Assim imagina, assim acontece. Houvesse confiado no judas, teria perdido o momento preciso para o ataque, o arrenegado não cumpriu o trato.

Ouvido fino, o mameluco distingue, quase adivinha o leve chocalhar de pes na lama, pisadas prudentes; com a mao faz um sinal aos cabras. Aguca a vista, no clario do relampago enxerga Berilo. Ajeita a arma mas nao se precipita, deixa o cafuzo avançar para que o resto da tropa se coloque sob mira certa. Por que diabo o filho da mae esta de revolver em punho e pisa com tanta precaucao, examinando os arredores?

Berilo levanta o olhar, perscrutando. Natario estende o braco, firma a pontaria -- com sua licenca, Coronel -- atira para acertar na cabeça. O tiroteio irrompe no alto da colina e a confusao se estabelece no lodacal, embaixo; os jaguncos respondem a esmo, sem saber para onde dirigir as armas. Uma carnificina, como comprovou o coronel Elias Daltro. Nao se tinha noticia de tocaia de tal envergadura, nem nos tempos das primeiras lutas, as de Basilio de Oliveira e dos Badaro. Ia ficar na historia, a tocaia grande. **5**

Nao escapou nenhum dos jaguncos do coronel Elias, pistoleiros de renome, trazidos do sertao, de Sergipe d'El Rey, terra de valentes, alguns ate das Alagoas, profissionais. Quando os cabras desceram a colina, seguindo Natario, pouco trabalho tiveram: acabar com os feridos; abater alguns que tentavam subir para buscar abrigo entre as arvores e dali cobrar preco caro pela vida; perseguir dois ou tres que arriscavam a fuga por onde haviam chegado. Cacando esses ultimos, o negro Espiridiao encontrou o corpo de Coroinha, proximo a um penedo atras do qual certamente quisera se esconder: Natario entendeu entao por que Berilo empunhava o revolver e andava com tanta cautela e vigilancia. Coroinha fora despachado a faca. Tinham-lhe arrancado o co-27

raçao e os ovos, costume, ao que parecia, muito do agrado do falecido valentao das Alagoas. Natario achou correto que o tivessem liquidado. Se Berilo nao o houvesse feito, ele proprio se encarregaria da tarefa. Concordou inclusive com a escolha da arma branca: leva-e-traz nao vale o custo de uma bala de espingarda. Mas nao aprovava malvadezas: aviar um infiel com tiro ou punhalada e uma

coisa, judiar do desgracado e outra, muito diferente. Armas de segunda mao, de pouca serventia, Natario nao permitiu que as recolhessem. Ainda com o negrume da noite deixaram o lugar. Obedecendo ao mando do negro Espiridiao, os cabras regressaram a Fazenda da Atalaia. Natario atravessou o pontilhao, seguiu para a estacao da Estrada de Ferro, de la enviaria o telegrama, nos termos combinados. Com pequena alteracao na assinatura: em vez de Natario, capitao Natario. Ao atingir a curva do rio, Natario olhou para tras, relembrando; sorriu contente. Nao recordava, no entanto, o tiroteio, os corpos caidos, Berilo de cabeça destampada, Coroinha capado, picado de faca, o coracao fora do peito. Conduzia nos olhos e na memoria a visao da paisagem noturna, sob o temporal: as colinas e o vale varridos pela chuva, o rio de ventre crescido como se estivesse prenhe, quanta formosura! Lugar mais bonito, de dia ou de noite, com sol ou com chuva, nao existia por aquelas bandas; melhor para se viver, nenhum. **O BACHARELANDO VENTURINHA SE INICIA NA VIDA PUBLICA**

1

O rosto demonstrando entusiasmo, riso facil e satisfeito, Venturinha -- que viera passar as ferias de Sao Joao -- comentou, ao abraçar Natario na estacao de Taquaras: 28

-- Entao, o coronel Elias arriou as calcas e pediu penico... O mameluco corrigiu:

-- Um homem do porte do coronel Elias Daltro nao pede penico, Venturinha, pede uma tregua.

Nao se inibia diante do filho do patrao. Venturinha ainda nao completara nove anos quando Natario se acoitou na fazenda e ficou agregado ao Coronel. O garoto apegou-se ao jovem capanga, viajava no cabecote de sua sela, aprendia com ele as vozes dos passaros e o manejo das armas. A primeira rapariga que Venturinha cobriu foi trazida por Natario: a sardenta Julia Sarue, mulher-dama

escoteira, exercendo de roca em roca, habituada a tirar cabaco de menino. Melhor do que ela, so a egua Formosa flor.

-- Assim ou assado -- prosseguiu o estudante apos montar e ganhar a estrada --, como chefe politico, Elias esta liquidado. A sorte dele foi estar tratando com o Velho que tem o coracao mole. Se fosse eu, tinha acabado de vez com esse canalha: arrasava a fazenda dele, punha fogo nas rocas, deixava ele de cuia na mao, pedindo esmola. Mas Pai ficou com pena, afrouxou. Voce nao acha que o Velho devia ter ido ate o fim, ter aproveitado a ocasiao?

Natario nao alterou a voz, conhecia os repentes do rapaz:

-- Possa ser que sim, possa ser que nao. Mas se tu pensa que o Coronel nao acabou com ele por moleza, tu ta enganado: foi moleza nao, foi sabedoria. Nos tamos precisados de paz para derrubar a mata e plantar a terra; e muito chao, Venturinha. Se o coronel Boaventura pusesse fogo nas rocas do coronel Elias, hoje a gente tava brigando com meio mundo numa guerra de morte. Queimar cacau e o mesmo que queimar dinheiro vivo, esse tempo ja passou. Seu pai sabe o que faz, e por isso que esta por cima, mandando. Na hora de guerrear, nao vacilou, nao quis saber de conchavo. Mas a gente so deve brigar quando nao encontra jeito de viver em paz.

-- Logo voce e quem me diz isso? Voce que passou a vida com o dedo no gatilho? O Natario do coronel Boaventura?

Natario sorriu, os olhos miudos quase fecharam:

-- Tu ta pra sair da Faculdade, doutor formado, mas tu ainda 29

tem muito que aprender. Cada hora tem sua serventia: hora de tiro, hora de caxixe. O Coronel quer que tu seja o mediador com o pessoal de Itabuna. Me disse: "Venturinha esta carecendo comecar a se desasnar. Dessa vez e ele quem vai resolver tudo, quero ver como se sai." Tu precisa nao esquecer que todo mundo em Itabuna lia pela cartilha do coronel Elias, um e compadre, outro e

afilhado dele; tem gente que so aceitou recolher os paus furados porque ele mandou. La, tu nao vai falar em tocar fogo nas rocas do coronel Elias, senao tu bota tudo a perder. Tu e esquentado demais, deixa o calor pra gastar com as mocas...

-- Por falar em moca, Natario, nem lhe conto... -- Começou a contar Natario nao explicou que o Coronel decidira mandar o filho, em lugar de ir pessoalmente, porque o mais dificil ja estava resolvido, os pontos principais do acordo definidos e assentados. As medicoes seriam registradas, a eleicao anulada, escolheriam novo prazo e novo candidato. Alias, talvez o candidato viesse a ser o mesmo advogadozinho protegido do Governador. O Coronel pilheriava com Natario, comentando as possiveis candidaturas:

-- Nao quer ser Intendente de Itabuna, Natario? -- Ria da ideia estapafurdia.

Natario nao ria, a voz mansa:

-- De Itabuna, nao quero nao senhor. Quem menos manda em Itabuna e o Intendente; ontem, mandava o coronel Elias, hoje, manda vosmice. Quando eu governar um lugar, nem que seja o derradeiro buraco do mundo, quem vai mandar nele sou eu. Eu e mais ninguem.

2

Encomendada no Rio de Janeiro, a patente ainda nao chegara mas isso nao impedira que ao desincumbir-se da missao de paz em Itabuna, durante todo o tempo e em toda parte, Natario fosse tratado por capitao. Atribuiram-lhe o titulo nao apenas cabras e alugados; tambem comerciantes, fazendeiros e doutores, 30

funcionarios da justica, a comecar pelo Juiz de Direito. Com o respeito devido ao posto e a fama.

Na carta ao magistrado, redigida com a ajuda de Venturinha, o coronel Boaventura Andrade apregoara os merecimentos de seus representantes. Ia escrevendo e lendo, Venturinha e Natario escutavam:

-- "... meu filho, estudante de Direito..."

O rapaz interrompia:

-- Estudante de Direito, nao, meu pai. Estou cursando o ultimo ano da Faculdade, em dezembro me formo, sou bacharelado.

-- "... digo bacharelado Boaventura Andrade Filho..."

-- Filho, nao, meu pai. Bote Junior, e como eu assino, e mais moderno.

-- Pra mim e filho e se acabou; ja escrevi, nao vou riscar, nao gosto dessas estrangeirices: tu nao e bastardo de ingles ou de suico! -- Encerrava a discussao, prosseguia na escrita e na leitura: -- "... e o capitao Natario da Fonseca, proprietario rural, meu braco direito..."

Capitao e proprietario, o Coronel nao se mostrava ingrato nem mesquinho. Na oportunidade da medicao das novas terras para posterior registro no cartorio competente, mandara colocar uns quantos alqueires em nome de Natario, o bastante para algumas rocas de cacau. Nao podia se comparar com a fortuna do Coronel, um dos maiores senao o maior fazendeiro da regio, mas era um bom comeco de vida. Nao fora mesquinho, tampouco generoso, pois a medicao e o registro daquela imensidao de mata virgem deram-se de fato na noite da tocaia grande e o verdadeiro escrivao tinha sido Natario. No cartorio, em Itabuna, iriam apenas legalizar o ato de conquista, o fato consumado, obedecendo a sequencia correta, tao ao gosto do Coronel. Primeiro a tocaia, depois o caxixe; melhor dito, primeiro a trampa depois a lei. Parecia mais expedicao de guerra do que missao de paz: quinze homens armados da cabeça aos pes,

comandados pelo negro Espiridiao. Em realidade, nao faziam falta pois o coronel Elias Daltro se retirara da lica e, ao que diziam, da politica, desobrigando velhos compromissos. Homens e armas nao passavam de demonstracao de forca do senhor da Atalaia, exibicao de 31

riqueza e poderio. Necessaria, segundo ele, para garantir a paz recém-negociada. Capitaõ para cá, Capitaõ para lá, uma festança em Itabuna. Correu tudo na maciota, o juiz parecia uma seda, tratava Venturinha de colega, nas palmas das mãos. O advogadozinho, o mesmo doutor Castro a quem Berilo deveria ter-se apresentado, esse daria pena se não desse nojo, ia ser um intendente na medida justa e desejada. Venturinha conseguiu conter a lingua, não arrotou demasiada grandeza nem se proclamou o valente dos valentes, não ameaçou céus e terras com a pistola alema, arma de estimação, uma joia. Nem sequer quando se embebedou no cabare e quis agarrar a pulso a pernambucana Doralice, rapariga do coronel Hermenegildo Cabucu, ausente na ocasião, graças a Deus. Natario o convenceu a desistir e o levou embora.

No cartorio, cujas molas o Coronel azeitara com antecedencia, não houve a menor dificuldade para o registro das medicões e a entrega das escrituras dos titulos de propriedade que legitimavam a posse da imensa sesmaria do coronel Boaventura Andrade e do pedaco de chao do capitaõ Natario da Fonseca. Nas pensoes e casas de putas a animacao permaneceu intensa, dia e noite. Os jaguncos da Fazenda da Atalaia esbanjavam dinheiro; crescia o prestigio do novo chefe politico, era Deus nas alturas e o coronel Boaventura na terra. Ao ver Natario atravessar a Rua do Umbuzeiro, Maria das Dores, sentada no batente da porta da na, apontou-o com o dedo e esclareceu Zezinha do Butia, novata vinda de Lagarto:

-- Aquele e Natario, capanga do coronel Boaventura, cabra ruim, mais perverso não existe. Nem ele sabe a conta dos crimes que já cometeu. Pois bem, tu pode não acreditar mas tem mulher que e maluca por ele, Deus me livre e guarde. -- Cuspiu com desprezo.

Mulata dengosa, de bunda redonda e peito de rola, Zezinha do Butia, apesar de recém-chegada, parecia bem informada:

-- Eu soube diferente. Que esse é o capitão Natário, endinheirado, danisco e bom decoração. Diz-que nunca maltratou mulher.

Suspirou, faceira, acompanhando Natário com a vista. Zezinha do Butia estava, como se diz, na flor da idade e da 32

formosura, os homens brigavam por ela. Gritou para o molecote ocupado em comer terra:

-- Corre, Manu, atrás do moco que vai ali adiante. Pede a bênção a ele e diz que eu estou esperando ele, pode vir na hora que quiser. Não carece trazer dinheiro.

Para uns, criminoso, cabra desalmado, bandido sem entranhas; para outros, valente capitão, de natural bondoso, bemquerer das damas.

3

Antes de deixar a fazenda para passar em Ilheus os últimos dias de férias com a mãe, dona Ernestina, padrão de todas as virtudes, Venturinha quis conhecer o lugar onde se dera a ocorrência. Desejava ver com os próprios olhos, saber de ciência certa, para poder contar aos colegas de Faculdade e de farra, na Capital, valorizando os detalhes. Natário o conduziu:

-- Tu vai avistar uma amostra do céu.

Entre as pedras do improvisado cemitério, o mato brotava impetuoso, cresciam arbustos, pés de mamoeiro, desabrochavam flores. A notícia da facanha, propagada e aumentada de boca em boca, atraía curiosos que se desviavam da estrada real. A trilha aberta pelos animais começava a se alargar ao passo dos homens, transformando-se em caminho. Buscando encurtar o percurso, uma tropa de burros carregados com sacos de cacau enveredara por ali. A primeira.

Venturinha fez questao de acometer ate o cimo da colina, o que lhe custou esforco: corpulento igual ao pai, gordo igual a

mae. Postou-se atras do pe de mulungu entao em flor, sacou a pistola alema, visou um camaleao, atirou, O estampido ressoou nas quebradas da serra.

-- Deve ter sido emocionante, hein, Natario? Chego a me arrepiar.

Natario teria ouvido? O olhar perdia-se alem do horizonte e do tempo. Todo homem precisa construir sua casa para nela viver com a mulher e os filhos, no sitio que melhor lhe apetecer. Natario tinha mulher e quatro filhos. 33

-- O Velho devia mandar botar uma placa aqui em cima, como se faz nos campos de batalha.

Para que? Nao bastava o nome na boca do povo? O lugar da tocaia grande. Com o tempo e os habitantes, apenas Tocaia Grande.

34

O PONTO DE PERNOITE

O DEUS DOS MARONITAS CONDUZO MASCATE FADUL

ABDALA A UM SITIO PARADISIACO

1

Os mamoeiros, nascidos sobre as covas no improvisado cemiterio, davam os primeiros frutos quando Fadul Abdala, tendo se perdido, descobriu aquela boniteza de lugar. Libanes de estatura agigantada, todo ele desmedido -- maos e pes, o arcabouco do peito e a cabecorra -- ganhara nos cabares de Ilheus e de Itabuna o apelido de Grao-Turco, mas nas estradas do cacau era conhecido por Turco Fadul ou mais simplesmente seu Fadu, na voz dos alugados que

enxergavam nele a providencia divina. Deslumbrado com a vista, pensou haver chegado as planicies do Eden, descritas no livro sagrado que levava consigo na mala de mascate pois, em havendo occasiao e necessidade, seu Fadu batizava menino a preco de liquidacao Arriou a mala pesada, a cada dia mais pesada, o metro dobrado em dois que usava como matraca para anunciar a ricos e pobres a presenca do comercio e da moda naqueles cafundos. Na mala conduzia de um tudo, o necessario e o superfluo: tecidos, sedas e chitas, bulgarianas, botinas, borzeguins, linhas, agulhas e dedais, fitas e rendas, sabonetes, espelhos, perfumes, tisanas, coloridas estampas de santo e breves contra as febres. Tirou o paletto e a camisa, as calcas e as ceroulas -- nas costas, os vergoes deixados pelas correias da mala, calos nos ombros --, descalcou as sandalias, mergulhou no rio que ali se alargava numa bacia de aguas limpidas, encachoeiradas sobre pedras negras. Nadou, divertiu-se espadanando a agua, como o fazia na meninice, ao banhar-se no ribeirao, na aldeia natal. Encontrou parecenca entre os dois lugares, apenas as palmeiras que ali cresciam, nas colinas e no vale, n eram tamareiras. Saciou a fome, mamoes perfumados e doces, mana do paraíso, dadiva de Deus, do Deus dos maronitas.

Cajas maduros espalhavam-se pelo chao sob a arvore em cuja sombra se abrigou do sol. Catou os frutos, rindo de si proprio, 37

tamanho homem nu; recordou-se molecote metido no djelaba, recolhendo tamaras: ja entao grandalhao e desengoncado. Estava completando quinze anos da data da partida. Sabor acido e agreste dos cajas, tao diferente do paladar suave e macio das tamaras maduras, frutos criados uns e outros por Deus para regalo dos homens.

Fadul aprendera a crer e a confiar em Deus com seu tio Said Abdala, sacerdote maronita de conselho e apetite celebrados. Vinham de longe consulta-lo, traziam-lhe tamaras e uvas que ele comia as maozadas enquanto resolvia pendencias e anunciava o volume das colheitas; o mel das frutas escorria-lhe pela comprida barba negra.

Mudara muito naqueles quinze anos, o tio não o reconheceria, constatou Fadul saboreando os caixas um a um; mudou por fora e por dentro, prefere os caixas as tamaras e as uvas não lhe fazem falta, bastam-lhe as jacas, de preferência as moles. Voltara a nascer naquelas brenhas, o menino vestido com o djelaba ficara para sempre do outro lado do mar.

Deus dividiu a vida dos homens entre a obrigação e o prazer, o choro e o riso. O prazer sem medida de estar ali, chupando caixas na brisa do fim da tarde, escutando passarinhos, vendo-os voar, joias do escrínio do Senhor. Repousando da labuta das últimas semanas, do infinito caminhar, dos perigos de todos os instantes, mascate não conhece domingo ou dia santo. Deus fizera-o perder o norte para que tivesse um dia de descanso, folga para o corpo e a alma.

Por que não permanecer ali para sempre, naquele vale idílico, igual aos animais que se aqueciam ao sol, estirados sobre as pedras, calangos e teius -- aprendera com os alugados a comer carne de teiu e a saboreá-la, lambendo os beicos e os dedos. Sobrava comida, fartura de cacacas e de frutas, jacas olorosas, a água pura descia das nascentes, o paraíso. Fadul Abdala riu um riso grosso e estrepitoso, no descompasso de seu tamanho, assustando papagaios e lagartos: nesse paraíso faltava o principal que era a mulher.

Pensando em mulher, pensou em Zezinha do Butia aquelas horas botando-lhe corpos em Itabuna. Também não podia exigir que ela trancasse a cadeado o xibiu -- um abismo! -- apenas porque lhe deixara, num laivo de desvario, duas cédulas de dez 38

mil-reis e um espelho emoldurado para nele contemplar-se, suspirosa. Suspirosa? Ela ria-lhe na cara:

-- Turco de uma figa, comedor de cebola crua!

-- Turco, não, dobre a língua. Grao-Turco, minha odalisca, teu senhor e teu escravo... -- era dado a galanteios, pena que a pronúncia não ajudasse.

2

Gostou tanto do lugar que nele pernoitou. Recolheu gravetos, acendeu fogo para espantar as cobras, vestiu as ceroulas e a camisa, estendeu-se sobre as folhas secas. Tardou a adormecer, pensando. Na margem do rio, anunciando a lua, o sapo-cururu cantou.

Chegado ao Brasil ha quinze anos, Fadul viera para trabalhar e enriquecer. Enriquecer e a meta de todos os homens, para alcanca-la Deus lhes da alma e inteligencia. Uns cumprem a risca o mandato do Senhor, ganham dinheiro e se estabelecem, outros nao conseguem; alma pequena, inteligencia curta ou tao-somente pouca disposicao para o trabalho, preguica, malandrice. Tinha um exemplo a mao na mesa de poquer do Hotel Coelho, em ilheus: alma destemida, audaz, um aguia na inteligencia, Alvaro Faria, se quisesse, poderia ser um coronel como o irmao, dono de predios e fazendas, milionario. Em vez, nao passava de um troca- pernas, um vadio, sem eira nem beira, vivendo ao deus-dara. Nao fossem a mesa farta do mano Joao, a sorte no jogo, motivo de duvidas e suspeitas, e a malicia para conceber e executar trampolinices, passaria fome. Ate entao Fadul apenas trabalhara num afa desesperado de burro de carga, cruzando brenhas, enfrentando riscos, as serpentes, as febres, as ameacas de criminosos, frios assassinos. Naquele comercio andejo, o pau-de-fogo, presente do capitao Natario, era tao importante quanto a mala repleta de berliques e berloques. Ainda nao enriquecera, longe disso. Nem sequer se estabelecera, como decidira fazer, com casa de negocio num dos varios povoados que brotavam no rastro do cacau, nas encruzilhadas das fazendas, ao passo das tropas e tropeiros. Sem embargo, nao 39

podia se queixar: estava juntando seu pe-de-meia. Sobretudo depois que iniciara a pratica da agiotagem. Multiplicavam-se as estrelas na lonjura do ceu. Fuad Karan, que em Itabuna lia livros em arabe e em portugues, cidadao ilustrado, mais instruido do que meia duzia de

advogados -- responsavel pelo apelido de Grao-Turco que inventara ao ver Fadul rodeado de raparigas no cabare --, lhe afirmara nao serem essas estrelas aqui vistas as mesmas que cintilam no ceu do Oriente onde eles haviam nascido. O Grao-Turco nao duvida mas nao consegue estabelecer a diferenca: estrelas sao todas parecidas, belas e longinquas pedras preciosas, bastaria uma delas para fazer a fortuna de um filho de Deus. Quanto a lua, refletida nas aguas do rio, e a mesma, aqui e la: medalha de ouro fosco, gorda e amarela, com Sao Jorge cavalgando seu cavalo na faina do dragao. O Oriente citado por Fuad, a terra natal, perdera-se na distancia, para reencontra-lo seria preciso varar o mar de lado a lado no bojo dos navios. Sao outras as estrelas, as frutas tambem, nao lhe fazem falta: prefere os caxos as tamaras e de estrelas esta bem servido. Distante e esquecida, a terra natal. Fadul Abdala, o Grao-Turco das putas, o Turco Fadul das casas-grandes, seu Fadu das miseras choupanas, sabe que veio para ficar, nao trouxe passagem de volta. No lugre de imigrantes chorou todas as lagrimas, nao restou nenhuma. Nao mudou apenas de pais e de paisagem, mudou de patria. Libanes de nascimento e sangue, chamam-no turco por ignorancia; se soubesse ver e constatar, proclamaria aos quatro ventos sua fe de grapiuna. A patria de um cidadao e o lugar onde ele sua, chora e ri, onde moureja para ganhar a vida e construir casa de negocio e residencia. Sozinho com a noite e as estrelas naquele pouso desconhecido para onde o conduziu a mao de Deus, Fadul Abdala reconhece e adota a nova patria. Nela nao viu a luz primeira nem se batizou. Ninharias, despreziveis pormenores: mais importante que o berco e a cova e a dele sera aberta no territorio do cacau. Nao uma cova rasa como as do cemiterio ali plantado -- por quem, quando e por que? Ah! Sera um tumulo de lorde, em pedra-marmore, o aqui-jaz em letras douradas. Nesses quinze anos, o rapazola vindo do Oriente, ao fazer-se homem, fez-se brasileiro.

Tanto e verdade que ja acertou com Ubaldo Madureira, 40

escrivao do cartorio e comparsa de pagode, o preco dos papeis, com abatimento. Brasileiro de papel passado, comerciante estabelecido,

casado e pai de filhos, o negocio crescendo, dinheiro traz dinheiro: tudo isso muito em breve, se Deus quiser. Cumprira seu destino como lhe ordenara o padre Said, ao lhe deitar a bencao na hora triste e alegre do adeus, quando riso e choro se misturam:

-- Vai cumprir a vontade de Deus, Fadul, filho de minha falecida irma Marama, vai ganhar dinheiro no Brasil que aqui esta

dificil e nao posso mais te sustentar. Vai enriquecer, o homem rico e respeitado por seus semelhantes e bem visto por Deus. Tracou no ar o sinal-da-cruz, deu-lhe a mao a beijar. Erguendo o cajado de pastor, o adolescente desceu a montanha, iniciou a caminhada. O Deus dos maronitas e o mesmo, la e aqui. **3**

Demorou Fadul a retomar aquele sitio, decorreram muitos meses. Prosseguira na fadiga do bufarinheiro, curvado ao peso da mala, ao sol e a chuva. Saudado pela freguesia com alvoroco e afeicao pois alem de tudo era de bom convivio e de prosa amena. Gostava de ouvir e de contar historias, entremeando-as com exclamacoes de assombro, largos gestos convincentes e ruidosos frouxos de riso. Granjeara fama de mentiroso mas as aldrabices que relatava tinham graca e sentimento, causavam emocoes desencontradas na assistencia pobre e avida, naqueles confins desprovidos de qualquer divertimento:

-- E que nem um conto da carochinha. Ate chorei...

-- Me mije de rir no pedaco da mulher com o macaco. Esse turco ladrao astucia cada uma...

A freguesia de Fadul era vasta e variada: fazendeiros, as esposas, os filhos, gente de dinheiro e de prosapia; alugados, trabalhadores nas rocas, quase sem vintem; jaguncos, com suas amasias, anotando lambancas; raparigas, os melhores clientes, os que mais compravam. O ambulante nao estabelecia distincao de classe ou de casta. Aceitava com o mesmo agrado convites para almocar nas casas-grandes e nos ranchos dos alugados, doido por jaba assado

na brasa com acompanhamento de farinha e rapadura. Entre as mulheres da vida, gozava de popularidade. Não se 41

negava a cobrar em espécie caixa de pó-de-arroz, lata de brilhantina, frasco de água-de-cheiro ou os juros de pequeno empréstimo. Havia casos, raros e bem verdade, de prendas grátis, em dias de extravagância, quando, tomado de amores, o Grao-Turco perdia o siso: anéis de metal com pedras de vidro, faiscantes; brincos de fantasia, enfeites lindos. Bijuterias recebidas com emoção, mais apreciadas do que uma pelega de cinco mil-reis por serem regalos, signos de bem-querer e não acintoso pagamento. Sentimental, Fadul se enxodozava com certa frequência. Tinha predileção por mocas de farta carnacão, de peitaria saliente: seios volumosos, bons para apertar com a mão enorme. Mulher magra para ele não tinha valor, quem aprecia ossos e coveiro, como diz o povo coberto de razão. Conhecido e estimado em fazendas e povoados, possuía compadres e afilhados. Fiava com relativa facilidade mas, na época do vencimento, mais dia menos dia, comparecia para cobrar a dívida. Se o fregues mudava de residência, ia descobri-lo onde estivesse, andava leguas e leguas, implacável. Admitia atrasos mas, para compensá-los, introduziu a norma do juro bancário nas selvas do cacau: além de mercadorias, conduzia o progresso na mala de mascate.

Prudente, conciliador, houve quem o tomasse por medroso, tamanho corpanzil e tão cagão, juízo que não fez carreira: armado com um simples canivete, seu Fadu cobrou dívida a Terencio, cabra de maus bofes, clavinoteiro. Garguelou o empapucado, pinicou-lhe o gogo com a lâmina afiada -- usada para descascar laranjas e rasgar furunculões -- recebeu na hora os três mil-reis, os juros e as desculpas. Ao saber desse enredo, o capitão Natario, morto de riso, achou-o sobretudo comico. Sem embargo, tendo o regatão em grande estima, deu-lhe um revólver de presente: por vezes a força das mãos e um canivete não são suficientes. Um queimante impõe respeito, compadre.

Livrou-se da acusação de frouxo, jamais da de ladrão. Essa cresceu e correu mundo, notoria e unânime. No mercado improvisado a sua chegada nas fazendas, tratavam-no de turco ladrão enquanto pechinchavam no preço das mercadorias expostas: convidativas e cobicadas. Fingindo-se ferido em seus melindres, seu Fadul ameaçava recolher chitas e alfinetes, pentes e broches, cintos e cartucheiras, a sedução irresistível do comércio, e ir 42

vender mais adiante. A negociação prosseguia entre exclamações e pragas, risos e suspiros, insultos e lisonjas: de gatuno a turquinho bendito de minha alma. Diziam-lhe ladrão na tampa mas sem raiva, sem intenção de ofensa, fazia parte do engodo, da pechincha, do prazer da compra e venda. Gatuno, sem dúvida, mas um homem bom como aliás ele próprio não se cansava de afirmar aos berros:

-- Turco ladrão e a mamazinha de vocês. Queria saber, se não fosse Fadul, homem bom, temente a Deus, quem é que ia vir nesse cu-de-judas para servir vocês? Em vez de me xingar, deviam me agradecer e convidar para um gole de pinga, povo ingrato!

-- Não recusava cachaca mas no cabaré bebia vermute misturado com conhaque.

Nas casas-grandes, os coroneis, podres de ricos, nem por isso reclamavam menos:

-- Turco, tu tá roubando demais. Onde já se viu um patacão vagabundo, de níquel -- que isso nunca foi prata --, custar essa dinheirama toda? É um assalto a mão armada, assim não há cacau que chegue...

Fadul jurava que em Ilheus um relógio daquela qualidade, prata de lei, custava o dobro. A mala aberta sob os olhos cupidos das patroas, mantinha-se atento ao movimento da cozinha de onde chegava o odor dos escaldados, o sublime aroma da feijoadá --

para ele não havia prato que se pudesse comparar a feijoada: o toucinho farto, as carnes de salpresa e de fumeiro, paíes e linguicas; em matéria de apetite, saíra ao tio padre. Um bom sujeito, prestativo. Bom inclusive para adjutorar moribundo, facilitando-lhe a passagem desta para melhor, depressa e em paz. Em ocasiões assim penosas era de grande ajuda: não havia apego a vida por mais ferrenho que resistisse ao vozeirão e a pronúncia de Fadul. Aquele funebre cantochão arrancava lágrimas a jaguncos desalmados. Nas brenhas do cacau, quem quisesse juntar dinheiro sem possuir roca plantada em terra própria tinha de multiplicar suas aptidoes. Vendedor ambulante, carregando a loja ao lombo, o Turco Fadul exercia a medicina com frequência, o sacerdócio quando necessário. Operava abscessos, retirava carneiros; limpava feridas com água oxigenada, queimava-as com iodo. Na mala, quatro remédios infalíveis: Maravilha Curativa, Saúde da Mulher, 43

Pomada de São Lázaro e óleo de ricino. Com eles, tratava qualquer doença -- exceto a bexiga negra e a febre maldita, para essas não havia jeito a dar. Atendeu e curou muito povo naquele sertão sem médico nem farmácias, sem nenhum socorro.

Sacristão na aldeia libanesa, acolitando padre Said nos mistérios do culto, não vacilava em batizar crianças que sem sua ajuda morreriam pagas, sem direito ao reino dos céus. Abençoou casais amancebados, retirando-os do pecado em que viviam, concedendo-lhes nova condição social e pretexto para uma folgança com cachaca e arrasta-pe. Seu Fadu apreciava um bate-coxas puxado a sanfona; par de primeira na opinião das mocas. De posse da arma, Fadul Abdala decidiu ampliar a área de suas atividades, passando a emprestar dinheiro a juros. Fazia-o com prudência, escolhendo a quem confiar seu módico capital, seu rico dinheirinho; com prazos estritos para pagamento e complicada tabela de agios. Visível sob a aba do paletó, o pau-defogo. Oferta, sabiam todos, do capitão Natário, prova de amizade. Com a agiotagem, fez crescer o pé-de-meia e viu aproximar-se a hora de arriar para sempre a mala de mascate, erguer uma biboca onde vender de um tudo. Faltava-lhe

apenas escolher o lugar de mais futuro, povoado recente onde ainda nao existisse concorrência. 4

Ao descrever a paragem onde se perdera e repousara, soube que o nome daquele sitio era Tocaia Grande, assim denominado por ter sido cenario de tenebrosa emboscada seguida de matanca a sangue-frio alguns anos antes nas desapiedadas brigas dos coroneis pela posse das derradeiras matas -- naquelas bandas do rio das Cobras ja nao existia palmo de terra que nao tivesse dono. No calor da narrativa, tipos de ma fe, linguas de trapo, citavam nomes a proposito da famigerada tocaia mas Fadul sabia dar o devido valor a aleivosias e intrigas: entravam por um ouvido, saiam por outro. Certas versoes, o melhor e ignora-las. Outras informacoes -- essas, sim, de interesse -- Turco Fadul as recolheu em casas de alugados, nas varandas dos coroneis, da boca dos passantes, durante as infindaveis jornadas, 44

no decorrer de semanas e meses. As tropas que desciam das fazendas conduzindo cacau para ser embarcado na Estrada de Ferro, em Taquaras, abandonavam pouco a pouco o antigo caminho, desviando-se para Tocaia Grande, ponto ideal de pernoite. A partir de certo tempo, o transito pelo atalho se tornara mais intenso do que pela estrada real.

Um dia um tropeiro de suas relacoes, de nome Lazaro, cego de um olho, ao salientar as vantagens do pouso em Tocaia Grande

-- os animais podiam se desalterar sem correr risco na bacia ali formada pelo rio, encontravam pasto na vegetacao farta e nao tinham para onde fugir--, lastimou nao haver ainda, em sitio tao propicio, uma baiuca, por menor que fosse, onde vendessem um trago de cachaca, um pedaco de fumo de corda, um bolachao, uma rapadura, sal e acucar. O sabidorio que se estabelecesse em Tocaia Grande ia enriquecer da noite para o dia. Fadul ouviu com atencao, prosseguiu na caminhada de ofertas e cobranças. Mas, ao voltar para Itabuna com o duplo objetivo de refazer o estoque e rever

Zeinha do Butia -- mais que um xodo, uma fatalidade pois nem sequer era gorda e peitadona

--, arranhou maneira de passar por aquelas bandas, acompanhando um comboio de gado. Qual nao foi sua surpresa ao constatar que Tocaia Grande deixara de ser um descampado. Alem do barracao de madeira, deposito para estocagem de cacau seco, haviam sido levantadas algumas casas de barro batido, outras estavam em construcao. Raparigas faziam a vida, nao faltava freguesia, trabalhadores das rocas mais proximas -- mateiros e alugados--, jaguncos de passagem, tropeiros de pernoite. Sons de harmonica, cantorias, luz de fifos, arfar de corpos nos casebres. Pela manha com a partida das tropas, a animacao minguava, voltaria a crescer no fim da tarde. Ao chegar ali, na vez anterior, deu-se conta de que fora trazido pela mao de Deus. Enquanto se imaginava perdido, o Senhor o conduzia, guiava seus passos. Nao para que ele folgasse num dia de descanso, como entao pensara. Trouxera-o para lhe mostrar o lugar onde devia honrar o trato feito, cumprir o seu destino. Nao podia vacilar. Antes de prosseguir viagem, Fadul Abdala tomou as necessarias providencias.

45

O CAPITAO NATARIO DA FONSECA

VISITA SEUS DOMINIOS

1

Acerto verbal, mais do que suficiente. Entre eles, acordo escrito e assinado, alem de desnecessario, significaria afrontosa desconfianca, prova de desestima. Pelo trato, Natario recebeu o titulo de administrador da Fazenda da Atalaia -- capataz nao e posto para um capitao da Guarda Nacional -- com direito de passar uns dias, todos os meses, na propriedade que comecara a estabelecer nas terras recebidas em pagamento dos bons servicos, aqueles que nenhum

ordenado compensa. Bonachao, o coronel Boaventura encerrara o assunto:

-- Agora, entre nos, Natario, ja nao existe patroa e empregado, somos farinha do mesmo saco.

-- Enquanto vosmice viver sou pessoa sua para o que der e vier.

-- Sei disso, conheco seu devotamento e procurei corresponder. Natario, a fisionomia seria, ainda tinha motivo de conversa:

-- Tem outra coisa que quero pedir, se vosmice me der licenca, Coronel. Outra coisa? Surpreso, o Coronel fitou o mameluco:

-- Pode falar, estou ouvindo.

-- Zilda ta de barriga outra vez. Quero que vosmice e dona Ernestina batizem a cria quando nascer.

-- Era esse o pedido? -- Estendeu a mao: -- Pois toque la, compadre. Vamos fazer uma festanca no dia do batizado. E o quinto, nao e?

-- Sim senhor. Ja tem dois moleques e dois rabos-de-saia.

-- E na rua, Natario?

-- Uma porcao, Coronel, perdi a conta. Tudo com a minha cara, nem que fosse estampa de santo.

Em geral a visita do Capitao as suas terras durava tres, quatro dias, suficientes para pagar a meia duzia de alugados, fiscalizar o andamento do servico, encher os olhos com a visao das 46

rocas vicejantes. Mas, certa feita, demorou-se por la cerca de tres semanas, a frente dos trabalhadores na limpa de um resto de mata ainda por desbravar. Se deixasse por conta e risco dos contratados, nem Deus poderia prever a data da queimada. Sob seu comando, cabra nenhum dormia no cabo do facao. Propriedade pequena, na

voz dos entendidos fazendola para umas quinhentas arrobas anuais, contando safra e temporao, e olhe la. Sendo, porem, de outra opiniao, o Capitao deu-lhe foros de fazenda: Fazenda da Boa Vista. Na afirmacao do dono, a Boa Vista, um par de anos apos a primeira a floracao, produziria pelo menos o duplo das quinhentas arrobas previstas pelos invejosos. Plantada em solo fertil, montada a capricho por quem durante tantos anos cuidara -- e ainda cuidava -- cabedal alheio, entendido como nenhum outro nos particulares da lavoura do cacau, era fazenda para seguras mil arrobas, Natario se dispunha a apostar dinheiro com quem duvidasse. Sem contar com as futuras rocas, a serem plantadas nas terras que acabara de desmatar. Dava gosto contemplar as mudas de cacaueiros crescendo vigorosas a sombra umida das arvores. Os olhos miudos do Capitao brilhavam, num acodamento de amoroso, ao comprovar o esmero com que tinham sido dispostas, as distancias entre cada uma delas na medida certa, as covas abertas no rigor do preceito, quase nao tivera perdas. Nao cabia discussao: lavra nenhuma no mundo se compara a do cacau, nenhuma compensa tanto e tao rapidamente. Plantar cacau e o mesmo que semear ouro em po

para colher barrotes. Verdade comprovada, o sorriso abria os labios, apertava os olhos do patroa da Boa Vista. Era ter paciencia e esperar.

Os alqueires que o coronel Boaventura Andrade mandara registrar em nome do antigo capanga situavam-se perto de Tocaia Grande, ninguem soube se de proposito, se por coincidencia. Imprudentes especularam sobre o nome dado por Natario a

propriedade, insinuando que ele teria se inspirado na visao do vale junto ao rio, quando, na distante noite de tempestade, o parabelo na mao, demorou a espreita: boa vista apesar da escuridao. A lingua do povo e comprida e afiada, mais comprida ainda a inventiva. Nao adiantava o repetido aviso da cautelosa maioria: com diz-ques e falatorios nao se ganha nem um tostao furado e pode-se ganhar um tiro facil no ricochete das balas vadias atras dos 47

pes de pau. Para que revolver aguas passadas se o capanga ja nao existia, quem por ali transitava era Capitao e fazendeiro?

Tocaia Grande ficava a meio caminho entre a Fazenda da Atalaia e a da Boa Vista, a distancia a cobrir entre os dois destinos nao ia alem de legua e meia, duas leguas se muito; em boa montaria, um pulo. Indo ou voltando, o Capitao cruzava sempre pelo atalho, encurtando o caminho. Pode assim acompanhar, atento e participante quando necessario, a transformacao que foi acontecendo.

Tendo sabido dos planos do coronel Robustiano de Araujo, Natario o aconselhou a construir o deposito em Tocaia Grande. Fazendao sem tamanho, na qual alem de plantar cacau o Coronel criava gado, a Santa Mariana ficava nas nascentes do rio das Cobras, nos limites da caatinga, muito distante dos trilhos da Estrada de Ferro. Motivo por que o Coronel decidira levantar em sitio apropriado um armazem para nele estocar cacau seco e ali entregalo aos exportadores; eles que se vexassem com o transporte para Ilheus. O fazendeiro se agradou do posto, seguiu o alvitre e tendo se dado bem, ja estava anunciando a construcao de um curral onde o gado repousasse na caminhada para os matadouros de Ilheus e de Itabuna. Conselho valioso, o Coronel agradecido mandou entregar uma novilha ao Capitao. O Capitao estava presente quando os trabalhadores enviados pelo coronel Robustiano amassaram barro, cortaram varas e ergueram os primeiros casebres; assistiu a chegada da primeira mulher-dama, Jacinta, mais conhecida por Coroca por ser de maior. A idade ja nao lhe permitia buscar freguesia de roca em roca; pousou ali, na expectativa dos tropeiros cada vez mais numerosos pois Tocaia Grande se tomara ponto de pernoite muito concorrido. Ao recomendar o lugar, Natario anunciara ao coronel Robustiano a intencao, antiga e permanente, de construir, na colina sobre o vale, casa de moradia, em breve. Assim se encontrasse mais folgado de dinheiro; o pouco que tinha enterrara na Boa Vista.

2

Contente da vida, o capitao Natario chegou no meio da tarde a Tocaia Grande. Tendo demorado fora da Atalaia mais tempo do que o previsto, trazia pressa. Nao tinha intencao de se deter no vale mas o movimento desusado, o numero de homens ocupados em derrubar e transportar troncos de arvores, fe-lo parar a mula em frente ao barraco de Jacinta. Teria o coronel Robustiano decidido apressar a construcao do curral? A rapariga, idosa e gasta, apareceu a porta, exibindo os molambos dos peitos nos rasgoes da combinacao.

-- Boa tarde, Coroca. -- Natario cumprimentou sem descer da mula.

-- Boa tarde, Natario... -- Dobrou a lingua: -- ... capitao Natario. -- Antigamente, quando ele era mocinho, tinham ido juntos para a cama um ror de vezes, em algumas delas, no fiado; ao ve-lo teso e necessitado, Coroca abria-lhe as pernas a credito, mas ultimamente ele nao chegava para tantas que se ofereciam:

-- Esta voltando? Demorou por la. Arranjou rapariga nova?

-- So se cabo de facao for rapariga... me diga, se e que sabe: que rebulico e esse? E o curral do coronel Robustiano ou que diabo e?

-- Foi seu Fadu que contratou um punhado de viventes para levantar casa pra ele. Casa de madeira, nao barraco de sopapo que nem esse meu. A gente ta la dentro na funcao, de fora ta se vendo pela buraqueira.

-- Turco Fadul? Vai botar casa de comercio? -- Ficou pensativo: -- Adonde? Me aponte o lugar.

-- Quem deve saber e Bernarda, foi com ela que ele ficou na noite que dormiu aqui e tomou essa disposicao.

-- Que Bernarda? A filha de Florencio?

-- Ela mesmo. Chegou tem uns quinze dias. Largou o papa-cria. Veio com uma tropa de burros da Boca do Rio. E novidade, os homens so quer ir com ela.

Antes de tocar o animal, Natario perguntou:

-- Ta precisada, Coroca?

-- Nao tou pedindo esmola. Antes morrer de fome. 49

O Capitao riu, os olhos se fecharam, peste de velha de cachaco duro:

-- Ainda lhe devo uns atrasados, se lembra? Desde entao.

-- Isso possa ser.

Entregou-lhe umas moedas, partiu em busca dos trabalhadores e por eles soube dos projetos de Fadul. O mascate deixara com Bastiao da Rosa algum dinheiro e ordens para derrubar e preparar madeira bastante para a construcao de casa de duas portas na parte da frente e tres comodoss nos fundos. Palacete igual naquelas bandas somente em Taquaras, junto dos trilhos da Estrada de Ferro e olhe la! Alias, Lupiscinio, o carpina, viera de Taquaras, mandado por seu Fadu para fazer balcao e prateleiras. Trabalho grande e na correria. Bastiao da Rosa opinou:

-- O turco maluqueceu, Capitao. Tocaia Grande nao comporta tanta lordeza. Natario abanou a cabeça, discordando. Maluco? Nao achava nao. Sabia de um saber sem duvidas que, mais cedo ou mais tarde, Tocaia Grande seria uma cidade perto da qual Taquaras nao passaria de desprezivel tapera, um lazareto.

3

Palacete era o barraco de Jacinta se comparado a choupana de palha onde Bernarda se abrigara: meia duzia de palmas mal

juntadas, quatro tocos de pau enfiados no chão. No interior, um catre, uma panela de barro sobre três pedras, mais nada. Natario desmontou, percorreu com a vista os arredores. A moça vinha chegando do rio, molhada da cabeça aos pés, na mão as peças que fora lavar: uma calça e uma anágua. O vestido de bulgariana, ensopado em cima da pele, colava-se ao corpo escuro e o exibia; dos cabelos soltos escorria água, pingos no cangote. Ao reconhecer o visitante, suspendeu o passo para logo partir correndo, os braços estendidos para ele. Nos olhos de Natario corria uma menina de dois anos de idade que largava a poça de lama onde brincava para pendurar-se nua e suja em seu pescoco. Ao se acoirar na Fazenda da Atalaia, ele vivera uma temporada longa em casa de Florencio e de Ana, sua amasia. Florencio não trava

lhava nas rocas, ocupado em serviços de maior vulto, cuidava de armas e jaguncos.

Com que idade estaria Bernarda?, perguntou-se quando a imagem da menina se incorporou na moça envolta em água e sol. Conhecera-a criancinha de peito, pendurada nas ancas da mãe; de certa maneira Natario ajudara a criá-la. Na saleta da casinhola de duas peças, Ana armara uma rede para o hospede; no chão, num caixote transformado em berço, dormia a criança. Acordava chorando, no meio da noite, mas raramente Ana despertava para lhe dar o peito. Morta de cansaco, mergulhada em sono de chumbo no quarto vizinho, nem escutava o choramingar da filha. Natario retirava a criança do caixote, colocava-a na rede e com o balanço a fazia adormecer, pesando em cima de seu peito. Teria uns cinco anos, não mais, quando o coronel Boaventura trouxe o padre Afonso para benzer a capela que dona Ernestina mandara erguer na fazenda em pagamento de promessa a São José, seu protetor, a quem o Coronel devia a vida -- a São José e a Natario que apertara o gatilho a tempo: com sua licença, Coronel. A festa durou dois dias: multidão de convidados, até da Bahia veio gente. O padre celebrou missa, consagrou a imagem do santo, casou os amancebados, batizou uma batelada de meninos e uns quantos homens feitos

todavia impios. Desproposito de comilanca, desparrame de bebidas, correu cachaca a grande nas casas dos trabalhadores; um despotismo. Modesto servo de Deus, partidario incondicional do Coronel, modelo de fe crista e de civismo grapiuna, padre Afonso pecava pela gula, comia por um regimento. Natario aproveitou a festa para casar-se com Zilda com quem vivia amasiado havia mais de ano. Ele a encontrara vagando na estrada de Agua Preta, palida, raquitica e assustada, orfa de pai e de mae, enterrados juntos pela bexiga. Uma ronda de arrenegados pisava-lhe os calcanhares, malta de caes atras de cadela sem dono, cada qual com seu trabuco. Mais por desenfado do que por apetite, Natario entrou na competicao, mandou Mane Bragado para a terra dos pes juntos: o lambanceiro o desconheceria e puxara a arma. Tendo a magricela custado vida de homem, a levou consigo e em seguida lhe fez um filho.

Calada e submissa, trabalhadeira e aseada -- a casinha de sopapo dava gosto --, Zilda ganhou corpo e cores, consideracao e 51

afeto, ficou de vez. Onde arranjou coragem para dizer a seu homem e senhor do desejo que tinha de se casar com ele? No padre, para nao viver contra a lei de Deus; no juiz, nao precisava nao. Quando a recolhera, Natario ainda morava em casa de Florencio; na rede de solteiro a emprenhou; sob as vistas de Bernarda, por assim dizer. Bernarda continuava a dormir na sala mas com a presenca de Zilda perdeu o lugar na rede, o balanco e o peito acolhedor. Por ocasio do batizado coletivo, Ana os convidou para padrinhos da menina. Jeitosa, Zilda fez, com trapos velhos, uma boneca de pano para a afilhada. Natario nada lhe deu alem do que ela mais desejava: poder chama-lo de padrinho, beijar-lhe a mao e receber a bencao.

Enquanto Florencio permaneceu na Atalaia, Bernarda viveu mais em casa dos padrinhos do que na dos pais. Beirava os dez anos quando Florencio, tendo-se desentendido com o Coronel por de-ca-aquela-palha, arrogancia de jagunco que se recusava a pegar no pesado, se mudou para a Fazenda da Boca do Mato -- o coronel Benvindo andava a procura de um bom clavinoteiro para gritar com os

alugados. Natario e Zilda ofereceram-se para ficar com a afilhada; Florencio nem quis falar no assunto. Precisavam de Bernarda para ajudar na criaçao da irmazinha; naquele meio tempo Ana desovara mais uma filha, Irara de nome, Ira de apelido. Depois, quando se deu o acontecido, Zilda opinou que ja entao Florencio andava de olho na menina. Com a mudanca dos compadres, somente de raro em raro Natario voltara a ver Bernarda. Aos trezes anos era moca feita, bonitona, cobicada. Cobica de mulher no fim do mundo do cacau nao tinha freio nem medida, pois nao havia femea senao para uns raros felizardos; tudo que usava saia possuia encanto e serventia. Sem falar nas eguas, mulas e jumentas viciadas. O ataque de congestao derrubou Ana em cima da cama, muda e surda, entrevada para sempre. Trambolho sem outro prestimo a nao ser dar despesa e trabalho enquanto Bernarda se desenvolvia numa seducao opulenta e ostentada. Do quarto, deitado junto da paralitica, Florencio ouvia a filha ressonar na sala, poderoso apelo. Que podia fazer o velho cachaceiro? Comeu a cria antes que outro a comesse. Ninguem quis se envolver no 52

assunto, nao pagava a pena. Cangaceiro contratado no sertao do Sao Francisco quando comecaram as lutas pela posse da terra, nelas Florencio estabelecera macabra folha de servicos. A filha era dele, a ele cabia cuidar de sua familia como melhor lhe desse na telha. Ou nos quibas.

4

Contas feitas na cabeça enquanto afrouxava a barrigueira da sela, o Capitao concluiu que Bernarda devia andar entre os quatorze e os quinze anos. Vivesse em Ilheus, seria mocinha tola, ainda brincando com boneca; ali, nas brenhas, mulher adulta, meretriz de porta aberta. Viera correndo com os bracos estendidos, deixara cair as pecas recém-lavadas mas, ao se aproximar, suspendeu o passo e baixou a vista. Apoiado no animal, Natario a contemplou e mesmo sem querer percorreu com os olhos apertados o corpo inteiro da afilhada: agil e esbelta, compacta carnadura de bronze. Uma

confusao dentro do peito onde sentimentos e emocoes se atropelavam, contraditorios, como se ele fosse dois. A voz calida chegava ainda do passado:

-- A bencao, padrinho.

Mas em seguida a realidade se impunha:

-- Recebeu meu recado, nao foi?

-- Recado? Acabei de saber que tu tava aqui agorinha mesmo, pela boca de Coroca. Que foi que se deu?

Soltou a mula que se afastou em busca de pasto, nao iria longe. Sem esperar a resposta, atravessou a entrada da choca, sentou-se no catre feito com duas tabuas. Bernarda o acompanhou e se manteve de pe diante dele: em tao pequeno espaco quase tocava em seus joelhos.

-- Me diga: que foi que houve? -- Na voz aparentemente fria e neutra transparecia uma ponta de cuidado. Bernarda levantou a cabeça e ornou de frente para o padrinho: 53

-- Nao aguentei mais. Pai so faz duas coisas quando vem da roca: beber e dar pancada em nos. -- As palavras saiam lentas e pesadas: -- E aquilo que o padrinho sabe.

Com a mao amassava a saia, unico sinal de constrangimento:

-- De-comer nao tem em casa, so cachaca. Nos nao morreu de fome pro mode o socorro dos vizinhos e porque eu fui pros matos com quem quis me pagar, correndo risco: se Pai chega a saber, tinha me matado.

Natario ouvia sem fazer comentarios. Bernarda fungou, o choro ameaçava irromper mas ela o segurou no fundo da garganta, seu animo fora temperado em fogo lento. Arregacou a ponta do vestido

para com ela apagar o ardor da vista. O Capitao reparou na coxa macica, percebeu a curva da bunda; a afilhada comera o pao que o diabo amassou. Morto de pena -- pobre menina! --, sentiu o coracao confranger-se mas os olhos persistiram fixos, nublados de cobica ate que a rapariga soltou a saia e prosseguiu:

-- Pai fez de mim, sua filha, amasia dele, todo mundo sabe. Enquanto Mae foi viva, sem fala e sem acao, me sujeitei, nao ia deixar Mae morrer sozinha. Mas depois que nos enterrou ela, me toquei embora. -- Outra vez fitou o padrinho para afirmar: --

Quem pensou que eu tava de acordo, se enganou. Eu tava era na casa do sem-jeito com Mae naquele estado.

Estava na casa do sem-jeito, verdade pura, mas Natario apenas informou:

-- Nao soube da morte de comadre Ana.

-- Faz uns vinte dias que faltou. Mande um recado pra vosmice na Atalaia. Nao lhe deram?

-- Estava de viagem, so agora tou voltando. E Ira?

-- Ficou com Pai.

-- E se ele fizer com Ira o mesmo que fez com tu?

-- Com Ira, padrinho? Mas e novinha por demais, nao tem ainda onze anos e nem botou sangue.

-- E o compadre e homem de arrearar nessas bobagens?

Na casa de Luiza Mocoto, no Rio do Braco, tem uma de dez anos fazendo a vida. Diz-que foi o pai que arrombou. O que mais tem por aqui e pe de cacau e papa-cria.

Constatava sem comentar, era assim e se acabou. No silencio pesado de intencoes e pensamentos, o Capitao empurrou com o pe

54

as palmas que faziam vez de porta. Estendeu a mao, tocou o vestido de bulgariana colado na pele da afilhada. Bernarda nao se moveu nem baixou os olhos.

Sua afilhada. Meninazinha, vinha correndo, nua e suja, pendurar-se em seu pescoco. Natario lhe oferecia uma moeda de vintem mas ela recusava. Queria, isso sim, montar em seu cangote, segurar as abas do chapau de couro, brincar. Cresceu adormecendo na rede, ressonando contra o peito do capanga, rindo quando ele lhe fazia coegas na sola dos pes. O universo da crianca se resumia no padrinho, tirante ele existia tao-somente um deserto de desolacao e indiferenca.

Mais que padrinho, quase pai. E dai? Pai de verdade era Florencio e ela nao se negara quando o velho a quisera. Dormira com ele por mais de um ano, se nao com gosto, conformada. Natario espalmou a mao na barriga de Bernarda, ela permaneceu imovel mas, quando os dedos tocaram-lhe o seio, esbocou um sorriso e baixou os olhos. O Capitao puxou-a para o catre. Depois do soluco estrangulado, do ai de ansia e jubilo, do grito de vitoria, Bernarda passou a mao de leve no rosto do padrinho, estremeceu, sorriu e disse:

-- Sempre pensei que um dia havia de me deitar assim com vosmice.

Aconchegou-se no peito suado, igual a menina na rede:

-- No sonho aconteceu, um montao de vez. Quando quero uma coisa, sonho com ela. Padrinho tambem? -- Puxava conversa para mante-lo ali, em seu regaco.

-- Sonho e mentira, sonhar nao paga a pena. Quando quero uma coisa, eu faco ou tomo. -- Adocou a voz para concluir: -- E

mais melhor ter do que sonhar. Eu tambem tava querente. Palavras benditas, venturosas: o padrinho estivera querente, morto de vontade de deitar com ela e penetra-la. A desolacao e a ruindade da vida desfizeram-se, nao cabiam no mundo luminoso do beijo e da caricia quando corpos e almas se despiam e se ofertavam sem pejo, sem acanhamento. Ai que maravilha, meu padrinho, vamos nos fartar, estou precisada para compensar os infindaveis dias, as noites de medo e asco! Ai, meu padrinho, tanto tempo podre! Tanto tempo triste! Vamos nos fartar, nao va-se embora!

55

-- Padrinho nao vai logo embora, nao e? Ainda e cedo. --

Desculpava-se: -- Nao tenho nada para servir a vosmice. So eu mesma, se padrinho ainda ta querente.

Querentes os dois, demoraram-se na folganca, fazendo-a durar ate que o sol desceu do ceu para pernoitar no rio e a mula relinchou la fora. Enquanto calcava as botas, o Capitao quis saber:

-- O que foi que o turco disse?

-- Vai montar negocio aqui. Diz-que tem futuro. Deve estar voltando.

-- Quando ele aparecer, tu manda ir falar comigo na Atalaia. Mas avisa logo a ele que o morro que fica na curva do rio, aquele mais alto, e meu, faz um tempao.

A palavra do padrinho era a verdade e a lei, Bernarda fez a pergunta apenas para prolongar por mais um minuto conversa e estadia, a bem-aventuranca:

-- Vosmice comprou junto com a roca?

-- A roca ganhei do Coronel por merecimento. Fiz por merecer tambem esse cabeco mas nao sei quem me deu ele em recompensa:

se foi Deus se foi o Cao. So sei que e meu e nele ninguem toca a mao nem poe o pe. Nao lhe ofereceu dinheiro, ao despedir-se: iria magoa-la se o fizesse: em lugar do vintem de cobre, a menininha pedia taosamente agrado. Mas, antes de tomar o atalho, o Capitao acertou com Bastiao da Rosa e Lupiscinio o aproveitamento das sobras da madeira cortada para Fadul; com elas levantariam, por sua conta, uma casinha de tres comodos, onde a afilhada e Coroca pudessem morar e exercer o oficio. Quem conquista mando e autoridade, contrai igualmente obrigacoes. Deve cumpri-las. 56

O NEGRO CASTOR ABDUIM DA ASSUNCAO AGRIDE UM

SENHOR DE ENGENHO DEPOIS DE TE-LO

CORNEADO DUPLAMENTE

1

O negro Castor Abduim da Assuncao trouxera do Reconcavo, de onde procedia, o apelido de Ticao Aceso e em parte o conservara, atendendo raramente pelo nome de batismo; passou a ser apenas Ticao, rapaz festeiro. Ao mesmo tempo, ao empreender a fuga, deixara para tras e para sempre o apodo de Principe de Ebano, repetido por Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, Barao de Itauacu, com evidente sotaque de chalaca mas que a Baronesa Marie-Claude Duclos Saraiva de Albuquerque, ou simplesmente Madama, pronunciava revirando os olhos, tilintando a lingua, rebolando o cu. O cu e nao os quadris, as ancas, as cadeiras, a bunda, na opiniao competente apesar de apaixonada da mulata Rufina, que a proclamava na cozinha da casa-grande provocando risos e remoques: sendo Madama despossuida de tais magnitudes nao as podia rebolar. Em troca arregalava uns olhos enormes, pedinchentos, perturbadores e exhibia. sob as rendas da transparente blusa de organdi, num descaro de gringa, um par de seios diminutos porem firmes, altaneiros, de uma alvura mais que branca, cor-de-rosa: uma galanteza. Quando o jovem Castor, envergando o vistoso traje de famulo, surgia na sala de jantar trazendo os cristais na bandeja de prata, Madama sussurrava: Mon Prince: -- e a voz se diluia em gozo.

Tambem a voz de Rufina se diluia em gozo ao ve-lo na copa, todo verde-amarelo com toques vermelhos nas mangas bufantes; suspirava: Ticao Aceso, ai meu Ticao! Corpo digno do capricho de opulento senhor de engenho ou de conego reverendo e magnanimo, pernas nuas, ombros nus, seios turgidos, cor de melaco, uma opulencia, entremostrando-se no decote da bata de algodao, nao como descaro mas a medo. Rabistel de popa de saveiro, navegava

em mare alta, pavoneando-se nas fucas de Castor, ticao de fogo que lhe acendia labaredas nas entranhas.

57

Castor sentia-se pouco a vontade na libre de mucamo, de criado de servir, costurada sob as vistas de Madama que a copiara de um livro de figuras. Preferia o trapo passado entre as pernas, amarrado na cintura e o calor da forja na oficina do tio Cristovao Abduim, seu unico parente. A Baronesa o retirara da bigorna para transformar o aprendiz de ferrador em pajem, em palafreheiro, em favorito: servo nao tem vontade nem alvitre. Ainda assim, apesar da veste burlesca e da condicao domestica de servical, Castor mantinha o porte altivo, o riso perene e contagiante. Inconsequente juventude, ticao aceso ou prince noir, fazia Rufina perder a cabeça, disposta a enfrentar as piores consequencias, levava Madama ao frenesi. **2**

Da incomparavel qualidade dos negros no exercicio de la bagatelle, Marie-Claude soubera por Madeleine Camus, nee Burnet, contemporanea de colegio, sua ainee. No Sacre-Coeur, pulcras e frascarias alunas das freiras, amies intimes, trocavam informacoes, projetos e sonhos, conversavam religiao e putaria, ansiosas a espera do dia da libertacao. Ao regressar de Guadalupe onde o marido, tenente-coronel de artilharia, comandara a guarnicao, Madeleine fizera duas declaracoes peremptorias: a) todos os tenentes-coroneis nascem com irrevogavel vocacao para corno manso, nem a mais pateta das esposas pode impedir que cumpram seu destino; b) os negros, em materia de cama, sao absolutamente insuperaveis. Nao havia melhor prova da primeira afirmativa do que o proprio esposo de Madeleine: fora ele quem trouxera para casa, na qualidade de ordenanca, o negro Dodum, exatamente a melhor prova, a mais esplendida, da segunda revelacao. Proclamada baronesa e senhora de engenho devido ao feliz matrimonio com nobre mais ou menos colonial, mais ou menos mestico e riquissimo -- em relacao a fortuna nao havia mais ou menos e, sim, mais e mais --, Marie-Claude viajou para os tropicos distantes e misteriosos onde estava situado seu

reino doce e verde de cana-de-acucar e servos negros. Levava na bagagem vestidos chiques, uma batelada de remedios, aflitas recomenda 58



coes maternas e a excitante informacao de Madeleine. A principio tudo foi novidade e animacao, motivo de festa e de riso, mas a

monotonia nao tardou a prevalecer.

Cansada dos bailes provincianos nos quais, por causa da elegancia e dos costumes europeus, provocava inveja e conquista va aversoes entre o mulhierio atrasado e maledicente, cansada sobretudo da presuncao e da tolice do Senhor de Itauacu, tao cheio de si quanto vazio de interesse, para conter os bocejos e suportar o desterro, Marie-Claude dedicou-se a equitacao e a fodilha. Ginete petulante, sozinha ou acompanhada pelo Barao, cruzava os campos nos cavalos de raca, os mais ardegos do Reconcavo. Consorte atenta, comprovou na pratica que, iguais aos tenentes-coroneis, todos os baroes nascem com irremissivel vocacao para corno manso: impossivel impedir que a realizem. Em sendo assim, uma esposa devotada deve estar apta a cumprir o seu dever, solidaria com o destino do marido. Um dia, quando dissertavam, sobre a pureza e a beleza das racas equinas e similares, andando pelos arredores do banguê, o Barao Adroaldo apontara um negro adolescente, envolto em fagulhas, na oficina do ferreiro, chamando a atencao de Madame la Baronne para aquele magnifico especime de animal de raca:

-- Repare no torso, nas pernas, nos biceps, na cabeca, ma chere: um belo animal. Exemplar perfeito. Observe os dentes. Reparou, obediente e interessada. Demorou os olhos molhados no exemplar perfeito, no belo animal. Observou os dentes brancos, o sorriso vadio. Malheur! Uma faixa de pano escondia lhe a primazia.

O Barao era deveras autoridade em racas, herdara a competencia do pai, perito na escolha e compra de cavalos e escravos. Mas Marie-Claude aprendera com as freiras do Sacre Coeur que os negros tambem tem alma, adquirem-na com o batismo. Alma colonial, de segunda classe, mas suficiente para distingui-los dos animais: a bondade de Deus e infinita, explicava Soror Dominique dissertando sobre o heroismo dos missionarios no coracao da Africa selvagem.

-- Mais, pas du tout, mon ami, ce n'est pas un animal. C'est un homme, il possede un'ame immortelle que te missionaire tal a donne

avec le bapteme.

59

-- Un homme? -- O Barao desatou a rir.

Quando o Senhor de Itauacu ria em frances, posando de aristocrata culto e ironico a se divertir com a tolice humana, tornavase intoleravel por afetado e arrogante. Um seu xara, Adroaldo Ribeiro da Costa, bacharel e literato de Santo Amaro, ao ouvi-lo rinchavelhar massacrando sem piedade a lingua de Beaudelaire, mestre bem-amado, passara a designa-lo por Monsieur le Franciu

para gaudio dos ouvintes e pelas costas do Barao: o poeta vivia na lua mas nao a ponto de se expor as iras do mandachuva.

-- Nao me leveis a mal, ma chere, mas vossa afirmacao e

uma estultice. Onde ja se viu dizer que um negro e um homem?

Um belo animal, repito, com certeza menos inteligente do que vosso cavalo Diamante Azul.

-- Tres beau, oui. Un homme tres beau, un prince. Un prince d'ebene!

-- Principe de Ebano! Vous etes drole, Madame. Deixai-me rir. -- E rinchavelhou superior e absoluto.

A troca grosseira, a empafia, le ricanement sardonique do Barao acabaram de convence-la: destino e destino, tracado no ceu. A Baronesa adotou Castor e nao se arrependeu. Se o senhor de engenho se deu conta do interesse que ditou a mudanca de estado do aprendiz de ferreiro, agora a lhe servir a mesa, fez vista grossa, ele proprio ocupado em derrubar cabrochas do banguê, delas usando e abusando como se ainda perdurasse a escravidao. Senhor feudal, de muitas comeu os tres vintens mas somente com Rufina

manteve relacionamento prolongado; na cozinha da casa-grande ela se dava ares de sinha, comborca coberta de ouro e prata -- balangandas, pulseiras, brincos, colares, trancelins, alem da cruz de madreperola que lhe dera o reverendissimo Conego. A generosidade do Barao nao conhecia limites: como se nao bastassem os regalos valiosos, teimava em instruir a mulata na pratica de refinamentos das estranjas, sem sucesso pois ela preferia a brincadeira ao natural: a gula insaciavel dispensava molhos e temperos.

Para encurtar o conto, pois o enredo detalhado da cornice dupla ou do double cucuage do Senhor de Itauacu revela-se longo em demasia para o espaco que lhe cabe na historia de Tocaia Grande, registre-se de logo aquilo que em pouco tempo se tornou 60

de dominio publico: combatendo em duas frentes de batalha, na de Madama toda em oiro, na de Rufina toda em cobre, com a forca e a inocencia dos dezenove anos por cumprir, Castor Abduim ornou de potentes e graciosos chifres a aristocratica testa do Barao.

3

O mimoso e perfumado ventre de Madame la Baronne contraia-se guloso, orvalhava-se quando ela, na solidao do boudoir rompida pelos roncros do Barao, pensava no Principe de Ebano e o detalhava com apetite: os labios grossos, os dentes de morder, a lingua aspera, o peito largo, as pernas fortes e o resto, ai!

Perdao pela ma palavra que evidentemente nao pertence ao vocabulario de Madama. Jamais ela diria resto, jamais usaria termo assim mesquinho e indelicado para nomear aquela ostentacao unica e primaz, a cuja simples vista se obliterava o cerebro de Rufina e se umedeciam as partes de Madama. Partes: ainda uma palavra infeliz, ordinaria mas corriqueira entre o povo da cozinha do qual ela provem e de cuja alcovitice Deus nos livre e guarde. Apesar de ter a sensibilidade a flor da pele, a Baronesa mantinha-se lucida mesmo nos momentos culminantes, ciosa da logica e da exatidao gaulesas.

Com justa pertinencia designava a formosa e notavel potestade conforme a occasiao e a serventia: com as duas maos empunhava le gran mat, fartava-se a mamar te biberon, abria-se para receber pela frente e por detras l'axe du monde.

Agoniada com o rape e os requintes do Barao, desdenhando os balsamos do Conego compassivo e magnanimo, Rufina buscou consolo e provimento no mesmo peito amplo em que a meiga Baronesa repousava os bucles da loira cabeleira: o peito de Castor Abduim da Assuncao, Ticao Aceso, Principe de Ebano, criado de luxo, ex-aprendiz de marechal-ferrant na forja de seu tio Cristovao Abduim, ambos de cabeça feita por Xango. Nos canaviais, no banguê, nos engenhos do Reconcavo, nas cidades de Sao Felix, Cachoeira, Muritiba e Santo Amaro, em Maragogipe e ate na capital, comentavam o caso, diziam que a 61

confraria de Sao Cornelio, o santo padroeiro dos galhudos, tinha novo e ilustre presidente, o Barao de Itauacu, Monsieur le Franciu, corno ao quadrado, cornissimo, cornississimo, rei da mansidao. "Un gentil cocu" para usar definicao que soava simpatica e amical na boca da Baronesa sua esposa. Ah! -- a boca da Baronesa so se comparava ao xibiu de Rufina, duas obras-primas, duas competencias, opiniao compartilhada pelo Barao Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, fidalgo e senhor de engenho, e pelo negro Castor, nascido servo nas plantacoes de cana. Comprova-se assim, mais uma vez, que a verdade se impoe ao sabio e ao iletrado, ao rico e ao pobre, a nobreza e a rale. **4**

Para que nao se faca mau juizo de Adroaldo Muniz Saraiva de Albuquerque, Barao de Itauacu, e se nao lhe atribua a pecha de senhor de engenho atrasadao, sustentaculo de vulgares preconceitos, indigno de esposa europeia, civilizada, deve-se dizer que o incidente com Castor, motivo da agressao e da fuga, nao teve como causa imediata a intimidade estabelecida entre a Baronesa e o ajudante de ferreiro. Ao que tudo indica, os chifres provindos dos bucolicos passatempos de Madama nao faziam moossa ao Barao. Ele

os carregava com dignidade e nonchalance num belo exemplo aos barbaros senhores do acucar de justica sumaria: matavam as sinhas e as sinhazinhas que se atreviam com os negros; aos negros mandavam capar antes de mata-los.

O que fez o Barao erguer o braco com o chicote e abrir lanho de sangue nas costas nuas de Rufina, foi a indignacao provocada pela atitude da cabrocha: a ingratitude, a falta de respeito. Sentiu-se agredido naquilo que lhe era mais sagrado, o sentimento de propriedade. Gastara conhecimentos e dinheiro com a mal-agradecida -- concedera-lhe a honra de deflora-la e de com ela fornicar assiduamente; buscara instrui-la a respeito de refinadas praticas sexuais, que a erva ruim, estulta, se recusava a admitir; dera-lhe estatuto de concubina elevando-a da condicao de cria da casa, de animal domestico; alem das prendas de vestir e de enfeitar, tantas. A traicao da mulata doeu-lhe fundo: nao se tratava de simples capricho momentaneo de esposa entediada, 62

risivel leviandade, pecado venial; tratava-se de pesado agravo, afronta vil, humilhante escarnio ao senhor e amo, culpa imperdoavel, pecado mortal. Tolerar tal ultraje significaria abalar os fundamentos da moral e da sociedade. Assim, quando, ao regressar da cavalgada matinal, surpreendeu nas dependencias da antiga senzala Rufina sendo possuida por Castor a maneira elementar dos ignaros, a mulata por baixo, o negro por cima, o Barao enfureceu-se; nao era para menos, convenhamos. O zumbi escafedeu-se mas voltou ao escutar, quase em seguida, o uivo de Rufina. Desvairado, o Barao exemplava-a com denodo. Castor arrancou-lhe o chicote das maos, partiu-o em dois pedacos e atirou-o longe. Em troca recebeu o tapa, o insulto e a ameaca.

-- Vou mandar arrancar teus ovos, Principe de Merda, negro imundo.

A face ardendo, a vista turva, o Principe fosse-la-do-que-fose -- de ebano ou de merda -- com a mao esquerda segurou o Barao pela jaqueta de montaria, com a direita encheu-lhe a cara de portada. So

parou de bater quando acudiu gente, vinda da casa-grande e do banguê, num alvoroço que tinha algo de festivo: não é todos os dias que se assiste ao espetáculo do esbofeteamento de um senhor de engenho.

Cabeça e colhões postos a prêmio, Castor ganhou o mundo. Houvesse demorado, nem sequer a senhora Baronesa teria podido salva-lo, se quisesse interferir a seu favor. Não queria: afetada pela traição do negro -- Aie! Madeleine, le plus beau noir du monde, le plus vilain da hommes! -- Madama adoecera, guardara o leito em dias melancólicos, mas reagira e preparava-se para uma viagem a Europa em companhia do Barão, numa segunda lua-de-mel, bem merecida.

O fugitivo chegou a capital após descer o rio Paraguacu num saveiro carregado de açúcar e cachaca. Mãe Gertrudes de Oxum, que o hospedou, considerava a cidade da Bahia demasiadamente próxima de Santo Amaro para oferecer garantia de vida a um negro acusado de tamanhos crimes: atrevera-se a levantar os olhos para a íntegra e virtuosa esposa do amo; repellido, pretendia violentar pobre e indefesa mucama; impedido de levar avante o torpe intento, tentara assassinar o senhor de engenho. Beleguins o 63

procuravam com ordem de prisão, capoeiras vindos do Recôncavo vasculhavam as ruas com ordem de mata-lo. Escondido no porão de um veleiro de dois mastros viajou da Bahia para Ilheus. No terreiro onde zelava pelos orixás, num coqueiral entre Pontal e Olivença, pai Arolu o acolheu e o recomendou ao coronel Robustiano de Araújo, cuja riqueza não o impedia de dar comida aos encantados e de receber a bênção e os conselhos do babalorixá. No Eldorado do cacau pai Arolu tinha tanto ou mais prestígio do que o Senhor Bispo: chegara primeiro e possuía indiscutíveis poderes sobre o sol e a chuva.

Levava Castor cinco anos trabalhando como ferrador de cavalos na Fazenda Santa Mariana quando, seguindo no rastro da tropa de burros, aconteceu-lhe pernoitar em Tocaia Grande. Seu destino era a cidade de Itabuna, mais exatamente as ruas de canto onde se localizavam as casas de raparigas, ia tirar o corpo da miseria. Para quem se deleitara com fartura, degustando manjares finos, iguarias nacionais e estrangeiras no regalório dos engenhos de acucar do Reconcavo, as fazendas de cacau no sul do Estado deixavam muito a desejar em materia de mulher. No mais, estava satisfeito, não sentia saudades a não ser do tio. Mesmo que pudesse, não retornaria. Lá não passava de servo com o único direito de obedecer sem levantar a voz. Tratado de príncipe, pondo cornos no Barão no luxo dos lençois de linho, das cobertas de renda, das colchas de cetim, nem no leito de Madama se sentira um homem livre. Para que isso acontecesse, fizera-se necessário meter a mão na cara do Senhor, correr perigo de vida, atravessar o mundo e chegar as terras do cacau onde cada um tinha seu valor e, bem ou mal, era pago pelo que fazia. A falta de mulheres na fazenda, ele a compensava acompanhando as tropas de burros: nos entrepostos, nos povoados, nas cidades encontrava o calor das putas. Amadurecera num negro tranquilo e cordial, conservara o jeito simples e o porte altivo, o caráter amigüeiro. Quando demorava a aparecer, algumas raparigas reclamavam a longa ausência de Ticao: para animar uma festa não havia outro igual a ele.

64

Artesão capaz e habilidoso, na forja rudimentar montada na Santa Mariana a fim de atender as necessidades da fazenda -- ferrar o gado, calcar os animais de sela e carga, afiar facões, recondicionar instrumentos de trabalho, pás, enxadas, foices -- Castor, para se divertir, confeccionava facas, punhais, guizos para arreios, anéis para ofertar as conhecidas, ferramentas de candomble que mandava de presente a pai Arolu: arco-e-flecha de Oxossi, abebes de Oxum e Iemanjá, machado de duas cabeças de Xango. O Coronel não poupava elogios a destreza e a perícia do ferrador, um artista a seu

ver. Ticao oferecera ao fazendeiro um par de estribos, lavrados por ele com apuro e artificio, peca de valor. Boa pessoa, o coronel Robustiano de Araujo. Rico e poderoso, nao arrotava fidalguias, nao olhava de cinta, com desprezo, para os trabalhadores. Ainda assim, o sonho de Castor era montar uma forja de ferreiro num dos novos povoados, trabalhar por conta propria, nao servir a patroa por melhor que fosse.

AJUDADO POR COROCA, TICA0 ABDUIM

EXTRAI UM DENTE MOLAR DA AMANTE DE

MANUEL BERNARDES, CLAVINOTEIRO FAMOSO

1

De repente, gemidos lancinantes cobriram a algazarra habitual do começo da noite no vasto acampamento em que Tocaia Grande se havia transformado. Vinham de longe, num crescendo: desesperados ais de dor. Alguem implorava socorro e falava em morte. A sanfona silenciou nas mãos de Pedro Cigano que andava ao deus-dara sem rumo certo, fazendo de um tudo e não fazendo nada. Os renitentes jogadores de ronda suspenderam os lances, tropeiros e trabalhadores despertaram, puseram-se de pé, saíram a ver o que estava acontecendo. Ao lado de Coroca na cama de campanha, o negro Castor semi-ergueu-se atento. 65

-- Ate parece que estão matando alguém. -- Comentou a mulher-dama.

-- Vou ver. -- Disse o negro, enfiando as calças: -- Já volto.

-- Também vou. -- Coroca apurou o ouvido: -- É choro de mulher.

Perdurava em torno de Tocaia Grande uma lenda de perigo e violência -- não ganhara aquele nome por acaso -- se bem ultimamente não se tivesse notícia de bafafa de vulto sucedido por ali. Vez por outra um tiro, uma facada, brigas em torno dos baralhos sebosos. Dias antes, dois cabras quase se acabaram no punhal para decidir qual deles ia passar a noite com Bernarda; correu sangue mas não houve morte -- incidente de pouca monta. Ainda assim, moradores e passantes se alarmavam ao escutar gritos de dor,

pedidos de socorro. Tres figuras despontaram por detras do barracao no qual se acumulava o cacau provindo da Fazenda Santa Mariana e repousavam os tropeiros que o traziam e os jaguncos que o guardavam. Coroca e Castor puderam distinguir, a luz da lua cheia, a mulher ainda jovem, mulata escura, de basta cabeleira crespa, femeaco vistoso se nao estivesse tao desarvorada: com a mao tapava um lado do rosto, gemia sem parar. Acompanhavam-na um homem magro, sarara, ja de certa idade, e uma velha. Coroca se adiantara ao encontro dos caminhantes: nada de serio, apenas uma doente a caminho de Itabuna, em busca de atendimento. Nao devia encontrar-se em estado grave pois vinha andando com seus proprios pes e nao transportada aos ombros numa rede, moribunda. Ouviu-se o riso de mofa da rapariga:

-- Tanto escarceu por um dente? Tirar a gente do sono por uma besteira dessa? Um descaro.

Aflita e raivosa, a velha enfrentou Coroca:

-- Quisera ver se fosse com vosmice, sia dona. Vai pra tres dias que a pobre so faz sofrer, nao tem descanso, comecou anteontem e nao parou de doer, cada vez mais pior, nao da sossego pra infeliz.

Elevara a voz para ser ouvida pelos curiosos que afluam:

-- Nos tamos indo para Taquaras, pro mode ver se encontra por la um filho de Deus que arranque o dente dela. Se nao 66

encontrar, a gente continua pra Itabuna. E minha filha, mulher dele.

Apontou para o homem que se mantinha calado. A velha despejava o sacco, com certeza tivera de repetir a explicacao caminho afora. Continuou:

-- Acho que foi praga que rogaram nela. A tal da Aparecida que...

Não conseguiu contar o caso, a voz brusca do homem cortou-lhe a palavra:

-- Basta! Você fala demais.

Trazia punhal na cintura e repetição pendurada no ombro. Mesmo sem o aviso dado pela velha, logo perceberam que a criatura era propriedade dele pela preocupação e pelo cuidado refletidos no rosto carrancudo que se enternecia ao fitar a choramingas. Tomou a frente de Castor quando o negro se aproximou risonho e se ofereceu:

-- Se tá procurando quem arranque seu dente, dona, não precisa ir até Taquaras. Aqui mesmo se pode dar um jeito. Venha mais eu.

O homem quis saber:

-- Ir pra onde?

-- Pro armazem do coronel Robustiano, pra eu espiar a condição do dente.

-- E tu assunta de dor de dente? -- Mais do que a pergunta, o tom da voz continha suspeita e advertência.

Castor não vacilou, abriu-se num sorriso:

-- Assunto, sim senhor. Vambora, dona.

A um sinal do homem, andaram para o depósito de cacau, os jaguncos abriram passagem para o grupo, igualmente interessados nas peripecias da ocorrência. A assistência crescerá com a presença de Pedro Cigano, de Bernarda, de Lupiscínio, de Bastião da Rosa, de trabalhadores e tropeiros. Trocavam cochichos, olhavam de soslaio para o homem armado, o carpina fez um gesto, Bastião da Rosa respondeu com outro, confirmando. Havia reconhecido o macambuzio: envelhecera e estava enxodozado, o que o tornava

ainda mais perigoso. Lupiscinio sentiu um arrepio na espinha, um frio nos quibas: tudo podia acontecer.

Ticao pediu que a mulher se sentasse em cima de uns sacos de cacau e abrisse a boca mas ela não se moveu, continuou 67

gemendo a espera da decisão do sarara que insistiu na pergunta:

-- Tu assunta mesmo?

O negro riu novamente, brincalhão e bem falante:

-- Já disse a vossa senhoria.

-- Não sou senhoria, nem sua nem de ninguém. Sou Manuel Bernardes, de Itacare, e não aprecio zombaria. Vou mandar ela sentar mas o risco é seu. -- Abrandou a voz ao dirigir-se a mulher:

-- Vai, senta, Clorinda, abre a boca, mostra o dente ao moco. Lupiscinio e Bastião da Rosa tinham-no identificado antes que ele proclamasse o nome facanhudo em aviso e ameaça. Clavinoteiro a serviço dos Badaro durante as lutas travadas com o coronel Basílio de Oliveira, no cerco final quando a municação terminou e ele se viu sozinho, com uma bala no ombro, lavado em sangue, mesmo assim não se entregou, não se rendeu; armado com o punhal, ainda feriu três. Preso e amarrado, iam acabar com ele na malvadeza mas o coronel Basílio não consentiu: macho daquela espécie não se mata a sangue-frio. Mandou que o soltassem e lhe estendeu a mão. Manuel Bernardes passou a viver em Itacare onde plantava milho e mandioca e possuía uma casa de farinha. Fama capaz de rivalizar com a dele, só mesmo a do capitão Natário da Fonseca.

Naquela hora todos temeram pela vida do negro Ticao, rapaz trabalhador e presepeiro, muito estimado. Ferrador de mão segura e forte ao bater o cravo, ferreiro de dedos ágeis e engenhosos no trato dos metais. Defeito sério, aparentava possuir apenas um: era abelhudo a mais não poder, metia o bedelho em tudo, tudo

querendo resolver, o belzebu. Ia pagar caro o atrevimento, quem mandara se intrometer? Decerto nao tinha competencia nem traquejo, nao passava de um negro maneiro e folgazao. Adolescente, intrometera-se com as girondas do Senhor Barao, a legitima e a preferida. Por vales e montes, canaviais e bagaceiras, pelo campo verde e pelo ceu azul cavalgara as duas montarias exclusivas do senhor de engenho, arriscando a cabeca e os ovos. Demonstrara traquejo e competencia, perdera o medo de uma vez por todas.

-- Muito prazer, seu Manuel. Meu nome e Castor Abduim, me chamam de Ticao por ser ferreiro. Ja tive outros apelidos, posso lhe contar se um dia vosmice quiser ouvir. Agora, vamos 68

aliviar a sua dona. No mundo nao ha coisa tao ruim que se compare a dor de dente, e o que ouco dizer e repetir. Eu nunca tive, gracias a Deus. Riu de um lado a outro da boca, exibindo os dentes brancos.

2

-- E embaixo ou em cima? De que lado, dona?

-- No de baixo. Nesse aqui.

Os assistentes se aproximaram, todos queriam ver, os olhares iam do clavinoteiro ao negro, da mulher a velha. Ticao pediu a Coroca que segurasse o fifo na altura do rosto de Clorinda. Mal conseguia enxergar a luz vacilante e fumacenta do candeeiro; foi tenteando com os dedos no lado direito ate que a padecente gemeu mais fone e ele sentiu o buraco da carie no molar.

-- Um queixal! Se a moca quiser e se um cristao arranjar uma torques, posso arrancar.

A voz de Manuel Bernardes voltou a ressoar, ainda em duvida e em ameaca:

-- Ja arrancou algum?

Naquele cu-de-judas, calcador de ferraduras acabava sendo medico de bichos. Por mais de uma vez Castor extraira dentes de burros e cavalos. De mulher e homem, ainda nao, mas que diferenca faz?

-- Nao tem conta.

Nos guardados do deposito, encontraram a torques. O negro pediu que obtivessem um pouco de cachaca:

-- Pra moca tomar um gole e sentir menos.

Um tropeiro trouxe uma garrafa acima da metade. Ticao deu uma provada, elogiou: e da boa. Explicou a Clorinda:

-- Vai doer um pouco, se quiser que arranque tem que aguentar. -- O sorriso infundia confianca: -- Mas e uma dor so, depois.passa, se acabou.

-- Pois me faca essa caridade.

Gentil, o negro estendeu a garrafa ao sarara, oferecendo:

-- Uma lambada? E bom pra sossegar o juizo.

69

-- Dispenso. -- Ao lado da mulher, segurava a repeticao, impassivel.

Castor nao se deu por achado:

-- Dispensa? Nao gosta, ou e crente? A moca e que nao pode dispensar, goste ou nao goste. Pela forma como tomou a garrafa, logo se viu que Clorinda nao recusava um trago. Parou ate de gemer.

-- Agora, abra a boca,.dona. O fifo, Coroca!

Apalpou as gengivas da queixosa que se remexia a cada toque da mão incomoda. No silêncio espesso e tenso, uma atmosfera de alarme e apreensão envolvia os presentes, atentos a cada palavra, a cada gesto. A velha tirou a garrafa da mão da filha, serviu-se ela também. Ticao riu e comentou:

-- Que é isso, vovo? Também vai arrancar dente? Segure aí.

-- Entregou-lhe a torques, voltou-se para o malcriado: -- Me empreste o punhal, seu Manuel.

-- Pra que?

-- Já vai ver. Preciso afastar a gengiva pra poder segurar o dente com a torques.

Recebeu a arma, recebeu outro gole de cachaca para Clorinda.

-- Assim, ela vai ficar bebada. -- Alarmou-se a velha.

-- Quanto mais bebida melhor pra ela.

Pedro Cigano comprovou e louvou, com um movimento de cabeça, o desembarco da chorona: emborcara a garrafa com disposição.

-- Se prepare que vai doer um pouquinho. -- Avisou Castor.

-- Pior do que esta, não pode ser. -- A cachaca, se não a embriagara, dera-lhe coragem.

Pedindo a Coroca para movimentar o candeeiro de forma que pudesse ver dentro da boca aberta, o negro separou a gengiva do dente, pouco a pouco, com a ponta do punhal; filetes de sangue escorreram pelos cantos dos lábios da mulher. Manuel Bernardes desviou a vista, olhou em frente. Além dos gemidos abafados, não se ouvia o menor ruído. Clorinda, de quando em quando, se agitava ao sentir a picada da lambedeira.

-- Pronto -- Comunicou Castor. -- Passe a garrafa para ela, vovo.

70

Devolveu o punhal, Manuel Sentardes limpou o sangue na calca caqui. Ticao esperou que a mulher terminasse de beber, fela escancarar a boca, ainda assim teve dificuldade para introduzir a torques. Nao foi facil tampouco segurar o queixal entre as tenazes: apesar da delicadeza e da habilidade demonstradas pelo ferrador de animais, a torques mordeu duas ou tres vezes a gengiva machucada, fazendo Clorinda contorcer-se. Aproveitando um momento em que o negro retirara a torques para afastar a gengiva com os dedos, a mulher deu um safanao e levantou-se de um salto. Sem sequer olhar para ela, Manuel Bernardes disse:

-- Tu quis, agora tem de aguentar, o moco avisou. Vai, sente e nao se levante mais.

Era uma ordem mas transmitida com brandura, a voz nao se elevava, jamais a elevava ao falar com Clorinda. O sarara estava embeicado, refletiu Bernarda e se preocupou por Ticao: se o negro estragasse a boca da mulher e nao tirasse o dente, iriam presenciar mais uma desgraca. Olhou em derredor e leu na cara dos demais a mesma agonia, ai, minha Virgem da Capistola!

A mulher se aquietou e Ticao conseguiu finalmente prender o molar entre as garras da torques. Fincou os pes no chao, deu um arrancao com violencia mas a padecente se moveu, o dente resistiu, nao veio com a ferramenta. O negro, paciente, recomecou a melindrosa tarefa, minutos infindaveis. Os assistentes se comprimiam em torno. Alguem, talvez Bernarda, deixou escapar um suspiro. A voz, agora alterada e dura de Manuel Bernardes, exigiu:

-- Acabe com isso de vez!

Castor sorriu a luz do flfo e prosseguiu, tranquilo, ate sentir o dente bem agarrado pelas tenazes que o seguravam na raiz. Pediu ajuda

de dois homens para imobilizar Clorinda, impedindo-a de se mexer. Antes que alguém se apresentasse, Manuel Bernardes decidiu:

-- Não precisa ninguém, basta com eu.

Encostou a espingarda nos sacos de cacau, cravou as duas mãos no cangote da mulher. Então o negro firmou o corpo, puxou com toda a força: a força de um ferreiro habituado a aplicar ferraduras em animais, a malhar o ferro em brasa. A torques saiu suja de sangue, Castor a exibiu com o queixal entre as tenazes, um dente disforme que dava gosto ver.

71

-- Tai seu dente, moca.

Clorinda cuspiu um cuspo grosso, limpou com a mão a baba vermelha. Pegou a garrafa de cachaca, bebeu o que sobrava como se bebesse água, depois agradeceu:

-- Deus lhe pague, seu moco. Desculpe os maus modos. Manuel Bernardes colocou a espingarda no ombro. Aproximou-se:

-- Toque lá. -- A mão estendida: -- Me desculpe o mau juízo, foi por lhe ver tão moderno. Serviço danado de penoso. Quanto devo?

-- Não deve nada. Não vivo de arrancar dente.

Surgira, ninguém sabe de onde, outra garrafa de cachaca, passava de mão em mão, chegou a eles. Manuel Bernardes a suspendeu pelo gargalo, engoliu dois goles calibrados, enxugou a boca na manga do paletó; riu pela primeira vez ao entregar a garrafa ao negro:

-- Não sou crente, não, Deus me livre e guarde, mas não tava com vontade de beber com vós naquela hora. -- Despedia-se: -- Se um dia precisar de mim, sabe onde moro. Ouviu-se um som repinicado, nascia da sanfona de Pedro Cigano, um coco das Alagoas

que bulia com o sangue e os pes do povo. A velha assanhou-se e saiu no passo ligeiro e miudo da danca: velha levada da breca na cachaca e no forrobodo. Formou-se a roda em torno dela, as maos marcando a cadencia acelerada. Bastiao da Rosa, branco de olhos azuis, trouxe Bernarda para o centro da roda, formavam um par de arromba. Clorinda, apaziguada, olhou num convite para o sarara a seu lado, Manuel Bernardes voltou a sorrir, o peito aliviado da dor da companheira e da tencao de matar. Retirou a repeticao do ombro. Dos sacos cheios de cacau subia um odor ativo que se misturava ao bodum dos corpos suados, aromas familiares, aromas de primeira, um e outro.

-- Doutor Ticao... -- gracejou Coroca pendurando o filo

num prego na porta de entrada.

Juntos deixaram a festa, voltaram para a cama de campanha. Coroca nao era perfumada e galante Baronesa, nao possuia o corpo esbelto e jovem de Rufina mas, para atender uma emergencia, valia tanto ou mais que outra qualquer: tinha a sabedoria de Madama, o fogo da mulata. Xoxota de chupeta. 72

3

Universo umido e torrido, a lama e a poeira dividiam o calendario do cacau. As chuvas, tao imprescindiveis quanto o sol, duravam a metade do ano, pesadas, interminaveis, crescendo facilmente em tempestades tropicais. Se ultrapassavam, porem, o tempo util, podiam tornar-se fatidicas, fazendo apodrecer nas arvores os birros necessitados de luz e calor. Coroneis e capatazes, jaguncos e alugados viviam de olhos voltados para os ceus em busca dos sinais anunciadores ora da chuva, ora do bom tempo: para que na forca das aguas os cacauzeiros rebentassem em flores e no brilho do sol os brotos crescessem vigorosos e se acendessem em ouro. Para que se mantivesse alta a legenda daquela regio privilegiada acerca da qual

corriam tantas noticias e se contavam historias de pasmar em todo o pais.

Em busca de trabalho e de fortuna descia do norte, subia do sul para o novo eldorado uma varia e sofrega humanidade: trabalhadores, criminosos, aventureiros, mulheres da vida, advogados, missionarios dispostos a converter gentios. Chegavam tambem do outro lado do mar: arabes e judeus, italianos, suicos e alemaes, nao esquecendo os ingleses da Estrada de Ferro Ilheus --

Conquista -- The State of Bahia South Western Railway Company -- e do consulado com a bandeira da Gra-Bretanha, a fleuma inalteravel e a solida bebedeira. O consul ingles deixara a familia em Londres, contratara em Ilheus uma india silenciosa para todo o servico da casa. Na cama, com sua nudez pequena, ela parecia uma deusa da floresta e talvez o fosse. O Senhor Consul fez-lhe um filho lindo, um caboclo de olhos azuis, um gringo cor de chocolate.

Os povos daquela lavoura recente, rica e cruenta, eram de pouca religiao se bem gastassem a qualquer proposito o nome de Deus, pronunciando-o em vao, ao sabor das tocaias e dos caxixes. De promessa facil, todos os anos os coroneis renovavam acertos, assumiam compromissos com a corte celeste, em razao das chuvas, em razao do sol, buscando comprar a boa vontade dos santos e o perdao para os crimes -- se e que se pode chamar de crimes os acidentes da conquista.

73

Nos tempos da Colonia, quando ainda nao existia o cacau, Sao Jorge, trazido no oratorio das caravelas pelos brancos, fora proclamado padroeiro da capitania. Montado em seu cavalo, a lanca erguida, santo guerreiro, protetor na medida exata. No recesso da floresta, trazido pelos escravos no porao dos navios negreiros, Oxossi, dono da mata e dos animais, cavalgava um porcoespinho, um queixada gigantesco, um caititu. Fundiram-se o santo da Europa

e o orixa da Africa numa divindade unica a comandar o sol e a chuva, a receber as preces e as cantigas, as missas e os ebos: no andor da procissao, no altar-mor da Catedral de Ilheus ou na choca de pai Arolu que nascera escravo e ali se acoitara para guardar a liberdade. No peji, lado a lado, o arco-e-flecha, emblema de Oxossi trabalhado na bigorna por Castor Ticao Abduim, e a estampa em cores vivas de Sao Jorge na lua esmagando o dragao, lembranca do arabe Fadul Abdala, homem temente a Deus nas horas de folga quando o comercio permitia. As estradas, os caminhos e atalhos que conduziam das fazendas aos povoados, aos entrepostos e as estacoes da Estrada de Ferro dos ingleses, a cidade de Itabuna e ao porto de Ilheus, nao passavam de uma sucessao de ameacas aos animais e aos homens: buraqueira feroz, lamacais de meter medo, despenhadeiros, precipicios, o perigo escondido sob cada pisada. Para cruza-los, os burros e as mulas, de passo prudente e lerdo, eram de mais valia que as eguas e os cavalos de elegante trote, de rapido galope. Alguns coroneis, vaidosos da fortuna e da chibanca, lordes ingleses de cabelo ricado e tez morena, amavam exhibir aneloes de brilhante nos dedos habituados ao gatilho dos revolveres, abrir conta nas lojas para raparigas chiques e dispendiosas, trazidas da Bahia, de Aracaju, do Recife e ate do Rio de Janeiro, cavalgar nas ruas das cidades montados em ginetes de raca, puros-sangues. Mas para chegar as casas-grandes das fazendas viajavam no lombo seguro das mulas e dos burros, alguns tao bons de trote quanto o melhor cavalo.

Tropas de burro transportavam o cacau seco das fazendas para as estacoes da Estrada de Ferro ou para Ilheus e Itabuna onde se encontravam as sedes das firmas exportadoras pertencentes a suicos e alemaes. Os animais mais velhos permaneciam nas fazendas, conduzindo o cacau mole das rocas para os cochos. Os tropeiros, nas longas e penosas travessias por esses caminhos 74

invios e arriscados, escolhiam lugares que oferecessem condicoes favoraveis para o pernoite. Ajuntamentos que com o tempo e o movimento davam, quase sempre, inicio a um arruado. Alguns se

desenvolviam em povoados e vilas, futuras cidades, outros apenas vegetavam -- um correr de casas com uma puta e uma bodega de cachaca.

Com o passar do tempo, Tocaia Grande se transformou no ponto de pernoite preferido pelos tropeiros que vinham da enorme area do rio das Cobras na qual se localizava grande numero de propriedades, entre elas algumas das maiores fazendas da regio. A noticia da construcao de uma casa de negocio mandada levantar pelo Turco Fadul, homem esperto, de visao, concorreu para a rapidez com que novas moradias surgiram: chocas, cabanas, barracos, uns de barro batido, outros de madeira, os mais pobres de palha seca.

A primeira casa de pedra e cal foi erguida pelo negro Castor a fim de abrigar o malho e a bigorna, meses depois da historia do dente de Clorinda, a vistosa amasia de Manuel Bernardes. Segundo os diz-que-diz-que, o ferrador contou com a ajuda do coronel Robustiano de Araujo, que lhe adiantou algum dinheiro sem juros e sem prazo para pagamento:

-- Esse negro e astuto. Se nao cair numa esparrela, vai enricar. E um atrevido, aprendeu com as gringas, por isso e abusado; mais enxerido nunca vi.

75

O ARRUADO

NO TEMPO DAS VACAS MAGRAS, FADUL ABDALA,

VITIMA DE PESADELOS, TENTA AMANCEBAR-SE

1

O tempo das vacas gordas tardava a chegar sujeitando a paciencia e o animo de Fadul a provas dificeis, a penas atrozes. Nao obstante manteve-se firme, leal ao trato feito: estava cumprindo sua parte,

Deus não haveria de faltar com a dele. Fadul não perdia ocasião de lembrar -- com humilde prece quase sempre, com irada praga quando em desespero -- os solenes compromissos assumidos: o Senhor trouxera-o pela mão aquele lugar para que ali se estabelecesse e enricasse, consumando seu destino. Em determinadas ocasiões, contudo, vacilou e esteve à beira da capitulação. Outros horizontes se ofereciam com perspectivas imediatas, atraentes visões, enquanto ele penava na limitada e lerda gestação de Tocaia Grande. Disposto a ganhar-lhe a alma, o Demônio fazia miserias para convencê-lo: montava mirabolantes esquemas, promovia aliciantes propostas, acendia miragens no acodamento do eremita.

Para conquistá-lo, o Indigno usava e abusava da estampa fatal de Zezinha do Butia. A cruel invadia-lhe o quarto de dormir, impudica e insolente, para perturbar as contadas, indispensáveis horas de descanso. Acontecia invariavelmente nas noites da mais árdua trabalhadeira quando, ao fim da insana lufa-lufa, Fadul atirava-se na cama a corpo morto em busca do necessário repouso, do sono reparador, de um sonho propício em cujas reconfortantes peripecias se reconhecesse rico e respeitado. Ao contrário, via-se enredado em ansiedade e bate-boca. Apenas adormecia, ela desembarcava desnuda e deslumbrante. Ofuscando-lhe os olhos fechados, exibia-se o xibiu de Zezinha, o próprio paraíso, pátria do deleite, mana e nectar. Exibido e recusado. A filha do cão desmandava-se provocante, pintando o sete, a manta e os canecos para levá-lo ao descaminho. Imperioso convite no requebro, no dengue, na meiguice; recusa violenta no desprezo e na injúria -- língua de serpente, viperina. 79

Que fazes enterrado nesse buraco imundo, nesses perdidos cafundos? Turco ignorante, bestalhão! Antigamente, pelo menos, vinhas à Itabuna e em meus seios repousavas teu cansaco de mascate. Eras folgazão, diziam-te Grao-Turco e tinhas farta escolha. Hoje só de raro em raro abandonas por um dia teu covil de cobras e de lazarentas, apenas apareces e já estás de volta. Subtraindo as

horas de comprar, o minuto que te resta mal comporta o desaperto e um suspiro, pobre de ti, turco tolo e burro, azemola de Deus.

Procurava agarra-la, ela se esquivava, fugia cama afora; de negaca em negaca, a peleja durava a noite inteira sem que ele conseguisse toca-la ou comove-la. Ao som do primeiro zurro, Zezinha se esfumava na fimbria da manha. Fadul despertava afadigado, envolto em suor, arretado de tesao. No difuso alvorecer ainda vislumbra-se seios e coxas, a bunda atrevida, o ventre veludoso, o xibiu se dissolvendo! Amanha largo tudo e vou embora. Repetiam-se zurrros e rinchos pelo vale. Os tropeiros nao tardariam a aparecer para o trago matutino antes de ganhar a estrada. Nas idas a Itabuna, Fadul mendigava a caridade de uma visita de Zezinha a Tocaia Grande, oferecia-lhe mundos e fundos. Ela cobrava algum por conta das despesas de viagem, prometia aparecer em breve: com certeza num dia desses, no dia de Sao Nunca.

2

No misero arruado, cobras e lazarentas, pura verdade. Perigo permanente, as cobras, na maioria venenosas, vinham da mata e do brejo, ameaca mortal e corriqueira. Refugos perdidos nas estradas, rejeitos recolhidos em Tocaia Grande, as raparigas, poucas e acabadas, mal chegavam para a impaciencia dos carecidos tropeiros, para o afa dos mateiros e alugados em transito de uma fazenda para outra. Distanto apenas duas ou tres jornadas de abstinencia para chegar a abastanca de Ilheus e de Itabuna, os avexados nao suportavam a aflitiva espera. No arruado nao havia margem de escolha mas quem esta morto de fome come bosta e lambe os beicos. 80

Salvava-se Bernarda, todo o contrario das demais, uma lindeza. Menina nova, louca e limpa, corpo pujante, boneca de reluzente pele escura e crina negra, poldra bravia. Os vies da vida a encalharam ali ou ela escolhera de proposito? Nao demonstrava desejos de ir-se embora, atuar em pracas maiores. Se o fizesse, nao faltaria

certamente em Ilheus ou em Itabuna, em Agua Preta ou em Itapira, coronel que pusesse casa para ela e lhe abrisse conta nas lojas da cidade para te-la em privilegio. Houve quem a induzisse a fazer a trouxa e tentar fortuna noutra freguesia. Gosto daqui, disse e sorriu.

Recem-estabelecido, tendo pesado o pro e o contra, Fadul propusera-lhe amigacao, convidara-a a vir morar com ele, ajudando-o na labuta do armazem, compartilhando o leito enorme. Avisara a Lupiscinio ao encomendar cama e colchao: atente no meu tamanho e se lembre que as mais das vezes vai ter uma quenga aqui em reinacao junto comigo.

Bernarda agradecera e recusara. Estava as ordens para quando seu Fadu necessitasse, sentisse vontade de dormir com ela, na casa que escolhesse, na cama que preferisse, bastava dar com a mao. Pagaria se quisesse: deitar com cidadao tao cortes, homem tao quente e bem servido, dispensava pagamento. Viver amancebada, porem, muito obrigada, nao queria nao. Nem com Fadul nem com ninguem, fosse quem fosse. Contou a novidade a Coroca:

-- Sabe? Seu Fadu me deu um frasco de cheiro. Seu Fadu e boa pessoa. Me chamou para morar com ele.

-- Amigada?

-- Como estou dizendo a vosmice.

-- Morar com o turco? Tu ta feita na vida, sujeita danada de sorte.

-- Nao quis nao. Nao quero me amarrar com ele nem com nenhum.

-- E por que nao?

-- Viver junto so com homem que a gente queira bem. Bem de verdade.

-- Pensei que tu tinha um rabicho pelo turco.

-- Possa ser. Mas nao vou morar com ninguem por xodo ou por dinheiro. -- Pensativa, os olhos no chao, explicou: -- Viver junto, que nem marido e mulher, so por bem de amor que dura a 81

vida toda, que magoa a maldita e o coracao. Nao podendo ser assim, pra mim se acabou. Mais melhor ser rapariga. Conheciam-se as duas havia pouco tempo, recentes no lugar e na convivencia, Coroca nao fez comentarios, engoliu perguntas e conselhos. Bernarda levantou a vista, riu e astuciou:

-- Tocaia Grande e lugar de homem bonito. Seu Fadu, Pedro Cigano, Bastiao da Rosa e o mais bonito, meu Padrinho. Bernarda se impunha, predileta. Predileta de todos, cativante; disputada na noite dos tropeiros, nem sempre livre para o apetite de Fadul. De longe em longe, quando cansava da mesquinha escolha, o arabe fazia vir uma rapariga de Itabuna, custava um dinheirao.

3

Terminava de acordar junto ao balcao enquanto servia a primeira cachaca dos tropeiros. Aquele era o dinheiro mais penoso de ganhar: de madrugada, na antemanha, sem ter tido tempo para aliviar a barriga e lavar o corpo. Assim pudesse, deixaria para outro aquela usura, dedicando-se unicamente a ganancias mais vultosas, a canseiras menos molestas.

Defecava no mato, atento as cobras. Mergulhava nas aguas do rio, limpando-se do suor, do fedor dos percevejos e das visoes noturnas. Alvejava os dentes esfregando-os com fumo de corda; soprava as cinzas reavivando as brasas sob a trempe de ferro, luxo asiatico adquirido a preco de liquidacao numa cobranca de divida em Taquaras. Punha agua a ferver para o cafe na vasilha de lata. Novamente em paz consigo mesmo, matutava sobre a vida e seus percalcos. Nao sendo ainda facil, a prebenda ja fora mais dificil. Tinha certeza de que, se desistisse, em seguida se arrependeria: a

graca de Deus nao se destina aos homens de pouca fe. Para merece-la e converter-se num comerciante rico e respeitado, devia mostrar-se a altura do rude desafio

Rasgava com as maos potentes a jaca mole, amarela anfora de mel; com os dedos retirava os bagos suculentos, o sumo escorria-lhe pelo canto da boca. Assava na brasa o pedaco de charque -- encomendara um espeto a Castor Abduim, mestre 82

ferreiro astucioso, pulso forte na bigorna, martelo maneiro no remate. A gordura da carne-seca pingava sobre a farinha de mandioca, nao podia haver nada de melhor sabor, guloseima mais grata ao fino paladar de um grapiuna. Um naco de charque, um punhado de farinha e, para cortar o sal, bananas-prata bem maduras. Misturavam-se os sabores e os perfumes da jaca e do jaba, das bananas e da rapadura, dos caxias, das mangabas, dos umbus. Em dias de gula e de refinamento, numa ponta de galho aparado a canivete enfiava uma banana-da-terra e a tostava ate

ve-la cor de ouro, rasgada pelo calor. Para evitar que se queimasse, a envolvia numa camada de farinha, depois de descasca-la: gostosura.

A viracao chegava da correnteza do rio, as putas repousavam da jurema da noite; Ticao saia para recolher a caca e substituir as trampas. Os cabras no armazem de cacau e os trabalhadores que construam o curral para o gado do coronel Robustiano de Araujo ainda nao haviam comecado a labuta do dia. Somente o trinado dos passaros rompia o silencio de Tocaia Grande. A hora predileta de Fadul: bebido o cafe bem quente, sentava-se no batente da porta, acendia o narguile, percorria com a vista os apraziveis arredores: o vale, o rio, os montes, as arvores e o acanhado casario --

Grao-Turco repousando em seu imperio.

Dali nao arredaria pe: nem por conselho de doutor, nem por ameaca de jagunco, nem por engodo de mulher. Ainda nao nascera femea capaz de obriga-lo a desistir, de mudar o curso do destino. Quem

perde a cabeça por mulher a ponto de abandonar o uso da razão acaba na penúria, objeto de riso e de debique, avacalhado. Viesse Zezinha do Butia a frente de um cortejo de entrudo, integrado pelas damas mais galantes dos cabares de Ilheus e de Itabuna, nem assim conseguiria leva-lo a cometer um desatino. Nenhum rabo-de-saia, fosse Zezinha, mulher da vida, xodo de rua de canto, fosse a donzela Aruza, um partidao, ou Jussara Ramos Rabat, viuva rica, noivas oferecidas, uma e outra sedutoras e enganosas. São diversas e desiguais as tentações a que está sujeito um bom cristão, todas pejudadas de ilusório encanto e de real perigo. Enquanto retemperava seus propósitos, mantinha a margem do rio sob vigilância, sobretudo o trecho onde ficava o "bide das damas", nome dado por Castor, negro chegado a francesias, a

83

bacia de pedras, encachoeirada, na qual as raparigas vinham banhar-se e lavar a roupa. Quem sabe, Bernarda mostraria o ar de sua graça e nova em folha após o banho aceitará povoar de festa e faceirice o vazio da manhã?

Bernarda, obscuro enigma. Chegara a pensar outrora que ela lhe concedia preferência na sucia de enamorados de suas prendas pois deixava-se ficar horas a fio a ouvir histórias das mil-e-uma-noites, contos da carochinha, episódios da Bíblia, especialidades do turco, e na cama pelejava acendida em fogo, derretida em riso. Houve quem se referisse a existência de xodo

entre os dois. No entanto, Bernarda não aceitara juntar os trapos com os dele, deixando de ser mulher-perdida para elevar-se a

condição de amasia em recatada mancebia. Preferira continuar puta de casa e racha aberta a qualquer passante. Fadul não entendia: tão indecifrável quanto um versículo do Alcorão, abstruso livro dos infieis. Em conversa com Coroca sobre a vida e seus enredos,

perguntou-lhe de passagem se ela tinha explicação para a absurda conduta de Bernarda. Coroca esquivou-se:

-- Quem houvera de pensar! Cabeça da mulher e pouco escuro, não dá para se enxergar o fundo. Fiquei de queixo caído quando soube. Mas, se eu lhe disser, seu Fadu vai duvidar: em Itabuna conheci uma sujeita que largou o marido endinheirado, dono de loja, doido por ela, pra ir fazer a vida em casa de mulher-dama. Se chamava Valdelice, era um pancadao e gostava de ser puta. O

mundo é mais arrevesado do que a gente imagina, seu Fadu. É o que posso lhe dizer, de mais não sei.

UM BANDO DE CIGANOS ARRANCHA EM TOCAIA

GRANDE EM NOITE DE LUA CHEIA

1

Naqueles inícios do arruado, a passagem da caravana de ciganos deixou saudades apesar de todos os pesares. Por muito tempo a recordaram embora no espaço de um dia e uma noite pouca coisa de fato houvesse sucedido que valesse a pena relatar. 84

Persistiu não obstante um fascínio irresistível, um mistério a decifrar. Os ciganos apareceram no meio da tarde e acamparam no cerrado, na outra margem. Deviam ter perdido o rumo no pontilho ou o abandonaram de propósito, vá-se lá saber. Desatrelaram as carroças circundadas de panos coloridos, cobertas de couro, abarrotadas de abregueces. As mulheres cuidaram de acender o fogo enquanto os homens foram desalterar os animais, cavalos e burros, na beira do rio. Apenas Josef, o mais velho, encaracolada cabeleira branca, brincos nas orelhas, anéis nos dedos, punhal no cinto largo, colete em lugar de paletó, atravessou de imediato por cima das pedras e se dirigiu para o armazém de Fadul. A estampa de um rei, pensou Coroca ao enxergá-lo.

Vistos de longe pareciam muitos, em verdade nao chegavam a vinte, contando as crianas. Mais do que bastante, considerou o capitao Natario da Fonseca, no dia seguinte, ao deparar com aquela ciganaria acampada defronte de Tocaia Grande. O Capitao desmontou a tempo de impedir que o turco concluísse o negocio da compra do burro, mas dos sucessos da vespera soube apenas por ouvir dizer.

2

O que entao se dizia e repetia na costa e no sertao, todos sabem: cigano e outra nacao, duvidosa. Nao se confunde com a raca grapiuna nem com nenhuma conhecida, nao se mistura com sergipano ou turco, portugues ou curiboca, com outra grei seja qual for. Quem ja compareceu a casamento de cigano com gente do pais? Esta por acontecer. Nacao a parte, casta de bruxos e gatunos, os ciganos vivem de enganos e embustes, de trapacas. No lombo dos cavalos roubados, os homens assemelham-se a fidalgos, condes e baroes, duques e marqueses. Reclinadas em colchoes encardidos nas carrocas onde vivem; vestidas de andrajos floreados, largas saias de babado; recobertas de pulseiras e colares, as mulheres passariam por princesas e rainhas nao fossem a buena-dicha, a lingua de trapo e os pes descalcos. Levados pelas aparencias ha quem diga e ate escreva que os ciganos sao o resto 85

da corte real da Babilonia errante mundo afora, cumprindo sina. Fosse como fosse, convinha guardar distancia, usar de cautela no trato de negocios, esconder os bens mais preciosos. Um povo sem chao, onde ja se viu? Ninguem pode confiar.

Ate os indios, nacao mais perseguida, tem chao onde pousar, se bem pouco ja lhes restasse por aquelas bandas nas quais, outrora, muito outrora, as tribos pataxos ocupavam extensas areas, Senhores das matas e dos rios, os indios pescavam e cacavam, dancavam e guerreavam. Foram mortos em sua grande maioria, afinal nao tinham qualquer utilidade para a lavoura do cacau. Arredios, os

sobreviventes buscavam manter-se em contados redutos mas o menor pretexto era razao de sobra para liquida-los. Ainda representavam algum perigo, diminuto porem. Fazia tempo que se deixara de ouvir noticia de povoacao vitima do ataque de indios. Acontecera, sim, mas em data remota, antes de haver Tocaia Grande.

Em Tocaia Grande, ponto perdido no inexistente mapa da regio do rio das Cobras, sucediam-se as raparigas: andarilhas como os ciganos, nao esquentavam lugar; fretavam-se com os tropeiros e os passantes: havia dinheiro a ganhar e risco a correr nas noites turbulentas. O galpao erguido no descampado atraia putas, alugados e mateiros. Os alugados vinham das rocas que comecavam a ser plantadas nas clareiras abertas com o desbaste da floresta pelos mateiros: primeiro o machado e o fogo, logo seguidos pela pa e a enxada. Algumas raras quengas ali se fixavam, levantavam uma palhoca; certamente motivos serios as decidiram a viver em lugar tao de somenos.

Perseguido chao de indios, miserrimo chao de raparigas. Chao de ciganos nao existe: e o lombo dos cavalos, o estrado das carrocas, a sola dos pes. Ninguem pode confiar. Mas quem nao se encanta com um par de brincos cintilando ao sol, com uma joia verdadeira ou falsa, quem nao deseja saber a ventura que lhe reserva o dia de amanha?

3

Para que tudo fique claro ou se torne ainda mais obscuro no relato da passagem dos ciganos por Tocaia Grande, faz-se 86

necessario uma referencia mesmo breve ao passado de Guta, ja entao perfumada com o doce aroma de tabaco.

Guta, que se gabava de sabida e viajada, nunca pusera os olhos num cigano de verdade em toda a sua vida de mulher-dama. Pedro

Cigano, com quem se enxodozara apenas chegara a Itapira, procedente de Amargosa, chamego de estrada, de pouca duracao, de cigano tinha somente o apelido e o gosto da mentira; pelo sangue puxara a indio, dai a cor fosca e o cabelo liso. Enganada pelo nome, Guta se engajou como sanfoneiro mas se desvencilhou do compromisso umas tantas leguas adiante, na primeira encruzilhada: ate mais ver, seu moco, nao ha bem que sempre dure. Nao se zangue nem me leve a mal. Prosseguiu em sua busca. Nao ha bem que sempre dure, Guta aprendera no melhor da festa. A festa durara poucas luas pois So Nacinho era de lua e de veneta e dela cedo se enfastiou. So Nacinho dispunha de escolha numerosa e variada em Amargosa: no eito onde as mocas colhiam as folhas de tabaco, no varal onde as secavam, na oficina onde enrolavam charutos no suor das coxas.

Dono das terras, das plantacoes, dos rolos de fumo, dos charutos olorosos, como se a riqueza nao bastasse, So Nacinho --

Inacio Beckmann da Silva -- possuia olhos azuis, heranca de holandeses, alta estatura, riso sedutor, trato cortes -- um garanhao. Cuidadoso de seus pertences, atravessava atento entre as mocas, acontecia reparar numa delas, cabrocha desabrochando na idade certa. Os olhos azuis de So Nacinho se embacavam, mandava-a chamar ao escritorio. Enquanto o capricho perdurava nao existia macho mais ardente e enamorado, mais terno e afavel. Ate passar a lua, a veneta terminar. Igual ao subito interesse, de repente o enfado: mandava a moca de volta a rotina do trabalho: nao ha

bem que sempre dure.

Nao paga a pena demorar-se na historia dos amores de Guta e So Nacinho pois no principal nao se encontra novidade a acrescentar. Viera de atingir quatorze anos, mulher feita, a ponto para a cama, uma comichao no vao das coxas e o cheiro doce de fumo: esperava impaciente que So Nacinho reparasse nela. Nao por ser o patrao, por ser bonito. Quando recebeu o recado para procura-lo no escritorio,

Guta estava pronta e disposta, aconteceu alvoroçada. Não teve razão de queixa como não a tiveram as que a precederam. Só Nacinho sabia como tratar mulher quando a 87

queria e quando a desprezava. Bonito e falso como um cigano, assim o definiam. Se quase tudo foi repetição do acontecido com as demais, todavia Guta não aceitou o retorno a oficina para enrolar charutos no concavo das coxas, preferiu ser rapariga. Mas não permaneceu em Amargosa pois não desejava viver aflita na agonia de vê-lo passar na rua sem atentar nela. Não se zangou nem lhe quis mal, não chorou nem rogou praga, de nada adiantava. Arrumou a trouxa, informou a tia que bem ou mal lhe servira de mãe quando a mãe faltara:

-- Tia, me bote a bênção, vou embora.

-- Por que não fica por aqui mesmo, seja tola? Seu Waldemar da padaria está de olho em tu, já me fez saber. Em Amargosa, nem Waldemar da padaria nem outro qualquer: tomara enjoo do lugar. Trouxa na cabeça, rumou para CortaMão onde se instalou novinha em folha. Depois, desceu na esteira do cacau: as notícias de opulência e desperdício repetiam-se aliciantes, alvoroçando as putas. Aprendeu rápido e bastante e se considerou sabida por não se deixar dominar por nenhum homem, não viver como as outras arrenegando pelos cantos a inconstância dos xodos. Tampouco aceitou propostas para desfrutar de abastadas mancebias, escrava sob o relho de um rico coronel. Preferia vagar ao sabor das contingências em cidades, povoados, lugarejos, em malparadas caixa-pregos que nem Tocaia Grande. Livre e soberana. Não sendo mais novinha em folha, continuava a despertar a cobiça dos passantes. Ainda ardia a comichão no vão das coxas e persistia o doce aroma de tabaco. Sabida e viajada, não esquecera, porém, a figura de Só Nacinho, a boniteza, os olhos azuis de gringo, o arrebatamento e a incontinência. Tampouco os modos finos, a labia, as palavras lindas -- tudo falsidade para engabelar. E daí? Era o dono, podia tomar a força, usar como se usa um prato ou um

penico. Em vez, ele a tratara como se fosse sinhazinha de familia nobre e nao cria da casa, pertence seu, as ordens. Macho parecido, tao impetuoso e galante, nao encontrara por mais buscasse dia e noite. Teve chamegos, gemeu de gozo no peito de outros homens mas nenhum foi igual a So Nacinho, bonito e falso. Como um cigano, comparavam.

88

Quando ouviu dizer que os ciganos haviam acampado na outra margem, Guta saiu em disparada para tirar a limpo a falada parecnca. Quem sabe iria rever a face perdida, ouvir de novo enganosas palavras de carinho, reencontrar a noite de Amargosa recendendo a fumo. O primeiro cigano que ela viu foi Jose encostado no balcao de seu Fadu, a conversar. Avistou-o de longe ao cruzar em direcao ao rio, aproximou-se para julgar melhor: a nao ser na altura, em nada recordava So Nacinho. Idoso, os aneis do cabelo cobertos de poeira, trajas velhos e puidos, um pobre vagabundo. Ainda assim percebeu ou adivinhou no cigano algo alem daquelas aparencias, uma especie de altivez, de garbo, a situa-lo acima do ricaco de Amargosa. Acima de So Nacinho? Ideia mais estapafurdia. Mas ao enxergar Miguel de pe junto ao cavalo ja nada lhe pareceu estapafurdio. Nao mais se preocupou com parecnças, bonitezas, falsidades. A lembranca de So Nacinho deixou de magoa-la, desvaneceu-se naquela mesma hora em sombra fugidia, em recordacao distante.

A busca terminara, Guta podia ate morrer. Mas nao antes de deitar-se, uma vez que fosse, com o rei da Babilonia, de pe na outra margem a lhe sorrir.

4

As moedas tilintaram sobre o balcao. Josef dispunha-se a pagar as provisoes a vista, caso se fizesse absolutamente necessario para evitar duvidas e desconfianças. No desamparo daquelas brenhas nao

convinha abusar: avistara mais cruzeiros no cemitério do que casebres no arruado. Mas a hora infeliz do desembolso ainda não soara, a pendência mal havia começado. Josef tentou retomar o discurso sobre a qualidade dos animais:

-- Tenho do bom e do melhor. Cavalhada de primeira. Fadul dera a entender um vago interesse na compra de um burro mas não demonstrara pressa em discutir condições, deixando o assunto esmorecer: negócio com cigano exige astúcia. Desconversou:

-- Pensam se demorar?

89

-- Aqui? Pra fazer o que? Nem panela tem pra consertar. --

Cuspiu mostrando os dentes de ouro: -- Negociar com quem?

Salvo Vossência.

-- Vai ver como anima mais tarde com o chegar das tropas. E dos trabalhadores, atrás das raparigas. E influido.

-- Influido?

Josef estendeu o olhar em direção ao descampado, aos barracos escassos, as palhocas podres, reparou na casinhola de madeira onde viviam Coroca e Bernarda, deteve-se a observar o cabra na porta do depósito de cacau seco. Dado o balanço, concluiu:

-- É a paragem mais bonita desse rio. Merecia melhor sorte. Com o perdão de Vossência.

Arrecadou as compras e as colocou no saco de aniagem. Contou e recontou as moedas na palma da mão mas não as entregou:

-- Se Vossência quiser posso trazer os animais até aqui. Trago todos para Vossência escolher. Agora mesmo. Fadul não pusera reparo no

desusado tratamento -- Vossencia pra ca, Vossencia pra la -- apenas achou graca: sabedoria de cigano. A lisonja nao passava de lambanca do intruso para melhor trapacear. Em troca, reagiu a proposta de examinar os burros imediatamente, a aceitacao significaria um tacito compromisso:

-- Ta maluco? Trazer aqui, atravessar o rio? Tomar esse trabalho para que?

-- Vossencia falou num burro...

-- Por falar. Nem por isso carece se esquentar. Depois vou la, tem tempo de sobra.

-- Nao pretendo me demorar.

-- Vai passar a noite, nao vai?

Josef nao disse nem sim nem nao, negaceou:

-- Para ver a influencia? Sera que paga a pena? Desculpe a franqueza mas duvido.

Ofereceu outra solucao, mais facil:

-- Vossencia vem comigo e escolhe o burro de uma vez. Antes que outro compre.

Fadul manteve-se irredutivel:

-- Agora nao. Nao tarda a chegar fregues. Apareca amanha

de manha, se der pe espio os burros.

90

Nao valia a pena forcar, Josef estava acostumado aquele jogo de cautela e ardileza. Se com outros as regras nao mudavam, imagine-

se com um turco.

-- Sendo assim vou pernoitar aqui para servir Vossencia.

-- Fique se quiser. Por minha causa, nao.

O cigano empilhou os vintens na tabua do balcao, meteu a mao no bolso da calca, tirou um lenço atado nas quatro pontas, desfez os nós e esparramou junto ao monte de moedas a tentacao dourada das bijuterias. Fadul desdenhou dos berliques e berloques:

-- Fui mascate muitos anos. Ainda tenho um resto desse artigo enalhado aqui. Nao quer comprar? Faco bom preco.

-- Mascate? -- Cabisbaixo, Josef amarrou o lenço, meteu-o no bolso, repetiu: -- Mascate!

Logo se refez, porem, e num movimento rapido colocou sobre o balcao um pequeno embrulho de papel pardo: de onde o extraira sem que Fadul se desse conta?

-- Pois, entao, veja e me diga se Vossencia tem disso em seu sortimento

Desdobrou o papel deixando a mostra um relicario preso a uma corrente. O turco conteve com esforco a exclamacao que lhe veio a boca e com esforco desviou os olhos. Josef proclamou:

-- Nem em Ilheus se encontra igual.

Segurando a corrente na ponta dos dedos, elevou o relicario a altura dos olhos do comerciante: o sol faiscava nas ranhuras valorizando a joia.

-- Que me diz Vossencia?

Nao adiantou Fadul demonstrar indiferenca, Josef constatara o interesse despertado na maneira como o mascate estendeu a mao

para segurar o relicario, no cuidado com que o recolheu: joia concebida no tamanho exato para a vertente de um colo de mulher.

-- Veja que presente para Vossencia dar a sua patroa. Ouro macico. Preste atencao no acabamento.

-- Nao sou casado. Nem tenho rapariga. -- Nenhuma rapariga, nem mesmo Zezinha do Butia, valia tal regalo. Nao desmereceu a peca, nao a disse falsa nem feia. Mascate veterano, experiente no trato dos metais, Fadul sabia distinguir e avaliar. Pela corrente nao daria nada, uma pinoia. O relicario 91

porem era ouro de lei, peca de alto preco, roubada com certeza. Abriu-o para examinar o interior, sopesou-a na mao. Nao a desmereceu mas negou-lhe serventia:

-- Nao quero nem saber se e de veras ouro. Nao tenho a quem dar nem o que fazer com essa joca. Pra mim nao vale nada. Pra que me serve?

-- Pra que? Pra negociar mais adiante, ganhar dinheiro. Vossencia esta brincando, sabe que e ouro e do bom. Dependendo do preco, poderia ser um negocio de primeira: joia para vender em Itabuna ou em Ilheus por um dinheirao. Mas Fadul manteve-se nas encolhas, nao abriu o jogo. Depositou a prenda no balcao, balancou a cabeça, suspendeu os ombros dando a questao por encerrada. Nao tinha pressa.

Nem ele nem o cigano que, indiferente aos gestos negativos do turco, observava o caminho por onde um homem se aproximava, um habitante do lugar. Fadul tambem o enxergou, tratava-se do carpina Lupiscinio. Sobre o balcao sebento, entre Josef e Fadul, o osculatorio reluzia. Josef esperou que Lupiscinio entrasse e desse boas-tardes para voltar a levantar a corrente e exhibir o esplendor do relicario:

-- Peca parecida com essa Vossencia nao encontra nem em Ilheus nem na Bahia. Veio da Europa com meus avos, recebi de heranca. --

Para comprovar a afirmacao pronunciou uma frase na lingua de seu povo mas voltou a falar portugues ao dirigir-se a Lupiscinio: -- Que acha o cavalheiro?

Impressionado com a algaravia incompreensivel e com os modos do cigano, o carpinteiro, nao sendo entendedor, nao garantiu pelo ouro mas nao conteve a admiracao ante o lavor da peca:

-- Uma perfeicao, trabalho de artista. E de ouro?

Ofendido com a pergunta, Josef apontou para Fadul:

-- Pergunte a ele, se quiser mesmo saber se e de ouro ou nao. Ora essa! -- Enrolou a joia no papel pardo e a devolveu ao bolso do colete: -- Nao esta a venda.

Fadul desencostou-se do balcao, retirou da prateleira uma garrafa cheia pela metade, desarrolhou-a, mediu a talagada habitual de Lupiscinio e, antes de servir-se, ofereceu ao cigano ainda ressentido:

-- Aceita um mata-bicho?

92

Levantaram os copos, Josef degustava a cachaca devagar, nao a bebeu de um trago como os outros dois. Fadul entao perguntou, a voz neutra, despida de qualquer subentendido:

-- Nao e que eu queira comprar, nao tenho a quem dar nem a quem vender. So para saber, por curiosidade, me diga quanto esta pedindo pelo relicario. O relicario, sem a corrente. Josef esvaziou o copo lentamente, com um ruido da lingua elogiou a aguardente. Voltou a retirar do bolso do colete o embrulho e a desdobrar o papel pardo deixando a joia a mostra no balcao. Por um instante apenas, pois num gesto inesperado a colocou na mao do turco:

-- Guarde ate amanha, confira o ouro, as gramas e os quilates. Amanha, quando for escolher o burro, Vossencia devolve ou, se quiser ficar com ele, Vossencia mesmo marca o preco, quanto acha que ele vale. -- Largou a peca na mao de Fadul: -- Amanha

a gente acerta tudo, tudo junto.

Antes que o bodegueiro pudesse contestar ou reagir, Josef segurou o saco com as compras, recolheu e guardou as moedas separadas para o pagamento e atravessou a porta sem olhar para tras.

-- Nada disso! -- Gritou Fadul ao recuperar a voz: -- Venha ca! Leve seu troco. Tarde demais: o cigano ia longe enquanto Lupiscinio, abestalhado, sem entender o que estava se passando, pedia explicacoes. Fadul voltou a examinar a joia demorada e detalhadamente. Quem vende fiado a cigano e otario, minguido do juizo mas, por menos que pudesse valer, aquela peca valia muitas vezes o preco das compras feitas e nao pagas: carne-seca, feijao, acucar e uma garrafa de cachaca. Nao corria o risco de calote, se alguem tinha o que perder era o cigano. Por via das duvidas, na hora do acerto colocaria o revolver na cintura.

Coroca, que acabara de chegar, bateu palmas ao ver o relicario:

-- Coisa mais bonita! Dona Marcelina, mulher do coronel Ilidio, tinha um mas nao chegava aos pes desse. -- Dirigiu-se ao turco: -- Comprou, seu Fadul? Para dar a quem? Esta pensando em se casar?

93

5

Pedaco de ferro ressoando contra a borda do tacho, o cigano Mauricio, profusa bigodeira, bracos tatuados, lenço amarrado na cabeça, percorreu Tocaia Grande de ponta a ponta anunciando a presença dos exímios remendoes de objetos de metal, de chaleiras e panelas. Escusado pregao, oferta va: nem uma so panela a

consertar; os cacos de barro, as canecas de lata não requeriam cuidados. Maria Gina percebeu quando, dirigindo-se para o acampamento, Mauricio empalmou o sol e o recolheu no fundo do tacho. Adensaram-se as sombras do crepusculo, crepusculo de medo e encantamento.

Infatigáveis capetas, os meninos fucaram os casebres na ausência dos moradores: ninguém trancava as portas ao sair. Não havia o que roubar, nada de valor, a exceção dos instrumentos de trabalho de Lupiscínio e Bastião da Rosa, de algum pertence do velho Gerino ou dos cabras sob suas ordens no depósito de cacau. Fadul colocou o carpina de sobreaviso; quanto ao louraca Bastião da Rosa, executava uma empreitada em fazenda próxima, levava consigo os utensílios de pedreiro.

O número certo de crianças na caravana jamais se soube. Surgiam de repente, os pequeninos e os grandalhões, imundos, remelentos, atrevidos, olhos de azougue buscando o que surrupiar. Inocentes, lindos, necessitados, infelizes, as mãos estendidas, pedinchando. Mesmo não havendo o que roubar, sumiram alguns terens: um caco de espelho, uma faca sem cabo, o cachimbo de barro de Gerino, a bruxa de pano de Nita Boa Bunda, miudagens. Até a hora do crepusculo quando a tropa da Fazenda dos Macacos desembocou no descampado, conduzida por Maninho com a ajuda de Valério Cachorrao, as raparigas constituíram a única freguesia. Sempre sobrava no cos da saia um cobre de vintem, um níquel de tostão com que pagar a leitura da sorte na palma da mão ou adquirir um enfeite irresistível, par de argolas, anel de vidro. Foi mínimo, no entanto, o tráfico de bijuterias, pois na venda de seu Fadu amontoavam-se sem saída penduricalhos iguais ou mais bonitos. Contudo compraram uma ou outra bugiganga, levadas pela labia das ciganas, enfeitadas pelos olhos dos ciganos, pelos olhos fundos de Alberto. De volta do rio, Guta informara as companheiras e rivais: 94

-- Chegaram de uma vez quatro reis da Babilônia, O mais mocinho e meu, fiquem sabendo, não se metam com ele. Um crepusculo

encantado, de tangolomango. O sol pusera-se no fundo do tacho conduzido por Mauricio, Alberto desfolhava fantasias. A historia da corte real da Babilonia, quem nao a conhecia? Folhetim de entrega semanal, conto da carochinha de boca em boca, cantiga de ninar: *La se vem o rei da Babilonia*

Com sua corte real.

La se vem o rei da Babilonia

Dele vou me enamorar

Vou com ele me casar...

6

Alvorocada freguesia para a buena-dicha Uda nas linhas da mao, murmurada ao pe do ouvido na meia lingua das ciganas. As ciganas nascem com o dom de adivinhar. Mesmo certas raparigas metidas a besta, que juravam nao acreditar em tratantadas e intrujices, estendiam a mao com a moeda de vintem. Para que nao persistissem duvidas, para assegurar a confianca, as videntes comecavam pelo relato verdadeiro de fatos acontecidos no passado da fulana, falando deles como se os houvessem presenciado. Por um niquel a mais antecipavam o futuro, garantiam amasios, amigacoes ricas, fazendeiros, coroneis de alto coturno, afastavam rivais, anunciavam xodos exclusivos e eternos. Forneciam sonho e amor a retalho e a preco baixo. Na feira das pitonisas ao por-do-sol, coube a Bernarda a mais velha e maligna das ciganas, a avo, cansada de tanto repetir vagos e exatos sortilegios. Tomando da mao que a menina lhe estendia -- nao passava de uma menina -- falou da perseguicao de um velho; existe sempre um velho a perseguir meninas. Tiro e queda: com aquela simples referencia demonstrou perfeito conhecimento do que ocorrera, deixando Bernarda boquiaberta:

-- E isso mesmo. Sei quem e o velho.

Nao podia ser outro senao o pai, mas dele e daquele tempo nao queria se lembrar.

-- Quero saber e de depois, daqui pra diante. Quero e saber se ele vai gostar de mim a vida toda.

-- Seu homem?

Ergueu a vista da mao para os olhos de Bernarda, conferiu a ansiedade e a paixao.

-- Quer que ele seja so seu, nao e? Que nao va com mais nenhuma? Bote duzentos reis na mao que eu faco uma reza e nunca mais ele vai querer saber de outra.

-- Por que havia de querer que ele fosse so meu? -- Espantou-se Bernarda: -- Ele pode ter quantas quiser. Surpresa, a cigana voltou a fitar o rosto tenso da menina. O

que todas pretendiam, sem excecao, era ser a unica, primeira sem segunda; encomendavam maleficios contras as rivais, pagavam rezas e mandingas. Buscou a explicacao do absurdo na face aflita da menina, perguntou atarantada:

-- Entao, o que e que tu quer?

-- Quero saber e se ele nao vai se cansar de mim, largar de me ver. Se nunca vai se enjoar de mim.

-- Bota duzentos reis e a cigana conta tudo. -- Na avidez do niquel acrescentou para decidi-la: -- Vejo sangue e morte... Bernarda catou os dois tostoos:

-- Diga de uma vez. Ele vai me querer a vida toda?

Tamanha aflicao na fala da menina penetrou o peito da cigana, atingiu o embotado coracao: abandonando as formulas repetidas, sempre as mesmas, vaticinou unicamente o que a desinfeliz queria ouvir:

-- A vida toda.

-- Vosmice falou em morte...

-- Tu vai morrer nos bracos dele. -- Anunciou.

7

Valerio Cachorrao apontou para as carrocas no outro lado do rio:

-- Ciganos... -- Talvez porque estivesse com o pensamento nas raparigas, constatou: -- Nunca comi uma cigana. 96

-- Nem tu nem ninguem. -- Maninho encanecera tangendo burros, ganhara traquejo e autoridade, nao costumava falar a toa:

-- Cigana e de muito se exhibir para enrolar os trouxas. Mas escapole na hora de ir pra cama, deixa o fregues na mao. Com cigana nao adianta.

-- Conversa fiada, seu Maninho.

-- Tu nasceu ontem, nao sabe de nada. Tu ja topou com cigana fazendo a vida? Donde? Eu que sou de maior nunca vi cigana em casa de rapariga. Nem em Ilheus. E olhe que la tem mulher-dama do mundo todo. Valerio Cachorrao nao passava de ajudante de tropeiro mas arrotava bazofias de jagunco:

-- Pois se uma cigana se afretar comigo, passo ela nos peitos, vance vai ver.

-- Tu nao sabe o que diz. O que a gente precisa e ficar de olho nos burros, cigano nao e gente.

-- Deixe por minha conta.

Fadul prometera a Josef noite influida de tropeiros, mateiros e alugados povoando o descampado, com dinheiro para gastar. Desculpe Vossencia mas duvido, retrucara o cigano. Pelo jeito sobrava-lhe razao pois aquela foi uma das noites de menor afluencia de passantes em Tocaia Grande. Alem da tropa da Fazenda dos Macacos, conduzida por Maninho e Valerio Cachorrao, somente outro comboio, procedente da Fazenda Santa Mariana, pernoitou no arruado, trazendo uma carga de cacau seco para o deposito. O tropeiro chamava-se Dorindo, caboclo forte, de pouco falar. Dudu Tramela, o ajudante, moleque sarado de seus quinze anos, falava pelos dois, uma taramela,

A parte as duas tropas com os tres homens e o frangote, contaram-se tres mateiros e um alugado, os quatro na pista de mulher. Acrescente-se a esses oito viventes o pardo Pergentino. que chegou ao cair da noite tocando dois burros com mercadoria destinada a Fazenda da Atalaia, onde comecavam os preparativos de almocos e jantares. No cacete armado do turco -- cacete armado, como diziam os tropeiros para provocar Fadul e ouvi-lo esbravejar --, Pergentino quis saber se o comerciante podia lhe dar noticias do paradeiro do capitao Natario da Fonseca. O administrador da Atalaia marcara-lhe encontro em Tocaia Grande: 97

-- E pro mode uma encomenda que ele pediu pra mim trazer de Taquaras. Diz-que ia chegar aqui de hoje pra amanha.

-- Inda nao chegou. Se quiser, deixe a encomenda: quando o Capitao aparecer entrego a ele.

-- Vou deixar a encomenda e se vosmice me der licenca deixo a carga tambem. Nao sou doido pra largar os cacuas no tempo, na cara dos ciganos. Compras que o coronel Boaventura mandou de Ilheus. E pra festanca. -- Explicou.

O turco tirou a limpo o boato que corria:

-- Quer dizer que dessa vez o doutor vem mesmo, não é?

-- De certeza.

-- Que doutor? -- Valerio Cachorrao meteu o bedelho na conversa. Viera com Maninho matar o bicho e comprar uma lasca de carne-do-sertão para chamoscar na brasa debaixo do palheiro, comer com farinha e rapadura.

-- O filho do Coronel que é doutor advogado. Andava fora faz bem seis meses.

-- Por onde andava? Fazendo o que?

-- No Rio de Janeiro, gozando a vida.

-- E faz ele muito que bem. Ouvi dizer que valente. --

Prosseguiu Valerio Cachorrao sempre pronto para uma conversa de valentes e arruacas.

-- Teve a quem sair. -- Interveio Maninho a par dos acontecimentos: -- O coronel Boaventura nunca soube a cor do medo.

-- E que, além de um colhudo, é um pai-d'égua.

Coube ao pardo Pergentino confirmar:

-- Também nesse particular saiu ao pai.

Assomou a porta o vulto de um cigano, o braço passado na cintura de uma quenga. A quenga todos os presentes conheciam: Guta, cabrocha boa de cama, destemida e zombeteira, presunçosa. **8**

Se o tráfego de viandantes foi pequeno, imenso foi o campo de estrelas na noite de bruxedo. A lua cheia fincada sobre o rio 98

iluminou a extensao do vale de Tocaia Grande: as colinas, o descampado, o magro casario, o pouso dos tropeiros e, na margem oposta, as carrocas dos ciganos e a ronda dos burros e cavalos. Maria Gina reconhecia a estrada dos principes e das fadas: pisava no luar derramado sobre as pedras ao atravessar a correnteza a procura do cigano que recolhera o sol no fundo do tacho. Com certeza, certa e absoluta, fora ele quem desatara a lua e semeara as estrelas no infinito. Por que nao a chamara para ajudar no pastoreio? Tinha de encontra-lo, assim devia ser, estava destinado e ha muito ela o aguardava. Alguem fizera referencia a chegada da corte real da Babilonia e aos quatro reis fugidos do baralho. Arengas confusas e contraditorias, pedacos de adivinhas, uma excitacao repentina incendiando a tarde. Maria Gina com nada se espantava, habituada a ver visagens, a ouvir vozes, a tratar com assombracoes: o lobisomem, a mula-sem-cabeca, o gigante Adamastor, a senhora dona Sancha coberta de ouro e prata e o rei Salomao com o manto de estrelas.

Timida e pacata, avelhantada, vivia no seu canto, enrolada em trapos, nos labios um sorriso medroso e permanente, falando sozinha ou conversando sabe Deus com quem -- ela certamente saberia mas guardava reserva, e, quando perguntavam, punha um dedo sobre os labios em sinal de segredo e o sorriso se ampliava. Na cama, vez por outra, destrambelhava: talvez por isso mesmo apenas estranhos a escolhiam; os conhecidos somente em ultimo recurso iam com ela. Atracada ao parceiro dizia coisas ininteligiveis, desmanchava-se em pranto, ria as gargalhadas, recusava a paga. Como se, de subito, houvesse reencontrado perdido xodo. Como se o desconhecido fregues fosse pessoa sua, marido ou amasio, e ela propria fosse outra, nao a mansa Maria Gina que entrava mata adentro, e, quando todos pensavam ter-se perdido para sempre, regressava vestida de folhagens e de flores. Mansa, nao fazia mal a ninguem.

Na noite dos ciganos, caminhando sobre o tapete de luar, Marta Gina cumpria seu destino da mesma maneira que a corte real da

Babilonia. Nos labios o sorriso inteiro. De longe podia-se reconhecer quem vinha vindo: a lua se derramava nos caminhos, o negror da noite fora extinto. Não de todo, no entanto, pois vivente algum soube explicar nos limites de 99

Tocaia Grande o sumico do cigano Miguel, dos quatro trapaceiros o mais moco, e de Guta, enrabichada e atrevida. Em que esconderijo, em que escuridão haviam se metido?

O último a vê-los foi Dudu Tramela a meia distância entre o depósito de cacau e a venda de Fadul. Iam abraçados, tão fora do mundo que passaram perto dele sem notar a presença do moleque apesar da claridade.

-- Valha-me Deus! -- Murmurou o falastrão pensando no que poderia acontecer quando o casal chegasse a palhoca da rapariga onde Dorindo devia estar a espera, impaciente. Maluco por Guta, Dorindo comia fogo, vomitava enxofre.

Mas, pelo visto, os namorados não se dirigiram a palhoca e contra a perspectiva de Dudu o encontro não se deu naquela hora. Igual ao que se passou com Maria Gina, desapareceram nas dobras do luar enquanto o velho Josef tomava o rumo do descampado indo ao encontro dos tropeiros a fim de mercadejar quinquilharias e cavalos. Uma surda cantoria de sapos celebrava a lua cheia.

9

Para ler a sorte das mulheres, quanto mais idosa e bruxa a quiromante, mais acreditada. Para tomar, porém, da mão dos homens, medir com a unha a linha do destino, olhar nos olhos do freguês ao falar de paixão desesperada, a cigana deve ser jovem e atraente, promessa e tentação no ciciar da voz. Quando a velha Julia, uma harpia curvada pela idade, desembocou no rancho dos tropeiros propondo-se a lhes revelar o ontem e o amanhã, Maninho, ocupado em chauscar a carne seca, gracejou com seu segundo:

-- Cachorrao, chegou a cigana que oce tava esperando...

-- Essa, nem de graca. -- Rosnou Valerio Cachorrao. Mas entregou a mao a Malena assim a diaba apareceu na sombra de Josef, ele oferecendo animais de raca para venda e troca, para qualquer negocio, ela transando vaticinios. Apenas vaticinios? Valerio Cachorrao, traquejado, achou que Malena estava sugerindo muito mais: tinha razao para assim pensar e agir em consequencia pois outra coisa nao fizera a disgramada alem de fretar-se com o maior descaramento.

100

-- Nao quer que a cigana leia sua mao, meu bonito? -- disse ela dirigindo-se ao ajudante de tropeiro e repetiu abrindo os labios num sorriso provocante: -- Vamos, bonito!

Envaidecido, o gabola estendeu-lhe a mao depois de limpala na perna da calca:

--Ta ai.

No decote do vestido podiam-se entrever os seios de Malena quando ela se curvava. Por uma fracao de segundo Valerio Cachorrao vislumbrava dois pomos turgidos: Malena logo erguia o busto, a embromadora.

Moca, alta e bem-feita, o rosto de lua cheia, as ancas de egua, Malena tomou da mao de Valerio, apertou-lhe os dedos brutos, recolheu a moeda, percorreu com a unha a linha do destino numa cocega leve e excitante que descia da palma da mao para os quibas do tangedor de burros.

Valerio Cachorrao pouco ouviu do surrado aranzel, ocupado em avaliar com a outra mao o corpo da cigana. Mal pode sentir, porem, o volume da bunda pois a demonia, sem deixar de provoca-lo com o olhar e o sorriso, se esquivava e pedia outra moeda:

-- Bota outra, bonito, pra mim contar o resto... O resto Valerio Cachorrao queria ouvir, sentir e tocar distante dali, no negrume da mata, fora das vistas de Maninho e de Josef entretidos numa prosa descansada. Josef arrenegava do lugar: cade a influencia prometida pelo turco? Maninho ria devagar:

-- Fique mais uns dias e vai ver.

-- Nanja eu. Nao sou doido e levo pressa.

Tambem Valerio tinha pressa, ja perdera demasiado tempo e tres niqueis empalmados pela cigana. Quis toma-la pelo pulso, ela torceu o corpo, riu-lhe na cara e, gaiata, mais uma vez o provocou mostrando a lingua, revirando os olhos negros e pidoes:

-- Bota mais uma, bonito!

O bonito ficou desarmado diante de tanta galanteza. Terminou por meter a mao na capanga, buscou a moeda e a trouxe nos dedos. Nao a colocou, porem, na palma da mao como a tinhosa propunha, nao era tao bobo. Manteve-a refulgente na ponta dos dedos e, recuando no rumo da mata, desafiou:

-- Venha buscar.

101

Nao havia terminado de falar e a arrenegada, num revoltear arrojado e imprevisto, arrebatara-lhe o niquel: um giro de corpo, um passo de danca, nunca Valerio vira coisa igual, assim graciosa e perfida. Antes que ele pudesse reagir, Maleita pusera-se a correr. Quando quis persegui-la ja nao a avistou no descampado; divisou apenas Josef caminhando para o armazem de Fadul, a mal-assombrada desvanecera-se ao luar. Mas Valerio ainda ouviu, de mistura com o coaxar dos sapos, os ecos da gaitada da cigana. A voz convicta de Maninho e o riso pachorrento chegaram do fogo aceso para passar a carne-seca e quentar o cafe:

-- Oze nao quis ouvir o que lhe disse, bancou o pato. Cigana e assim: muita fita pra iludir, na hora negaceia.

-- Filha da puta! -- Ladrrou Valerio Cachorrao.

10

Talvez nada houvesse sucedido, se e que sucedeu algo digno de registro, Valerio Cachorrao nao teria levado avante indignadas ameacas, nao fosse a aparicao no descampado do tropeiro Dorindo. Vinha da venda de Fadul, espumando raiva. Somaram-se indignacao e raiva: solidarios, Cachorrao e Dorindo sentiram-se vitimas de identicos maleficios engendrados pela mesma raca excomungada dos ciganos. Tudo se completou quando o pardo Pergentino, apoiado no testemunho do alugado e dos tres mateiros, anunciou o exodo das raparigas, de todas elas: nao se encontrava uma unica nos limites do arruado para atender tropeiros e passantes, por mais que se buscasse. Uma calamidade, o fim do mundo.

Valerio Cachorrao tentava afogar em cachaca a indelevel sensacao da unha da cigana rascando-lhe os ovos. Rascara-lhe a raia da mao e nao os ovos mas a caricia alojara-se no escuro saco do ajudante de tropeiro; o calor da aguardente nao conseguia apagar a cocega leve, aquele frio na raiz dos quibas. A puta da cigana o enfeiticara, fizera dele gato e sapato para depois ganhar e mundo levando o dinheiro que Cachorrao reservara para pagar a noite da negra Flaviana na pensao de Lidia, em Itabuna. Precisava encontrar a tinhosa, estivesse ela onde estivesse, para reaver as 102

moedas preciosas e lhe ensinar que com homem macho nao se brinca nem dele se abusa. Que gosto teria o xibiu de uma cigana?

Um gole atras do outro, o arranhar da unha nas profundas dos colhoes.

As razoes de Dorindo eram diversas mas tinham de comum com as de Valerio a presenca dos ciganos em Tocaia Grande. Tambem

Dorindo pensara libertar-se da insuportável dor-decotovelo empunhando a garrafa no armazem do turco, onde soubera do encantamento, e depois na companhia dos tropeiros: a cara amarrada, a boca trancada, sem conversa. Cachorrao alardeava pragas e valentias, Dorindo remofa, calado, sua amofinação. Por ele já falara, no armazem e no galpao, exagerando as amarguras de seu principal, o ajudante Dudu Tramela que presenciara a bruxaria.

Apos ouvir em silencio, como de costume, a narrativa do moleque, Maninho discordara de um ponto da questao, a seu ver fundamental. Segundo ele, Dorindo nao tinha por que considerar-se corno, traído e humilhado. Maninho sabia da vida e de seus percalcos, pessoa de opiniao e de principios.

E publico e notorio que a delicada flor do bem-querer nao desabrocha nem resplandece se nao houver interesse e concordancia de ambas as partes, do homem e da mulher. Nao adianta um dos dois se enrabichar sozinho: se nao for correspondido, fica no alveu, roendo beira de sino, situacao penosa e deprimente, bastante triste. Acontece amiude, com o proprio Maninho acontecera: embeicado pelos cabelos vermelhos de Zulmira Fogareu, a aca lhe dera as costas, nao quis saber nem ouvir falar. Ainda por cima o outro era um nanico, um meia-porcao: parece impossivel mas foi assim. Sentir, Maninho sentiu mas nao se deu por achado, nao passou recibo nem se proclamou chifrudo. O pior nessas aflicoes e quando o desprezado se ofende e resolve do desconsolo fazer um escarceu.

Contudo, se nao topasse com Valerio Cachorrao bebendo junto ao fogo, talvez Dorindo houvesse mastigado sua raiva sem maiores tropecos. Por mais Maninho tentasse impedi-lo, Cachorrao saiu com as suas, resultou no que se viu. Arrastou consigo o pobre Dorindo, bestalhao que se arvorara em corno. Corno por que, de que maneira, se Guta jamais o quisera de xodo?

11

Logo apos entregar a carga ao velho Gerino no deposito de cacau seco, Dorindo, apressado, se tocara para o casebre de Guta: ja se dera outro chegar primeiro e contrata-la para a noite toda. Quando acontecia, Dorindo se continha a custo para nao botar a palhoca abaixo e atracar-se com o tipo que ousara precede-lo e ocupar o lugar que era seu. Seu, como e por que, interpelava Guta que nao era de tolerar bravezas de cidadao algum, muito menos de um individuo com quem nunca tirara linha nem assumira compromisso. Jamais se interessara por Dorindo; se ele sentia tanta arretacao por ela, um fanatismo, paciencia: recebia-o com cortesia como o oficio impoe, dava-se com classe, a ele e aos demais: os que iam com ela para a cama nao tinham de que se queixar, gracias a Deus. A prova e que voltavam quase sempre, pois, alem do agrado e da categoria, cativava-os o cheiro doce de tabaco e a comichao no vao das coxas.

No casebre vazio, Dorindo esperara longo tempo pelo regresso de Guta mas, tendo a demora se prolongado por demais, terminou desistindo. Quem sabe, farta de Tocaia Grande, a rapariga viajara para Taquaras, Ferradas, Macuco ou Agua Preta? Para onde se mudara, a peste ruim? Havia de descobrir-lhe o paradeiro mesmo que ela estivesse em Itabuna onde funcionavam para mais de vinte pensoes de putas.

Remoendo tais tristezas, Dorindo tomou o caminho da rua de casas, meia duzia, foi matar a sede e a desolacao no cacete armado de Fadul. La encontrou seu ajudante, Dudu Tramela, e pela boca do falastrao ficou sabendo que Guta nao abandonara Tocaia Grande coisa nenhuma, se bem fosse impossivel dizer onde estava no momento pois se encantara de repente. Ela e o cigano.

-- Assim como tou vendo vosmice, vi eles se encantar.

-- Viu o que?

-- Se encantar. -- Explicou: -- Tava olhando os dois agarradinhos, nao tirei as vistas de cima e cade eles? Se encantaram, so pode ser.

Dorindo sentiu-se ainda mais sofrido e afrontado. Encontrala ocupada com um fregues machucava mas nao dava motivo para queixa e acusacao: Guta estava ganhando a vida, tao-somente. Mas sabe-la abracada ao cigano, exibindo-se ao luar, longe do

catre e da palhoca, rindo a toa, desaparecendo atras de um pe de breu qualquer doia fundo: nao era ganha-pao, era rabicho. O

bastardo a enfeiticara, nao pode haver laia pior do que cigano. O turco, com outras preocupacoes, perguntou por perguntar:

-- E tu tava de xodo com Guta?

-- Oxente! Vosmice nao sabia? -- Quem respondeu foi Dudu Tramela. Dorindo nada disse, pagou o trago e o que restava na garrafa: tomando-a pelo gargalo dirigiu-se para o galpao onde foi recebido com a consideracao que merece um companheiro de labuta afetado pela desdita. Sabiam do caso, Tramela ja contara com detalhes. Valerio Cachorrao, no louvavel intuito de consolar Dorindo, confessou o logro de que fora vitima. Tambem a demonia da cigana se esfumacara diante dele e de Maninho.

-- Vosmice viu, nao foi, seu Maninho?

O tropeiro nao desmentiu nem confirmou, ocupado em arrancar com os dentes um naco de rapadura e de jogar na boca uma maozada de farinha.

12

Nao tardou a crescer o grupo reunido em torno do fogo e das garrafas de cachaca. O pardo Pergentino fora a Baixa dos Sapos dar a Bernarda um recado do capitao Natario da Fonseca. Nao pudera

fazer a comissao e voltara com a noticia apavorante do sumico das mulheres, de todas elas, sem excecao.

-- Sumiram todas! Ai, que sumiram! -- Anunciou abrindo os bracos para medir a extensao da desgraça: -- Todinhas!

Noticia em seguida confirmada pelo alugado e pelos tres mateiros. Trabalhavam para o coronel Osmundo Rocha no estabelecimento de uma fazenda leguas adiante; tinham vindo de longe, um estirao, em busca das faladas raparigas que desde algum tempo faziam a vida em Tocaia Grande. De raparigas nao encontraram rastro nos limites do arruado.

Os tropeiros pousavam ali a fim de folgar durante a noite em alegre companhia feminina: pouso de tropeiros e couro de 105

raparigas, sitio de cachaca e animacao. Os alugados e mateiros vinham a pe das rocas, por trilhas e atalhos, para apagar a lamparina nas palhocas e desafogar a natureza. Pelo visto, ja nao havia lamparinas a apagar, mulheres em cujo seio repousar, puta disponivel para a folganca e o desafogo. Pergentino estranhara o absurdo silencio reinante na Baixa dos Sapos de habito tao ruidosa e movimentada. Tres ou quatro penitentes, baratas tontas iguais a ele, rondavam de choca em choca constatando a arribacao das dodivanas. Aves de arribacao, diziam os letrados para assinalar a natureza andeja das mulheres da vida: haviam arribado em bando e, segundo parecia, de vez e para sempre.

Vazia a casinhola de madeira, ausentes Bernarda e Coroca, Pergentino nao conseguira transmitir o recado -- capitao Natario mandara avisar a Bernarda que no dia seguinte passaria por Tocaia Grande, o Capitao sabia se tratar --, tampouco encontrara quenga com quem atravessar a noite. Fazendo das tripas coracao, pois a necessidade obriga, andara ate a distante palhoca de Maria Gina, das putas do arruado a menos cobicada. Escafederam-se as

rameiras de Tocaia Grande, todas: nao sobrara sequer a maluqueta. Calamidade sem tamanho e sem concerto!

No galpao, enxugando a garrafa de cachaca a convite de Maninho, o pardo Pergentino, enfurecido, aos berros perguntava a Deus e ao mundo o que fora feito das raparigas. Por que se escondiam, trancavam os balaios, se nao era Quinta nem Sexta-Feira Santa? Estrupicio dos ciganos, so podia ser: gente desassuntada, nacao de hereges. Para acabar Tocaia Grande so faltava seu Fadu fechar as portas do cacete armado e ir ganhar dinheiro noutra freguesia. **13**

A frustracao do alugado e dos tres mateiros impos e precipitou a decisao tomada por Valerio Cachorrao com o aval de Dorindo e de Pergentino. Desapontados, os quatro camaradas regressavam as pas e as enxadas, aos machados e as foices, ao rude trabalho de sol a sol no desbaste da floresta, no plantio das mudas 106

de cacau. Haviam palmilhado leguas compridas na demanda de mulher. Na mata e nas rocas, as poucas que existiam tinham dono e eram guardadas a sete chaves, qualquer descuido ou afoiteza custava a vida: da descuidada ou do afoito, se nao dos dois. Tinham vindo para raparigar, nao encontraram raparigas, renegavam a pobreza do lugar.

Ao contrario de Pergentino, os mateiros e o alugado nao pretendiam femea para a noite inteira, pois deviam estar de volta antes do raiar do dia. Contentar-se-iam com uma rapida pingolada, nem isso obtiveram. Onde se metera a gabada Jacinta Coroca, velha encarquilhada mas, segundo se dizia, ainda capaz de receber e despachar os quatro; um de cada vez, esclareca-se de passagem, pois sendo mulher de brio e de vergonha nao admitia Descaracoes e Bandalheiras. Em Ilheus certas raparigas, no costume das pingas, iam com dois ou tres ao mesmo tempo, mas Jacinta, nem quando em mocinha exercera nas pensoes de luxo da cidade, se dera a tais depravacoes: nao havia dinheiro que pagasse. Apos terem emborcado umas lambadas na bodega de Fadul para compensar a

decepcao, os quatro desinfelizes, vendo o fogo aceso no descampado, pararam para um dedo de prosa e assim puderam confirmar o anuncio feito pelo pardo Pergentino da catastrophe que se abatera sobre Tocaia Grande:

-- Eles que digam se tou mentindo.

Valerio Cachorrao exaltou-se, voltou a arrotar ameacas no bafo da cachaca: vamos resgatar as putas e mostrar a esse bando de renegados que vagabundo algum pode abusar impunemente de cidadaos que ganham a vida com o suor do rosto, tocando burros, abatendo arvores, lavrando aterra. Que gosto teria o xibiu de uma cigana?

O alugado e os mateiros declinaram do convite: se nao se apressassem perderiam o dia de trabalho. Voz isolada, Maninho desaconselhou a baderna, perdeu cuspo e latim, nao lhe deram ouvidos. Valerio Cachorrao, Dorindo e Pergentino, tres colhudos, decidiram atravessar o rio e dar uma licao a corja dos ciganos, Maninho, foi com eles para o que desse e viesse. Dudu Tramela nao tomou parte na diligencia, ainda nao portava armas alem de um toco de facao. Maninho cochichou-lhe um recado para seu Fadu: avise a ele do fuzue que esta se armando. Va ligeiro antes que se de uma desgraca.

107

Andando para o rio, Maninho estranhou o silencio: os sapos haviam suspendido sua rouca cantilena. Na noite embruxada, nos caminhos do luar, sob o ceu de estrelas, onde andavam os sapos cururus? Tinham sumido, eles tambem, junto com as putas. **14**

Maninho atravessou o rio preparado para o pior: mais uma vez ia presenciar a iniqua violencia. Iniqua e inutil, sabia de sobejo, aprendera nos caminhos do cacau, tangendo comboios. No passado, perdera outro ajudante num fortuito bafafa: ao contrario de Valerio

Cachorrao, Ze da Lia era pacato, bom sujeito; o caso se deu por uma moeda de tostao.

De Valerio Cachorrao pouco temia: farofeiro e, ainda por cima, estando bebado, nao representaria perigo se nao conduzisse na cintura um pau-de-fogo, garrucha de carregar pela boca, fora de uso, capaz todavia de matar. Cachorrao a ganhara apostando no jogo de ronda ali mesmo em Tocaia Grande, meses atras, nao a largara mais. De Pergentino, Maninho sabia pouco, mas sendo homem do coronel Boaventura devia ser brioso e prudente ao mesmo tempo, na medida do capitao Natario da Fonseca. Medo lhe fazia Dorindo por calado e ofendido; o que tem de inofensivos os cornos mansos, sujeitos despreziveis mas isentos de maldade, tem de perigosos, de imprevisiveis, aqueles inconformados que se recusam a carregar os chifres reais ou imaginarios. Comem-se por dentro e quando explodem nao ha quem os contenha em sua furia. Cruzando o rio sobre as pedras escorregadias, Maninho sustinha o cambaleante Valerio Cachorrao, mas se preocupava sobretudo com Dorindo.

Desembocaram no cerrado por detras das carrocas e assim ficaram impedidos de ver o que se estava se passando. Ouviram, porem, um som de tal maneira inusitado que nem o proprio Maninho pudera classifica-lo, quanto mais os outros, O som cresceu e se elevou, melodioso: era musica, sim senhor, mas nao de harmonica, violao ou cavaquinho. Musica de igreja nao seria tampouco pois, apesar de tocante e linda, nada tinha de solene, era branda e vibrante, alegre e melancolica, tudo de vez e ao 108

mesmo tempo, e dava vontade de dançar. Maninho jamais escutara coisa tao bonita e comovente em toda a sua longa vida. Nao tinha ideia de quantos anos carregava no lombo, da idade exata, mas a carapinha comecara a embranquecer.

Os quatro homens vindos do armado, tres deles dispostos a

vingança e a punição, a recuperar bens preciosos, moedas e mulheres, a expulsar os ciganos na compulsão das armas, sustentaram a marcha quando a melodia subiu até as estrelas e se espalhou na mata. Também os animais, onças, serpentes, grilos e corujas, pararam para ouvir. Maninho compreendeu então por que os sapos de ouvido fino, haviam suspenso o canto.

Para avançar, os valentes diminuíram o passo, cautelosos; transpuseram as carroças e enxergaram a cena singular. Ali estavam, plantadas, as desaparecidas raparigas, todas as oito, umas sentadas, outras de pé. Dois dos forasteiros -- um era Mauricio, o outro era Miguel -- empunhavam instrumentos dantes nunca vistos naquelas paragens, e tocavam para a plateia de putas e ciganos. Maria Gina chorando e rindo, José brincos nas orelhas, anéis nos dedos, Bernarda próxima a avó das bruxas que lhe dissera a sina, Malena amamentando uma criança, Alberto amparando-a com o braço, todos os demais, velhos, mocos e meninos. Num silêncio de pedra, a corte real da Babilônia e a lua cheia. Quem não diminuiu o passo foi Fadul Abdala que chegava acompanhado de Dudu Tramela: o moleque queria ver para contar. O turco vinha correndo, para alcançar a tempo os baderneiros. Ao rumor dos gravetos partidos, desencostou-se de um pé de pau o vulto magro de Coroca. Encarou o grupo e, severa, colocou um dedo sobre os lábios exigindo silêncio: foi obedecida. Fadul reconheceu os violinos. Caindo de bebado, Valério Cachorrao deu um passo à frente, fez um gesto com o braço para que os outros o acompanhassem, não adiantou. Ainda tentou empunhar a garrucha, porém Maninho tomou-lhe a arma, sem maior esforço. Também Dorindo, ao perceber Guta sentada no chão, escutando embevecida, quis gritar-lhe o nome, xingar-lhe a mãe, chegou a abrir a boca mas o turco a tapou com a mão disforme. Coisas do Cao, o pardo Pergentino fez o sinal-da-cruz. E nada além disso aconteceu.

Josef veio de trás e se juntou a Mauricio e a Miguel: não 109

parecia um rei, parecia um deus da mata virgem. Acrescentou ao dulcíssimo som dos violinos o divino misterio da flauta de Pan no concerto das czardas naquela noite dos ciganos em Tocaia Grande.

DE PASSO NO ARRUADO O BACHAREL

ANDRADE JUNIOR MOSTRA-SE PESSIMISTA

A RESPEITO DO FUTURO DE TOCAIA GRANDE

1

Cumprindo o trato feito com o pardo Pergentino e o aviso mandado a Bernarda, o capitao Natario da Fonseca desmontou em Tocaia Grande pela manha e pouco depois atravessou o rio ao enxergar do outro lado o acampamento dos ciganos. A tempo de impedir que Fadul Abdala fosse enrolado por Josef e comprasse um vistoso burro cuja aparencia o encantara.

Entendido em ouro e joias, em mascataria, mas nao em muares e equinos, o turco propusera pagar pelo animal exatamente a metade do preco pedido pelo cigano no inicio da transacao. Valia a pena assistir aos tramites da barganha, admirar os circunloquios e as evasivas da porfia em que se empenhavam os dois ladinos, pendenga interminavel. Ora ruidosa gritaria de protestos e acusacoes, ora lamurienta choradeira. Proclamavam-se mutuamente vitimas da ganancia, da avaricia e da ma fe do adversario. Em meio a discussao escapavam palavras e frases em arabe e em romani --

se e que aquela recua de ciganos falava realmente romani conforme Fadul ouvira da boca sapiente de Fuad Karan quando, no cabare em Itabuna, lhe relatara o caso.

Declarando-se ludibriado, lesado em seu patrimonio, todavia Josef se dispunha a aceitar a proposta do comerciante, quando o Capitao, juntando-se a eles, pos tudo a perder. Depois de apertar a mao de Fadul e de saudar os ciganos com um aceno de cabeça --

Mauricio e Miguel, nas proximidades, guardavam os animais --, Natario quis saber:

-- Ta comprando o burro, compadre Fadul?

-- Que lhe parece, Capitao?

110

-- So vendo.

Aproximou-se do animal, passou-lhe a mao na anca, abriu-lhe a boca, examinou-lhe os dentes ante o olhar suspeito de Josef.

-- Ta querendo botar dinheiro fora, compadre? Comprando burro de muda esquecida? Maluqueceu? Ta que nem o doutor James que comprou dois de uma vez e achou que tava fazendo um negocio? -- Sorriu recordando a inocencia do estroina que resolvera dedicar-se a agricultura e plantar roca.

-- Muda esquecida? Que e isso? Nunca ouvi falar. -- Tendo reconhecido o capitao Natario da Fonseca, Josef preferiu passar por ignorante a contradize-lo: -- Nao sei de que se trata. Natario nao perdeu tempo em responder. Em compensacao, mostrando-se insultado com a tentativa do cigano de leva-lo no embrulho, Fadul fez um estardalhaco, virou fera, esbravejou. Josef nao se deu por achado: o turco sabia tanto quanto ele que vender gato por lebre faz parte do comercio de animais:

-- Se esse nao lhe serve, escolha outro.

Apos circular por entre a tropa cuidada por Mauricio e por Miguel, o Capitao, abalizado conhecedor de burros e cavalos, desaconselhou qualquer negocio. Digno de atencao, notara apenas um poldro capaz de vir a ser no futuro boa montaria: nao interessava. Para carregar mercadorias na buraqueira do atalho entre Tocaia Grande e

Taquaras, Fadul precisava, isso sim, de burro forte e sadio, sem defeitos.

-- Na feira de Taquaras o compadre encontra um burro em condicoes. E mais seguro. -- Sugeriu Natario.

Nao opinou no entanto na discussao sobre o relicario cujo preco havia sido acertado antes da pendencia, de joias nao entendia. Josef tentou desfazer o ajuste, voltar atras:

-- Sem o burro, o preco e outro...

-- O que? Outro? Como, se ja estava combinado?

-- Sem o burro... Vossencia...

-- Vossencia e a puta que pariu... -- agora, sim, Fadul estava furioso:

-- O que e que tem um negocio a ver com o outro?

Pago o combinado, nem um vintem a mais.

Levava a vantagem de estar de posse da joia. Retirou do bolso da calca um rolo de notas velhas, emendadas, passou cuspo nos dedos, comecou a separa-las.

111

-- Nao quero mais vender. -- Declarou Josef.

-- Tarde demais, eu ja comprei. -- Fadul estendeu a quantia acordada, acabara de conta-la.

Josef, a mao pousada no cabo do punhal, considerou em silencio a situacao; Mauricio e Miguel aproximaram-se, postando se a seu lado. Estivesse o arabe sozinho, apesar do tamanho, da carantonha e do revolver na cintura, teriam tentado amedronta-lo e resolver o assunto a bruta. Mesmo os ciganos porem conheciam o nome e os feitos do capitao Natario da Fonseca. Josef terminou por receber as

notas e, insolente, as recontou; tambem ele tinha seu orgulho a afirmar. Virou as costas sem dizer palavra mas o Capitao nao o deixou partir:

-- E o rebenque, nao quer vender?

Chicote curioso, diferente, obra de mestre: pendia do punho do cigano. Taca de crina trancada, presa por aneis -- de prata ou de metal? Incrustacoes embutidas no cabo trabalhado -- de osso ou de marfim? Josef voltou-se lentamente:

-- Ja perdi muito dinheiro hoje, nao quero perder mais.

-- Diga logo quanto quer pelo chicote, se for em conta e meu.

Prata e marfim, metal e osso, novamente o cigano e o arabe se empenharam com visivel prazer na especulacao e na pechincha. O Capitao interrompeu a altercacao e sem mais aquela comprou o rebenque por um preco que Fadul considerou caro. Quase a seguir, as carrocas dos ciganos se movimentaram, puseram-se a caminho no rumo do pontilhao.

2

-- E o que e que o compadre vai fazer com isso? Vender?

Dar de presente? -- desejou saber o capitao Natario da Fonseca admirando o relicario pousado nas dobras do papel pardo que Fadul abrira em cima do balcao. O bodegueiro riu seu grosso riso satisfeito enquanto servia a aguardente de uma garrafa reservada:

-- Custou um bocado de dinheiro, mas vale muito mais. Isso eu conheco. Onde o filho da mae ia me passar para tras, me levar 112

no beico, era no preço do burro, não fosse vosmice. Foi Deus quem lhe mandou, Capitão.

Pela porta olhou para a outra margem, as carroças já haviam desaparecido na distância:

-- Bem que a Bíblia diz: quem com ferro fere com ferro será

ferido. Tá tudo escrito na Bíblia, Capitão. O cigano quis roubar, saiu roubado.

-- Vale tanto assim?

-- Posso vender por muito mais do que paguei, em Ilheus ou em Itabuna. E só oferecer no cabaré, não há de faltar um coronel que queira comprar. -- Balançou a cabecorra: -- Dar de presente? Não tenho noiva nem mulher e mesmo que tivesse não sou milionário para dar um presente desse preço. Foi um bom negócio. O Capitão é que pagou demais pelo chicote, se precipitou. Se fizesse corpo mole, o cigano deixava mais barato.

-- Possa ser, mas me falta paciência pra negociar. Comprei pra dar de presente, compadre, e ainda por cima a um varão.

-- Já sei. Comprou pra oferecer ao doutorzinho, não foi?

Chamar de doutorzinho tamanho homem podia até parecer brincadeira de mau gosto, desrespeito, mas Natário o conhecera menino e Fadul o vira rapazola. A notícia do regresso de Venturinha, após prolongadas férias no Rio de Janeiro, dominava as conversas nos bares de Itabuna e de Ilheus, nas estações da Estrada de Ferro, em Água Preta, Sequeiro de Espinho e Taquaras, nos povoados e lugarejos, nas casas-grandes das fazendas.

-- Venturinha vai ter de penar de cá pra lá, de lá pra cá, engolindo poeira, comendo lama: o Coronel está querendo que, além de advogar, ele se ocupe com a Atalaia. Já comprou um burro de sela e

uma egua campolino, ate ajudei a escolher. Duas montarias de primeira, so quem vai andar nelas e Venturinha. -- Os olhos miudos se iluminaram: -- O Coronel e doido pelo filho, tu nem imagina, compadre.

-- Tem razao. E filho unico e agora e doutor. Que pai nao haveria de gostar? -- Igualmente seus olhos se iluminaram: --

Quando eu tiver filhos, tambem vao ser doutor. Mas nao quero advogado: um vai ser medico, o outro vai ser padre.

-- E padre e doutor, compadre?

113

-- E nao havia de ser? E ainda mais que os outros, Capitaio, e doutor de Deus, tem ate coroa na cabeca.

Cheio de lembrancas, o fio de um sorriso assomou na boca de Natario:

-- Dizer que carreguei ele no cangote... -- vibrou uma chicotada no ar: -- Ele vai gostar dessa taca, e bonita e maneira. Rebenque impar, digno de um bacharel janota, filho de pai milionario, de coronel do cacau que falava grosso na politica, ditava leis na justica, dava ordens nos cartorios. Para pleitear questoes de terra nao haveria em toda a zona grapiuna advogado que pudesse competir com ele, fazer-lhe frente: Venturinha tinha de um tudo e ainda mais.

Natario conhecia o gosto do rapaz, as preferencias, os repentis. Vira-o crescer e muito lhe ensinara, livrara-o de varias enrascadas, sobretudo em casas de mulheres da vida e nos cabares e se dera ao luxo de repreende-lo quando, adolescente e academico, o filhinho de papai passava da conta. Por mais de uma vez teve de conte-lo: fraco para bebida, Venturinha perdia a cabeca facilmente. Ao ve-lo formado, doutor advogado, Natario, igual ao Coronel, dele se orgulhava:

-- Pra caxixe nao vai ter outro igual.

-- Agora mesmo e que o Coronel vai mandar e desmandar. Inda bem que o Capitaó e gente deles e eu sou compadre de vosmice.

Emborcaram os copos saudando a volta do doutor Andrade Junior -- assim se (ia no diploma da Faculdade de Direito: bacharel Boaventura da Costa Andrade Junior. Finalmente o coronel Boaventura Andrade ia poder levar avante os ambiciosos planos politicos tracados por occasiao da formatura do filho em dezembro do ano anterior. Estavam nos fins de maio, seis meses eram passados.

3

Na Rua do Comercio, em Itabuna, a porta da escada de um sobrado, propriedade do Coronel, ostentava desde dezembro uma placa reluzente onde se lia: Dr. Boaventura da Costa Andrade Filho, advogado. Andrade Filho como constava da certidao de 114

batismo: Junior era invencao de gringo e o fazendeiro abominava estrangeirices. A parte terrea do sobrado servia como deposito de cacau seco, ali os tropeiros da Fazenda da Atalaia arriavam as cargas num continuo movimento de homens e animais. Apesar de residir em Ilheus, o Coronel fora de opiniao que Venturinha devia montar escritorio em Itabuna, municipio novo e progressista em cujo territorio se situavam as propriedades rurais que um dia seriam suas -- o que nao o impediria de advogar em toda a regioáo. Em maio, finalmente, o jovem causidico chegava para assumir, segundo parecia, o escritorio e as responsabilidades que o esperavam, muitas e trabalhosas. A formatura de Venturinha fora acontecimento cantado em prosa e verso: os meses se haviam passado mas as comemoracoes do ostentoso evento ainda eram recordadas. Os festejos, comeca-dos na Capital, prolongaram-se em Ilheus e em Itabuna, findaram na fazenda.

No dia magno da formatura, pela manha, o Arcebispo da Bahia, primaz do Brasil, celebrara missa cantada na Catedral Basilica e no

verboso sermão conclamou os formandos a "defesa intransigente do direito e da justiça, missão sagrada daqueles que adotavam a meritória carreira da advocacia". No silêncio da Catedral, o Coronel resmungara ao escutar as palavras de Sua Reverendíssima: bonitas porém falsas, sem sentido. Os bachareis não passavam de uns trapalhões, metidos a sebo, úteis sem dúvida, indispensáveis exatamente para coonestar as violações do direito e da justiça. Caríssimos, ademais. Agora o Coronel tinha um em casa, ao seu dispor. A solenidade da diplomação efetuou-se a noite no salão nobre da Faculdade, sob a presidência do Governador do Estado. Envoltos na beca negra, de borla e capelo, os novos bachareis prestaram juramento e receberam das mãos de Sua Excelência os canudos com os diplomas. Dona Ernestina não parou de chorar e o Coronel Boaventura Andrade, couro e alma curtidos em tantas peripecias fungou escondendo uma lágrima no punho do paletó. Terno novo, azul-escuro, de casemira inglesa.

No dia seguinte, um domingo, realizou-se o baile oferecido pelos recém-formados aos seus familiares e a sociedade baiana no Clube Carnavalesco Cruz Vermelha. Senhoras e senhoritas ostentando luxuosas toaletes, os homens de branco a rigor nos en115

gomados duques de linho aga-jota. O Coronel e dona Ernestina compareceram, enfarpelados da cabeça aos pés. Ela, com as banhas opressas pelas barbatanas do espartilho; ele, estrangido no colarinho duro, nos sapatos de verniz: ainda assim não cabiam em si de contentes. Gastaram champanha frances e conhaque Macieira confraternizando com os Medauar e os Sa Barreto, familiares dos outros dois rapazes grapiunas que se formaram na mesma turma: as rocas de cacau começavam a produzir doutores. Ao baile seguiu-se pela madrugada monumental esbornia no castelo de Madame Henriette cuja origem marsehesa a pronuncia, a pericia e o estipendio atestavam. Farra oferecida por Venturinha a alguns colegas, os mais intimos: o Coronel afrouxara generosamente os cordeis da bolsa. Madame Henriette não tinha rival na organizacao de uma patuscada de categoria, de une feerie como ela propria

proclamava. Castelo discreto, rendez-vous aristocratico, madamas chiques, recrutadas a peso de ouro entre mancebas e manteudas de senhores de alto coturno: fidalgos do Reconcavo, atacadistas da Cidade Baixa, comerciantes da Cidade Alta, desembargadores, altas patentes militares, politicos poderosos -- o clero e a nobreza. Recatadas e opiparas, cada qual mais desejavel, a comecar pela galante patroa do puteiro, francesa e loira. Interesseira, financista, la sage Henriette dividia o tempo de trabalho entre tres clientes de truz, apatacados e perdularios; romantica, la folle Henriette reservava inteiro o tempo de lazer ao jovem e lindo Jorge Medauar que, por casualidade, naquele mesmo dia se formara, junto com Venturinha, amigo e confidente, companheiro de republica; Medauar era o poeta da turma, aplaudido e requestado, ai-jesus das mocas e das raparigas. Compunha versos e os publicava nos jornais; as donzelas recitavam nas festas familiares o "Soneto do Luar dos Teus Cabelos", dedicado a uma anonima "H., drolatica e adusta flor do mar mediterraneo". A fulva cabeleira de Henriette --

campo de trigo enluarado, primavera aurifulgente nas rimas do soneto -- desatada e luminosa, comandava a festa, festa dela tambem, como se ve. Nao podendo assim a castela fazer par com o anfitriao e nos seus bracos desmaiar, com ele prevaricou a ruiva Rebeca, a dos pentelhos cor de vinho, sol disant exclusiva do Capitao dos Portos. Soi-disant exclusivas, todas elas, sem excecao.
116

Missa e baile, diplomacao e regalorio, alegrias preteritas mas sempre presentes na memoria do coronel Boaventura Andrade que as recordava com justo orgulho e certa melancolia. Ajoelhara-se durante a missa cantada, divertira-se com os embustes do sermao, comovera-se na cerimonia de formatura, espairecera no baile apesar do colarinho de ponta-virada e dos sapatos de verniz. Da farra soubera e a aprovara quando nos bracos morenos de Domingas Beija-flor -- soi-disant exclusiva de Monsenhor da Silva, prior da Se, poco de virtudes, santo varao -- no setimo dia descansou de festas, solenidades, emocoos. **4**

Apesar da conhecida ma vontade para com as tricas dos bachareis, chicanas mais temiveis do que os bacamartes e os clavinotes, o coronel Boaventura Andrade, naquele dezembro da formatura do filho, nao procurava ocultar a satisfacao. Um filho doutor, ainda raridade nas terras grapiunas, alem de comprazer o coracao dos pais, motivo de orgulho e consideracao, significava o proximo remate de projetos longamente concebidos. Os estudos custavam caro, os precos dos livros de Direito e das raparigas de estalo andavam pelas portas da morte -- haja cacau! Nao era brincadeira sustentar os gastos de um academico, mante-lo na Capital com a largueza que se impunha a um rebento do coronel Boaventura Andrade -- a fama da fortuna do fazendeiro ressoava na Bahia: plantacoes ilimitadas, milhares de arrobas de cacau a cada safra, as ruas de casas de aluguel em Ilheus e em Itabuna e o dinheiro a juros.

Ainda assim pagava a pena: o titulo de doutor valia tanto quanto uma boa fazenda, chave para abrir as portas da politica e proporcionar um casamento afortunado. Com o filho doutor ali a

mao, o Coronel nao mais precisaria utilizar os servicos de outros bachareis para cuidar-lhe os interesses nos foruns e cartorios, tampouco depender de terceiros a quem eleger para cargos de confianca, a quem delegar comandos. Ficava a salvo de aleives e falsidades, de surpresas: assunto mais traicoeiro do que a politica so mesmo a justica. Por isso andam sempre juntos, de maos dadas.

117

Venturinha, porem, tinha outros planos para os meses a seguir. Depois de tantos anos de estudo, provas escritas, exames orais, queimando as pestanas em cima dos tratados, reclamava merecidas ferias. Nao as habituais ferias estudantis de fim de ano em Ilheus e Itabuna, recrutando raparigas de terceira nos cabares, e, sim, ferias de doutor recém-formado, no Rio de Janeiro. Conhecera a Capital da Republica mal e porcamente --

são os termos adequados -- durante a excursão de uma embaixada de estudantes, escassos quinze dias, quando cursava o terceiro ano. Pretendia dessa vez demorar-se os meses de janeiro e fevereiro, seguindo antes do ano-novo, voltando após o carnaval. Quem tanto se aplicara nos estudos -- apenas uma segunda época em todo o curso -- fizera-se credor de recompensa a altura: o Rio de Janeiro com a carteira recheada. O Coronel ouviu e concordou: afinal, dois meses a mais, dois meses a menos não representavam grande coisa. Nos planos delineados, maior do que a urgência, era a vontade do Coronel de ver o filho brilhando a frente do escritório, defendendo causas, discursando no júri, cuidando da fazenda, intervindo na política, candidato a deputado estadual ou a Intendente de Itabuna.

5

Antes da hora do almoço, o capitão Natário da Fonseca montou na mula em frente a casinhola de madeira, disse até breve a Bernarda e a Coroca, acenou de longe para Fadul e partiu a receber na estação de Taquaras o bacharel Andrade Junior de volta a seus penates. O rapaz vinha em companhia de dona Ernestina que o acolhera em Ilheus. De propósito, para não demonstrar o alvoroço que o consumia, o Coronel ficara à espera na Atalaia. Mas Natário testemunhara a emoção do fazendeiro quando abriu e leu o telegrama mandado por Venturinha -- reenviado de Taquaras por um próprio -- anunciando o desembarque e marcando data para chegar à fazenda: o tempo do Coronel tomar as providências para receber condignamente o filho doutor que por fim se decidira a retornar do Rio de Janeiro; prometera voltar logo após o carnaval, estavam as vésperas do São João. A 118

alegria refletira-se no rosto largo do Coronel que chegara a ficar sem fala, lendo e relendo a mensagem telegráfica. Por fim, rindo pela boca e pelos olhos, por toda a cara, dera a notícia:

-- Ele está vindo, já chegou a Ilheus. Nosso doutor, Natário.

Ia o Capitao pensando nessas coisas quando percebeu na estrada mais adiante um vulto de mulher. Cantava uma cantiga que ele escutara nos tempos de menino, em Propria. Ouvira-a na voz das aguadeiras nas margens do rio Sao Francisco: *La se vem o rei da Babilonia*

Dele vou me enamorar

Vou com ele me casar.. .

Pequena trouxa na cabeça, na mao um ramo de folhas e de flores do mato, murchas, na boca um sorriso jubiloso, Maria Gina, os pes descalcos, vagava no caminho.

-- Onde tu vai, Maria Gina? -- Perguntou o Capitao.

-- Por ai, seu Capitao. -- Nao era de revelar os seus busilis, guardava-os para si mas Natario a ajudara certa vez e ela nao esquecera: -- Ele ta me esperando, saiu na frente porque tinha de tirar o sol do tacho e por no ceu pro dia amanhecer,

-- E quem e ele, se mal pergunto?

Maria Gina gostava de conversar com o Capitao por ser ele tao considerado, delicado como nao havia outro nessas bandas da vida: a vida tinha duas bandas diferentes, ela vivia numa e noutra e facilmente as confundia.

-- Primeiro ele pegou o sol e guardou no tacho, bem no fundo. Depois, com o outro rei, tocou a musica da lua. -- Sorrindo, prometeu: -- Quando eu souber o nome dele, deixe estar que digo a vosmice. Mas so a vosmice.

O sol la estava em brasa marcando a hora, se o trem de ferro nao se atrasasse, dai a pouco Venturinha desembarcaria em Taquaras. Sera que ele ainda se recorda de Maria Gina?

Natario a conhecia da Fazenda Atalaia, menina ja destrambelhada, o olhar vago, sorrindo sem por que, mostrando as partes. Venturinha experimentara mulher fazia pouco, vivia arretado, nao podia ver rabo-de-saia.

119

-- Se lembra de Venturinha, Maria Gina?

A rapariga suspendeu a marcha, ficou parada no caminho segurando os galhos, fez um esforco; a memoria vinha de longe, da outra banda, embrulhada, confusa de sonhos e visoes:

-- Quem, seu Capitao? -- Do Capitao, sim, ela se lembrava: quando o lobisomem comecara a espanca-la, etc se intrometeu, tomou as dores da indefesa, partiu o lobisomem em tres pedacos e o malvado nunca mais voltou a maltrata-la. -- Nao se lembro nao.

-- Venturinha, o filho do Coronel, la da Atalaia. Faz um tempao.

-- Do filho nao se lembro nao. So se lembro do Coronel, ele gostava de deitar mais eu, era bondoso.

Havia quem nao quisesse andar com ela por ser lesa. Com medo de castigo do ceu, pois essas criaturas pancadas sao da estimacao de Deus, quem delas abusa pode pagar caro, aqui na terra, ou depois quem sabe onde. Venturinha nao acreditava em agouros, derrubava Maria Gina debaixo da barcaca no cheiro do cacau posto a secar. Do Coronel, Natario nunca soubera nem desconfiara.

-- O coronel Boaventura?

-- Tinha o peito cabeludo, bom de passar a mao. Recomecou a marcha lenta, os olhos outra vez perdidos, os labios abertos no sorriso de jubilo: ia a procura do rei da Babilonia, dono do sol. Meteu no cos da saia as moedas que o Capitao lhe pos na mao.

O capitão Natário da Fonseca esporeou a mula, ganhou distância. Se o trem de ferro cumprisse o horário, Venturinha não tardaria a desembarcar. Doutor formado. Será que ainda se recorda de Maria Gina?

6

Nem em dezembro, tampouco em maio: os planos do Coronel viram-se adiados novamente. Até quando? A pergunta ficara no ar, Venturinha não fixara data: o curso de especialização não tinha prazo certo para terminar. Prolongar-se-ia por alguns meses, cinco ou seis, quantos, exatamente, não sabia: no máximo 120

até dezembro. Mas como deixar escapar uma oportunidade daquelas? Não aparece todo dia e as poucas vagas tinham sido disputadas por candidatos de todo o país e até do estrangeiro. Ficasse o Coronel sabendo que entre os pretendentes encontravam-se argentinos. Argentinos, sim senhor. Ele, Venturinha, obtivera inscrição devido às boas relações que estabelecera com ilustres professores durante essa curta estada no Rio de Janeiro. Curta? Cinco meses, o Coronel contava nos dedos: janeiro, fevereiro, março, abril e maio. O Coronel tomara conhecimento das intenções de Venturinha através de longa epístola recheada de considerandos e de arrazoados, na qual o rapaz dava conta aos pais da resolução de prolongar os estudos, participando de importante curso sobre o Direito de Propriedade da Terra, necessário a quem quisesse advogar com sucesso na região; ser-lhe-ia de grande proveito. Tropecando na linguagem sibilina em que a carta fora vazada, linguagem de bacharel, o Coronel, imerso em dúvidas, ordenou ao filho que viesse a Ilheus explicar-se melhor pois não pretendia nem achava possível decidir tal assunto por correspondência. A seu ver, tendo completado o curso da Faculdade de Direito, ostentando o rubi no dedo anular, emoldurados e postos na parede da sala de visitas o diploma e o quadro de formatura, Venturinha estava apto a iniciar a carreira e a palmilhar o caminho trilhado: advogar, casar com moça de família rica -- tão rica pelo menos quanto a dele --,

fazer politica, assumir as responsabilidades e os postos que lhe competiam. Para isso o Coronel trabalhara como um mouro, lutara de armas na mao, derramara sangue, correra perigo de vida. Nao via necessidade de novos cursos, nao ja

se formara e recebera o canudo de doutor?

Colocado contra a parede, Venturinha nao teve jeito senao suspender a temporada carioca e vir argumentar de viva voz:

-- Interrompi o curso, estou perdendo aulas! -- Lamentava-se. Enternecida, dona Ernestina erguia-se em apoio ao filho. Em geral nao ousava discutir os planos do marido quando deles tomava conhecimento, o que acontecia raramente. Mas, naquela ocasiao, saiu de sua habitual pacatez para reclamar, com inesperada energia, a compreensao e o indispensavel financiamento do 121

Coronel para que o seu menino pudesse empanturrar-se de conhecimentos. O que o menino queria era estudar, pretensao louvavel, como impedi-lo?

-- Curso ditado por mestres consagrados, os maiores especialistas. -- Perorava Venturinha parado no meio da sala, os bracos erguidos para o alto.

O Coronel via-o na tribuna do juri, a voz redonda, a resposta pronta, o dedo em riste, seu filho doutor. Ouviu em silencio os argumentos do rapaz, a bobageira da mulher: analfabeta de pai e mae, mal sabendo assinar o nome, que diabo entendia Ernestina de cursos e curriculos? Por fim, aperreado, a contragosto, o Coronel terminara por ceder e concordar. Pesara em sua decisao o parecer do doutor Hernani Tavares, juiz do civel em Ilheus, que, a par da carta de Venturinha, louvara-lhe a ideia de inscrever-se num curso sobre Direito de Propriedade da Terra, novidade em materia de estudos juridicos, utilissimo sobretudo em regio de tantos conflitos pela posse da terra, de medonhos caxixes. Fora sensivel igualmente ao gosto pelo estudo demonstrado pelo filho na conversa que comecara

no cair da tarde, depois que os convidados para o almoco se despediram, e se prolongara noite adentro. Não bastava, disse Venturinha na pausa do jantar, possuir canudo e anel com rubi, queria realmente sentir-se preparado para exercer como devido a advocacia e a politica. Buscava alcançar o saber dos mestres, pretendia ser um deles. No balanço de debates não se deve esquecer os argentinos, vindos de tão longe para acompanhar curso ditado no Brasil: também eles pesaram na sentença final do Coronel. Coagido mas não zangado. Triste por ver o filho ausentar-se novamente:

-- Até o fim do ano, vá lá. No ano-novo quero que esteja aqui, estou ficando velho e cansado.

O Curso Livre sobre Direito de Propriedade da Terra, aberto a quantos bachareis dele quisessem participar, destinava-se sobretudo a fornecer créditos aqueles que pretendiam fazer concurso para cargos públicos nos Ministerios da Agricultura e da Justiça, para a magistratura. Venturinha dele soubera por acaso, correria a se inscrever mas raramente o frequentava. Quanto a advogados argentinos, em verdade nem um único viera beneficiar-se com as luzes dos eminentes mestres brasileiros.

122

Por vias indiretas, beneficiava-se do Curso Livre a argentina Adela La Porteita, na intimidade Adelita Chucha de Oro, "procedente dos teatros de Buenos Aires, onde colhia aplausos e ovacoes", para assassinar tangos nos cabares do Rio de Janeiro: cobrava preço de cantora e não de puta. Estrangeira e artista, para o moco grapiuna te-la em propriedade privada era o máximo, a gloria excelsa. Ademais, doida por ele, perdidamente apaixonada:

"por vos yo me rompo toda!"

7

Dos transcendentos estudos de Venturinha, o arabe Fadul Abdala veio a saber pelo proprio quando, dias depois, o viajante deteve-se em Tocaia Grande acompanhado pelo capitao Natario da Fonseca e por dois cabras armados. Devendo passar em Itabuna para atender a exigencia do Coronel -- passe por la, receba os amigos no escritorio, avise que no fim do ano estara de volta trazendo mais um canudo, doutor em terras --, nao podia chegar como um rabula em busca de causas, pobre-diabo sem escolta. Tratava-se do doutor Andrade Junior, filho do coronel Boaventura Andrade, chefe politico do municipio, senhor de baraco e de cutelo. Nao podia fazer por menos: o Capitao, os dois jaguncos, a egua campolino e o rebenque. Natario convencera-o a tomar pelo atalho quando lhe falou do relicario. No ocio da Atalaia, Venturinha, roido de saudades, impando de bazofia, confidenciara ao Capitao os amores argentinos, no velho habito de gabar-se de conquistas: o mameluco sempre fora ouvinte atento e interessado. Dessa vez nao contava a respeito de uma qualquer, fosse comborca corneando com ele o generoso protetor em quarto de castelo, fosse moca de familia, sonsa e sagaz, tomando nas coxas, tocando-lhe bronha na porta do quintal. Referia-se a sublime Adela, rainha dos palcos do Rio de La Plata, "la patetica interprete deI tango arrabalero". Um sonho de mulher, grande e branca, branca como leite, corpo escultural: parada era uma estatua, na cama um terremoto. A boceta cor-de-rosa -- ah a boceta de Adelita, Natario, nao lhe digo nada!

Queixara-se por nao haver encontrado em Ilheus prenda dig-123

na de La Portena: um anel, um colar, uma pulseira, um diamante. Correra o comercio, inutilmente: apenas fantasias de latao. la ficar mal perante a diva, pois prometera trazer-lhe uma joia bonita da Bahia. O Capitao lembrou-se do relicario comprado ao cigano pelo turco: quem sabe resolveria o problema?

Venturinha apeou-se justo ao mourao, ao lado da venda de Fadul. O arabe correu acodado, dobrou-se numa curvatura prazenteira, contente com a inesperada presenca do filho mimado do Coronel.

-- Soube da chegada do doutor pelo Capitao. Quer dizer que agora vai ficar com a gente por aqui...

-- Nao vim ainda para ficar, Fadul, os estudos me prendem no Rio de Janeiro por algum tempo.

Nao ja havia terminado a Faculdade, se formado? O espanto do comerciante, mesmo contido, nao escapou a Venturinha que lhe deu a merce de uma explicacao. Com o que se preparava para responder as inevitaveis e capciosas perguntas dos colegas e conhecidos em Itabuna:

-- Estudos de especializacao: direito de propriedade. Mais um titulo para juntar ao de doutor.

-- Doutor duas vezes! -- Concluiu Natario.

Esclarecimento incompleto, mesmo assim Fadul bateu palmas com as maozonas, festejando:

-- Para comemorar, o que lhe sirvo? De bom, aqui, so mesmo cachaca. Tem um conhaque mas nao recomendo. Venturinha correu os olhos pelo sortimento de bebidas, pingas variadas puras ou compostas com folhas, frutas e madeiras: numa das garrafas, o corpo enroscado de uma cobra-coral. Mata-bichos baratos para alugados e tropeiros. Mas Fadul buscou no escondido da prateleira uma garrafa quase cheia; retirou a rolha, limpou o gargalo, balancou a cabecorra, satisfeito:

-- Uma especialidade. Tiquira feita pelo negro Nicodemos em Ferradas. -- Expunha a garrafa a claridade da manha: a aguardente de mandioca tinha reflexos azulados: -- Reservada para quem merece, O Capitao pode lhe dizer alguma coisa.

-- De primeira. -- Confirmou Natario: -- Forte como todos os demonios.

-- Tambem pra isso tenho remedio... -- Riu o turco e saiu porta afora.

124

Nos fundos da casa crescia um cajueiro carregado de frutos maduros, amarelos e vermelhos. Fadul colheu uns quatro ou cinco:

-- Depois de beber, chupe um caju e o efeito passa.

-- Nao preciso disso... --, Venturinha quase se ofendeu e engoliu de um trago a tiquira que o vendeiro acabara de servir.

-- Cade aquela peca que o compadre comprou na mao do cigano? O doutor quer ver. -- Tendo emborcado o copo, Natario chupava o caju, o sumo escorria-lhe pelos cantos da boca.

-- Vou buscar.

Venturinha serviu-se novamente: cachaca de mandioca era outra coisa, nao tinha cheiro e sabia bem, queimava o peito. Quando Fadul expos a joia no balcao, em cima de um lenco, Natario deu-lhe a garrafa a guardar:

-- Antes que a gente acabe com ela. Pra Itabuna falta um pedaco de caminho e essa tiquira e uma porretada na cabeça. Enquanto vances conversa e negocia, vou fazer uma visita. Nao queria ser mediador na compra e venda da joia e sabia que Bernarda o esperava, impaciente. Bernarda, a cada dia mais bonita.

8

Por preco de amigo, pouco mais do dobro do que pagara a Josef, Fadul cedeu o relicario a Venturinha. Em ilheus, num bar do porto, em Itabuna, no cabare, conseguiria oferta bem melhor. Mas, como explicou, o doutor muito lhe merecia. Deixara ao proprio Venturinha,

que se jactara de entender de joias, fixar o preço, repetindo manobra do cigano:

-- Seu preço é o meu, doutor. Pague o que quiser. Venturinha reclamou mais um trago de tiquira enquanto contava as notas novas, estalantes:

-- E o Capitão, por onde anda? Levou a eua com ele.

-- Na casa de Bernarda, só pode ser.

Sairam andando, passaram em frente aos barracos do arruado; Bastião da Rosa, na porta do casebre onde morava, levantou o chapéu:

-- Deus lhe de bom dia, seu doutor.

125

Atravessaram o descampado: sob o galpão fumegavam brasas nas cinzas dos fogos acesos na véspera a noite. Passarinhos vinham bicar os restos de comida dos tropeiros. Alcancaram a Baixa dos Sapos. As mulheres nas portas das chocas, seminuas, olhavam curiosas, quem não ouvira falar em Venturinha, o filho do Coronel que estudara para doutor? Guta avançou em direção a eles:

-- Não me conhece, mais, Venturinha?

Venturinha abanou a cabeça, não reconhecia a ousada, tantas comera nessas brenhas.

-- E Guta. -- Esclareceu o turco.

A rapariga aproximou-se postando-se em frente ao visitante:

-- Vance gostava de meu cheiro, não se arrecorda?

Doce cheiro de tabaco, se lembrou. E tendo se lembrado meteu a mao no bolso e entregou a Guta uma pelega de cinco mil-reis, uma fortuna. Com tres doses de tiquira subindo do bucho para a cabeça, o doutorzinho -- tamanho homem! -- sentia-se leve e magnanimo, Todos ali eram servos seus. Quanto a Adela, recendia a sandalo. Apalpou o relicario no bolso do paletto de montaria. Antes de entrega-lo, colocaria no interior um retrato seu para que ela o levasse no colo alvo, no decote dos seios: ah, os uberes seios de Adelita!

Na porta da casinhola de madeira, recuperou a egua campolino. Recusou o cafe oferecido por Coroca mas, bonachao, gracejou com a rapariga:

-- Tu ainda esta viva, Coroca? E ainda fornicando, velha desgracada?
-- Todos ali eram servos seus.

Coroca nao era serva de ninguem e fornicando so podia significar coisa ruim. A velha deu o troco:

-- Tu agora fala lingua de doutor que a gente nao entende. Dantes tu era um menino, vinha deitar na minha cama. Quem foi que lhe ensinou o que tu sabe de mulher, nao foi essa velha desgracada?

Mais cinco mil-reis desperdicados. Com ela aprendera a gozar junto com a parceira, a demorar-se na folganca: as que tivera antes de Coroca despachavam-no num abrir e fechar de olhos. Coisas passadas.

-- Adeus, Coroca.

De cima da sela de couro fino e peitoral de prata, em egua 126

altaneira, correndo o olhar pelo arruado, habitacoes e moradores, o bacharel Andrade Junior estendeu a mao ao arabe Fadul Abdala em despedida:

-- Não sei o que é que você está fazendo nesta tapera imunda. Se quer ganhar dinheiro por que não abandona esse buraco e não vai para Itabuna? -- Todos ali eram servos seus. --

Se quiser ir, conte comigo. Isso aqui não tem futuro, nunca passara de um chiqueiro. O capitão Natário da Fonseca nem sequer o ouviu externar esses conceitos: enfiava as calças, calcava as botas. Na cama, nua, Bernarda lhe sorria.

9

Da pessimista previsão do bacharel, o Capitão soube vários dias depois quando passou de novo por Tocaia Grande. Venturinha partira para o Rio de Janeiro onde o aguardavam o Curso Livre, o saber dos mestres, as fastidiosas preleções e Adela La Portena, Adelita Chucha de Oro, o saber das putas, as noites de tango e de pagode.

Bebericando um gole de tiquira, Natário se referiu a estada do jovem doutor em Itabuna onde fora muito festejado:

-- Até parece que tinha chegado o Deus-Menino.

Apesar da discricão que lhe era habitual, sabendo ser Fadul amigo de Fuad Karan, narrou divertido episódio acontecido no cabaré durante a noite animadíssima. Quando Venturinha repetiu pela centésima vez que regressava ao Rio para concluir douto curso especializado em propriedade da terra, Fuad Karan clamou aos céus:

-- Pra que? Meu Deus, pra que? De propriedade de terras quem mais sabe e entende do que o Coronel, seu pai e meu amigo? As leis que aqui regem esse direito não foi por acaso ele quem as ditou? Tu não me enganas, Venturinha, esta tua história tem enredo de mulher. Conta de uma vez.

Sem desmerecer a magnitude do Curso Livre, Andrade Junior, bacharel e dandi, recém-chegado da Metrópole, falou com

conhecimento e entusiasmo da boemia carioca e exaltou o mulhero, cosmopolita e requintado. No cabare de Itabuna, entre 127

rudes coroneis e avidos doutores, cintilou por uns instantes a estrela dos palcos de Buenos Aires, a Deusa da Ribalta, a Argentina Adela. Quanto ao futuro de Tocaia Grande, a opiniao do bacharel nao causou especie ao Capitao:

-- Va por mim, compadre, que vai mais certo. Venturinha pode entender de mulheres e de leis, coisas com que gastou dinheiro. Mas de lavoura de cacau e desse mundareu, nao sabe nada. -- Ele, Natario, sabia de certeza: -- Pode acreditar no que lhe digo, compadre: Tocaia Grande ainda ha de ser uma cidade. **EM NOITES REPETIDAS, NOS ERMOS DE**

TOCAIA GRANDE, FADUL ABDALA DEFLORA

A DONZELA ARUZA

1

Sim, sao diversas e desiguais como ja se disse antes e aqui se comprova, as tentacoes do diabo a que esta sujeito um bom cidadao do rito maronita, ainda mais sendo ele infimo comerciante posto e esquecido por Deus nos cafundos-de-judas: um chiqueiro, como definira Venturinha. Comerciante? Melhor dito, reles bodegueiro.

Acordado ou dormindo, na ambicao de enriquecer depressa, Fadul Abdala sofreu tentacoes de toda especie nos desolados tempos das vacas magras. Elucubracoes a luz do candeeiro sobre negocios, ganancias, lucros, dinheiro a rodo, movelaria, loja de tecidos. No amplo e solitario leito do turco, em Tocaia Grande, o cabaco da noiva proposta e as quenturas da viuva oferecida, belas as duas, fogosas ambas, somaram-se a dissoluta nudez das mulheres da vida, comandadas por Zezinha do Butia. A ilheense Aruza, filha de Jamil Skaf, o de A Preferida Moveis e Colchoes de Luxo, normalista de herdeira, timida noiva, casta virgem: alem da virgindade, o dote.

Nem tao timida nem tao casta, as aparencias enganam com frequencia e nao ha dote que compense os perdidos tres vintens.

Jussara, viuva recente e apetitosa, nem por sobejo de 128

defunto, desprezivel. O falecido Khalil Rabat, deixara-lhe em heranca a Casa Oriental na Rua do Comercio em Itabuna e uma rara colecao de chifres a ser doada na noite de nupcias a quem o substituísse com papel passado no talamo conjugal e no balcao da loja.

Na ansia da donzela, no arrebatamento da viuva, como por antecipacao, onde ja se viu? Quem tapa buraco e ajudante de pedreiro.

Jamil Skaf, pai devotado, e Jussara Ramos Rabat, viuva alegre, possuiam ideias proprias e precisas a respeito de marido e matrimonio, coincidentes no que se refere a vocacao e a capacidade comercial dos arabes. Viram assim em Fadul o candidato ideal, o melhor de todos, e, ajudados pelo Demonio da Ambicao, um dos piores, com breve diferenca de tempo, estiveram a pique de conduzi-lo ao padre e ao juiz, pouco faltou numa e noutra circunstancia. Em Ilheus, Fadul escapou ileso dos meandros da virgindade, o bacharel se antecipara. Em Itabuna, descobriu ainda a tempo que Satanas habita o corpo das viuvias: para apagar a fogueira acesa nao basta um libanes agigantado, servido por borduna celebrada nos raparigais da regioao. De que maneira Jussara, senhora abastada, figura de escol, obtivera preciosos detalhes sobre a eficiencia de Fadul Abdala a

frente de qualquer especie de comercio assim como sobre o tamanho e a rizeja da borduna, saber-se-a ou nao no momento propicio, mas desde logo se pode adiantar ter cabido a Zezinha do Butia destacado papel nesses embelecocos. Nas artimanhas e nos embustes da vida, entre Aruza, rebento de pais ricos, com seu uniforme azul e branco de estudante no colegio das ursulinas em Ilheus, e Jussara, forca da natureza toda em negro vestida, da

cabeça aos pés, em luto rigoroso, dona de sortida loja no centro de Itabuna, eis que Zezinha do Butia, rabicho de canto de rua, mulher perdida, rebotalho, foi de valia e confiança. **2**

De passagem por Ilheus onde viera completar o estoque, efetuar pagamentos e ver o mar, Fadul Abdala foi convidado a 129

jantar, em companhia de Alvaro Faria, na casa de Jamil Skaf, patricio montado na vida, proprietario de A Preferida, prospero negocio de moveis e colchoes. Fadul surpreendeu-se com o convite, feito no Bar Chic, nas imediacoes do porto, pois conhecendo Jamil ha varios anos nao mantinha com ele relacoes de intimidade. Viam-se uma vez na vida outra na morte em bares, no cabare, em pensoes de raparigas, trocavam apertos de mao, amabilidades: nada alem disso. No bar, bebericando o aperitivo, fazendo hora para o almoco no Tacho de Bibi, no Pontal, moqueca de pitu regada a cerveja, Fadul gozava momentos de profunda elevacao espiritual escutando Alvaro Faria, homem de muito saber e pouco trabalhar. Igual a Alvaro Faria para uma tertulia, uma boa prosa, unicamente Fuad Karan, um em Ilheus, outro em Itabuna, cada qual mais ilustrado e espirituoso, dois luminares.

Come-se e bebe-se muito bem em casa de Jamil -- sussurrou-lhe Alvaro -- e a filha e deslumbrante. Baixinho e bigodudo, agitado, falando pelos cotovelos, o patricio, tendo feito o convite, acrescentou que apos o jantar poderiam ir a pensao de Tilde, recém-inaugurada no Unhao com luxo de francesas. **3**

Apesar dos convidados serem apenas eles dois, Alvaro e Fadul, o jantar teve aspecto de banquete, tal a variedade de pratos arabes e brasileiros e a categoria das sobremesas. Fadul se fartou. Ao elogiar a fina qualidade do quibe e o sublime sabor do araife, pastel de amendoa com calda de mel, seu doce predileto, soube que fora a filha unica dos donos da casa, a professoranda Aruza, quem preparara o jantar: cozinheira emerita, de forno e fogao. Ajudada, e claro, por inumeravel batalhao de criadas. Durante o jantar, Aruza

manteve-se acanhada, sem assunto, respondendo com monossilabos se lhe dirigiam a palavra. Nem sequer sorria quando os demais riam as bandeiras despregadas com as facecias e os ditos de Alvaro Faria. Antes de se sentarem a

mesa, Fadul ouvira da boca de Jamil o elogio das prendas da filha da qual muito se orgulhava:

130

-- Em dezembro se forma em professora, toca piano, recita poesia de cabeça. Muito instruída, não poupei dinheiro. Silenciou como se calculasse quanto gastara com a educação da herdeira mas logo prosseguiu enumerando virtudes:

-- Devota e trabalhadora, obediente.

Não tendo se referido a beleza, Fadul levou um choque quando a viu entrar na sala. Jamil fez as apresentações:

-- Essa é minha filha Aruza, amigo Fadul.

Fadul estendeu a mão enorme, sorriu com cortesia. Alvaro Faria tinha razão: Aruza era realmente deslumbrante. Cabelos cacheados, boca carnosa, olhos rasgados, cintura fina, seios fartos na blusa branca, ancas fortes na saia azul. Pouco sensível a corpos franzidos e esguios, a talhes delicados, Fadul viu-se diante da personificação de seu conceito de beleza. Felizardo quem com ela se casasse. Jamil completou a apresentação:

-- Esse é meu amigo Fadul Abdala de quem lhe falei. Aruza concedeu-lhe apenas uma rápida mirada, a voz quase inaudível:

-- Prazer.

Linda demais, não haveria em Ilheus moça mais bonita. Fadul buscou na cabeça termo justo para defini-la, foi encontra-lo no

Alcorao: begume. Begume, princesa muculmana. 4

Terminada a janta, apos arrotar com satisfacao, Jamil convidou os comensais a tomar o cafezinho na sala de visitas, aberta para a ocasio. Para la se dirigiram.

-- Onde vai, Aruza?

Aruza se esgueirava corredor afora. Parou e respondeu sem olhar para o pai:

-- Vou ate a casa de Belinha, volto daqui a pouco.

-- Nao vai nao senhora. Temos convidados, seu lugar e aqui. Aruza arrepiou caminho, veio sentar-se. Recolhidas as xicaras do cafe, Jamil ordenou a filha:

-- Abra o piano e toque umas musicas para os amigos ouvirem. 131

Resignada, a moca obedeceu. Comecou com "La Prima Carezza". Alvaro Faria bateu palmas, ar de extase, em verdade estava empanzinado. Seguiram-se "Sobre as Ondas" e "Pour Elise". Aruza quis dar o concerto por concluido mas Jamil exigiu:

-- E a minha? Nao vai tocar?

Assumi o piano novamente, atacou a "Marcha Turca", foi geral o entusiasmo. Ao terminar, enquanto Fadul e Alvaro aplaudiam, a moca levantou-se, dirigiu-se ao pai:

-- Posso ir agora?

Obstinada, refletiu Fadul sentindo a tensao crescer na sala. A voz de Jamil deixou transparecer uma ponta de colera apesar do sorriso sob os bigodes:

-- Nem agora nem depois. Sente ai e converse com Fadul. A seguir envolveu-se em acalorada controversia com Alvaro Faria sobre a

politica local. Aruza e Fadul trocaram algumas palavras, ele tentou interessa-la na Biblia e no Alcorao, sem obter sucesso. Ela nao fazia sequer semblante de ouvi-lo, mordida os labios: estudante posta de castigo ou assustada donzela, ameaçada em seus sonhos e projetos?

O olhar preocupado, dona Jordana, a mae, abria-se em sorrisos para o convidado; nao deixou que o silencio perdurasse e Jamil o percebesse. Encontrou tema ao gosto de Fadul, os doces arabes: descreveu receitas, discutiu detalhes de mel e gergelim. Nao era apenas gorda, era rolica, mas no rosto ainda conservava vestigios de beleza. Ha vinte anos passados, quando seu pai Chafik lhe impusera Jamil em casamento e obediente ela aceitara, nao havia em Ilheus begume mais sedutora. Aruza saira a ela na formosura mas herdara do pai a firmeza e a teimosia. La fora, na rua, alguem assoviava com insistencia trecho vivaz da "Marcha Turca"

5

No caminho para a pensao de Tilde, a cata das francesas, falsas porem supimpas, o non-plus-ultra em materia de refinamento, segundo Alvaro Faria, Jamil Skaf suspendeu o passo e, tomando do braco de Fadul, nervoso, quis saber o que ele achara de Aruza.

132

-- Uma beleza, uma begume. Sem falar na educacao. Entao, de chofre, o patricio perguntou:

-- Quer casar com ela?

Prosseguiu, a voz atropelada, quase ofegante:

-- A Preferida vai de vento em popa, vou abrir uma filial em Itabuna e botei roca de cacau no Rio do Braco. Aruza e filha unica. --
Repetiu: -- Quer casar com ela?

Indagacao tao intempestiva, deixou Fadul atarantado a ponto de nao prestar a devida atencao ao protocolo da francesa que lhe coube. Mas depois, no quarto do hotelzinho de Mamede, deu-se conta que Jamil Skaf decidira escolher noivo para Aruza. Que Jamil escolhesse noivo para a filha e o impusesse, tratava-se de procedimento habitual, correto e justo, digno de aplausos. Pai extremoso, preocupado com a felicidade e o futuro de Aruza, assim agia para lhe assegurar lar abençoado, vida tranquila, continuo bem-estar. A boa tradicao, provada e comprovada, incontestada, mandava que os pais, responsaveis pela sorte das filhas, elegessem entre os varoes do reino ainda solteiros o melhor de todos para lhe propor alianca e dote. Uns poucos se descuidavam do dever paterno deixando as donzelas suspirosas, levianas, imaturas, escolha e decisao em assunto de tal monta. De tais desleixos resultavam casamentos infelizes: esposas em pranto, lares desfeitos, herancas malbaratadas, fortunas dilapidadas! Jamil Skaf, com empenho e diligencia, buscando o melhor no reino do cacau, foi localizar Fadul Abdala nos confins do mundo. Fadul ficou de pensar, na proxima vinda a Ilheus responderia. Desde logo, porem, agradeceu a honra e a confianca. **6**

Na manha seguinte, ao dirigir-se para a estacao onde tomaria o trem, Fadul Abdala, por acaso ou de proposito, percorreu inesperado itinerario que o levou a passar ao sope da Ladeira da Conquista. No alto da Conquista, o Colegio Nossa Senhora da Piedade, das freiras ursulinas, formava professoras primarias, fornecendo titulo e diploma a todas as mocas ricas de Ilheus e da regio cacaeira que ali estudavam em regime de internato ou de 133

externato. De manha e de tarde as externas subiam e desciam a ladeira em estouvado alvoroco juvenil. Embaixo, circulavam pretendentes, indoceis gabirus. Ao ve-lo segurando a mala, o ar inconfundivel de mascate, a mao no chapau para cumprimenta-la, Aruza deixou escapar um pequeno grito -- podia ser de desespero ou de alvoroco -- e o apontou a colega que nao era outra senao Beinha, vizinha e confidente. Vinham falando sobre ele. Fadul prosseguiu no caminho da estacao, levando nos olhos a visao da

moca vestida com o uniforme azul e branco. Na hora do recreio, no recanto favorito sob as mangueiras, Aruza lavou-se em pranto. Beinha não via jeito a dar mas Auta Rosa, aluna interna, segundanista trefega e disposta, apresentou imediatamente solução para o problema da pobre apaixonada, capaz de resgata-la do perigo de casar-se com o noivo escolhido pelo pai. Belinha o vira de pé na ladeira, confirmava: enorme tabareu mal-ajainbrado, um tabacudo, o oposto do mimoso bacharel por quem Aruza suspirava e que suspirava por Aruza. Dar o mau passo, solução radical, se bem aprazível, e sobretudo urgente, só mesmo Auta Rosa a propor com tamanha franqueza. Exigia disposição e coragem: teriam de enfrentar a família e a sociedade. Auta Rosa, no dizer de madre Ana de Jesus, que lhe confiscara correspondência clandestina, era o Cao em figura de gente. Trancada a sete chaves atrás dos altos muros do colegio, conseguia não apenas cartear-se com o namorado, o fatidico plumitivo Jose Julio Calasans, mas com ele certamente se encontrava as escondidas. Não fosse assim como poderia o redator e tipografo da "Gazeta Grapiuna", nas cartas que lhe escrevia e enviava por Belinha, fazer referencias tao expressas, apaixonadas e impudicas a detalhes da anatomia da normalista, habitual e recatadamente ocultos sob a farda azul e branca? Ao ler as ardentes missivas, madre Ana de Jesus pecara duplamente: por te-las lido e por te-las restituído ao esconderijo embaixo do colchao, sem leva-las ao conhecimento da Madre Superiora: tinha uma fraqueza pela aluna, estabánada e leviana mas dona de um coração de ouro. Madre Ana de Jesus, antes de tomar o habito, também fora moca e namorara.

Arteira e convincente, Auta Rosa comandava. Aruza ouvia os diabolicos conselhos, fascinada. 134

7

Na solidao de Tocaia Grande, Fadul Abdala descabacou Aruza Skaf em incontaveis ensejos, com brandura ou violencia, paciente ou sofrego, no sonho e na vigilia. Sozinho na cama ou cobrindo

rapariga do lugar, Fadul a teve, insaciavel. Durou cerca de dois meses, periodo transcorrido entre a chegada em Ilheus com a mosca azul zunindo na cabeça e os encantos da normalista nos olhos, no peito, na estrovenga, e a noticia dada pelo coronel Robustiano de Araujo. Certas noites ele a teve e a deflorou tres e quatro vezes em seguida. Temendo assusta-la ou ofende-la, Fadul esforcava-se para ser delicado e prudente nos contactos iniciais, ao desvesti-la do uniforme azul e branco. Caricias timoratas, beijos furtivos nos ombros, no cangote, tato cauteloso insinuando-se na descoberta de tesouros resguardados: um prazer dos deuses. Pouco a pouco a donzela se rendia, o pudor se transmudava em desejo, Aruza consentia nos avancos de Fadul, deixava-se despir. O corpo nu estendido sobre o magro colchao de capim seco, coberta de chitao, fedor de percevejos, no abandono de Tocaia Grande, Aruza se entregava. Seios fartos, bons de pegar e apertar com as maos, bunda poderosa, ancas de egua e o bocetame. Tudo de conformidade com o gosto e a gula do Grao-Turco. Finalmente Deus se havia compadecido dele.

Modificavam-se as posicoes -- experimentou todas -- variavam o tempo, o local e o ritmo da metida, a xoxota de Aruza jamais se repetia. Na hora crucial, Fadul ouvia o grito, indispensavel como o sangue: grito e sangue de Siroca. Por um instante, curto porem atroz, Aruza era a pequena Siroca se rendendo indefesa nos cafundos do cacau a forca e a labia do mascate. Colhia e voltava a colher o intacto cabaco, a desfolhar a cobicada flor da virgem. Cabaco vario e multiplo, a flor de Aruza, mantendo-se sempre bela, apertada e quente, variava ao sabor da fantasia. Foi farta de pelos ou quase nao os teve, tenue penugem. Abriu-se refohuda rosa, ofertando-se. Escondeu-se nas coxas trancadas, recatado botao. O grelo se alteava arrogante ou receoso se encobria.

Foi a xoxota de Bernarda, a de Dalila, a da pequena 135

Cotinha, a da imensa Maneta Quinze Arrobas, a xoxota de chupeta de Coroca, tantas e tantas outras, puras e ilibadas. Foi o inviolado

xibiu de Zezinha do Butia, um abismo. Somente o grito não se modificou, permaneceu o lamento fatal, de dor e perda, da moleca Siroca.

Fadul Abdala amanhecia de olheiras fundas de tanto desfrutar. Aconteceu-lhe começar a despir a virgem, a chama-la aos peitos durante o sono, e terminar de possuí-la acordado, os olhos abertos. Em Tocaia Grande, no prazo de mais de dois meses, o cabaco de Aruza Skaf foi também a disforme e bruta mão do turco.

8

Nem sempre os sonhos se resumiam a prazer e gozo, ao desfrute de um cabaco. Três personagens perturbaram as núpcias infrenes a que o árabe se entregou noites a fio, devasso e voraz, insaciável garanhão. Conforme se sabe, Aruza ao ser penetrada reproduzia o grito de Siroca e era da cafuza o sangue que Fadul sentia lambuzar os dedos. O caso sucedera em seus inícios de mascate: para que Siroca consentisse, esbanjara prendas, prometera mundos e fundos e mesmo assim teve de usar das mãos para abrir-lhe as pernas. Tempos, passados, veio a saber que, em consequência de uma tentativa de aborto, Siroca morreria em Macuco, onde fora fazer a vida. Coisas que acontecem.

Certas noites, na hora exata em que Fadul ia recolher os tampos da noiva, Zezinha do Butia, impudica e debochativa, surgia na cama sem ser chamada, Pensas que vais tracar honra de donzela, escorritos três vinténs, turco burro e ignorante, bestalhão? Apontava com o dedo e ele via o buraco aberto, o rombo feito: por ali passara antes, com certeza, um bacharel de meia pataca, bom de bico, assoviando a "Marcha Turca". Em lugar da impoluta virgindade, um par de chifres.

Por que motivo Jamil Skaf propunha-lhe de graça a mão da filha única, a filha de A Preferida em Itabuna, sociedade na movelaria, a fortuna imediata e fácil? Havia de ter motivo grave e 136

qual poderia ser? Zezinha do Butia ria-lhe na cara: vais cobrir com teu corpanzil e tua ambicao a vergonha da filha do patricio, turco cabeça de bagre, idiota e mercenario. Por dinheiro es capaz de tudo ou pensas que eu nao sei?

Certa feita, quando desesperado tentava expulsar Zezinha do Butia ao romper da aurora, acordou a tempo de reconhecer na difusa luz da alba a verde cobra-espada bela e mortal deslizando aos pes da cama. Apos mata-la, ficou a cismar e a refletir: Zezinha do Butia viera para lhe salvar a vida. Somente a vida? Ou para impedi-lo de se meter num beco sem saida, de se encontrar, quando menos esperasse, carregando o andor de Sao Cornelio nas procissoes de Ilheus? Tarde demais para se arrepender e dar o fora.

Tambem o Senhor Deus dos maronitas surgia cavalgando trovoadas, mostrava-se ao clario do raio em noites de borrasca para cobrar-lhe o trato feito. Cruzando a inata por atalhos invios, trouxera Fadul Abdala pela mao ate o lugar onde cumprir o seu destino: ganhar dinheiro honesto com trabalho e suor, enriquecer sem necessidade de se tomar socio menor, pau-mandado de ricaco, marido de mulher falada. A verde cobra-espada. A canseira da noite, a alvorada dos tropeiros, a solidao. Ficar aqui, Senhor, labutando, purgando minhas penas? Em Ilheus me esperam mesa farta, cama macia, vida facil e a formosa das formosas, cabaco de begume, de princesa muculmana.

Nuvem imensa cobrindo o ceu, o Senhor Deus dos maronitas se desmanchava em nuvens e em chuva na fimbria da manha, deixando o libanes a digerir sozinho virgens e incertezas. **9**

Quando, depois de muito matutar, de pesar o pro e o contra, Fadul decidira retornar a ilheus para levar avante o projeto de matrimonio proposto por Jamil Skaf, aconteceu o coronel Robustiano de Araujo passar por Tocaia Grande, a caminho da Fazenda Santa Mariana. Apos demorar-se com o velho Gerino, chefe dos cabras que

guardavam o deposito de cacau seco, parou a montaria em frente a bodega de Fadul. Vinha de Ilheus e tra137

zia-lhe um recado do amigo Alvaro Faria, aquele descansado boavida que, nos bares, nas salas de jogo, no cabare, comentava, com a vivacidade que lhe era habitual, a cronica da cidade. Pedira-lhe para nao se esquecer de repetir ao arabe Fadul detalhes da festa de casamento da Filha de Jamil Skaf.

Quem, Aruza? Mas se dois meses antes nao era sequer noiva, como se casara assim tao de repente? O coronel Robustiano de Araujo colocou as duas maos diante da barriga, em expressivo gesto.

Prenha? Se nao estava, deveria estar, segundo as mas-linguas cochichavam. Aruza e o doutor Epitacio Nascimento, bacharel sem causas, haviam enfrentado as lagrimas de dona Jordana e a furia de Jamil e tinham confessado o mau passo, fruto de amor desesperado. O moco advogado desembarcara havia pouco tempo de um navio da Bahiana, disposto a fazer carreira rapida e a fizera. De nada adiantando lamurias e recriminacoes, Jamil Skaf, homem pratico, apressara o casamento para que a filha pudesse ostentar no altar grinalda e veu, flores virginiais de laranjeira. Se demorasse, a barriga poderia despontar, pois, repetiu rindo o Coronel, para isso haviam feito o necessario. Dama de honra, juntamente com Belinha, Auta Rosa, radiante, recolheu o buque atirado pela noiva. Fadul ouviu, nao comentou, Deixou para praguejar quando a montaria do Coronel sumiu na estrada: cass-am-abuk-charmuta!

Nunca mais sonhou com Aruza, nao tornou a lhe tirar os tampos. Zezinha do Butia voltou a reinar absoluta no leito enorme, durante as noites solitarias de Tocaia Grande. **JUSSARA RAMOS RABAT, VIUVA E HERDEIRA DE**

KALIL RABAT, VAI A TOCAIA GRANDE

Fadul Abdala conheceu Jussara Ramos Rabat, viuva e herdeira de Kalil Rabat, na feira de Taquaras ao negociar a compra de dois burros necessarios ao transporte de mercadorias 138

ate Tocaia Grande e para lhe servir de montaria. Tendo escolhido os animais a dedo, examinando-lhes os dentes e as patas, conforme lhe recomendara o capitao Natario da Fonseca, dedicou-se ao prazer da barganha na discussao do preco com Manuel da Lapa apontando defeitos imaginarios, pondo em duvida qualidades evidentes.

-- Tenha do de mim, seu Fadu, pelo menos arredonde a conta.

-- Nem um vintem a mais.

Jussara era o que o povo chamava um pancadao, femea de encher a vista de qualquer filho de Deus: cabocla cor de cobre, refulgindo ao sol. Ao ve-la andar em sua direcao por entre eguas e jumentos, vindo parar diante dele, a mira-lo com insistencia, Fadul perturbou-se e a transacao esteve a pique de ir por agua abaixo; ficou abobalhado, se vontade e sem acao. Dando-se conta do perigo, Manuel da Lapa resolveu aceitar o preco proposto para nao terminar no ora-veja.

-- Estou falando com Fadul Abdala? -- comecou ela por perguntar e logo riu um riso arisco e afoito, um som de guizos. Os olhos alumiam em contraste com a voz morna e dolente morrendo entre as palavras como se Jussara fosse desmaiar: enlanguesciente e enlevada, o dengue em pessoa na feira de Taquaras. Quem nao a conhecia, ao encontra-la e ouvi-la pela primeira vez, sentia-se de imediato disposto a protege-la, a defende-la contra trampas, trapacas, traicoes. Fadul nao a conhecia, nunca a vira antes. Com esforco o turco conseguiu retirar o chapau para saudala, deferente e cortes. Percorreu-a em seguida dissimuladamente de cima a baixo, da cabeça aos pes, tentando adivinha-la sob os panos que a cobriam. Jussara proclamava viuvez aos quatro ventos, em cambiantes de tons negros na saia de montar, na blusa de seda, no

xale a lhe envolver os cabelos, resguardando-os da poeira. Vestia-se de luto carregado mas na brasa dos olhos e no carmim dos labios nao se enxergava sombra de lagrimas, resquicio de saudade. Se carpira o morto em algum momento, ja nao o pranteava: ressumando vida, respirava langor e prazer, transluzia ao sol da feira em promessa e convite. Na mao, um rebenque com cabo de prata; na boca carnuda, semi-aberta, os dentes alvos e perfeitos, dentes de morder.

139

-- Ouvi falar muito a seu respeito. -- Nao disse de quem ouvira nem o que lhe falaram como se a afirmacao ocultasse algum segredo: -- Meu nome e Jussara. Conheceu Kalil Rabat, dono da Casa Oriental?

Fixando a vista, Fadul descobriu sob o xale de ramagens uma rosa cor de sangue posta atras da orelha e a descoberta o alvorocou. De onde ela viera, essa cabocla? Das profundas da mata onde pelejavam curibocas ou de um acampamento andejo de ciganos? Quantos sangues se haviam misturado para resultar nesse misterio, para atingir esse fascinio?

-- Conheci. Mais de vista que de trato. Soube que morreu.

-- Sou a viuva dele. Nao entendo de balcao de loja. Pobre de mim.

Estendeu o rebenque, tocou o peito do gigante, ao mesmo tempo insolente e rendida:

-- Quando passar por Itabuna venha me ver. Vou lhe mostrar a loja. Estou buscando quem me ajude: ninguem leva a serio unta viuva cuidando de negocios. Pobre de mim. Virou-lhe as costas, andou para onde um pajem a esperava segurando o cavalo pampa pela redea. Antes de alcancar a montaria, Jussara arrancou o xale da cabeça num gesto repentino. Deixou que os cabelos negros -- mais negros do que a saia de montar, a blusa de seda, as rendas e os babados -- escorressem desnastros pelas costas: batiam na cintura.

Fadul engoliu em seco, parvo a espiar. Ajudada pelo pajem, Jussara pos o pe no estribo, montou, acomodou-se no selim. Voltou a cabeça para o turco, acenou adeus. Um minuto apos ja nao estava. Manuel da Lapa estendeu a mao cobrando o preco dos dois burros, comentou:

-- Uma realeza de mulher, um desproposito, seu Fadu. Montado num dos burros, tangendo o outro, Fadul rumou para Tocaia Grande: pobre, ai de mim! Proscrito, relegado ao cu-do-mundo. **2**

Nos quinze dias que se seguiram ao encontro na feira de Taquaras, Jussara Ramos Rabat, viuva e herdeira, perturbou as 140



horas vagas de Fadul Abdala. Que intencoes ocultavam gestos e palavras, a insistencia dos olhares, o langor da voz?

Sob a blusa de lacarotes e adornos, fechada no pescoco como determinam a modestia e o pejo, debaixo da saia de montaria ampla e longa, o turco ainda assim adivinhava alentadas mamas, seios

tumidos -- bons de apalpar com as mãos como apreciava--, o requebro e a grandeza dos quadris, a planície do ventre cobreado e a colina de musgo, boca do mundo temerosa e carente. Despia Jussara da saia e da blusa, dos inúmeros ornatos, demasia dos requififes, e a via nua entre os animais no acorção da feira, nenhuma egua se lhe comparava em porte e em galhardia. Ela lhe apeteceu e ele a desejou com tamanha intensidade a ponto de não conseguir possuí-la em sonhos, apesar de adormecer com o pensamento posto nela, no dengue extremo, na bizarria insolita. Pobre de mim, dissera e repetira Jussara arrenegando sobre a viuvez e o comércio, dois problemas graves: que buscava com aquela litanias? Com que propósito o convidara a visitá-la em Itabuna? Pata oferecer-lhe emprego no balcão da Casa Oriental, propondo-lhe talvez interesse nas vendas, pequena participação nos lucros? Trabalhar para os outros não o tentava, preferia mourejar sem descanso no que era seu, durante as noites e madrugadas de Tocaia Grande, sem ter a quem dar satisfação nem prestar contas.

Ou por acaso, sendo viuva e moderna, procurava marido que se ocupasse dela e do comércio de tecidos? Jovem, rica e tão formosa, deveria ter na cidade de Itabuna, no porto de Ilheus, levadas de candidatos rastejando a seus pés; por que haveria de sair atrás de um bodegueiro na feira de Taquaras em meio a mulas e a jegues? Podendo eleger entre fazendeiros, comerciantes, bachareis, doutores de borla e de capelo? Certamente agenciava apenas balconista digno de confiança. Outro seria que não ele. Não chegou, conforme fica dito e entendido, a se empolgar com as perspectivas decorrentes do inesperado encontro, da conversa ambígua e breve. Repudiava possibilidades mesquinhas --

emprego de caixeiro, interesse na loja -- enquanto as tentadoras pareciam-lhe miragens inviáveis. Ele, Fadul, não passava de um árabe solitário de cabeça quente que se inflamava por qualquer tolice, enxergando incêndio onde havia apenas fogo de palha. Marido de Jussara, dono da Casa Oriental: maluquices para en141

cher o tempo vazio nas tardes de Tocaia Grande. Mesmo assim iria visita-la em Itabuna quando por la passasse. Ao menos para reve-la, para lambar com a vista aquela insolencia de mulher: uma realeza, um desproposito como bem dissera Manuel da Lapa. Adormecia com o pensamento nela e em certas noites, raras, andou dando-lhe uns trancos, umas peitadas, mas nao passara disso; a cabocla se arrancava de seus bracos: pudica, virtuosa, retirava-se do sonho. Quando Fadul se dava conta prosseguia no eterno corre-corre atras de Zezinha do Butia que o provocava oferecendo-se e fugindo cama afora. Nao chegou a enfiar o ferro e a conferir o calor da fornalha cujas chispas saltavam dos olhos de fogo de Jussara. Viuva tao honesta e recatada nunca vira. **3**

Sentado no batente da porta pensava em Jussara, vaga quimera na fumaca do narguile, quando a viu em carne e osso desmontar do cavalo pampa, entregando a redea ao pajem. Fadul Abdala chegara do banho no rio, o mormaco pesava no lombo e no cachaco. Na luz intensa do comeco da tarde, Tocaia Grande dormitava no torpor e no silencio. Sucedera tao abruptamente que Fadul nao se surpreendeu nem se maravilhou como se estivesse presenciando a coisa mais natural do mundo. Deixou ate de atentar em Jussara para acompanhar com a vista o pajem, molecote tratado e escovado, montado em burro de sela, conduzindo o cavalo pela brida para a sombra das arvores. Mas de repente se deu conta do absurdo da cena e, esfregando os olhos, encarou a cabocla que se encaminhava para ele. Mal teve tempo de se levantar para recebe-la.

-- Por que nao foi me visitar em Itabuna? Esperei em vao.

-- Nao fui la ainda. -- Demorava a recobrar-se.

-- Ja que nao foi, eu vim, pobre de mim. -- Com os olhos percorreu as cercanias: -- Lugar mais acanhado. O que e que faz enterrado aqui?

Abanou a cabeça, em desacordo. Os cabelos enrodilhados em birrote, um pente de tartaruga, adorno fino, a prende-los no alto cocuruto. Antes que o turco respondesse, prosseguiu: 142

-- Vai ficar ai parado? Nao me convida para entrar? Nao me oferece nada para beber? -- E foi entrando.

Deteve-se junto ao balcao, examinando os artigos a venda, poucos e mixes, abanou novamente a cabeça em sinal de reprovacao, mas nao fez comentarios. Ainda atarantado, Fadul a acompanhou. Deus do ceu! Era verdade ou o sol dera-lhe na moleira fazendo-o enxergar visagens a luz do dia? Nao sabendo o que lhe oferecer -- nao tinha nada digno dela --, perguntou:

-- O que e que toma?

-- Aceito um gole d!agua, da quartinha. -- Jussara apontou para a moringa no parapeito da janela.

Rodeou o balcao, penetrou casa adentro, devassando os comodoss, atravessou o umbral do quarto de dormir:

-- Gosto de cama grande mas desse tamanho nunca vi.

-- Pra me caber. -- Orgulhou-se Fadul entregando-lhe a caneca com agua fresca. Jussara bebeu em pequenos goles, estalando a lingua, como se degustasse vinho raro, enquanto voltava a fitar o turco, a medilo e a aprova-lo satisfeita, a boca molhada semi-aberta, os olhos turvos:

-- Cabe dois de seu tamanho e ainda sobra.

Riu um riso de subentendidos, curto e espesso, devolveu-lhe a caneca.

-- Obrigada. Quando for a Itabuna nao deixe de ir me ver pra eu lhe mostrar a loja. Nao sei cuidar sozinha, nao dou conta.

-- Repetia o que dissera na feira de Taquaras: oferecia-lhe emprego no balcao da loja ou, quem sabe, a mao em casamento?

-- Quando aparece por la?

Adocou a voz, desfez-se em dengue, pediu e avisou:

-- Nao demore, va logo que puder. Nao posso ficar esperando a vida inteira. Pobre de mim. Deu meia-volta, pronta para sair do quarto e retirar-se de Tocaia Grande. O turco estremeceu:

-- Ja vai embora?

-- O que e que eu vou ficar fazendo aqui? Passei so pra lhe ver.

Sombrearam-se os olhos de Fadul, escuros de impaciencia e de tesao. Sem sequer dar-se ao trabalho de fechar a porta, andou 143

para Jussara e a tomou nos bracos. Ela nao se esquivou nem o repeliu, apenas disse com aquela voz enlanguesciente de quem necessita de apoio e protecao:

-- Tenha pena, nao abuse de mim. Nao ve que sou viuva e preciso me casar de novo? Se eu perder a cabeca, depois como vai ser? Pobre de mim que nao posso nem mesmo querer bem... Fadul nao respondeu, guardou silencio: a conversa podia esperar, nao ele. Estava tomado de furia, os olhos ofuscados, sentindo o corpo da cabocla estremecer. Arrancou-lhe a blusa, o corpinho -- ah, os peitos opulentos, bons de agarrar com as maos

-- Jussara gemeu de leve. Fadul tirou-lhe a saia, as anaguas. rasgou as rendas das calcas amarradas com lacarotes nos joelhos: tambem as calcas eram negras.

Dobrou aquela realeza, aquele desproposito de mulher, sobre o colchao de capim e percevejos, vestida apenas com as altas botas de montar. Fadul nao perdeu tempo em despir-se: desabotoou a

braguilha libertando a estrovenga que, de tao impaciente e rigida, doia. Cobriu Jussara. Desfez-se o coque no alto da cabeça da cabocla, libertos soltaram-se os cabelos, lencol negro de cetim, cobrindo a cama. A boca do mundo, umida e gulosa, acolheu a borduna do cacique libanes, a folia durou a tarde inteira. 4

-- Ai, o que foi que eu fiz, meu Deus, idiota que sou? Viuva sem juizo, vim por marido e saio desonrada. Ai, pobre de mim!

Olhou em lagrimas para o turco estendido sobre ela, esmagando-lhe os seios e as coxas, quando arfantes retornaram da primeira travessia do deserto e do oceano. Antes que ele lhe retirasse as botas, se despisse e finalmente fechasse a porta. Jussara tinha facil falar, acentuado por um choro contrito, dorido queixume com que se acusava e se afligia:

-- Agora que consegui o que quis, pode escarnecer de mim, me desprezar, me chamar de vagabunda, me tocar pra fora. A culpa e minha, tava bem do meu em Itabuna, o que e que vim fazer aqui? Me desgraçar, quando preciso de marido pra olhar por 144

mim e pra tomar conta da loja. Esconjuro o dia em que lhe vi em Taquaras e perdi o siso. Fiquei maluca, bronca da cabeça, nao mando mais em mim. Nao tive forcas pra resistir, me desgracei. Ai, me desgracei!

Nao parou de incriminar-se enquanto o homenzarrao levantava-se da cama, fechava a porta e se despia: nu, crescia de tamanho, tornava-se ainda maior. Da cama, estirada, olhava-o de soslaio, um marido e tanto! Trabalhador e cobicoso, presumido e tolo, igual a Kalil Rabat, bobo alegre nascido para cabresto e chifre. Com a vantagem de ser grandao, bem-parecido e possuir aquele pe-de-mesa. Jussara chegava com as maos cheias: o resplendor do rosto, a tentacao do corpo, dinheiro a rodo, a mais sortida loja de tecidos de Itabuna, a insolencia e o dengue, o fogareu. Que mais podia

desejar um tabacudo bodegueiro confinado em remota caixa-pregos?

Não lhe parecendo ser aquela hora a mais apropriada para dialogar sobre a honra perdida da viuva e de como restaurá-la, o turco escutava em silêncio, impaciente, a magoada ladainha, interminável. Jussara não se calou sequer quando ele a libertou das botas, grata providência. Patética, assumiu a responsabilidade do fatídico descaminho:

-- Fui a culpada, não fugi a tempo. Não me importo, se acabou. Antes que de repente ela decidisse dar por findo o pagode penas começado, Fadul estendeu-se ao lado da cabocla, com a mão disforme e delicada acariciou-lhe os seios, apertando-os de mansinho; cutucou-lhe a bunda e a beliscou de leve, correndo os dedos pelo rego. Jussara estremeceu e suspirou, aninhou-se no peito veludoso, sentiu a borduna contra as coxas, prosseguiu entre desmaios:

-- Abusou de mim, eu deixei, agora pensa que sou uma perdida, como há de querer casar comigo? -- Elevou a voz fazendo-a clara e precisa ao afirmar: -- Juro pela alma de minha mãe que foi a primeira vez que pequei em toda a minha vida. Nunca tive outro homem fora de meu marido. Perdi a cabeça, pobre de mim!

As pernas nuas se cruzaram, entreabriram-se as coxas de Jussara e a voz desfaleceu de novo:

-- Perdi minha honra... Estou em suas mãos... -- acariciou o 145

rosto de Fadul, pos mel na voz para confessar: -- ... mas nem assim me arrependo, homem malvado! Cegou meus olhos, me seduziu

Nem desonrada me arrependo -- palavras boas de ouvir: inflam o peito, inflamam o coração, incendeiam os quibas de um macho bom de cama. Apesar da prudência com que costumava agir em assuntos assim relevantes e melindrosos, Fadul decidiu-se a prometer; para

cumprir, quem sabe, depois de esclarecer e comprovar certos pormenores:

-- Não se importe: Vou por esses dias a Itabuna e lá a gente conversa e resolve. Não se preocupe com a loja.

-- E verdade? Vai cuidar da loja? Tomar conta de mim?

-- Fique descansada. -- E mais não disse.

5

Ela viera no interesse de marido, convenceu-se Fadul ao ouvi-la em desespero. Marido que pusesse teimo ao incomodo estado de viuvez e assumisse a loja, garantindo os lucros. Para conquista-lo jogava cacife alto, apostava o corpo e a honra. Pura sabedoria ou santa ingenuidade? Lisura ou má fé? Paixão devoradora ou calculado embuste?

Desfalecente, Jussara, nobre e romantica, proclamava amor a primeira vista:

-- Vim porque desde o dia que lhe vi na feira fiquei desatinada, não tive mais cabeça pra pensar e não ser em si, feito uma maldita. Agora estou em suas mãos pra ser feliz ou me desgraçar de vez. -- Voltou a perguntar: -- Vai me querer ou vai arrenegar de mim?

O momento não era favorável a reflexão, a tirar a limpo dúvidas, suspeitas, incertezas, menos ainda a assumir compromissos. Em lugar de responder à aflita indagação, prendeu a bugra nos braços, não podia esperar nem um minuto mais. Ela deu-lhe a boca a beijar, lábios carnudos, sumarentos, língua atrevida, dentes de morder; ele a percorreu e a atravessou.

Seria resposta positiva aquele afa desesperado, a doida posse? Com certeza sim, pois como poderia Fadul viver daí em diante orfão da

respiracao, do suor, do perfume, da vertigem de 146

Jussara? Os corpos engalfinhados, confundidos, percorreram as areias do deserto, cruzaram as aguas do oceano, atingiram o fim do mundo em ansia e gozo, duas potencias, duas potestades, um potro selvagem, uma egua em cio.

Quando ao cair da tarde Jussara recompos o coque e montou o cavalo pampa trazido pelo pajem -- moleque sestroso e perfumado --, Fadul, por fim, comprometeu-se ao beija-la em despedida:

-- Daqui a uns dias a gente acerta tudo em Itabuna. Antes de sair, Jussara colocara o derradeiro trunfo sobre a mesa, melhor dito sobre a cama. Enquanto vestia os farrapos da calca rendada, punha as anaguas e o corpinho, a blusa e a saia negras, viuva honesta e inconsolavel, avisou que o acontecido jamais voltaria a suceder: quem quisesse deitar com ela para praticar a doce e perigosa brincadeira de fazer nenem -- assim se expressava, pudica, baixando os olhos -- teria antes de leva-la ao padre e ao juiz. Nao podia se expor, cair na boca do mundo por botar chifres em defunto: nao tendo feito Kalil Rabat cabrao em vida, sentia-se na obrigacao de respeitar sua memoria e tinha necessidade de agir assim para nao dar o que falar ao povo. Jamais conhecera outro homem alem do marido, Fadul fora o primeiro e o ultimo e por uma unica vez quando, cega de paixao, perdera a cabeça e se entregara. Nao, nao voltaria a suceder! De novo na cama, fosse nos bracos dele a quem amava, fosse nos bracos de outro, de um cidadao trabalhador e decente que lhe propusesse casamento -- nao havia de faltar -- somente depois dos papeis passados, nunca antes como viera de acontecer. Esposa, sim, amante nao. Ai, pobre de mim!

Tocou o cavalo pampa, seguida pelo serelepe, na pressa de chegar a Itabuna e espalhar as boas novas. Se Fadul nao fora explicito, se nao assumira compromisso categorico, Jussara sabia ler nas entrelinhas, descobrir as intencoes na inflexao da voz e nao tinha duvidas de que o turco viria correndo no seu rastro. Deixara-lhe na

pele, na boca, no peito, na borduna, o seu gosto inesquecível, dali para diante indispensável, o desinfeliz já não saberia viver sem possuí-la. Não tinha dúvidas, podia encomendar o padre e o juiz. Sobre Fadul Abdala, noivo a vista, obtivera anteriormente, em casual conversa com amiga de infância, duas informações 147

precisas: comerciante trabalhador e capaz igual a ele não havia outro; tampouco pe-de-mesa que se comparasse ao dele. Acabara de comprovar a verdade daquelas referências. Para ganhar dinheiro nos tacanhos cafundos de Tocaia Grande, era preciso ser negociante de muita esperteza e diligência: No que se refere a estrovinga, a viúva a empunhara com as duas mãos, aferira na própria carne, louvado seja Deus!

O sol ainda não se escondera nas águas do rio, quando Jussara sumiu no rumo de Taquaras, antes da primeira tropa de burros despontar no caminho. Ninguém a viu chegar, ninguém a viu partir. Exceto Coroca que, ao aparecer para comprar querosene, assinalou:

-- Mandou vir rapariga de Itabuna, seu Fadu?

6

Em sossegado fim de tarde na jovem e afarista cidade de Itabuna, tendo depositado o saco de viagem no quarto de Zezinha do Butia na pensão alegre de Xandu e tomado um banho de tina --

Zezinha esquentara água na chaleira e lhe esfregara as costas com bucha seca e cheiroso sabonete, maravilhas da civilização! --, Fadul Abdala se dispunha, no galante dizer da bela, a dar comida a rola.

-- Olhe a rolinha dele, já tinha me esquecido como era. Tamanhão de rola, regalia! Brincando com a dita cuja, Zezinha do Butia, nostálgica, cantarolou romântica moda sergipana: *Rola, rolinha*

Brinco de amor

Faz o teu ninho

Na minha fulo...

No quarto, apos o banho, dando de comer a rola com fartura, Fadul achou a rapariga tristonha e taciturna, como se algum desgosto a aperreasse. Certamente noticias ruins da familia, 148

chegadas de Sergipe. Zezinha sustentava vasta parentela na cidade de Lagarto, pertinho do Butia, onde nascera: o pai doente de sezao e de cachaca, uma data de mulheres decrepitas e aluadas, mae, avo e tias, todas dependentes dela, as pobrezinhas. Fadul quase a estranhou, tanto sentimento Zezinha colocou na impetuosa entrega: desfalecendo em seus bracos, languida, amorosa. Ate parecia que enamorada se entregava pela primeira vez ou como se fosse a derradeira. Nao que habitualmente mantivesse postura distante e fria; muito ao contrario, era um estouro de mulher. Os dois se entendiam as mil maravilhas e se gostavam. Nenhuma outra satisfazia Fadul tao completamente quanto ela pelo zelo e pelo empenho e mais ainda por revelar na ansia e na veemencia da folganca uma ponta de carinho e de afeicao. Por isso mesmo nao a comparava com as demais raparigas que conhecia e frequentava. Apesar de nao exhibir peitos grandes e nao ostentar bunda de tanajura, manifestas preferencias do Grao-Turco, de nenhuma ele sentia a mesma falta, a nenhuma cobicava com tamanha febre, era Zezinha quem lhe povoava os sonhos no degredo. Mergulhava nela e se esquecia dos males da vida, repousado e feliz: um abismo o xibiu de Zezinha do Butia, mas tambem um remanso de paz, seguro abrigo. O xodo entre os dois durava havia muito tempo, comecara sendo ele ainda mascate e ela novata em Itabuna.

Construindo castelos no ar em Tocaia Grande, ao imaginar-se milionario, chorudo e patacudo ricalhaco, antes de mais nada ia retirar Zezinha da pensao de Xandu, punha casa para ela, dava-lhe de um tudo sem medir os gastos, conforto, mimo, luxo, mucama para servi-la, costureira que a vestisse de rainha. Queria-a rapariga

apenas sua e de mais ninguem, manceba em cuja companhia viesse descansar da fadiga dos negocios variados, todos prosperos, da canseira da familia -- na familia pouco se demorava a pensar: mulher discreta e obediente, filhos robustos. No quarto pobre da pensao de putas, o crepusculo entrava pela claraboia e se diluia em sombras nos lencois de algodaozinho. Zezinha estava diferente, nao era a mesma. Alguma coisa grave acontecera, capaz de modificar-lhe a alacridade costumeira. A tirana nao lhe pespegava nomes -- turco isso, turco aquilo--, nao o levava na pilheria, nao cobrava inexistentes dividas, tentando 149

depena-lo, nao se perdia em riso despreocupado. Ardente e sofrega como nunca, mas envolta em melancolia, silenciosa, um espinho no peito a magoa-la. Tristezas de familia, que mais poderia ser?

7

Adensaram-se as sombras, era o fim da tarde. Ao desfazerse o abraço, Fadul saltou da cama esbaforido, temeroso de chegar tarde ao encontro com Fuad Karan no botequim de Romulo Sampaio, onde o amigo todos os dias desperdicava erudicao ilustrando a elite da cidade na hora sagrada do aperitivo e do gamao. Desatenta aos deveres do oficio, Zezinha deixou-se ficar deitada, nao veio ajuda-lo:

-- Ja esta atrasado, nao e?

-- Um bocado. Tenho de andar depressa...

-- Va correndo, a noiva e capaz de nao esperar. Va logo antes que ela arranje outro e leve pra cama. Conversa mais esquisita, voz insolente e debochativa. Surpreso e desconfiado, a pulga atras da orelha, Fadul nao chegou a enfiar as ceroulas:

-- Noiva? Que historia e essa?

-- Vai querer negar? Em Itabuna nao se fala noutra coisa...

-- Que coisa? Diga de uma vez.

-- Todo mundo sabe que tu contratou casamento com Jussa. Tem coragem de negar?

Confirmava-se a desconfiança que o assaltara: pareceis da viuva que transformava promessa de visita, vago início de namoro em compromisso formal de casamento. Jussa, diminutivo de Jussara; Zezinha pespegava-lhe o apelido na cara: um insulto, uma bofetada. Segurando as ceroulas, tirou a limpo:

-- Jussa?

-- Jussa Pobre-de-Mim, não me diga que não conhece... Inda outro dia Fuad Karan teve aqui e me disse: "Sabe, Zezinha, teu Fadul maluqueceu e vai cwr com a viuva de Kalil Rabat."

Fiquei zozza, não acreditei: "Não pode ser, não acredito nisso."

Mas ele disse que era com certeza, que tu ia ser o novo rei... --
calou-se.

150

-- Fale direito, desembuche. Rei de que? -- Alteou a voz, incomodado ao saber-se na rua da amargura, objeto de comentários e bisbilhotices.

-- Rei dos cabroes como o finado Kalil, um homem bom que morreu de tanto levar chifre.

Por essa Fadul não esperava, não estava preparado para a abrupta revelação, uma porretada no crânio: arregalou os olhos, escancarou a boca, engoliu em seco:

-- O falecido era cabrao? Tu não tá mentindo não?

-- Se tu não acredita em mim, pergunte a Fuad, ele é quem bem sabe. Pergunte a quem tu quiser. Em Itabuna todo mundo conhece a fama de Jussara.

Ofuscados, os olhos de Fadul reviam a cabocla em luto, imaculada. Nos ouvidos, a voz de dengue e pudicícia: foi a primeira vez que pequei em toda a minha vida, nunca andei com outro homem além de meu marido; quando lhe vi, porém, homem malvado, não tive forças para resistir -- que pode a honradez contra a fatalidade? Jurando pela alma da mãe e abrindo as pernas, a puta descarada. Tudo nela fora manha, falsidade, velhacaria: cadela, vaca, puta, três vezes puta! Como pudera acreditar, logo ele que se gabava de sabido? Convencido, vaidoso, inflara o peito: Fadul Abdala, irresistível garanhão. Babado, viera correndo como ela previra. Desabafou em árabe:

-- Hala! Hala! Charmuta!

-- Tu, o que tem de grande tem de tolo. Vendo mulher bonita e promessa de riqueza em tua frente, tu não enxerga mais nada, nem mesmo um par de chifres. -- Demorou os olhos na figura do turco confundido, atônito: -- Ou será que tu não presta? Enxerga e fecha os olhos pra não ver? E o que tá dizendo por aí. Nu, grandalhão e descoroçado, um sapo-cururu atravessado na garganta, não terminava de engoli-lo. Charmuta! Arkut!

Fadul despencou na beira da cama, buscou controlar a voz, a cólera e a vergonha:

-- O que é que andam dizendo por aí?

-- Isso... Que tu vai casar por causa da loja, sem ligar pro resto, sem se importar com a fama que ela tem. Que por dinheiro tu vende tua alma. Se tu pensa que Jussa vai mudar de vida, tu não sabe o que é mulher com fogo no rabo, não tem homem que apague

Desmoralizado, Fadul estava lá embaixo, no fundo de um poço, enterrado na merda, cabrao, arcut apontado a dedo. Abanou a cabecorra:

-- Não sabia que ela era assim, vivo no mato.

-- Eu não devia me importar nem me meter, não ganho nada com isso. Se fosse sabida me calava. Se tu casar com ela vai ser um ricaco cheio de dinheiro, pode botar casa pra mim, me tirar da vida. Fuad até me deu os parabens, disse que tu vai ficar podre de rico...
-- um soluço escapou do peito contra a vontade de Zezinha: -- ... podre de rico, fedendo, foi o que ele disse, tu tá me ouvindo?

Uma pausa na tentativa de conter o choro, a voz entrecortada:

-- Se tu casar com ela, nunca mais quero lhe ver. -- Pos-se a chorar.

Não mais tentou conter o pranto, segurar os soluços no peito, aguentar firme: Zezinha do Butia cobriu o rosto com as mãos e deixou-se ir. Enxergando o brilho das lágrimas na face da rapariga, ouvindo-a solucar por sua causa, indignada e triste por pensalo noivo de Jussara, rico e chifrudo, Fadul recobrou o ânimo, liberto do despeito e do vexame, reergueu-se, retirou-se intacto da raiva e da vergonha.

O bom Deus dos maronitas acudira a tempo. A Fadul já pouco se lhe dava fosse Jussara viuva honesta ou fosse a mais falada e fodida madama de Itabuna, não mais pensava em se casar com ela. Importavam-lhe, isso sim e tão-somente, as lágrimas de Zezinha, o choro incontrolado, a magoa, o despeito, a tristeza da coitada, sinais de bem-querer.

-- Quer dizer que era por isso que tu andava avexada? Não era doença nem morte de parente?

-- Tu pensa que não tenho sentimento?

A noite caíra inteira, manto de negrume. Na sala, Xandu acendeu um candeeiro. **8**

Fiquei tentado, sim -- confessou Fadul ao narrar a Zezinha do Butia as peripecias da breve e maligna alucinação que quase o 152

leva a amarrar o seu destino ao de Jussara Ramos Rabat, Jussa Pobre-de-Mim, ganhando ela marido e consideração, ganhando ele a mais bem provida loja de tecidos de Itabuna e o império dos cornudos mansos: Fadul da Mansidão. Escapara a tempo graças ao bom Deus dos maronitas que para socorrer-lo lançara mão mais uma vez dos bons ofícios de Zezinha, arvorada a condição de anjo da guarda. Dado a enormidade do perigo, a rapariga não se contentara com aparecer-lhe em sonhos como o fizera na ocasião de Aruza; viera em pessoa salva-lo da desonra.

Zezinha sabia muito e contou com sobras de detalhes as andanças da viuva antes e depois de enterrar o morto e chorar-lhe os chifres. Dando nome aos bois, um ror de afortunados. A diversos ele conhecia, fácil seria comprovar a veracidade dos enredos se assim o desejasse, mas Fadul já não tinha dúvidas a esclarecer. Depois, no cabare, Fuad Karan acrescentara novos dados, referira circunstâncias curiosas, ampliara a lista dos galas. Cidadãos os mais diversos se atropelavam na caudalosa crônica da cabocla. Ninguém poderia acusar Jussara de preconceituosa em matéria de homem: desde que vestisse calça e levantasse o pau merecia-lhe atenção e, ocorrendo circunstância propícia, levava para a cama. Fuad Karan, erudito, resumira: Jussara sofre de furor uterino, meu Fadul, não há jeito a dar. Fogo no rabo, confirmava Zezinha, não há macho que apague. Se os amores da moca Aruza e do bacharel Epitácio do Nascimento dariam para compor narrativa de profundo sentimento e alguma sacanagem conforme se escreveu, o romance dos derricos de Jussara exigiria volume alentado, digno da pena de Bocaccio, na opinião abalizada de Fuad Karan, cujo vício maior era a leitura, seguindo-se as mulheres e o jogo. Livro chistoso e picante, de sentimentos faceis e sacanagem grossa, de enganos e desenganos,

ao qual não faltariam contudo episódios emocionantes como a patética tentativa de suicídio de Beбето Passos, estudante em férias. Jussara apreciava o sexo masculino em geral mas revelava preferência pelos jovens rapazolas, adorava adolescentes, não dispensando junto a si em permanência, sempre a

mao, um pajem bem escovado. Kissimak! -- rugiu Fadul recordando o serelepe, Fuad solidarizou-se com a indignação, subscreveu o xingamento. No seu tempo -- dele Fuad, pois também 153

navegara naquele mar de escolhos -- o pajem era um molecão taludo e atrevido, petulante caga-sebo. Kissimak! Praguejaram juntos.

Jussara Ramos Rabat, personagem secundário na história de Tocaia Grande onde passa a cavalo e se detém contadas horas --

não cabe aqui o relato de suas incontáveis aventuras: moca solteira, senhora casada, viuva em busca de novo marido que se ocupasse da Casa Oriental e do jardim de cornos, ai, pobre de mim!

Jussa Pobre-de-Mim; o furor uterino a consumi-la, fogo no rabo a dana-la, pajem a disposição -- por um triz não foi dona Jussara Ramos Abdala. Despedimo-nos dela de uma vez e para sempre mas o fazemos com pesar e com saudade: uma realeza, um despropósito de mulher no acertado dizer de Manuel da Lapa, entendido em eguas e mulas, em jumentas. Jussara, tentação de que o Demônio se serviu em mais uma investida para mudar o destino de Fadul e conquistar-lhe a alma, fazendo-o romper o compromisso estabelecido com o Senhor. Por mulher bonita e fortuna fácil, ai, Fadul Abdala, tu vendes a alma ao Diabo! Não vendeu. O bom Deus dos maronitas estava atento e desvendara a trama, tendo por interprete e emissaria Zezinha do Butia, mulher da vida.

Fadul admirou-se de Zezinha saber tanto sobre Jussara. Afinal de contas, fosse como fosse, tratava-se de senhora viuva de conceituado comerciante, ricaca e fidalga, baluarte da sociedade,

papa-fina, enquanto ela, Zezinha, não passava do que se sabe: uma perdida. No entanto falava da outra como se a conhecesse de menina.

-- E não conheço? Jussa e de Lagarto, nos crescemos juntas. Moderninha, ela arribou de casa com um cometa. Vim dar com ela de novo aqui em Itabuna, casada com seu Kalil, botando chifre nele.

De tudo que aconteceu ficara um travo amargo a agoniar o turco: a cabocla abusara dele, o engabelara e o expusera ao riso e ao deboche. Retirar-se simplesmente do pretense noivado, deixando-a a ver navios, não o satisfazia, necessitava demonstrar-lhe todo seu desprezo. Recordou-se então da pergunta de Coroca na tarde de lorotas e engodos: mandou vir rapariga de Itabuna, seu Fadu?

Expos a Zeziinha a feliz ideia que lhe ocorrera: enviar um 154

próprio a casa da viuva levando o dinheiro correspondente a paga habitual de uma puta por uma tarde na cama. Gesto afrontoso, lavava-lhe a alma. Zezinha concordou com o plano mas considerou a quantia pequena, indigna de quem tinha fama de generoso no trato com as raparigas; abaixo do que Jussara merecia. A cabocla não era uma puta qualquer de porta aberta em canto de rua. Tivera sorte, subira na vida: sendo viuva, fora casada, florão da nata, uma grauda, tinha mucama e pajem a seu serviço. Ademais viajara até Tocaia Grande. Quantas vezes Fadul se pusera nela no decorrer da tarde? Por acaso não gostara? Mulher e tanto, um pancadao, fogo no rabo. Quanto menor a paga, maior o insulto, a humilhação, discutiu o turco mas terminou vencido. Zezinha não se convenceu: desejava evitar que ele passasse por sovina, por miche mesquinho: se ia pagar, pagasse o justo, até um pouco mais. Fadul, sensível a esses eloquentes argumentos, dispôs-se finalmente a enviar o dobro do que cobravam as raparigas mandadas vir de Itabuna: por Jussara ser viuva e não exercer o ofício por dinheiro. Quis chamar Vadeco, moleque de recados, faz-tudo na pensão de Xandu, para levar a

encomenda em mao: esta ai o pagamento que seu Fadul mandou. Rindo, Zezinha empalmou os cobres:

-- Desperdicar dinheiro com Jussa, tu nao toma tento! E o mesmo que jogar dinheiro fora: ela vai se rir e dar de agrado ao pajem. Fica melhor na minha mao, tou precisando pra ajudar meu povo.

DURANTE AUSENCIA ANTERIOR DE FADUL ABDALA,

O FAMIGERADO MANEZINHO INVADE

TOCAIA GRANDE A FRENTE DE JAGUNCOS

1

Nao enfrentou apenas tentacoes do demonio, sonhando acordado, penando adormecido. Putas e donzelas em cio ofertando-se no leito, viuva rica, pretendidas noivas, lojas de tecidos, 155

movelaria, promessas de fortuna rapida, de vida alegre, fantasias loucas! Vitima da crueldade e da cobica dos homens, arrostarta outras provocacoes, capazes da abater e por em fuga cidadao menos obstinado. Antes de comecar a ganhar dinheiro a rodo, Fadul Abdala purgara seus pecados em Tocaia Grande. Antigamente, na labuta de mascate, ao menos era dono de seu tempo: demorava-se facilmente uma semana em Ilheus e Itabuna regalando-se. Instrutivas conversas com Fuad Karan e Alvaro Faria, disputados torneios de dama e de gamao, tentadores e arriscados baralhos de poquer e pif-paf, cabares -- dois em Ilheus, um em Itabuna -- pensoes de mulheres, as luzes da civilizacao. Abastanca para a cachola e para a carcaca, Fadul lavava a alma, tirava a barriga da miseria.

Freguesia de regatao, nao tem data nem horario para compras, vive atenta ao anuncio da matraca para a festa de chegada do bufarinheiro. Mas o armazem, de inicio uma bodega, pouco mais, exigia a presenca do proprietario em permanencia para oferecer e servir, cobrar e receber, impor respeito. Negociante de porta aberta

em arruado novo, dono do unico comercio a atender os forasteiros, nao podia dar-se a luxos de mascate: recolher a mercadoria, po-la as costas e partir a regambolear quando e onde quisesse. Fadul passara a viver um calendario de sufoco. Afastar-se de Tocaia Grande implicava problema e risco. Espacara as viagens, reduzira os dias de ausencia. Ainda assim, nos comecos nao gozava um momento de sossego enquanto permanecia em Ilheus e Itabuna o prazo estritamente indispensavel para as compras e os pagamentos: comprar era uma arte, a arte do embuste e da barganha, pagar era uma ciencia de prazos e de juros. Mesmo durante a noite, curta para a conversacao, o jogo, o cabare e as raparigas, o pensamento prosseguia inquieto no armazem, nas sobressaltadas brenhas. Sucedera por ocasiao de sua primeira ausencia, poderia repetir-se. Apesar da solicitude de Coroca e da sombra protetora do capitao Natario da Fonseca. Levara tres meses seguidos sem sair de Tocaia Grande, desde a festiva chegada do primeiro sortimento conduzido nas cangalhas de uma tropa que regressava de Taquaras. Carga volumosa, mercadorias variadas, de carne-seca a calcas de brim e de bulgariana, de cachaca a carreteis de linha, de farinha a municao para espingardas, abundancia de doer na vista. Para ad156

quirir tantos generos em tamanha quantidade despendera suas economias, todas elas, e ainda ficara devendo. Casa comercial, metade armazem de secos e molhados, metade loja de miudezas, mesmo tacanha, nao e mala de mascate.

Acorreram todos a ajuda-lo no descarrego e na arrumacao: mulheres e homens, os poucos que ali viviam e os que estavam de passagem: contados um a um nao somavam vinte criaturas naquele dia jubiloso da inauguracao. Fadul salvou a data com meia duzia de foguetes e uma rodada gratis de cachaca; em seguida iniciou as vendas. Somente quando o estoque comecou a faltar, resolveu tirar uns dias para refaze-lo nas pracas de Ilheus e de Itabuna. Ganhara experiencia a respeito dos artigos a comprar: quais os de maior consumo, as quantidades-justas, as marcas preferidas. Grande, o gasto de jaba, cachaca e rapadura, mas da duzia de calcas de brim

tinham saído apenas duas e a preço rebaixado. Em compensação vendera todas as de bulgariana e mais houvesse. Alta noite, trancado em casa para que ninguém o visse, a luz do fogo recontou a macaroca de dinheiro, notas de pouco valor, sujas, rasgadas, emendadas com sabão. Retirou do estoque um lenço de pescoco, grande e vermelho, nele depositou as cédulas a

maneira dos alugados, aprendida nos tempos de mascate. Deu um nó nas pontas e com uma presilha fixou o amarrado no fundo do bolso direito da calça. Quanto as moedas, muitas, de cobre e de níquel, após separá-las pelo valor, embrulhou cada montículo num pedaço de papel e os guardou numa sacola de couro que levaria amarrada na cintura sob a camisa. Por trilhas e atalhos, caminhos e estradas do rio das Cobras a fama de riqueza do Turco Fadul corria a boca pequena: dinheiro escondido, anéis de brilhante, pedaços de ouro. Havia quem afirmasse ter espreitado libras esterlinas: cintilantes, encandeavam a vista. Jamais poderiam imaginar que no lenço e na sacola estavam capital e lucro, seu pe-de-meia, tudo quanto possuía afora a sobra do sortimento deixada no armazém.

Após ter atendido a freguesia da madrugada, pendurara bem visível na frente do negócio um aviso penosamente desenhado em letras maiúsculas na tampa de uma caixa de sapatos: fechado por ausência do dono. Trancadas por dentro, com barras de madeira, as duas portas do armazém e, a chave, a da entrada dos fundos, de

157

manhazinha meteu o revólver na cintura e aproveitou a companhia de Ze Raimundo que tangia numeroso comboio procedente da Fazenda da Atalaia para entreter a caminhada até Taquaras, três leguas e meia no calcanho.

De visita a uma comadre que exercia na estação, uma tal Zelita, com eles ia também Coroca. Magrela, chocha, pesava quase nada. Ze Raimundo a escanchou entre dois sacos de cacau em cima da cangalha de Lua Cheia, mula forte e mansa, madrinha da tropa:

guizos sonoros nos cabecotes e no peitoral. Sobranceira, Coroca dava-se ares de mulher de capataz, de amasia de fazendeiro. Fadul, embornal ao ombro, ria a toa na antecipação das regalias que o aguardavam em Itabuna. Somente no trem, ao querer descascar uma laranja, deu-se conta de que esquecera em Tocaia Grande o canivete de estimação.

2

Nos dois primeiros dias da ausência de Fadul, nada de mais grave sucedera. Depois de descarregar os animais, tropeiros e ajudantes dirigiam-se ao "cacete armado do turco". Assim diziam referindo-se a casa de negócio de Fadul, levantada em madeira, material barato, numa das pontas do renque de casebres de barro batido inicialmente conhecido por Caminho dos Burros, depois e durante vários anos por Rua da Frente. Na ocasião, Ticao Abduim ainda não morava em Tocaia Grande onde iria erguer logo a seguir a primeira casa de pedra e cal para nela instalar oficina de ferreiro; o armazém era a construção principal do arruado. Tropeiros e ajudantes chegavam suados, cobertos de poeira e lama, sedentos, necessitados de um trago de cachaca para restaurar as forças, para combater o frio ou o calor conforme fosse. Deparavam-se com o aviso, se havia algum que soubesse ler e assinar o nome, soletrava a comunicação para os demais, caso contrário recebiam a notícia da boca das raparigas. Entre xingos e risadas discutiam a falseta do turco que os largava no ora-veja para ir abastecer o mercado.

-- Turco filho de uma egua. Logo hoje...

-- Por que não botou um faz-as-vezes?

158

-- E quem haverá de ser?

-- Pedro Cigano tá aí sem fazer nada...

-- Se a venda fosse de mece, mece deixava na mão dele?

Sentiam falta do armazem. A vida se modificara, tornara-se mais fácil desde que Fadul se estabelecera em Tocaia Grande: escusado carregar matalotagem para o pernoite havendo ali o necessário. Ademais, como o fazia nos tempos de mascate, Fadul costumava fiar -- com garantia e pequeno agio -- quando o camarada voltava liso dos povoados ou das cidades, tendo deixado nas ruas de canto os derradeiros cobres. Os comentários findavam sempre na relembração de ditos e feitos do turco embusteiro e ladravaz, mas finalmente um bom sujeito. Terminavam indo ao encontro das mulheres da vida:

-- Vai ver, as meninas arresolveram trancar os balaios... O número de raparigas variava, umas chegavam, outras partiam, puta não esquentava lugar. Fixas, uma meia dúzia, não mais, em aglomeradas palhocas defronte do rio, no extremo oposto do barracão no qual o coronel Robustiano Araujo depositava o cacau seco, pronto para ser entregue aos exportadores. Coroca, ao escolher o sítio para a casinhola cuja construção o capitão Natário da Fonseca empreitara recentemente com Bastião da Rosa e Lupiscínio, recusou ergue-la no Caminho dos Burros:

-- Quero aqui mesmo... Casa de puta em rua de frente não dá certo. Rua de frente é para as casas de família. Lupiscínio admirou-se:

-- Que família, dona Coroca?

Com o respeito devido aos mais velhos, tratava-a por dona e mandava o filho e auxiliar de raspa-tabua, Zinho, um meninote, tomar-lhe a bênção.

-- Não demora, vance vai ver.

-- Será de veras?

-- E melhor ficar logo aqui, perto dos sapos, do que mais tarde ser mandada embora. Hoje tudo e igual, nao faz diferenca, mas no doravante quem e que sabe?

Assim nasceu a Baixa dos Sapos para onde se dirigiam agora tropeiros e ajudantes em busca de um agrade mulher; naquela circunstancia, com o armazem fechado, iam mais cedo na esperanca de um gole de cachaca ou de cafe. Outros deixavam-se ficar no descampado colhiam uma jaca mole bem madura: para encher o

bandulho nao ha refeicao que se lhe compare no sabor e na sustancia. **3**

Ao anoitecer do terceiro dia, em meio a continuas pancadas de chuva, o nomeado Manezinho desembocou em Tocaia Grande, seguido por outros dois jaguncos, Chico Serra e Janjao. Cavalgavam animais em pelo, lacos de corda em torno dos pescocos em lugar de brida ou de cabresto: luzidios burros de sela, de trato fino e pasto gordo, escolhidas montarias de coroneis. Entraram atirando para que nao restassem duvidas. Detiveram-se no descampado onde os condutores dos primeiros comboios a pernoitar naquele sitio haviam construido uma especie de toldo de palha, precario abrigo contra o sol e a chuva. Ali acendiam fogo, assavam charque, cozinhavam inhame e fruta-pao, ferviam cafe e praticavam sobre a vida e a morte ou seja sobre a lavoura de cacau, tema eterno e apaixonante. Exibindo a harmonica, Pedro Cigano acabara de propor aos cidadaos presentes aliciante trato: arrebanhar duas ou tres quengas e organizar um fovoco em troca de algumas moedas de vintem. A espevitada negra Dalila, a procura de fregues, louvara a ideia: nada melhor do que um arrasta-pe para amenizar a noite. Fuque-fuque com mulher na cama inda e melhor, discutira um aracoaba ajudante de tropeiro fitando o rabo da negra com cobica: arrogante flofo de tanajura, mas cade dinheiro para pagar tanta insolencia? Com os tiros e o tropel dos burros a conversa esmoreceu. Os cabras quiseram saber onde ficava a casa do turco. Ali adiante mas devido

a viagem do proprietario as portas do cacete armado estavam fechadas por uns dias.

-- Nos abre. Pra quem nao sabe, meu nome e Manezinho.

-- Disse e apos correr a vista pelo grupo partiu na direcao indicada. Naturalmente com o objetivo de demonstrar a precisao da pontaria, Chico Serra alvejou na arvore proxima o talo de uma fruta-pao e a derrubou. Debrucando-se sobre o animal, Janjao estirou a mao e sopesou a bunda da rapariga: 160

-- Guenta ai, tribufu, que eu volto ja.

Pedro Cigano se dera conta de que os forasteiros estavam a par da ausencia de seu Fadu e por isso tinham vindo: com boa intencao nao havia de ser. Desistiu de levar adiante o projeto do bate-coxas, a noite se anunciava perigosa.

-- Vao assaltar a venda!

-- E capaz... -- concordou um dos dois tropeiros revolvendo as brasas com o cabo do chicote de tanger burros. -- Esse Manezinho e o diabo em figura de gente; foi capanga do coronel Teodoro das Baraunas, carrega uma porcao de defunto na cacunda. Nao faz um mes matou um doutor em Agua Preta, anda fugido. Os outros nao conheco.

O vaqueiro, de volta de Itabuna onde deixara uma boiada do coronel Robustiano de Araujo, conhecia porem os outros dois de vista e de reputacao, alias pessima. Chico Sena nunca prestara para nada, a nao ser para tocaiar viventes; andava ao leu desde que o coronel Maneca Sa o mandara embora da Fazenda Morro Azul por nao ter mais servico para ele. Quanto ao galalau, na certa ja

tinham ouvido falar no nome de Janjao Fanchao, outro nao era o dito cujo. Alem de celerado, esquisito da cabeça, espancador de mulheres, fanchono comedor de cu.

Ai, meu Deus do ceu! -- exclamou Dalila e saiu correndo para avisar as raparigas e se esconder no mato. Tendo dado seu recado, o tangerino propôs aos presentes acoitarem-se todos no barracão onde o coronel Robustiano mantinha permanentemente três homens bem armados cuidando dia e noite do cacau. Lá estariam em segurança e ao abrigo da chuva cada vez mais copiosa. Não queria arriscar a vida, ficando no descampado; recolheu a espingarda, levantou-se.

-- Nos não vai fazer nada? -- Pedro Cigano perguntou por descargo de consciência, pois nem ele próprio pensava enfrentar os bandidos para impedir o assalto.

-- O que é que nos tem a ver? -- O vaqueiro começou a andar para as bandas do depósito de cacau.

-- Quem é doido para correr risco de levar um tiro por causa do turco? O furdunco é com ele, não é com nós. -- Afastando-se do calor do fogo, o tropeiro espalhou as brasas com o cabo do chicote; também ele se pôs de pé e a caminho.

Os demais o acompanharam recusando a sugestão de Pedro 161

Cigano de ao menos ir espionar o que estava acontecendo: gostavam do turco presepeiro e gatuno mas não a ponto de enfrentar por sua causa jaguncos ferozes, desalmados assassinos. Apenas o aracoaba, frangote abelhudo e atrevido, foi se postar com o troca-pernas atrás do tronco de jaqueira de onde avistavam o armazém. A chuva se transformara em aguaceiro, nuvens encobriam o céu. Tampouco Pedro Cigano, a quem Fadul tantas vezes matara a fome e ainda mais a sede, viera até o pé de pau no propósito de lhe ser de alguma utilidade: arriscava-se porque tinha uma intuição e desejava comprová-la. Não seria para roubar feijão, cachaca, carne-seca, fumo de rolo que Manezinho, Chico Serra e Janjão estavam forçando as portas do negócio: Pedro Cigano acreditava saber qual fosse o motivo real. Ao sair apenas a curiosidade o conduzia

desejo intenso de ver e aprender. Tangedor de burros novato no oficio, pela primeira vez deparava com um turno de bandoleiros cometendo tropelias: sua experiencia reduzia-se a barulhos em puteiros, assuntos de somenos.

4

Ao fim das lutas pela conquista das matas, quando os caxixes substituiram as tocaias nos recentes conflitos entre os coroneis do cacau pela posse das areas devolutas, sobraram jaguncos pelas estradas indo e vindo sem rumo certo, oferecendo-se para matar a modico pagamento, matando de graca para roubar. Das centenas de cabras chegados ao sul do Estado da Bahia, provenientes do sertao de tres Estados e das barrancas de tantos outros rios, armas e pontarias a servico dos ricos fazendeiros, uns poucos haviam demarcado terras, plantado rocas, passando a usar o pau-de-fogo somente em rigorosa conjuntura. A maioria acomodou-se nas fazendas, chefes de turma de alugados, capangas de confianca, capatazes. Alguns porem nao se adaptaram as novas condicoes e cruzavam os caminhos praticando horrores, assombrando o povo. Acabaram liquidados um a um mas durante longa temporada foram muitos, de sinistra fama. Entre os mais temidos, avultava 162

Manezinho: participara dos lendarios combates travados entre Basilio de Oliveira e os Badaros. Capanga de Teodoro das Baraunas, de negregada memoria, nao quisera servir nenhum outro coronel nem depor as armas. Ultimamente planejara organizar um bando para assaltar fazendas, lugarejos, povoados. Sozinho, pintava e bordava: imagine-se o que poderia fazer a frente de uma sucia de bons clavinoteiros. Para comecar, engajara Chico Sena e Janjao. Nas pastagens de uma fazenda por onde haviam passado lacaram os burros; ninguem os vira -- e que vissem! Manezinho riu da advertencia de Chico Sena todavia temeroso do poder dos coroneis

-- Se vance ta com medo desarranche. So quero em minha companhia homem macho.

Escutando por acaso falaz parolice de mulheres, lorotas vas, no Beco da Valsa em Taquaras, Manezinho ficara sabendo do embarque de Fadul Abdala no trem para Itabuna. As perdas condenavam o desleixo, a imprevidencia, mais que desleixo e imprevidencia a desidia, o desatino do turco, um idiota: viajava deixando oculta na casa de Tocaia Grande a maquia acumulada nos anos de ambulante, tesouro a disposicao do primeiro ousado que se dispusesse a descobri-la. Discutiam a localizacao do esconderijo. Na moradia, embaixo do colchao? No negocio, entre mercadorias? Acordes ao proclamar a grandeza do cabedal, avultado saco de moedas de ouro segundo o testemunho de pessoas conhecidas e de absoluta confianca.

5

Prenderam os animais nos mouros fincados no oitao do armazem, tentaram arrombar as portas da frente sem resultado: as trancas de madeira resistiram comprovando a competencia de Bastiao da Rosa. Deram volta em torno a casa, encontraram a entrada dos fundos, foi bem mais facil. Depois de Manezinho ter atirado na fechadura sem sucesso, Chico Serra tomou distancia, investiu contra a porta com toda a forca do corpo, o trinco comecou a ceder. Janjao completou o trabalho.

Dentro da casa acenderam os candeeiros, vento e chuva 163

entravam pelo vao da porta. Pareceu-lhes desnecessario deixar um de sentinela, vigiando; cada qual mais conhecido, quem se atreveria a ataca-los? Serviram-se de cachaca bebendo pelo gargalo da garrafa; uma garrafa para cada um, os tres estavam precisados. Manezinho para limpar o pensamento, manter a cabeça fresca durante a ocupacao delicada e trabalhosa da busca do tesouro: apesar da aparencia bruta nao lhe faltava perspicacia. Janjao devido a

sede permanente a atormenta-lo. Chico Serra para sustentar o animo -- sua especialidade era a tocaia, esconder-se atras de um pe de pau a espera do indigitado para derruba-lo com um tiro certo: nao perdia vez. Vasculharam a casa de ponta a ponta, de desvaio a desvaio. Primeiro detiveram-se nos comodos do fundo. No menor, que servia de cozinha, nada encontraram alem da trempe e dos improvisados vasilhames. No quarto de dormir, na cama, em cima da coberta suja, jazia o canivete de Fadul. Antes de guarda-lo no bolso, Janjao examinou com interesse e satisfacao a longa e fina lamina de aco: exatamente o que ele precisava para sossegar puta metida a besta na hora de enraba-la. Sorrindo, emborcou a sobra de aguardente, atirou o casco vazio contra a parede. Manezinho e Chico Serra rasgaram o colchao, espalhando o capim seco. Janjao trouxe nova provisao de cachaca e entre os tres desmontaram a cama enorme, obra-prima do carpina Lupiscinio, toda ela em madeira de lei trazida da mata onde cresciam jacarandas, vinhaticos, putumujus, paus-d'arco, selva de perobarosa e de pau-brasil. Procuravam esconderijo onde pudesse estar o saco de moedas de ouro. Nem esconderijo nem moedas. O outro compartimento servia de deposito de mercadoria. Durante animado interregno divertiram-se atulhando os embornais com bugigangas, destruindo tudo que nao lhes fosse de utilidade imediata. Saudaram com entusiasmo e goles de branquinha o encontro das calcas de brim. Despiram as de bulgariana, velhas, remendadas, enfiaram-se naquelas luxarias de pano caro. Chico Serra vestiu duas, uma por cima da outra. Abarrotaram-se de deslumbrantes nonadas, mas tampouco no deposito descobriram rastro do tesouro.

-- Ta escondido na venda. Nos devia ter comecado por la.

-- Raciocinou Manezinho.

Precavido, andou ate a porta, olhou para fora: apenas a 164

escuridao de breu e a furia do aguaceiro, nenhum ruido alem do zunir da ventania. Manezinho sorriu, orgulhoso da merecida fama:

nenhum filho da mãe ousara perturba-los. O nome e o renome dos colhudos chegam aos lugares antes deles. **6**

Bernarda tentara se atrever, apenas ela. Quando Dalila aparecera em pânico convidando o mulhierio a raspar-se para os matos, Bernarda estava ocupada com um tropeiro e os apelos não lhe fizeram moossa. Palavrões, gritos e ameaças eram habituais na noite do arruado: quanto maior a influência, maior o destempero. Mas o alvoroço crescia e se alastrava: Bernarda tendo levado o parceiro a se fartar de gozo, enfiou a combinação e saiu a ver. Voltou com a notícia:

-- Os jaguncos tão atacando a venda de seu Fadu. Não ouviu a resposta nem se preocupou em receber a paga; assim mesmo como estava partiu em disparada sob o aguaceiro. Encharcada, chegou ao toldo no descampado: ninguém. Onde andariam? Fugidos nos brejos que nem as mulheres? Defendendo o armazem tampouco estavam, não vinha zoada daquelas bandas. Dirigiu-se para o barracão: lá encontraria ao menos os três cabras encarregados de guardar o cacau seco. Largou-se acoitada pelo vento; tudo calmo em derredor -- calmo demais, dava medo. Uma das portas do depósito entreabriu-se ao rumor de seus passos. Olhos acostumados a enxergar nas trevas, Bernarda percebeu o cano do clavinote. Gritou seu nome, a porta se abriu de todo.

Dentro do barracão, os cabras e o boiadeiro montavam guarda, armas em punho. Sentados no chão, tropeiros e ajudantes disputavam partidas de ronda: uns apostavam, outros assistiam, desatentos todos, o sentido posto nos jaguncos. Olharam para Bernarda mas nenhum abriu a boca; prosseguiram o jogo. Sabiam que ela não viera em busca de frete: requestada, nunca precisara sair a cata de fregues. A água escorria-lhe do corpo, fazia pocalas no assoalho: a combinação grudada na pele emoldurava-lhe os seios e a barriga, as coxas e as ancas. A luz difusa dos candeeiros parecia uma visagem do outro mundo.

-- Diz-que os jaguncos tao atacando a casa de seu Fadu. Nao houve resposta. O tangerino quis falar, arrependeu-se, ficou a olhar para ela como se estivesse com a vista encandeada: ai, nunca se deitara com Bernarda!

-- Tao ou nao?

Desviando o olhar da sombra dos pentelhos molhados da atrevida, o vaqueiro abanou a cabeça, confirmou:

-- Joao Fanchao, Chico Serra e Manezinho, nao podia se juntar tres mais pior que esses.

-- Que providencia se deu?

O cabra que lhe abriera a porta admirou-se da pergunta; a voz neutra, explicou:

-- Providencia? Eles veio na intencao da venda, depois de roubar vao embora.

Contando os cabras, o tangerino, os tropeiros e ajudantes somavam nove homens, quatro dos quais armados com paus-defumaca, alem dos facoes e punhais dos estradeiros.

-- Eles nao passa de tres e so aqui tem nove... No silencio, deu um passo em frente, cuspiu no chao:

-- Nove homens se borrando de medo.

-- Vagabunda nenhuma me chama de medroso... -- Ofendeu-se o outro cabra ate entao calado. Andou para Bernarda disposto a meter-lhe a mao no pe do ouvido, para lhe ensinar respeito e consideracao mas desistiu ao escutar a advertencia do velho Gerino:

-- Tu ta maluco, Ze Pedro?

Os jogadores de ronda que haviam suspendido as apostas voltaram aliviados a tracar as cartas sebatas do baralho. O velho abrandou a voz para dirigir-se a Bernarda. Chefe dos cabras designados para montar guarda ao barracao, nao demonstrou ter-se ofendido com a acusacao da rapariga: ninguem que o conhecesse poderia acoima-lo de covarde. Nao se esquecia ademais de que a falastrona era pessoa do capitao Natario: se o cabra tivesse ousado, nem Deus o salvaria. Gerino considerava-se responsavel pelo cacau e tambem pelos homens as suas ordens.

-- Fazer o que, Bernarda? Me diga que eu nao sei. Nos nao tem nada a ver com esse embeleco. Nos e pago pra guardar o cacau do Coronel, se eles vier pra ca vao comer fogo, e pra isso que nos ganha. So pra isso.

166

-- Mas tao roubando a venda e diz-que vao agarrar as mulher a pulso e passar a geral em nos, uma por uma.

-- Nos nao ta aqui pra garantir mercadoria de turco nem boceta de mulher-dama. O que e que tu pensa? Que isso aqui e uma cidade? Isso aqui e uma tapera com uma bodega, quatro putas e com nos no barracao do Coronel: e cada um por si e Deus por todos. Se tu quiser, fica aqui com nos que nada vai assuceeder. Caminhou ate junto a porta onde Bernarda estava aflita e tensa e lhe disse sem rancor:

-- Mas se tu nao quiser ficar, se arresolver se matar pelo turco, pode ir. Nos nao sai daqui. Se eles vier nos ensina eles com quantos paus se faz uma cangalha. A gente so tem uma vida e uma morte pra gastar.

7

Nem nas gavetas e prateleiras nem nas tabuas grossas do balcao -- onde diabo o turco excomungado enfurnara a ourama?

Ali também desmontaram tudo, coisa por coisa, trabalhadeira cansativa e inútil. Há de estar em alguma parte, reafirmara Manezinho impondo-se a pressa dos comparsas: a bebedeira de Janjão desejoso de regalar-se com o fiofo da negra; aos temores de Chico Serra receoso de um ataque de surpresa dos vaqueiros. Onde diabo? Nos sacos de farinha, de feijão, de milho? Abriram as portas da frente de par em par e raivosos começaram a jogar as mercadorias para fora, amontoando-as sob a chuva. Esparramaram o feijão e o milho, o arroz e a farinha, o açúcar mascavo, rasgaram a punhal a posta de carne-seca. Para afugentar o medo, Chico Serra rompeu gargalos de garrafas a tiros de revólver; nos matos onde se haviam refugiado, as raparigas escutavam os estampidos e se mijavam apavoradas.

Escorrendo chuva de trás da jaqueira, Pedro Cigano e o aracoaba faziam esforços para enxergar e entender, mal percebiam as figuras movimentando-se no negrume. Janjão e Chico Serra acumularam os produtos uns sobre os outros, Manezinho entornou querosene em cima da pilha e ateou fogo. Houve uma altercação, as vozes se elevaram ameaçadoras. Janjão queria

incendiar a casa, Manezinho o impediu aos berros. Certo de que o saco de moedas se encontrava ali, bem guardado em alguma parte, o chefe do bando tinha planos de voltar em breve, quando o turco houvesse regressado da viagem. Sob o cano das armas, seria o próprio Fadul quem os conduziria ao butim. De mão beijada. Janjão que em vez de miolos tinha merda na cabeça tentou então prolongar a permanência no arruado, o tempo de enrubar a negra mas Manezinho não lhe deu ouvidos:

-- Fique se quiser pros tropeiros lhe matar. Vambora! --

Ordenou a Chico Serra que não desejava outra coisa. Sairam os dois em disparada, atirando para cima em despedida. Janjão ainda percorreu com a vista os arredores, numa obstinação de mentecapto: como enxergar a tribufu naquela escuridão mesmo que

ela tivesse ficado de rabiosque a espera sob o temporal? Finalmente desistiu: descarregou a arma na direcao do descampado onde a encontrara, com uma praga tocou o animal a toda, na pressa de alcançar os companheiros. Praguejou de novo: nem o tesouro nem o cu da negra.

As labaredas nao resistiram a chuva pesada, foram-se extinguindo pouco a pouco; um cheiro forte de milho, de acucar, de feijao queimados, de carne chamuscada, se espalhou ao vento. O troca-penas e o sarara saíram de tras da jaqueira e se aproximaram. Pedro Cigano passou sem parar em frente ao fogareu, varou casa adentro, quem sabe teria mais sorte do que os jaguncos? Tambem ele acreditava a pes juntos na existencia da burra abarrotada de moedas de ouro acumuladas pelo turco: nao era um saco, era um bau. O ajudante de tropeiro, bisonho nas estradas, desconhecedor do conto, contentou-se com os salvados da fogueira. Logo se juntaram a eles, homens vindos do barracao, mulheres chegadas do brejo. Disputaram avidamente as sobras do saque na moradia e no armazem e o que puderam resgatar das chamas. Assim se consumiu parte da falada fortuna de Fadul Abdala, aquela que ele nao levava em cima do corpo, as mercadorias deixadas no cacete armado. Pedro Cigano prosseguiu incansavel noite afora a escarafunchar mesmo depois que todos os demais se retiraram. Sustentado por duas garrafas de cachaca milagrosamente salvas da sanha de Manezinho, do cagaco de Chico Serra, da sede de Janjao Fanchao e da rapinagem dos aproveitadores, cambada de mofinos. 168

8

A acreditar-se na versao apregoada pelo errante Pedro Cigano a correr sete coxias, as imprecacoes de Fadul Abdala estremeceram ceus e terra, abalaram os quadrantes do mundo, tao terriveis foram. Anuns e mutuns, papagaios e araras fugiram em bandos para o mais recondito da mata, os ouricos-cacheiros esconderam-se nos ocos das arvores, os dorminhocos japuras acordaram em sobressalto, os ariscos teius enfiaram-se sob as pedras, os queixadas e os caititus

sairam em disparada, as cobras puseram-se de sobreaviso atinando os botes para o que desse e viesse. Potocas do conhecido garganteiro, troca-pernas sem itinerario fixo. Feitas porem as contas, tirados os nove fora, os relatos das demais testemunhas de vista da chegada do turco a Tocaia Grande tres dias apos o assalto exibiram igualmente dramaticidade e grandiloquencia. Viram-no fora de si esmurrar a caixa do peito com os punhos fechados; depois em desespero, elevar as grandes maos abertas para o alto apontando em direcao ao desatento, ao negligente, ao omisso Deus dos maronitas a cuja guarda entregara antes de partir a paz da casa, a seguranca das mercadorias. Abriu a boca num uno de animal ferido a traicao pelo proprio pai. Cobrou do Senhor em altos brados te-lo abandonado na hora mais necessitada e amarga e o fez em arabe, tornando o espetaculo ainda mais patetico. Alias, para falar com Deus, Fadul usava sempre a lingua materna, pois nao tinha certeza de que o Todo-Poderoso conhecesse o portugues. Em portugues jurou vinganca, juras que se perderam vazias de sentido: onde, como e quando poderia executa-las? Nunca. O colerico dialogo com o Altissimo serviu para alivias-lhe o coracao sujeito a pena tao medonha. Deus nao o abandonara, apenas expusera seu carater e sua fe a prova bem mais dificil do que os pesadelos com Zezinha nua e inatingivel. Ao mesmo tempo, salvara-lhe a vida retirando-o de Tocaia Grande por ocasio do assalto. Viram-no silenciar, apaziguado. Demorou-se a olhar a desordem e o lixo como se quisesse guardar consigo aquela imagem tatuada nas entranhas. Depois, chamou Lupiscinio ali presente e lhe deu ordens precisas: comecar o trabalho pelo balcao e 169

pelas prateleiras, a cama nao tinha tanta pressa. No mesmo dia em que chegou e constatou a desgraceira, seu Fadu voltou a servir a freguesia.

De moto proprio nao falava no acontecido. Quando puxavam o assunto nao se negava a conversa mas respondia com prudencia, aparentando calma e resignacao. Nao reclamou de ninguem se ter

mexido em defesa das portas da residencia e do negocio, encontrando para tal comportamento desculpa e explicacao: so um louco arriscaria a vida para acudir a sacos de acucar, a carreteis de linha. Pelo proprio Gerino soube do intento de Bernarda e de como fora dificil mante-la no barracao a salvo da morte e de uma geral dos jaguncos. Se vissem aquela boniteza querendo se meter na vida deles, adeus Bernarda! Antes de acabar com ela se serviriam na forma do previsto: os tres na mesma occasiao e na brutalidade, sob o comando de Janjao Fanchao, o comedor de cu. O turco apoiara a conduta do velho: fizera muito bem, Bernarda sofria da moleira.

Nao falou em ir-se embora comerciar noutro lugar, menos exposto, ou retornar a vida de mascate: como se o assalto houvesse reforcado a decisao de fixar-se em Tocaia Grande. Perdera, porem, aquela alegria esfuziante, a jovialidade; nao pilheriava, nao debochava com os fregueses, como antes. Nao se via um sorriso nos seus labios por mais que o provocassem. Que fim levara o turco contador de historias, farsante e falastrao, cheio de inventiva e graca, o ai-jesus das raparigas? Inquietas, elas se perguntavam se, um dia, seu Fadu voltaria a rir e a chalacear. Enterrado no trabalho com o afinco e a ganancia conhecidos, superara o desgosto, a raiva do prejuizo consideravel. Mas persistia uma magoa a castigar-lhe o peito, a impedir-lhe o sono, roendo-o por dentro sem lhe dar sossego: a impossibilidade de vingarse. Doia-lhe saber em liberdade os jaguncos que haviam invadido sua propriedade, destruindo e roubando bens valiosos: viviam a

tripa forra, longe do alcance de suas maos. Fadul sentia-se infeliz, de mal com a vida triste e feia. **9**

Pouco mais de uma semana havia transcorrido desde a volta de Fadul Abdala, ja andava ele farto de ouvir pilherias e lamurias, 170

reintegrado a faina habitual; um dia, ao fim da manha, o capitao Natario da Fonseca desmontou da mula e a prendeu a estaca, no oitao do armazem. Fadul veio apressado dos fundos da casa para

saudar e servir o amigo, preparando-se para conversa animada e longa sobre os lances do episodio.

Ao contrario do esperado, o Capitaõ nao trouxe a baila aquele infausto assunto. Saboreou a medida de cachaca em pequenos tragos, falou disso e daquilo. Deu noticias do coronel Boaventura, sempre forte, com saude gracias a Deus, mas seu tanto triste porque o doutor Venturinha se mandara para o Rio de Janeiro, depois das festas de formatura, e parecia nao ter pressa de voltar; comentou sobre as rocas que ele, Natario, comecara a plantar na Boa Vista, ia ver como prosperavam.

Surpreso e desapontado diante de tamanha indiferenca, Fadul se conteve a duras penas para nao deixar transparecer a decepcao, o desgosto que lhe causava tal atitude do Capitaõ de cuja amizade se gabava.

Natario sempre demonstrara estima pelo turco. Fadul ainda mascateava quando ele, certa feita, ofertara-lhe um revolver e passara a trata-lo de compadre. As relacoes cresceram e se estreitaram depois que o comerciante se estabelecera em Tocaia Grande. No entanto, o Capitaõ nao fez qualquer referencia ao fato recente e palpitante, nao se colocou sequer as ordens, conforme manda a boa educacao, nao tugiou nem mugiu.

Tendo preparado o cigarro de fumo picado, Natario aceitou o fogo oferecido por Fadul, recusou nova dose de cana, dispos-se a seguir viagem. Desencostando-se do balcao endireitou o corpo, meteu a mao no bolso do paletõ de brim caqui, puxou de dentro o canivete que o turco esquecera em cima da cama ao sair para Taquaras:

-- Isso nao e pertence seu, compadre Fadul?

Colocou o objeto na tabua do balcao, Fadul Abdala sentiu um baque no peito:

-- E meu, sim, Capitao. Se mal lhe pergunto, como chegou as suas maos?

-- E como houvera de ser, compadre?

Andou para o oitao da casa, voltou com a mula, meteu o pe

no estribo, leu a interrogacao ansiosa nos olhos de Fadul, montou e respondeu:

171

-- Andei sabendo do caso, dei logo com eles. Tres cabras ruins, compadre Fadul.

Iluminaram-se os olhos do turco, nasceu-lhe o riso na boca, sentiu ao mesmo tempo vontade de chorar, quis contudo confirmar:

-- Os tres, Capitao?

-- Os tres, na mesma cova. Ate mais ver, compadre. **10**

Retornaram o riso facil, a gargalhada estrepitosa, a zombaria, o madrigal, o gosto de narrar e o de discutir, a tesao e o apetite

-- o desfrute da vida. Novamente ouviu-se em Tocaia Grande o vozeirao de Fadul Abdala em deboche e parolagem e quando, por fim, em troca de algumas moedas de vintem, Pedro Cigano assumiu a harmonica, convocou as damas e armou o fovoco, quem mais se exibiu nos ademas da quadrilha foi o dono do cacete armado. Voltara a ser o mesmo seu Fadu de antes, o coracao liberto da sede de vinganca.

Nao se libertou, porem, da preocupacao. Obrigado a viajar periodicamente para refazer o sortimento, pagar aos credores, assuntar as novidades do comercio e dedicar-se ao que se sabe, deixaria o armazem fechado, na mira dos passantes, gente de toda

laia, a disposicao de salteadores e ladroes, de grupos de jaguncos. E bem verdade que a negra sorte dos tres clavinoteiros corria mundo: invencionices de monta, detalhes de arrepiar. Circulavam ao menos cinco versoes totalmente diversas mas todas tetricas a respeito da morte dos cabras, e os bisbilhoteiros garantiam ser o capitao Natario da Fonseca socio do turco nos lucros do armazem, nada mais nada menos. Quando perguntado, seu Fadu nao desmentia: mais do que qualquer arma de fogo aquele sacrossanto zunzum defendia as portas do negocio.

Ainda assim, a proporcao que o volume de mercadorias minguava no deposito, tomavam-se evidentes os sinais de intranquilidade no rosto e nas maneiras de Fadul. Ah, se descobrisse cristao capaz, disposto e digno de fe a quem pudesse confiar o balcao, a caixa e o revolver -- ah. partiria bem mais sossegado e 172

satisfeito. O atendimento aos fregueses manter-se-ia ininterrupto, as vendas nao sofreriam paralisacao e a presenca de um tipo destemido a frente da bodega, dormindo na casa, talvez bastasse para impedir outra tentativa de assalto; a presenca do topetudo e a sombra amiga do capitao Natario da Fonseca. Infelizmente, nao enxergava nos ermos de Tocaia Grande cidadao portador de tantas e tao assinaladas qualidades. Para gaudio de uns, espanto de outros, quem desatou o no e resolveu o problema, quem enfrentou a responsabilidade e assumiu a pesada carga foi -- imagine-se! -- a velha Jacinta Coroca. Voltara de Taquaras com a tropa de Ze Raimundo, escanchada na cangalha de Lua Cheia, repicando guizos, no dia seguinte ao do saque, a tempo de constatar a depredacao e medir o prejuizo. Balancou a cabeça em silencio, nao foi apoquentar Fadul com perguntas e palpites.

Ao sentir, certa noite, a aflicao do turco, tao grande a ponto de silencia-lo durante a trajetoria da fornicacao habitualmente ruidosa e festiva, Coroca se ofereceu enquanto o aseava com delicadeza e zelo.

-- Se quiser, seu Fadu, va sua viagem descansado que eu do tomo conta do negocio. Deixe comigo, faco suas vezes. Pode ir sem cuidado.

De pe, enorme e nu, pingando agua da caceta desmarcada, o turco olhou estupefato para Jacinta, que segurava um pedaco de sabao curvada em frente a pequena bacia de flandre comprada a prazo ao proprio Fadul. Ele demorou-se a medi-la e a pesa-la como se nunca a tivesse visto.

-- Tu ta propondo que eu viaje deixando o armazem aberto e tu respondendo por tudo, vendendo, recebendo, dando troco?

Depositando o peso de sabao junto a bacia, Coroca tomou de um trapo limpo, enxugou com cuidado o imponente sacco e a notavel estrovenga:

-- E so me dar os precos por escrito, sei de uma porcao. Vou dormir em riba do balcao ate vance chegar.

Ergueu o busto: a luz do fifo o corpo encarquilhado e fragil se alteou, os olhos cintilavam.

-- Tu? -- Fadul a encarava pasmo, boca aberta.

Uma brincadeira de mau gosto do Senhor Deus dos maronitas que mais uma vez o abandonava a sorte ingrata. Revoltado, 173

fulo de raiva, elevou o pensamento aos ceus: nesta hora adversa em que, desesperado, busco o auxilio de um homem macho competente e serio, o adjutorio que me ofertais, Senhor, e essa puta velha e descarnada?

Entao, uma luz brilhou no juizo de Fadul Abdala e ele entendeu que bravura, sabedoria e decencia nao sao privilegios dos machos, dos ricos e dos fortes; sao apanagio de qualquer mortal, mesmo em se

tratando de uma puta velha e descarnada. Não era Coroca boa de cama e de conselho?

-- Tu? -- Repetiu com outro acento.

-- Eu sim senhor. Maria Jacinta da Imaculada Conceição, que vances trata de Coroca. Sei ler, assinar o nome e fazer conta e já cuidei de uma quitanda no Rio do Braco. Medo, só senti uma vez quando gostei de um homem, foi ele que me ensinou a ler. Colocou o trapo ao lado do sabão e da bacia. Sorrindo, concluiu:

-- E nunca aprendi a roubar, nem sei por que.

O LUGAREJO

INSTALADO EM TOCAIA GRANDE, O NEGRO

CASTOR ABDUIM ENFRENTA A SOLIDAO

1

O corpo ensanguentado do porco-do-mato sobre o dorso nu, o alforje repleto pendurado ao ombro, um pano amarrado na cintura, Oxossi surgiu da mata e andou em direcao ao rio. No lume do sol Epifania reconheceu o encantado pelo porte altivo e pela caca predileta, senhor das florestas e dos animais bravios. Na vespera enxergara de longe Xango, na forja inventando o fogo. Xango ou Oxossi, o negro Ticao Abduim atravessou a planura armado de faca do mato e de escopeta.

No Bide das Damas, ampla bacia formada pela correnteza, Epifania se banhava envolta em agua e brisa, descansando da noite atarefada; sobre uma pedra o robe amarelo que acabara de lavar e o peso de sabao-massa. Na cidade da Bahia onde nascera, em casa de iia Oueque nas Sete Portas raspava a carapinha, fizera a cabeça a mando de Oxum, a vaidosa. Oxum, mulher de Oxossi e de Xango, mae das aguas mansas: Epifania estremeceu, sentiu um frio nas profundas, arreganhou-se inteira.

O cacador arriou a carga no chao, mais adiante, onde o rio se alargava: da ferida mortal na garganta do caititu o sangue escorreu avermelhando o barro. Desatou o pano da cintura e o depositou ao lado do alforje, da faca e da escopeta. Fabricara ele proprio a lamina comprida e larga, afiara a ponta e temperara o gume. Igualmente trabalho seu era o alforje de couro cru destinado a transportar caca miuda. Elevando os bracos, mergulhou no rio para limpar-se do

sangue que lhe cobria as costas. Epifania alteara o busto para ver melhor.

Ao voltar a tona, enfim Ticao a vislumbrou sentada em meio a encachoeirada correnteza: a figura de uma iiaba, na certa Oxum em pessoa, dona dos rios, em visita a distante provincia de seu reino. Antes que a visao se desvanecesse no reverbero da luz, ele a reverenciou tocando a testa com a ponta dos dedos e repetindo a saudacao: ora-ye-yewo. Mas como o sortilegio persistisse, firmou
177

a vista, acenou com o braco e para entabular conversa pediu emprestado o pedaco de sabao. Ela pos-se de pe exibindo os mamilos roxos e pontudos, os maduros seios, esguia de cintura porem farta de cadeiras. De tao retinta a pele negra era azulada. A preta Epifania na forca da idade, perigo solto nas trilhas do cacau, andeja de sitio em sitio, arranchando onde houvesse animacao. Veio trazer a encomenda em mao equilibrando-se sobre as pedras lisas e escorregadias. O corpo de azeviche alumiaava: lampejos de azul na lisa cor de breu. Tendo. feito a entrega, acocorou-se e assim permaneceu vendo-o ensaboar-se: a agua nascia do ventre de Epifania. Epifania de Oxum, mulher de Oxossi e de Xango.

Ao devolver o que sobrara do peso de sabao, o negro segurou-lhe o pulso e a mediu no fundo dos olhos.

-- Ticao, ja ouvi falar... -- ciciou Epifania deixando-se levar sem resistencia, submissa. Mergulharam juntos, enlacados. Depois, ele a conduziu rio acima, mantendo-a presa contra o peito, nadando lentamente na celebracao do encontro. Epifania ja nao sentia a canseira da noite afreguesada. Quando avistaram na margem o corpo do caititu, perguntou para que ele novamente ouvisse e reparasse no rouco langor da voz noturna:

-- Foi vosmice que cacou, meu pai?

Com um gesto de cabeça ele assentiu e sorrindo demonstrou contentamento: caca maior levantada em boa hora, muito a proposito. Dativa de Oxossi ou de Xango, oferenda quem sabe de Oxala. Num desvao da oficina situara o peji, assentara os santos: o arco-e-flecha, o martelo de duas cabeças, o paxoro. Esclareceu a razao do regozijo:

-- Amanha e domingo.

-- E o que e que tem? Nessa caixa-pregos que diferenca faz dia de domingo pra dia de semana?

Recem-chegada, Epifania nao estava a par de habitos e costumes. Nao eram muitos mas cada um deles custara esforco, exigira habilidade, sobretudo paciencia: Castor Abduim da Assuncao quando assumia uma empreitada nao costumava desistir ou voltar atras.

-- Depois lhe conto.

Estendeu no leito de pedras o corpo rendido da mae das 178

aguas mansas, fitou-lhe o rosto e tocou-lhe o ventre marcado por estrias longas: nao as viu nem as sentiu. Via apenas a boca arfante entreaberta, os olhos lassos semicerrando-se; sentiu apenas a lanugem do pentelho, pixaim de doce tato. A correnteza cobria e descobria os encantados; o rio levou embora o cotoco de sabao. **2**

Durante o dia a pasmaceira, o tédio. Habitado a convivencia e a festa, o negro Castor Abduim da Assuncao, Ticao de apelido, padeceu melancolia, carencia e desamparo quando arriou os terens naquela remota sesmaria para nela elevar casa de pedra e cal. Purgou seus pecados, se os tinha, mas nao fugiu ao desafio da imensa solidao.

Decidira sozinho, responsavel unico, senhor de seu destino. Recorrera ao coronel Robustiano de Araujo obtendo dele emprestimo indispensavel para instalar a forja, mas nao lhe pedira conselho nem

lhe prestara satisfacao; nem a ele nem a ninguem. Assim agia desde que escapara da morte certa ao fugir, ainda adolescente, dos canaviais de Santo Amaro. Orfao de escravos forros, destinado por capricho de gringa a bufao e a lacaio, desafiara o baraco e o cutelo, a policia e os capoeiras, o poder do senhor de engenho, rompera as cadeias da servidao. Ninguem mandava nele: ao castigar o Barao, extinguiu o medo e a obediencia. Cabeça posta a premio, abandonou a perene festa do Reconcavo, deixando para tras e para sempre o brilho e a ostentacao do acucar: a casa-grande, a capela, as cavalarias, o engenho, o alambique, a bagaceira. Nao voltaria a acompanhar as procissoes atras dos andores dos santos, cada qual mais rico de ouro e prata; nos esconsos da antiga senzala, outro ogam assumiria O rumpi na orquestra dos atabaques para o toque do aluja em honra de Xango nas noites dos orixas, cada qual mais imponente com os eirus, os xaxaras, os abebes. Voltara as costas as sinhas e as mucamas, aos requintes adulterinos das fidalgas, ao esplendor das mulatas perfumadas de alfazema. Abandonara para sempre e nunca mais os luxos de Oropa, Franca e Bahia, os canaviais, os 179

bateloes nas aguas do Paraguacu, a civilizacao dos senhores acucar assentada no lombo dos escravos. Saudades somente de seu tio Cristovao Abduim, ferreiro eximio que lhe ensinara o oficio, alabe incomparavel da orquestra no chamado do adarrum, que o iniciara no toque dos atabaques. O

Reconcavo era uma festa so.

O Reconcavo era uma festa so, mas Ticao nao sentia falta da festa do Reconcavo. Contentava-se com o diminuto e xucro rancho de mulheres perdidas, amava a inculta paisagem grapiuna, as grandes extensoes de mata virgem e o deslumbre amarelo das rocas de cacau. Nos folguedos do engenho coubera-lhe o posto de obscuro figurante: servical, mero criado domestico mesmo quando fornicava a Senhora Baronesa na alcova da casa-grande, nos alvos lencois de linho do Senhor Barao. Em Tocaia Grande, um homem livre:

desafiando a solidão plantava as sementes de outra festa. Apaixonado pela formosura do lugar, confiante em seu amanhã, decidira fixar-se naquela nascente encruzilhada de tropeiros. Freguesia assegurada, o ganho dava para viver e juntar os tostões com que pagar o empréstimo do Coronel. Desobrigado para sempre da necessidade de alugar a força dos braços, a destreza das mãos, o tutano da cachola. No Reconcavo tudo estava pronto e acabado; ali tudo estava por ser feito.

Quando acendeu a fogueira, manejou o fole e abateu o malho sobre a bigorna, quando levantou a pata do burro Charuto para nela colocar ferradura nova arrancando vivas da assistência --

putas, tropeiros, jaguncos, seu Fadu e Pedro Cigano--, Tocaia Grande apenas passara de concorrido porém desabitado pouso de tropas de cacau seco, a misero arruado: na Baixa dos Sapos as chocas de palita das putas, no Caminho dos Burros casebres de barro batido, além do barracão do coronel Robustiano e da casa do turco, animado comércio de cachaca, fumo e rapadura. Foi depois da chegada de Castor que se somaram a carreira de casebres, no Caminho dos Burros, algumas casas de tijolo e telha-va. Com a construção da oficina, o arruado ampliou-se, cresceu em lugarejo, acolhendo novos moradores: pedreiros e ajudantes, carpintas e raspa-tabuas. Da mesma maneira que Lupiscínio e Bastião da Rosa, contratados antes por Fadu, também mestre Balbino e mestre Guido, Ze Luiz com sua mulher, 180

Merência, chegaram em caráter provisório na intenção de permanecer apenas a duração da empreitada, foram ficando. Balbino, pedreiro de ofício, mestre-de-obras, Guido, marceneiro: marceneiro e não carpinta, como frisava, com uma ponta de vaidade. Ze

Luiz e Merência, ele atarracado e beberrão, ela grandalhona e emproada, haviam improvisado um forno no qual queimaram as telhas para a casa de Castor. Para atender encomenda maior do

coronel Robustiano de Araujo, ampliaram a incipiente olaria, barro de primeirissima qualidade. Tendo decidido ficar de vez, Merencia, cabeça do casal, tratou de erguer casa de alvenaria para nela alojar-se com o marido: na palhoca junto ao forno, Ze Luiz escapara por milagre de ser mordido por uma jararacucu. Para os lados do rio, na Baixa dos Sapos, existiam lugares lindos, mas ela preferiu construir no Caminho dos Burros, ao lado do barraco de Lupiscinio; distante dos ranchos das putas, ruidoso reduto de pecado e bandalheira. A condicao de mulher casada nao a impedia de dar-se com as raparigas, nao lhes negava o bom-dia e o boa-tarde, mas dai a ser vizinha de rameiras ia uma distancia grande: nao eram da mesma laia. Carradas de razao tinha Coroca, refletiu o carpinteiro: as ruas de frente sao privativas das familias, mesmo no cu do mundo. Quando Ticao chegou e acendeu a forja era cada um por si e Deus por todos, como explicara o velho Gerino a Bernarda na noite de assalto e de vexame. Para nao se transformar num vivente sombrio e triste, miseravel, precisava modificar com urgencia os habitos e o procedimento dos minguados habitantes: implantar o convivio onde medrava a indiferenca. Em Tocaia Grande, Castor Abduim enfrentou a solidao com o mesmo risonho desassombro com que se exibiu no talamo de Madama, desabotoou os seios de Rufina e garguelou o Senhor Barao, em priscas eras. Se nao decorrera tanto tempo, ao menos parecia.

3

Quem mais se alegrou com a presenca de Ticao Abduim em Tocaia Grande foi Fadul Abdala. Contente a ponto de destinar uma garrafa de cachaca para consumo gratis na tarde em que o 181

negro suspendeu a pata do burro Charuto em. meio a gritaria do festivo corrilho reunido diante da oficina.

Tinham-se conhecido na fazenda do coronel Robustiano: o negro ferrando animais, o turco expondo as mercadorias da mala de mascate. Certa occasiao, estando os dois de passagem por Taquaras,

juntos se encontraram em animado bailarico, prazenteiro dancaras na pensao da india Alice: na hora de maior influencia, apareceu uma sucia de desordeiros e o pacato blefore acabou em agua suja com pancadaria e tiros. Escaparam ilesos e o negro, alem de ter esborrachado a cara de um dos valentoes, tomara-lhe o revolver -- quem nao tem competencia para manejar um pau-de-fumaca nao deve saca-lo da cintura, pode facilmente perder a arma e a chibanca. Fadul via em Ticao uma garantia a mais contra eventuais e sempre temidas ameacas a tranquilidade do lugar. E bem verdade que Coroca dava perfeita conta do recado quando, na ausencia do proprietario, cuidava do armazem, e que nenhum jagunco voltara a sobressaltar os habitantes de Tocaia Grande: antes de se decidir a faze-lo o facanhudo devia pensar ao menos duas vezes. Os perigos haviam-se reduzido. De qualquer maneira, porem, a oficina aberta com o negro a frente significava mais uma razao de peso a desanimar ladroes e malfeitores. O comerciante e o ferreiro comecaram por estabelecer um pacto: nao se afastariam os dois ao mesmo tempo de Tocaia Grande; quando um deles necessitasse viajar, o outro se manteria a postos, pronto para intervir caso sucedesse novidade. Entre o movimento noturno e o matinal ditados pela chegada e partida dos comboios, a insipidez se impunha, insuportavel: os dois proscritos enchiam as horas mortas conversando fiado, permutando memorias, recordando peripecias e lambancas, narrando contos da carochinha. Ou apenas faziam-se companhia em silencio: o arabe no apuro do narguile, o negro rendilhando pecas de ferro ou de latao.

Fadul gostava de apreciar o trabalho de Castor, ao mesmo tempo bruto e delicado, de ve-lo transformar inutil fragmento de ferro em prenda para mulher, anel ou broche, fazer de velho pedaco de lata util vasilhame para o pote e o braseiro. Em troca, nao havia ouvinte mais atento do que Ticao as narrativas do turco, episodios da Biblia, fantasias do Oriente, com profetas e tetrarcas, 182

magos prodigiosos e apreciaveis odaliscas de umbigo a mostra. Olhos arregalados, boca em exclamacoes e riso, o negro

acompanhava pelepas e intrigas, passo a passo, apaixonadamente. Nao perdia detalhe mesmo quando o levantino, ao referir lance empolgante, para se explicar melhor explicava em arabe. Acontecia uma rapariga sentar-se no chao ao lado deles para ouvir e conversar; vez por outra mais de uma: duas ou tres. Entao castor puxava o canto, formava-se a roda de coco, marcavam o ritmo com as maos:

E de manha

E de madrugada

Vamos tirar leite

Oh Maninha

Da vaca malhada.

As mulheres trocavam da pronuncia de seu Fadul mas ele nao ligava, persistia animadissimo no coro: menino, no Libano, cantara na igreja da aldeia. Se coincidia Pedro Cigano estar presente com a harmonica, elas pediam a Castor a merce de uma cantiga: o negro conhecia um ror de modinhas, tiranas e lundus, nao se fazia rogar:

Se Deus me perguntasse

Que queres te seja dado

Quero viver na barra

De teu vestido encarnado.

Grave e quente a voz de Ticao ressoava nas matas e nas entranhas. Extasiada, Zuleica, sirigaita trigueira e cismarenta, garantia que os passaros silenciavam nas arvores para ouvi-lo cantar. Artes e mandingas de Castor Abduim, ferrador de burros: silenciava os

passaros, enleava as cobras, rendia os coracoes. Negro imaginoso e alegre, feiticeiro, sem ele que seria de Tocaia Grande?

183

4

Dantes, para saber a data do mes e o dia da semana precisavam consultar a unica folhinha existente em Tocaia Grande, pendurada junto a porta no barracao de cacau seco. Por sinal, um cromo que dava gosto ver: paisagem hibernal de campo europeu, montanhas brancas de neve e um grande cao peludo conduzindo ao pescoco um barrilete, coisa de admirar. Colado sob a estampa um pequeno e volumoso bloco constituido de paginas impressas que designavam a data e o dia, a folhinha propriamente dita. Presente de ano-novo do coronel Robustiano de Araujo ao velho Gerino, cabra fiel. Proprietario orgulhoso de tal preciosidade, Gerino exhibia a pintura as raparigas e aos tropeiros, repetindo informacoes ouvidas do Coronel: nas estranhas faz um frio da disgrama e o barril esta cheinho de cachaca para socorrer os necessitados. Calendario mais bonito e educativo nao se podia desejar, porem inconstante e inseguro, pois o velho Gerino passava dias e dias sem arrancar as paginas da folhinha, e quando se lembrava faze-lo, para atender a

recomendacao do Coronel, as retirava ao deus-dara: uma, duas, nunca mais de tres para economiza-las, letras e numeros incompreensiveis para a quase totalidade residentes e passantes. A vida decorria em permanente atraso e ninguem poderia garantir com exatidao se estavam nos fins marco ou nos comecos de abril, se era quarta-feira ou sabado. E domingo, dia santo? Naquele entao o domingo nao existia em Tocaia Grande.

Sem saber se as chuvas cairiam adiantadas ou atrasadas, tornava-se dificil conjecturar sobre o volume das colheitas temporao e na safra, prever a quantidade de cacau a ser produzidas pelas rocas e fazendas na extensao do rio das Cobras, o montante da abastanca.

Atrapalhacao e barafunda: a alguns pouco importava mas outros se inquietavam e se afligiam. O turco Fadul tinha dinheiro a receber de fregueses a quem fiara ou emprestara a juros, pagamentos a efetuar a fornecedores, datas precisas umas e outras, anotadas em arabe num caderno. Merencia considerava o domingo dia de descanso obrigatorio conforme ordena e exige a lei de Deus -- do Deus da presumida oleira, visto que o Deus 184



de Fadul, menos ortodoxo, permitia o comercio dominical obviamente com justa elevacao de precos e de lucros. Bernarda se agoniava tentando adivinhar os dias felizes das visitas do padrinho. As visitas do padrinho, razao de sua vida. Antes, rapida parada -- ai, rapida demais! -- na ida e na volta entre as fazendas da Atalaia e da

Boa Vista; ultimamente passara a demorar em companhia de Bernarda a noite inteira: ai, noite curta demais!

Devido ao absurdo calendario de Gerino, ate o capitao Natario da Fonseca viu-se obrigado a alterar habitos e horarios. **5**

O que da para rir da para chorar e vice-versa, afirmam as putas com conhecimento de causa. Bernarda comprovou o acerto do proverbio, pelo direito e pelo avesso, no diminuto e infinito curso de uma noite. Foi a partir da tenebrosa noite do pior dos abandonos, quando o sentiu perdido para sempre, que o padrinho resolveu modificar os horarios e ampliar a exigua medida da bemaventuranca. Bernarda segurara o choro no fundo da garganta, tinha pratica de trancar lagrimas e soluços na caixa do peito; riu melhor pois riu por ultimo ao decifrar motivo e consequencia. Na ida mensal a Boa Vista o capitao Natario da Fonseca aparecia no meio da manha; na volta para a Atalaia apeava da mula no meio da tarde. Ensejo breve e dividido: todos queriam ve-lo, trocar dois dedos de prosa, saber as novidades; entretinha-se um tempao no cavaco com Fadul.

De manha ou de tarde, enquanto Bernarda e o Capitao se fartavam e refartavam na cama de campanha, Coroca passava um cafe adocado com rapadura para servir bem quente durante os minutos de conversacao que precediam o bota-fora. Ao chegar da Atalaia, Natario referia noticias da familia, de Zilda e dos meninos: sua madrinha mandou a bencao e esse pedaco de pano que e pra tu fazer uma saia. No regresso da Boa Vista, nao tinha outro assunto alem das rocas recém-plantadas. Discorria entusiasmado sobre o satisfatorio crescimento das mudas, perspectivas otimistas: contente, Bernarda batia palmas. Se, ao contrario, ele especulava sobre as chuvas, cuja duracao podia modificar as previsoes afogando os brotos, Bernarda conjurava os maus 185

augurios, anunciava o sol. Nao esquecia de mandar pedir a bencao a madrinha na hora da partida. Hora penosa, arrenegada: teria de arrastar um infundavel mes para te-lo de novo contra o peito,

minguados segundos para o desmedido anseio. Quando demoraria com ela uma noite inteira, das sombras do crepusculo a alva do dia? Quando, Padrinho?

Pois nao e que, numa daquelas distantes tardes de outrora, ao saborear o cafezinho de Coroca, o padrinho informara inesperadamente que dai a quinze dias regressando da festa de casamento de uma filha de Lourenco Batista, chefe da estacao de Taquaras, pernoitaria em Tocaia Grande, viria esquentar a cama da afilhada?

A noite inteirinha com ela? Ai, benza Deus! Noticia mais apetecida e grata, custava acreditar fosse verdade. Acendida, sem caber em si, pediu que o padrinho repetisse o dia certo. Nao havia como errar: passado o proximo domingo, o outro, menos de duas semanas. A noite inteira. Nao havia como errar, reafirmou Coroca depois que Natario esporeou a mula e ganhou a estrada. As paginas impressas em preto no bloco da folhinha indicavam os dias da semana, de segunda a sabado, mas o de domingo destacava-se em vermelho, para diferenciar o dia santo, dia de festa. Ainda bem que existia o calendario de Gerino, pois em Tocaia Grande os dias transcorriam iguais, e festa havia unicamente quando Pedro Cigano inventava um forrobodo em noite de muita concorrancia de tropeiros e passantes. O desinteresse de Bernarda pelo calendario dependurado na parede do barracao converteu-se em extremo cuidado: passou a ir quotidianamente, logo de manha, constatar o vagaroso decorrer do tempo. Viu aparecer e desaparecer a primeira pagina vermelha no pequeno maco da folhinha, ficou a espera da segunda, de tal forma impaciente e aflita a ponto de um dos cabras comentar:

-- A moleca viu passarinho verde. Vive num pe e noutro.

-- Bernarda nao e certa da cabeça. -- Assegurou Gerino recordando-a, irada e insultuosa, na noite dos jaguncos. Como poderia ela adivinhar que o vistoso calendario estava atrasado de tres dias? Contratada para a noite toda por um alugado -- dinheirinho suado

no cabo do facao e da enxada, poupado vintem a vintem na intencao de folgar sem pressa, a la godaca, com a falada Bernarda -
- estava ela bem do seu na cama, 186

embaixo do sujeito, a cabeça posta no padrinho, quando percebeu leve ruido em frente a casa. Prestou atencao: do lado de fora alguem tentava abrir a tramela enfiando um punhal na fresta da porta. Bernarda teve um sobressalto, moveu-se; o fulano gemeu de prazer ao sentir o inesperado requebro, acelerou o ritmo da metida: que mulher! Bem lhe haviam dito. Bernarda soube em seguida e com certeza absoluta: era o padrinho, adiantara a data da viagem. Quis levantar-se, nao deu tempo. Na chama acanhada do candeeiro aceso na sala viu a sombra desabar sobre a cama de campanha e o vulto postar-se a porta do quarto ordenando sem elevar a voz -- bastava a autoridade:

-- De o fora depressa, camarada.

No escuro, o alugado nao reconheceu o intruso. Mulato corpulento, habituado a fuzues em casas de mulheres da vida, imaginou que tinha a ver com um desses bebados enxeridos, muita farromba e pouca sustancia. Ainda em cima de Bernarda, falou grosso:

-- Dar o fora, por que? Nao se faca de besta!

-- Porque eu tou mandando.

-- E quem e voce para mandar em mim? -- Foi se levantando, disposto a dar uma licao no insolente.

-- Sou o capitao Natario da Fonseca. -- Afastou-se deixando a porta livre, o aco do parabelo cintilou no bruxuleio do fifo.

-- Pelo amor de Deus, nao atire, Capitao!

Arrebanhou as calcas e a camisa, disparou porta afora, sumiu no mato, so parou de correr quando se considerou a salvo. Muita sorte

tivera: enxergara o Capitao antes de cometer a loucura de meter-lhe a mao na cara e condenar-se a morte. Com aquela desvairada, por melhor femea que fosse -- e era! -- nao voltaria a se deitar, nem de graca, Deus o livre e guarde. Bernarda pos-se de pe, atarantada, sem palavras, nem bencao lhe pediu. Natario guardou a arma, o rosto impenetravel, a voz severa, rigorosa:

-- Avisei que vinha dormir aqui no dia de hoje. Se esqueceu?

-- Padrinho disse que ia vir no domingo. Inda hoje espiei na folhinha de seu Gerino.

Do outro quarto chegou a voz de Coroca:

187

-- E deveras, fui junto com ela, marcava quinta-feira. --

Tendo dito, voltou a seus cuidados: tranquilizar o parceiro. apavorado que propunha pagar e ir-se embora: -- Fique descansado, moco, nao tenha medo.

O Capitao sentou na cama, retirou o cinturao, comecou a descalcar as botas:

-- Va se lavar.

Bernarda saiu disparada em direcao ao rio mas voltou do meio do caminho na mesma correria em busca do sabao: a agua nao bastava para limpar a pele do suor e da lembranca do cagao. Ao regressar molhada e imaculada, pronta e feita para as nupcias com o padrinho, encontrou-o dormindo aparentemente a sono solto, nem sequer tirara a calca. Bernarda ficou baratinada sem saber o que fazer. Sentou-se na viga da cama, tocou-lhe o rosto de leve com os dedos umidos. Sem abrir os olhos, o padrinho virou-lhe as costas. Estaria realmente adormecido ou desapiedado a repelia? Na fumaca

da candeia ele a enxergara debaixo de outro, se ofendera, ja nao a queria de xodo.

Jamais dera mostras de ciume, nao a guardara exclusiva para si em mancebia. De passo por Tocaia Grande tomava-a nos bracos com arrebatamento e docura, como se rabicho houvesse, ao menos isso. Nao trocavam palavras de carinho, juras e promessas e nao era preciso, pois estavam juntos na cama. Cavaleiro e montaria, cavalgavam-se; cao e cadela, lobos esfaimados, devorando-se. Nos intervalos conversavam sobre as rocas e os familiares, preocupacoes e devaneios, a casa que ia construir para ele e Zilda no cabeco do morro. Quando, Padrinho? Nao corria dinheiro, nao havia pagamento, nao se papo bem-querer. Se por acaso Bernarda pretendia algo a mais, em nenhum momento deu a entender, insinuou ou pediu, contentando-se com o que ele concedia e consentia.

Mal sentada na trave de madeira da cama de campanha, velou o sono de Natario durante a noite aziaga. Nao pregou olho, maldita e desgracada. Abandonada. Tanto sonhara e desejava te-lo consigo por uma noite inteira! Sem que ela pedisse ou suplicasse, o padrinho decidira vir de moto proprio, sentira vontade ele tambem: ali o tinha, antes nao o tivesse. Alheio, indiferente, perdido para sempre. Voltara-lhe as costas, tudo se acabara. Pior que a ausencia era o desprezo. 188

Quando o sentiu ressonar, enfim dormido de verdade, levantou-se de manso, acolheu-se no peito do padrinho como fazia antigamente: ele na rede de solteiro, ela menininha. Recordou o bom e o ruim, a baba do pai em sua boca, a mae morrendo inerte, a fome, a fuga e o reencontro, a primeira vez no catre da choupana e o par de argolas, brincos dourados, presente que dele recebera e vaidosa usava quando se juntavam. Assim, passo a passo, foi se dando conta do aparente e do deveras e compreendeu que a zanga e o desprezo nao passavam de engano e fingimento para ocultar ciume e magoa, dor-de-corno. Sinal que gostava dela, nao a considerava uma puta

de coxia, igual a tantas outras com as quais se acasalava na perdicao do mundo do cacau. Tampouco rabicho passageiro que faz rir mas nao faz sofrer. Antes da alva, tendo afastado o corpo de Bernarda de cima do peito, devagarzinho para nao acorda-la, Natario se levantou, saiu para urinar e tomar banho. Alvorocada ela saltou da cama, colocou as argolas nas orelhas, correu atras do padrinho. De longe o espiou agachado no mato. Reencontraram-se na beira do rio, ela o fitou nos olhos:

-- Nao tive culpa.

-- Tu me disse. Inda assim, fiquei com raiva.

Bernarda ajudou-o a tirar as calcas, dissolviam-se as trevas e as estrelas, chegara o fim da noite. Nao houvera ofensa nem descaso, injustica ou ameaca. Penas de bem-querer, dor-de-cotovelo: inda assim, fiquei com raiva, dava para chorar e para rir. Na despedida Natario preveniu:

-- Volto daqui a sete dias para passar a noite. Conte nos dedos para nao errar de novo. Se quis dar a voz entonacao de ralho e de advertencia, nao conseguiu: com a mao aflagava os cabelos da afilhada e na face imovel do padrinho, carranca talhada na madeira, Bernarda enxergou a sombra timida de um sorriso. **6**

Instalado em Tocaia Grande, o negro Ticao instituiu o dia de domingo ao assinalar com acontecimento marcante e permanente o inicio da semana: congregou os habitantes num almoco. 189

Concorrendo para evitar tratantadas, pecados, desenganos, servindo ao comercio, a religiao e a benquerencia das criaturas. Cacador inveterado, a mata lhe fornecia o necessario para variar o de-comer. Amigueiro, nos dias de fartura destinava parte da caca a presentear os moradores mais chegados, ora um, ora outro. Tendo uma rapariga lhe perguntado o motivo por que nao vendia em vez de dar -- poderia embolsar um rico dinheirinho respondeu nao ser aquele o seu oficio, ganhava a vida com o trabalho na oficina. Tampouco

cogitou de auferir lucro, não o moveu qualquer ganancia quando decidiu fabricar carne-de-sol e a seguir dedicou-se a organizar o almoco dos domingos. Pensou apenas em melhorar a boia e em reunir o escasso povo do lugarejo.

Para fabricar carne-de-sol contou de imediato com o apoio de Fadul -- quem sabe será um bom negocio? -- e com a decisiva colaboração da preta Dalila de volta a Tocaia Grande. Não houve de parte da suntuosa quenga segundas intenções quando se ofereceu para colaborar; nem por ser especialista, de prática comprovada, exigiu paga ou benefício: colaborou de mão beijada. Após o susto que raspou quando Janjão Fanchão ameaçou enraba-la, a rapariga desaparecera, certamente em busca de paisagens menos adversas onde pudesse rebolar em paz o cobicado fiofo. Palmilhou leguas de chão: ao dar-se conta viu-se novamente naquelas perigosas bandas. Constatou o crescimento do lugar: mais gente, novos barracos, menos riscos e a forja acesa. A par dos malfeitos e das intenções dos falecidos, dos planos de Janjão, Fadul comunicou a Dalila com evidente satisfação a morte do fanchão. A rapariga já sabia: o acontecido causara alvoroço, dera o que falar; o zunzum se espalhara, fora alcançada em Itapira, onde ela se detivera no decurso da entressafra. Assim tão longe? Como lhe digo.

-- Diz-que caparam ele, foi bem feito. Deus é grande. Não tendo interesse em desmentir os cruéis detalhes das contraditorias versões sobre o fim dos bandidos, muito ao contrário, Fadul desviou o rumo da conversa:

-- É verdade mesmo que tu é cabaco por de trás?

Dalila não se deu por achada, respondeu na bucha, categórica e enigmática:

-- A pulso, seu Fadu, nem na frente, quanto mais atrás. 190

Nada acrescentou por não ser hipócrita como tantas outras. Sentimental, quando enxodozada nada sabia recusar; quando

necessitada curvava-se a polpuda oferta: a culpa era de Deus que a fizera tao bem servida. Deixou o curioso no ora-veja: a pulso, antes a morte, seu Fadu. Entretinham-se a rapariga e o turco nessas astucias e negacas quando Castor apareceu com o convite: nao queria Fadul se associar a ele num empreendimento de sucesso imprevisivel? Pensava fazer carne-de-sol, nunca fizera antes mas experimentar custava pouco. Na fazenda do coronel Robustiano vira os sertanejos salgar a carne de boi nos dias de abate e expo-la ao sol, resultava num manjar ainda mais apetitoso que jaba. Entraria com a caca, o turco com o sal, que lhe parecia?

Dalila rabeou os quartos ofuscando o sol e se declarou entendida e pratica na materia. No alto sertao onde nascera, em meio a criacao de gado, o povareu vivia disso, de salgar carne fresca transformando-a em carne-de-sol por conta do coronel Raul, o mesmo, diga-se de passagem, que lhe tirara os tampos. Salgavam tambem porcos e bichos menores, aves diversas, fritavam passarinhos para comer e vender na feira. Dos passarinhos mastigava-se tudo, ate os ossos. Inicialmente constituída pelos tres parceiros -- a caca de Ticao, o sal de Fadul, a pericia de Dalila -- a sociedade logo se ampliou: se sociedade podia se chamar o reduzido mutirao. Lupiscinio e Bastiao da Rosa armaram um varal onde pendurar a carne salgada. Outras mulheres vieram ajudar e houve grande influencia na beira do rio, durante a salmoura. Trocaram dichotes, pilherias, gargalhadas, uma diversao. Muito trabalho, pouca carne, suficiente todavia para que cada um tivesse seu quinhao. Fadul verificou que para negocio nao sobrava, ainda assim pagava a pena: nem tudo e dinheiro nesse mundo.

O sol forte colaborou para o exito da experiencia; durante aqueles dias afanosos nao choveu. Quando Dalila, do alto de seus tamancos e de sua competencia, anunciou que a carne-de-sol estava no ponto de ir para o fogo e ser comida, improvisaram um verdadeiro festim. Numa panela de barro Bernarda e Coroca cozinharam parte da carne no feijao, Zuleica torrou farinha na graxa da fritura, Cotinha fez doce

de jaca -- e ninguem dava nada por Cotinha! Arrecadaram alguns tostoes para comprar a Fadul 191

uma garrafa de cachaca, o proprio vendedor contribuiu reduzindo o preco. Terminou em cantoria.

Assim nasceu a ideia do almoco dominical. Animado como ele so, Ticao foi o autor da proposta que mereceu caloroso aplausos dos comensais: um almoco que os reunisse uma vez por semana para encher o bandulho, conversar e rir. De comeco uns poucos, logo os demais foram aderindo.

No toldo em meio ao descampado, aos domingos, aglomerava-se a vasqueira populacao na hora do sol a pino. Ticao e Fadu, Gerino e os cabras do barracao, Guido e Bastiao da Rosa, Balbino e Lupiscinio, Coroca e Bernarda, Ze Luiz e Merencia, Zuleica e Dalila, a doceira Cotinha. Fornecendo mantimentos ou trabalhando, quase todos concorriam para o rega-bofe, todos dele participavam. Quando presente, Pedro Cigano entrava com a musica, alem de cantoria havia danca. Merencia dava gracias ao Senhor pelo dia santo, Fadul acompanhava a prece murmurando em arabe, as putas diziam amem. Tropeiros retardavam a partida dos comboios para comer e beber em companhia.

A PEDIDO DE EPIFANIA, O NEGRO CASTOR ABDUIM

ORGANIZA A FESTA DE SAO JOAO

1

Certa manha cedinho, o negro Castor Abduim estava ferrando o burro Piacava quando, ao desviar os olhos para interior da oficina, reparou no cachorro estendido ao pe da forja.. Imaginou que o vira-lata pertencesse a Lazaro, veterano dos atalhos de Tocaia Grande, ou a Cosme, filho e ajudante, moleque metido a sebo. Seria aquisicao recente, pois nao se lembrava de te-lo visto nos rastros do

comboio. Encharcado, aproveitava o calor do fogo antes de retomar a caminhada. Ticao nao lhe invejava a sorte: tempo de esconjuro.

Devido ao mau estado dos caminhos -- caminho digno desse 192

nome ja nao havia, trafegavam num arriscado e continuo lamacal

-- Lazaro chegara noite velha, praguejando: no meio da jornada lenta Piacava perdera uma ferradura, passara a mancar aumentando o atraso. Esteira de puta aquela hora nem a tapa. Madrugaram na porta do ferreiro, pretendiam alcancar Taquaras antes da saida do trem. Enquanto Cosme reforcava os nos nas lonas colocadas sobre a carga para defende-la da chuva fina e persistente, Lazaro detinha-se a admirar a precisao e a destreza de Castor. As cabeças e os ombros cobertos com sacos de aniagem convertidos em capas e capuzes, pes descalcos, calcas arregacadas, pai e filho patinavam na lama, arrenegavam o ceu encoberto, opaco e triste. Nao se tratava de nuvem repentina, pe-d'agua brusco e rapido, um daqueles aguaceiros de verao que nao deixam vestigios, nao chegam a apagar o olho do sol. O inverno comecara, chuva incessante, dias feios, noites frias, horizonte cinzento, a lama e a morrinha.

Nos arruados e nos lugarejos, nos pontos de pernoite, tropeiros e ajudantes buscavam o aconchego das raparigas; nas bodegas e vendolas temperavam a garganta, esquentavam o peito com um trago de cachaca. Antes de ganhar a estrada, Lazaro e Cosme matariam o bicho no cacete armado de Fadul. Na vespera, haviam chegado tarde para as putas. Em materia de mulher e em outras mais tinham gostos similares, e natural; na estrada, calados, atentos aos barrancos e despenhadeiros, vinham ambos na tencao de Bernarda. O devaneio aliviava a canseira, encolhia as leguas do estirao. Se nao pudesse ser Bernarda, tao cobicada, outra qualquer remediava.

Bem calcado, Piacava zurrou, escoiceou o ar, juntou-se a

tropa. Lazaro chalaceou ao efetuar a paga:

-- Ta contente, de borzeguim novo o fio da puta. Cosme tangeu os burros, Castor desejou boa travessia, entrou na oficina -- mais tarde quando a chuva abrandasse iria recolher a caca. Junto a forja, o cao levantou a cabeça, abanou o rabo. O negro, pondo as maos em concha em torno a boca, gritou:

-- Lazaro! Olha o cachorro!

Lazaro suspendeu a marcha:

-- Que cachorro?

-- O que veio com oces.

193

-- Com nos? Com nos nao veio nenhum cachorro, tu ta vendo assombracao. Se nao viera com a tropa de Lazaro, com quem entao? O dono ha de aparecer, pensou o ferreiro. Na intencao de tirar o caso a limpo sentou-se na cadeira de Xango: assim denominara um pedregulho quadrado, trazido da mata, colocado ao lado do peji. Estendeu a mao, o vira-lata tentou por-se de pe, mal conseguiu manter-se sobre as patas. Achevou-se a custo, descadeirado, agitando a cauda. Observando-o mais de perto, lasso e descarnado, transido e imundo, os ossos furando a pele, Ticao concluiu tratar-se de cao sem dono, trota-mundos, em demanda de sobejo de comida e de cadela em vicio. Da mesma maneira como chegara iria embora. De leve o acarinhou, cocando-lhe a cabeça. Depois apalpou com cuidado: recebera violenta pancada nas traseiras, ficara derreado. Ganiu ao sentir a mao do negro tocar-lhe os quadris caidos, latiu quando a pressao se fez mais forte, mas nao tinha osso partido. Enquanto durou o exame nao deixou de festejar Castor, balancando a cauda enlameada, carente de pelos, lastimosa. Era de tamanho mediano.

2

Com os latidos, Epifania veio curiosa lá de dentro ver o que estava acontecendo. Um trapo de chita florada ao redor da cintura, os peitos a mostra, parecia imune ao frio da madrugada. Espantou-se ao ver o cão, sujo e pedincheno. Perguntou, compadecida:

-- De onde saiu essa alma penada?

-- De lugar nenhum. Apareceu.

Como chegara, de onde viera, Castor não soube responder: de repente manifestara-se ali a quentar fogo. De repente? Epifania não costumava se espantar: tinha decifração para as coisas mais difíceis de explicar. Nada lhe parecia confuso, ambíguo ou obscuro; para ela tudo era claro, de fácil entender. Tudo menos o negro Castor Abduim.

-- Reinado do Compadre. -- Referia-se a Exu, o traquinas, o pregador de pecas. -- Assunte no que lhe digo, junte as 194

pontas e desate o nó. Tu não dá comida pra ele toda segunda-feira? Pra quem é o primeiro gole da pinga que tu bebe? Não é pra ele? E arresponda: quem já viu na terra cacador cacar sem cão?

Exu não falta a quem goza de sua estimação.

Foi buscar água numa cuja. O cachorro bebeu avidamente. Quanto aos restos de carne e de feijão, sobras da véspera, considerou-os com suspeita; demorou-se a cheira-los, indeciso, duvidando lhe coubesse tanta sorte. Os olhos temerosos iam de Castor a Epifania suplicando licença e garantia. Em outras ocasiões dera-se mal.

Cheia de dó, Epifania empurrou o caco de barro com a comida para debaixo do focinho do coitado: só então ele engoliu o bolo de carne e de feijão de uma bocada -- não fossem se arrepender. Depois, estendeu a língua; lambeu a mão da negra que se acorara ao lado de Ticao.

-- Tadinho dele, morto de fome.

-- Judiaram do bichinho, ta com os quartos arriados. Foi corrido no cacete.

-- Com tanta lama nao da para atentar na cor, pra saber se e

branco ou pardo, mas arrepare: tem uma mancha preta no peito, outra na testa. Vai ver, e ate bonito.

-- Bonito?

Castor riu, incredulo: coracao de ouro igual ao de Epifania estava por nascer: soberba e embusteira, certamente, mas bondosa e prestativa como nenhuma outra. Estalou os dedos, chamando aquela alma penada -- assim ela dissera condoida -- que ali se refugiara:

-- Vem ca, alma penada.

Num esforco, o cao conseguiu manter-se de pe, aos tropecos se aproximou. Latiu forte, a cauda ao alto, alvissareira: esquentara-se ao fogo, recebera agua, comida e afeto. Por Alma Penada atendeu a partir daquele instante.

Afora Epifania, autoridade em encantados e bruxarias, macumbeira, pessoa alguma soube jamais de onde o cachorro viera e como chegara ate aquelas bandas. Nao se teve noticia certa nem boato duvidoso, sequer um pode-ser-que-seja. Ninguem o reconheceu nem o reclamou. Tambem nao foi embora como Ticao previra. Se dantes nao tivera dono passou a te-lo. Gostou da casa, reconheceu o amigo e o adotou.

195

3

Epifania andou ate a porta da oficina expondo-se a chuva miuda, ininterrupta: nao dava para ver o ceu. Lastimou-se:

-- Tou com um peso no peito, uma gastura. Ate parece que me botaram olhado. E bem capaz.

Ticao se levantou, queria tirar a limpo uma cisma que o espicacava havia dias:

-- Oce anda mesmo jururu. Oce ta...

Na manha de sol nem um raio de luz nem um pingo de calor. Epifania, quem sabe de proposito, o interrompeu:

-- Lugar mais atrasado nunca vi; aqui nao se brinca nem o Sao Joao. Arrengo!

Mas ele prosseguiu e completou:

-- Oce ta querendo ir embora, nao e mesmo?

Epifania marchou para Castor, se rebolando toda, o colo e os seios chuviscados. Ao chegar diante do negro colocou-lhe as maos nos ombros largos e o afrontou, voz de queixa e desafio:

-- Tu nao ia se importar nem um pouco.

Sabichona, aproximou o corpo: conhecia seus poderes e as fraquezas do malungo. Ele refletiu antes de revidar:

-- O que oce quer saber e se vou me danar, ficar embezerrado, pra rir de mim. Oce e dona de fazer o que quiser. Nos nao tem papel passado e nao ha bem que sempre dure, oce mesmo disse e arrepetiu. Se alembra? Mas nao diga que nao me importo.

-- Importa nada. Tu nao gosta nem de mim nem de nenhuma. Mas um dia tu ha de gostar deveras e ai tu vai sentir. Vai roer beira de sino, vai saber o que e bom. -- Nos bracos o envolveu.

-- Como pode dizer uma coisa dessas? Que não gosto de oce? Não ta vendo, não ta sentindo?

Sentia contra as coxas o retesado malho:

-- Pra ir pra cama tu gosta, sim. De mim, de Zuleica, de Bernarda, de Dalila, gosta até de Coroca, de qual é que tu não gosta? Cambada de bobas, tudo doida por Ticao, a começar por eu. Diz-que em Taquaras é igual. Tu sabe o que tu é?

O corpo do negro junto ao seu, a tesão crescendo, a quem os poderes e as fraquezas? Fechou os olhos: de que adiantava ser 196

esperta, trapaceira? Enrabichada, consumida, terminava sempre por arriar as armas no auge da porfia.

-- Tem vez que penso que tu não passa de um menino grande, sem juízo nem querer. Tu faz por parecer. Mas tu é o Capeta.

-- Oce ainda não arrespondeu: ta pensando em arribar daqui?

Sem desfazer o abraço, Epifania afastou o corpo:

-- Tu quer mesmo saber? Nunca na minha vida passei um São João sem pular fogueira, sem assar milho, sem comer canjica, sem dançar quadrilha. -- Olhou para fora, a chuva apertava no céu de chumbo: -
- O mês de junho ta chegando. Pra mim não há

festa que se meça com a de São João.

Tendo esvaziado o peito, sentiu-se estouvada e triste; voltou a encostar-se inteira, mesmo chuviscada aquecia mais que a forja, seu calor queimava -- naquela altura já não interessava saber quem se renderia antes:

-- Não pensava pousar aqui por tanto tempo, tu me amarrou os pés. Mas tu nunca pediu pra mim ficar.

-- E carecia?

-- Pra tudo tu tem resposta, tu e o Capeta em pessoa. Ja tinha acertado com Cotinha, mas por tu sou capaz de esquecer o Sao Joao.

-- Oce gosta tanto assim do Sao Joao?

-- Por demais!

Ela desejava as fogueiras acesas, a batata-doce, o milho verde, as paneladas de canjica, as pamonhas, os manues, o licor de jenipapo, os passos da quadrilha -- merecia. As outras todas igualmente mereciam. Ticao correu a mao na bunda altiva de Epifania. A negra Epifania, mandona, ladina, os homens comendo em sua mao, arrastando-se a seus pes tratados no relho e na espora: derreada nos bracos de Ticao, sem acao, sem mando, quem diria?

-- Se oce quiser pode ir brincar o Sao Joao num lugar maior, mais influido. Mas va sabendo que de todo jeito, nesse Sao Joao vai ter festa em Tocaia Grande. Na vespera e no dia.

-- Quem vai fazer? Tu?

-- Tambem gosto e sinto falta.

-- Tu vai fazer pra tua negra?

197

-- Pra oce e pra todo mundo.

-- Negro arteiro que tu e. So quero ver.

-- Pois vai ver.

Epifania arrulhou, ganiu subjugada, fendeu-se num vagido:

-- Tou com um quebranto no corpo: tu me enrolou, botou olhado em mim. Tu e Exu Elegba, tu e o Cao.

-- Meu nome e Castor Abduim, as meninas me chamam de Ticao, um bom rapaz ou oce nao acha?

O vira-lata os acompanhou com o olhar quando tu e oce, o malungo e a malunga, rindo um para o outro, voltaram para o quarto atras da oficina: ao ouvir a rede gemer, Alma Penada escondeu o focinho entre as patas dianteiras e adormeceu. **4**

Derretida em riso na porta da oficina, Epifania sustentava nas duas maos a pedra grande e pesada:

-- Encontrei no rio, achei bonita, trouxe pra tu. Mulher madura e calejada, corpo e coracao curtidos, tinha artes de menina, influida de graca e fantasia. Um seixo, um fruto, uma flor, um assustado calango verde: um presente a cada dia, alem dela propria a qualquer hora, dadiva principal. Negro, redondo e liso, o calhau rolou no chao; a risada marota cresceu nos labios carnudos da rapariga:

-- Nao arremeda um colhao?

Parecer, parecia: um colhaozao enorme e preto, o de Oxala, outro nao podia ser. Ticao riu com a desavergonhada; a arrogancia a fazia agressiva e insolente; tirante, porem, esses ipicilones, era querida e cativante.

-- O colhao de Oxala! Vou botar no peji.

Os orixas viviam no peji, deuses poderosos e pauperrimos. Para que ela o entregasse a Oxum em oferenda, Castor trabalhou no fogo e no martelo um abebe de latao com um pequeno espelho cravejado ao centro; o flandres alumiaava como se fosse ouro, resplandecia: uma opulencia. Colocado no peji para uso e desfrute da mae das aguas mansas, de la Epifania o retirava para com ele se abanar e nele se mirar. Qual das duas a mais vaidosa? Oxum ou sua filha?

Epifania possuía um colar amarelo de contas africanas, seu maior tesouro, e um jogo de conchas mágicas com o qual podia adivinhar. Algumas raparigas tinham-lhe medo, guardavam distância; assustadas, diziam-na feiticeira. Dera com os costados em Tocaia Grande durante a entressafra, cruzando caminhos fáceis e seguros, o sol do verão no comando da vida e das criaturas. A pobreza do arruado se dissolvia na paisagem incomparável, na formosura do lugar. Não havendo cacau a transportar, o movimento de tropas e tropeiros decrescia na entressafra. Um bicho-carpinteiro no cu, as raparigas não esquentavam pouso, tocavam-se para pracas populosas de freguesia estavel. Enfrentando concorrentes poucas e mixes, Epifania reinou quase absoluta na Baixa dos Sapos e na oficina de Castor Abduim. Na estação do calor não houve esteira mais requisitada, mulher-dama mais em moda -- a exceção de Bernarda. Mas Bernarda não contava: bezerra nova, exercia em cama de campanha, habitava casa de madeira e se fazia de rogada, desdenhosa.

Epifania achou Fadul bem-apegoado, deitou-se com ele na noite da chegada, voltou a fazê-lo repetidas vezes, apreciou a magnitude e a destreza da estrovenga mas não se deixou embeicar, pois de imediato caíra enrabichada por Ticao vendo-o de longe na forja desatando fagulhas, esgrimindo labaredas. Xodo vivese um de cada vez, não sendo assim não é chamego verdadeiro, e

engano e traição que se finda em xingamento e choro, quando não em facada e tiro. Epifania considerava xodo assunto sério e complicado: ventura e sofrimento, harmonia e desavença, pugna e reconciliação. .A reconciliação dobra e tempera o apetite. Tendo a cabeça feita por Oxum, ou seja, personificando o dengue e a vaidade, prenda de caprichos, em certas horas mais parecia filha de Iansan empunhando bandeiras de guerra para impor-se soberana. Os caprichos, Ticao os tolerava sorridente, achando graça, satisfazia-lhe as vontades. Mandar nele, porém, ninguém mandava.

No mesmo dia do encontro no rio, ao ocupar a rede na oficina para prosseguir na vadiacao, Epifania preveniu, disposta a ocupar o trono e a ditar a lei:

-- Nao va querer montar em meu cangote so por me ver enrabichada. Nos nao tem papel passado e nao ha bem que sempre
199

dure. Tou hoje aqui com tu na rede, amanha tou com o pe na estrada buscando minha melhoria.

-- Nao gosto de mandar... -- respondeu Castor pondo-se nela: -- .
..nem de ser mandado. Sendo negra cor de breu, uma pe-rapado sem ter onde cair morta, desacatava como se fosse gringa, branca, cor-de-rosa e rica; puta de oficio, dava-se ares de senhora dona bem casada. Zangava-se facilmente, arrebanhava a saia, arrogante partia por ai

afora:

-- Se tu quiser mulher, arranje outra, comigo nao vai ser mais.

Passada a raiva, arrependida, retornava para fazer as pazes e tirar o atraso. Aconteceu em mais de uma ocasio encontra-lo acompanhado: oce mandou eu arranjar outra... Ficava fula, fora de si, ameacava com paus e pedras, com ebos fatais. Certas raparigas suspiravam por Ticao, negro bonito, mas arrepiavam carreira para nao se expor a macumbas e mandingas. Contudo, havia quem enfrentasse o risco: a ousada Dalila, por exemplo. Corpo fechado, nela nada pegava, nem veneno de cobra, nem bexiga, nem coisa-feita por cabrona despeitada. Declarava-se filha de Obaluaie, o Velho. Malgrado as nove-horas e os calundus, valia a pena. Valia a pena ver Epifania atravessar impavida o descampado fazendo frente ao sol: Castor enxergava lampejos de azul na pele negra de azeviche como outrora percebera variacoes de ouro na cutis branca de neve da Senhora Baronesa. Eis com quem Epifania parecia: com Madama. Eram as duas iguaizinhas: mabacas, irmas gemeas. Na mesa de

jantar na casa-grande a fidalga exibia no decote do vestido de Paris uma flor rara, colhida no jardim. Apenas o Barao saia a fumar na varanda ali ao lado o charuto que tanto a incomodava, a descarada chamava o lacao com o dedo e lhe dizia:

-- C'est a toi, mon amour. -- Alargava o decote revelando os seios: -- Viens chercher... -- a voz desfalecente. Epifania chegava com uma flor do mato espetada no rasgao da bata de baiana, curvava-se para que ele a retirasse e visse os mamilos tesos:

-- Achei bonita, trouxe pra tu. -- A voz no ultimo estertor. Iguais no descaramento, na vaidade, no dengue, no capri-200

cho, duas iibas iguais no despotismo. Uma e outra com a mesma unica tencao: mandar nele, quebrar-lhe a castanha, por-lhe sela e freio, meter-lhe a espora.

5

Atravessar o verao foi facil e agradavel. Menina alegre, travessa, risonha, mulher sazoadada, fogosa, limpa; companhia prazerosa na cama, no forro, na roda de coco, no almoco dos domingos, numa simples cavaqueira. Onde aparecia era bem vista, saudada com alboroco. Com ela a lavagem de roupa na correnteza do rio virava uma folia; sabia casos, tinha ditos engracados. Admirada e temida, Epifania se impos, comeu e arrotou. Temida por causa da feiticaria, dos bozos. Jogava os buzios, descobria o que fazer para amarrar um homem no rabo da saia de qualquer fulana ou vice-versa, para acabar com o chamego mais fixe, para unir e separar casais: despachos infalveis. Assim constava e se dizia. Nao era pabulagem nem balela e a prova estava ali a mao: o acontecido com Cotinha, Ze Luiz e Merencia. Dera o que falar, motivo de espanto e gozacao. Que outra coisa alem do ebo poderia justificar o desatino de Ze Luiz?

Ao chegar a Tocaia Grande, antes de possuir palhoca propria

-- alias posta de pe num piscar de olhos, em menos de meio dia de trabalho por diversos voluntarios, todos eles contentes de agradar a recém-chegada, a quem Fadul fornecera a credito esteira, sabao, agulha, carretel de linha e outras miudezas --, Epifania encontrara pouso no barraco de Cotinha de quem se fez amiga. Tempos passados, a pedido da baixinha, preparou um bozo com folhas escolhidas e o coracao de um nambu obtido na caca de Ticao e o colocou no caminho da olaria. Tiro e queda; o troncho Ze

Luiz comecou a arrastar a asa a Cotinha, meteu-se com ela de cama e mesa, passou a gastar o que tinha e o que nao tinha, a esbanjar tijolos e telhas. Regulavam os dois a mesma altura, um par de cafuringas.

Quem nao se conformou com o exito da coisa-feita foi Merencia ao dar-se conta dos desperdicios do marido. A cachaca 201

e a descaracao sao vicios masculinos incuraveis: uma boa esposa nao pode proibi-los mas deve limita-los; assim ela fazia, fornecendo ao cara-metade, nos fins de semana, minguada verba para tais abusos: insuficiente para quem, enxodozado, agia com a largueza de um coronel. Quando o pegou em flagrante tentando surripiar economias obtidas com ingentes sacrificios, aplicou-lhe santo remedio, comprovado cm ensejos precedentes: baixou-lhe o braco, chegou-lhe a roupa ao corpo. O pacato oleiro, curado da paixao, voltou aos habitos morigerados: cachaca mais liberal e uma cacetada fora de casa somente aos domingos. E se de por satisfeito.

Epifania ia e vinha do rio para o mato, da choca de Cotinha para a casa de Coroca e de Bernarda, do barracao de cacau para a venda do turco, volta e meia aparecia na oficina e se demorava quieta, vendo Castor trabalhar o ferro e o latao, assegurando-se de que nenhuma sujeita estava de olho nele, oferecendo o rabo a quem tinha compromisso e dona.

Nao confessava, procurava inclusive nao dar a entender, mas se comia por dentro, devorada de ciumes, quando desconfiava de que ele se deitara ou estava em vias de se deitar com outra: empernar com Ticao era tudo que a putada desejava, corja de vagabundas. Epifania estivera a ponto de perder a cabeça com Dalila, uma fedorenta que nao se dava ao respeito.

Enquanto o verao durou luminoso e leve ela riu de tudo e tudo desculpou. Mas veio o inverno, escuro, frio e triste. O movimento cresceu, e bem verdade, o dinheiro corria farto. Mas, ainda assim, tomava-se dificil suportar a lama e a morrinha, quanto mais a altanaria de Castor Abduim, ferrador de burros, garanhao impenitente, negro fingido e enganador.

Quando a enfezada Cotinha dispensou novo ebo -- nao aguento homem que apanha de mulher! -- e resolveu passar em terra mais adiantada as festas de junho, as de Santo Antonio, de Sao Joao e de Sao Pedro, tres santos de sua devocao, Epifania nao vacilou:

-- Vou junto com tu.

-- Cansou de Ticao?

Ia dizer que sim, se arrependeu:

-- Quem cansou foi ele. -- Refletiu mirando a chuva: -- Se gostou de mim, nunca me disse.

202

Como se sabe, nao cumpriu o trato, nao seguiu viagem. Mas tampouco Cotinha mudou de praca, tambem ela arrepiou caminho. Ao ouvir falar na festa de Sao Joao que o negro estava preparando mais que depressa foi se oferecer para fabricar o indispensavel licor de jenipapo: os frutos tombavam das arvores, apodreciam no chao.

-- E oce sabe fazer?

Aprendera com as freiras na cozinha do convento, em Sao Cristovao, cidade sergipana onde nascera.

-- Oce foi freira no convento? -- Admirou-se Castor.

-- Quisera ser, nao alcancei. -- Uma ponta de saudade na voz cantada. -- Trabalhava de criada em troca da comida e pra servir a Deus. Depois frei Nuno, um frade portugues que vinha todo dia rezar missa, me passou nos peitos atras do sino grande.

-- Recordou com nostalgia: -- Um pe de macho, benza Deus! Eu mal chegava no umbigo dele. Suspendia a batina, arregacava minha saia e tome lenha. Suspirou a mencao daquela epoca bem-aventurada quando levava vida de abadessa: vinho de missa e rola benta:

-- Mas as irmazinhas descobriram, me mandaram embora. **6**

A lama e a morrinha. O inverno durava dos fins de abril aos comecos de outubro, atravessava o temporao inteiro e parte da safra, os meses de maior movimento, quando a animacao atingia o auge. O frio castigava as criaturas, a chuva desfazia os caminhos mas, do meio da tarde ao meio da noite, Tocaia Grande vivia horas intensas, circulavam dinheiro e emocoes. Na forja acesa, a luz do dia ou a luz das lamparinas, o negro Castor Abduim, o dorso nu, examinava ferraduras, calcava burros, reajustava arreios, amolava facoes, media o gume dos punhais e os afiava, recondicionava armas de fogo. Sempre as ordens para dar um jeito nos apuros dos tropeiros que viam na forja de Ticao e no armazem de seu Fadul sucursais terrenas da divina providencia. O restante as putas resolviam.

203

A perene lufa-lufa do inverno parecia-lhe bem pouca coisa tendo em vista a pretensao que o fizera levantar ali uma oficina destinada a muito mais. Ferrar burros, otimo!, proporcionava-lhe o necessario para viver, mas era com o rustico fabrico de panelas, baldes e chaleiras, de facas e punhais que vinha conseguindo pagar o

emprestimo tomado ao coronel Robustiano de Araujo. O fazendeiro, todas as vezes que o negro lhe aparecia na intencao de amortizar a divida, repetia a mesma simpatica lengalenga, nao estava cobrando, fossem os demais dispostos e honestos como o ferreiro e tudo correria melhor nas divisas do rio das Cobras. Ticao nao se afobava: sabia nao ser chegado ainda o momento de realmente ganhar dinheiro gordo com a oficina. Mas sabia tambem que estava prestes a acontecer. Da Fazenda Santa Mariana, nas nascentes do rio, ate aquela sobra de mata em torno de Tocaia Grande, estendia-se um ilimitado territorio de rocas novas, plantadas recentemente, nos anos que se seguiram a sanguinolenta conquista, as tocaias e aos caxixes. Esses cacauais nao tardariam a florir e a dar frutos. Ai, entao, nao haveria medida capaz de aferir o ganho e a ganancia. Tocaia Grande ja nao dependeria de tropas e tropeiros. Forjava aderecos, balangandas, aneis, presenteava as raparigas: no Reconcavo se habituara a pagar mulher com labia e agrado. Obsequiou Fadul com uma soqueira moldada na proporcao dos dedos disformes do turco, arma de arromba -- bem empregado o termo; presenteou o capitao Natario da Fonseca com um punhal longo e burilado, as iniciais do Capitao entrelacadas, gravadas a fogo. Proprio para sangrar um cabra sem-vergonha, Natario nao o dispensava no cinto: nunca se sabe o que pode acontecer. Na ida e no regresso da Boa Vista o Capitao nao abria mao de dois dedos de prosa com Fadul e com Castor. Por vezes reuniam-se os tres na venda ou na oficina a cavaquear sobre o volume da safra e o preco da arroba de cacau, sobre barulhos e mortes, acontecidos de Ilheus e de Itabuna, e as mutacoes do mulherio. Bebericando devagar uma lambada de cachaca.

-- Que novidade e essa? -- Quis saber o Capitao ao notar o cachorro aos pes do negro: -- Ganhrou de lembranca ou comprou a um vivente?

-- Nem uma coisa nem outra. Acudiu sem ser chamado. 204

-- E melhor deixar pra lá, Capitão. -- Aconselhou Fadul rindo, bonacheirão. -- Esse negro tem parte com o Diabo.

-- Já ouvi dizer... -- Natário sorriu de leve, concordando:

-- Mas um bom cachorro vale a pena. Tive um que não me largava, morreu de mordida de cobra. Lá em casa tem um ranque deles embolado com os meninos. Nenhum presta pra nada. Fez festa com os dedos, Alma Penada respondeu movendo a cauda mas não se levantou dos pés do negro. O Capitão mudou de assunto:

-- Diz-que o amigo está armando uma folia de São João?

-- Tô nessa disposição. Pro povo brincar um pouco, as meninas se distrair e também porque sou arroz de festa. O que é

que o Capitão acha?

-- Não disse que ele tem parte com o Diabo? Já me enrolou, vou entrar com açúcar e sal, dinheiro pra comprar milho verde e coco seco e ele ainda quer foguete e sanfoneiro. -- Queixou-se o turco sem parar de rir.

-- Não chie, compadre, vance também da vida por um divertimento. Já vi vance andar leguas com a mala nas costas pra ir a um blefore:

-- Lá isso é verdade, já se deu.

Picando fumo de corda para o cigarro, o capitão Natário da Fonseca voltou-se para o negro:

-- Acho que vance faz bem. Tocaia Grande tá crescendo, não demora a ser um povoado. Já tá em tempo de se civilizar.

-- Pra povoado ainda falta muito. -- Fadul deixara de rir. Para, chegar a Tocaia Grande, indo em direção do Norte, vindo do Sul e vice-

versa, o capitao Natario da Fonseca atravessava boa parte da area do rio das Cobras, conhecia palmo a palmo as recentes plantacoes dos coroneis, extensas a perder de vista, os eitos menores de gente como ele, intimo de cada pe de pau: acendendo o cigarro de palha abria as porteiras do futuro:

-- Da gosto ver as rocas crescendo tao ligeiro. Pro ano e

bem capaz que ja de flor e bilro; nao vejo a hora. Nao viam a hora, todos eles. Os olhos se enchiam de cobica e de esperanca, o coracao batia no peito mais depressa. Que um anjo fale por sua boca, Capitao! O arabe juntou as maos e as elevou ao ceu:

-- Pro ano, Capitao? Com quatro anos? Nao e com cinco que 205

as bichinhas comecam a botar? -- Dizia bichinhas em lugar de rocas; a voz calida e tema, ate parecia que falava em donzelas nas vesperas de primeiro cio.

-- Tenho pra mim que pro ano, sim. Tanto que ja acertei com Bastiao e Lupiscinio a construcao do cocho e das barcacas na Boa Vista. -- O cocho onde retirar o mel dos carocos do cacau mole apos a colheita, as barcacas onde seca-los ao sol. -- Nao tarda mais de um ano a ter cacau, se Deus quiser, se nao melar. --

Viviam na dependencia da chuva e do sol para que os bilros brotassem fortes, sem o perigo do mela, da podridao dos frutos. Boas noticias para os carpinas e os pedreiros, para Merencia e seu marido Ze Luiz: comecavam as empreitadas e as encomendas. Enquanto isso era preciso festejar o Sao Joao para que a vida nao fosse apenas o trabalho, a caca, a cachaca, o fuxico e o chamego das mulheres, a lama e a morrinha. **7**

Ja e hora de falar de Zuleica, que demorando em Tocaia Grande desde o inverno precedente, mereceu apenas breve referencia: segundo ela os passaros silenciavam para ouvir o canto de Castor Abduim da Assuncao; era trigueira e cismarenta. Na coorte de

abelhudas a rondar a oficina de Ticao, Zuleica destoava por discreta e retraida. Presenca quase furtiva, rosto candido, modos reservados; nao estivesse ali fazendo a vida poderia passar por moca de familia.

Outras seriam mais bonitas, mais modernas, mais pimponas, mais arrebatadas na cama, nenhuma contudo mais solicitada, por nenhuma se lhe comparar no trato. Delicada e timida, atenciosa. Nao obstante, Coroca costumava dizer que todo aquele acanhamento nao passava de orgulho, duro como pedra:

-- Zu sabe o que quer. Tem brio e nao e fiteira. Realmente, quando tomava uma decisao, subita e imprevista, nao havia quem a fizesse voltar atras. Fazia-o sem sair de seu canto, sem modificar a postura mansa, sonhadora. Engana-se quem pensa que as putas sao iguais umas as outras, exibida sucia de ordinarias, despidas de sentimento, de recato. Jacinta completava:

206

-- Cada uma tem sua cara e seu disfarce, seu feitio de mostrar a bunda. Antes da chegada de Epifania, trazendo na bagagem a soberbia, a truculencia e os rompantes, acontecera demorado e sereno xodo entre Ticao e Zu, jamais toldado por arrufos, mas palavras, desacordos. Placido e correntio, houve quem garantisse que o rabicho terminaria em amigacao quando, findas as obras da oficina, o ferreiro habitasse casa propria. Mas, vadio e putanheiro, ele nao a convidou; sobranceira e enrustida, ela nao se insinuou, permaneceu a mesma de sempre, contentando-se em merecer a preferencia do pachola. Prosseguiram pacatos o xodo e a vida. Eu bem dizia, lembrou Coroca quando diante da arrogancia e dos arroubos de Epifania, do interesse de Castor pela novata, Zuleica se retirou silenciosamente. Sem briga, sem escandalo. Nao se ouviram remoques nem indiretas. Deixou de frequentar a oficina, de limpar a caca e cozinha-la, de comer junto com ele. Mas nao se tornou inimiga, nao trocou de mal para trocar de bem na primeira oportunidade; dava-se com Epifania. Ficou nas encolhas, cautelosa,

mas não conforme, diagnosticou Coroca: enganese quem quiser. Se deixou de aparecer na oficina, não abandonou a roda de prosa e cantoria, não deixou de batucar o ritmado coco: os olhos perdidos na distancia quando o negro soltava o peito e silenciava os passarinhos. A principio, Ticao não deu importancia ao retraimento de Zuleica. E eu bater com os dedos e Zu volta correndo.

De fato; a rapariga não se recusou quando, por ocasião de um dos calundus de Epifania, o ferreiro veio busca-la para a rede. Mas qual não foi a surpresa do negro ao vê-la, ao fim do primeiro balanço da roseira, levantar-se e enfiar o vestido, pronta para ir-se embora. Pior ainda: estendeu a mão, cobrando. Viera como mulher da vida, queria que ele se desse conta, marcava a diferença: não ficava para passar a noite, continuar a vadiacão, não se entregara de graça, por chamego.

Tomado de surpresa, Castor ficou a fita-la atabalhado, sem saber o que dizer. Constrangido, entregou-lhe umas moedas; ela as recebeu mas deixou-as cair no chão ao atravessar a porta da oficina. Mansa chegou, mansa partiu, a cabeça erguida. Ticao não riu, não debicou, não tomou o gesto de Zu como 207

desfeita ou agressão. Uma lição, quem sabe? So então compreendeu quanto a magoara -- não por dormir com a outra mas porque ao fazê-la favorita, deixara Zuleica no rol das muitas, sem lhe dar a menor satisfação. Nem que ela fosse escrava. Na rede, pensativo, o negro atravessou a noite com uma dúvida cravada no coração: quando arfante o abraçara na hora do suspiro e do desmancho, Zu estava acabando junto com ele ou simulara o gozo cumprindo seu dever de mulher-dama competente?

Passou a tratá-la com extrema cortesia, a destacá-la sempre que possível se bem não tivesse voltado a convidá-la para a rede. Ela se mantinha afastada, na opinião geral o xodo findara por completo, coisa do passado. Fazia-se difícil acreditar em Coroca quando, tranquila, reafirmava:

-- Zu e doida por Ticao, nao tira ele da cabeça. Unica a lhe dar razao, Epifania acrescentava argumento poderoso: qual o motivo por que a sujeitinha nao arranjara ainda frete com quem deitar de graca? Quem ja viu puta sem rabicho, quanto mais nesse cu-de-judas onde nao havia outros quefazeres?

Num domingo, apos o almoco coletivo cada vez mais concorrido, estando todos reunidos a rir e a folgar, Merencia -- no fundo uma romantica -- solicitou que Castor brindasse a assistencia com algumas modinhas: ele sabia tantas! O negro anunciou que iria começar com uma cantiga da preferencia de Zuleica:

-- Uma que oce pedia sempre pra eu cantar, se lembra, Zu?

-- Qual? Ja sei: Maria, tu vais casares? -- Saiu do serio, bateu palmas. Ticao soltou a voz, os olhos postos em Zuleica como se nao houvesse mais ninguem presente:

Maria tu vais casares

E eu vou te dares os parabens.

Vou te dares uma prenda, ai ai

Saia de renda, ai ai

De dois vintens...

Tanto bastou para que Epifania, sentada ao lado do negro, se retirasse numa rabanada raivosa. Se implicava com as outras, que dizer dessa fingida? Cuspiu no chao, passou o pe em cima. 208

8

O fovoco, inventado por Pedro Cigano para alegrar a noite de Santo Antonio, terminou em pancadaria, bala e sangue. Deve-se todavia levar em conta nao ter havido intencao mesquinha, vil interesse de

dinheiro na aliciante proposta do troca-pernas. Se o arrasta-pe rendesse qualquer dez reis, melhor. Não pensara nisso, porém, ao empunhar a harmonica; desejara apenas celebrar condignamente santo dos mais merecedores. Argumentou e convenceu, mas não cabe responsabilizá-lo pelo que veio a acontecer. Alias ninguém o fez. Em verdade, ao arribar no lugarejo naquele dia chuvoso e friorento, não pensava demorar-se mais de uma noite, dormida se possível na esteira de uma quenga que lhe esquentasse a carcaca. Seu destino era Taquaras se não fosse Ferradas, Água Preta, Rio do Braco ou Itabuna, ele próprio não levava certeza. Almejava brincar as festas de junho onde pudesse divertir-se a grande e gratis, comendo, bebendo e dancando à vontade. Mas ao deparar com os preparativos do São João em Tocaia Grande se empolgou. Os preparativos já em si foram uma festa. Ocuparam durante bem mais de uma semana todo o tempo livre da reduzida população que parecia multiplicar-se no remate de tantas e tão diversas empresas. De volta para as fazendas, os tropeiros utilizaram cangalhas e cacuas vazios para neles transportarem o que não se podia adquirir no cacete armado de Fadul: as mãos de milho verde, o coco seco, os foguetes e os fogos: bombas, busca-pes, espadas, incluindo estrelinhas e outros caprichos infantis das raparigas. Sem falar no balão, pois o balão era um segredo compartilhado apenas por Ticao e Coroca, ninguém mais sabia de sua existência.

Ao ver Bastião da Rosa, Lupiscínio, Ze Luiz, Guido, Balbino, atarefados, transformando em espaçoso barracão de palha

-- rústica estrutura de varas, estacas e forquilhas, bem assente na terra, chão de barro batido, liso e sólido -- o antigo toldo erguido nos tempos de antanho pelos primeiros a pernoitar ali, Pedro Cigano desistiu de prosseguir viagem. E o fez na hora certa, pois Fadul acabara de receber recado de Lulu Sanfona lastimando não poder aceitar o convite para vir tocar em Tocaia Grande na festa de São João: famoso na região, disputadíssimo. 209

Disposto a ajudar e não sendo afeito a fazer força, Pedro Cigano orientou e dirigiu. Incansável, indo de um lado para outro, afadigou-se dando palpites e conselhos, transmitindo ordens a homens e mulheres.

As mulheres faziam de um tudo, não enfeitavam serviço. Ajudavam a construir o barracão, carregavam lenha que os homens cortavam na mata para as fogueiras, juntavam gravetos, improvisavam fogões sobre pedras nos quais cozinhariam a canjica e as demais gulodices típicas de junho. Com a ajuda de Epifânia, a laboriosa Cotinha tratava jenipapos, descascando-os, retirando as sementes amargas, espremendo-os para transformar depois o suco em licor. Maneirava o serviço recordando o paladar -- supimpa! -- do vinho de missa e as virtudes-- ai, tantas!

-- de frei Nuno. Luso e galante, o frade lhe dizia com seu engraçado falar: vem cá, bela cachopa. Ela obedecia, ele cachopava. Pedro Cigano oferecia-se para provar a calda quando fosse ao fogo: determinaria o ponto justo do nectar. Gosto apurado, exímio degustador de comida e bebida, bom na concertina, curinga sem rival nas redondezas. Haviam planejado uma fogueira, monumental, na frente do barracão, no descampado; duas, alias, uma para cada noite. Mas tendo sobrado muita lenha decidiram por proposta de Merência, apoiada por Ticao, entregar o resto das achas aqueles que desejassem erguer diante de seu casebre fogueira menor onde assar batata-doce e milho. Quem quisesse poderia levar para casa um pouco de canjica, uma garrafa de jenipapo para servir a vizinhança antes de se reunirem todos para o início dos festejos, os alegres festejos de São João: comer pamonha, canjica e manue, beber licor, pular o braseiro em compadrio, dançar quadrilha.

Durante aqueles dias a venda de Fadul conheceu movimento pouco comum, o turco fez a feira mas, em troca, concorreu para a folia com secos e molhados e com chorado numerário. Ticao aumentara o número de trampas na mata para garantir caca suficiente, além de fornecer contadas patacas para o milho, o coco co foguetório.

Devido a razoes de sobejo conhecidas, nao se pode esquecer a ajuda do capitao Natario da Fonseca. Lastimando nao poder participar da festa, alargou os cordoes da bolsa: contribuiu em seu nome e nos de Bernarda e de Coroca. Nem por isso as duas raparigas -- e quase todas as demais -- deixaram de colaborar 210

com alguma moeda ganha com o xibiu, escondida nas profundas da penuria, oferecida com satisfacao.

O milho e o coco, o acucar e o sal tinham sido distribuidos entre as mulheres; os jenipapos sobravam encarquilhados sob as arvores. Cada pessoa se encarregava dessa ou daquela tarefa, em geral de mais de uma. Para executa-las juntavam-se em grupos animados: conversavam, cacoavam, discutiam, reclamavam, riam, emborcavam uma lapada de cachaca para matar o bicho -- os bichos ruins do inverno: a chuva aborrecida, o frio cortante --, nao eram de ferro.

Nao havia obrigacao nem horario de trabalho. Nem feitor nem capataz, nenhum patrao. Se Fadul e Ticao orientavam e dirigiam, faziam-no discretamente sem dar mostras e tambem eles pegavam no pesado. Ninguem mandava em ninguem. Assim vinha acontecendo desde que, no almoco dominical, Castor propusera festejarem o Sao Joao. Encontrando vago o posto de comando, Pedro Cigano o ocupou e seus alvitres tiveram a ver com a ampliacao da festa; apontando uma deficiencia, corrigindo uma injustica. Brincar o Sao Joao, feliz ideia. Mas por que discriminar os outros santos de junho, se eram os tres iguais na devocao e nos prodigios? Por que nao comecar festejando Santo Antonio, santo casamenteiro, patrono das noivas, e terminar louvando Sao Pedro, padroeiro das viuvias? O fato de nao haver ainda em Tocaia Grande donzela candidata ao matrimonio nem viuva lacrimosa nada significava: um dia, com a graca de Deus, sobriariam umas e outras a dar com os pes. Ele, Pedro Cigano, colocava-se as ordens com a sanfona para animar de graca um dancaras na noite de Santo Antonio. Acenderiam uma pequena fogueira, provariam um pedaco de canjica, um trago de licor de jenipapo, dancariam o coco

miudinho, a polca e a mazurca, num ensaio preparatorio da grande noite, a da vespera de Sao Joao. Para ela guardariam os fogos e a quadrilha.

Nao foi dificil convencer a povo. Naquele solitario e carente fim de mundo nada despertava mais entusiasmo do que um forro, um bate-coxas. Acontecia de raro em raro, quando Pedro Cigano se bandeava por ali ou quando um sanfoneiro, um tocador de violao ou de cavaquinho pernoitava por acaso em Tocaia Grande. Ticao se perguntava como nao lhe ocorrera semelhante 211

inspiracao se no Reconcavo as festas de junho comecavam no dia primeiro, com as trezenas de Santo Antonio, e somente terminavam na noite de vinte e nove para trinta, nos assustados de Sao Pedro.

9

Fuzue de puta e assim mesmo: fogo de palha, muita faisca e pouca brasa; comeca de repente e de repente acaba, dura pouco. Explode, inesperado, alastra-se, chega ao auge, perde o impulso desanima e cessa. Nao sobra nem fumaca.

O arranca-rabo provocado por Epifania e Dalila no inicio do fovoco, na noite de Santo Antonio, nao chegou a ser sensacional mas deu para animar. Como mais tarde se pode comprovar, influiu no animo de Misael, pardavasco de boa aparencia e abastado, segundo se deduzia dos modos petulantes. Em companhia de dois vaqueiros, um velhote e um rapazola, regressava de Itabuna onde deixara numerosa boiada tangida do sertao de Conquista. Vestiam giboes de couro, montavam bons cavalos, portavam armas e dinheiro. Detiveram-se em Tocaia Grande no fim da tarde. Festa de Santo Antonio, uma pagodeira? Boas falas.

Dancavam uns poucos pares ao som da harmonica de Pedro Cigano quando Epifania largou abruptamente dos bracos de mestre Guido e ameaçou partir a cara de Dalila que rodopiava com o dito-cujo Misael. Libertando-se do par, DaMa revidou:

-- Venha, se e mulher!

Guido e Misael puseram-se de lado para assistir de camarote: quem nao gosta de apreciar lance por lance, debique por debique, tabefe por tabefe, uma rixa de mulheres?

Epifania atacou de cuspo. Visou o olho esquerdo de Dalila e acertou em cheio. Cruzaram-se os insultos:

-- Negra piolhenta! Cagona!

-- Puta empestiada! Catinguenta!

Negras e putas as duas, piolhentas, empestiadas, mas eram duas negras de truz, duas putas requestadas, duas princesas do lugar. Em Tocaia Grande para ser de truz e requestada, para 212

ocupar o posto de princesa ou o trono de rainha -- o trono de Bernarda -- nao se exigia grande coisa, flagrante formosura ou fina educacao, dado as condicoes do raparigal perdido no lugarejo, ruma de argacos. De qualquer maneira, as duas se destacavam, despertando inveja e ciumes.

Dalila estendeu a mao com que limpava o olho e a estalou na cara de Epifania. Agarraram-se pelos cabelos, trocaram sopapos, se atracaram aos xingos e unhas. Formou-se em torno roda animada e galhofeira a incentivar as contendoras.

-- Boto dinheiro na do cuzao. -- Desafiou Misael honrando sua dama.

-- Topo dois tostoos. -- Aceitou Guido nao menos cavalheiro. Sem parar de tocar, Pedro Cigano levantou-se do comprido banco de madeira, obra de Lupiscinio, onde estivera sentado em companhia de Zuleica, e veio se colocar na roda. Vale a pena registrar que em momento algum, nem mesmo quando o banze esteve a pique de generalizar-se, o tocador deixou de dedilhar a sanfona numa especie de acompanhamento musical executado em surdina. Nao obstante

estar a zero, arriscou um cruzado em Epifania, tao certo se encontrava do resultado. Bastiao da Rosa cobriu a aposta por puro espirito esportivo, para animar a competicao, sem alimentar ilusoes sobre o recebimento daqueles quatrocentos reis: Pedro Cigano devia a Deus e a meio mundo.

Conforme opinou Guido, as apostas ficaram naturalmente anuladas quando Zuleica entrou na lica surpreendendo a todos menos a Coroca . Dalila parecia a beira da derrota; com um safanao Epifania arrancara-lhe a saia de chita -- a velha, pois a nova ela reservara para o Sao Joao -- deixando-a de traseiro a mostra para gaudio da plateia. Sem saber como reagir, viu-se Dalila na iminencia de abandonar o campo de batalha. Nesse momento, levantando-se do banco de onde acompanhara as peripecias do emboceto, Zuleica agrediu Epifania a pontapes; levava a vantagem de calcar tamancos. Sentindo-se apoiada, Dalila, rebolando o rabo nu, voou novamente para cima da rival. A roda aplaudiu com ditos, palmas e assovios.

-- Duas contra uma, sinhas frouxas. Vou dar nas duas. Mas Epifania nao as enfrentou sozinha: a pequena Cotinha, solidaria, se meteu na briga e revelou inesperada valentia. Rola213

ram as quatro no chao, emboladas; alem do cu de Dalila viam-se os peitos de Epifania: desabotoara-se a bata de baiana. Com a intervencao de Zuleica ficou patente o verdadeiro motivo do bafafa, ao ver do mulherio motivo justo para nao dizer sublime: o negro Castor Abduim da Assuncao ali bem do seu, na maior manemolencia.

Por ele suspiravam, se xingavam e se batiam: comiam em sua mao. Verdade correntia em seguida comprovada: aproximando-se das baderneiras sujas de terra, arranhadas e cuspidas, seminuas, Ticao - - ai, negro mais pachola! -- ordenou sem levantar a voz:

-- Por hoje basta, meninas, vamos brincar.

Cresceu o som da sanfona numa cadencia influida, bulicoso, irresistivel. Voltando as costas as facanhudas, o ingrato ferrador de burros ofereceu a mao a Merencia, mulher casada e direita que desaprovava toda aquela cachorrada e saiu com ela a dançar. Dalila enfiou a saia, retornou aos braços de Misael; Epifania aos de Guido. Fadul tirou Cotinha: o turco era ainda maior do que frei Nuno de Santa Maria, mas tamanho nao metia medo a quem se educara servindo a Deus nas alturas. No jeito manso de sempre, o mesmo ar de cabra morta, nem parecia ter brigado, Zuleica aceitou o convite de Bastiao da Rosa, o barba de ouro, descalçou os tamancos. No piso de barro batido perpassavam descalças, leves e ondulantes no lustre do suor, na fragancia do pituim. Dedilhando a harmonica, batendo os pes no chao para marcar o compasso, Pedro Cigano dancava entre os pares no meio do barracao. Ninguem sentiu falta de Lulu Sanfona. A festa de Santo Antonio começava a se animar.

10

Ai! -- animou-se por demais o fovoco do Cigano. As confusoes nao se limitaram a troca de bofetes e de aleives entre raparigas: ocorreu mais e pior, desgraça e maldicao. Os animos esquentaram-se, a coisa ficou preta, mas no momento do maior sufoco ouviu-se uma proclamação inesperada. Coube ao arabe Fadul Abdala enuncia-la, porem o sentimento que a ditou era comum a todos os presentes, a exceção dos tangerinos com os 214

giboes de couro revestidos de insolencia. Palavras simples -- na hora devida se sabera quais foram --, inscreveram-se no sangue. Os aperreios recommecaram com um bate-boca entre Guido e Misael. Referente ainda a aposta feita durante a briga das mulheres, os dois tostoos arriscados no rabo de Dalila, nas tetas de Epifania. Por algum motivo nao revelado ou sem motivo, somente para provocar, Misael, apos tomar uns tragos, proclamou Dalila vencedora e reclamou pagamento imediato.

Estranharam-se num intervalo da musica enquanto bebiam do jenipapo de Cotinha, gostoso e forte. Chegaram as mas palavras e as ameacas mas nao foram as vias de fato, pois o Turco Fadul resolveu intervir. Acostumara-se a faze-lo a cada arrasta-pe: o reduzido numero de raparigas causava constantes desavencas, provocava desafios, rixas ferozes. Fadul desapartava os contenderes bastando-lhe quase sempre usar a reconhecida autoridade moral: dono do armazem, credor de muitos deles. Se necessario, porem, recorria a forza bruta. Sem levar em conta a presenca silenciosa e hostil dos outros dois vaqueiros, o turco, as maos excessivas, os dedos de torques, segurou pelo braco cada um dos valentoes colocando-se entre eles:

-- Aqui dentro so quem briga e mulher. Homem, se quiser, e

la fora, la pode ate se matar, se tiver vontade. Aqui e salao de danca. -- Abriu as maos deixando-os livres, olhou de frente os ajudantes de Misael, o velhote e o rapazola, dirigiu-se a Pedro Cigano: -- Cade a musica, homem de Deus?

Resmungando sobre o destino que Guido devia dar aos dois tostoos -- fique com eles, nao preciso, meta no cu -- Misael se afastou seguido pelos paus-mandados. Ainda bem que Guido nao ouviu o nhenhenhen: nao costumava provocar mas, se provocado, nao fugia, enfrentava. Mofino nao vinga na terra grapiuna, morre no berco ao menor sinal de caganeira.

Tornou-se evidente que Misael estava na disposicao de procurar pendencia, quanto mais bebia mais lambanceiro se tornava. Exigiu fossem tocadas musicas de sua preferencia, afrontando Pedro Cigano com moedas atiradas como inhapa que o sanfoneiro recolhia sem se dar por afrontado; desentendeu-se com um dos cabras do barracao de cacau por causa de Dalila, a quem queria de par constante; gabou a excelencia de seu cavalo Pirapora, proclamou-se gostosao, rico e valente. Bafo de onca, 215

ronco de porco, lembrou o velho Gerino que o conhecera em outras freguesias. Desafios e bazofias perdiam-se na musica, sapateado, no rumor da folia, no bafo da cachaca. Iam festa e noite bem avancadas quando nova discussao explodiu num canto de pouco movimento. De um lado, os tres vaqueiros: o chefe Misael, o velho Totonho e o moco Aprigio; do outro, tres mulheres: Bernarda, Dalila e Margarida Coto com o cotoco de braco e a cara sardenta. O que de comeco pareceu simples desavenca a proposito de pares para a danca, nao era nada disso: tratava-se de iniqua imposicao dos tangerinos. Devendo seguir viagem com o ceu ainda escuro, para ganhar tempo, exigiam que as tres raparigas abandonassem imediatamente o dancaras, pois nao pretendiam sair de Tocaia Grande sem antes dar uma bimbada. Levavam pressa, nao podiam esperar que o fovoco chegasse ao fim: pelo jeito, ia se prolongar manha adentro. Depressa, sinhas burras, toca a andar.

Ora, as putas, na influencia dos festejos, haviam decidido fechar o balaio, nao aceitando fregueses nas noites dos forros junho: festa e festa. Estavam na intencao de divertir-se, danca folgar, beber e rir, namorar, se fosse o caso. Nao sendo noite igual as outras todas -- noites de afanar-se, de suar em peito estranho, de representar gemendo sem sentir vontade, gozando de mentira -- as tres recusaram em unissono as ofertas do apatacado boiadeiro e seus dois subordinados: hoje nao, vances desculpem, fica pra outra vez. Hoje, por dinheiro nenhum.

Misael escolhera Dalila, deixando Bernarda para o velho, Margarida para o rapaz. Vacilara entre Bernarda e Dalila mas guardara na menina dos olhos a visao do fiofo da negra, subilatorio de assovio. O velho lambia os beicos, alvorocado, o rapaz nao reclamou das sardas e do toco de braco da Coto, defeitos de nascenca: aos dezoito anos se traca o que vem e se pede mais.

De nada adiantaram as explicacoes de Dalila, boa de bico, nem o repelao de Margarida -- logo quando Balbino, cafuzo moderno e influido, começava a lhe arrastar a asa --, tampouco a negativa

rotunda de Bernarda: o balaio ta fechado, avo. Nos abre rosnou o velho.

Os tangerinos estavam bastante altos e o tempo era curto. Arreda, disse Bernarda quando o velho Totonho tentou arrasta-la 216

para fora. Com o trompaco e o licor de jenipapo, o atrevido vacilou nas pernas. Misael, que segurava Dalila pelo pulso, perdeu a paciencia. esbravejou:

-- Se oces nao quer ir por bem, vao por mal, sinhas putas!

A musica silenciara para que Pedro Cigano pudesse aliviar a sede com uma lapada de cachaca, a advertencia ressoou no barracao; raparigas aproximaram-se, curiosas; Misael, gostoso, rico e valente, pensou que vinham oferecidas disputar o lugar das enjoadas:

-- Nos ja escolheu essas, nao precisa de oces. -- Voltou-se para as preferidas, empurrou Dalila: -- Vambora!

Epifania deu um passo a frente, o suor escorrendo sobre a pele negra; enfrentou os vaqueiros, a voz rouquenha, lambuzada de licor:

-- Nem elas nem nos, nenhuma com vergonha nas fucas vai trepar hoje com vances. Nao sabe que nos ta de balaio fechado?

Vao meter nas vacas, se quiser. -- Para nao perder o habito e porque tambem ela abusara do jenipapo de Cotinha, cuspiu no chao e passou o pe em cima.

Homem que se preza nao leva para casa desfeita de macho quanto mais de mulher-dama. Misael anunciou antes de agir:

-- Essas tres vao tomar no cu, queira ou nao queira, e tu vai apanhar na cara, joga de merda!

A bofetada retiniu nos quatro cantos do salao -- salao: assim dissera o turco, lugar onde se dança, lugar de pagode e nao de briga. A negra perdeu o equilibrio; a segunda bolacha ainda mais forte a derrubou no chao, um filete de sangue escorreu no beico grosso.

-- Filho da puta! -- Uivou Dalila, loba desatada. **11**

-- Filho da puta! -- Repetiu Bernarda avancando ela tambem.

Quando os vaqueiros se deram conta, estavam acometidos, cercados por furias infernais. Partindo em defesa de Epifania, Dalila se atirara contra Misael tentando garguela-lo. Nao haviam, rivais e ciumentas, se atracado a tapas e cusparadas no inicio do ba217

te-coxas? Fuzue de putas, ja se disse, nao deixa rastro, e querela de comadres.

Juntaram-se todas elas sem excecao para enfrentar tangerinos, recusar o ditame imposto: se nao tivessem o direito fechar o balaio quando bem lhes aprouvesse, se nao fossem donas do proprio xibiu que lhes restaria na vida miseravel? Todas as quatro na ocasiao exerciam o oficio em Tocaia Grande: Dalila, Epifania, Bernarda, Zuleica, Margarida Coto, Marieta Quinze Arrobas, Cotinha, Dorita, Tete e Silvia Pernambuco, desgrenhadas, bebadas, solidarias. Faltou na relacao o nome de Jacinta Coroca, nao por esquecimento e sim por apreco e consideracao: sozinha, valia mais que todas as outras reunidas. Quando o inexperiente Aprigio ameacou puxar do revolver pensando com ele resolver rolo de unhas e dentes, Coroca aplicou-lhe um pontape nos quibas. O grito do moleque foi ouvido a tres leguas e meia, na estacao de Taquaras, segundo veridico relato de Pedro Cigano, testemunha de vista e de oitiva.

j

O velho Totonho, pobre coitado digno de comiseracao, era dos tres o mais indignado. Esperara aboiar Bernarda em noite de cobrir bezerra nova, via o sonho desfazer-se e nao se conformava. Atracando-a

pela cintura terminou por derruba-la; buscava tocar-lhe os peitos, suspender-lhe a saia, disposto, sabe Deus, a traca-la ali mesmo no barracao, em meio ao pega-para-capar, na vista dos presentes. Adoidado, tremendo como se estivesse sofrendo um ataque de maleita. Adocava a voz para suplicar: vambora... Rangia os dentes para ordenar: vambora! Arrancou o gibao de couro para obter mais liberdade de acao. Foi seu erro principal: perderam-lhe o respeito que o gibao impunha. Bernarda aproveitou para safar-se, e antes que Totonho pudesse se levantar, Maneta Quinze Arrobas, abundante, lenta e maternal, arriou o corpanzil em cima do infeliz: as juntas rangeram. Choramindo as ultimas esperancas, ainda no chao, o velho implorou, ao ver Bernarda precipitar-se sobre Misael:

-- Aprigio, segura ela ai que ja tou indo.

Como poderia o moco segurar Bernarda, se dobrado em dois defendia-se das tamancadas de Coroca? Quanto ao pau-de-fogo, Coroca o enfiara no decote entre os peitos murchos: deixar arma ao alcance de menino e correr risco de morte.

Tudo se passava ao mesmo tempo, em contados minutos. 218

Misael buscava libertar-se do cerco cada vez mais agressivo; arranhado e cuspidado, distribuia bofetadas, acertou um soco na cara de Dalila, a custo mantinha-se de pe. Acuado, via a hora de ter de levar para Conquista, nas ancas do cavalo Pirapora, a afronta da bunduda e de lambugem as injurias das demais. Quem arruma briga com puta nao regula bem, e fraco da cabeça. **12**

Apesar da cara fechada de Fadul, Misael aguardou confiante e sorridente quando viu os homens encaminharem-se em sua direcao. Certo de encontrar neles compreensao e estimulo, ajuda para domar aquelas pestes e obrigar as insubordinadas a cumprirem os deveres inerentes ao mister de puta: arreganhar a racha para quem manda e paga, sem discutir occasiao e preferencia. Disso nao abria mao. Onde ja se viu mulher da vida ter vontade, horario de trabalho, dia de

descanso?. O arabe aproximava-se, furioso: sem que nem por que, umas atras das outras, as raparigas haviam abandonado a danca deixando os cavalheiros no ora-pro-nobis, como se a festa houvesse terminado no melhor da animacao. Gritou para o endiabrado mulhero:

-- O que e que tao fazendo ai?

Mas ao dar-se conta do bafafa, dirigiu-se a Misael:

-- O amigo nao para de provocar baderna? Veio aqui a fim de que? Vamos acabar com isso.

Houve uma tregua no furdunco, as unhas e os tapas cederam lugar a discussao. O boiadeiro comecou por mostrar-se cordato. Contemporizou:

-- Nos nao ta querendo barulho. Nos so quer que umas putas metidas a besta vao com a gente pro mode nos aliviar o cacete.

-- Eles tao querendo pegar mulher na marra e nos tudo ta de balaio fechado. -- Interrompeu Epifania, o sangue escorrendo do canto da boca.

-- Nao vou nem morta. -- Reafirmou Bernarda.

-- Puta nao tem querer -- Replicou o velho Totonho aproximando da bela prometida. 219

Coroca suspendera a surra de tamanco no rapazola:

-- Nos e puta, nao e escrava. -- Disse e encarou Fadul como se o desafiasse: -- Nao e mesmo, seu Fadul? Ou vance pensa igual com eles?

Convencido do apoio dos homens, considerando-se coberto de razao, na predisposicao de pagar uma rodada de cachaca antes de

ausentar-se com os tangerinos e as escolhidas, Misael ficou atônito ao ouvir negro Castor Abduim perguntar e garantir:

-- Oces não sabe que a escravidão se acabou vai pra mais de vinte anos? Elas vão se quiser, se não quiser não vão. Misael olhou em derredor, correu a vista de Ticao a Ze Luiz do cafuzo Balbino ao branquicela Bastião da Rosa, de Guido Lupiscínio, de Gerino a Fadul, dos cabras do depósito de cacau aos tropeiros e aos passantes, de Pedro Cigano com a sanfona a Merência, grandalhona e compenetrada, por fim fitou cara a cara o ferrador de burros:

-- Não deveria ter acabado pra não ter negro ousado como tu. Não sei onde tou que não lhe parto a cara. -- Depois, virou-se para os outros: -- Se vances não quer arruaca, não se metam. Com o que levou a mão ao cinto largo; o velho e o rapazola se acercaram confirmando o agravo. Antes que o boiadeiro puxasse do revólver, Fadul, após sorrir para Coroca, falou em tom sereno como se estivesse conversando amenidades e não ditando ordens:

-- Deixe a arma em paz, seu Misael: não é o seu nome? E

trate de ir-se embora antes que seja tarde. -- Conteve do outro lado o negro indocil: -- Fica quieto, Ticao!

Mantendo a mão no coldre, Misael ainda duvidou:

-- Oces vão brigar por essas escrotas?

-- Se o amigo quiser obrigar elas, a gente briga. Fique sabendo de uma coisa. Aqui é assim: mexeu com um, mexeu com todos.

-- E isso mesmo. Se não gostou, de seu jeito. -- Interveio Merência, tão ciosa de sua condição de mulher casada que não aceitara, vejam só, habitar nas vizinhanças das raparigas para manter distância, impor respeito. As mãos nas cadeiras, comprava a briga como se aquelas perdidas fossem parentas suas, primas, sobrinhas e irmãs.

Fadul resumiu:

220

-- E a regra do lugar.

Mesmo que nao houvesse sido ate entao, passara a ser a partir daquele instante. Gostosao, rico e valente, Misael nao podia recuar :

-- Eu cago pra sua regra e pra vances.

Nao chegou a empunhar o pau-de-fogo, Ticao voou em cima dele. Acompanhado por Alma Penada que, tendo deixado o banco sob o qual se escondera para dormir ao som da musica da harmonica, vigiava o amigo e o inimigo. Somente entao o frege comecou para valer. Fadul segurou o velho Totonho pela camisa e pelo cos das calcas, levantou-o no ar e o jogou longe. Mulheres divertiam-se arrancando a roupa do moleque Aprigio. Com tantos homens querendo participar era ate

covardia. Guido mal continha a impaciencia: rogava a Castor que lhe cedesse Misael com quem tinha contas a ajustar. Mas Ticao fazia questao de demolir sozinho a gostosura, a riqueza e a valentia do lambanceiro para lhe ensinar o valor de um negro ousado. Alma Penada saltava em derredor rosnando e mordendo. Ao sair correndo, para garantir a fuga, o velho Totonho atirou a esmo: ninguem se lembrara de tomar-lhe a arma, uma garrucha antiga. A bala acertou na testa de Cotinha. **13**

Na rede de labutar e de dormir, presente de Ze Luiz nos aureos tempos, colocaram o corpo de Cotinha, franzino corpo de menina raquitica, e o levaram ao primitivo cemiterio onde cresciam mamoeiros, touceiras de bananas e amadureciam pitangas cor de sangue. Chovera sem parar durante a noite, no decorrer da festa e do furdunco, mas pela manha a chuva cessou e o sol veio para o enterro.

De madrugada alguns homens cavoucaram a terra ao lado de um cajueiro em flor. Cova funda, a primeira a ser aberta depois que o lugar passara a se chamar Tocaia Grande. Tomaram das pas e das enxadas apos a partida de Misael e de Aprigio, o rapazola as voltas com a sela de Totonho.

221

Quando os homens saíram a persegui-lo, o velho montara em pelo o cavalo Pirapora -- veloz como o vento, no gabar de Misael --, ganhara o mundo num galope desenfreado. Desgracas acontecem, defuntos com buraco na testa, rombo no peito, uma bala doida: as mais das vezes, o gatilho foi puxado pelo medo, nao pela vontade de matar.

Assim sendo, deram-se por satisfeitos com a surra aplicada em Misael e no moleque Aprigio. O boiadeiro e o tangerino se avacalharam -- verbo apropriado por todos os motivos. Bafo de onca, ronco de porco, dissera Gerino que o conhecia de outras malfeitorias: posto de joelhos Misael pediu perdao para salvar a vida.

Castor e Lupiscinio equilibraram sobre os ombros as pontas da longa vara de bambu enfiada entre os punhos da rede e a conduziram. O acompanhamento misturou lagrimas e risos; referiram-se a morta com benevolencia, nao lhe cobraram os azeites, os maus bofes; louvaram-lhe a valentia, a sinceridade, o doce de jaca, o de rodela de banana e o licor de jenipapo. No silencio do caminho para o cemiterio, o negro Ticao rememorou detalhes de conversas, o convento em Sao Cristovao, o vinho de missa, o sino grande e o bom frei Nuno cachopando. Sorrira a lembranca e, na hora do corpo baixar a cova, perguntou:

-- Quem sabe dizer uma oracao? Ela viveu num convento, foi quase freira. Pagava a pena rezar por ela. Fizeram mais de uma tentativa porem ninguem soube oracao inteira do comeco ao fim, nem sequer

a curta ave-maria. Merencia perdoara a pecadora, como ensina e ordena a caridade, mas não a ponto de comparecer ao cemitério. Ainda assim a alma de Cotinha não subiu ao céu -- se é que existe um céu das putas -- sem a chave de uma prece que lhe abrisse as portas. Cobrindo fragmentos do padre-nosso e da salve-rainha, elevou-se o vozeiro de Fadul Abdala. Na meninice fora coroinha a serviço do tio padre na aldeia libanesa. Recitou em árabe com unção e sentimento, dava gosto ouvi-lo, vontade de chorar. Epifania não se conteve, rompeu em soluços.

Apenas regressaram o sol sumiu, o inverno retornou.

222

14

Epifania não esperou o fim do inverno para mudar de terra. Brincara o São João e o São Pedro, disse a quem quis ouvir nunca ter se divertido tanto.

Na noite de São João acenderam-se as fogueiras em frente aos casebres, várias; os vizinhos visitaram-se. O descampado iluminou-se com os foguetes, os busca-pes, as espadas, as rodinhas, as estrelinhas, os fósforos de cor, azuis, verdes, vermelhos, sulfúricos, tão bonitos. Comeram e beberam com fartura e as raparigas confessaram embevecidas: não existia puxador de quadrilha capaz de se medir com Castor Abduim: não fosse o negro mestre em estrangeirices. Epifania pulou fogueira com Zuleica, fizeram-se comadres.

O momento supremo foi o da largada do balão, surpresa para todos exceto para Tico e Coroca. Chuviscava apenas: encheram-no de fumaça ao pé da fogueira maior, no descampado onde se concentraram. Acenderam a mecha, o balão subiu ao céu e nele se perdeu. Antes de desaparecer, confundiu-se com as estrelas raras e opacas: estrela de mentira era a mais bela.

Festejaram, ainda, a noite de Sao Pedro para dar cabo do licor de jenipapo de Cotinha e aproveitar a presença de Pedro Cigano com o fole. Dias, depois, de manhazinha, Castor acabara de cuidar dos cascos de Roseda, madrinha da tropa de Elisio -- depois de te-los aparado com o puxavante, ele os brindara com quatro polidas ferraduras -- quando viu Epifania a espera, pronta para partir: haviam passado a noite juntos e ela nada anunciara. A trouxa na cabeça, pequeno amarrado com trapos e chinelas, seus pertences.

-- Vou embora, Ticao. -- Ia aproveitar a tropa de Elisio para nao viajar sozinha. -- Posso levar o abebe que tu fez pra mim?

-- Nos olhos e na voz a decisao, uma ponta de tristeza e o rude orgulho.

Ticao entregou-lhe o espelho de latao que figurava Oxum no peji dos orixas. Nao pediu que ela ficasse, apenas disse:

-- Vou me lembrar de oce a vida toda.

Epifania estendeu a ponta dos dedos: descalca, a trouxa em cima da carapinha, o abebe na mao, seguiu a tropa no destino de Taquaras. Alma Penada a acompanhou durante um bom pedaco, 223

mas ao entender que a negra ia de vez, arrepiou caminho e voltou a se deitar no calor da forja. Continuava feio e magro; revelara-se porem, valente e bom de caca. Guardava a oficina e os passos de Ticao.

O CAPITAO NATARIO DA FONSECA ENCONTRA NA

ESTRADA UMA FAMILIA DE SERGIPANOS

E A ENCAMINHA PARA TOCAIA GRANDE

Para ser um grupo de romeiros faltavam apenas a cantoria e os caes, refletiu o capitao Natario da Fonseca ao avistar a caravana. Adolescencia vadia, Natario nao enjeitara festa de santo milagreiro nas barrancas do rio Sao Francisco onde nascera. Fora guia de cego, chamego de mulher-dama, zagal de beato. Cavalgando a besta do Apocalipse, o beato Deoscoredes marchava impavido para o dia do juizo final conclamando penitentes nas vespervas do fim do inundo. A seu flanco, em vez de trombeta, o arcanjo anunciador conduzia uma lazarina, exercitava a pontaria. Comparsa na procissao das chagas, mensageiro da demencia, apaniguado de Bom Jesus e da Virgem Mae, o imberbe pregoeiro tocara as extremidades do horror, bailara na festa dos moribundos, recebera as cinzas da quaresma, queimara judas na aleluia. Nos testamentos de Judas restava para o povo o assombro dos prodigios e o pagamento das promessas -- ah, terra de pobreza e iniquidade! Nos limites do cacau nao existiam romarias nem milagres. 2

Sucediam-se as levas de sergipanos nos derroteiros do rio das Cobras, adentrando-se pelas matas; as fazendas recentes reclama224

vam trabalhadores. De passagem, abasteciam-se no comercio de Fadul, banhavam-se na correnteza, recolhiam informacoes. Do dinheiro contado e recontado, alguns mais avexados subtraiam moedas para o desalivio de mulher. Lugar bonito, aquele. Na desvalida patria sergipana ouviam-se maravilhas, narrativas fantasticas sobre as terras do sul da Bahia e a lavoura do cacau. Terras ferteis, muitas ainda devolutas -- era chegar e tomar posse --, lavoura sem igual, mina de ouro. Trabalho sobrando na foice, na enxada, no tanger dos burros, no corte do facao, no clavinote. Quem tivesse ambicao, fosse disposto e soubesse aproveitar a sorte, poderia enriquecer. Recitavam-se casos nas feiras, exemplos comprovados, a pura verdade. A historia em versos do coronel Henrique Barreto, o Rei do Cacau, passava de boca em boca, de ouvido em ouvido, na consonancia das violas: "Morto de fome, saiu de Simao Dias..."

Arribara mocinho, "seu capital, um toco de facao". De inicio, alugado, depois tropeiro, "tangendo burro noite e dia". Pusera bodega num arruado "pra vender cachaca e municao", juntara o necessario para comprar uma braca de terra, "nela botara roca de cacau" e quando deu de si "virara um grande potentado". Rei do Cacau, o coronel Henrique Barreto, nascido e criado na miseria em Simao Dias: nas festas de fim de ano, enviava alguns trocados para os parentes que por la prosseguiram a mingua, apaticos sergipanos. Ele, o Coronel, tornara-se grapiuna. Nas estradas e atalhos cruzavam-se bandos de homens jovens ou na forca da idade, casados e solteiros. Tomavam o rumo do sul da Bahia, abandonando os campos feudais, as pequenas cidades mortas, apenas alcançavam a idade da razao ou quando perdiam a ultima esperanca de encontrar trabalho e pagamento. Adeus, meu pai, minha mae, me botem sua bencao, vou enricar em Itabuna. Adeus, mulher e filhos, vou na frente ganhar dinheiro em Ilheus para a viagem de vances. Nos alforjes e nos coracoes conduziam breves contra febres e mordidas de cobra, lembrancas e conselhos, faces queridas, lagrimas e soluços. Pai e mae, mulher e filhos permaneciam em Sergipe na promessa e na espera, ilusorias razoes de vida resgatadas lentamente pelos velhos na quietude da loucura mansa. As ressentidas vitalinas, essas trancavam-se com as chagas de Cristo na solidao historica dos 225

casaroes, em uivos e blasfemias. Os filhos aguardavam a idade do adeus e da partida.

Nos caminhos poucos casais, sobretudo com criancas. Raramente familia numerosa, machos e femeas, idosos e mocos, avos, filhos e netos. Acontecia porem: juntos haviam decidido empreender a travessia, juntos pretendiam permanecer. Cla ancestral, vigorosas raizes, lacos profundos de sangue e substancia. Terminavam por se dispersar na pugna do cacau: nas plantacoes, nas cozinhas das casas-grandes, nas tocaias, nas casas de putas. Violados os fundamentos, novos valores se impunham. Cruzavam-se habitos, maneiras de festejar e de chorar. Misturavam-se sergipanos,

sertanejos, levantinos, linguas e acentos, odores e temperos, oracoes, pragas e melodias. Nada persistia imutavel nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobrezas e ambicoes provindas de lares tao diversos. Por isso se dizia grapiuna para designar o novo pais e o povo que o habitava e construia.

Diligentes e obstinados, os sergipanos povoaram o territorio do cacau. Trabalho nao faltava, enriquecer acontecia: materia para trova e sonho, convite para calcar as alpargatas e partir. Mantinham certa solidariedade entre si, ajudavam-se sempre que possivel.

Alguns, ao desembarcar em Ilheus, traziam endereco certo: a fazenda de um conterraneo, Coronel cuja fama de riqueza alimentava conversas e redondilhas nos dias pobres das cidades vazias de homens.

Quando Natario fugira de Propria, trouxera recado de um parente, vago primo distante, para o coronel Boaventura Andrade. Em clima de risco, e mais seguro confiar num conterraneo. **3**

O capitao Natario da Fonseca suspendeu o passo da alimaria a aproximacao da farandola para melhor corresponder ao cumprimento do velho, repetido num eco de vozes cansadas: bastardes. O

velho retirou o chapéu para pedir a informacao. Queria saber se trilhavam o rumo certo das fazendas estabelecidas nas matas do rio das Cobras e se era verdade que naqueles lados estavam contra

tando trabalhadores. Verdade, sim: as safras iam comecar, os bilros cresciam, dava gosto ver. Nao precisava perguntar para saber de onde procediam mas Natario indagou para esticar a conversa:

-- Sergipanos?

-- Inho, sim.

-- Uma familia so?

Contava com a vista: alem dos tres casais, o rapazola alto e forte, a menina de trancas, o molecote trazendo uma arapuca de pegar passarinho. A mulher de lenço amarrado na cabeça carregava crianca de meses, a outra, mais jovem, estava de barriga. Dez viventes, em breve onze. Mais a contento, nao podia ser.

-- Inho, sim. Tudo e parente.

-- Tao vindo de onde?

O velho demorou um instante a responder -- e se a noticia houvesse chegado ate ali? Decidiu-se, portanto:

-- Nos tamos chegando de perto de Maroim. Mece ja ouviu falar?

-- Passei por la quando vim, faz um tempao. Sou natural de Propria.

Parados e atentos, os outros acompanhavam o dialogo. Apoiado num galho de arvore, rustico bordao, a velha magra, seca de carnes, a carapinha ruca, mais da poeira do que da idade, deu um passo em direcao ao cavaleiro, a mulher com a crianca ao colo a acompanhou. Conterraneo e quase parente, nao e a mesma coisa que um estranho. Quem sabe, aquele cidadao de Propria, bem-posto, montado em mula vistosa, em cima de bons arreios, poderia ser de ajuda e salvaterio? Algum motivo teria para encomprar conversa sob o ardor do sol, na beira da estrada. A familia era grande, como fazer para nao se desgarrarem uns dos outros, sobretudo depois do acontecido? A velha nao se . atrevia a perguntar. Desejava paz para sua gente mas perdera a seguranca.

-- O que mais se ve por aqui e sergipano. Mas quase tudo chega escoteiro, familia e rareza, quanto mais desse tamanho. Por que ta vindo o povo todo, se mal pergunto?

Um dos homens se adiantou ao velho:

-- Por la anda carente de trabalho, diz-que por aqui tem com fartura. Por isso e por mais nada.

Nao olhou para o Capitaio, olhou para os demais: a pergunta 227

estava respondida, nenhum deles tinha o que acrescentar. Brusca, pouco elucidativa, nao houvera contudo insolencia ou desafio na resposta; apenas reserva, receio, quem sabe? O velho baixara a cabeça quando o filho o atropelara, tomando-lhe a palavra -- precedencia e respeito jaziam na danacao de Maroim. Natario nao se deu por achado, nao se afetou. Conhecia os relatos de cor e salteado, identicos na peripecia principal. A quantos vira chegar, a arma de fogo ainda fumegante? Vadiou a vista de um a outro, medindo e pesando os quatro homens, qual deles havia atirado? Nao descartou o rapazola: no calendario do vilipendio conta-se a idade em dobro.

-- Por isso e nada mais, bem respondido. Guarde sua conveniencia, nao sou padre confessor. Quando a gente desembarca por aqui, ta nascendo de novo, nao tem contas a prestar. Pode ate

mudar o nome, se quiser.

Foi entao que o homem mais moco se desprende da mao da mulher e andou em direcao a Natario:

-- Tocaram com a gente, botaram pra fora. Nos nao veio porque quis. Veio a pulso.

-- Cala a boca! -- ordenou o mais idoso, o que falara antes. O velho esbocou um gesto, nem o completou. O Capitaio desceu o olhar para a repeticao no ombro do rapaz mas nao chegou a fazer pergunta ou comentario. O moco, sem atender ao gesto do pai, a ordem do irmao, abriu o peito, libertou o afrontamento a consumi-lo:

-- Nao se deu como vosmice ta pensando. Elas nao deixaram... -- apontou a velha e a gravida, mae e esposa: -- Bem que eu quis

acabar com o arrenegado. -- Olhou para a palma da mão:

-- Ai, elas amarraram minhas mãos! Consumiram minha tenção!

Arrebatado, quisera na ocasião tomar da arma e fazer uma desgraça. Casado de pouco, a mulher nova, bonita e preta agarrou-se em seu pescoco: pensa em mim e no menino! A mãe arrebatou-lhe a repetição, preferia morrer a ter filho criminoso, preso ou fugitivo da polícia.

-- Não criei filho para assassino nem para morrer na mão de pistoleiro. -- Assim tinham morrido outrora seu pai e seu irmão, de morte matada, no mesmo inútil desafio.

Entre as duas, esvaziaram-lhe o ânimo, sobrou apenas a ameaça aos quatro ventos. Para o Senador pouca diferença existia 228

entre a ameaça e a tentativa de consumir o crime, cuja responsabilidade era de todos juntos e de cada um em separado. Justiça de Salomão, ditada na cerca do curral.

4

Na fulguração do sol a pino, no caminho das matas, vomitaram a narrativa, cada história declamou sua parte com entonação precisa; na cova da recidiva enterraram o passado, doloroso espinho, carga inútil. Voltaram a ser quase como eram antes da impiedade ter estabelecido método e termo, razão e desrazão. Quase como eram mas não inteiramente: mesmo curadas, as chagas deixam marcas indeleveis. Mais uma vez o Capitão escutou a corriqueira crônica dos corumbas. Homens e mulheres, do velho ao molecote, cavavam medidas brancas de terra a meia com o dono e senhor, fazendeiro de gado, chefe político, senador estadual. A vida transcorria placida, plantavam e colhiam, levavam a parte que lhes tocava a

feira de Maroim, vendiam e barganhavam. Aos domingos as mulheres acudiam a igreja, os homens ao botequim. Um dia, sem

que nem por que, ficou o dito por nao dito. O

acerto de boca, a palavra empenhada de nada valeram. Tiveram de entregar a terra lavrada, a casa, o galinheiro, o poco, a seguranca e o riso por dez reis de mel coado. Convocado a sede da fazenda, o velho regressou com a paga estipulada. pelo Senador -- nao adianta discutir, e pegar ou largar-- prazo para arrumar a trouxa e buscar outra pousada, uma ardencia nos olhos, um no na garganta. Queixar-se a quem? Ao bispo?

Para as mulheres no desatino da aflicao houve, bem certo, o conforto do padre-mestre, ele proprio afetado pela medida inesperada que vinha priva-lo dos gordos capoes, das frutas escolhidas, dos tenros aipins, dadivas semanais daquela boa gente, temente a Deus. Aconselhou resignacao e obediencia. De certa maneira -- opinou semicerrando os olhos, entrelacando os dedos sobre a panca -- deviam considerar-se criaturas de sorte dado o natural bondoso do Senador. Dono da terra -- ou a terra era 229

deles, por acaso? --, se o Senador quisesse, poderia te-los posto fora sem pagamento de nenhuma especie, sem prazo, sem aperto de mao, Precisava daquele massape para transforma-lo em pasto para o gado, capim-gordura em lugar da mandioca e do feijao. O

rebanho tinha preferencia, nada mais justo. O Senador fora duplamente magnanimo: primeiro, ao lhes permitir lavrar e colher, por tanto tempo; depois, ao pagar pelo que nao devia. Recordou ainda o prazo concedido, suficiente para que pudessem ir a feira no sabado vender os produtos derradeiros, antes da mudanca. Cabia agradecer. Deitou-lhes a bencao, Deus e grande. Nao fossem o arrebatamento e as ameacas, o caso teria transcorrido sem outros vexames. Mas, ao saber por vias travessas da colera e das palavras vas, o Senador chocou-se profundamente: nao tolerava ingravidao. Cancelou o prazo, decretou expulsao imediata -- se qualquer membro da familia fosse encontrado rondando suas terras, nao haveria complacencia. Quanto ao atrevido, ao bandido que pensara

assassina-lo, esse precisava de uma licao. Preso, amarraram-no a um mourao adestra do curral, sem agua, sem comida, cozinhando ao sol. Tiveram de arrastar a preinha que se abracara as pernas do marido disposta a morrer junto com ele. A velha se plantou ao pe

da sacristia em Maroim ate ser recebida pelo padre-mestre. Modesta ovelha do rebanho do Senhor, ei-la de repente tresloucada furia, mais parecia tomada pelo Cao. Padre, se nao soltarem ele, a gente vai voltar e vao ter de acabar com nos todos, um a um, a comecar por mim, vai ser uma mortandade. Ate o padre-mestre, de natureza contemplativa e pachorrenta, perdeu a tramontana, teve medo, sentiu um frio na barriga.

-- Deus te perdoe, mulher. Vou ver o que posso fazer. Provando novamente generoso impeto, o Senador atendeu ao pedido do padre, mandou soltar o miseravel a tempo de se reunir com o resto da raca ruim. Antes, porem, administraram-lhe duas duzias de bolos, utilizando a palmatoria dos negros de antiga e benemerita serventia. O Senador nao admitia gente de ma fe em seus dominios. Seus dominios: o Estado de Sergipe, chao e aguas, as arvores, os bichos, os caminhos, a justica. Tinha alguns socios menores, ricos senhores de engenho. Os demais eram servos.

230

5

-- Nos veio escorracado...

De que adiantava levar a espingarda ao ombro? Tarde demais, a hora passara. Melhor seguir o conselho materno e esquecer: trancar nas tripas o inchaco e o queimor da palmatoria.

-- Podia ser pior -- concluiu a velha --, o que passou, passou. A provocacao se acabou e nos tamos com vida. Deus ha d ajudar que a gente possa ficar junto.

O Capitao nao comentou os acontecidos, nao disse sim, nao disse nao, nao tomou partido a favor ou contra, nao aprovou nem condenou. Historia ordinaria, de pouca monta, a velha nao deixava de ter razao: o que passou, passou; se permanecessem juntos, poderiam transformar o infortunio em abastanca. Familia numerosa, ordeira e trabalhadora, habituada ao cultivo da mandioca, do feijao, do milho, a criacao de galinhas e de cabras. Exatamente de familias assim Tocaia Grande estava necessitando para assentar raizes e progredir. Estabelecida a primeira, outras acorreriam.

-- E mesmo que tao querendo ficar todo mundo junto?

-- Trazemos essa intencao mas diz-que nao e facil. -- O velho retomou a palavra e o comando.

-- Como e o nome de vosmice?

-- Ambrosio, um criado as ordens.

-- E vosmice, minha tia, como se chama?

-- Evangelina, mas me tratam de Vanje. Sera que nao tem um jeito...

-- Tudo tem jeito, afora a morte.

Comecou por declarar o nome e o titulo -- por esses extremos do mundo todos me conhecem. Passou entao a falar sobre Tocaia Grande, lugarejo a menos de uma legua de caminho, crescendo num sitio bonito por demais. Contou das terras nas margens do rio nas quais poderiam plantar compridos alqueires de feijao, de milho, de mandioca, terras sem dono, de quem chegar primeiro. Nas rocas de cacau seria cada um para seu lado, sem apelacao.

-- Terras sem dono? Deveras?

-- Boas de enxada?

-- E se depois...

Por duas vezes a velha tinha visto acontecer, testemunha e personagem.

-- Aqui e o principio do mundo, sia Vanje. Nao e como em Sergipe onde tudo ja tem dono e senhor. Ate os milagres dos santos.

Vanje compreendeu que o homem de Propria era um emissario do destino, sentiu-se libertada dos temores e da incerteza. O

velho Ambrosio, porem, considerou:

-- O dinheiro que nos tem nao basta nem pra comecar.

-- Nem carece. Chegando la, procure um turco chamado Fadul, diga que vai de minha parte. Ele vai facilitar tudo que vances precisar. Explicou por fim o porque de tanta regalia:

-- Nao sei de lugar mais bonito de se ver do que Tocaia Grande, mas so vai prosperar no dia que tiver familia morando, menino pequeno e bicho de criacao.

O irmao mais velho, o da resposta brusca, calado desde entao, ainda quis saber:

-- Vosmice e de la?

-- Nasci em Propria, como ja disse. Mas e em Tocaia Grande que vou morrer quando chegar meu dia. **6**

A recua de corumbas desaparecera na poeira do atalho. O

pensamento do capitao Natario da Fonseca refluiu ate as barrancas do rio Sao Francisco, aos prados da indigencia e do arbitrio. No silencio da mata ouviu queixumes e um clamor de agonia. Por um

breve momento cavalgou de novo, lado a lado, com o beato Deoscoredes prestes a decretar o fim do mundo e a alforria do povo. Mas a besta do Apocalipse era um tardo jumento de presepio quando, para enfrentar o imperio da abominacao, o profeta deveria montar ao menos o lobisomem ou a mula-sem cabeca. A vida das criaturas continuava sem valer um ai. Nem:!! sequer a palmatoria dos negros fora abolida, quanto mais o resto. Por que deter-se em tais desordens seculares, apoquentar-se? Os lacos de berco e nascimento haviam-se rompido para 232

sempre em remota conjuntura. Compromissos prementes e atuais requeriam seus cuidados. Em lugar da lazarina, portava punhal e parabelo: garantias de acordos verbais, penhores de retidao. Um sorriso aflorou aos labios de Natario: o turco iria levar um susto da peste ao defrontar-se com os sergipanos portadores do recado. Nem de proposito, naquela manha exatamente, os dois haviam conversado e Natario dera o diagnostico e propusera o remedio:

-- Pois e como lhe digo, compadre Fadul: enquanto nao tiver familia morando, for somente tropeiro e meretriz, o movimento vai continuar tacanho. Mas nao esmoreca nao. Logo vou arranjar uns sergipanos para botar aqui. Comeca a ser de precisao: as rocas novas vao principiar a dar cacau, o dinheiro vai correr.

-- Que Deus fale por sua boca, capitao Natario. Dinheiro e o que esta fazendo falta.

-- Tu nao acredita, turco? Tu sabe quantas propriedades novas tem nas redondezas?

-- Se nao acreditasse nao tinha me arranchado por aqui. So que pensei que ia ser mais depressa e esta sendo devagar.

-- Tudo tem sua hora certa, Fadul, nao paga a pena se afobar. Dantes nao dava pe porque as rocas ainda tavam crescendo. Ja pensou, compadre, essas rocas todas carregadas? E um mundo sem

porteira. Tocaia Grande vai deixar de ser uma tapera, um lugarejo. Já e já passa Taquaras para trás. Escreva no papel, se duvidar.

-- Deus pode tudo, Capitão. Quando e que o nobre amigo vai arrumar os sergipanos?

-- Qualquer dia desses, Fadul. Quando menos se esperar. Assim dissera de manhã, ao passar por Tocaia Grande vindo da Fazenda da Atalaia. Quando menos se esperar: parecia mesmo de propósito, coisa combinada. Pena não poder ver a cara do turco a chegada do rancho: o espanto, os gestos, o vozeirão. O diálogo com Deus sobre a singular coincidência. O Deus de Fadul Abdala era um ente próximo, quase membro da família, amigo poderoso porém íntimo, sócio nos negócios.

O Capitão estimava Fadul, turco ladino, bom de prosa e de folgança, comerciante astuto, uma fera no trabalho: mascate afamado nas rocas e fazendas, continuavam a lastimar sua falta. Enxergando longe, estabelecera-se em Tocaia Grande no entusiasmo

do crescente movimento de tropas e passantes. Atravessara sem uma queixa o tempo das vacas magras, suportara as sete pragas sem arrepiar caminho, alegre compadre e companheiro. **A FAMÍLIA DE SERGIPANOS CHEGA A TOCAIA**

GRANDE E O CAPITÃO NATÁRIO DA FONSECA INICIA A CONSTRUÇÃO DE CASA PRÓPRIA

1

A manhã ia alta e as duas raparigas, a velha Jacinta Coroca e a moça Bernarda, calentavam o sol do verão na porta da casa de madeira mandada construir por ordem do capitão Natário da Fonseca. Jacinta remendava trapos de vestir; Bernarda penteava a negra e basta crina, seus cabelos eram belos e ela o sabia. Examinava-os fio por fio, em busca de lendeas. Desviando a atenção

da delicada tarefa de renovar a linha na agulha, Coroca olhou de traves para a companheira, rompeu o silencio e a quietude:

-- Mulher da vida que emprenha nao tem competencia. Mais valia ter ficado na roca quebrando coco de cacau. Disse em voz baixa, apenas audivel. Em voz baixa prosseguiu na conversa de sotaque, compassado resmungo; a vista presa a costura, como se falasse para si propria e para mais ninguem. Da mesma maneira Bernarda a ouvia; como se nada ouvisse e ainda perdurasse o sossego da manha.

-- Por que diabo ela havia de pegar barriga? Vai ver e ela nem sabe quem e o pai do desinfeliz. Sabe coisa nenhuma!

A caricia da viracao na agua do rio, na copa das arvores, nos cabelos de Bernarda. Coroca arrazoava:

-- Quem nao tem entendimento nao deve escolher oficio de puta, que nao e oficio singelo, e bem mais dificultoso. Ela pensa que basta catar piolho, arreganhar os dentes se rindo, botar cheiro nas partes, ta muito errada. Mulher da vida e igual a freira: 234

quando entra pro convento, larga tudo. Pai e mae, irma e irmao, o nome verdadeiro e o direito de emprenhar e de parir. So que freira vira santa e vai pro ceu sentar na mao de Deus e a gente nao passa nunca de puta, condenada sem salvacao.

Fitou o horizonte alem do rio e das colinas, a luz intensa doeu-he os olhos:

-- Gastei as vistas de tanto ver menino cagado e remelento botando ranho pelo nariz, chorando pelos cantos nas casas de rapariga. Filho de rapariga e a raca mais desamparada que existe. E

preciso ser zureta, que nem ela, para pensar que puta pode ter luxo de filho, pode botar cria no mundo. Coisa mais lastimosa e

mulher-dama fazendo a vida com menino pequeno agarrado na barra da saia.

Sem interromper a litania, suspendeu a costura, examinou os consertos nos rasgos da blusa descolorida:

-- Se ela não sabia como fazer para não pegar menino, por que não perguntou aos de maior? Cade que eu nunca peguei, e estou na vida faz um ror de tempo: os dedos das duas mãos e dos dois pés não chegam para contar os anos que levo nessa vida. Não é de hoje que me chamam de Coroca.

Silenciou por um instante, indecisa. As memórias do fadário eram privilégio seu, exclusivo. Mas se ela não acudisse em socorro de Bernarda, a ignorante iria arrastar a cruz de um filho vida afora. Bernarda podia ser sua neta.

-- Eu era moderninha quando Mãe me ensinou pro modo não emprenhar do coronel Ilídio. Tava amigada com o Coronel, de casa posta. Foi ele quem me acudiu quando Olavo, depois de me tirar os tampos, morreu cuspiendo sangue, fraco do peito. O

Coronel botou casa pra mim, sortida de um tudo e mais o que eu pedisse. Bastava eu desejar, ele mandava dar em dobro, rabicho de bode velho. Eu tava de grande, Mãe não se cansava de dizer. Bastava não pegar filho que isso dona Marcolina não ia tolerar. Por mais de sete anos fui senhora-dona, ou ela pensa que já nasci mulher perdida? Só cai na vida quando o Coronel faltou e dona Marcolina mandou me dar uma surra e correr comigo de Macuco. Foi a primeira ordem dela pros cabras, depois de botar luto de viúva e tomar conta da fazenda. -- Afastou a vista da costura: --

Era melhor que tivesse mandado me matar.

Por entre os fios da cabeleira solta sobre o rosto, Bernarda 235

acompanhou o olhar de Jacinta vagando sem rumo. Contra a claridade, os olhos pareciam vazios, olhos de cego. Coroca retornou a costura, a ladainha recomeçou:

-- Tivesse perguntado, eu tinha ensinado. Bastava ela dizer: Jacinta, como é que a gente faz pra não pegar filho? Mas, cade, ela perguntou? Escusava estar aí de barriga, sem saber quem é o pai da criança.

Começara a remendar uma anagua, lançou outro olhar de vies para o ventre intumescido da rapariga, abrandou a voz:

-- Também não é motivo para ela se amofinar. Conheço a receita de uma garrafada feita com folhas que a gente cata no mato, e tiro e queda. A fulana bebe e no mesmo dia, com poucas horas, bota tudo pra fora, no carrego do boi, não fica nem rastro, tem de tomar dentro d'água, na hora do banho. Aprendi com a finada Cremilda que pegava menino a três por dois, não que quisesse, mas porque ela era assim, emprenhava no bafo dos homens. Pois bem: tantos pegou, tantos devolveu.

Fitou a moca de frente: companheira de casa e de ofício, tão moderna, sem um pingão de juízo. Coroca não podia permitir tamanho desatino:

-- Tou falando com tu, tenho idade pra ser sua avó. Preparo a garrafada ainda hoje, e ruim de gosto mas lava o bucho. Tu toma no meio da tarde, amanhece de barriga limpa. Tá ouvindo?

Bernarda levantou a cabeça, jogou os cabelos para trás e finalmente enfrentou o olhar da tagarela:

-- Vosmice me desculpe mas não vou beber garrafada nenhuma para esvaziar a barriga, não tome trabalho de ir pro mato catar folha. Sei que vosmice não fala por mal, fala na tenção de me ajudar. Só que eu peguei menino porque quis pegar, não foi por ignorância. Cade que peguei mentres Pai dormiu comigo?

Nao queria ter filho dele: quando Pai abria minhas pernas, eu fechava o resto do corpo.

-- Tu nao sentia nada com ele?

-- Vosmice pode nao acreditar, pensar que tou mentindo. Das primeiras vez, me dava raiva, so fazia chorar. Depois, nem isso. -- Fez um gesto com o ombro espantando aqueles amargores passados: -- Nem quero me lembrar, agora nao me importo com mais nada afora o menino que ta na minha barriga. Peguei porque quis e vou parir ele, ninguem vai empatar. Ninguem, no mundo. 236

Espreguicou-se, colocou as maos sobre o ventre para melhor exibi-lo; depois pegou a mao de Jacinta e a beijou. Nao havia jeito a dar, garrafada que resolvesse. Coroca assentiu com a cabeça, concordando. Decifrada a charada, desapareciam as razoes para a conversa de sotaque -- o vinagre fez-se mel para o colloquio:

-- Tou vendo. E filho dele, nao e?

Nao era necessario pronunciar o nome para que Bernarda soubesse a quem Jacinta se referia e abrisse os labios num sorriso triunfante

-- E de Padrinho, sim, vosmice adivinhou. -- Ergueu o rosto, despirase da braveza e da contenda, os cabelos rolaram sobre os ombros, fios voaram ao sabor da brisa; Coroca a viu de frente para o sol, ufana. -- Que mais posso querer no mundo, que mais posso pedir a Deus? Que nasca homem, parecido com ele.

-- Tudo que e filho dele sai a cara do pai. Os de Zilda e os da rua.

-- O meu vai ser igual nas feicoes e no brio.

Cada vivente, por mais miseravel e despossuido, por mais coitado e sozinho, tem direito a uma quota de alegria, nao ha sina que seja inteira de amargura. Nao importa o custo, o preco a pagar. A propria Jacinta pagara precos absurdos por um capricho, a chama de um

desejo. Nunca se arrependera nem mesmo quando, apos fenecerem a excitacao e o jubilo, a solidao medrara cinzenta e acerba. Afinal, que se leva da vida alem da dolencia e da ansia, da agonia e da ventura de um xodo? Vale a pena correr o risco: por mais caro que seja o preco, sera barato.

-- Nesse mundo nada e gratuities; tudo tem sua paga. Pode se pagar com a vida, ja vi se dar. Se tu pegou menino porque teve vontade e se dispos, ninguem pode se meter e condenar. So que, depois, nao adianta tu se queixar, tem de aguentar calada.

-- Me queixar? De que? Me diga vosmice! Nao ve que tou feito doida, rindo pelos cantos?

Sobranceiro coracao, riso solto, cabeca-de-vento.

-- Cabeca-de-vento, tu precisa se prevenir pro parto. Ate os bichos do mato se preparam pra parir.

-- Tava esperando chegar mais perto pra combinar com vosmice.

237

-- Mais vale falar de uma vez. Onde tu vai desovar? Em Taquaras? Em Itabuna?

-- Vou ter aqui mesmo.

-- Aqui? Tu ta maluca? Aqui nao tem nem parteira aparar o menino na hora dele nascer.

Bernarda voltou a sorrir:

-- Nao tem? E vosmice?

-- Eu? -- Pegada de surpresa, Coroca se assustou, estremeceu -- Fiz muita coisa por esse mundo afora, tu nem pode avaliar, ate de bexiguento ja cuidei. Mas nunca aparei menino.

-- Pois va se preparando pra pegar o meu.

A velha emudeceu. Assistira a mais de um parto, acontecera-lhe ajudar a aparadeira na hora do milagre trazendo bacia e agua, os panos. As parteiras, umas rainhas, competentes, compenetradas, o passo tranquilo, o gesto medido, a palavra definitiva, sumidades nos povoados, nas maos os poderes de Deus. Quando voltou a falar, o fez com voz estrangulada, rouca de repente, provinda das entranhas:

-- Tu ta querendo mesmo que eu apare teu menino? Tu pensa que sou capaz de fazer um parto? -- Deixara de lado agulha e a linha, as pecas a remendar.

-- Vosmice se dispondo pode fazer tudo o que quiser.

-- Aparar um menino, ajudar ele nascer, ai, meu Deus bendito! -- Olhou as maos magras, ossudas. -- Possa ser que sim!

-- Depois que eu parir, a gente vai ser comadre.

-- Nos ja e comadre desde a Sao Joao, tu se esqueceu?

Comadre de fogueira, agora nos vai ser de vida e morte. Balancou a cabeça, a condenar-se:

-- Dizer que eu tava querendo matar o pestinha antes mesmo dele nascer. Velha bronca, zureta!

Riram as duas mansamente, duas putas a quentar sol na porta da casa de madeira no arruado de Tocaia Grande, comeco do verao. Riso gratuito, o da velha e o da moca, igual viracao alvorocando a copa das arvores, arrepiando a correnteza do rio, riso de puro contentamento.

2

-- So pode ser aqui. -- Afirmou Ambrosio suspendendo a marcha.

A planicie se estendia nos dois lados do rio, circundada pelas colinas abruptas. Especie de cerrado raso, a vegetacao rasteira e espessa cobria a margem esquerda completamente desabitada. Na margem direita divisavam ao longe choupanas espalhadas ao leu, e mais proximo o correr de casebres alinhados a beira do caminho. Avultavam contadas casas de telha, construcoes de madeira e uma de palha, vasto barracao no campo aberto:

-- Bem o homem falou que era bonito. -- Murmurou o velho.

-- O Capitaio. -- Corrigiu a velha Vanje. -- Ele disse que era capitaio. Capitaio Natario.

O velho Ambrosio, a velha Evangelina, conhecida por Vanje. Encarquilhados, magrelas, canosos: ele nao passara dos cinquenta, ela ainda nao chegara la. Dois velhos lavradores escorracados de suas plantacoes, em busca de bracas de terra onde semear e colher por conta propria. Fitavam a mata virgem alcada diante deles, pujante e antiga. Terras devolutas, era chegar e tomar posse. Nao seria outro embuste, treita vil? Por que o homem, um capitaio, haveria de mentir? O horror ocorrera nos longes de Sergipe, terras cativas. Aguas passadas. Dinora mantinha-se junto de Vanje, a crianca ao colo. Voltou-se e sorriu para o marido, Joao Jose, dito Jaoze. Terminada a peregrinacao, iam poder sitiar os parques terens, finalmente assentar casa. Pensara que nunca mais alcançariam pouso, sitio onde amanhar o solo, planta-lo, criar porcos e galinhas. Criar o filho, engravidar de novo. Temera que o menino morresse na estrada, em seus bracos: o enfezado gemia baixinho e devagar, sem forcas para o choro. O marido deu um passo a frente, colocou-se entre a mae e a mulher; respondeu ao sorriso aflorando com os dedos o rosto lasso da companheira. Ele, Joao Jose, desaprendera de sorrir. Antes dos acontecidos de Maroim -- fora ontem ou

decorrera muitos anos? -- Dinora povoava a casa de cantigas, face louca, olhos 239

vivos, garrida, alvorocada. A noite, ele a tomava nos braços, riam e suspiravam juntos.

Dedos toscos, mão calosa e suja: o carinho inatendido não tocou apenas a face de Dinora ampliando o sorriso tímido nos lábios ressequidos. Unguento milagroso, derramou-se sobre as chagas, por fora e por dentro, no exposto e no recondito. As pontas dos dedos tocaram cada fibra de seu ser: bálsamo suave, chama voraz. Dinora sentiu-se renascer, outra vez mulher para a labuta e a cama.

A formosura das cercanias não encobria a pobreza do lugar. Joãoze queixou-se, macambuzio:

-- Maginei um arraial, mal passa de um arruado. Tá nos comecos.

-- Que nem nos. Diz-que a terra é boa. -- Retrucou Ambrosio levantando a voz para impor a confiança. Os retardatarios juntaram-se aos velhos. Parados sob o sol na curva da estrada, fitavam a terra da promessa, olhos presos nos morros e nas palhocas, corações descompassados. Vacilavam entre a descrença e a segurança, sentiam medo, tinham dúvidas mas buscavam despir-se dos padecimentos e da amargura. Agarravam-se as palavras do Capitão: terra fértil e abundante.

-- A terra sendo boa nos tá como quer.

-- Terra de fartura, benza Deus. Basta ver a força dos pés de pau.

-- Nos vai precisar de muito muque para abater essa mata.

-- Acho que o homem...

-- O Capitão! -- Vanje renovou a advertência.

-- ... acho que ele tava falando das terras do lado de la do rio. -- Agnaldo, o dos bolos de palmatoria, apontou para o cerrado na margem oposta: -- E so rocar e plantar.

-- Tomara seja. E mais melhor. -- Ainda assim, Jaoze

persistia na duvida, um pe atras: -- So que nao tem a quem vender.

-- O Capitaio disse que nao tarda ter.

-- Deus queira.

-- Ha de querer.

Recomecaram a marcha, na frente o velho Ambrosio com o bordao, restaurado no respeito e no mando. Vanje encarregou-se 240

do menino para que a nora pudesse ir de maos dadas com o marido. Agnaldo ofereceu o braco a prenha extenuada e ofegante:

-- Nos ta chegando, Lia. Falta pouquinho. -- Nao fosse ela parir antes da hora. -- Por que tu ta chorando?

-- E de contente.

-- Onde sera que fica a casa do gringo?

Diva, a mocinha de trancas, respondeu a pergunta do irmao:

-- Devera ser aquela. -- Indicava com o dedo a oficina vistosa em pedra e cal.

-- Vambora, gente!

La se foram, cansados corumbas sergipanos, entre o temor e a fe, a desdita e a expectativa. O menino e o rapaz passaram diante do grupo correndo em direcao ao rio.

-- Para onde oces tao indo?

-- Deixa eles, mae. Quem dera eu ir tambem. -- Atalhou Diva: os cabelos duros de poeira, a cara encardida, a inhaca forte, o corpo pedindo banho.

-- Ate eu. -- Concordou a barriguda.

-- Adespois. Agora nos vai falar com o turco.

3

Mirrados doze anos, o menino largou a arapuca na beira da correnteza onde o rio se encachoeirava. Livrou-se dos andrajos, mergulhou.

Aurelio, o irmao, olhou para tras, nao enxergou ninguem afora de sua gente levantando poeira no caminho. Arrancou a camisa, começava a desabotoar as calças quando escutou frouxos de riso. Espiou rio abaixo, surpreendeu numa bacia de pedras animado conluio de mulheres. Aurelio ficou sem movimento, segurando a calça. As raparigas, a la vontade, umas seminuas, outras em pelo, esfregavam trapos, banhavam-se, esquecidas em vadio converse. Atarantado, o adolescente nao soube o que fazer nem como impedir o zebedeu de crescer sozinho na braguilha. Terra farta e dadivosa: desperdicio de coxas e tetas, de bundas e xibius. Aurelio andava pelos dezessete anos.

241

Nando, o menino, apossava-se do rio, conquista inicial. Depois viriam as arvores, os saguins, os passarinhos. **4**

E facil reconhecer um turco pelo nariz adunco, pelo cabelo crespo, pelo acento engrolado. Na casa de pedra e cal depararam com um negro retinto, martelando ferro em brasa, sebenta pele de caititu

atravessada na cintura. Turco daquela cor nunca se vira: Diva nao conseguiu reter o riso.

Ticao suspendeu o trabalho; nao sabia por que a mocinha ria sob as trancas mas riu tambem, descontraido. Logo enxergou os velhos e o resto do povo. No horizonte, vindo do rio, Bernarda atravessava o descampado. Diva sentiu-se em paz e confiante. O

corpo franzino de menina, o ar de moca calejada pela vida.

-- A casa do turco e aquela grande, de madeira. Na frente fica a venda, no fundo a parte de morar. A essa hora da tarde, Fadul ou ta dormindo ou ta fazendo conta. Vou com oces. Curioso, acompanhou o grupo ate a bodega. Debrucado no balcao, Fadul Abdala estudava nomes e datas anotados num caderno: relacao de debitos e emprestimos, dias de vencimento.

-- Foi o capitao Natario que mandou nos vir. Diz-que a terra e boa de plantio e que vosmice ia fornecer o que for preciso. O turco relanceou o olhar de um a um:

-- Tao vindo de Sergipe?

-- Inho sim.

Deu-se entao algo que os corumbas nao entenderam: o homenzarrao pos-se de joelhos, elevou as maos aos ceus, clamou em arabe: falava com alguem de sua confianca, era com Deus. O rosto jubiloso, frases de louvor: compadre Natario nao faltava jamais com a palavra. De manha prometera enviar em breve familias sergipanas para povoar Tocaia Grande. A tarde ainda nao caira e o primeiro contingente ja chegara naquele mesmo dia, louvado seja Deus!

Levantou-se e, para demonstrar a satisfacao que o empolgava, comecou por oferecer cachaca aos homens. Considerando, a seguir, a velha, a parida, a prenha e a donzela, foi buscar nos seus 242

guardados uma garrafa de licor de jenipapo, sobra das muitas preparadas pela finada Cotinha para as festas de junho no passado inverno. Serviu a parida e a donzela, a prenha pediu agua para matar a sede, a velha preferiu o gole de cachaca. Contando com o menino de colo somavam oito, mas informaram que faltavam os dois mais mocos, tinham escapado para tomar banho.

-- Os sergipanos! -- Bradou o turco a toa.

Colocou-se as ordens. A terra estava ali, sobrando, bastava atravessar o rio. Ponte nao havia, nem canoa, a passagem era por cima das pedras no lugar da correnteza, no inverno fazia-se mais dificil devido as chuvas. Terra da melhor qualidade a espera de quem a cultivasse.

-- E nao tem dono? De verdade?

-- Agora tem, sao os amigos, e so escolher o pedaco que quiser. Nao foi o que o Capitao disse?

-- Ele e fiscal, tabeliao?

-- Como se fosse.

Joao Jose continuava com um espinho na garganta:

-- E pra quem nos vai vender?

O turco abriu os bracos desmedidos:

-- Por detras da mata e tudo roca de cacau comecando a dar. Fregues nao vai faltar.

Assim lhe afirmara o compadre ainda naquela manha e somente um maluco se atreveria a duvidar do capitao Natario da Fonseca.

Para nao ficarem ao relento nos primeiros dias, aconselhou o barracao onde os tropeiros e os demais passantes se acolhiam,

posto de muito movimento durante a noite e em certas noites saíam de dança e de folia. Tico, sempre sorrindo, lembrou que as mulheres, se quisessem poderiam se acoitar numa palhoça abandonada, a que fora de Epifania; uma novata ocupara a de Cotinha. Sobretudo para a grávida e a outra com o menino, melhor que o barracão. Só tinha de ruim ficar na Baixa dos Sapos, reduto das raparigas.

-- O que é que tem? -- Disse Vanje.

Coroca apareceu para comprar querosene, estranhou o movimento naquela hora.

-- São os sergipanos que o Capitão mandou. Vão botar roca de mandioca do outro lado do rio. Plantar feijão e milho. 243

-- Tava precisado.

Do Caminho dos Burros, da Baixa dos Sapos acorreram mulheres e homens, bisbilhoteiros. Ofereceram préstimos, trouxeram de comer. O menino passou de braço em braço.

5

Ao desembarcar do carro de boi, Zilda, mulher de Natário, não foi saudada com foguetes apenas porque o Capitão esquecera de prevenir Fadul com a necessária antecedência. Nem por isso o acontecimento deixou de ser tão celebrado quanto a chegada dos sergipanos, dois meses antes. A notícia de que o capitão Natário da Fonseca resolvera finalmente começar a construção de sua moradia causara sensação, marcava mais uma etapa na vida de Tocaia Grande. Os cacauzeiros novos floresciam nas rocas próximas, as vésperas da primeira safra.

Dias antes, Balbino e Lupiscínio abriram uma picada e subiram o morro a fim de estudar a localização da casa; Bastião da Rosa e Guido ocupavam-se do cocho e das barcacas na Fazenda da Boa

Vista. Zilda viera para decidir com pedreiros e carpinas sobre o conjunto e os detalhes da obra. O dono da obra, o proprietário não era um qualquer e possuía família numerosa, mulher e oito filhos, cinco legítimos, três adotados. Curiosamente os oito se pareciam demais uns com os outros. Zilda não fazia distinção entre legítimos e adotados como se houvesse parido todos eles. Quando o carro de boi gemeu ainda na distância, moradores acorreram em alvoroço ao descampado para saudá-la. Mas Natário, a frente da junta de bois, cavalcando a mula preta num trote lento, dirigiu a comitiva para a casa de madeira onde viviam Coroca e Bernarda. As duas aguardavam na porta. Zilda trouxera com ela dois filhos: Edu, o mais velho, moleque talado de treze anos, a figura do pai cagada e cuspidada, e o último, nascido no fim das lutas, pouco depois de Natário ter ganhado as tarefas de terra onde plantara as roças de cacau, afilhado do coronel Boaventura e de sua neta e santa esposa, dona Ernestina. Em honra da madrinha recebera na pia batismal o nome de Ernesto.

244

Delicada de corpo, frágil de aparência, em verdade saudável e disposta, Zilda desembarcou arregacando a barra da saia. A afilhada beijou-lhe a mão:

-- A bênção, minha dinda.

-- Deus te abençoe, minha filha. Bom dia, Coroca, tu tá cada vez mais forte.

-- Vou indo como Deus permite.

Natário desmontara, afrouxava a cilha da mula. Pretendia prosseguir viagem apenas houvesse mostrado a Zilda a colina onde iam erguer a casa à beira do pé de mulungu. Ernesto desceu do carro arrastando um cachorrinho amarrado com uma corda. Assustado, o animal resistia, mostrava os dentes. Tocando com a ponta dos dedos a mão estendida de Castor Abduim, presente a

recepcao, Zilda comunicou:

-- E unia cadelinha que trouxe pra vosmice, seu Ticao. Ta

com um mes de nascida; Negrinha teve uma ninhada de seis. Diz-que vosmice tem um cachorro, ta ai uma mulher pra ele. Riu um riso breve, agradavel. Os que a conheciam apreciavam a maneira como ela cuidava da casa e criava os filhos, os de sangue e os recolhidos: mulher como se requeria para um tal marido. Devotada, discreta e decidida.

-- Vai ter que esperar ela crescer... -- Avisou o negro a Alma Penada que saltava em torno, indocil. Ticao afagou o focinho da cadelinha, cocou-lhe a barriga e a colocou no chao. Alma Penada tocou-a com a pata, rosnou de brincadeira. Oferecida, disse Ticao assim designando-a por te-la recebido de presente e por ve-la, minuscula e atrevida, saltitar provocando o vira-lata.

Puxando Edu pela orelha, tambem Natario dirigiu-se a Castor:

-- Vance vai ganhar de troco esse moleque aqui, o meu mais velho, Eduardo. Vai ficar com vance pra aprender o oficio. Faca dele um bom ferreiro como oce.

-- Pode deixar por minha conta.

-- Vam'entrar. -- Convidou Coroca.

No fogo a lata com o cafe recém-coado. O de-comer sobre a mesa improvisada num caixao de querosene: fruta-pao cozida, carne-seca chamuscada, farinha, inhame, jaca mole e mangas coracao-de-boi, verdes de cor, maduras de gosto,. grandonas, 245

incomparaveis. Mal provaram do banquete pois Natario dava pressa:

-- Vambora que eu quero me tocar pra roca. Oces vao ter muito tempo pra conversar

Antes de acompanhar o marido e a procissão de moradores em direção ao morro, Zilda entregou a Coroca um par de chinelas cara-de-gato com pompom vermelho, prenda de luxo vinda de Ilheus, e a Bernarda um pequeno embrulho contendo roupinhas de nenem: camisola de pagão, sapatos de croche, touca azul com fita branca, tudo feito por ela, jeitosa como não havia outra. A barriga de Bernarda estufara. Vai ver são mabacas, brincou Zilda tocando o ventre da afilhada. Buchuda, pernas inchadas, não deu para Bernarda acompanhar a madrinha na escalada. Manejando os facões, Lupiscínio e Balbino alargavam a trilha recém-aberta.

Natário não voltara ao cimo da colina desde que ali subira com Venturinha interessado nas minúcias do acontecido, havia anos. Pouco depois da noite de temporal, a noite da tocaia, da tocaia grande.

246

O POVOADO

A VELHA JACINTA COROCA SE INICIA

NO CONCEITUADO OFÍCIO DE PARTEIRA

1

-- Quem te viu e quem te ve... Assunte no movimento, dona Coroca... Benza Deus! -- O carpina Lupiscínio referia-se às mudanças ocorridas em Tocaia Grande. Dirigiam-se ao descampado, ele e Jacinta Coroca. Aos domingos pela manhã os lavradores expunham em frente ao barracão de palha produtos da terra e animais de criação, trazidos na canoa cavada por Bastião da Rosa e por ele próprio, Lupiscínio, num tronco de vinhático que Ambrosio e os filhos haviam abatido a golpes de machado. Naquele princípio do mundo os mestres de ofício, pedreiros ou carpinas, não enjeitavam encomenda, faziam de um tudo; todavia a partir do último inverno ninguém podia se queixar da falta de trabalho. Sendo os ajustes de

boca, a maioria no fiado, acontecia com frequencia o pagamento se atrasar, mas a palavra dada bastava como aval. No mais das vezes a tarefa contava com a ajuda coletiva: a troca de servicos era moeda corrente no lugar. Na pisada dos sergipanos de Maroim, duas outras familias haviam se estabelecido na margem oposta do rio, lavrando e plantando, criando galinhas, cabras e porcos. Devido a abundancia de cobras venenosas, construiam as moradias sobre estacas, embaixo instalavam os chiqueiros. A capa de toucinho que cobria os porcos tornava-os imunes as picadas das serpentes que eles matavam e comiam. A pedido dos novos moradores, Guido e Lupiscinio planejavam o assentamento de um pontilhao na parte mais estreita da correnteza. Tendo perdido mais de uma res na enxurrada, o coronel Robustiano de Araujo demonstrava interesse pelo projeto. Tambem o Capitao.

A familia de Jose dos Santos, procedente de Buquim, somava seis parentes: ele, a mulher, o filho homem e as tres mocas. A de Altamirando, constituída pelo casal e um filha, viera do sertao tocada pela seca; a filha, Cao, lesa de nascenca, completara treze anos. De quinze em quinze dias Altamirando 249

comprava um boi no curral do coronel Robustiano -- a credito, para pagar na quinzena seguinte -- e o abatia para vender a carne fresca aos domingos e salgar a sobra. Da sociedade com Ambrosio, Jose dos Santos tencionava construir uma casa de farinha: plantacoes de mandioca vicejavam impetuosas.

-- Inda outro dia -- prosseguiu Lupiscinio -- tirante o passarinhos, as cobras e os burros de tropa, nao se via outra raca de bicho solta por aqui. Se lembra, dona Coroca? Hoje... Apontava o bando de frangos e frangas fugindo alvorocadas. A galinha sura, propriedade de Merencia, ciscava cercada por numerosa ninhada de pintos de pescoco pelado. Sob a jaqueira, nas proximidades do armazem de Fadul, uma porca parida fucava frutos podres a frente de um renque de bacorinhos.

-- Se me lembro... Gente trabalhadeira essa de seu Ambrosio, sem desfazer dos demais. Gente boa. Inda hoje sia Vanje amanheceu lá em casa levando um capao gordo. Nem que me devesse obrigação.

-- E não deve, dona Coroca?

-- Quem deve a eles sou eu e não tenho com que pagar. --

Olhou para as mãos ressequidas de dedos longos e magros. -- So

Deus sabe.

Elogiaram os sergipanos e os sertanejos, falaram disso e daquilo, trocaram pontos de vista culinários ao sabor da conversa: ociosa na manhã de domingo. Para Lupiscínio não havia carne de ave que se comparasse com a de galinha sura. Coroca discordava: no seu opinar a galinha-d'angola levava vantagem sobre todas as demais. Zilda, mulher do capitão Natário, fazia um prato chamado frito de capote: quem prova dele nunca mais esquece! Capote, um dos nomes da galinha-d'angola que tinha para mais de vinte e era arisca: preferia viver no mato, não se acostumava no terreiro.

-- SIA Vanje disse que vai criar dessa raça de penosa. Na Atalaia tem de monte, Natário prometeu trazer uns ovos pra ela chocar em galinha mansa.

-- A casa do capitão Natário já está pronta, a casa e os móveis. Quando será que ele se muda?

-- Pela vontade de Zilda já tinham se mudado. Mas Natário é quem marca a data, só ele sabe, Natário não faz nada a toa. Se não se mudou ainda, há de ter motivo.

-- Com certeza.

250

As razões do Capitão, não cabia discuti-las. Nem a eles, nem a Zilda. A ninguém.

2

As mudanças começaram a acontecer com a chegada dos sergipanos no verão anterior. Mas realmente ganharam impulso e se aceleraram quando, após a entressafra, os primeiros cacauais floraram e deram frutos nas fazendas plantadas nas circunvizinhanças ao término da luta, durante o desmatamento, pelo coronel Boaventura Andrade e por seus sócios e apaniguados. Sem o início das colheitas em pouco ou nada se teria modificado Tocaia Grande, apesar da experiência e da dedicação dos corumbas no trato da terra e dos bichos de criação. Mas o advento de Ambrosio e de Vanje transformara-se num marco a dividir o tempo: antes e depois daquele dia de calor e sol em que Diva confundira o negro Castor Abduim com o Turco Fadul Abdala e desatara em riso. Já no seguinte mês de maio entraram em Tocaia Grande, então parado lugarajo, alguns burros procedentes da Fazenda Boa Vista. O capitão Natário da Fonseca, ele em pessoa, montando a mula negra, tocava a exigua tropa em cujas cangalhas vinha o primeiro cacau colhido em suas rocas. Grato episódio, resultou em festa como não podia deixar de acontecer.

Um pouco de arrobos, ninhariam bem certo se comparadas a

produção de outras fazendas, mas nem todo o ouro do mundo conseguiria pagar a emoção do ex-jagunco: no rosto imóvel os olhos miúdos cintilavam, no lábio percebia-se o vislumbre de um sorriso. A comemoração se prolongara num forrobodo de sustância com cachaca farta e gratuitas. Bernarda impava de contente. Apesar do barrigão atravessara a noite rodopiando nos braços do padrinho.

3

Outrora o tempo decorria lento, o presente permanecia estacionário durante meses e meses. Mas, com as rocas produzindo-251

do, os acontecimentos da semana anterior já eram coisas do passado. Os dias se atropelavam, o ontem fazia-se remoto, anteontem nem se fala, perdido na distância.

Pertencia pois ao passado o domingo em que na canoa cavada no tronco de vinhatico, novinha em folha, o jovem Aurelio e a mocoila Diva atravessaram o rio trazendo minguaos produtos para vender a quem os quisesse comprar. Os primitivos habitantes viram expostos sobre sacos de aniagem o que jamais tinham visto a venda em Tocaia Grande: vagens, chuchus, quiabos, maxixes, jilos e aboboras, tudo em reduzida quantidade. Houve quem se recusasse a acreditar nos proprios olhos.

A cada semana ampliavam-se a variedade e a quantidade das mercadorias; o Turco Fadul saudara com alvoroco as primeiras maos de pimenta: as de cheiro, redondas e amarelas, as malaguetas, compridas, pintalgadas de verde e de vermelho. Nando mercadejava passarinhos. Ele e Edu, socios em reinacoes, armavam arapucas na mata povoada de papa-capins, sabias, bem-te-vis, andorinhas, lavadeiras, curios; fabricavam rusticas gaiolas. Na oficina de Ticao, um passaro sofre ruflando as plumas inflava o peito no canto e no assovio. Apenas Lia demorara a acocorar-se em frente ao barracao para ajudar na feira. Quando -- ainda outro dia ou la vai tempo?

-- viram-na ao lado do marido, dos sogros e cunhados, ela trazia ao colo e amamentava em meio ao varejo um recém-nascido choro e gordo. Logo as familias de Jose dos Santos e de Altamirando se incorporaram a de Ambrosio expondo a colheita da semana. Cao corria atras dos baes, embalava bacorinhos como se fossem criancinhas: nos rasgoes do vestido os seios amadureciam. Com Edu e Nando cortava o vale em disparada. As pernas finas, o cabelo em caracois, o riso imoderado, o olhar incerto, desbocada. Bravia e atrevida.

A incipiente feira atraia, alem dos moradores, mateiros e alugados das propriedades proximas. Vinham comprar legumes e verduras inexistentes nas fazendas onde a terra, quanta houvesse, se destinava exclusiva ao cultivo do cacau. Um pedaco de abobora para cozinhar no feijao; chuchu, jilos e maxixes para fazer um guisado e

comer com carne-seca. Mas vinham também pelo passeio ao povoado, em busca de diversão, festa e mulher. Havia 252

quem trouxesse violão e cavaquinho; Lico Carapeba soprava música numa gaita de boca, um dom de Deus. Na oficina, o passarinho sofria e retomava a melodia.

Ampliava-se o contingente das raparigas, multiplicavam-se os casebres, antes esparsos, avizinhandos e bicos movimentados e ruidosos. Os arrasta-pes começavam no correr da tarde, animadíssimos. Fora-se o tempo em que somente o almoço de Tico assegurava a existência do domingo.

Escoteiros ou em grupo, ao passar por Coroca e Lupiscínio no rumo da feira, os alugados suspendiam cocados, chapéus de palha e saudavam respeitosos, a voz cantada e lenta:

-- Bom dia, seu Lupiscínio. Bom dia, dona Coroca. Dantes apenas o carpino e o filho raspatabuas tratavam-na de dona por ela ser de maior: mesmo sendo mulher-dama merecia respeito devido à idade. Mas também isso era coisa do passado. Moradores recentes dirigiam-se a Jacinta dizendo-lhe dona Coroca, atenciosamente, e os filhos de alugados e mateiros até lhe pediam a bênção. Se puta não e sequer seja quanto mais dona, não passa de mulher perdida e desprezada, parteira, muito ao contrário, e pessoa de consideração, merecedora de apreço e deferência. **4**

O primeiro menino que Coroca aparou, iniciando aos cinquenta e quatro anos de idade e de peleja o ofício de parteira, não foi o de Bernarda como previsto e esperado.

Dormia a sono solto ao lado de Ze Raimundo, fregues de priscas, eras com quem podia conversar e rir antes e depois da pitocada -- baita e supimpa pitocada, Coroca zelava por seu renome, fazia por merecer-lo -- quando alguém começou a chamá-la aos gritos esmurrando a porta.

-- E com vosmice, comadre. -- Informou Bernarda que acordara no quarto ao lado.

-- Tou indo.

Na porta, empapado ate os ossos, sem sequer dar boa noite, Agnaldo a recrutou:

-- E a parteira? Mae mandou buscar vosmice. Vamos depressa que Lia esta com as dores. -- Repetiu: -- Depressa!

253

Ordem repentina e imprevista: ainda estremunhada, Coroca nao pensou duas vezes.

--E pra ja.

O tempo de enfiar um molambo. No quarto, Ze Raimundo, abriu um olho e quis saber o motivo da barulheira.

-- Nada nao. Vou ali, ja volto

Ainda estava sendo cavada a canoa no tronco de vinhatico, Agnaldo atravessou a nado, Coroca equilibrando-se sobre as pedras, habituada. Somente entao, tomando cuidado para nao resvalar no limo e cair no rio, se deu inteira conta do motivo a conduzila estabanada a outra margem: demasiado tarde para voltar atras. Cabia a Bernarda a culpa do engano e do apelo. Se lhe perguntavam onde iria desovar, com qual parteira em Taquaras ou em Itabuna, a sem-juizo desfiava a repetida cantilena: nem em Itabuna nem em Taquaras, teria ali mesmo em Tocaia Grande com a ajuda da comadre Jacinta.

-- E Coroca sabe fazer parto? .

-- Ora se... O que e que ela nao sabe?

Viu-se Coroca com fama de parteira abalizada antes de pegas menino, antes de ter comecado a partejar. A par dos rumores, a velha Vanje dela se lembrara na hora da necessidade quando a nora comecou a sentir as contracoes. A propria Vanje tinha certa experiencia desses apuros pois parira nove filhos, os cinco vivos e os quatro que nao se criaram. Nos campos de Maroim ajudara mais de uma vez a comadre Desideria na melindrosa empretada, inclusive no parto da outra nora, Dinora. Nem por isso se atrevia socorrer sozinha a padecente Lia, tao moderna ainda e mal refeita dos vexames sofridos; de noite sonhava com o marido amarrado ao tronco junto ao curral, acordava em sobressalto: segurara o menino na barriga por milagre.

Vanje temia parto dificil, complicado, exigindo para um bom sucesso a mao habilidosa e firme de parteira entendida, capaz e expedita. Tendo perguntado, soube de Coroca, uma competencia. **5**

Estendida sobre as tabuas do catre, os olhos esbugalhados, Lia nao parava de gemer e de reclamar a presenca do marido. 254

Ambrosio e Jaoze iam e vinham inquietos; Diva nao sabia o que fazer; Dinora embalava o filho, meio aparvalhada. Vanje se viu sozinha, nao conseguia controlar a inseguranca e o mau pressagio. Cade essa comadre que nao chega? Apenas Nando na peca ao lado dormia sem tomar conhecimento do que estava acontecendo. Agnaldo entrou pingando agua, andou apressado para Lia, tomou-lhe a mao, sentou-se a seu lado. Ao ve-lo, a chorona afrouxou o corpo, relaxou, sem deixar de gemer, Vanje cobrou do filho:

-- E a comadre?

-- Tou aqui, sinha Vanje. Boa noite a todos.

Coroca aproximou-se do catre, ordenou a Agnaldo:

-- Vance, moco, de o tora, suma daqui, deixe a pobre em paz. Com tu de junto ela nao vai parir nem hoje nem nunca. --

Estendeu a ordem ao velho Ambrosio e a Jaoze: -- Vances tambem, nao quero homem corvejando nesse quarto. Como uma sentinela, permaneceu de pe ao lado da cama ate

ve-los sair. Somente entao voltou-se para Diva e comandou:

-- Menina, traga o fifo, alumie aqui

Ocupou o lugar deixado pelo rapaz, sorriu para Lia, com as maos mediu-lhe o ventre e o volume das contracoes:

-- Agora, minha filha, nos vai fazer forca que e pra esse capeta nascer logo. Tenha medo nao, parto nao e doenca. -- Acarinhou-lhe o rosto: -- Ja escolheu o nome?

-- Inda nao senhora.

Coroca assumiu o comando como se nunca tivesse feito outra coisa em sua vida senao aparar menino, fato trivial, tarefa corriqueira. Vanje nao mais se achou sozinha, readquiriu a confianca, colocou-se as ordens da comadre. Coroca perguntou pela garrafa. Diva trouxe uma garrafa vazia, ainda com cheiro de cachaca.

-- Sobre nela de com forca. -- Recomendou Coroca passando a garrafa as maos de Lia para logo retoma-la: -- Nao e so

uma vez, e sem parar. Vou fazer, veja como e

Ensinava a maneira correta:

-- Espie. Tome folego bem fundo, assim como eu fiz, e sobre enquanto aguentar. -- Tomara folego, soprara na abertura do gargalo: -- Depois faca de novo, nao pare de soprar. Mandou que fervessem agua num panelao de barro para o 255

banho de assento necessario para acelerar os puxos e apressar parto:

-- Não ha coisa melhor.

Reclamava de Dinora ali parada, o menino ao colo, inutil:

-- Que parvoice e essa, mulher? Bote o menino pra dormir, venha ajudar. Traga a bacia, ponha aqui pertinho. Coroca nunca fizera um parto, porem, nas pensoes de raparigas, presenciara um sem-numero deles, faceis e dificeis. Ajudara as respeitaveis comadres na preparacao do despejo, admirando os conhecimentos e a pratica das sabias senhoras. Mas vira tambem criancas nascerem mortas ou morrerem ao nascer nas maos de curiosas sem competencia, por descuido ou ignorancia. Proclamavam-se parteiras, eram fazedoras de anjos e ainda por cima cobravam e recebiam. Coroca costumava dizer a rir que ninguem testemunhara o nascimento de tantos filhos da puta quanto ela. Mas, com a responsabilidade de parteira, de trazer para a vida ou condenar a morte prematura, aquele era primeiro. E logo de mulher casada.

Sentia um frio subindo das entranhas para o peito, mas nao dava demonstracao, nao deixava perceber. Aparencia tranquila, despreocupada, demorava-se numa conversa correntia sobre os rocados e os bichos de criacao, as galinhas poedeiras e a porca prenha. Interrompia a prosa para exigir que Lia continuasse soprar na boca da garrafa com forca e sem descanso. As contracoes amiudavam-se, tornavam-se mais prolongadas, a moca sentia-se rasgar por dentro: ai, que vou morrer!

Ainda assim Coroca a fez rir em meio as dores:

-- Na hora de fazer, bem que tu gostou, nao foi?

Dava pressa a Dinora e a Diva que esquentavam a agua:

-- Vamos com isso. Botem mais lenha no fogo.

Na peca vizinha, o menino acordou chorando, chamava pela mae, Dinora quis atender, Coroca nao deixou:

-- O pai que veja. Vance ta ocupada.

-- Assunte ele ai, Jaoze. Olhe o que ele tem.

Joao Jose informou:

-- Ta cagado.

-- Pois alimpe vosmice. -- Atalhou Coroca antes que Dinora largasse a panela sobre a trempe de pedras para cuidar do filho.

256

Despejaram a agua fervendo na bacia de flandre comprada a credito no armazem do turco como quase todos os demais pertences. Ajudaram Lia a levantar-se do catre e a acomodar-se na bacia, a saia arregacada ate ao meio do bucho:

-- Ai, nao aguento! Ta me queimando as carnes.

-- Quanto mais quente, melhor.

Vanje e Dinora sustentavam-na pelos bracos, Coroca mantinha-lhe as pernas abertas para que o calor penetrasse corpo adentro. No bafo da quentura o ventre dilatava-se, recrudesciam as dores, as contracoes amiudavam-se uma atras da outra. Lia ora gemia, ora gritava: Agnaldo espiava da porta, agoniado. Diva roia as unhas, inquieta.

Quando a agua comecou a esfriar, levaram Lia de volta para o catre.

6

Reunidas em torno do catre, no agravo dos gemidos, durante o passar da noite, as mulheres aguardaram a vida acontecer. O infante chegou na barra da manha, os homens ja haviam partido para o trabalho: comecavam a cavoucar a terra ainda com o escuro. Dispensada por Coroca, Diva os acompanhou carregando a mochila

onde levava o de-comer: charque, farinha, rapadura; uma penca de bananas. Agnaldo foi a pulso, Coroca não permitiu que ele ficasse:

-- Pai só faz atrapalhar.

Atenta, percebeu quando, no correr de uma contração mais forte, puxou tão violento a ponto de silenciar Lia em meio a um grito, o pequenino crânio coberto de lanugem negra surgiu na dilatada vulva e ali permaneceu parado.

-- Tá nascendo. -- Constatou Coroa num murmúrio.

-- Entalou. Ai, meu Deus! -- Alarmada, Dinora torcia as mãos

-- Cala a boca. -- Repreendeu Vanje.

Ainda bem que a comadre despachara Diva e Agnaldo para a lava. Se estivessem ali ia ser um deus-nos-acuda. Debruçou-se para ver.

257

Acocorando-se diante de Lia, Coroca avançou as duas mãos uma de cada lado da boca do mundo da padecente, enfiou os dedos para ampliar a passagem. Tocou então com infinita delicadeza a cabecinha frágil, com destreza e segurança trouxe-a para a luz da aurora no concavo das mãos. Depois puxou o corpo envolto em sangue. Numa derradeira contração, Lia expeliu a placenta. Arroxeado, o recém-nascido não chorou: estaria morto ou vivo? Ao levá-lo, Coroca deu-se conta de imediato que o cordão umbilical se enrolara no pescoço da criança ameaçando estrangulá-la. Vira esse embaraco acontecer mais de uma vez, sabia como agir. Rapidamente desenroscou o cordão, desafogando a criatura. Recebeu a tira de cadarco que Vanje aliviada lhe estendia, mediu quatro dedos no comprimento do cordão e o amarrou. Sem esperar pela tesoura -- naquele sufoco ninguém sabia onde se metera -- com os dentes o cortou, dando o nó no umbigo. Peso de carne sanguinolenta, o infante foi colocado debaixo da bacia: bateram

palmas em cima do flandre ate que ouviram o choro desatar-se, os vagidos afirmando a vida.

-- Alvissaras, comadre. -- Disse Coroca desvirando a bacia, tornando o nenem nas maos para exhibi-lo a mae. -- E um homenzinho. Estava terminado o parto, o primeiro parto feito por Coroca. Se lhe perguntassem quem acabara de parir, se ela ou Lia, nao saberia responder. Finda a aflicao, a mae e a avo sorriam. Dinora

perdeu o aspecto de barata tonta, correu para a lavoura com a noticia: e um menino, um bitelo de menino. Vanje temperava a agua na bacia para o banho do neto:

-- Vi uma porcao de parteiras aparar menino, nunca vi nenhuma que se compare com vosmice com suas maos de fada. Maos abencoadas, comadre Jacinta.

Maos de fada, abencoadas. Sem encontrar resposta apropriada e nao querendo dar vexame, Coroca voltou-lhe as costas, refugiou-se no outro quarto: soluava mansamente, as lagrimas escorriam-lhe pelo rosto. Se alguem saisse a contar em Tocaia Grande e pelo mundo afora que a apercebera derramada em pranto, iria passar pelo maior dos mentirosos.



**O CORONEL BOAVENTIJRA ANDRADE
PROPOE UM BRINDE COM CACHACA**

Bastaram uns poucos burros, reduzida tropa, para conduzir naquele tempo o primeiro cacau da Fazenda Boa Vista. Muitos foram necessarios, tropa numerosa, para transportar a primeira colheita efetuada na mesma occasiao nas novas plantacoes do coronel Boaventura Andrade. Ao fim das lutas a Fazenda da Atalaia dobrara em tamanho, nao tardaria a duplicar, quem sabe a triplicar a producao.

Administrador das propriedades rurais do Coronel, Natario decidira e obtivera que as colheitas se iniciassem simultaneamente no pedaco de mata que lhe coubera em recompensa e na imensidao registrada por direito de conquista em nome do compadre e chefe no cartorio em Itabuna. Nao colheu para si antes de colher para o Coronel.

Se a Boa Vista era um brinco, que dizer das glebas incorporadas a Atalaia? Nem as fazendas do coronel Henrique Barreto, o presumido rei do cacau, exibiam trato igual nem obtinham semelhante rendimento, apesar da presenca permanente de um agronomo com diploma de doutor e da tecnica dos podadores, contratados na entressafra. Mateiros e alugados nao brincavam em servico, impossivel faze-lo sob as ordens do capitao Natario da Fonseca. Em troca, a paga nunca se atrasava e nao se cometiam enganos nas contas semanais. Tentativa de roubar mateiros e alugados houve uma unica, nao se repetiu. O sestroso Perivaldo, empregado responsavel pelo pagamento do pessoal, uma especie de contador, foi denunciado a Natario por alguns mais dispostos: estava somando de menos, subtraindo de mais nos creditos e debitos dos trabalhadores. Constatada a veracidade da acusacao, foi mandado embora mas nao chegou longe. Apenas transpusera os limites da Atalaia serviu de pasto aos urubus: um unico tiro, nao valia mais.

-- Era preciso? -- Perguntou o coronel Boaventura a

Natario ao comentar, a sos com ele, o acontecido: -- Nao chegava com uma surra?

-- Pelo malfeito, sim; pela afronta, não.

-- Afronta? Que conversa é essa?

-- Pra se desculpar o peste ruim andou dizendo que foi vosmice que mandou ele fazer. Além de ladrão, difamador.

-- Filho de uma puta! Tirar de quem não tem, Deus me livre e guarde! Quem planta cacau não precisa roubar trabalhador. Tu agiu direito, compadre.

-- Com sua licença, Coronel.

Quantas vezes ouvira aquela frase? Natário agia com sua licença e com absoluta correção. Jamais abusara ou se prevalecera. O Coronel balançou a cabeça de acordo, acrescentou:

-- Tu cuida de minhas terras e zela por meu nome. Administrador capaz e responsável, Natário proporcionou ao coronel Boaventura Andrade cacau superior -- nem uma só arroba good ou regular -- e em quantidade bem maior que a calculada pelos entendidos: ao verificar os números, o doutor Clovis Bandeira, o citado engenheiro-agrônomo, ficara de queixo caído, felicitara o fazendeiro. Proprietário, cacauicultor, oficial da Guarda Nacional com a patente de Capitão, nem assim Natário se desleixava dos interesses do patrão: como se a Fazenda da Atalaia lhe pertencesse, chão e benefícios. Sem deixar de cuidar com idêntico capricho de suas roças, simples fazendola na medida dos alqueires. Fazendola em outras mãos que não as suas. Nas dele, capitão Natário da Fonseca, a Fazenda Boa Vista.. **2**

Sentado na cadeira de braços a cabeceira da comprida mesa da sala de jantar da casa-grande da Fazenda da Atalaia, o coronel Boaventura Andrade percorreu com o olhar os excelentíssimos senhores presentes, convivas escolhidos a dedo e, elevando a voz, dirigiu-se a Natário. Interrompendo sem cerimônia a eloquência do

Promotor Publico de Itabuna que exaltava as iguanas: uma besta o Promotor!

260

-- Tu e um homem direito, compadre Natario. -- Declarou. Doutor Flavio Rodrigues de Souza, bom de acusacao no Tribunal do Juri, silenciou em meio a frase quando, estalando a lingua, em nome da justica, classificava o sarapatel de manjar dos deuses. Silenciaram todos os demais. O Coronel disse e redisse para que nao restassem duvidas:

-- Um homem de bem como existem poucos.

Para que todos os convidados -- a nata de Ilheus e de Itabuna, de Sequeiro de Espinho e de Agua Preta -- soubessem quanta consideracao ele dispensava a quem a merecera por lhe ser leal e devotado durante mais de vinte anos.

-- Quantos, compadre?

-- Ja passou dos vinte, Coronel.

-- Tu era um frangote mas eu logo vi que tu merecia confianca. Tu nunca desmereceu nesse tempo todo. Afirmacao peremptoria mas o Coronel ainda nao terminara de falar e de ouvir:

-- Me disseram que tu fez casa fora da Atalaia onde vai morar com a comadre e os meninos. Tu pensa me deixar?

-- Enquanto o Coronel for vivo e tiver contente com meus prestimos, sou homem seu, cativo. Mas e verdade que vou morar no meio do caminho entre a Atalaia e a Boa Vista. Num lugar que uma vez mostrei a vosome. Se lembra?

Enquanto o Coronel estiver contente com meus prestimos, sou homem seu. Tendo ouvido o que desejava ouvir, o Coronel respirou,

aliviado. Ficara apreensivo com a noticia da construcao da casa de Natario.

-- Me lembro, compadre. Lembro muito bem, como havia de esquecer? Pois se falei nisso, foi para lhe dizer que nao conheco homem mais direito do que o compadre. Quero que se saiba que tu nunca me faltou.

Presidia o almoco comemorativo do aniversario de dona Ernestina, sua santa esposa. Voltou a encher o copo com o espesso vinho tinto portugues. Fizera vir dois barriletes de Ilheus tendo em vista aquele almoco que desejava nao apenas abundante e saboroso: queria-o lauto e festivo. Para celebrar igualmente a presenca do filho, recém-chegado do Rio de Janeiro. Sendo ele, coronel Boaventura Andrade, mais do que rico, sendo milionario, um nababo do cacau, andava ultimamente 261

acabrunhado, de pouca conversa e pouco riso. Dizia-se a boca pequena que a magoa do Coronel era devida a ausencia do filho unico e doutor que se demorava na capital do pais desde a formatura, ja la se iam cinco anos, longos e amargos. Frequentando cursos e mais cursos, colecionando diplomas, especializando-se. Em que o Coronel nao conseguia descobrir: so se fosse em gastar dinheiro.

O Coronel elevou o copo em direcao a Natario para brindar com o compadre, jagunco e capataz. Seu braco direito como escrevera certa feita ao Juiz de Itabuna, ao termino das lutas pela posse das matas do rio das Cobras. Repetiu:

-- Tu nunca me faltou.

Circundou os convidados com o olhar pejado de memorias:

-- Por duas vezes tu me salvou a vida. A sua saude, compadre!

Rosto estatico, sentado na outra extremidade da mesa, Natario levantou-se, ergueu o copo -- a sua, Coronel!. -- e em seguida o esvaziou, O silencio ainda persistiu pois os comensais nao sabiam se o anfitriao concluiu ou nao a sua arenga. Os comensais, pessoas de categoria, todas elas, conforme ja

antes se informou: o Juiz do Civel, de Ilheus, e o Juiz de Direito, de Itabuna, esse acompanhado do Promotor e do Intendente; o doutor Joao Mangabeira, deputado estadual, ainda jovem mas ja

afamado pela inteligencia; o coronel Robustiano de Araujo, da Fazenda Santa Mariana, o coronel Brigido Barbuda, da Fazenda Santa Olaia, o coronel Joao de Faria, da Fazenda Piauitinga, que lutara ao lado de Basilio de Oliveira em Sequeiro de Espinho, o coronel Prudencio de Aguiar, da Fazenda Linda Vista, o coronel Emilio Medauar, arabe que alem da Fazenda Nova Damasco possuia casa de negocio em Agua Preta, Um filho seu, Jorge, colega de turma de Venturinha, tambem trocava pernas no Rio de Janeiro, escrevia artigos nos jornais, publicara um livro de versos, que o pai, peidando e arrotando orgulho, exhibia nas rodas de amigos. Completavam a relacao dois advogados expertos em caxixes e o velho padre Afonso, de apetite e sede celebrados, a idade nao lhe aplacara a gula.

Politicos, magistrados, bachareis e o padre-mestre comiam na mao do Coronel, apoiavam calorosamente o louvor do excapanga. Mas somente os fazendeiros, os coroneis; eram seus 262

iguais: sabiam o porque das coisas, conheciam o exato valor da lealdade, o preco da vida e da morte, entendiam as razoes das alabancas.

3

Almoco duplamente festivo, todos se davam conta. Comemorando a data natalicia da santa e adiposa senhora e a presenca a

mesa do filho unico do casal, o doutor Boaventura da Costa Andrade Junior -- Andrade Filho na obstinacao do Coronel --, quando estudante de Direito na Bahia mais conhecido na Faculdade e nos castelos por Venturinha, o Venturoso. Viera do Rio de Janeiro para onde seguira em curta viagem de prazer apos a formatura e onde se instalara havia mais de cinco anos com raras e rapidas visitas a Ilheus. Uma praga essa mania de viver no Rio de Janeiro: os mocos grapiunas perdiam a cabeça, abandonavam a terra e a familia como se nao tivessem obrigacoes a cumprir, tampouco amor aos pais. O moco Medauar, esse ao menos assinava artigos e versos nas gazetas, profissao de duvidosa renda mas de lustre e estimacao. "Poemas do Amor Amante", assim se intitulava a brochura que o gringo Emilio conduzia debaixo do sovaco para ostentar nas casas e fazendas dos amigos, no balcao da loja, nos bares, nas pensoes de putas. O bacharel Andrade, Junior ou Filho, nao publicara livro nem escrevia nos jornais; acumulava cursos, um atras do outro: o Coronel se cansara de alardear diplomas. Pendiam inuteis nas paredes do escritorio em Itabuna, fechado, virgem ate aquela data dos vastissimos e carissimos conhecimentos do advogado.

O Coronel nao tinha sequer animo para anunciar em Ilheus e em Itabuna os novos titulos obtidos pelo eterno estudante. Eterno ou cronico? Qual dos dois adjetivos empregara o zombeteiro Fuad Karan para definir a profissao de Venturinha? Ou o proclamara vitalicio? Na frente do Coronel, louvores irrestritos a paixao do bacharel pelos estudos; por detras a risota, o menoscabo. Desistira de lutar para te-lo junto a si, transformando finalmente em realidade antigos planos, arquivadas ambicoes, cumprindo o destino brilhante que para ele sonhara e decidira. 263

Mas nao perdia a esperanca de que, numa dessas apressadas visitas, por milagre dos ceus, o estroina resolvesse assentar a cabeça, assumir o escritorio, pondo-se a trabalhar como devido; dona Ernestina, tendo aberto os olhos, fazia promessas aos santos de sua devocao para que devolvessem o seu menino a casa paterna.

O

Coronel não queria morrer sem admirar o filho discursando na tribuna do júri, absolvendo reus, senhor da eloquência e do sarcasmo, esmagando promotores. Também Venturinha ergueu o copo de vinho em direção a Natário. Engordara bastante, parecia-se com a mãe mas imitava o pai nos gestos e na postura, na chibanca. De copo em punho, olhou para o Coronel e para o cabra, também ele quis colocar seu aviso na conversa do sotaque:

-- E a pontaria, Natário, continua de primeira?

No rosto parado do mameluco perpassou aquele seu sorriso breve e esquivo:

-- Ainda da pro gasto, Venturinha.

No silêncio que se seguiu, o Promotor Público de Itabuna doutor Flávio Rodrigues de Souza, retomou a palavra e reassumiu o tema do sarapatel, manjar dos deuses.

4

-- Quer vender, compadre? Se quiser, sou candidato. --

Brincou o coronel Boaventura Andrade após ter percorrido de ponta a ponta a Fazenda Boa Vista, admirando as plantações, roças novas, cacauzeiros em impetuoso crescimento. Somente na Fazenda da Atalaia podia-se ver lavoura igual, tão bem cuidada. O Coronel terminara exatamente de inspecionar suas propriedades, o imenso latifúndio. A posse inicial que ele desbastara e plantara há distantes anos, quando, no ímpeto da juventude, desembarcara naquelas terras do sul da Bahia, arribando de Sergipe: tendo chegado a primeiro caixeiro da firma Lopes Machado & Companhia, em Estância só lhe restava marcar passo. Largou tudo e se tocou. Duas outras fazendas, limitrofes da primitiva, a ela se juntaram, compradas em boas condições durante os primeiros conflitos, quando Itabuna ainda era Tabocas 264

e o trem de ferro não passava de um sonho. Com os barulhos que envolveram a conquista da parte ainda devoluta das terras do rio das Cobras, duplicara o casco da feitoria. Ali cresciam as rocas de floracao recente e de primeira colheita. Dava gosto ver. Apenas Venturinha retomara o caminho do Rio de Janeiro

-- repetindo a sovada cantilena: terminado o curso venho para ficar, se me demoro e para capacitar-me, não estou perdendo tempo nem gastando dinheiro a toa, não se aflijam --, o Coronel decidira sair com Natario para a vistoria habitual e indispensavel: quem não cuida pessoalmente do que é seu não merece ter nem pode se queixar. A extensa cavalgada, iniciada antes do nascer do sol, interrompida de roca em roca, servira para lhe alegrar o coração, para tirar a cabeça da ausencia do filho, espinho venenoso a corroer-lhe o peito. Servira também para comprovar de novo a competencia e a correcao do administrador. Os elogios não bastavam, Natario era merecedor de estima e gratidão. Por isso o Coronel, em lugar de voltar para a casa-grande, anunciou:

-- Quero ver também suas rocas, compadre, e a casa que voce fez para morar com a comadre no tal lugar: como se chama mesmo?

-- Tocaia Grande, Coronel.

O coronel Boaventura Andrade alongou a vista pelos cacauais, na rememoracao de outros tempos, de outras andancas com Natario:

-- Já tinha ouvido o nome. De quando em vez escuto da boca de um tropeiro. Nome mais feio para um lugar--bonito.

-- Pois é mesmo, Coronel. Mas é tarde pra mudar.

-- Tudo na vida tem seu motivo e a ninguém cabe o direito de mudar, Natario. É como apelido: quando pega, não tem jeito a dar.

Penetrando roca adentro, o fazendeiro comentou, embevecido com a pujanca dos cacaueiros que floresciaam a sombra das arvores da

mata, gigantescas:

-- Não ha nada mais lindo no mundo, Natario, do que um pe

de cacau carregado que nem esse. -- Apontou o cacaueiro em sua frente, tronco e galhos recobertos de frutos que amadureciam em todas as nuances do amarelo, iluminando a sombra. -- Para poder se comparar, so mesmo mulher moca e bonita. Duas coisas que alegram um velho como eu.

265

Mulher moca e bonita que nem a filha do finado Tiburcinho e de sua Efigenia, identificou o Capitao, acompanhando o olhar errante do Coronel. Revelou o nome da cobicada em meio a luz dourada no frescor da mata:

-- Por falar em moca bonita, Coronel, vosmice ja reparou em Sacramento, a filha do finado Tiburcinho?

O Coronel estremeceu: o mameluco lia em seus pensamentos, ja o fizera antes, mais de uma vez: gente de sangue indio tem parte com o diabo.

-- Ja reparei, sim, Natario. O que tu não sabe, tu adivinha, **5**

Para consolar-se, esquecer a ausencia do filho, o Coronel necessitava de algo mais do que percorrer a fazenda, inspecionar as plantacoes e as benfeitorias: os cochos, as estufas, as barcacas. Em momentos de desabafo, com o padre Afonso, na sacristia da Matriz, ou com a medium Zoravia, no Tenda Espirita Fa e Caridade, dona Ernestina, lavada em lagrimas, se referia a ingratidao do filho: algum espirito inferior encostara nele. O Coronel não falava em ingratidao, sempre fora prudente no uso das palavras: quando diziam tocaia ele dizia trampa, e a luta sangrenta pela posse da terra, as refregas e combates, os tiroteios entre jaguncos, as mortes -- tantas! -- haviam-se reduzido em seu dizer a barafundas da politica. Quando

algum amigo, de intimidade e confiança, trazia a baila a prolongada demora de Venturinha no Rio de Janeiro, o Coronel explicava, levantando os ombros num gesto de quem atribui a pouca importância ao fato: rapaziadas. Antes que rotulassem de irresponsabilidade ou de descaso. Não se queixava, evitava o assunto, trancava a amargura no fundo do peito. Mas Natário o conhecia como as palmas das mãos e sabia o que lhe custava tanto o silêncio quanto a explicação: rapaziadas. Dona Ernestina, entregue por completo à religião e à indolência -- para matar a saudade do doidivas empanturrava-se de doces e chocolates -- envelhecia obesa e pudibunda. Dos deboches de cama a que se entregara outrora com o marido nem queria se lembrar -- deboches em sua opinião, pois jamais os

conjuges foram além de modesto papai-mamãe procriador. Cumprira o dever de esposa, concebera e dera à luz um filho. Na esperança de ter uma menina e assim completar o casal, ainda aceitara durante alguns pares de anos a frequência do Coronel, aliás a cada dia mais vasqueira. Ela o fez pela menina que não veio, por nenhum outro motivo: como a grande maioria das senhoras casadas, suas conhecidas e amigas, nunca soubera, nem por ouvir dizer, o significado da palavra orgasmo e o que fosse gemer de gozo nos braços do parceiro. Um poucas descaradas, bem certo, se comportavam no leito conjugal como putas em cama de bordel, não se davam ao respeito, maculavam a nobreza do matrimônio e a sublime condição de mãe de família. Pouquíssimas e indignas. Para as baixas necessidades dos homens sobravam as mulheres-damas, as públicas e as exclusivas. Dona Ernestina tinha conhecimento da existência de Adriana, amasia do Coronel havia mais de dez anos: não lhe causava mágoa. Tampouco a ofendia o desinteresse do marido: fazia um século que não se punha nela, que a deixara em paz. Graças a Deus.

Ainda bem que a santa senhora assim pensava, pois com a religião e as pitancas -- os santos, os espíritos, as chocolatadas, as gemadas, a ambrosia, a cocada-puxa -- dona Ernestina virara um sapo-boi

enquanto o Coronel, devido a idade, tornava-se exigente. A propria Adriana ja lhe parecia pouco apetitosa, comida requentada, pao dormido. A amigacao completara onze anos, Adriana perdera o vico e o romantismo. Queixava-se dos intestinos, sofria de flatulencia, tinha enxaquecas, embirrava facilmente, dia e noite nas sessoes espiritas, era uma segunda esposa, copia da primeira, apenas menos gorda e mais jovem. Jovem em termos: ja

passara da casa dos trinta, nao conservara nem a loucancia nem o donaire de menina-moca, de quando o Coronel a conhecera e se apaixonara. Para burro velho, capim novo.

6

Ora, Sacramento de tal maneira sobressaia na roda de mulheres que, manejando tacos de facao, partiam cocos de cacau nas plantacoes, a ponto de nenhum dos alugados, dos mateiros, dos tropeiros ter-se jamais atrevido com ela.

267

Nao que fosse soberba e empafiosa, mas era reservada e seria; ja completara quinze anos contudo parecia nao ter pressa em deixar o barraco de barro batido, onde vivia em companhia da mae, para se juntar com homem. Por-lhe olhos de cobica quem nao os pos, ao vela passar modesta, porem garbosa, bem cuidada, as formas do corpo mal escondidas no vestido de chita? De Espiridiao, negro da carapinha branca, cabra de confianca cujas unicas tarefas consistiam em acompanhar o Coronel nas estradas e dormir na casa-grande com o bacamarte ao alcance da mao, ate meninotes ajudantes de tropeiro, contumazes nas jumentas e nas mulas, nas eguas de anca empinada. A anca empinada de Sacramento, egua de estimacao, ai!

O proprio Venturinha reparara nela durante os poucos dias que estivera na fazenda e a apontara a Natario quando, junto as barcacas, cavaqueavam animados a respeito das aventuras amorosas do rapaz: gostava de conta-las, Natario gostava de ouvi-

las. No cocho, Sacramento dançava sobre o cacau mole a dança do mel a fim de limpar os carocos, deixando-os prontos para a secagem nas barcacas e estufas. O mel escorria pelas gretas do cocho. Presas na cintura as pontas do vestido de Sacramento, as coxas a

mostra, quadris rebolando no passo leve e rapido: *Sou da cor de cacau seco*

Sou o mel do cacau mole..

-- Cabocla bonita! Espie, Natario. Merece...

-- Nao merece nada, Venturinha. Nao se meta, ela tem dono.

-- Estas papando essa franguinha? Meus parabens.

-- Quisera eu. -- Com um movimento de cabeça apontou para a casa-grande.

-- O Velho?

Venturinha riu: de pe, na varanda, o Coronel observava o cocho onde duas mulheres, mae e filha, trabalhavam: sia Efigenia e Sacramento. Natario mudou de assunto:

-- Deixa pra la. Me conta pra quem tu acabou dando a prenda que comprou na mao do Turco Fadul

-- Dei para uma alemazinha, uma dançarina chamada Kath. 268

Um trem de risco, Natario, uma pimenta-malagueta. Casada, ainda por cima.

Em viagem anterior Venturinha narrara como, ao chegar no Rio no ensejo da compra do relicario, deparara com a sublime Adela, a tanguista argentina, "doida por mim, Natario", na cama com um crupie do cabare -- na parte de tras funcionava a jogatina

--, um tal de Aristides Pif-Paf. Tao entregues ao bem-bom que nem o viram entrar no quarto. Lembrava-se Natario daquela taca que lhe dera de presente, um rebenque bonito? Fora-lhe de grande utilidade: com ele cortara a cara do filho da puta e deixara em sangue a bunda da cachorra...

-- Quer dizer que tu ta com uma alema. Tu gosta mesmo de uma gringa...

A alema tambem ja pertencia ao passado, durara pouco, partira para outras plagas, para outros palcos, com o marido. Na ocasio Venturinha estava amigado com outra dançarina, so que galega, a coisa mais linda do mundo, Natario.

-- Voce ja ouviu falar numa danca chamada flamenco? Com musica de castanholas?

Pelo nome estrangeiro Natario nao conhecia, nao. Mas tivera a oportunidade de assistir num circo em Itabuna uma fulana tocando castanholas e dançando. Vestia corpete apertado e saias largas: parecia cigana, quem sabe era galega. Para tirar a limpo, Venturinha rodopiou o corpo gordo e volumoso no fandango, imitando com as maos e a boca o acompanhamento e o som das castanholas.

-- Era parecido... -- reconheceu Natario.

Venturinha suspendeu a exibicao, confidenciou:

-- Um ciume mortal, ate faz medo. Nao posso olhar para outra mulher, fica uma fera, ameaca me matar, ja armou escandalos. Espanhola e capaz de tudo quando esta apaixonada. --

Alegre e satisfeito, cheio de si, o mesmo riso contente do rapazinho que frequentava quengas em Taquaras e em Itabuna, sempre a gabar-se de um xodo. -- Sabe como e o nome dela?

Imagine so: chama-se Remedios.

-- Remedios? Tu inventa cada uma! Remedios! Isso e nome que se use?

La se fora Venturinha para o Rio de Janeiro atras de sua gringa, deixando o Coronel murcho e sem graca a percorrer as 269

rocas de cacau para levantar a cabeça e mante-la erguida. Para que voltasse a rir, no entanto, nao bastava.

-- Vosmice ta precisando, Coronel, botar na casa-grande uma pessoa pra ajudar sia Pequena no cabo da vassoura e no fogao. Sia Pequena ta velha demais pra labutar sozinha. -- Mais nao disse, nao se fazendo necessario.

-- Tu sempre foi de bom conselho, Natario.

Na Fazenda Boa Vista, o coronel Boaventura Andrade lhe perguntara a brincar se nao a queria vender. Nao se surpreendera com o trato dado as rocas: identico ao que encontrara na Fazenda Atalaia. Surpreendeu-se porem ao chegar a Tocaia Grande: com o tamanho e o movimento do arraial.

7

Antes de desmontar junto ao mourao, ao lado do armazem de Fadul Abdala, o coronel Boaventura Andrade perguntou a Natario:

-- Quantos anos faz, Natario?

-- Sete ja passados, Coronel.

-- Era um lugar deserto, me lembro bem Me lembro tambem de que tu disse: isso aqui um dia vai ser uma cidade. Ainda nao e mas pouco falta.

Exagero de visitante. Apenas um arraial crescendo com rapidez depois de haver vegetado durante anos. Os sofridos anos das vacas

magras quando Fadul estivera sujeito a tantos percalcos e a tamanhas tentacoes. O turco precipitou-se porta afora para ajudar o Coronel a desmontar.

-- Que prazer, Coronel, ver o senhor nesse fim de mundo.

-- Bom dia, Turco Fadul, deixe que lhe diga: estou de queixo caído. Nunca pensei que fosse um povoado tao grande. Ja tinha ouvido falar mas mesmo assim estou bestificado. Voce

acertou quando parou de bater pernas e se estabeleceu aqui. Bem que se diz que a raca arabe tem bom faro, onde poe o pe

os negocios crescem. Nao demora voce ficar rico e botar roca de cacau.

-- Foi Deus quem me trouxe, Coronel, vim pela mao dele. Mas so fiquei, nao fui embora nos comecos quando tudo era 270

dificil, devido ao Capitao aqui presente. Nao fosse ele, nao sei nao.

Parado em frente as portas do armazem, o Coronel estudou os arredores. Do outro lado do rio cresciam os rocados a perder de vista.

-- Milharal mais bonito! Sergipanos?

Natario informou:

-- A maioria. Mas tambem tem gente do sertao.

-- Outro dia chegou uma familia, veio das bandas de Buquim. -- Contou o turco: -- Seis pessoas.

-- De Buquim? Eu sou de perto, sou de Estancia: lugar bom pra se esperar a morte. -- Ha quantos anos nao ia a cidade onde nascera e comecara a trabalhar? Desde o falecimento do pai, o velho Jose Andrade, cidadao que nao levava desaforo para casa e tocava

trombone na Lira Estanciana: -- Gente de Estancia e gente boa, ordeira e trabalhadora. Nao e como o povo mais do norte, da beira do Sao Francisco. -- Provocava Natario, divertindo-se: --

Gente desordeira, cheia de lambanca, nao e, Natario?

O Capitaio nao se alterou com a brincadeira, quase sorriu:

-- A diferenca, Coronel, e que em Estancia so tem pobreza. No Sao Francisco pobreza e regalia, a miseria campeia. Um jumento zurrou perto do rio. O Coronel, antes de atender ao convite de Fadul para entrar no armazem, deteve-se a observar as casas novas, erguidas no Caminho dos Burros, umas quantas. Olhou mais alem do descampado a aglomeracao de choupanas, um montao.

-- E ali, o que e?

-- A Baixa dos Sapos, o rancho das raparigas. Antigamente eram cinco ou seis, agora nao tem conta.

Demorou-se o Coronel a espiar o movimento. Na porta do deposito do coronel Robustiano de Araujo uma tropa de muitos burros descarregava cacau seco. No curral, homens de gibao de couro cuidavam de uma boiada. Porcos, galinhas e perus espalhados pelas redondezas fucavam e ciscavam. Assustado bando de conquens passou em disparada. Uma velha atravessava o rio sobre as pedras.

-- E tua casa, Natario? E aquela ali? -- O Coronel apontava para a casa de pedra e cal do negro Ticao Abduim. 271

-- Nao, Coronel. A minha fica em cima daquele morro. Da

pra ver daqui. A nao ser que vosmice queira subir. O Coronel elevou o olhar para a construcao recente, residencia a altura do dono da Fazenda Boa Vista: dominava o povoado.

-- Precisa subir nao. Vejo daqui. Morada e tanto, sim senhor.

Sorriu com afeto para seu ex-jagunco, seu compadre: queria lhe dar um presente para ornar a vivenda recém-construída:

-- E os móveis, Natário, já comprou?

-- Já, sim senhor. A maioria mandei fazer aqui mesmo por Lupiscínio, os outros trouxe de Itabuna.

O Coronel refletiu, os olhos postos na casa de Natário:

-- Reparei que a comadre gosta de música. É doida por cantiga, não é mesmo?

-- Por demais.

-- Pois vou dar pra ela um gramofone igual ao meu. Pra ela ter em casa e ouvir música quando quiser. -- Nas horas mortas na Atalaia, o Coronel se distraía ouvindo árias no gramofone, novidade de espanto, peça de ostentação, obrigatória nas casas dos graúdos.

-- Obrigado, Coronel. Zilda vai ficar varada de contente. Fadul insistiu no convite:

-- Entre, Coronel: a casa é sua.

O fazendeiro atravessou o batente da porta, depositou o rebenque sobre o balcão, correu a vista pelas prateleiras, dando balanço no estoque. O árabe vendia de um tudo e o estabelecimento era ao mesmo tempo bodega de cachaca, armazém de secos e molhados, loja de roupa feita e de tecidos baratos -- algodãozinho, chita, bulgariana --, armarinho de quinquilharias.

-- Se quiser descansar, Coronel, lá dentro tem uma rede. Casa de pobre mas está às suas ordens.

-- Fico aqui mesmo, Fadul, a demora é pouca.

Ruido de passos lá fora, alguém correndo. Era uma mulher despenteada, cabelos soltos ao vento, o ar urgente e agitado. Desatinada vinha e gritou sem tomar fôlego, antes mesmo de parar na porta do negócio:

-- Capitão Natário! Capitão Natário!

Mulata clara, ainda moderna e pouco gasta, molhada de 272

suor, os seios grandes e pontudos saltando da blusa de rasgos, olhos arregalados de quem testemunhara sucesso de monta, a mulher arfava da corrida. Natário deu um passo à frente.

-- O que é, Ressu? -- Chamava-se Maria da Ressurreição.

-- Dona Coroca manda avisar que Bernarda teve menino. Agorinha mesmo. -- Respirou e sorriu com os dentes brancos e os lábios de roma. -- Diz-que vosmice fique descansado, tudo correu bem.

O sorriso se ampliou, encheu o rosto por inteiro:

-- Vi ele nascer!

Na face de Natário nenhum músculo se moveu. Fazia-se preciso conhecê-lo pelo direito e pelo avesso, por dentro e por fora, para perceber sinal de alvoroço, mostra de contentamento na cara e no coração do mameluco. Mas também o coronel Boaventura Andrade por vezes se dava ao desprazer de ler no pensamento alheio.

-- Vai botar a bênção no teu filho, Natário. -- Colocou a mão no ombro do compadre: -- Mas antes vamos beber a saúde dele.

-- Tenho uma garrafa de arak, um anis muito bom, veio de Itabuna, feito pelas irmãs Farhat. Vou buscar lá dentro. --

Ofereceu Fadul.

-- Deixa pra depois, Turco Fadul. Licor de anis, coisa de gringo, nao convem nao. Pra brindar pelo menino sirva um trago de cachaca. E nao esqueca que a moca tambem aceita. Sons alvissareiros e festivos ressoaram no Caminho dos Burros: uma tropa arribava. No cabecote e no peitoral da mula madrinha pendiam enfeites, chocalhavam guizos. **ENCONTROS E DESENCONTROS DE AMOR**

COM CASA DE FARINHA E PONTILHAO

1

E facil identificar um turco pela simples aparencia, seja ele sirio, arabe, libanes. E tudo a mesma raca, todos sao turcos, 273

reconheciveis pelo nariz adunco e pelo cabelo crespo, alem do acento engrolado. Comem carne crua esmagada em pilao de pedra. Assim conjecturara Diva caminhando com os parentes para alcancar a construcao de pedra e cal na tarde em que os primeiros sergipanos chegaram a Tocaia Grande, tomados de medo e de incerteza.

Em lugar de um turco, depararam com um negro retinto a martelar o feno, o torso nu, uma pele de caititu, sebenta, passada na cintura, resguardando-lhe as partes. A surpresa fizera Diva desatar num riso estabanado de menina, logo correspondido pelo ferreiro que se destabocou em risada sonora e acolhedora. Escancarado em riso, deu as boas-vindas e se apresentou aos forasteiros:

-- Meu nome e Castor Abduim mas me chamam de Ticao. Vivo aqui ferrando burros.

1

Ao ouvi-lo, Diva se conteve. Ficou seria, sentiu-se em paz e confiante. Voltou-se para Vanje e enxergou nos olhos ressabiados da Mae unia fagulha de esperanca a reacender-lhe o animo. O rosto de Ambrosio estava iluminado. De onde provinham essa paz marcando

o termino da jornada e da injustica, essa crenca no futuro? Faiscas estalavam na forja, o fogo aceso levantava labaredas. Plantado diante da bigorna, riso festivo, de bom, augurio, o negro parecia um animal de grande porte, sobranceiro, uma arvore majestosa, simbolos de forca e da mansidao, um ser alegre e transparente. Diva voltou a rir mas ja nao era um so estabonado de menina, era um sorrir acanhado de moca, quase furtivo.

Castor quis adivinhar-lhe a idade, ficou em duvida. Franzina, as pernas uns gambitos, as trancas duras de poeira, a incontida gargalhada, menina ainda. Mas, sob o vestido, os seios afirmavam-se atrevidos, e, no rosto, os olhos eram cismarentos, fugidios, o sorriso dissimulado, a expressao pensativa: de repente afigurava-se bem mais velha, moca feita. Tanto podia ter apenas treze anos como dezesseis ou dezessete.

O negro os acompanhou ate a casa de Fadul Abdala, casa de morar e casa de negocio. Diva ia a seu lado, os olhos baixos. Os de Ticao fitavam de frente, francos e comunicativos. Abanando a cauda, Alma Penada, juntou-se a caravana.

274

2

Completara quatorze anos na estrada, nao fosse Vanje ninguem teria se lembrado. No sitio, nos bons tempos de Maroim, comemoravam os aniversarios, melhoravam a boia do jantar, havia bolo de carima ou de aipim, e se a data caia num domingo ou em dia santo, o almoco era festivo, com a presenca de vizinhos e compadres. Quem sabe, por ocasio dos quinze anos voltassem a festejar, instalados naquele lugar para onde se dirigiam a conselho do homem a cavalo, armado em guerra, que se dissera capitao. Na poeira e no cansaco da caminhada, somente Vanje se recordara. Por ser mae e por estar preocupada com o crescimento da filha mais moderna. Raquitica, magricela, nao botava formas, como se tivesse parado de

desenvolver-se: tardava demais a desabrochar. Vanje culpava as atribuições -- os sustos, a perda da casa e dos roçados, a visão do mano Agnaldo, mãos e pés amarrados, apanhando de palmatória, a brutalidade e a indiferença --

pelo corpo acanhado da menina, pelo seu jeito incoerente, ora triste, ora adoidada. Chegara a idade dos quatorze anos sem ter ainda embarcado no paquete da lua, sem ter deitado sangue, sinal de estar pronta para marido e filho, Teria ficado seca para sempre?

Naquela tarde já distante da chegada da família a Tocaia Grande, tendo recebido alimentos oferecidos pelos moradores, provisões fiadas pelo turco, acenderam o fogo no descampado para preparar o de-comer. Antes da magra refeição, porém, as mulheres foram se lavar no rio, estavam precisadas. O negro Ticao lhes indicou o lugar chamado Bide das Damas, nome posto por ele, um remanso em meio a correnteza. Dinora deu banho na criança e Diva desatou as tranças. Quando o negro a viu de volta, lastimou que ela fosse tão menina.

Solicito e cortes, Castor fora buscar na oficina um pedaço de carne salgada para melhorar o passadio. Depois comboiou as mulheres até a morada que fora erguida para Epifania onde ainda não se alojara outra rapariga. Vazia talvez por ser exatamente mais bem feita e bem cuidada do que as demais ou porque 275

contassem como certo o retorno de Epifania, mais dia menos dia, Epifania, braba, brigona e mandingueira. A velha Vanje achou por bem ficar no descampado junto ao marido e aos filhos: de qualquer maneira não caberia tanta gente na choupana. Assim Castor conduziu as outras três: Dinora com o menino, Lia carregando o bucho cheio e Diva. Também Agnaldo foi com eles no desejo de ver Lia acomodada. Alma Penada latia para a lua que se desatava imensa das correntes do rio.

Coberto por uma esteira, o catre de palha, largo como convinha as necessidades do oficio -- os embates, os desmandos e a festança -- se desfazia no abandono. Dinora deitou o menino sobre a esteira, ao lado Lia se estendeu. Agnaldo catou gravetos, Diva acendeu o fogo, uma fumaca umida se elevou. Denso lencol, o calor envolveu o menino e a prenha, alvorocaram-se percevejos. O negro desaparecera, nem dissera boa noite: Lia estranhou. Mas logo viram-no de volta: fora buscar na casa de pedra e onde vivia e trabalhava uma rede grande e vistosa, suja pelo uso A rede onde Ticao recebia as raparigas, se aninhava com os xodos, a rede de Zuleica e de Epifania, para citar apenas duas. Ele mesmo a dependurou nas forquilhas cravadas nos extremos da choupana:

-- Cabe as duas, e rede de casal. -- Disse, dirigindo-se a Diva e a Dinora.

Somente entao desejou boa noite, tendo antes se colocado as ordens. Caso viessem a precisar de alguma coisa, nao tivessem acanhamento, podiam chama-lo na oficina a qualquer hora. Partiu em companhia de Agnaldo, precedidos por Alma Penada. Da porta, vao mal coberto por uma palma de coqueiro-de-dende Diva os viu partir: o cachorro, o irmao e o ferreiro. Permaneceu por um momento a contemplar a lua cheia, cravada sobre o rio. Haviam chegado, finalmente.

3

Dinora desdenhou da rede, preferindo estender-se no catre, junto a Lia: entre elas o menino. Na quentura dos corpos, o choramingas adormeceu e em seguida a mae ressonou, morta de cansada. Tambem o inquieto mal-dormir de Lia mais adiante se 276

acalmou e a gravida por fim pode esquecer o peso e o volume do ventre ancho e tumido.

Sozinha na rede, pernas e bracos encolhidos, Diva prosseguiu acordada, atenta aos rumores que se sucediam na Baixa dos Sapos

ou que lá ressoavam vindos do descampado. Ouviu passos, palavras soltas, sobras de riso: o movimento ia crescendo a proporção que a noite se completava no vale de Tocaia Grande. Diva percebeu o ressoar de cascos na distância, escutou nomes de animais apregoados por tropeiros e ajudantes: Cangerão, flor da Mata, Coscorote, Diamante, Marisca, egua da peste! De um barraco próximo chegaram pedaços de diálogo:

-- Hoje não pode ser, tou de boi... -- desculpava-se a mulher.

-- Puta merda, que urucubaca! -- Lastimava o homem. De repente ouviu alguém gritar no meio do silêncio o apelido negro:

-- Ticao! Oi, Ticao!

Sem dúvida um tropeiro em busca dos serviços do ferrador de burros que pelo visto atendera com presteza pois o apelo não se repetiu.

A rede exalava um cheiro forte, provinha do negro certamente, e a envolvia. Ali ele suava nas noites de calor, nos braços das mulheres, e o suor impregnava no tecido seu odor de homem, sua incha de macho, seu perfume. Embriagador, o aroma espesso a inebriava; Diva sentia-se como na noite do passado São João quando abusara do licor de jenipapo. Uma tontura, a cabeça pesada a pique de sofrer uma vertigem. Não conseguia mergulhar nas profundas do sono, desligar-se das lembranças da tarde. Contudo não estava inteiramente desperta, vagava no embalo da rede, presa a peconha daquele cheiro que já sentira antes na oficina quando o ferreiro espoucara em riso, erguido diante da bigorna. Na rede, possante e persistente, entrava-lhe nariz adentro, penetrava-lhe nos poros, espalhava-se sob a pele, arrebitando-lhe os bicos dos pequenos seios, escorria-lhe pelos quadris e pelo ventre e vinha queimar-lhe os lábios virgens da ai-Maria. Sentia o corpo de Castor flutuando sobre a rede, a pele de caititu cobrindo e descobrindo as partes.

Com os braços potentes a prendia e a esmagava contra o peito. Por fim o sono se impôs mas Diva não dormiu tranquila; 277

dormiu com o negro até de manhazinha, So que não era preto. Nem preto nem branco, nem pardo, nem caboclo ou cabo-verde: era luminoso e um fogareu crescia-lhe no vão das pernas. Durante boa parte do percurso que foi longo e acidentado, Castor figurou um caititu descomunal: seria um javali se Diva soubesse o que fosse um javali. Conduzia-a através do vale, sobrevoou as colinas e o rio, pousou na lua cheia. Encurralando-a num canto da forja sob uma tempestade de fagulhas, ele a montou. Diva sentiu-se desatar, fundir-se em lava. Quando acordou com o choro do sobrinho e o ruído dos comboios se movimentando na partida, da boca do corpo o sangue fluía, escuro e grosso, escorrendo-lhe pelas coxas. Vertido por obra e graça do bodum que se entranhara nela e a fizera mulher. A mancha vermelha marcou no pano sujo da rede a insolita facanha do negro Castor Abduim da Assunção, Ticao de apelido, que, após ter ferrado duas patas do burro Lacarote, dormira bem do seu durante a noite inteira. Sozinho, o que muito raramente acontecia.

4

Quando Oferecida -- nome dado por Castor por tê-la recebido de presente e por ser a cadela confiada e atrevida desde pequenina -- vinha provoca-lo, saltitando em torno dele, mordendo-lhe as pernas, pulando-lhe no focinho, Alma Penada se prestava a brincadeira, saía desatinado a persegui-la, rolava-a no chão, punha-lhe a pata na barriga para mantê-la imóvel: jamais lhe ocorreram instintos outros além do alegre jogo de falsas zangas e ameaças, de folia e troca.

Ia-se tomando Oferecida menos brincalhona a proporção que crescia: levava horas dormindo ao calor da forja, junto a Alma Penada, aconchegada nele. Mas não deixava de instiga-lo as correrias pelo descampado, aculando-o, desafiando-o para brigas que não passavam de inocente reinacão. Castor divertia-se com a agitação do casal de vira-latas a rolar na poeira, rosnando e latindo

como se corressem risco de se estracalhar. Depois, cansados, linguas pendentes, deitavam-se aos pes do amigo, em busca de um agrado. Alma Penada so se revelava descontente quando Ofereci278

da, valendo-se da pouca idade e do tamanho reduzido, saltava para o colo de Ticao para que ele a cocasse atras das orelhas e na barriga. Enciumado, o cachorro erguia-se nas patas traseiras e, apoiando-se nas pernas do ferreiro, expulsava a intrometida e punha em seu lugar, no regaco de Ticao, a feia cabecorra. Um dia porem tudo mudou e sem motivo aparente Oferecida estranhou o companheiro. Parecia ter sido ontem e no entanto mais de meio ano havia transcorrido da primeira visita de Zilda a Tocaia Grande: a mulher do Capitaõ retirara a bichinha do carro de boi e a depusera no chao, em frente a casa de Bernarda. Imediatamente ela provocara Alma Penada e ele comecara a fazer gato e sapato daquela oferecida. Oferecida, disse Ticao designando-a pelo nome.

Por sinal fora entao que o calendario comecara a andar em ritmo acelerado e inesperadamente Oferecida mostrou os dentes ao ver Alma Penada aproximar-se para dar inicio ao quotidiano torneio de folguedos. Latiu irada e o mordeu quando ele insistiu em recommear as inocentes correrias, virar cambalhotas no terreiro. Durante alguns instantes Alma Penada permaneceu desarvorado, sem entender o que estava acontecendo. Mais eis que ele tambem se transformou, deixou de ser o irrefletido brincalhao. O

relacionamento entre eles modificou-se por completo. Ela passou a fugir como se o temesse, a evita-lo como se o desprezasse, repelia-o quando ele se acercava. Mas se fugia era para perto, se o evitava era por segundos e, se o repelia, mais ainda o procurava, olhando-o de vies, exibindo-lhe as traseiras. Abandonando habitos assentados e deleitaveis, Alma Penada descuidava-se de latir para os comboios, de saltar em torno aos burros, perdera a fome -- a fome voraz de Alma Penada que nenhuma comida saciava --, chegava ao absurdo de deixar Castor partir sozinho para a caca ao raiar do dia. Desvairado em torno da cadela, preso ao odor que se desprendia

dos labios da vagina inchada, destilando sangue. Durante uns poucos dias, Alma Penada rondou Oferecida, sujeitando-se com paciente obstinacao as negacas, ao desprezo, a recusa, a violencia das dentadas. Disposto a conquista-la e a conquistou. Mas nao seria por acaso tudo quanto a cadela desejava? Oferecida foi deixando de rosnar, de fugir, de arrega279

nhar os dentes, permitiu que ele aproximasse o focinho, cheirasse a vulva intumescida, que nela passasse a lingua avida e lambesse o sangue que a cobria.

Certa tarde, no terreiro em frente a oficina, diante dos olhos acesos de Nando e de Edu que o aculavam, na presença do negro Castor, do Turco Fadul e de Coroca empenhados numa prosa descosida, Alma Penada conseguiu enfiar o prego -- rola de cachorro e igual a um prego de cabecorra, explicava Edu experiente na criaçao de vira-latas -- nas ferteis entranhas de Oferecida. Depois que a cerimonia terminou, a cadela e o cachorro ficaram engatados um ao outro; Nando quis jogar agua em cima deles para desatar o no mas Castor nao consentiu: deixe que do resto a natureza se encarrega.

5

Pode-se afirmar mal comparando que o mesmo acontecera, identico quiproquo, com o ferreiro Castor Abduim da Assuncao e a sergipana Diva, ao menos no que se refere a maneira como ele a viu e ao modo como a tratou durante um ror de meses, mais de um semestre, e da sua surpresa quando, num dia igual aos outros, de subito se deu conta da mudanca. Surpresa e pouco dizer para tamanho impacto: uma revelacao.

Um dia igual aos outros para o povo do lugar, nao para o calcador de burros, siderado. Tampouco para a moca, esquiva e impetuosa que nem a cadela Oferecida ao entrar em cio e sangrar pelos labios inchados da vagina. Essas e outras coisas singulares que nos reserva a vida -- enigmas, prodigios, maravilhas -- a natureza se encarrega

de explicar e resolver. Assim ensinara o proprio Castor Abduim ao apressado Nando: nao custa repetir conceito tao provecto e sensato.

6

Todavia quem primeiro se deu conta da transformacao de Diva foi Bastiao da Rosa, pedreiro afreguesado, cidadao de boa 280

aparencia, branco de olhos azuis, peca rara nas paragens, de alta cotacao junto as mulheres, xodo disputado entre as raparigas. Das casas, ainda contadas, de tijolo e telha, erguidas no Caminho dos Burros com materiais da olaria de Merencia e Ze

Luiz, a de Bastiao da Rosa -- Jose Sebastiao da Rosa -- era de longe a mais vistosa e confortavel, o que se explica facilmente: trabalhando para si proprio, caprichara na solidez dos alicerces e na perfeicao do acabamento. Paredes azuis, janelas cor-de-rosa com parapeitos de madeira, calha por onde correr a agua da chuva. E o luxo da casinha para as necessidades, no quintal; um buraco profundo e em cima dele uma caixa de madeira para nela o padecente se sentar. Como nas casas de Taquaras e de Itabuna. A primeira Latrina de Tocaia Grande, conforto logo imitado por Castor e por Fadul. Coubera a Fadul porem a iniciativa de fazer cavar uma cacimba atras do armazem, antes mesmo do grande poco que servia ao curral e aos tropeiros, benfeitoria do coronel Robustiano de Araujo.

Casa grande demais para um homem solteiro, murmurou-se em Tocaia Grande que Bastiao da Rosa pretendia se casar, constituir familia, correram boatos a proposito de noiva contratada em Itabuna, cidade de onde ele procedia. La deixara fama de rapaz namorador, incansavel pe-de-valsas, destrocará corações de mocas casaduras. Tocaia Grande nao passava de um ponto de pernoite de tropeiros quando para ali ele viera, contratado para construir, em regime de empreitada e de sociedade com Lupiscinio, a casa de madeira do Turco Fadul Abdala que resolvera aposentar a mala de mascate. Tendo se dado bem, ficara em definitivo, gostava do lugar.

Detendo-se em constantes temporadas nas fazendas proximas, contratado para levantar barcacas, cochos e estufas, deixara crescer bigode e barba, podia passar por gringo se quisesse, bastava engrolar a lingua. Em Tocaia Grande empatava com Ticao no favor das putas.

Transcorria porem o tempo e Bastiao da Rosa continuava solteiro, nem mesmo pensara em amigar-se apesar de nao ter faltado quem se insinuasse, inclusive Maria Beatriz Morgado, prima pobre de dona Carmem Morgado de Assis Godinho e, por afinidade, do coronel Enoch de Assis Godinho -- pobre porem fidalga. Bastiao demorara-se na Fazenda Godinho, mestre-de-obras a frente da reforma da casa-grande, e por desfastio passara 281

nos peitos dona Maria Beatriz: a fidalga. nao era mais cabaco, o primo rico colhera-o tambem por desfastio. Nao fosse assim e a prima pobre, ja trintona, ostentando um buco respeitavel, sobraria intacta para os vermes. Enrabichada, a dona quis abandonar a cama e a comida que os primos lhe forneciam por caridade -- em troca ela se ocupava na arrumacao da casa, fiscalizava o trabalho das criadas e cuidava dos meninos -- para ir viver com Bastiao sem exigir sequer papel passado, nem dar satisfacao aos preconceitos, a jactancia, as merdices dos Morgados e Godinhos. Bastiao da Rosa desconversou, tirou o corpo fora, nao desejava apodrecer numa encruzilhada, vitima de tocaia, por causa de mulher. Atravessara o rio em companhia de Guido, atendendo convite do velho Ambrosio e de Jose dos Santos para discutir sobre a construcao de uma casa de farinha: nao reconheceu Diva ao encontra-la cavoucando a terra, enxada em punho. Pensou que se tratasse de uma das filhas de Jose dos Santos. Eram tres, valendo cada uma delas por um homem disposto no trabalho; duas ainda bem modernas e uma mais idosa, cega de um olho, Ricardina. Nem por isso deixava de encontrar quem a quisesse: havia sido vista aos trancos e barrancos com Dodo Peroba, um tipo meio pancada que viera parar naquelas bandas ninguem sabe como nem por que. Somente pelos passarinhos nao podia ser. Encomendara uma cadeira de barbeiro a Lupiscinio, no

fiado, para pagar quando pudesse: dedicava-se a cortar cabelo e a fazer barba. Segundo o capitão Natário da Fonseca, que se tomara seu freguês, a cadeira de barbeiro de Dodo Peroba era uma prova a mais de evidência alvissareira: Tocaia Grande ganhava foros de povoação adiantada.

Contratado com frequência, assim como os demais mestres pedreiros e carpinteiros, para construir benfeitorias nas fazendas, Bastião da Rosa pouco parava em Tocaia Grande, fazia meses que não via a filha de Ambrosio. Recordava-se da moleca calada e magricela, as tranças penduradas, correndo picula com os meninos, vendendo na feira ao lado dos pais e dos irmãos. Não podia ser a mesma que ele enxergava em sua frente, o busto erguido, a saia arregacada, cavoucando a terra com a enxada, o suor escorrendo pela testa: essa era um desparrame de mulher: nova, viciosa e tão bonita, com que se parecia? Com as verdejantes plantações de mandioca.

282

Antes, o mato crescia ressequido na capoeira, chão de espinhos e de cobras. Com a vinda dos sergipanos floresciam roçados de feijão, campos de milho e mandioca, latadas de maxixe e de chuchu. Tudo se transformara. Não apenas a terra, também o povo. Jãoze, Dinora e o filho que por pouco não morreria no caminho. O sombrio Agnaldo e sua mulher Lia: chegara prenha, botando os bofes pela boca. Aurelio e Nando, sem falar no casal de velhos, batidos e humilhados. Os corumbas enxotados de Maroim remanesciam grapiunas, uns porretas no trabalho. A criança que Lia desovara nas mãos de Coroca, a primeira a nascer em Tocaia Grande, era um bitelo.

Ambrosio e José dos Santos detalhavam planos para a casa de farinha, Lupiscínio escutava e discutia. Bastião da Rosa fazia menção, os olhos na moça debruçada sobre a terra, iluminada de sol, o rosto de santa, um corpo de rainha: com aquela, sim, valia a pena se amigar.

7

Com Castor Abduim não se passou assim, tão de repente, nem por isso a surpresa e o sobressalto foram menores. A revelação se deu alguns dias após a mudança da família do capitão Natário da Fonseca para a residência construída no alto da colina: a principal de Tocaia Grande pelo tamanho, pelo conforto e pela situação. Carregando um boca-pio na cabeça, Diva galgava a subida, ingreme porém bem calcada de pedregulhos para permitir o passo das alimarias mesmo na estação das chuvas. Em troca seria fácil fechar-lhe o acesso aos estranhos, bastava colocar um homem de carabina em punho em qualquer das viradas da rampa tortuosa. Por casualidade, passando em direção do rio, ele a viu subindo e espantado se deteve: simplesmente não podia ser Diva, recusava-se a crer nos próprios olhos. Mas era Diva, sim, não era outra: tendo parado a ajeitar a cesta, ela o percebera embaixo a espiar, boquiaberto: sob a saia apareciam as coxas nuas. Sorriu e lhe acenou com a mão.

O povo já batizara a colina, dera-lhe o nome de Outeiro do Capitão, pois, lá de cima, como se estivesse num mirante, o Capitão podia descortinar o povoado inteiro, da Baixa dos Sapos com 283

as choupanas das putas e a casinhola de Bernarda até a rua de casas se estendendo no Caminho dos Burros; do descampado com o local da feira, o galpão de palha, pousos dos tropeiros e salão baile até o depósito de cacau e o curral do coronel Robustiano, a oficina de Tico onde Edu, o filho mais velho, aprendia o ofício, e o armazém do turco nas proximidades da jaqueira. Avistava também no outro lado do rio as plantações dos sergipanos e dos sertanejos, os roçados e as ramadas, os pendões do milho, os porcos, as galinhas. Tudo aquilo e o movimento dos passantes o capitão Natário da Fonseca abarcava com a vista da varanda de sua residência. Melhor ainda do pé de mulungu, alguns passos mais à frente, onde mostrara certa feita o lugar então deserto ao coronel Boaventura Andrade e vaticinara como seria no futuro: isso aqui

ainda ha de ser uma cidade. Pouco faltava, concordara o Coronel ao passar por la, sete anos depois. Modo de falar do Coronel: povoado pequeno, para ser uma cidade faltava-lhe quase tudo. Mas quando ele, Natario, chegara rapazola a fartura do cacau fugindo da indigencia de Sergipe, Taquaras nao passava de reduzido ponto de pernoite, a estacao nao existia, nao havia ainda o trem de ferro, e a cidade de Itabuna, esse colosso, era o arraial de Tabocas.

Por esse motivo o Capitaõ mantinha-se atento ao que circulava e acontecia, opinando e se envolvendo se preciso. Empréstara numerario para a construcao da casa de farinha que Lupiscinio e Bastiao da Rosa estavam pondo de pe por conta de Ambrosio e Jose dos Santos e se juntara ao coronel Robustiano Araujo para financiar o corte da madeira para o projetado pontilhao. Nessas obras pusera quase todo o lucro da colheita mas quem conquista mando e autoridade, contrai obrigacoes. Assim pensava e agia desde muito antes de colher cacau, apenas comecara a plantar rocas nas matas da Boa Vista e deparara com Bernarda refugiada ali, fazendo a vida.

8

Nao acontecera de chofre, de improviso: ao contrario de Bastiao da Rosa que levara seculos sem ve-la; constantemente o 284

negro a via e lhe falava, e se nao se dera conta cabia-lhe a culpa, a mais ninguem. Esteve em assiduo contato com Diva a partir do fim da tarde em que acompanhara a familia sergipana ao armazem de Fadul e lhe empréstara a rede na palhoca de Epifania: a menina Diva, entanguida e aluada. Ate o momento em que a viu grimpendo morro acima, equilibrando na cabeça uma cesta repleta de chuchus, quiabos, maxixes e jilos, batatas-doces, produtos dos rocados, agrados que Vanje mandava para a cozinha de Zilda. Pode entao contemplar as coxas nuas e a bunda mal coberta pela calcola, coxas e bunda de mulher. Para rever-lhe o rosto que sempre achara lindo, uma galanteza, e medir-lhe o busto, rondando por ali esperou que ela descesse. Viu-a de corpo inteiro, endoideceu e nunca mais a tratou de menina Diva. Mas continuou a acha-la estouvada, com um

parafuso a menos na cachola. Dantes ela vinha correndo com Cao e Nando pelo descampado em busca de Edu, para tira-lo do trabalho e irem os quatro cacar teius na mata, armar alcapoes para os passarinhos, tascar piao -- nas horas vagas a diversao de Balbino era manufaturar pioes que fornecia a um vendedor na feira de Taquaras -- ou empinar arraias feitas por Merencia tambem nas horas vagas, cada qual mais colorida e mais valente.

Nando e Cao entravam oficina adentro, Diva jamais. Ficava fora da porta a espiar. Ticao fitava-lhe o rosto angelico, descansava o malho, convidava:

-- Nao quer entrar, menina Diva?

Fazia que nao com a cabeça e, sem esperar pelos outros, saia a correr como se fugisse dele, temerosa: temerosa de que, pelo amor de Deus? A principio ele estranhou, depois deixou de reparar: raro o dia em que ela nao se mostrava nas vizinhanças da oficina, dissimulando-se atras dos pes de pau, furtiva e assustada. Os bracos e as pernas sujas do amanho da terra.

Certa manha, cedinho, entrando mata adentro para recolher a caca como fazia quotidianamente, Castor a surpreendeu a seguir-lhe os passos, esgueirando-se entre as arvores. Tambem no rio: nadava ao cair da tarde nas aguas fundas, bem distante do trecho raso e encachoeirado onde as mulheres lavavam roupa e tomavam banho, quando Diva emergiu em sua frente, quase a tocar-lhe o corpo nu: um trapo molhado mais a desnudava do que a vestia. Nao fosse ainda tao nova, ele nao teria resistido. Gritou: 285

cuidado, menina Diva! Para alerta-la do perigo da correnteza forte e para romper o sortilegio, aquele rio era morada de encantados. Durou menos de um minuto, ela mergulhara novamente e ja se fora embora: nadava rapido como um peixe. Ou uma sereia. Amiude Castor a encontrava e lhe falava. Diva sorria, baixava a cabeça, saia correndo mas nao ia longe. Bronco e cego, Ticao nao entendia as

esquisitices, as maneiras espantadas da criatura, tampouco percebeu a mudanca que transformara os gambitos finos em penas torneadas, os incipientes seios em busto arrogante: para ele continuou a ser a menina Diva, de tranca pendentes, em correria pelo descampado. Nao se deu conta quando ela abandonou o jogo de picula e a companhia dos adolescentes, da lesa e dos moleques, passando a andar sozinha ou com a mae e as cunhadas. Sozinha, para vir espiona-lo nas imediacoes da oficina. Nao a viu botar corpo e se fazer mulher.

Somente percebeu a transformacao e dela teve plena consciencia ao divisa-la subindo a trilha para a casa do capitao Natario. Levou um choque, sentiu disparar o coracao. Decidiu ficar a espera para confirmar o milagre. Diva o enxergou certamente, ali estatelado, mas fez como se nao o houvesse visto, nao olhou para ele nem diminuiu o passo. Parou sem embargo mais adiante, virou a cabeça para tras e riu como se estivesse mofando dele. Entenda quem quiser!

Nao conseguia decifrar a causa e o objetivo, a razao de ser do insensato comportamento adotado por ela: as risadas e os olhos baixos, os disfarces e as fugas, os remos e as esquivancas, as ousadias e o retraimento. A figura se modificara mas os modos subsistiam inalterados, absurdos. Castor quebrava a cabeça, sem encontrar os nove-fora da charada. Nao fossem bobagens, pateticas de menina, pareceriam indiretas, verde para colher maduro, arteirices de mulher, frete de puta.

Desde que a viu voltar a cabeça para olhar e rir, desde entao ja nao teve outro pensamento nem brotou em seu peito outro desejo: sem Diva a vida nao valia a pena, nao era vida. Desesperancou-se porem quando percebeu -- e foi facil perceber -- que tambem Bastiao da Rosa a requestava. Barba e bigodes loiros, cabeleira farta e ondulada, cara vermelha de gringo: de gringo das europas e nao de turco escuro, quase tao escuro quanto qualquer mestico grapiuna -- o pedreiro levava-lhe nitida vanta286

gem. Não sendo ela francesa e sim morena sergipana, haveria de preferir o branco de olho azul ao pau-de-fumo. Somente as francesas, como ele sabia e tinha provas, dão o devido valor a raça negra. Nem por isso desistiu: resignar-se, fugir a luta não era de sua natureza, ainda menos naquela circunstância quando o prêmio da porfia era a própria vida.

9

Vendo Durvalino tirar água da cacimba para os gastos da cozinha, Fadul recordou-se com saudade de Zezinha do Butia e suspirou: tanto o poço quanto o caixeiro traziam-lhe de volta a rapariga. Estava satisfeito: a cacimba era de grande utilidade e Durvalino ultrapassara um ano de serviço no balcão do armazém, mostrara-se de muita serventia. E honesto, por mais incrível que pareça. Zezinha não ostentava peitos fartos nem cadeiras largas, conhecidas preferências do turco em matéria de mulher -- mamas grandes, bunda de tanajura, boas de agarrar com as mãos -- mas a nenhuma outra se apegara tanto. Tinha visgo que nem cacau: o rosto um brinco, o corpo uma estatueta, a xoxota um abismo, o coração sentimental. Novamente suspirou, desconsolado. Deu-se conta de que pensava nela em termos de passado, como se a rapariga houvesse batido a cacoleta, estivesse morta e enterrada no cemitério de Lagarto, o que felizmente não era certo. Na prática fazia pouca diferença: enterrada no cemitério ou vegetando em casa, so mesmo em sonho ou em pensamento podia reencontrá-la, ouvir-lhe a fala cantada e mansa convidando-o para o regalo da cama: vem, turco, me mostrar a rola, já esqueci como ela é. Punha-lhe nomes, tomava-lhe dinheiro, embrulhava-o de todo jeito, um anjo do céu, uma merce de Deus. Cantava modinhas de ninar: rola, rolinha, rola de amor. Quanta saudade!

Dela Fadul recebera uma única notícia depois que agoniada se tocara para Sergipe: carta enviada em mão por portador, o sobrinho Durvalino, varapau adolescente, calca no meio da perna, cara coberta de cravos e berrugas. Carta de garranchos e borroes, sem

pontuacao, a letra grauda e irregular subindo e descendo no papel ao sabor da mao inabil, Fadul a decifrou e tantas vezes a leu 287

que quase a decorou. Podia recita-la como se fosse poesia ou versiculo da Biblia: "... essas mal tracadas linhas e pra lhe dizer Fadul meu bem que nao se esqueco de voce nem nunca vou poder se esquecer porque de noite sonho que tou na cama abracada com voce e quando dou de mim tou com os olhos molhados e la embaixo tambem onde tu sabe mas um dia vou voltar se Deus quiser." No fim da pagina, sob a assinatura: "sua para sempre Maria Jose Batista", ela pusera uma quantidade de virgulas, pontos finais, pontos de exclamacao e de interrogacao para ele espalhar na carta onde conveniente fosse.

Referia-se a breve estada em Tocaia Grande, antes de viajar:

"quando tive ai vi que tu vive muito sacrificado trabalhando que nem burro de carga." Por isso lhe enviava o sobrinho Durvalino, filho de sua irma mais velha, viuva e tistica, "mais pra la do que pra ca", para ser seu empregado. Qualquer paga que lhe desse, menor que fosse, seria uma caridade: "mais melhor do que morrer de fome aqui." Nao deixava porem de faze-lo de bobo, de leva-lo no bico, para nao perder o mau costume: "fico descansada, sei que tu nao e canguinha e pelo menino boto a mao no fogo." Anjo do ceu, merce de Deus!

Ja vinha pensando em contratar caixeiro que o ajudasse na balcao, mas onde encontrar alguem de confianca? Nos anos das vacas magras, ao menos sobrava-lhe o dia inteiro para dormir; se assim quisesse. Os tropeiros e as putas constituiam o grosso da freguesia, de raro em raro alguns passantes. A lida maior acontecia a partir do fim da tarde e pela manha bem cedo, sendo essa a parte mais pesada da labuta. O movimento, porem, com o plantio das rocas, crescera muito. Alem de acordar antes do raiar da aurora e de deitar-se noite alta, durante o decorrer do dia tinha de manter abertas as portas do armazem, a toda hora aparecia gente. Se

quisesse de fato ganhar dinheiro não podia descuidar-se, por-se a dormir de panca cheia -- tinha muito trabalho pela frente para encher a panca. Assim acolheu Durvalino com visível benevolência e secreto entusiasmo: Zezinha do Butia -- divina providência -- ainda uma vez resolvia-lhe um problema. Mas não deixou que o varapau percebesse seu regozijo, pois não somente no comércio com os ciganos o cidadão precisa ser prudente: também no trato com o povo de Sergipe. Fuad Karan não se cansava de dizer que os 288

sergipanos são os árabes do Brasil e Fuad não tinha o hábito de falar em vão.

-- Precisar não estou precisando, dou conta sozinho do trabalho. Mas sendo um pedido de Zezinha não posso deixar de atender. Tirou a limpo as habilitações do rapaz: sabia ler, escrever e fazer as quatro operações, dizia-se disposto a enfrentar qualquer serviço, pior do que cortar cana de sol a sol não podia ser.

-- Pois vamos ver. Guarde seus trens no quarto das mercadorias, tire uma esteira pra dormir e pode começar. Sobre ordenado, se conversa depois. Vai depender de você, não é de mim. Se me der satisfação, não vai se arrepender.

Por fim deixou escapar a pergunta que prendia no peito:

-- E Zezinha, como é que vai?

Como Deus permitia, respondeu o sobrinho. Não estava vivendo em Butia nem em Lagarto, morava em Aracaju de casa posta pelo doutor Panfilo Freire: médico formado, não exercia a medicina, produzia açúcar mascavo e refinado no bangue do Funil, destilava cachaca, fazia rapadura, era padre de rico e passara dos setenta. Amigada com um ricaco, muito bem. Fadul não quis saber outros detalhes: fogosa como era, Zezinha não havia de se contentar com rola de velho broxa, setenta.

Fadul mandara cavar a cacimba atras da casa a conselho de Zezinha do Butia. Dado de graca na ocasiao feliz e igualmente melancolica da visita da rapariga a Tocaia Grande para pagar promessa feita e repetida e para vibrar facada funda, de sangrar. Um dia desses, quando voce menos esperar, eu apareco -- jurava ela na pensao de Xandu, em Itabuna. O turco nao se deixava iludir: no dia de Sao Nunca. Mas o pai de Zezinha descalcara as botas em Lagarto, vitima de sezaou cachaca, para que tirar a limpo?

Em Lagarto, as velhas, as malucas, os meninos, nao sabiam o que fazer, precisavam dela para tracar rumo na orfandade: reclamavam sua presenca, nao bastava o dinheirinho mandado todo fim de mes, religiosamente. Antes de embarcar, ela tinha 289

vindo despedir-se, aproveitando a tropa de Ze Raimundo para fazer a viagem repimpada num burro de pisada macia. Chegou sem aviso, Fadul estava ocupado no armazem quando ouviu gritos do tropeiro, anunciando:

-- Seu Fadu! Seu Fadu! Venha correndo ver o presente que tou trazendo pra vance!

Lepida e risonha, Zezinha saltou-lhe ao pescoco:

-- Nao disse que um dia eu vinha, turco de uma figa?

Depois chorou lagrimas deveras sentidas ao contar a morte do pai, um homem bom que nao tivera sorte. Enquanto forte lavrara a terra de terceiros, terminara na cachaca quando o impaludismo montara em seu cangote. A familia trabalhava a dia em plantacoes alheias, os homens cortavam cana nos campos do banguê. Nao fosse a ajuda de Zezinha, passariam fome. Das filhas mulheres, Zezinha tinha sido a unica a subir na vida, a prosperar, gracas a Deus que a protegera. Fora ser puta em Itabuna. A hora nao era propria para boas-vindas, os comboios arribavam, os tropeiros e ajudantes invadiam o cacete armado para comprar o que comer, as raparigas apareciam em busca de frete e de um gole de cachaca. Zezinha, tendo levado para

o quarto o bau de flandre, veio ajudar o turco no balcao e, assim fazendo, aumentou o consumo de aguardente, todos queria brindar com ela e com o ladrao do turco, quem nao sabia do rabicho antigo e persistente?

Bem mais tarde ela o acompanhou ate a beira do rio, onde Fadul viera encher uma lata de agua para as necessidades da casa, naquele dia ainda maiores: Zezinha, devido ao medo de doenca feia, tinha mania de limpeza. O fogo aceso no descampado, os fifos, uma ou outra estrela iluminavam a noite de breu. Eles ia de maos dadas: de tao enleada Zezinha era ver uma donzela passeando com o namorado as escondidas da familia.

-- Por que tu nao manda cavar um poco para ter agua em casa?

-- Custa dinheiro.

-- Mais custa a trabalhadeira que tu tem. Onde ja se viu?

Ele encheu a lata, quis voltar, tinha pressa de estende-la na cama: tantas vezes em sonho ali a perseguira, tentando agarra-la. Devassa e cruel, ela se oferecia mas nao se entregava, fugia-lhe 290

dos bracos, ria-lhe na cara. Chegara o dia da forra, ia cobrar com juros de agiota.

-- Vambora...

-- Inda nao.

Puxou-o pelo braco, sentaram-se a beira d'agua, junto ao Bide das Damas, os pes na correnteza, ouvindo o coaxar dos sapos. Zezinha encostou a cabeça no ombro largo do turco, enfiou a mao por dentro da camisa para acariciar-lhe o peito cabeludo.

-- Nao queria ir embora sem ver meu turco.

-- E sem me enfiar a faca, não é mesmo? -- Falava em tom de brincadeira, sem sotaque de queixa ou acusação.

-- Vim buscar ajuda, não vou mentir. Mas não foi só por isso que eu vim, Deus é testemunha. Tu és um turco bruto e ignorante, tu pensa que eu não tenho sentimento. Fadul a envolveu nos braços e a olhou dentro dos olhos: as lágrimas já não eram devidas à morte do pai. Eram lágrimas de saudades e bem-querer, choradas na noite de encontro e despedida. **11**

Zezinha do Butia levantou-se ao mesmo tempo que Fadul Abdala quando os relinchos e os zurros começaram a acordar o vale e os tropeiros foram reunir os comboios. Noite de sonhar, não de dormir, noite de risos e suspiros, de ais dolentes, de uivos abafados, de palavras boas de dizer e de ouvir. Fadul lhe propôs ficar dormindo; já de pé, ela recusou:

-- Vou lhe ajudar.

Considerou o tamanho do leito, grandioso, uma ponta de reproche na voz cantada:

-- Foi aqui que tu enfiou a rola em Jussa, não foi? A tarde inteira... Puta descarada!

Passado tanto tempo, ela ainda se lembrava com magoa e com rancor. O turco tocou-lhe o corpo nu, com a mão enorme:

-- Mulher igual a tu, não há. E não vai haver.

Zezinha tirava vestidos do baú, escolhia o que usar. Para servir cachaca no balcão aquela hora da manhã, vestia-se de festa. 291

Preparara-se como se fosse viajar para Ilheus e não para aquele cude-judas.

Quando o movimento cessou, após o banho no rio, a carne-seca chamuscada e a madura graviola, saíram a andar pelo lugarejo. As raparigas espiavam das entradas das choupanas, saudavam galhofeiras. Coroca gracejou ao passar por eles na Baixa dos Sapos:

-- Se amigou, seu Fadu? Lhe dou os parabens, soube escolher. -- Voltou-se para a visitante: -- Oce e Zezinha, não é? Eu sou Jacinta, quando seu Fadu viaja pra lhe ver, sou eu que fica aqui tomando conta do cacete armado.

-- Vim so pra me despedir, tou de partida pra Sergipe. Fadul me fala sempre em vosmice, disse que vosmice vale por dez homens.

-- Bondade dele.

Percorreram Tocaia Grande de ponta a ponta, ela ficou conhecendo o velho Gerino, Merencia e Lupiscinio, Castor já conhecia: não só de vista e de conversa, também do mais. De volta ao balcão da venda, Zezinha resumiu sua opinião:

-- Tao pobre como Butia, o lugar onde nasci. So que Butia

em vez de andar pra frente, anda pra tras que nem rabo de cavalo. Se eu pudesse, ficava aqui, junto com tu.

Na manhã seguinte, após a noite em claro, Fadul despachou os tropeiros com Zezinha de caixeira, entre risos e chalacas. Quando o último comboio ganhou a estrada, o turco entregou a chave da casa e o revólver a Coroca, botou as cangalhas nos dois burros e acompanhou a rapariga ao trem de ferro na estação de Taquaras.

Calados, percorreram as leguas do caminho. Tristes como se estivessem se despedindo para sempre. Ao subir para o trem, Zezinha lhe recordou, tocando-lhe o peito com o dedo em riste:

-- Mande fazer a cacimba, não se esqueça.

Nao se preocupou em esconder as lagrimas:

-- Obrigado pelo adjutorio. --. Fez um esforco para sorrir:

-- E por tudo mais. -- Incontrolaveis, os soluços irromperam altos e doridos. O turco meteu a mao no bolso, tirou um lenço grande, de ramagens, desbotado, e o passou a Zezinha, que nele mergulhou o rosto, de pe na porta do vagao.

292

Fadul quis falar, nao pode. O trem apitou, comecou a andar, Zezinha do Butia acenava adeus com o desbotado lenço de ramagens.

12

Durvalino demonstrara ser um pe-de-boi, incansavel no trabalho e comprovadamente honesto: se afanava uma ou outra moeda para alimentar o vicio no raparigal, tratava-se de quantia tao insignificante que Fadul fingia nao se dar conta. Fora disso era um varapau mexeriqueiro e caga-regra. O rei dos apelidos, devido a altura e a lingua de badalo: Pau-de-Sebo, Vara-de-Pescar, Leva-e-Traz, Vosmice-Vai-Ver e Ja-Sabe?, assim mesmo com ponto de interrogacao na voz. Esses, os principais; havia outros, menos corriqueiros, mais poeticos: Lombriga-de-Turco, Sobejo-de-Putá, Piolho-do-Cao.

Pessoa alguma no uso do juizo tentaria disputar com Pedro Cigano a condicao de pregoeiro-mor dos sucessos ocorridos naquelas bravias comarcas, o extenso e turbulento territorio do rio das Cobras com um sem-numero de propriedades, de pontos de pernoite, arruados, lugarejos, arraiais. Oferecendo a preco vil o som de seu fole, sinal de alegria e festa, Pedro Cigano, pes de sete-leguas, palmilhava os caminhos, levando, de sitio a sitio, as ultimas informacoes, as noticias mais recentes: quem morrera e quem parira, bodega que abrira ou que fechara as portas, brigas, desordens, amigacoes, farrombas de jaguncos, invasoes de terras, matanca de indios,

vendas de rocas e fazendas, os pousos das putas, andejas como o sanfoneiro. Merecia confianca pois nao era de inventar, bastava dar desconto na extensao e no volume do enredo: apenas ao contar ele aumentava, engrandecia, com um fio de cabelo trancava um chino.

No que se refere contudo aos limites de Tocaia Grande ninguem levava a palma a Durvalino, a par do menor incidente, de qualquer bate-boca de raparigas, de passageiro desacordo de tropeiros nas partidas de ronda, no derrico dos xodos: nada ocorria em Tocaia Grande sem que Durvalino soubesse e referisse. Leva-e-Traz, diziam para designa-lo, mas a esse levar e trazer e ao habito de exagerar -- no que se parecia a Pedro Ogano --, deve293

se ainda acrescentar a mania de prever o desenvolvimento de cada assunto, anunciando o que iria suceder. Alem de Leva-e-Traz, alcunharam-no tambem de Vosmjce-Vai-Ver. Figura familiar na Baixa dos Sapos, metia-se constantemente em camisa de onze varas em consequencia de seus constas, seus estao-dizendo-por-ai, dos boatos e dos zunzuns, mas sobretudo devido as conjeturas e aos agouros. Andou levando uns pegas, umas corridas de quengas de maus bofes que se consideraram injuriadas ou caluniadas por Vara-de-Pescar, se bem, em geral, fosse recebido com agrado e curiosidade ao despontar no puteiro com ar misterioso e a pergunta habitual: ja sabe da novidade? Por Ja-Sabe? saudavam-no ao ve-lo surgir, galalau de pernas de compasso e olhos arregalados. Gracias a Durvalino, Fadul andava de grande: ja nao tinha de se levantar antes do sol para atender a saida dos tropeiros passarlhe a penosa obrigacao. Chegava ao balcao depois de aliviar a barriga, mergulhar no rio e tomar o cafe com farinha, jaba e rapadura. Pronto para ouvir, junto com o cordial "bom dia, patrao", as noticias, os comentarios e as previsoes de empregado que nao ia a

casinha, ao rio e ao fogao, antes de despejar o saco:

-- Vosmice ja sabe o que ta havendo entre Ticao e Bastiao da Rosa pro mode Diva? Todo mundo sabe...

Tambem Fadul sabia, o proprio Durvalino chamara sua atencao para o interesse com que os dois citados personagens rondavam a filha de Ambrosio e de Vanje, arrastavam-lhe a asa, a vista de todos. Com a tendencia para a jogatina caracteristica da populacao de Tocaia Grande -- a estavel e a transitoria -- ja

apostavam sobre qual dos dois levaria a melhor no torneio de agrados e cortesias pela conquista do cabaco da galante sergipana. Que Diva fosse cabaco nao cabia duvida, nem o proprio JaSabe?, lingua comprida e viperina, levantara qualquer suspeita a esse respeito: virgem ate o momento em que Castor ou Bastiao, um dos dois, lhe fizesse o servico. A opiniao publica encontrava-se evidentemente dividida ao meio a proposito do resultado da contenda, mas Durvalino tinha ponto de vista formado, nao admitia discussao, era categorico:

-- Vosmice nao acha que seu Bastiao ganha de longe? E

muita petulancia de seu Ticao pensar que Diva vai preferir um negro feio, um estupor -- aqui pra nos que ele nao me ouca -- a 294

um branco que ate parece raciado de alemao? Seu Ticao vai arrastar lata, vosmice vai ver.

-- Tu acha que Ticao e feio porque e negro mas pra tu ser negro igual a ele falta quase nada. -- Durvalino era ainda mais escuro do que a tia, mulata cor de cacau seco: -- Cor nao faz boniteza nem feiura de ninguem, tanto pode ser bonito branco ou preto. -- Baixando a voz, considerou como se falasse consigo mesmo: -- Zezinha se fosse branca nao era tao bonita... Por um fugidio instante, ele a reviu junto ao balcao servindo cachaca aos tropeiros. Logo completou, aumentando a confusao do linguarudo:

-- Pois eu aposto o dinheiro que tu me rouba como e Ticao que vai ganhar...

Durvalino engoliu o cuspo:

-- Que eu roubo? Vosmice nao diga uma coisa dessas nem por brincadeira. Esconjuro! -- Tendo esconjurado, voltou ao tema apaixonante: -- Se vosmice diz que seu Ticao vai ser o vencedor, nao sou eu que vou duvidar. Ressu e da mesma opiniao, e

maluca por ele. Cada coisa... Mas vosmice vai ver: essa pendencia acaba mal, acaba em fuzue... Vosmice vai ver!

13

Fuzues, sarilhos, barulhos -- sempre havia algum, devido as mais das vezes ao carteadado ou a desavenca por motivo de mulher. Em geral vavavas de pouca monta, nao davam para susto e comentario. Acontecia dois viventes se estranharem nas apostas do jogo de ronda ou no aconchego de uma rapariga: xingavam-se e se desafiavam, quase sempre nao passava disso, terceiros se metiam para apaziguar. Todavia registraram-se algumas situacoes delicadas, incidentes graves. O mais grave de todos se deu naquela sempre lembrada festa de Santo Antonio quando Cotinha levou um tiro na testa e morreu na hora. Outras mortes vieram aumentar as cruces no cemiterio mas apenas duas em consecuencia de emboceto no povoado: dois mateiros se empenharam em luta corporal por causa de Seba, uma sujeitinha reles, sem valia, um argaco. Pois bem, por essa piolhenta um deles acabou sangrado e enterrado as pressas, sem 295

acompanhamento, enquanto o outro desvalido sumiu no mato e dele nunca mais se soube. Tambem impunemente -- sera necessario repetir? -- um jagunco matou um ajudante de tropeiro que tentou passa-lo para tras na hora de virar a carta no baralho: jogo ou mulher, as unicas razoes, como se ve. Alem dessas covas, o cemiterio cresceu devido as cobras e a febre que grassava solta em toda a zona do cacau.

Uma padecente esticou as canelas na estrada, perto dali, sofria de barriga-d'agua, estava sendo levada para Itabuna, uma recua de

familiares sucedendo-se na tarefa de carregar a rede. Enterraram-na no povoado, depois de emotivo velorio no galpao de palha, com substancial consumo de cachaca. A sentinela atravessou a noite em continua animacao devido a solidaria presenca dos tropeiros e das putas. Na falta de padre, Fadul Abdala, pau para toda obra, encomendou o corpo com uncao e piedade, salmodiando em arabe e o fez de graca: nao cobrava servicos religiosos, o bom Deus os levaria em conta no dia do juizo.

Ocorreram outras rixas de certo vulto que por pouco nao terminam em desgraca. Assim, por exemplo, quando Valerio Cachorrao, ajudante de tropeiro de muita farromba e cachaca fraca, estando alto, resolveu tomar liberdades com a mulher de Chico Espinheira: de passagem para Taquaras, o casal pernoitava no descampado. Chico Espinheira, o proprio, aquele mesmo que fora a juri em Ilheus, no fim das lutas, acusado de ser o matador do coronel Justino Maciel e de dois capangas. O turco e o tropeiro Maninho acudiram a tempo de impedir o pior: Chico Espinheira com uma das maos segurava Valerio Cachorrao pelos gorgomilos, com a outra trabalhava devagar com a ponta do punhal. Valerio Cachorrao ficou lavado em sangue mas se safou com vida. Estando ainda Tocaia Grande em seus comecos, dois mateiros, que, alias, haviam chegado juntos dispostos a aliviar a natureza, bateram-se a faca e se feriram os dois para saber qual deles iria passar a noite com Bernarda. Tinham-na visto no armazem mas nem sequer haviam-lhe falado: se a tivessem consultado antes nao haveria briga nem facadas, pois ela estava de pacote, o balaio fechado. Correndo o risco de levar as sobras, Fadul conseguiu desapartar os violentos rivais -- rivais por que, se Bernarda nao demonstrara o menor interesse por nenhum dos

dois? Terminaram de pazes feitas quando finalmente desistiram da cabrita. Coroca lavou-lhes as feridas com alcool e consolou um deles, o outro comboiou Dalila, tambem muito apreciada devido ao exagero da taioba.

Bernarda, logo que chegara a Tocaia Grande, dera lugar a seguidas disputas, resolvidas no tapa ou na carta mais alta tirada na sorte do baralho. Mas, ao ficar patente a protecao com que a distinguiu o capitao Natario da Fonseca, a cobicada deixou de ser objeto de aposta e desafio. Podia prevalecer-se e abusar, atendendo tao-somente a quem aceitasse e decidisse receber nos dias livres que lhe sobravam para ganhar a vida. Reservava tres dias para o padrinho ao anuncio de sua proxima passagem: a vespera da chegada para com tempo e sossego preparar o acolhimento, o dia da bem-aventuranca e o seguinte. Esse ultimo para recordar em paz o principal e os detalhes, cada palavra, cada gesto, o sorriso esquivo, o abraço poderoso, a respiracao e o desmaio. Sua vida resumia-se a essas horas venturosas, passadas em rude e meiga companhia.

Ai fica o registro das desavencas mais serias, dos acidentes mais violentos, os mortos e os feridos: nao foram tantos, muita pachouchada, pouco sangue. Arruacas menores, pequenos bafafas, Fadul se cansara de por-lhes cobro no grito, impondo sua ascendencia de comerciante quando nao de credor. Ou, em ultimo caso, na porrada como ja havia sucedido. No desumano universo do cacau, Tocaia Grande se tinha ma fama era imerecida. Lugar pacifico, seguro ponto de pernoite: vista amena, algum dinheiro, pagode facil.

14

Durvalino nao se contentou em prever inevitavel sarilho em consequencia da disposicao com que Bastiao da Rosa e Castor Abduim buscavam conquistar as boas gracas da donzela Diva: marcou data e lugar para o tira-teima. Aconteceria certamente no domingo, durante o fovoco anunciado para comemorar a presenca em Tocaia Grande da mulher de Lupiscinio, cidadao merecedor. A mulher de Lupiscinio, dona Ester, deslambida, enjoada, cabide de mazelas, nao era dada a festas, nem sequer dancava. Sua 297

diversão maior consistia em conversas com os vizinhos para comentar doenças e discutir a eficiência de mezinhas estrambóticas e de rezas infalíveis.

Durante anos dona Ester recusara-se a morar em Tocaia Grande, deixando-se ficar em Taquaras enquanto o marido e filho labutavam sem descanso nos cafundos do mundo. Por fim, notando que Lupiscínio rareava as idas a estação, mandandolhe pelos tropeiros e por muito favor o necessário para as despesas, decidira vir passar uns dias com o ingrato e botar a bênção no rapazola -- um menino quando acompanhara o pai para aprender com ele o ofício de carpina. Habilidoso e aplicado, Zinho pretendia chegar a marceneiro e retificar como fazia mestre Guido:

-- Carpinteiro, virgula! Dobre a língua, sou mestre marceneiro. Dona Ester não era de dancas mas nem por isso o povo do lugar iria deixar de festeja-la. A ideia do arrasta-pe partira, alias, do negro Ticao, chegado, como por demais se sabe, a uma festinha, fosse qual fosse a natureza e o objetivo. Sobretudo naquela ocasião: aproveitaria para tirar a limpo o que lhe era cada vez mais obscuro - para qual dos dois postulantes se inclinava a preferência de Diva, se e que havia preferência. Difícil de saber tratando-se de criatura tão mutável e caprichosa: ora oferecida em riso, ora de sobrolho carregado, a cara amarrada, ar de zanga. Decidiu sozinho sobre a realização da festa, sem consultar a mais ninguém ao ver assomar no Caminho dos Burros a figura sempre bem-vinda de Pedro Cigano. Tratando-se de forro, quem iria se opor?

Ha muito Pedro Cigano deixara de ser o único e adulado sanfoneiro a animar os dancaras do povoado. Aos domingos apareciam outros, acompanhados de violeiros e de tocadores de cavaquinho e gaita. Mas ainda consideravam-no o melhor de todos, sem contestação. E, além do mais, contentava-se com qualquer agrado, não costumava exigir mundos e fundos para assumir o fole e dele retirar com os dedos habeis a dadiva da musica.

Cigano por ser nomade, hoje aqui, amanha acola, o acordeom ao ombro, distribuido entre tantos caixa-pregos, o andarilho demonstrava evidente preferencia por Tocaia Grande, sitio bonito, um refrigerio para os olhos, que ele conhecera nos antanhos, mui298

to antes da chegada do Turco Fadul. Apenas Coroca, numa choca feita com quatro palmas secas caidas de um pe de mane velho, acolhia tropeiros. Os comboios mal comecavam a abrir a trilha na mata para reduzir o tempo e as leguas da jornada. Nas idas e vindas, Pedro Cigano assistira ao crescimento do lugar, as choupanas na Baixa dos Sapos, a carreira de casas no Caminho dos Burros, o deposito de cacau, o armazem do turco, o galpao de palha, o curral e a oficina. Jamais imaginou porem que haveria de ver rocados crescendo na outra margem do rio, olaria de telhas e tijolos, casa de farinha, bichos de criacao se multiplicando, soltos no descampado. A casa do Capitao, essa nao o surpreendeu pois sempre o ouvira afirmar que mais dia menos dia viria viver ali, com a familia. A acreditar no que diziam a boca pequena e a socapa -- ninguem era tao doido de falar certas coisas em voz alta --, o Capitao chegara antes de todos, antes mesmo de ter patente e roca, quando nao passava de um jagunco a frente de jaguncos, tendo a morte por servico e companheira. Naqueles idos, conversando com Coroca, Bernarda colocara Pedro Cigano no rol dos homens bonitos de Tocaia Grande; ele, Fadul, Bastiao da Rosa e o proprio Capitao. Nao figurava o nome de Castor Abduim, pois o ferreiro ainda nao dera as caras por ali. A fama de bonito nao lhe adviera apenas da lembranca da moleca, muitas outras quengas corroboravam na mesma opiniao: era extensa a lista de xodos do sanfoneiro, rabichos espalhados na vastidao do rio das Cobras, onde quer que existisse meia duzia de barracos, putas exercendo o oficio, avidez de carinho, solidao. **15**

No balcao do turco, Pedro Cigano soube incontinenti pela boca do caixeiro Durvalino da acirrada contenda que opunha o negro Ticao ao loiro Bastiao da Rosa -- Bastiao da Rosa, recordou-se, figurava na

lista de Bernarda -- e do provavel desfecho tragico previsto por Vosmice-Vai-Ver.

Pedro Cigano levava um tempao sem vir a Tocaia Grande, animando forros durante uma Santa Missao em Lagoa Seca, Corta-Mao e Itapira: tinha um frade alemao, porreta no arrazoado 299

das penas do inferno e na esganacao, nao havia comida que lhe desse abasto, para fazer-lhe frente so mesmo o padre Afonso, se lembra dele? Apontou para a construcao na outra margem do rio, quase pronta:

-- Aquilo ali, o que e?

-- A casa de farinha de Ambrosio e Ze dos Santos. -- Esclareceu Fadul: -- Vai ter farinha de fartura.

-- Quem ta fazendo e seu Bastiao. -- Acrescentou Durvalino: -- Passa la o dia inteiro, perto dela... De Diva... Pra mim, seu Ticao ja caiu da sela, se estrombicou...

Pedro Cigano nao tornou partido, estava entretido avaliando o crescimento do povoado:

-- Sim senhor, quem houvera de dizer... -- estendeu o copo vazio na esperanca de nova dose, afinal fazia um ror de tempo que nao conversava com o amigo Fadul.

-- Comecou a ter cacau... -- disse o turco medindo a contragosto mais uma talagada no gratuites e explicando o que um e outro estavam cansados de saber.

-- Louva Deus! -- Brindou o fura-mundo.

Uma alcateia de moleques passou diante da porta, correndo, levantando poeira, a frente uma garota dando nomes: filhos da

puta, punheteiros, xibungos. Apontando-a, o músico quis saber quem era.

-- A filha de Altamirando, Cao. E esquecida da cabeça. Vive na gandaia com os meninos, não demora a pegar barriga. --

Previu Fadul.

Pedro Cigano acompanhou o olhar de Durvalino no rastro dos vadios. Não só de comentar a vida alheia se ocupava o caixeiro, sorriu o rei do fole, divertido. A menina, de volta, para escapar a perseguição, varou armazem adentro, parou junto ao turco, esbaforida. Nos rasgos do andrajo que vestia, exibia-se a pujança do corpo adolescente.

-- Não deixe eles me pegar, seu Fadu. Tão querendo abusar de mim.

No lado de fora, arfantes, Nando, Edu e seu irmão Peba, de onze anos, filho do Capitão mas não de Zilda, mãe apenas de criação, aguardavam. Certos de que ela retomaria a provoca-los após beber a água da cacimba que Lombriga-de-Turco lhe servia num copo ainda sujo de cachaca. Mas ao ver Pedro Cigano, Cao 300

menosprezou as brincadeiras de picula e cabra-cega, olhou com desdém os moleques lá fora, a espera. No armazem encontrava-se entre homens, um ainda jovem mas os outros dois curtidos pela vida. Sentou-se no chão, à la godaca, mostrou a língua para os meninos, bateu a mão no braço no gesto insultuoso de lhes dar bananas e os esqueceu. As pernas estiradas, o riso extravasando na boca semi-aberta, feliz da vida:

-- Vai ter dança? A coisa que eu mais gosto é de dançar. **16**

Taramela desatada, Durvalino comentava sem parar o embeleco que opunha Ticao a Bastião da Rosa, discutia as perspectivas dos pretendentes, fazia previsões, não aceitava apostas por falta de numerário. Mas, calava-se surdo e mudo, se por acaso ouvia alguma

referencia acerca de quem comeria, sem duvida muito em breve, os expostos tres vintens da maluqueta Cao. Sendo ele proprio candidato, nas encolhas mas nem por isso menos atuante, preferia nao abordar o assunto. Nesse arriscado assunto de mulher, deixava espalhafato e bolodorio para os demais, os que se compraziam em contar vantagem. No seu calado, sem arrotar servicos, ia tracando as putas mais conceituadas, hoje uma, amanha

outra. No caso de Cao, donzela e lesa, sobravam concorrentes, fogosos e exibidos. Na moita, Durvalino. Nao levava em conta Edu e Nando, ainda menos Peba, faltava-lhes competencia. No cansaco das correrias, nao iam alem de apertos, apalpadelas, corpos encostados: quando queriam suspender-lhe a saia, Cao escapava. O fato de agirem juntos tomava impossivel maiores consequencias e os moleques, no fundo da alma, preferiam as eguas e as mulas, as viciadas: habituais na maioria das tropas que pernoitavam em Tocaia Grande. Edu e Nando conheciam todas elas e se sobrevinha um comboio novo, logo descobriam as afeitadas ao trato dos homens. Tinham faro, jamais se enganavam.

Os verdadeiros concorrentes eram outros, rapazes que estavam atingindo a idade adulta, ja frequentavam raparigas e so

recorriam as mulas em caso extremo. Dois deles, sobretudo, preocupavam Durvalino e interessavam a Cao, que os incentivava

301

tanto quanto ao caixeiro, O sergipano Aurelio, alta estatura, estabanado, ultimamente entregue ao aprendizado do cavaquinho. Zinho, antigo no lugar, sempre limpo e arrumado, maneiroso, discreto, pouco dado a estripulias. Qual deles, o afortunado?

Somente Deus que a fizera assim, doidinha, poderia dizer se Cao sentia realmente atracao por qualquer deles. Por certo nao desdenhava de nenhum, nem mesmo dos meninos. Tolos, ignorantes, mal-servidos -- so conseguiam vence-la na corrida

quando ela permitia -- os meninos, apesar de tudo, ajudavam a passar o tempo e lhe acendiam o fogo. Quanto aos tres chibantes que a pastoreavam e buscavam derruba-la nas sombras das matas ou nos esconsos do rio, Zinho, Aurelio e Durvalino, ela os mantinha na agonia, com agua na boca e o pau na mao. Deixava-se tocar ora por um ora por outro, permitindo-lhes colocar-lhe a rola nas coxas ou no vao da bunda, descer a mao do peito para o pentelho crespo, mas quando tentavam abrir-lhe as pernas, sempre encontrava jeito de fugir. Se fosse dado a alguem adivinhar seu pensamento, ficaria sabendo que atracao, desejo veemente e sofrego, ela sentia nao por um unico varao, mas pela singular especie dos pais-d'egua. Nem meninos, nem frangotes: homens maduros, machos, garanhoes. Escondida atras das arvores acontecia-lhe ver Fadul e Castor mijando, apreciar as estrovengas. Numa das vezes pode compara-las: os dois estavam juntos e conversavam. A de seu Fadu --

ai Jesus! -- um espanto, parecia de jumento. A de Castor -- ave Maria! --, uma acha de ticao, dai o apelido, so podia ser. Para aqueles, sim, ela abria as pernas na hora que quisessem. Tambem para o sanfoneiro, bonito como o Cao. **17**

O reino de Iemanja e o oceano, sao as aguas salgadas e bravias, mundo sem porteiras: comparada com o mar, a terra e um pedacinho. Castor Abduim, fugindo da morte decretada, embarcara num veleiro no porto da Bahia. Durante a noite enxergou a mao de Janaina no clario da lua, apagando o rastro de seu passo perseguido. A cabeleira de espuma no vaivem das ondas, os olhos

302

candentes no ceu de estrelas e, no ventre de prata, o cortejo dos afogados. Noivos que ela elegera entre os barqueiros, os pescadores, os marinheiros mais valentes. Iam com ela para as nupcias no leito do fundo do mar, as terras de Aioca. Iemanja tem dois semblantes, verso e anverso, a face do nascimento e o perfil da morte. Castor navegou para a liberdade nas aguas que fluiam de

seus seios: condenado a morrer, ela lhe preservou a vida: mãe e esposa.

Ao chegar a Ilheus, pai Arolu indicou-lhe a praia onde ficava a morada de Iemanjá, uma gruta sobre as rochas, penetrada pelas ondas. Ele lhe levou um ebo de galantezas: frasco de cheiro, sabonete, um lenço azul para os cabelos. Dona do mar, senhora das tempestades, que viera ela fazer nos estreitos limites daquele rio de águas placidas? O negro Castor Abduim da Assunção, filho de Xango, com uma banda de Oxala e outra de Oxossi, gravava a fogo no metal branco, com primitivos instrumentos de trabalho, dando forma e vida a sereia no centro do abebe. O leque de Iemanjá e de prata, de ouro o de Oxum, não havendo prata e ouro, um e moldado em metal branco, o outro, em amarelo. As formosas os utilizam na festa dos encantados quando vem dançar no meio do povo. Tica queria colocar o abebe entre os fetiches do peji: quem sabe, assentada na oficina, ela abandonasse acoitamentos e desvaos para tomar na mão o leque sem igual e acender na forja a aurora e a alegria. Vindo do rio, afluente de seu reino, ali Oxum se proclamara e fora soberana, ocupara a rede de dormir e de sonhar. Mas Oxum, como sabemos nos da seita, ekedes ou ogans, e elegância e sedução, capricho e orgulho, leviano coração. Não se dá de companheira e sim de amante: o tempo das amantes é tumultuado e curto. Epifania partira levando o abebe dourado, Atina Penada a acompanhara durante um trecho do caminho. Agora o cao cercava Diva quando ela se mostrava e se escondia atrás das árvores. Fazia-lhe festas, abanando o rabo, e ela lhe dava restos de comida enrolados em folhas de mandioca.

Iemanjá de Sergipe, dona das praias de coqueiros e da alvura das salinas, a doce Inae. Mãe e esposa, feita para a prenhez e o parto, Iemanjá significa fecundação e permanência. Foi ela quem pariu os encantados quando se entregou a Aganju no começo dos tempos, no princípio do mundo. Ele, Castor Abduim da Assun303

cao nascera filho de escravos e se fizera negro forro e safo, homem livre, sem amo e sem patroa; protegido de Oxala, tinha o desejo de um filho, ao menos um: com Alma Penada nao bastava. Nao aprendera o medo nem mesmo quando os capoeiras o buscavam para mata-lo por ordem do Senhor Barao. Nao sabia o que fosse a timidez, se mostrava como o sol se mostra, impulsivo e ardente. Assim proclamavam as mulheres, expondo-o na berlinda em rodas de prosa e de enredo: Castor Abduim, capeta reinador. Muito ao contrario, diante de Diva parecia outro, nao era o mesmo Ticao, risonho ferrador de burros, mestre ferreiro de mao destra, sedutor de raparigas, mucamas e fidalgas, a cujo desassombro as encantadas se rendiam, submissas. Vitima de mauolhado andava zozzo o adulado Principe de Ebano, o disputado ticao aceso. Doente de banzo, perdera a graca e o impeto. Iemanja viera do mar para dar-lhe medida diferente, faze-lo medroso e timido, acovardado. Cade a coragem de ir busca-la, toma-la pelo pulso e traze-la cativa? Onde seu riso aberto, sua frase direta, o sol de sua cara larga, de narinas fortes e beicos grossos, de olhos daniscos? O que se passa com o negro Castor Abduim da Assuncao, atacado de banzo, rastejando aos pes de uma branca? Branca? Tinha cabelos longos e cutis palida; no engenho, em Santo Amam, seria mulata-branca.

A sereia nadava entre as ondas sob um ceu de estrelas. Castor cinzelou ainda -- seu cinzel era um prego caibral -- a lua minguante, pois a lua comanda o mar na ausencia de Janaina. Estava pronto o abebe onde ela se mirar e se reconhecer. Nao, nao podia continuar naquela apatia, um frouxo, um pamonha, embeicado, perdendo tempo em namoro de caboclo, de olhares fugidios e adivinhadas intencoes. Tinha de voltar a ser o negro voluntarioso, altaneiro e ufano, o quanto antes. Nao fora para rojar-se assim banzeiro que pusera cornos no Barao, senhor de engenho, regulo da vida e da morte, que prevalecera no leito de madama, na esteira da comborca, e por fim lhe quebrara a cara. Nao fora para render-se de mao beijada a uma branquela, barata descascada, aquela que desejava para mae de seus filhos, avo de seus netos, dona de sua casa. Precisa fazer um despacho para Omolu, o velho, tambem

conhecido por Obaluaie, pai do banzo e da bexiga, da maleita e da febre sem nome, para que ele lhe restitua a saude e a forca. Aproveitaria para dar comida as ca304

becas, aos seus santos protetores, Xango, seu pai, Oxossi e Oxala. Para curar-se do banzo, do olhado, do quebranto. Para mais nada.

Bastiao da Rosa dirigia a construcao da casa de farinha, ficava o dia inteiro ao pe de Diva. Ao que constava e se dizia, tornara-se intimo da familia, adulava os velhos, confraternizava com Jaoze, Agnaldo e Aurelio, eram vistos juntos na bodega de Fadul. Contenda dificil, aperreio fuxicado: Ticao soubera das apostas e dos pressagios. Apenas, no seu duro orgulho, nao desejava competir, usar de artimanhas, adular parentes. Queria te-la, sim, e para sempre. Mas somente se ela quisesse vir pelos proprios pes, se assim lhe ordenasse o coracao. Nao recorreria aos encantados para que ela se decidisse a gostar dele e a ele se entregar em razao de sortilegio, de coisa feita. Esse era um assunto dele, Castor Abduim da Assuncao, e nao dos orixas. No abebe, Iemanja resplandecia: olhar o rabo da sereia era ver o rabistel da sergipana.

18

Despachados os tropeiros, no meio da noite, Ticao foi acordar o passarinho Dodo Peroba no Caminho dos Burros, sozinho nao daria conta do recado. Alma Penada abria a marcha para a mata mas Oferecida deixara-se ficar junto a forja, pejada da segunda barriga. Da primeira desovara sete cachorrinhos. Mae extremosa, desesperava-se ao separar-se das crias que terminaram espalhadas nos quatro cantos do povoado. Um casal com Merencia e Ze Luiz, outro no rocado de Altamirando, os tres restantes presenteados ao vaqueiro Lirio, responsavel pelo curral, a Zinho e a Edu. Como se a este ultimo nao bastasse a matula de cachorros e gatos que Zilda trouxera na bagagem. Com a mudanca da familia para Tocaia Grande, Edu, continuando a trabalhar na oficina, voltara a residir com os pais.

O sol ainda não dera sinal de vida e já Ticao e Dodo tinham descarregado em casa do negro o resultado da cacada: uma paca grande e gorda, devia pesar seus bons dez quilos, duas cutias e um teiu, abatidos enquanto vasculhavam o mato em busca de um cagado para Xango. Trouxeram também meia dúzia de catassois, 305

os igbins, bois de Oxala. Dodo Peroba voltou para apanhar os passarinhos: deixara as arapucas armadas nos galhos das árvores, se não se apressasse, Edu e Nando fariam a feira às suas custas. Na ausência de Ticao, Ressu, iia basse, cozinheira dos orixas, iniciara os trabalhos, pondo a ferver nas panelas de barro o inhame e o milho branco, cortando os quiabos para o amala; no fogo, sobre um pedaço de flandre, saltavam as pipocas, os doburus de Obaluaie. Na véspera, Castor batera palmas na porta da choca de Ressu e quando a rapariga atendeu na esperança de um miche, ele a saudou invocando o santo: Eparrei! Requisitou seus prestimos: Ressu era cavalo de Iansan, feita num barco de iaios no candomble da Casa Branca, mocinha na Bahia. Ressu colocara no pescoco as contas de cor vermelho-escura e trouxera o alfanje e o erukere de rabo de cavalo.

Tendo arriado a caca, o negro atravessou o rio, dirigiu-se ao rogado de Altamirando: o porco era indispensável por ser a comida predileta de Omolu. O sertanejo acabara de acordar, ficou surpreso: Ticao cacava queixadas, caititus, porcos-espinhos, para que havia de querer um bicho de chiqueiro? Preciso dele vivo, explicou Ticao. Passara a noite a rondar as armadilhas, inutilmente. Além da paca, apenas uma surucucu-apaga-fogo caíra nas armadilhas, de porco-do-mato nem vestígio.

-- Um leitão lhe faz as vezes? Grande, não tenho. Sangrei o derradeiro sábado passado.

Servia: nem por novo e pequeno leitão deixa de ser da raça dos suínos. Altamirando recusou-se a receber a paga: e os pesos de caca

salgada que Cao trazia para casa, mandados de presente por Ticao? Sem esquecer que ainda lhe devia um resto de dinheiro das facas de mato feitas a mao, e a credito, pelo ferreiro.

-- Leve o bacorinho, depois a gente acerta.

Nos lados do rio, o ceu vermelho anunciava o sol. Os tropeiros ainda dormiam. **19**

Para evitar desordem e abusao, comecaram por servir cachaca a Exu. La estava ele no peji, o pequeno Exu de ferro, o homem das encruzilhadas, o arteiro compadre, a estrovenga maior 306

do que as pernas. A seguir, para adiantar o preparo das comidas, cortaram a cabeça do cagado -- bicho mais difícil de morrer não há: na panela, os pedacos ainda estrebuchavam e se moviam como se a vida neles perdurasse. Enquanto ativava o fogo, Ressu, sem se voltar, perguntou:

-- Ebo de simpatia? Nunca vi tao grande.

-- De saude.

-- Tu ta doente? Desde quando?

-- Bem-querer tambem e doenca, so que nao se ve. Amolece com o corpo do vivente, pior que banzo. Um quebranto, sabe como e?

-- Nao vou saber? Ja tive e dos ruins. Parece olhado mas e

pior: a criatura perde a vontade de viver.

Ainda assim sua curiosidade nao estava satisfeita:

-- O porco e pra Omolu, ta certo. Mas pra que essa porcao de bichos diferentes?

-- Obrigacao que tou devendo as cabeças, faz tempo. Acho que e por isso que ando frouxo desse jeito...

-- Frouxo? Tu? -- Riu debochada.

Ticao deu-lhe pressa:

-- Vamos, antes que o dia clareie.

Ela abanou o fogo sob as latas e as panelas: carne de cagado demora tempo a cozinhar. Juntou-se a Ticao e foram para o fundo da casa, ele levava a faca de ponta e uma cuia feita de casca de coco. Ressu segurou as patas do leitao, Ticao o sangrou. Quando o sangue espirrou, vermelho e quente, o negro aproximou a boca do pescoco do animal e sorveu a vida. Com gana e avidez. Depois foi a vez de Ressu. Por fim, encheram a cuia para a obrigacao dos santos.

Cantaram as cantigas de Omolu. Batendo palmas com as maos do ritmo do opanije, dancaram as dancas do orixa: as do enfermo, curvado, alquebrado, comido pela bexiga negra; as do curandeiro, salvando o povo da peste e da caruara, derrotando a morte. Ticao, tocando o chao com a testa, saudou e ofereceu o sacrificio, o ebo de sangue, suplicando a Obaluaie forcas para vencer o quebranto e o mau-olhado que lhe calavam a boca e amarravam os bracos, que o sufocavam. A comida foi servida em latas e em pratos de flandre: para cada um dos orixas sua iguaria propria, ainda fumegante. Atoto, 307

Omolu! Para o mediador da doenca e da saude, o porco e as pipocas. Oke, Oxossi! -- rei de Quetu, dono da floresta, cacador: serviram-lhe da paca, do teiu e das cutias. Para Xango, senhor do raio e do trovao, o cagado e o amala: kwo-kabiessi! E para Oxala, orixa nla, grande orixa, o pai de todos -- a meia duzia de caracois, os igbins daquele mato, alem do inhame e do milho, tudo sem sal como ele exige e lhe convem. Os pratos olorosos no peji, diante dos fetiches de palha, de ferro, de madeira e de metal: o xaxara de

Omolu, o arco-e-flecha de Oxossi, o martelo de duas cabeças de Xango, o paxoro de Oxala.

Ouviu-se então o clarão do raio e o ronco do trovão, o estrugir da sucuarana e da onça-preta. As apagadas estrelas novamente se acenderam num céu vermelho, cor de sangue. Iansan chegou numa nuvem negra, montou o seu cavalo, empunhou o alfanje e o erukere, lançou o grito de guerra, dançou a dança de combate e de vitória, prendeu Ticao contra o seio, expulsou os eguns que o rondavam, limpou-lhe o corpo dos malefícios. Um atimo, não mais: Ressu voltou a calçar chinelas

Estava Castor Abduim defendido pelos sete lados, todos os caminhos abertos a seu passo.

20

Melados de sangue da cabeça aos pés, foram se banhar no rio, levando um peso de sabão. No caminho, Ressu contou:

-- Tao dizendo por aí que Bastiao tá caindo a casa pra festa.

-- Que festa?

-- Quer dizer... o dia que ela resolver se amigar com ele. Mas, no meu parecer, não vai chegar pro bico dele. Agora, então... --
Acreditava no poder dos encantados, na força dos ebos.

Lavaram-se com sabão, limparam a carapaca do cagado, Ticao prometeu, agradecendo a ajuda:

-- Vou fazer com ela uma cuia para o ce guardas suas contas. Espadanaram água, mergulharam juntos, os corpos se tocaram e, ao raiar do sol, se entregaram a boa brincadeira: ninguém e

de ferro e qualquer fagulha acende um fogareu. Ele com o pensamento em Diva, não lhe saía da cabeça; ela, sem subentendido, pelo prazer, unicamente. Não era a primeira vez, já tinha acontecido, apenas fora na rede e não ali, na correnteza do rio.

-- So se ela for tola... -- murmurou Ressu.

Voltaram a oficina para salgar a carne, separaram pedacos para os amigos: o turco, Coroca, Altamirando, o velho Gerino e outros mais: Ticao nascera presenteador.

-- Vai levar para sia Vanje? -- Provocou Ressu.

-- Leve oce, se quiser. Eu, não. Tem coisas que a gente não pode comprar nem com dinheiro nem com prenda. Bem-querer não é mercadoria.

Da porta da oficina, quando Ressu se retirou, o negro Castor Abduim, restaurado em sua medida certa, lançou a vista para a margem oposta onde vivia a disgramada. Estava decidido: iria ao seu encontro de peito aberto e, por bem ou por mal, toma-la-ia nos braços para derruba-la na rede e lhe mostrar o valor de um negro apaixonado. Chegara a hora de por ponto final naquele namoro de caboclo, sem pes e sem cabeça. Antes que o branco de olho azul tomasse a frente e lhe passasse a perna. Atoto, Omolu, pai de banzo e da bexiga negra, da força e da saúde, atoto, meu pai Obaluaie!

21

Castor Abduim atravessou para a outra margem: em breve não mais cruzaria sobre as pedras, molhando os pes na correnteza. Contratados pelo coronel Robustiano de Araujo, mateiros derrubavam árvores, serravam troncos que Guido, Lupiscinio e os rapa-tabuas transformariam em toros e pranchas para o projetado pontilhão. O Coronel duvidara que os dois mestres de carpintaria pudessem realizar obra de tal monta, alvitara a possibilidade de

mandar vir oficiais habilitados de Itabuna. Lupiscinio, um dos construtores do deposito de cacau e do curral, ficou magoado com a proposta: afinal o Coronel conhecia-lhe de sobejo a competencia.

-- Ponha os cobres, Coronel, deixe o resto com a gente. O fazendeiro pusera os cobres, o capitao Natario da Fonseca 309

tambem entrara com algum, em breve a travessia do rio seria feita com toda a seguranca, na maciota. Um ano atras, quando os sergipanos ali desembocaram, quem poderia imaginar esses progressos de pontilhao e casa de farinha?

No que se refere a casa de farinha, a construcao chegava ao fim. Bastiao da Rosa comandava dois serventes, concluindo paredes; Lupiscinio e o filho, Arturzinho, torneavam a prensa quase pronta. Havia uma azafama de mulheres em derredor da obra: Vanje e suas noras, sia Clara, mulher de Ze dos Santos e filhas

-- a casa de farinha se elevava na divisa das tarefas de terra cultivadas pelas duas familias. O rogado e as criacoes de Altamirando ficavam um pouco mais alem. Mas Cao e sua mae, Das Dores, tambem vinham ajudar. Cao queria que Zinho lhe ensinasse a manejar a plaina, Zinho esperava lhe ensinar o manejo de instrumento mais maneiro. As mulheres carregavam pedras, preparavam comida, trocavam ditos e sorrisos com os homens. Castor nao enxergou Diva no meio do rebulico, onde estaria ela Na lavoura, havia de ser. O negro sentou-se no chao, saudou a confraria:

-- Bastardes a todos.

A velha Vanje aproximou-se:

-- Deus lhe de boa tarde, seu Ticao. Ressu trouxe pra gente um quarto de paca, diz-que oce cacou. Deus que lhe de em dobro

-- Apontou a construçao: -- Ta vendo? Nao vai demorar nos fazer farinha e nao ter mais precisao de trazer de fora. Na primeira fornada, vou mandar uns beijus .pra oce.

Tambem Bastiao da Rosa, maos e peito sujos de cal, veio conversar.

_ -- A primeira casa de pedra e cal que fiz aqui foi a sua, se lembra? Aqui, ja levantei casa de tijolo, de madeira, de barro ate

de palha. Fiz barcaca, estufa, curral, o diabo a quatro. Nessas bandas a gente tem que saber de um tudo, o oficio so nao chega. Acabando essa empreitada, vou virar carpina, vou ajudar no pontilhao.

Era bem falante e cativava quem com ele tratasse, homem ou mulher:

-- Depois que a gente terminar o pontilhao, quero fazer a casa nova de dona Vanje. Pra tirar ela do buraco onde ta morando. Nao e mesmo, minha velha?

310

Riram-se os dois, a velha e o mestre pedreiro ao anuncio do projeto. Bastiao da Rosa puxou Vanje para junto de si e a abraçou:

-- Gente boa ta aqui, Ticao.

Um finorio, Bastiao da Rosa, ladino como ele so. De olhoas azuis, cabelos loiros, igual a um gringo. E dai? Nem por isso, Ticao iria desistir, meter o rabo entre as pernas e cair fora. Dispunha-se a perguntar por Diva quando deu com ela quase a sua frente, carregando uma pedra na cabeca: sustentava-a com as maos. Suada, o rosto esfogueado, ainda mais bonita! Ao ver Castor, estancou o passo e sorriu. Ticao levantou-se na intencao de ajuda-la.

-- Precisa nao.

Descarregou a pedra junto a obra, limpou o suor com as costas da mao, veio para onde o negro estava:

-- Oce por aqui? E novidade. -- Arrodiou-se a seu lado.

-- Vim pra lhe ver. Fiz um abebe pra lhe dar.

-- Que e que e?

-- E o leque de iemanja. Nunca ouviu falar?

Nunca. Ouvia pela primeira vez e nao sabia o que fosse. Seus santos eram outros, os santos da Igreja, desembarcados da Europa na proa das caravelas. Em Sergipe misturavam-se nos engenhos e nos canaviais com os deuses de Ticao, chegados da Africa no porao dos navios negreiros. Diva porem pouco sabia dessas transas e misterios.

-- Leque... Nunca tive.

Um leque de verdade, semelhante aqueles que as senhoras ajoelhadas nos genuflexorios exibiam com graca e elegancia nas missas dominicais em Maroim? Tivera abanos de palha, numerosos: serviam para aliviar o calor do rosto e para aviventar o fogo.

-- Cade?

-- Ta na oficina. Pode ir buscar na hora que quiser. Diva levantou os olhos para o negro, pensativa. Nao lhe escapava -- e como poderia lhe escapar a nao ser que fosse burra e tola alem de todas as medidas -- o interesse de Ticao e de Bastiao da Rosa, um e outro a ronda-la, pisando em cima de seus passos, esbanjando olhares e sorrisos. Mestre Bastiao nao dava treguas, sempre as voltas com Vanje e com Ambrosio, almocando na obra todos os dias, elogiando tempero e passadio, indo com os homens 311

nos fins de tarde conversar fiado no cacete armado, bebericar cachaca, como se ja fosse da familia. Ticao ficava a espiar de longe, a puxar conversa quando a via brincando com Alma Penada nas proximidades da ferraria, aparecendo no rio na hora em ela se banhava.

-- Quer que eu va buscar na oficina?

-- Oce sabe que so entrou la no dia que chegou e mais? Ate parece que tem medo.

-- Medo de que? -- Desatou a rir, o mesmo riso estabonado do dia em que confundira o negro Castor Abduim com o Turco Fadul Abdala: -- Hoje mesmo vou buscar.

22

Ao cair da tarde, Diva cumpriu o prometido. Parou na porta da tenda do ferreiro, olhou para dentro, a forja estava acesa mas de Castor nem rastro nem noticia. Deu um passo a frente, entrou, espiou em torno, viu o peji. Na distante tarde da chegada, nao reparara em nada alem do negro de torso nu, a pele sebosa do porco-do-mato pendente da cintura.

Quatro pratos com comida, pecas de ferro, de madeira, de palha e de metal, feiticaria. Olhava fascinada. Inesperadamente sentiu o mesmo cheiro forte e penetrante que a envolvera na rede, na noite unica, sem igual e sem comparacao, em que embarcou no paquete da lua e seu corpo sangrou. Soube, antes de te-lo visto, que ele acabara de chegar. Voltou-se lentamente: Castor, um riso so, falou:

-- Oce ta em sua casa.

Que queria ele dizer com isso? Diva nao perguntou, cade coragem? Ticao andou para um canto entre as paredes onde estavam dispostos aqueles estranhos, deslumbrantes objetos. Curvou-se

reverente, com as pontas dos dedos da mão direita tocou a terra antes de estender-se de brucos no chão para beijar a pedra na cerimônia do ica. Levantou-se e tomando de uma das pedras, nova em folha, reluzente, dirigiu-se para Diva. Ela sentia-se simultaneamente ansiosa e assustada, envolta numa atmosfera de misterioso bruxaria. Estendeu a mão, a medo, Castor lhe entregou o abebe: nos olhos 312

do ferreiro brilhava uma luz forte e vermelha, luz ou chama, brasa ardente. A voz em um sopro grave e abafado:

-- A sereia e Iemanjá, quer dizer, e tu.

Diva enxergou seu rosto refletido no espelho do metal. Atentando na figura nele gravada, ela se reconheceu, ou melhor, se adivinhou: os cabelos, o busto e o rabiosque. Sorriu, baixou os olhos, esperou que ele prosseguisse e finalmente pronunciasse as palavras longamente esperadas.

No silêncio, os braços a prenderam e apertaram com violência, a valentona e de surpresa. Em vez de abrir-se nas maviotas palavras que ela aguardava e queria ouvir, a boca de Castor, num arreganho de beicos, língua e dentes, cobriu seus lábios, fechou-se sobre eles, avida e feroz, esmagando-os. Ela o estranhou e teve medo, um medo atroz. Ficou fria e insensível, morta por dentro. Em lugar de carinho e ternura, a brutalidade e a prepotência. Num esforço desmedido, separou-se dele e antes que o malvado tentasse retomá-la nos braços, fora de si, assentou-lhe a mão na cara:

-- Não se assunta? -- Disse e saiu correndo.

Ticão ficou de tal maneira perplexo, atoleimado, que a deixou partir sem dizer palavra, sem intentar um gesto para rete-la. Sequer notou, atônito e derrotado, que, após atravessar a porta, a pouca distância, ela susteve a fuga e por um instante, longo toda vida, esperou por ele: o cheiro de Castor entupia-lhe as ventas, impregnado em seu corpo, circulando em suas veias. Mas ele não a

viu: cego de raiva, imobilizado pelo despeito, a mão escura posta sobre a face que sangrava. Somente ao chegar em casa, tremula e desarvorada, Diva se deu conta de que levava na mão o leque de metal que Castor moldara e cinzelara para lhe oferecer. Arma de que se servira na hora fatal do desencontro, o abebe de Iemanjá, Iemanjá tem dois semblantes, afirmam os marítimos no porto da Bahia: a doce face da bonança, o agrio perfil da tempestade.

23

Apesar de dona Ester não haver comparecido ao arrasta-pe

comemorativo de sua grata presença em Tocaia Grande, sucesso
313

absoluto coroou a feliz iniciativa. Veterano do lugar, Pedro Cigano, rei do fole, não se recordava de festa assim tão animada e tão pacata. Para começar, o violento confronto entre Castor Abduim e Bastião da Rosa, previsto e anunciado por Durvalino VosmiceVai-Ver, não aconteceu. Castor e Bastião não só conversaram amigavelmente como beberam juntos, brindando com Lupiscínio, marido da homenageada.

Para compensar, o caixeiro viu reafirmada sua outra previsão: ficara claro e patente, a quem quisesse observar e concluir, para qual dos dois arrasta-asas se inclinava a preferência da sergipana Diva. Pimpona nos seus recém-completados quinze anos, desfizera as tranças e prendera os desatados cabelos com uma larga fita cor-de-rosa, a mesma largura e a mesma cor da que lhe rodeava na cintura o vestido de chitão, saia de babados; corpete de jabo, feito por dona Natalina. Uma graça.

Quem é essa dona Natalina cujo nome ainda não se viu inscrito no relato de Tocaia Grande e que agora surge em plena festa: de quem se trata, de onde saiu? Pois se trata da viúva de João Medeiros, alagoano de pouca conversa que fora administrador da Fazenda do Bom Retiro e morrerá em recente tocaia montada não se sabe por

quem nem por que motivo. Idosa demais, para fazer a vida, sabendo costurar e sendo proprietária de uma máquina Singer de mão, veio parar em Tocaia Grande onde optou pela profissão de modista. Tantas novidades ocorreram no povoado que algumas passai despercebidas: no caso de dona Natalina, além de um erro, cometeu-se uma injustiça.

Para o negro Ticao a preferência de Diva já não era aquele obscuro enigma de suas cogitações anteriores quando buscava explicar os motivos e as posturas da moça de Maroim. Para ele tudo se tomara evidente no momento em que a tentara beijar e ela, demonstrando repulsa e nojo, o agredira com o abebe. alcançando-o no rosto. A cicatriz na face -- que é isso, Ticao, andou se ferindo em algum espinho venenoso? -- não era nada se a fossem comparar a chaga aberta na caixa do peito, doendo e sangrando, fazendo-o penar como um cão danado. Ademais não a admitia exposta, quem o olhasse não suspeitaria quanto estava sofrendo, pois simulava ser o mesmo negro risonho e vadio de sempre, perene alegria, altaneiro e volúvel coração. No fôco de dona Ester -- tenho um abuso medonho desses 314

blefores, explicou dona Ester quando Pedro Cigano lhe transmitiu a notícia e o convite, e lá não piso nem amarrada -- não houve ninguém mais animado do que o ferreiro Castor Abduim. Dele tinha partido a ideia da festa e a queria ver pegando fogo. Dancou sem parar durante a noite inteira, não perdeu uma polca, uma mazurca, um coco, um xote e comandou o esplendor de uma quadrilha. O outro parecia um gringo mas quem pronunciava "balance"

e "anavantu", em língua das estrangeiras, era ele, de boca cheia. Aprendera a falar europeu e exibir ademanos no colchão de plumas, nos lençóis de cetim de Madame La Barone, essa sim uma branca cor de leite, loira cor de mel.

Começou por convidar Zilda para um xote. Ela viera acompanhada dos oito filhos, os cinco que parira e os três de criação. O

ultimo, afilhado do coronel Boaventura Andrade e de dona Ernestina, corria solto no galpao, mas as meninas, duas de dez anos --

tao parecidas nem que fossem gêmeas, apesar de uma nao ser dela --, a outra de nove incompletos, nao recusavam cavalheiros. O

Capitao andava pela Atalaia: a safra comecara, ele dirigia os trabalhos da colheita. Por isso mesmo, Zilda nao ficou ate o fim. Arrebanhou as meninas e os mais pequenos -- Edu e Peba recusaram-se a acompanha-la -- e se mandou da festa. Com Zilda abriu a danca mas nao dispensou nenhuma das presentes, moça ou rapariga. Volteou na sala, eximio e incansavel, com Merencia e com Ressu, com as tres filhas de Ze dos Santos, com Cao e com Bernarda que nao largava a cria nem para polcar, com Dinora e Lia, bem casadas, e com as putas todas, sem excetuar qualquer que fosse, So nao dançou com Diva, par constante de Bastiao da Rosa, raramente vista em outros bracos a rodopiar o vestido de babados, na cintura e nos cabelos os lacos de fita cor-de-rosa. Apenas na contradanca da quadrilha, "anavantu",

"anarrie", Castor tocou a mao de Diva com a ponta nos dedos, sem a olhar.

A idade nao impedia Coroca de ser par disputado, dama de muitos e antecipados compromissos: guarde a proxima pra mim. No passo miudo do coco nao havia quem a desbancasse. So la para as tantas Ticao conseguiu conduzi-la atraves do salao de baile

-- salao de baile dissera o turco Fadul Abdala ao boiadeiro Misael, individuo de maus bofes, na sempre lembrada festa de Santo Antonio. Na occasiao o palheiro estava novo em folha mas, apesar
315

de encontrar-se enxovalhado e envelhecido, caindo aos pedacos

-- projetavam construir em seu lugar um barracão para acolher tropeiros e abrigar a feira --, Fadul continuava a designar-lo salão de baile, não fazia por menos. Por falar em Fadul, também ele não perdia sol-e-do, imbatível folião. Já não tinha que se preocupar tanto com a venda de cachaca, Durvalino se ocupava. Castor esbanjava animação, rindo e pilheriando, convidando para tragos, dever de quem era o promotor da festa:

-- Vamos folgar, Jacinta, que a morte é certa.

Coroca acompanhou-o na zombaria mas recusou-se a acreditar na afetada exuberância do negro:

-- Tu tá morrendo de contente, benza Deus! Por que é que a criatura quando tá enrabichada fica cega e orelhuda? Não vê e não assunta.
-- Não disse mais nem ele pediu explicação. A festa pegava fogo como queria Ticao. A festa de dona Ester, com a homenageada primando pela ausência. Mas Zinho e Lupiscínio, filho e marido, supriam-lhe a falta e divertiam-se a

la godaca. Zinho na poeira de Cao, Lupiscínio comboiando a sardenta Nininha, antiquíssimo xodo, com idade e ranço de casamento. Zinho disputava as atenções da moleca com Aurelio e Durvalino que, em tendo ocasião, suspendia o comércio de cachaca. A coisa que eu mais gosto é de dançar, revelara Cao na venda de Fadul e assim era. Não esquentava cadeira, passava de par em par, e ela própria penava e escolhia cavalheiro, convidando-o sem cerimônia: me tire, vamos, ao ver um de seus preferidos -- Fadul, Castor, Bastião da Rosa, Guido -- parado a matar o bicho, dando sopa. Percorreu o salão abraçada a Pedro Cigano: com uma das mãos o sanfoneiro manejava a harmonica, com outra rodeava-lhe a cintura. Seu Pedro Cigano, bonito como o Cao!

Tendo deixado Coroca saracoteando com Balbino, Castor dirigiu-se para o improvisado balcão onde Leva-e-Traz, vendo-o aproximar-se,

encheu um copo e lhe ofereceu antes mesmo que ele o encomendasse:

-- Nunca vi vosmice tao influido, seu Ticao... -- Na voz, admiracao e espanto: o ferreiro nao dava o braco a torcer, devia estar se comendo por dentro mas nao demonstrava como se o embeleco em nada lhe importasse.

Se ouviu, Castor Abduim nao respondeu nem comentou. 316

Engoliu o trago e pediu mais. Durvalino serviu, recolheu a paga, apressado: precipitou-se para onde estava Cao increditavelmente livre, a espera de convite:

-- Vou ali, ja volto...

Ticao o acompanhou com os olhos e o viu sair pulando com Cao, desengoncado e animadissimo. Bastiao da Rosa dancava com Vanje, o sabidorio. Foi quando percebeu uma sombra e levantou a vista para o vulto de pe em sua frente. Olhando-o de vies, sorriso marombeiro, deslumbrante no vestido de babados, Diva arrulhou uma queixa:

-- Oce nao vai me tirar pra dançar?

24

Concluida e entregue a casa de farinha, raspada e espremida a mandioca, torrada a primeira desmancha, nem assim Bastiao da Rosa deixara de aparecer para filar a boia na hora do almoco ou para se reunir com os homens quando, ao morrer do sol, voltavam dos rocados e iam se banhar no rio. Azucrinava os ouvidos de Vanje e de Ambrosio, grudado a Diva a curiosar sobre gosto e preferencia, sobretudo no que se referia as necessidades de um casal. Enquanto nao se reunia aos carpinas no inicio dos trabalhos do pontilhao, cuidava da propria casa para torna-la ainda mais confortavel: terminara a caiacao, cavara uma cacimba, construira

fogao a lenha, igual so o de Merencia e olhe la. Vanje foi convidada a dar opiniao. Numa tarde cinzenta de chuva fina e pertinaz, voltando com Diva do Bide das Damas onde haviam lavado roupa e tomado banho, Vanje falou como quem nao quer nada:

-- A casa de seu Bastiao ta pronta. Fui ver, da gosto.

-- Ouvi dizer.

Andaram em silencio, o assunto parecia encerrado. Mas vencendo prevencoes e embaracos, Vanje prosseguiu:

-- Seu Bastiao e moco direito. Falou com eu e com Ambrosio.

-- A respeito, Mae?

Demorou a responder como se a resposta lhe custasse esforco:

317

-- Tu ja vai saber.

Pararam diante do casebre fincado sobre estacas, o chiqueiro embaixo, os porcos fucando restos de jaca e fruta-pao. Vanje olhava em silencio como se estivesse rememorando e refletindo, esquecida da pergunta. De cima chegou o choro do menino de Lia e Agnaldo. Decidiu-se:

-- A gente nao pode arresolver as coisas aqui do mesmo jeito que se morasse em Maroim. La, todo domingo nos tava na Igreja ouvindo missa e sermao do padre. Se um caradura viesse falar de viver com minha filha sem casar com ela, sem as aliancas, nem sei o que ia lhe arresponder, coisa boa nao houvera de ser. Ja

pensou? Jaoze e Agnaldo se casaram, imagina tu que e mulher. Abriu os bracos para reforcar o pensamento:

-- Mas aqui quem e que se casa? Nem padre tem, nem capela onde se rezar. Em vez, tem terra de abastanca, nos ta de grande. Nao e que nem la que nos labutava em terra alheia. Nos tem se dado bem aqui, o lugar e atrasado mas e mais melhor que la. Buscava ser objetiva, ver as coisas como elas eram. Resignada, fitou a filha moca, mulher de quinze anos, na idade de casar ou de amigar. Se demorasse, acabaria na vida, mulher-dama. Estivessem em Maroim, iria prevenir o padre, marcar a data. Mas estavam em Tocaia Grande, neres de padre, neres de igreja, neres de neres. Melhor amigada do que fretando homem na Baixa dos Sapos, coitadinha.

-- Bastiao quer se juntar com tu. Me deu sua palavra que quando tiver santa missao em Taquaras, oces se casam, que eu posso ficar descansada. Na casa dele tem de um tudo, nao falta nada. Cama de ferro das grandes, de casal, comprou em Itabuna. Espelho na parede. -- Repetiu a fim de convence-la e convencerse: -- Bastiao e um moco direito. Diva baixou os olhos, sorriu pelos cantos da boca:

-- Casar? Carece nao, Mae.

Vanje suspirou: surpreendida ou aliviada? A vista posta no barraco onde viviam amontoados uns sobre os outros, iguais aos bichos no chiqueiro. Nao terminara de contar: Bastiao prometera que logo depois de terminado o pontilhao, iria levantar uma casa nova para eles: um bom rapaz, seu Bastiao da Rosa. Ai, por que Deus nao despachava uma Santa Missao direta 318

para Taquaras? No soflagrante: a Deus Todo-Poderoso nao custava nada, era so querer. Mas Deus tinha mais em que pensar, ocupado com o reino dos ceus e os maiores do mundo, nao podia perder tempo com bobagens de uma velha broca. Ao contrario do Deus de Fadul, o bom Senhor dos maronitas, patricio e intimo, prestativo, o Deus de Vanje era o Padre Eterno, o Ente Supremo, o Rei dos Reis, altissimo e remoto. Va-se la saber quando desembarcariam frades na estacao de Taquaras, de cruz em punho, para combater o pecado,

distribuir penitencias, batizar meninos, casar amancebados. Vanje suspirou de novo.

Amigacao, palavra feia. Mas, que podia fazer? Pedir a Bastiao que esperasse? Ate quando? Diva nao era a unica na idade de homem a se exhibir no povoado. A mais velha de Ze dos Santos, a zarolha Ricardina, vivia arreganhando as partes para uns e outros, ainda nao estava de porta aberta na Baixa dos Sapos de medo do pai que a queria ajudando no rocado. As mais mocas, Isaura e Abigail, bonitonas, andavam as duas de olho no mestre pedreiro, cada qual mais sem-vergonha. Todos sabiam em Tocaia Grande que Bastiao da Rosa caiara sala e quarto, cavara cisterna e construira fogao no sentido de botar mulher em casa e viver com ela. Pretendentes as pencas: bastaria ele estalar os dedos para que as mocas e raparigas acorressem, afanosas. Nao estavam em Maroim. Em Tocaia Grande nem igreja nem padre, como pensar em casamento?

Perdida em tais melancolias, quando Vanje deu de si Diva tinha sumido. Nao carece casar, concordara ela, tirando-lhe um peso de cima do peito: imagine se nao aceitasse! Bastiao da Rosa, numa prova de consideracao, pedira consentimento a Ambrosio e a Vanje para no domingo, terminada a feira, levar Diva para casa no Caminho dos Burros. Se fosse em Maroim... Nao era. Seja o que Deus quiser. Suspirou ainda uma vez.

As sombras do crepusculo se adensaram, escurecendo o rio e as plantacoes: no vale, a noite tombava de repente. Diva desceu os rusticos degraus, um amarrado na mao, veio ate Vanje imovel no mesmo lugar onde a deixara:

-- A bencao, Mae.

-- Onde tu vai? -- Para a casa de Bastiao, havia de ser.

-- Vou embora, Mae.

-- Bastiao marcou pra domingo, depois da feira. Nao corre pressa.

-- Vou pra casa de Ticao. Vou viver com ele.

25

As primeiras estrelas, palidas no ceu de cinza. No descampado as primeiras tropas, os homens cobrindo as cabeças e as cargas com sacos de aniagem. Sob o barrufo, na mao a trouxa com os terens, Diva atravessou o rio, dirigiu-se para a tenda do ferreiro, oficina e moradia. Fogao de lenha nao tinha com certeza, tinha a forja e um braseiro onde cozinhar o de-comer. Espelho, nao sabia. No amarrado levava o leque de metal, podia nele se mirar, era espelho e retrato, invencao de negro feiticeiro. Sorriu ao pensar.. Ela o quisera e desejara desde que, ao chegar a Tocaia Grande, imunda de poeira e lama, morta de cansaco, nele pusera os olhos: a cara risonha e larga, o torso nu, a pele de porco na cintura, escondendo as partes. Pensara encontrar um turco, encontrara seu homem. Na rede, noite, o cheiro poderoso -- a inhaca, o aroma, a catinga, o perfume -- a invadira, corpo e alma, e a fizera mulher: foi dele antes de conhecê-lo o peso e o gosto da estrovenga.

Bastiao da Rosa era um rapaz de bem, loiro de olhos azuis, um gringo e tanto, casa posta com farteza. Mas seu homem, aquele que lhe esquentava o sangue e lhe aparecia em sonhos, era o negro Castor Abduim, ferrador de burros, Ticao de Apelido. Ia por vontade propria, levava a trouxa na mao direita, na esquerda o coracao.

Ajoelhado, Ticao mantinha imovel a pata da mula Lamire, calcava-lhe ferradura nova, o martelo suspenso no ar. Edu, aprendiz a seu costado, estendia-lhe os cravos, e o moleque Trabuco, ajudante de tropeiro, admirava-lhe a pericia. Diva parou diante dele e lhe sorriu. Castor tambem sorriu, e se demonstrou surpresa nao deu a perceber. Nao trocaram palavra: ele baixou o martelo sobre o cravo, a mula nem sentiu. Festejada por Alma Penada e Oferecida, Diva atravessou a porta, entrou em casa, em sua casa.

320

O fogo crescia na forja, Diva tomou o fogo aceso, iluminou o quarto onde nunca estivera: a esteira no chão, a rede dependurada, num caixote os trapos de vestir. Junto as calças e camisas, as poucas vestes de Ticao, arrumou as duas saias, outras tantas anaguas e as blusas, o vestido de chitão, as chinelas. Apagou o fogo, subiu para a rede e se deitou. Daí em diante, nenhuma outra, fosse ela quem fosse, a ocuparia. Tinha dona.

Deixou-se envolver pelo cheiro de seu homem, riu baixinho o riso desatado do primeiro encontro e sentiu-se em paz: amanhã

seriam duas as manchas de sangue, de seu sangue, na florada e suja rede de casal.

321

O ARRUADO

DESFILAM AS PRENHAS NO AFLUXO

DE BICHOS E VIVENTES

1

Barrigas empinadas, as prenhas desfilavam orgulhosas nos limites de Tocaia Grande: ganhariam meninos quando o verão chegasse no fim da safra. De início apenas Diva e Abigail, filha cacula de José dos Santos; a seguir se incorporaram Isaura, onze meses mais velha do que a irmã, e Dinora, casada com Jãoze. Com o advento dos estancianos, o cortejo das grávidas iria quase duplicar, pois três mulheres do clã estavam pejudicadas, também elas desovaravam nas mãos benemeritas de Jacinta Coroca. Dinora começara a renascer no dia em que avistaram Tocaia Grande e Jãoze aflorou-lhe com os dedos de esperança o rosto fatigado e poeirento. Morta-viva, vinha sustentando por milagre a vida no corpo raquitico do enfezado a

choramingar em seus braços, certa de que para eles tudo se acabara no dia do juízo final quando foram expulsos da meação em Maroim. Mas ao avistar o vale pujante e belo e ao sentir a carícia inatendida, a mão calejada e amorosa do homem, pensou que talvez naqueles ermos pudesse voltar ao amanho da terra, a criação de bichos, a sentir vontade, calor nas partes, capaz até de emprenhar: apta de novo para o trabalho e a cama. Assim sucedeu; porém a gravidez não foi tão imediata. Somente depois de inaugurada a casa de farinha, Jaoze construiu com a ajuda do pai e dos irmãos um casebre de barro batido onde se alojou com a mulher e o filho. Na casa da família, minguadas duas peças, nem sequer intentavam vadiar. Tanto eles quanto Lia e Agnaldo, quando o apetite crescia impositivo, refugiavam-se atrás das árvores, na mata, ou nos desvaos do rio para gemer e suspirar, as escondidas e as pressas. No casebre reencontraram finalmente a paz da noite, refúgio e privância, sorriam um para o outro enquanto o menino ressuscitado dormia a sono solto. Dinora voltou então a engravidar. 325

2

Diva, Isaura e Abigail embarrigaram uma após a outra com pequena diferença de tempo. A primeira a exibir o bucho foi Abigail, a mais jovem das três, amancebada com Bastião da Rosa, usufruindo das benfeitorias da casa do mestre-de-obras. Tendo caído o chato -- assim Fadul rotulara a residência do pedreiro para distingui-la dos casebres vizinhos--, dado uma mão de tinta na fachada azul e nas janelas cor-de-rosa, cavado poço de água, acendido fogão de lenha, comprado em Itabuna cama e colchão de casal, de ferro a cama, de crina o colchão, pompas de coronel, tudo isso na ideia de se amigar com Diva, José Sebastião da Rosa não cultivou a dor-de-cotovelo. Com rapidez a consumiu: pragas cruas e raivosas, breves considerações pessimistas sobre os sentimentos femininos, nenhuma demonstração de desespero, tampouco juras de vingança. Aquela que ele tivera na mira e na cachola, a quem arrastara asa durante meses, preferira arrumar os trapos na tenda do ferreiro, deixando de queixo caído Durvalino e a maioria dos habitantes de Tocaia Grande,

paciencia! Não era a única e nem talvez a mais bonita donzela do lugar. Quando a reviu na feira, chibante, de braço dado com Ticao, desejou-lhe felicidades e partiu em frente.

Abra-se um parenteses no espanto dos profetas de meiatigela, ocupados a enfiar no rabo prognósticos e agouros, para proclamar ainda uma vez os meritos de Coroca. No mesmo momento em que os fofoqueiros se assombravam -- ... largou Bastiao no alveu, preferiu o negro, cada coisa... --, ela comentou com Bernarda enquanto a ajudava nos cuidados com o menino:

-- Bem que eu disse... So cego pra não ver.

-- Comadre, não faça pouco do povo que só vê com os olhos de enxergar. Vosmice vê com os olhos e com o entendimento. Coroca previu igualmente a reação do desdenhado:

-- Não tarda a se meter com outra.

Realmente Bastiao da Rosa não vacilou. Não ia perder tempo, trabalho e dinheiro a se lamuriar desinfeliz. Preparara a casa para acolher mulher permanente, constituir família, não ia deixá-la vazia, entregue as cobras e aos percevejos. Além de Diva, existiam outras em Tocaia Grande, modernas e garridas, capazes 326

de cuidar do fogão de lenha e dos meninos quando chegassem. Não precisava ir longe: na casa de farinha, raspando mandioca, revolvendo o tacho, estavam dando sopa as filhas de Ze dos Santos. Descartando Ricardina, a mais idosa, por zanolha e descabacada, podia escolher entre Isaura e Abigail, ambas novinhas, bemfeitas e inteiras. Escolheu Abigail, a mais morena. Acaboclado, cabelos lisos, alto e robusto, indivíduo de pouca conversa e de muito ânimo para o trabalho, Ze dos Santos deixava a cargo de sua Clara o destino das filhas, bastavam-lhe as consumições da lavoura. Sabia que as mocas mais dia menos dia tomariam rumo: preocupava-se sobretudo com a falta que fariam no roçado. Ao contrário do que o nome indica, sua Clara era bastante escura. Cabelo pixaim, gorda e afavel, rosto

redondo ainda vistoso apesar de envelhecido: atenta as faceirices das meninas não costumava com elas se afligir.

Trouxera de Sergipe os mesmos preconceitos que tanto amarguravam Vanje, mas se adaptava sem maiores escrúpulos a

realidade da terra grapiuna, nova e farta, onde outros valores se impunham e a vida tinha um preço diferente. O que deveras a preocupava, seu receio maior em relação às filhas, consistia no medo de vê-las cair na zona, putas de porta aberta na Baixa dos Sapos. Isso, sim, a afligiria. Amigação naquele fim-de-mundo significava uma bênção dos céus, mais valiosa do que casamento na igreja em Buquim, de onde viera. As coisas são como são e não como a gente desejaria, não é mesmo? Aqui ou lá, bênção de padre e merda, a mesma coisa, sem a menor valia. As três filhas de José dos Santos e sua Clara tinham saído tão dessemelhantes, no físico e nas maneiras, que nem pareciam irmãs de pai e mãe. Isaura puxara a mãe na cordialidade, boa de conversa e de convívio, ao pai nos cabelos lisos e na cor da pele cobreada, esguia cabo-verde marcada pelo sangue indígena. Abigail, calada igual a Ze dos Santos, não mais era ver sua Clara: gorducha, carregada na cor, veludosa carapinha, olhos rasgados; nela predominara o sangue negro. De que avô branco herdara a doca Ricardina, um mulhêrao, os cabelos loiros e a tez alva, os olhos azuis e o tamanho? Nas famílias sergipanas, mesticas de tantos sangues, de quando em quando desponta num recém-nascido os olhos azuis e os cabelos loiros, a branquidão e a estatura de um avoengo holandês ou, quem sabe, cristão-novo, 327

vindo para Recife com o Príncipe Maurício de Nassau. Fugido, após a derrota, para a capitania de Sergipe del Rei, ali homiziado e aceito, radicado para sempre, fazendo filhos em negras e mulatas. Ricardina, um bom exemplo, apesar de caolha: não se pode exigir a perfeição.

Entre Isaura e Abigail vacilara Bastião ao rejeitar os cornos, mas a dúvida durou pouco, conquistado que foi pela mansidão de Abigail.

No particular levava vantagem sobre Diva, arrogante e por vezes insolente. Para não se estrompar de novo, antes de tratar com sua Cara e Ze dos Santos, de insinuar santa missão e bênção de padre, conversou com a pretendida e obteve seu consentimento:

-- Se é do gosto de você, e do meu também. -- Uma pomba sem fel.

Antes de completar dezesseis anos, Abigail já empinara barriga, Bastião não brincava em serviço. Tampouco Tico Abduim, esclareça-se, se bem Diva houvesse tardado um pouco mais a pegar menino, questão de pacote e lua, e não de competência; tinham as duas a mesma idade. Quanto a Isaura, antes de viver com ela o moco Aurelio comeu-lhe os tampos atrás da prensa, na casa de farinha. Com o acréscimo das três estâncias, a cada momento e em cada canto, em Tocaia Grande, quem por ali passasse cruzava com uma grávida, as barrigas pejudadas, anunciando aumento do número de tocaianos natos. **3**

Tocaianos? Para abrilhantar com um tópico erudito o relato dos acontecimentos, o enredo dos problemas de Tocaia Grande, vale a pena uma referência ainda que superficial e apressada aos doutos debates travados a propósito da justa nomeação a ser dada os nativos daquele cu-de-judas, o gentílico dos meninos ali nascidos. Como se devia designar os cidadãos de Tocaia Grande? Tocaianos, tocaenses, tocaia-grandenses ou simplesmente tocaios? Fadul colocou o tema a discussão no cabaré em Itabuna, na mesa de Fuad Karan; em Ilheus, em bar do porto bebericando com Alvaro Faria. Ouviu dos dois letrados conclusão se não análoga na forma, igual no conteúdo.

328

-- Não cabe dúvida. -- Disse Fuad Karan com a voz molhada de arak, perfumada de anis: -- Quem nasce em Tocaia Grande é jagunco, Grao-Turco. E dos mais desalmados, certamente. Alvaro Faria, degustando o uísque dos ingleses, não foi menos trança e objetivo:

-- Filho de Tocaia Grande so pode ser clavinoteiro, meu Fadul.

Reputacao perfida, injusta e infeliz, discordou o turco. Se havia no imenso territorio do cacau, em toda a latitude grapiuna, um sitio deveras pacato, de violencia mesurada, era Tocaia Grande, onde reinava a paz de Deus. O que outrora acontecera, dandolhe nome e renome, foi antes do principio; antes de existir qualquer vivente no lugar. Nao obstante quem ali visse a luz primeira, nascia carregando na cacunda a marca do sangue derramado, a memoria da morte e dos defuntos.

4

E certo que ninguem levava a serio a barriga estufada de Cao, menina-e-moca. Motivo apenas para risos de chalaca e obscenos comentarios. Na ambicao de um filho, a pobrezinha enfiava macos de capim seco embaixo do vestido para que a imaginassem prenha, esperando menino.

Num domingo apareceu na feira exibindo ventre desmedido e estranhamente bulicoso. Sentou-se no chao em meio ao povo e, entre risadas e galhofas dos assistentes, pariu um bacorinho e em seguida, ali, diante de todos, abaixou o decote da blusa esfarrapada e tentou lhe dar o seio a mamar, feliz da vida. **5**

Ao chegar a Tocaia Grande, ardego mocinho beirando os dezoito anos, ingenuo e apetitoso, Aurelio perturbara o juizo de um punhado de raparigas: redes e esteiras puseram-se a sua disposicao, no gratuitas. 329

Encantado, folgou na merce das putas ate o dia em que, tendo conseguido as moedas necessarias, pagara uma metida com Bernarda. Planejara te-la por uma noite inteira, mas a dificil, desde que lhe nascera o filho e voltava a exercer, limitara as obrigacoes do oficio a pernadas em horario reduzido: entre as mamadas do menino e nunca apos a meia-noite. Ainda assim a rapida funcao foi suficiente para deixar Aurelio caido pela rapariga, embeicado. As

outras deixaram de representar para ele qualquer interesse. Cao, que iria renovar seu empenho, ainda nao vivia em Tocaia Grande.

Infernou a vida de Bernarda, nao lhe saia dos calcanhares, so

faltava roubar para conseguir reunir o montante com que se candidatar a cama de campanha mesmo para uma breve pingolada. Soube, em conversa no intervalo da devocao, que ela admirava o som do cavaquinho, tanto bastou para que iniciasse com um dos cabras do deposito de cacau, tocador apreciado, o aprendizado do instrumento. Dedicava todas as horas livres a rapariga, insistia em ve-la, ate a ajudava no trato do menino Bernardo: tinha o nome da mae, ja que nao podia ter o do pai.

Quando Bernarda, sem sequer se dar por isso, amamentava a crianca na porta da casa de madeira, o ultimo peito da tarde -- as quatro horas seguintes dedicadas a ganhar a vida -- Aurelio ficava de tal maneira indocil que a rapariga deixou de faze-lo em sua frente. Nao eram decorridos dois meses da chegada dos sergipanos ao lugarejo quando Aurelio propos-lhe vida em comum e foi mais longe: se ela assim desejasse poderiam ir-se de Tocaia Grande, viver em sitio mais adiantado onde houvesse padre. Disposto a casar com ela na primeira igreja que encontrassem, a ajuda-la a criar o filho. Como se fosse dele. Bernarda ouviu o apaixonado arroubo do adolescente, tratou de dissuadi-lo de tais loucuras, projetos absurdos. Mas o fez sem menoscabo e ate lhe agradeceu a distincao:

-- Qualquer um pode lhe dizer por que nao quero nem ouvir falar uma coisa dessas...

-- E por que tu nao me diz, com tua boca?

-- Pois lhe digo: tenho um homem e gosto dele. E por isso. Aurelio quis detalhes porem Bernarda se calou. O mais, ele soube por terceiros: caia fora, menino, deixe a rapariga em paz, oce corre o risco de passar uma vergonha, de sofrer uma desfeita. 330

O capitão Natário da Fonseca? Um ferrabras? Menos por medo do que por gratidão, Aurélio engoliu os planos, vomitou o desgosto -- pela mão e sob a égide do Capitão, a família dos sergipanos tinha vindo se estabelecer em Tocáia Grande. Provas da mocidade, cabeçadas, desatinos: assim se amadurece, no padecimento e na paixão. Retornou ao favor das putas, convalescente. Depois Cao despontou no horizonte, completando a cura. Viu-se o jovem Aurélio a cercar a maluqueta com o afinco que lhe era peculiar, propenso a viver com ela sem se importar com a leseira. Cao deixava-se bolinar, fogosa e fácil, permitindo quase tudo, mas, na hora da decisão, escapulia. Aurélio ficava tão arretado a ponto de propor-lhe amigação, para por fim aquele abuso. Atribuía a firmeza da recusa ao medo da menina de se ver fodida e abandonada, na casa do sem jeito: não lhe negava razão.

Um dia, quando menos esperava, Cao deixou-se possuir. O

entusiasmo da vitória malogrou-se em decepção ao constatar que ela já não era virgem. Enfurecido, Aurelio tentou obriga-la a dizer qual dos dois, Zinho ou Durvalino, havia alcançado a meta que ele tanto perseguira e desejara: comer-lhe os tamos. Não obteve resposta: Cao só fazia rir e pedir mais. Por vias travessas veio a saber que o rapa-tabuas e o caixeiro tinham sofrido desilusão idêntica, feito a mesma e inútil pergunta -- qual dos dois? sem obter resposta. Diante do que, sem prévio acordo, cada um continuou a derruba-la nos matos: ela dava abasto aos três e a rir pedia mais.

Em Isaura, jamais pousara olhos de interesse. Os rocados de Ze dos Santos começavam onde terminavam os de Ambrosio, a casa de farinha elevava-se na divisa, Aurelio via Isaura diariamente, era como se não a visse. Aos dezoito anos, apesar do acodamento, Aurelio ainda não chegara a idade de assentar a cabeça e estabelecer família. Aos dezesseis, Isaura começava a ultrapassar o tempo certo.

Na raspa da mandioca, no apertar da prensa, no mexer do tacho, inesperadamente se reconheceram quando os olhos se cruzaram. Diva e Abigail haviam tomado cada qual seu rumo, também Isaura queria cumprir a sina que o céu lhe destinara. Na casa de farinha, nos rocados, na beira do rio, trocaram sorrisos e palavras, e quando se deram conta Isaura estava prenha, Aurelio 331

ia ser pai. Cabaco por cabaco, o dela era de caixeta e de estalo, dificultoso. Atrás da prensa, no cheiro da raspa da mandioca, embriagador.

No conselho das famílias reunidas, o mais difícil foi decidir onde ficariam vivendo. Na casa do rapaz ou na da moça? Acordaram que seria na de Isaura, onde sobrava um pouco mais de espaço, mas Aurelio continuaria a ajudar os pais: metade da semana no eito de Ambrosio, metade no de José dos Santos. Cao estranhou o retraimento de Aurelio, sumido, reduzindo-lhe a escolha vespertina.

O fato de se haver amigado não explicava o afastamento. Para ela, casado, amancebado ou solteiro não fazia diferença, eram bem-vindos todos, independente do estado civil e da idade. Preferia contudo os homens feitos, eram menos tolos, sabiam mais, não perdiam tempo com perguntas sem interesse. Moco ou maduro, apressado ou delicado, um deles, qualquer que fosse não importava, haveria de lhe por na barriga a semente de um menino. Um menino para embalar nos braços. Onde andaria seu Pedro Cigano; bonito como o Cao?

6

A população crescia com a fixação no arraial de viventes atraídos pelas notícias que, a respeito do progresso de Tocaia Grande, circulavam na região do rio das Cobras e mais além: em Ferradas, no Rio do Braco, em Sequeiro de Espinho, em Água Preta, em Itapira, na cidade de Itabuna. Tropeiros, mateiros e alugados -- e mais que ninguém o corre-a-coxia Pedro Cigano --

alardeavam exageros sobre o movimento, a animação e as raparigas. As novidades chegavam até Ilheus levadas inclusive por fazendeiros ricos, coroneis da linhagem dos senhores da Atalaia e da Santa Mariana. Crônica de sucessos alardeada notadamente pelo Turco Fadul quando por lá aparecia para comprar e pagar mercadorias, para respirar ares civilizados e neles se locupletar

-- em Ilheus competentíssimas e caríssimas francesas e polacas faziam de um tudo e o mais que se pudesse imaginar -- e para ver o mar.

Com a afluência de tantos vizinhos, o Caminho dos Burros 332

prolongava-se em rua extensa e irregular acompanhando o curso do rio. Algumas casas de tijolo e telha, quantidade de barracos, continuo vaivem de gente e de animais. Deixaram de existir as horas ociosas durante as quais, após a partida dos tropeiros, o árabe, o negro e as raparigas descansavam da noite e da madrugada

trabalhosas e se reuniam para cavaquear, ouvir historias, cantar modinhas. Nao que houvessem abandonado por completo os costumes de dantes, de quando Tocaia Grande era recente posto de pernoite ou infimo arruado vegetando na pasmaceira e no abandono. Ainda se encontravam para mandriar nos locais costumeiros mas o faziam com menor frequencia, se bem com maior numero de participantes. Grupos festeiros juntavam-se aos domingos na feira, no Bide das Damas, em frente a tenda do ferreiro, na barbearia de Dodo Peroba e, como sempre, na venda de Fadul.

Sucediam-se dancaras no embalo de violoes e harmonicas gaitas e cavaquinhos. O numero exato das choupanas na Baixa dos Sapateiros so Deus sabia. Deus e Durvalino, o popular caixeiro Leva-e-Traz. **7**

Multiplicaram-se igualmente os animais domesticos, criados nas posses, na outra margem, ou soltos na rua. Pela manha e a noite prosseguia o trafego dos comboios de burros; durante o dia os passantes deparavam com varas de porcos fucando na lama, bandos de galinhas ciscando nos matos e de guines passando em disparada. O capitao Natario da Fonseca, por occasiao da chegada dos sergipanos,

trouxera da Atalaia uma duzia de

ovos de tou-fraco que mandara para Vanje. Postos a chocar sob uma galinha caipira, nasceram dez pintainhos e desses dez a turbamulta indomesticavel que se espalhava de um e de outro lado do rio, propriedade teorica da roceira, de fato bem comum dos habitantes. Galinhas-d'angola, de carne preta, boas de panela, piteus especiais.

Alem dos descendentes dos arroubos de Alma Penada e Oferecida, outros caes vieram nas bagagens dos novos moradores e procriaram uma voraz populacao de magros vira-latas. Com 333

Zilda mudou-se para Tocaia Grande copiosa bicharada. Além de cachorros e gatos, de aves de criação -- galinhas, capotes, patos e perus -- viam-se, no quintal ao fundo, no terreiro em frente a moradia, mutuns e jacus domesticados, a ema de Pega, o casal de seriemas gritando seu grito rouco, matando cobras, o ouricocacheiro de Lucia, a menina mais velha. Sem falar nos periquitos e papagaios, nos passarinhos, as gaiolas penduradas na varanda e no alpendre

Os papagaios eram três, vistosos e faladores, dois relegados a cozinha e ao quintal, mas o terceiro -- maracana irrequieta e loquaz --, dono de extenso vocabulário pornográfico, vivia solto, na varanda onde ficava seu poleiro no qual pouco permanecia: o bicho de estimação do dono da casa. Atendia pelo nome de Va-Tomar-no-Cu, sua expressão favorita, que ele repetia a dois por três, com ou sem motivo. Andava de um lado a outro no balaustre da varanda gritando palavroes, assoviando para chamar os cachorros, rindo um riso estridulo e trocista quando os via chegar correndo para atender a convocação. Proclamava orgulhoso a patente e o nome do senhor e cativo amigo: capitão Natário da Fonseca!

O Capitão punha-o de costas na palma da mão e lhe cocava a cabeça e a barriga, Va-Tomar-no-Cu fechava os olhos, deleitado, entregue. Devia ser fêmea para assim se deixar manusear, garantia Zilda. Fêmea e fiel, pois apenas a Natário permitia tais intimidades; bicava, feroz, qualquer outra pessoa que a quisesse agradar e a insultava: Ladrão! Filho da puta! Va tomar no cu! Quase arranca o dedo do negro Tício que tentara fazer amizade: deca o pé, meu louro.

O contundente vocabulário da maracana resultava de prolongada vivência na fumacenta sala de jogo de uma espelunca no Beco da Mula em Itabuna, a frequentada Pensão das Nuvens. Misto de tasca onde serviam cachaca, conhaque e rabos-de-galo, de puteiro -- em cubiculos no sótão oficiavam raparigas -- sobretudo antro de jogatina, esse complexo recreativo era explorado por Luiz Preto, um

paladino, por vezes incompreendido e injusticado, do ocio com dignidade. O Capitao salvara-lhe a vida por occasiao de um fecha-e-quebra de baralho.

Encontrava-se por acaso no local a convite de uma quenga, sua conhecida de tempos passados: de hoje nao lhe vejo, Natario, 334

dissera a dengosa ao encontra-lo na rua. De reminiscencia em reminiscencia, acabaram nos altos da Pensao das Nuvens para comemorar o encontro e matar saudades a golpes de estrovenga. Natario abotoava as calcas, iniciando as despedidas, quando a barulheira de mesas e cadeiras viradas e os gritos entusiasticos de um papagaio -- Ladrao de merda! Xibungo! -- chamaram-lhe a atencao. A dama, ainda nua, nao se alterou, xingos e desordens aconteciam com bastante frequencia no influido comungatorio. Mas como o cu-de-boi prosseguisse com ameacas de morte --

vou te arrancar as tripas, cachorro! -- e tendo o Capitao reconhecido a voz de Lalau, jagunco que ja servira as suas ordens, cidadao de peito e de palavra, precipitou-se a tempo de impedir o envio de Luiz Preto para a terra dos pes juntos: o punhal de Lalau alumiava na fumaceira. Restabelecida a ordem, arrumadas mesas e cadeiras, reiniciada a batota, Natario demorou-se a provocar a maracana e chegou a desatar numa gaitada -- coisa tao rara em seu proceder -- ao ouvir o louro ordenar-lhe: va tomar no cu, enquanto piscava o olho e sacudia alegremente as asas verdes e vermelhas. Grato, Luiz Preto mandou deixar a ave na pensao de tia Senhorinha onde o Capitao se hospedava em Itabuna: presente de um ressuscitado.

Na Fazenda da Atalaia, Va-Tomar-no-Cu aprendera a assoviar para os cachorros, a pipiar para as galinhas, a imitar a voz do negro Espiridiao: paz e saude, comadre Zilda! Em Tocaia Grande, o Turco Fadul ensinara-lhe palavroes em arabe: manhuk, ru-h intak, ibam, charmuta: a maracana os repetia com limpida pronuncia das montanhas do Libano. Na mesa farta do almoco, em casa do Capitao, Fadul, conviva frequente, ria a morrer com os xingos, em

portugues e em arabe, de Va-Tomar-no-Cu. Nunca conseguiu, porem, por mais tentasse, cocar-lhe a cabeca, muito menos a barriga. Privilegios do capitao Natario da Fonseca.

8

Va-Tomar-no-Cu tornava-se poliglota. Alem de repetir palavras em arabe, cantava em italiano trechos de arias -- "Ridi, pagliaccio", "La dona e mobile" -- tocadas no gramofone. A 335

fama do papagaio varava mundo nas cangalhas das tropas de burro:

-- O capitao Natario tem um louro que e um colosso. Fala em turco, canta em lingua de gringo, engracado como que. O gramofone, presente do coronel Boaventura Andrade, era a grande atracao, o luxo principal da casa do capitao Natario da Fonseca. Zilda dedicava-lhe tal estima a ponto de nao permitir sequer a Edu, o filho mais velho, coloca-lo em funcionamento; apenas ela e Natario podiam faze-lo. Uma vez na vida outra na morte, o Capitao rodava a manivela dando corda no aparelho para exhibilo, com uma ponta de ufanias, a visitas de alto coturno: o coronel Robustiano de Araujo, o compadre Lourenco, chefe da estacao de Taquaras, seu Cicero Moura, comprador de cacau por conta de Koifman & Cia, exportadores.

Nas sobras de tempo, em geral nos fins de tarde, antes da comida vespertina, Zilda punha o gramofone a tocar, ficava a escutar, a mao no queixo, os olhos semicerrados: nao entendia a lingua em que cantavam mas os graves e os agudos -- os agudos sobretudo -- a empolgavam. Por vezes Coroca aparecia para fazer-lhe companhia, comentar os acontecimentos do arraial, ouvir musica; possuiam apenas tres cilindros, vindos com a maquina. Tambem acontecia Vanje chegar trazendo algum agrado -- batata-doce, abobora, aipim -- para a cozinha do Capitao, elogiava o gramofone:

-- Nem vendo se acredita...

Vanje tornara-se intima de Zilda, mantinha uma deferencia especial para com o Capitaó: jamais poderia esquecer o encontro na estrada. Ouvira contar coisas sobre ele, entravam por um ouvido, saiam pelo outro, para ela, tirante Deus, ninguem se comparava ao capitaó Natario da Fonseca. Convidara-o para padrinho do menino de Lia e Agnaldo quando um dia o batizassem. A madrinha -- me desculpe, dona Zilda -- so podia ser Jacinta Coroca que o aparara.

De comeco a meninada, trazida por Edu e Peba, juntava-se ao pe do gramofone. Atentos e assombrados, querendo saber onde se escondiam a fulana e o sujeito que entoavam aquelas cantorias das estranjas. Cansaram-se porem rapidamente, as musicas eram sempre as mesmas; preferiam a mata com os passarinhos e os saguins, armavam alcapoes e arapucas. 336

Bernarda chegava, o filho escanchado na cintura. Pedia a bencao a madrinha, ajudava nos trabalhos caseiros; calada e sorridente ouvia o gramofone enquanto catava lendeas em Zilda. Vinha sempre na ausencia do Capitaó, e se acontecia ele chegar de viagem e a encontrar ali, ela pedia-lhe a bencao e em seguida se despedia. Ia ficar em casa, de plantao, a espera de que ele viesse ve-la, na hora que quisesse.

Zilda servia as visitas licor de jenipapo, de pitanga, de maracuja, todos de fabricacao caseira: como conseguia tempo para tanta coisa? Para os afazeres domesticos, a cozinha, os licores, o doce de banana, a passa de caju, para a costura e o ponto de cruz?

Para, devotada e cuidadosa, criar os filhos: os seus e os adotivos?

Tudo isso sem elevar a voz, sem correr, sem se queixar. Queixarse de que? Quando Natario a arrebanhara, orfa e mendiga, nunca imaginara chegar a tais alturas: casada, marido capitaó da Guarda Nacional e fazendeiro, dona de uma casa de tal porte, os filhos sadios, no terreiro a bicharada, a mesa farta e franca. Queixar-se?

So se fosse ingrata.

Mesa farta e franca, nela comia quem chegasse mesmo sem convite. Concorrença diminuta quando o Capitão estava ausente: Coroca, Merencia, Bernarda, alguma outra amiga; homem, jamais, não estando em casa o chefe da família. Natário passava a maior parte do tempo nas fazendas, na Atalaia e na Boa Vista, ainda mais durante o temporão e a safra, cuidando da colheita e da secagem do cacau. Quando porém parava em Tocaia Grande, a casa se enchia numa fartura de visitas. Na mesa não sobrava lugar, com frequência havia quem comesse na varanda ou na cozinha, junto com os meninos. Amigos, compadres, simples conhecidos, pessoas que tinham assunto a tratar com ele, forasteiros que vinham cumprimenta-lo, ademais dos habitantes. Quando passava, a pé ou a cavalo, pelo descampado, pelo Caminho dos Burros, pela Baixa dos Sapos, todos o saudavam cordial e alegremente, num misto de consideração e de estima. Os homens tiravam-lhe o chapéu em sinal de respeito, as mulheres sorriam-lhe com apreço: no respeito de alguns homens um resquício de medo, no apreço de certas mulheres um toque de frete. Os meninos corriam a beijar-lhe a mão:

-- A bênção, Capitão!

337

9

O próprio coronel Boaventura Andrade, mandachuva daquelas sesmarias, patrão e compadre, provou o sal da mesa de Zilda, repetiu os quitutes e os gabou, lambendo os beiços: a galinha de molho pardo, o teiu moqueado, o peixe feito no dende, a frita de capote, os doces de banana e de caju, o creme de abacate. Zilda desculpava-se pelo menu pouco variado, apenas quatro pratos, pobreza de almoço se comparado aos da casa-grande. As filhas ajudavam-na na cozinha, aprendiam a temperar, a determinar os molhos e a pressentir o ponto.

Vindo da Atalaia, o Coronel tomara pelo atalho e passara por Tocaia Grande com o objetivo de estudar com Natario a localizacao de um grupo de sergipanos, esperados em ilheus, procedentes de Estancia, terra natal do fazendeiro -- ao que se soube depois, aparentados seus. Aproveitou para percorrer o vale: ali estivera na safra passada, fazia mais de um ano. Ja entao o progresso de Tocaia Grande deixara-o impressionado, que dizer agora?

Visitou os rocados de Ambrosio, Jose dos Santos e Altamirando -- Altamirando iniciara um criatorio de cabras -- balancando a cabeça em sinal de aprovacao. Entrou na casa de farinha onde estavam raspando mandioca. Os estancianos iam ficar em boa companhia.

A grande surpresa, porem, a lhe arrancar exclamacoes entusiasticas foi a obra do pontilhao que estava chegando ao fim. O

vulto da empreitada, a qualidade do servico e o acabamento deixaram-no maravilhado. Lupiscinio e Guido, mestres carpinteiros, receberam com modestia e satisfacao os parabens do Coronel. Lupiscinio revelou, sem magoa:

-- O coronel Robustiano achava que nos nao dava conta. Contaram que para a conclusao da obra muitos haviam colaborado. O citado coronel Robustiano e o capitao Natario ali presente tinham entrado com o dinheiro. Mestres pedreiros, Balbino e Bastiao da Rosa, os oleiros Merencia e Ze Luiz, o ferreiro Ticao Abduim viraram carpintas e rapa-tabuas e ate raparigas ajudaram.

Detiveram-se em casa de Bernarda, o Coronel desejou ver o menino que nascera por ocasio de sua estada anterior. Por ele 338

erguera brinde de cachaca na venda de Fadul. Coroca passou um cafe, Bernarda nao cabia em si ao exhibir a cria, a cara do pai:

-- A marca registrada de Natario... -- brincou o Coronel. Esteve tambem na tenda de Castor cumprimentando Diva. Tocaia Grande ja nao era apenas um acampamento de raparigas, constituiam-se

familias: em seu percurso cruzara com Dinora e com Isaura, vira Abigail na rua, encontrava-se agora com Diva, as quatro a espera de menino. O Coronel voltou a recordar a previsao de Natario. Olhando, do alto cerro onde agora se erguia sua casa, o vale desabitado, a mata virgem, o cerrado inospito, Natario enxergara o dia de amanha. O Coronel nunca conseguira explicar o condao que permitia ao mameluco ler os pensamentos, adivinhar o futuro. O sangue indio, outra coisa nao seria. Foram por fim tomar um trago, antes do almoco, na venda de Fadul.

-- Que achou da terra, Coronel?

-- Com mais uns anos passa Taquaras. So esta faltando o trilho do trem chegar aqui.

Empachado, saiu da mesa direto para a rede na varanda a fim de tirar um cochilo. Antes, porem, de rressonar, o Coronel trocou dois dedos de prosa com a comadre Zilda e lhe contou as novas da Atalaia. Sia Pequena ganhara uma ajudante, a filha do finado Tiburcinho: se recorda dela, comadre?

-- Sacramento? Se lembro muito bem... Uma lindeza de menina.

No rosto do Coronel, marcado pelo tempo e pela vida, pelas amarguras, despontou um sorriso acanhado, quase timido.

-- Sia Pequena mal consegue andar. A sorte foi essa moca, trabalhadeira nao tem outra. Moca boa, comadre. A casa esta de fazer gosto e ate de mim ela se ocupa. -- Falava de criada ou de amasia? -- Aqui pra nos, comadre, lhe digo que agora passo mais tempo na Atalaia do que em ilheus.

-- E Venturinha, compadre? Tem dado noticia?

O sorriso sumiu do rosto do Coronel:

-- Continua pelo Rio, penso que se mudou de vez.

-- Sempre nos estudos? E caprichoso mesmo, nunca vi gostar tanto de estudar. -- Puras palavras de louvor, inocentes, sem malícia.

339

-- Pois e, comadre, já era tempo de parar. Com estudo demais, doutor acaba virando vagabundo. O grito fanhoso do papagaio cortou o diálogo:

-- Filho da puta! Va tomar no cu!

O Coronel cerrou os olhos tentando afastar o pensamento de Venturinha a trocar pernas no Rio de Janeiro, de que adiantava se afligir? Mas se afligia, quisesse ou não, o sem-juízo era seu filho, o único. Por causa dele trabalhara sem descanso, dia e noite. Rompera a mata e a desbravara, plantara leguas de cacau. Empunhara armas, combatera, arriscara a vida, mandara matar e matara. Ah, se não fosse a moça Sacramento já teria perdido por completo o gosto de viver -- não bastam o dinheiro e o poderio. Vendo-o de olhos fechados, Zilda se retirou de mansinho, evitando fazer barulho. O Coronel não a reteve, deixou-a partir sem retomar o fio da conversa: não gostava de falar sobre a ausência do filho. Devido, quem sabe, ao desgosto dessa ausência, apegava-se ainda mais aos velhos servidores, gente simples. Sai Pequena que envelhecera na casa-grande, sem um só dia de descanso. O negro Espiridiao, a carapinha branca. Quando viera com o bacamarte era um cabra de meia-idade e desde então velava na casa-grande o sono do Coronel. A comadre Zilda e o compadre Natario. Natario terminara compadre e capitão, pois além da valentia e da lealdade, comuns a ele e a Espiridiao, tinha inteligência, sabia ler e escrever e sobretudo sabia comandar: Gente simples e direita, também a moça Sacramento que jamais o tratou por tu ou por você. Dizia vosmice e coronel, mas a voz e os modos eram um consolo para as agruras e o descaso; restauravam-lhe as forças e a vontade de viver. Catava-lhe café, ele na rede, ela sentada no chão, cheirava a folha de pitanga, na cama acolhia-se

em seu peito, ria e suspirava. Conselho de Natario, o Coronel o seguira. Dera-se bem como alias sempre acontecera.

10

Quando se viram no mato sem cachorro, reduzidos ao dinheiro das benfeitorias e mais um pouco posto por caridade por 340

Leovigildo Calasans, dono do banguê, sua Leocadia, octogenária, viúva, mãe, sogra, tia, avó, recordou-se do parentesco. Naquela hora de atribulação, quem os poderia socorrer senão o primo?

Primo em terceiro ou quarto grau, nem por isso desconsiderado. O coronel Boaventura Andrade, na última vez em que estivera em Estância, fazia um tempão, os reconheceu e saudou na feira onde expunham e vendiam a fartura da meação. Milionário, não sabendo onde botar o dinheiro, não desdenhara da pobreza dos parentes. Sentado num caixote ao lado da prima Leocadia, demorara-se a conversar, lembrando pessoas e acontecimentos, uns engraçados, outros tristes. Além de prima, Leocadia fora namorada do trombonista José de Andrade, pai do Coronel. Muitas mazurcas, muitos xotes haviam tracado juntos nas festas da Lira Estanciana, inesquecíveis.

-- Por pouco não fui sua mãe, primo Boaventura. Enternecido, o lorde grapiuna abriu a carteira e deu uns trocados para a criança. Uns trocados? Maquiagem grossa que Leocadia guardou para uma necessidade de saúde e médico. Ao despedir-se, o Coronel ofereceu os préstimos se um dia viessem a precisar. Em Ilheus, as ordens, qualquer coisa é só escrever. Basta botar no envelope: coronel Boaventura Andrade, Ilheus, Estado da Bahia, e a carta chega, não faz falta nome de rua, lá todos se conhecem.

A história não era diferente das demais, repetia-se sempre igual, pequenas discrepâncias de detalhes. Havia cultivado terras a meia, conheceram tempos de prosperidade. Depois foi o que se viu: as terras voltaram a posse do dono, a cana-de-açúcar substituiu o

milho e a mandioca. Em Estancia nao havia como ganhar a vida: nem terras a lavrar, nem empregos no comercio, nada a fazer alem do eito nos canaviais do banguê. Outrora, Estancia chegara a ser metropole de importancia na vida do Estado de Sergipe. As mercadorias, transportadas por mar, desembarcadas na barra do rio Real, acumulavam-se no porto do Crasto. De Estancia saiam para o sertao, movimento intenso de comboios e cometas. Mas os trilhos da estrada de ferro que ligaram a Bahia a Sergipe passaram longe da cidade e assim a condenaram se nao a morte, a decadencia. Aos estancianos nao restou alternativa alem da partida para o sul: a fama do cacau 341

arrastava os deserdados. Ainda mais se haviam perdido terra, lavoura e esperanca. Entao sia Leocadia lembrou-se do parente distante e milionario. Reuniu o cla, propos o exodo. Somavam vinte e tres viventes, pais e irmaos, tios e primos, o mesmo sangue: sete mulheres, seis homens e dez filhos menores, de varias idades. A moca Neneca recusou partir, andava de namoro firme com Osiris, brilhante orador oficial e mediocre flautista da Lira Estanciana, vago caixeiro na modesta loja de tecidos do pai, seu Americo, enfim um morto-em-pe. Neneca aproveitou o ensejo para sair de casa e se juntar com o suplicante: um peso a mais nas costas do pobre seu Americo. Gabriel, pai de Neneca, ameacou fazer e acontecer, ela nem ligou e sia Leocadia disse que ele deixasse a agua correr, calasse a boca: se a assanhada queria ficar ali passando fome para acabar vendendo o corpo, problema dela, eles tinham demais com que se preocupar.

Sia Leocadia escreveu uma carta ao Coronel, recordando o encontro e os prestimos. Nao batera ainda a cacoleta? perguntara Vava, o filho mais velho de sia Leocadia, cinquentao. Se houvesse faltado, a noticia do falecimento teria chegado a Estancia fatalmente, noticias ruins andam ligeiro, nao se perdem nem se atrasam. Nao vai responder, previu o genro Amandio, incuravel desmancha-prazeres.

Não somente respondeu, como o fez por telegrama, foi uma sensação. Juntaram os terrenos, embarcaram na terceira classe do trem para a Bahia onde tomariam o navio para Ilheus, contando o dinheiro pouco. Em Ilheus, o primo se ocuparia deles. Trabalho não faltava sobretudo na época da colheita, mas o Coronel não desejava ver seus parentes mourejando na precária condição de alugados. Lembrou-se de Tocaia Grande, decidiu ir pessoalmente verificar a situação. Com a assistência de Natário, escolheu o local, na divisa do roçado e do criatório de Altamirando. Ali poderiam se desenvolver, o Coronel forneceria algum para os começos, não correriam perigo de que alguém viesse tomar-lhes as terras para nelas plantar cana-de-açúcar. Nem sequer o Coronel poderia fazê-lo para botar roca de cacau: não havia proprietário. Terras devolutas, bastava que as ocupassem.

O Coronel pediu a Natário que fosse receber os estancianos na estação de Taquaras quando desembarcassem de Ilheus. Afinal 342

eram parentes além de conterrâneos, a velha ia cumprir em breve oitenta anos, mereciam mais do que simples compaixão. Assim Natário levou consigo um burro cabresteiro, a própria mansidão e, por segurança, uma rede e um varal: se a macrobia não pudesse montar, viria carregada aos ombros. Esperou por eles na estação e os comboiou até Tocaia Grande.

Sia Leocádia em nada recordava uma macrobia. Enxuta de carnes, espigada, não demonstrava a idade. Sacudida e animada, abelhuda, manteve o burro a passo com a mula ardega montada pelo enviado do primo e reclamou informações:

-- E um lugar adiantado? Tem banda de música? Qual é a devoção da igreja? O santo padroeiro?

O fio de um sorriso aflorou nos lábios de Natário:

-- Banda de música ainda não tem, mas o que não falta é

gaita e violao. Tambem nao tem igreja, fora disso e adiantado como o que, vosmice vai ver, O santo padroeiro, vou lhe dizer: se tem algum, e este seu criado, capitao Natario da Fonseca. Tres das mulheres estavam gravidas: Fausta, Hilda e Zeferina. **11**

As gaiolas suspensas nas paredes de barro batido da barbearia nunca somavam mais de meia duzia. Sem levar em conta a gaiola do canca, quase sempre vazia, pois a ave voava pelo casebre, em liberdade, catando insetos com o longo bico. Nem a da rola fogo-pagou. Exhibiam passarinhos deslumbrantes, escolhidos a dedo por Dodo Peroba. Como explicar serem tao poucos se o passarinho trazia da mata uma quantidade deles, cada vez que armava seus alcapoes em pontos estrategicos?

Edu e Nando, socios no comercio de passaros e de pequenos animais, expunham variada oferta na feira dominical a compradores das redondezas. Um passarinho alegra a casa e mesmo o lar mais pobre e desolado se enriquece e se embeleza com o canto e a plumagem de um corrupiao, um sabia, um cardeal, um curio, um passaro-preto, um canario-da-terra, um papa-capim, um pintassilgo: a lista e vasta. Quanto aos periquitos e aos papagaios, sao intimos e inestimaveis companheiros. 343

Nao apenas os passaros, outros bichos tambem. A viuva Natalina possuia um jupara da cor de mel queimado que ressonava na caixa da maquina de costura, enrodilhado na comprida cauda. A crer no povo, os juparas, ditos macacos-da-meia-noite, eram plantadores de cacau: dormiam o dia inteiro, atravessavam a noite na maior estripulia. Merencia e Ze Luiz criavam na olaria uma jiboia: ja passara de dois metros e ainda nao terminara de crescer. Mantinha o local livre de animais daninhos e afugentava as cobras venenosas. Putas e meninos optavam pela reinacao dos micos. Dodo Peroba nao cacava passarinhos para os vender na feira, tampouco para te-los simplesmente cativos em gaiolas, enfeitando o salao de barbeiro -- chamar a acanhada peca, onde fora colocada a cadeira feita por Lupiscinio, de salao de barbeiro era gabolice igual a de designar o

terreiro do galpao por salao de baile, maneiras de dizer dos moradores do lugar. Da farta recolha das trampas, muitas vezes o passarinho nao guardava sequer uma unica ave. Depois de estuda-las com atenta minuciosidade, de sujeita-las a ensaios e exercicios curiosos e estranhos, seleccionava pouquissimos exemplares, baseando-se em misteriosas conclusoes so dele conhecidas. Voltava a soltar a grande maioria, quando nao a totalidade, e ao ve-los voar felizes com a inesperada liberdade, demonstrava tal contentamento que se poderia imaginar um absurdo: ele os aprisionara apenas para ter o prazer de liberta-los.

Os escolhidos -- pela beleza, pelo canto, pela vivacidade, sabe-se la por que? -- passavam a viver nas gaiolas penduradas na barbearia e a ocupar a maior parte do tempo do passarinho. Dodo os amansava e com infinita paciencia e extrema mestria lhes ensinava a fazer coisas de pasmar. Com o bico, movimentavam nas gaiolas maquinismos de cordoes trancados, baixando e suspendendo dedais para enche-los nos bebedouros de lata, como se fossem pessoas a retirar agua de cacimbas. Descerravam as tampas das gavetas de madeira para comer o alpiste, abriam e fechavam a porta da gaiola e etecetera e tal, um ror de habilidades. Dodo comandava-os estalando os dedos.

Meu Menino, Flor do Mato, Cravina, Arrepiado, Bogalhudo, cada qual atendia por um nome; vinham voando quando chamados pela voz meliflua do amansador. O barbeiro conseguia que, libertos da prisao da gaiola, voassem dentro e fora da casa, 344

fossem longe, e em seguida retornassem vindo pousar em cima da jaula ou na porteira de gravetos de bambu, aberta, a espera. Dobravam o canto e permitiam que Dodo os agradasse. Os moleques, mudos e pasmos, passavam horas vendo-o ensinar aos passaros aqueles impossiveis. Assoviador emerito, Dodo assoviava modinhas, os passaros sofres retomavam a melodia e aprendiam a imitar na perfeicao o chiro dos vizinhos de gaiola. Os passarinhos de Dodo Peroba nao eram apenas mansos e ensinados como outros por

ai afora: eram artistas dignos de figurar num circo. Assim lhe dissera o coronel Boaventura Andrade que em sua mão comprara um concriz --

concriz, joão-pinto, sofre e corrupião são alguns dos nomes pelos quais se conhece o passaro sofre -- para dar de lembrança a moça Sacramento: ouvira-a referir-se a nostalgia do canto do corrupião, coisa mais tocante a seu ver não existia.

Os passaros que Dodo criava e amansava não chegavam para as encomendas, pedidos provenientes das fazendas, da estação de Taquaras, até de Itabuna. O passarinho porém desfazia-se deles contra a vontade e com tristeza, e somente ao fim de prolongada negociação. Não vendia ao primeiro que aparecesse, a qualquer um. Queria antes ter certeza de que o comprador gostava realmente de bichos, não era um daqueles desalmados donos de rinhas de galos e de passarinhos que os criavam na intenção de lutas e apostas. Solta na barbearia vivia uma rola fogo-pagou, essa ele não admitia vender nem por todo o ouro do mundo: beliscava-lhe os dedos dos pés, pousava em seu ombro ou sobre a ouricada gaforinha descobrindo e esticando com o bico os primeiros fios de cabelo branco. Propostas de compra não faltavam, já recebera várias e recusara todas, enraivecendo-se, abandonando sua habitual pachorra, quando insistiam. Como poderia viver sem ouvi-la repetir a cada momento a onomatopeia sonora e divertida: fogo-pagou, fogo-pagou! Era visto a porta, sentado num tamborete de madeira, a ave na cabeça a picar-lhe a gaforinha.

Ora, se deu que uma noite, passado o acorção dos tropeiros, quando o silêncio se fez no descampado, Dodo Peroba despertou do sono leve ouvindo surpreso a rolinha emitir o alegre aviso: aquela hora deveria estar adormecida na gaiola, a alba do dia ainda não se anunciara. Levantou-se da esteira e escutou no es345

curo: os passaros dormiam, não provinha da sala o grito que continuava a se fazer ouvir, obstinado apelo. Chegava de fora, seria

de um passaro perdido, aflito e louco. Quem sabe ferido na asa, sem poder voar, solicitando ajuda?

Deslocando-se sem fazer barulho para nao perturbar os passarinhos, Dodo Peroba esgueirou-se ate a porta. Nao andou dois passos: logo enxergou a lesa ali acocorada, sob o chuveiro. Ao divisa-lo no negrume, Cao sorriu, pos-se de pe e lhe estendeu os bracos.

CRECEM AS AGUAS DO RIO, QUASE ACABAM

COM TOCAIA GRANDE

1

Sob o aguaceiro torrencial, pingando agua, o capote encharcado, o coronel Robustiano de Araujo desmontou na porta da oficina do ferrador de burros. Entregou a redea ao capanga que o acompanhava, Nazareno, irmao mais moco de Gerino, dois cabras de absoluta confianca:

-- Me espere no deposito.

Na porta, Castor Abduim saudou o fazendeiro com alvoroço:

-- Entre, compadre, a casa e sua. Seu afilhado ja nasceu, venha ver que bitelo de mulato. Amulatado tambem, o Coronel. Mas naquelas bandas a divisao se fazia entre ricos e pobres: para fazendeiro nao passar por branco era necessario ser negro retinto como o coronel Jose Nique e fazer questao de apregoar a raca. Negro Ze Nique! Bonito e milionario! -- proclamava-se ele do alto do cavalo pampa estalando o rebenque de couro trancado e cabo de prata. O coronel Robustiano entregava na abertura da entressafra ao padre Mariano Rastos, prior da catedral de Sao Jorge, uma esportula para o altar do santo guerreiro, e um obolo, igualmente liberal, a pai Arolu para o peji de Oxossi, senhor da natureza. Entre os dois, 346

o santo e o encantado, haviam de manter a chuvarada em limites razoáveis para que a floração e os bilros de cacau se desenvolvessem livres de ameaças e a safra fosse ainda maior. Promessa urgente e necessária: nas cabeceiras do rio das Cobras o tempo desabava.

O Coronel desabotoou o capote e o deitou no pedregulho próximo a forja para seca-lo: tempo mais filho da puta, arrenegado!

-- Recebi o recado com a boa nova, vim visitar a comadrinha. Como é que ela está passando?

-- Contente como um passarinho, não para de se rir. O compromisso do compadrio vinha de longe. Ao saldar a dívida contraída com o Coronel para as despesas de instalação da oficina, paga aos pedacos, à la vonte, como o generoso credor lhe permitira -- não precisa se afobar, Ticao, não corre pressa: repetia-lhe a cada recebimento --, Ticao anunciara:

-- Quando um dia eu me casar, vou pedir a vosmice e a dona Isabel pra batizar meu primeiro filho.

-- Pois será com muito gosto, Ticao.

O negro cumprira o empenho. Casar não se casara mas se ajuntara, na prática a mesma coisa. Quando Diva começou a botar barriga, ao avistar o Coronel em Tocaia Grande, Ticao lhe dissera:

-- Me amarrei, Coronel, e o afilhado de vosmice já está encomendado. -- Negro gabola e galhofeiro, acrescentou: -- No capricho.

No capricho, no embalo, no gemer da rede. Amasios, ele e Diva mais pareciam namorados: de zanga ou rusga, nem sequer rumor; de mãos dadas, risonhos, estavam sempre juntos, trocando segredos e beijinhos, e se dizia que haviam nascido um para o outro. Ele a tratava por preta, minha preta, e ela o chamava de meu branco.

Repousava a cabeça no peito negro e largo e ele tocavalhe a barriga com a mão espalmada, medindo-lhe o crescimento. Esperavam, ansiosos.

Finalmente foi de rebulico a madrugada na tenda do ferreiro. Com o inicio da entressafra reduzira-se o movimento das tropas de cacau seco. Quando, no correr da noite, as dores fizeram-se sentir, Ticao fora buscar o galo, amarrado com prudente antecedencia na goiabeira do quintal, e o sacrificara aos orixas. Somente depois saira em demanda de Coroca.

347

Na pisada da parteira, as parentas não tardaram a invadir a casa: Vanje, Lia e Dinora. Dinora com a barriga desconforme, tão avultada, dando a pensar que os ibejes haviam azeitado a estrovenga de Jaoze e iam nascer gemeos, Cosme e Damiao, mabacas. Não adiantou Castor fazer cara feia, tentando impor sua presença ao lado da esteira onde Diva padecia. Quando parava de gemer, ria para ele, valente, como se fosse parideira veterana.

-- Fora daqui! -- Ordenou Coroca, empurrando o negro: --

Va se pegar com os santos. -- Autoridade de parteira, a maior que existe.

Sentado junto ao peji, Ticao aguardou, contendo a impaciencia. Alma Penada e Oferecida estenderam-se a seus pes, inquietos eles também, os focinhos farejando o ar, as orelhas atentas, os olhos postos no amigo. Algo estava a ponto de acontecer, eles sabiam.

Ao escutar o vagido, Castor levantou-se de um salto e varou quarto adentro: Coroca tinha o recém-nascido nas mãos e exibiu o pequeno corpo sujo de sangue na luz alvacentas da barra da manha

para que todos o vissem: Ticao e Diva, Vanje, Lia e Dinora com seu barrigão. No peito do negro o coração cresceu e ele sentiu os olhos

umidos. Desde que se entendia por gente jamais lhe acontecera lagrimas. Nem mesmo ao receber no fim do inverno a noticia da chegada com tamanho atraso da morte de seu tio Cristovao Abduim, ferreiro e alabe. Disse a Diva: se for menino vai se chamar Cristovao como meu tio que me criou; se for menina tu bota o nome que escolher.

2

Logo no mesmo dia mandou, pelo tropeiro Romeu da Luz recado para o coronel Robustiano de Araujo na Fazenda Santa Mariana:

-- Nao esqueca de dizer ao Coronel que nasceu o afilhado dele.

Romeu da Luz acompanhara Gerino ate a tenda do ferreiro para visitar Diva e conhecer o filho de Ticao. Incessante romaria, nao faltou ninguem. Zilda trouxe uma camisola de pagao e sapatinhos de croche, feitos por ela. Fadul retirou de seus 348

guardados e pendurou no pescoco de Cristovao, para livra-lo do mau-olhado, uma correntinha com uma figa de ouro, pequenina. Entre os primeiros a aparecer, Bastiao da Rosa e Abigail, ela arremedava uma barrica, toda redonda: tendo engravidado antes, pariu tres dias depois de Diva.

-- Se nascer mulher -- decidiu o mestre pedreiro --, quando os dois crescerem vao juntar os trapos. Fica contratado desde agora.

Nas fazendas, as colheitas haviam terminado, chegava ao fim a secagem do cacau. Safra alem de todas as previsoes e esperancas, dobrara a anterior com a impetuosa producao das rocas novas. Nas casas dos coroneis dinheiro era cama de gato, disparavam os creditos nas agencias do Banco do Brasil em Ilheus e em Itabuna, nas contas correntes das firmas exportadoras. Nos cabares, os fazendeiros espoucavam champanha, presenteavam as comborcas com aneis de brilhante, pulseiras de ouro, colares de perolas. Para um coronel ser deveras respeitado, devia possuir casa civil e casa

militar: na civil, esposa austera e religiosa, rainha do lar, devotada aos cuidados da família, aos deveres de mãe; na militar, amante vistosa e chique, posta nos trinques, boa de cama, alegre companhia, para deleite da vista e regalo do corpo e para fazer inveja.

No intento de dar a medida dos despropositos, corria a voz pequena nas ruas das cidades, nos caminhos das rocas, que os coroneis acendiam charutos com notas de quinhentos mil-reis. Ao que parece, realmente, em noite de esbornia memorável, comemorativa do fim da safra num cabare de Ilheus, o coronel Damasio de Castro ou o filho dele, o bacharel Zequinha -- as versões se contradizem -- botara fogo numa nota de quinhentos para com ela acender o cigarro de Wanda Miau-Miau, suprema homenagem. Acendera o cigarro da fulvida polaca e aproveitara o lume para o charuto Suerdieck feito à mão na fábrica de São Felix. Não menos farta e feliz fora a colheita de Jacinta Coroca, colheita de meninos. Não perdera nenhum e em lugar de sete tinham sido nove, um atrás do outro. Como assim se eram sete as prenhas desfilando em Tocaia Grande, nas duas margens do rio, durante o inverno, sob a chuva fina? Dinora, conforme as previsões dos abelhudos, pariu gêmeas com a diferença de menos de meia hora entre as duas meninas, duas bonequinhas na gabacão 349

da parteira, Marta e Maria, as primeiras mabacas de Coroca. O

nono, alias o primeiro a nascer, foi posto no mundo por Guaraciaba, mulher de Eloi Coutinho, casal proveniente do Reconcavo. Por eles Castor soubera do falecimento do tio Cristovão Abduim e do devoto comportamento de Madame La Baronne, entregue aos afazeres da Matriz. Mais do que a idade, o sol dos trópicos a avelhantara sem contudo lhe diminuir o elan, prosseguia ativa e atuante: na fervorosa recita do ora-pro-nobis, debulhava adolescentes coroinhas, sem distinção de cor, mantendo no entanto certo fraco antigo pelos escurinhos, dos acolitos de Deus os prediletos.

Tamanqueiros de profissao, Guaraciaba e Eloi ergueram um casebre e comecaram a trabalhar, com afinco e aptidao, o couro e a madeira. Guaraciaba por pouco nao desova no caminho, tao pejada estava. Foi a pioneira naquela paricao; uma das estancias, Zeferina, fechou o ciclo, teve menino na noite em que a enchente comecou.

Cinco femeas e quatro machos nas maos de Jacinta Coroca, maos abencoadas no incenso da velha Vanje, louvor que de boca a boca se generalizava: mandavam-na chamar das fazendas proximas. Da mulher do coronel Setembrino Arruda salvou a vida --

a dela e a da cria --, transformando em feliz sucesso um parto dificil, prematuro, de sete meses. Dona Beatriz descansava na casagrande da fazenda, entre Taquaras e Tocaia Grande, a espera da data prevista para ir dar a luz em Ilheus, assistida pela capacidade do doutor Ismael Alves, obstetra ideal seja pela sabenca celebrada, seja pela idade respeitavel. De repente foi aquele corre-corre, um deus-nos-acuda: mandaram a toque de caixa um mensageiro com a montaria e ordens de trazer Coroca; voando, a todo vapor. Chegou a tempo, segurou as pontas, lutou com a morte, palmo a palmo, nao teve medo. Sera que nao?

3

O coronel Robustiano Andrade deu as alvissaras a comadre Diva, alvissaras dignas de quem colhia mais de cinco mil arrobas de cacau e marcava com seu ferro tantos rebanhos, incontaveis 350

cabecas de gado pe-duro: bois, vacas, novilhas, bezerros e dois touros guzeras, comprados a peso de ouro no sertao de Minas Gerais, filhos de campeon importado pelo famoso criador coronel Alfredo Machado. Alvissaras em nota de quinhentos, estalando de nova.

-- Foi Isabel que mandou pra comadre comprar umas bobagens pro afilhado. Visita de parabens, por consequencia alegre. Entretanto Ticao percebeu nos modos do fazendeiro, de habito conversador e

trocista, uma latente apreensão. Não se aventurou a perguntar a causa mas o próprio Coronel, ao despedir-se na porta da oficina, revelou:

-- Estou muito preocupado, Ticao. Muito mesmo.

-- E por que, se mal pergunto, Coronel?

-- Esta chovendo sem parar nas cabeceiras do rio, uma corda-d'água cada vez mais forte, O rio esta enchendo por demais, não sei o que vai acontecer. Deus queira não se passe nada. Pelas dúvidas, tomei providências para retirar o gado para aquele casco mais no interior onde fica o criatório de bezerros, você conhece. Também ali a chuva lavava o vale, engordava o rio. O fazendeiro e o ferrador de burros demoraram-se um instante examinando o céu coberto de nuvens negras, carregadas, ouvindo o zunido do vento atravessando a mata. O coronel Robustiano de Araujo completou antes de partir sob o aguaceiro:

-- Meu temor maior é pelas rocas de cacau que estão florando: a safra pode gorar. Vamos rogar a Deus que a chuva pare. **4**

Seu Cicero Moura, conhecido nos puteiros pelo apodo de Doutor Permanganato, baixinho e delicado, representante de Koifman & Cia, uma das principais casas exportadoras de cacau, subia e descia o território do rio das Cobras montado em Envelope, burro lerdo e cauteloso, de passo medido e meditado: nos caminhos de lamacais, boqueiros, despenhadeiros, a segurança do cavaleiro dependia da qualidade do animal.

351

Nem sequer para atravessar as trilhas abertas na mata, para arrancar em ínfimas caixa-pregos, seu Cicero Moura abria mão da gravata-borboleta, do colarinho e dos punhos engomados, a ponta do lenço dobrada sobressaindo do bolsinho do paletó, a corrente do relógio cruzada no colete, o cabelo lúcido de tanta brilhantina, uma

risca no meio do penteado, ultima moda. Como se estivesse a caminho de um sarau de gala. De certa maneira assim era, pois nas casas-grandes das fazendas onde pousava sempre que podia, sua chegada movimentava cozinheiras e mucamas, sendo ele chegado a boa mesa e as criadas de servir. Pequeno e magricela, em cada refeicao comia seu peso. Quanto as criadas, tinha razoes de sobra para preferi-las.

Os melhores clientes de seu Cicero Moura se encontravam entre os pequenos fazendeiros. Necessitados em geral de numerario para enfrentar as despesas do paradeiro, nao podiam aguardar temporao e safra quando o preco da arroba de cacau atingia culminancias como faziam os grandes proprietarios. Seu Cicero Moura comprava por antecipacao, e a preco conveniente, parte da safra vindoura, adiantando o pagamento. Nessas plantacoes menores discutia e acertava negocios, bebericando um cafezinho ou um calice de licor de jenipapo, mas para hospedar-se, comer e passar a noite, preferia as grandes fazendas onde o sal era de primeira e as mucamas, crias da casa, eram umas gracinhas. Umas gracinhas, encantavam-no pela mocidade e pelo asseio. Deitando-se com elas considerava-se garantido, livre do perigo de apanhar doenca feia. As molestias venereas, gonorreia, mulas e cavalos, grassavam nos puteiros da regioa, tratadas a base de mezinhas e garrafadas milagrosas. Apenas comecara a palmilhar aqueles cafundos-de-judas, seu Cicero Moura pegara numa pensao de raparigas, em Taquaras, uma gonorreia que se tornara cronica e de gancho e lhe dera panos para as mangas. Desde entao carregava consigo nas viagens permanganato em po: se tivesse de castigar o pau com mulher da vida, exigia que a quenga comecasse por lavar as partes com uma solucao de permanganato dissolvido em agua, condicao sine qua non para trepada e pagamento --

nao era mesquinho se lhe satisfaziam as exigencias. Somente em ultimo caso, porem, recorria as putas. Nos bracos das mucamas sentia-se seguro, pois sendo elas via de regra defloradas e possuidas pelos coroneis tinham de ser, em consequencia, limpas 352

e sadias. Não desdenhava também de amigadas e dava a vida por menina nova, recém-descabacada. Seu Cicero Moura, um tampinha assanhado, doido por mulher. Tornara-se figura popular nos limites das províncias do rio das Cobras. Na imponente pasta de couro, além do caderno de notas com os números das compras e dos créditos, levava macos de pequenas estampas de santos, coloridas, que distribuía com igual piedade as senhoras dos coroneis, as mucamas nas sedes das fazendas e as raparigas nos puteiros: prenda recebida sempre com agrado.

Veza por outra via-se seu Cicero Moura desmontar do burro Envelope em frente ao armazem do árabe Fadul Abdala, enfrentar uma dose dupla de conhaque e se informar sobre o mulheroio:

-- Tem gado novo por aí, amigo Fadul? Alguma bezerra desmamada?

Iniciando seu percurso, na entrada da entressafra e das chuvas de verão, o comprador de cacau passou por Tocaia Grande e repetiu a pergunta habitual. O turco apontou com o dedo a lesa parada sobre o pontilhão, coberta com um saco de aniagem:

-- Alguém comeu os tampos da bichinha e os meninos estão se pondo nela. Esse galalau daqui, também. -- Referia-se a Durvalino ocupado em lavar garrafas junto ao poço. Seu Cicero Moura ainda fuxicou detalhes de idade e de ensejo: quando se dera o caso mais ou menos? Assim novinha, a xoxota em flor, sem ter tido tempo de pegar doença, abrindo as pernas por prazer, não por dinheiro, exatamente como ele apreciava. Tracou o resto do conhaque, dirigiu-se para o pontilhão, o olhar aceso.

5

Servindo a cachaca escassa do paradeiro a fregueses ocasionais, Fadul Abdala digería notícias alarmantes com os olhos postos no céu de chumbo. Conjeturas, vaticínios, exclamações de alarme rolavam sobre o balcão sebento. Também o coração do turco se confrangia. Antes de seguir para Taquaras sob o aguaceiro -- parecia o 353

mesmo que acolhera a chegada tao seguidas desabavam as pancadas d'agua -- o coronel Robustiano de Araujo parou na venda do arabe para dar-lhe bom dia, tomou um trago precavendo-se contra os sintomas de defluxo e reafirmou a apreensao que o consumia:

-- Vou a Ilheus mas volto no mesmo pe. Ha mais de quinze anos nao via tanta agua. A coisa nao esta pra brincadeira. Com igual pressa em voltar as rocas ameacadas, o capitao Natario da Fonseca chegou de prolongada ausencia nas fazendas da Boa Vista e da Atalaia, portador de noticias tristes, recebidas de Itabuna. O rio Cachoeira transbordara, inundando fazendas, destruindo rocas, transformando-as em imenso lamacal, expulsando os trabalhadores para o arraial de Ferradas. Enormes prejuizos: as flores do temporao foram-se na enxurrada. O coronel Boaventura Andrade, nao menos preocupado, aproveitara-se para reenviar dona Ernestina as comodidades do palacete em Ilheus, nao antes no entanto que a santa senhora iluminasse a capela com dezenas de velas acendidas aos pes de Sao Jose, com a assistencia da moca Sacramento, amor de menina, dedicada aos patroes, seria e diligente. Docil e calida, acrescentava o Coronel a seus botoes, aninhando-se nos bracos acolhedores para suportar essas novas aflicoes que se acrescentavam a antigos e pesados amargores. Se Sao Jose nao se comovesse com as velas e as promessas, se o diluvio persistisse nas cabeceiras do rio das Cobras, tambem ali, como sucedera no vale do rio Cachoeira, o temporao estaria perdido e a safra correria perigo. Nao foram apenas o coronel Robustiano e o capitao Natario, donos de terras e de rocas, a tocar rebate. Mateiros e alugados, passantes no rumo da estacao e das cidades, bandos de putas em retirada, repetiam a mesma desolada lengalenga: as aguas subiam e ameacavam o cacau. Batido pela chuva, tambem Pedro Cigano veio se refugiar em Tocaia Grande:

-- Caminhos nao tem mais, e pura lama, as tropas ja nao passam. Vou ficando por aqui ate Deus mandar uma estiada. No balcao de seu prospero negocio, Fadul Abdala ouvia os relatos assustados, os

maus pressagios. Todos eles, os fazendeiros, os alugados, as raparigas e o tocador de harmonica preocupavam-se com a floracao das rocas, os incipientes bilros nascendo nos cacaueros, com o temporario e a safra.

354

Escutando, constatava que ninguem se referia ao destino dos viventes. Calculavam o montante dos prejuizos causados pela enchente do rio Cachoeira, mas com a sorte dos retirantes sem pouso e sem comida, apinhados em Ferradas, ninguem se preocupava nem deles se compadecia. Tendo perguntado o que estava sucedendo com aqueles infelizes, soube, mais ou menos vagamente, do surto de bexiga negra. Casos esparsos de bexiga nao davam motivo para sustos, mas quando prosperava em epidemia, a morte fazia a feira, faturando alto.

Mais de dois decenios haviam transcorrido desde que Fadul Abdala pisara o chao do cacau e se fizera grapiuna, primeiro de alma e entranhas, depois de certidao. Guardava no fundo do bau, envelopado em papel pardo, o documento do cartorio de Itabuna, no qual se liam data e local do nascimento de crianca de sexo masculino, cor branca e etecetera e tal, que na pia batismal recebera o nome de Fadul. Vira a luz do dia na Fazenda Araruama, no termo de Macuco -- brasileiro nato por obra e graca de Ubaldo Madureira, segundo escrivao e companheiro de regamboleio nas pensoes de raparigas. Homens e mulheres, meninos e meninas sobretudo, chegados do outro lado do mundo, renasciam brasileiros na pena garranchosa do amanuense, O tabeliao, bacharel Marcio Costa do Amaral, punha carimbo e rubrica, garantias da verdade, embolsava boa parte da maquia.

Bons brasileiros, diga-se para que a verdade se complete. Fadul quase esquecera dia e circunstancia do desembarque no porto de Ilheus, adolescente recomendado ao patricio Emilio Calim, proprietario do Bazar Alexandria em cujo balcao penara e aprendera.

Mas ainda não se compenetrara: em sua amada pátria grapiuna, antes dos homens e mulheres vinham os pés de cacau, contavam mais.

Inesperadamente, seu Cicero Moura, que devia estar de fazenda em fazenda comprando cacau por conta de Koifman & Cia, prendeu o burro Envelope no poste do oitavo do armazem, achegou-se ao balcão tomando cuidado para não sujar as mangas do paletó surrado porém impecável, apesar de todo aquele aluvião de lama. Fadul chegou a estranha-lo, pois o corretor não pediu notícias do mulhério, não quis saber de gado novo, O rosto ensombreado, não escondia o desassossego:

-- A situação está ficando preta, amigo Fadul, ninguém 355

quer fechar negócio. Vou esperar por aqui que as chuvas parem.

Fadul admirou-se: esperar em Tocaia Grande? O Doutor Permanganato pousava habitualmente em Taquaras onde inclusive viviam contraparentes seus. O turco não perguntou a razão: no balcão do cacete armado terminava por saber mais dia menos dia o porque das coisas sem ser preciso demonstrar curiosidade ou empenho, sem passar por perguntao.

6

Acompanhada por Tarcisio, Coroca dirigiu-se para o rancho dos estancianos na outra margem. Ao atravessar o pontilhão, constatou o crescimento do bojo do rio: cheio e rumoroso descia com raiva, reclamando. Reparou nos montões de baronesas arrastadas no ímpeto da correnteza. Uma flor azul, erguida entre duas folhas verdes, mantinha-se incólume no burburinho das águas, frágil e soberana. O rio, bom amigo: dava-lhes peixes e pitus, água para todas as necessidades, nele se banhavam, lavavam roupa, matavam o tempo em galhofa e prosa e, nas noites claras de lua cheia e nas escuras de lua nova, casais enrabichados usavam-no para namoro e vadiacão, mergulhavam abraçados nas águas tepidas, gemiam nos

remansos, se abrigavam nos desvaos dos juncos. Sem que nem porque transformara-se em inimigo, rosnava bravatas, trovejava ameaças. Coroca assim pensou mas nada disse, para não aumentar a aflicção do suplicante.

O rapaz caminhava depressa e tenso, era natural: Zeferina, sua mulher, queixara-se dos primeiros puxos, dores ainda leves e intermitentes. Afobado, ele se tocou debaixo do toro para a casinha de madeira na Baixa dos Sapos. Não ia esperar que aume tassem as contrações ou que a padecente começasse a perder as águas, para então sair em disparada a procura da parteira.

-- Chegou a hora da onca beber água, dona Coroca. Vambora!

Vambora! Quantas vezes Coroca ouvira o chamado imperativo, atendera a ordem peremptoria, e saíra, também ela agoniada? Controlava o nervosismo e o medo, somente conseguia encontrar a calma necessária ao chegar ao local e assumir o mando 356

da pugna: ela de um lado, do outro a morte. Na ocasião o sobressalto, o aperto no coração era ainda maior, pois, não passando das três da tarde, tinha-se a impressão de que um prolongado crepúsculo, feio e triste, se abateria sobre Tocaia Grande. Vamos, concordou sorrindo a fim de acalmar Tarcísio. Cobriu a cabeça com um saco e lá se foi fazer o parto de Zeferina. O

oitavo da seara iniciada com Guaraciaba, a tamanqueira: o nono levando em conta que o de Dinora fora de gêmeos em noite de prodígio e maravilha!

As rajadas de vento ameaçavam carregar o consumido corpo de Coroca e no pontilho ela teve de apoiar-se no braço do acompanhante. Com tanta chuva ninguém punha o pé fora de casa, mas não compete a parturiente escolher a data da desova. Quando atendeu Hilda e a aliviou, via Leocádia, entendida em coisas de religião, explicara que a hora e o dia são anotados na folhinha do céu, com antecedência. A parteira zombava das crendices ancia: quer

dizer que quando o menino nasce antes de tempo e porque o santo errou nas contas das luas entre o dia da descaracao e o do padecimento, me diga vosmice. Sia Leocadia ria com os disparates de Coroca, alem de pecadora, herege: o ambiente se desanuviava, os trabalhos de parto decorriam faceis, sob as bencaos do Senhor.

As estancias eram de bom parir, ao menos Hilda e Fausta tinham sido, certamente o mesmo iria acontecer com Zeferina. Os maridos, em troca, uns avexados, ao primeiro alarme corriam para a casa da parteira. Enquanto ordenava os preparativos iniciais, Coroca punha-se a par das iniciativas e dos projetos daquele povo trabalhador, unido e cordato, igual ao de Ambrosio. E festivo, a se julgar pelo pouco tempo de residencia: qualquer pretexto servia para que armassem um arrasta-pe; se possivel, de acordo com os demais sergipanos e com a gente do arraial, no ultimo caso eles sozinhos: nao deixavam escapar domingo sem um divertimento. A musica nao era problema, os quatro homens formavam um conjunto bem ou mal afinado, pouco importava: Vava e Tarcisio ao violao, Gabriel no cavaquinho, na flauta Jardelino quebrava o galho. Dois dos mocetoes, Zelito e Jair, arranhavam tambem as cordas da viola e nao faziam feio. Sia Leocadia puxava o rancho, a mae da animacao.

Adiante do criatorio de Altamirando, onde, no outeiro 357

pedregoso, as cabras reproduziam-se destras e independentes --

cabrito-montes. Cao as apascentava --, os estacianos haviam medido varias bracas de terra, comecavam a roca-las e planta-las: campos de mandioca, feijao e milho, de batata-doce a aipim. As mulheres se encarregavam da horta, cultivavam as verduras e os legumes mais consumidos na regio: chuchu, quiabo, jilo, maxixe, abobora. Sia Leocadia explicava:

-- Gosto de comer um cozido de sustancia... -- costumes de Sergipe, influenciando na mesa grapiuna, marcando gosto e preferencia. Planejavam plantar um pomar para cultivar laranjas -- a de umbigo,

nem o mel se lhe compara no sabor, a d'agua e a seca, a da terra, amarga como fel mas com a casca faz-se o doce mais gostoso -- limao e tangerina, alem das frutas que ali cresciam ao deus-dara, tantas e incomparaveis: jaca, manga, abacate, mamao, caju, mangaba, pitanga, caja, jaca-de-pobre, fruta-de-conde, condessa e pinha, groselha, jambo e carambola, goiaba e araca, muitas e muitas outras, nem de longe a lista se esgotou. Touceiras de pes de banana de especies variadas: da terra e d'agua, da prata e de ouro, a banana-maca e as de sao-tome, roxas ou amarelas, boas para levantar as forcas dos doentes. Mais ainda do que em religiao, sia Leocadia era entendida em doces de calda e de pasta, em Estancia fazia-os para vender a numerosa freguesia. No dia em que os estancianos terminassem de amanhar o chao que haviam demarcado, a feira de Tocaia Grande nao ia dar abasto ao faturao. Sia Leocadia projetava vender as sobras na feira de Taquaras. Habitavam um rancho de palha, enorme, com divisoes para os diversos casais e para a meninada, mas previam para breve a construcao de casas separadas, ao menos quatro. Parto facil, ode Zeferina, a exemplo dos de Hilda e Fausta. Nao foi como o de Isaura, trabalhoso, tampouco duplo como o de Dinora. Havia uma certa expectativa no arraial em torno da desova de Zeferina, dando lugar a algumas apostas sobre o sexo da crianca. Em Tocaia Grande tudo e nada eram motivo para jogo e rifa, rifavam-se gatos e cachorros, passaros cantadores, gaiolas trabalhadas, um relógio sem corda, uma garrucha, o diabo a quatro. No decorrer da temporada tinham nascido quatro machos e quatro femeas, caberia a Zeferina o desempate -- os peritos colocavam dinheiro na forma e no empino da barriga. 358

Nasceu menina ja depois das nove da noite e sia Leocadia anunciou o nome escolhido: Jacinta. Jacinta, ai, nao me diga!

Sim, senhora, o nome da comadre responsavel pelos partos das tres estancias, quem mais merecedora? Nao mereco nada, nem sei o que dizer, isso nao se faz. Tomada de surpresa, Coroca perdeu o rebolado, viram-na por fim encabulada. Tudo em ordem, Coroca

lavou as maos com um pedaco de sabao de coco, outra novidade dos estancianos, tomou o gole de cafe coado por Fausta e em cima o trago de aguardente servido por Gabriel. Recusou acompanhante para o caminho de volta --

onde ja se viu? Ao cruzar o pontilhao, assustou-se: as aguas, barulhentas, celeres e rebeldes, encobriam-no, corriam sobre as tabuas, incontrolaveis. Ainda nao havia chegado na porta de casa quando ouviu o estampido assustador.

7

A cabeça-d'agua alimentada pelas chuvas do diluvio cresceu nas nascentes do rio das Cobras, ergueu-se altissima montanha, e espoucou. O rio entao desceu das cabeceiras, rugindo, varrendo tudo o que encontrou em sua frente. Opresso nos limites imemoriais das margens, atrabiliario ele os rompeu e a enchente inundou Tocaia Grande. Foi um horror, recordava o Turco Fadul. Na mata invadida, os animais fugiam apavorados, subindo pelas arvores, enfiando-se terra adentro, num exodo onde se misturavam cobras e oncas, passarinhos e macacos, porcos-do-mato, tatus e capivaras, lerdas preguicas movendo-se de galho em galho. Os que nao escaparam a tempo lutavam impotentes contra a correnteza, logo os corpos foram muitos e diversos, boiando a deriva, bichos selvagens e criacoes domesticas. Com o estrondo, quem estava dormindo se acordou, quem velava a espera do pior pos-se de pe, sairam todos portas afora. O rio arremetia insano, a massa de agua crescia a cada instante e se alastrava, destruindo o que encontrava pela frente. Ao rio se juntou o vento, rodopiando furibundo, para terminarem de vez com o arraial. Vislumbravam-se vultos na escuridao, alguns empunhando fifos que em seguida se apagavam, outros gritando recomendacoes, pedidos de socorro, ordens, quem sabe o que: o

359

vendaval consumia as palavras e a luz das candeias. Nao se ouvia nada alem do ronco apavorante da enxurrada e do bramido funebre

do tufao. Um homem passou correndo, era o carpina Lupiscinio, foise postar junto ao pontilhao. Sera que pensava sustenta-lo com as maos, defende-lo com o corpo? Mulheres afluam da Baixa dos Sapos, desatinadas; chegava gente do Caminho dos Burros; reuniam-se no descampado em pasmo e confusao, em alarido e choro. Ninguem sabia para onde ir nem o que fazer.

Mais forte que o terror e o desespero, a voz tonitruante do arabe .Fadul Abdala cobriu o zunido do pe-de-vento e o motim das aguas. Punhos erguidos, desafiava os ceus. **8**

Primeira construcao a ruir e a ser tragada no caudal das aguas, o velho palheiro, apodrecido pelo tempo, arrastou em seus destrococ a memoria de alegrias e tristezas. Quando havia danca no chao de barro batido, solido que nem cimento, o Turco Fadul, usando vocabulario de cabare, denominava-o pomposamente salao de baile. Mas servira com igual proveito de dormitorio para tropeiros e passantes que ali acendiam braseiros para chamuscar jaba e esquentar cafe. Juntavam-se em roda dos baralhos, sala de jogo, cassino de apostas, antro de trapacas e bafafas onde refulgia amiude o aco dos punhais. Cenaculo de prosa e cantoria: casos; embelecoc, abusoc, modinhas, repenicar de violao e cavaquinho, sons de concertina. Enfermaria de hospital, ali repousaram doentes em transito para Itabuna em demanda de medico e farmacia. Capela mortuaria, onde parentes e estranhos velaram defuntos lembrando-lhes os feitos e as qualidades no animo da cachaca. Territorio de frete e de xodo, no palheiro olhares cruzaram, ouviram-se galanteios, casais se conheceram e se desejaram, se desentenderam e se despediram, sonhos nasceram e se desfizeram. Arena de desavencas, colera e peleja, ali a violencia desmandou-se, correu sangue e aconteceram mortes.

Nos distantes outroras houvera um pequeno galpao, abrigo levantado pelos valentes que abriram a trilha reduzindo o percur360

so dos comboios de cacau e, ao desembocar em lugar assim bonito e acolhedor, referiram-se a ocorrencia ainda recente da tocaia grande e com esse nome o batizaram. Tendo crescido o movimento dos tropeiros e aumentado o numero dos moradores, tornando-se intenso o trafego de putas, mateiros e alugados, instaladas bodega de turco e tenda de ferrador de burros, houve necessidade de local mais espacoso.

Para edificar o palheiro se congregaram todos os habitantes: duas duzias de degredados, se muito, contando homens e mulheres. Pressurosos e unanimes atenderam o apelo de Castor Abduim, novidadeiro, quando, a pedido da negra Epifania, o ferreiro resolveu festejar o Sao Joao. Para dizer a verdade, a festa comecou na hora em que decidiram construir o palheiro e distribuiram as tarefas. Nao foi trabalho, foi divertimento: cortar as palhas nas palmeiras, medir as varas de bambu, tracar a costura dos cipos, estabelecer as bases e a cobertura.

Uma festa, comprovou Pedro Cigano que, estando de passagem, resolveu deter-se em Tocaia Grande para participar do rumoroso vaivem e comandar o ciclo dos festejos. Comecou propondo antecipar a data da inauguracao para a noite de Santo Antonio, proposta acolhida com entusiasmo. Quantas festas o sanfoneiro abrilhantara no pobre e feerico salao de baile de Tocaia Grande? O numero exato nem ele sabia, nem ninguem, tantas tinham sido, cada qual mais animada. Mas os que participaram do dancaras inicial jamais o esqueceriam por motivos varios que tiveram a ver com a abrupta presenca da morte e com a proclamacao da vida. Comecara influido e ruidoso com tumultuado fuzue de putas no qual se exibiram Dalila e Epifania, Cotinha e Zuleica, um pega-para-capra realmente divertido e empolgante. Para esquentar uma festa nada se compara a um bom tira-teima de raparigas. Assim sendo, o baile prosseguira na maior satisfacao ate a hora do conflito, quando os boiadeiros quiseram agarrar as mulheres a

forca. Como se sabe, terminou em tristeza e luto. Uma bala perdida matou a pequena Cotinha, surpreendente criatura: corpo franzino, alma compassiva, animo forte. Sabia receitas de doces e licores e os preparava, delicias de convento. Crescera num convento de monjas onde para melhor servir a Deus servira de consolo e passatempo a frei Nuno de Santa Maria, 361

poderoso cachopeiro portugues. Quando o nome de Cotinha vinha a tona, recordado com saudade, Coroca a comparava a um passarinho

Antes porem de receber o tiro, ela e todos os demais circunstantes, os da terra e os de fora, os de boa paz e prepotentes, ouviram a proclamacao enunciada em alto e ban som por Fadul Abdala em nome da pequena comunidade que ali vivia e labutava: em Tocaia Grande eram todos por um e um por todos, eis a divisa do lugar. Valia a pena recorda-la na hora fatal da inundacao, ao se ver o arraial ameacado de desaparecer nas aguas, quando mais uma vez o turco se ergueu para falar em nome da comunidade bem mais numerosa. Para reafirmar a divisa inscrita na noite de Santo Antonio nos brasoos que Tocaia Grande nao chegou a possuir, pacto de vida triunfante sobre a morte **9**

No meio das palhas desfeitas, levadas pelas aguas, reconheceram-se pertences de seu Cicero Moura: os punhos de celuloide, o colarinho duro, a gravata-borboleta, a camisa e o par de calcas. Onde estariam o capote e as botas, pecas de valor? E o proprio comprador de cacau, distinguido cidadao, representante de Koifman & Cia? Se dormira no galpao, certamente enfiara o capote e as botas e saira a ver a desgraceira.

10

Logo a seguir ao palheiro, foram-se de roldao nas aguas turvas do rio as chocas de palha das raparigas, os casebres de barro batido, miserrimas moradias. Tambem o quase nada que as andejas

possuiam: enxergas e esteiras, rotas e sujas cobertas de chitao, utensilios de barro, latas de variado emprego, mafuas de penuria.

De pe restou apenas a casinhola de madeira mandada construir nos antanhos pelo capitao Natario da Fonseca para 362



abrigar Coroca e Bernarda, a velha e a menina. Ainda assim invadida pelas águas, os trapos de vestir e os objetos de uso perdidos no arrastão. O caixão de querosene, berço do menino, fizera-se em pedaços contra uma árvore na dança da correnteza. Não escapara sequer o barraco levantado para Epifania quando a negra despontara naquelas bandas com sua manemolência e os homens do lugar se esmeraram na massa dos adufes e no trancado de varas. Resistiu um pouco mais, terminou por adernar e se desfazer em lama. Em dois tempos, o puteiro se acabou, da Baixa dos Sapos só restava o nome.

11

Ao ouvir o estampido, Coroca precipitara-se para casa, entrou gritando por Bernarda. Não esperou que ela despachasse o fregues, arrebanhou o menino e partiu correndo, espadanando água, curvada pelo vento. Ao sair, avisou:

-- Tou indo pra casa do Capitão, levando Nadinho. Ande depressa.

Bernarda a alcançou no começo dos degraus de pedra, arfante:

-- Que chuva é essa, comadre? Nunca vi...

Coroca restituiu-lhe a criança:

-- Se fosse só chuva... É a enchente, tu não se deu conta?

--. Tava ocupada. Pra onde voemice vai?

Coroca deu meia-volta, Bernarda segurou-lhe o braço: a lama corria entre as pernas das duas mulheres, o vento as sacudia:

-- Zeferina pariu inda agorinha, vou lá ver ela e a menina que nasceu. Ajudar no que puder.

No sope da colina vultos se agitavam. Não passou pela cabeça de Bernarda deter a velha, ao contrario soltou-lhe o braco, aconchegou o menino contra o peito e, antes de retomar a subida, avisou:

-- Deixo Nadinho com madrinha Zilda e vou lhe encontrar.

-- E melhor tu ficar por aqui. Vai ter muito que acudir.

-- Possa ser.

Coroca desceu equilibrando-se nos degraus escorregadios, Bernarda prosseguiu na subida, Edu veio a seu encontro: 363

-- Quer que ajude? Me de o menino. Mae ta lhe esperando.

-- Precisa nao. E tu? Ta indo onde?

-- Vou pegar um burro pro mode ir avisar Pai que ta na Atalaia sem saber de nada. Ouviram o barulho do palheiro desabando. Parados, tentaram enxergar na escuridao, o vento cortava como navalha. Edu despencou pela ladeira.

-- Corre pressa!

Bernarda retomou a subida; o menino choramingava. Da varanda destacou-se o vulto de Zilda, andou rapidamente para Bernarda, estendeu os bracos para recolher a crianca:

-- Me da meu filho.

Somente entao, ao abrigar-se em casa dos padrinhos, Bernarda estremeceu de medo: nao dos perigos da enchente, nao era medo de morrer. Muito pior: teve medo da bondade, das abnegacoes da vida. Bem Coroca lhe avisara: quando mulher-dama bota menino no mundo, um dos dois se prepare para sofrer. Ou o filho na desvergonha e no descaso dos puteiros ou a mae partida ao meio, o coracao fora do peito.

12

Os acontecimentos, os grandes e os pequenos, estes não menos importantes, ocorreram, vários ao mesmo tempo, com a mesma incrível rapidez com que as águas se alastraram e se elevaram, cobrindo por inteiro o vale e o sope das colinas. Um mar, mal comparado -- disse o velho Gerino que nunca vira o mar mas o sabia desmedido.

Ao abandonar as moradias sob o impacto do estrondo do rio a se rasgar, os habitantes deram-se conta de que estavam com água no meio das canelas mas nem tiveram tempo para se admirar pois a água continuou a subir coxas acima, ultrapassou as barrigas, chegou ao peito dos mais altos, ao pescoco dos mais baixos. O nível mais elevado mediu-se pela manhã numa claridade difusa como se a noite tentasse prosseguir: a cheia batia no queixo de Fadul. O povo subira pelos morros, espremia-se nos degraus da ladeira empedrada que levava a casa do Capitão. 364

Noite de pesadelo, houve um começo de pânico, por pouco não se generaliza. Contido a duras penas, foi possível ordenar providências enquanto a enchente ainda não ultrapassara a altura média dos adultos. Desarvoradas baratas tontas, as raparigas iam da oficina ao armazém, recorriam aos gritos a Castor e a Fadul, de algumas mais desvairadas partiu a histeria e o anúncio do fim do mundo. O resto do povo atirara-se para o descampado ao ver, com os olhos que a terra haveria de comer, o casario do Caminho dos Burros reduzir-se a menos de metade em questão de minutos. As choupanas e os barracos desabavam na torrente, iguais a frutos apodrecidos caindo das árvores. Malocas levantadas as pressas, provisórios abrigos de viventes que tendo chegado sem intenção de permanência, pensando demorar-se o período de uma empreitada, botaram raízes e ali se fixaram. De pé resistiram as construções mais sólidas, de tijolo e pedra e cal; ocupadas pelas águas que entravam e saíam por portas e janelas, os moradores expulsos.

Pouco afeitos ao medo, valentes e fanfarroes, habituados a conviver com jaguatiricas ferozes e serpentes venenosas, a desafiar a morte nos caminhos de tocaias, jaguncos e clavinoteiros, viam-se de subito ameaçados por forcas superiores -- as aguas em revolta derrubando casas, tragando animais, o vendaval arrancando arvores, levantando-as no ar -- nao sabiam como enfrenta-las, sentiam-se desarmados, impotentes. As armas de fogo -- revolveres, repeticoes, bacamartes --, as armas brancas -- punhais, facas de ponta -- nao resolviam, necessitava-se de outra valentia. Atonitos, hesitantes, acuados, cercavam Fadul sem saber o que fazer. Nao faltava o que fazer se quisessem enfrentar a situacao e limitar as consequencias: bastava olhar em derredor, acompanhando o gesto imperativo do turco, os bracos estendidos. Fadul nao titubeou: acabara de dizer a Deus as ultimas verdades, estava pronto para o que desse e viesse. Começou recuperando o caixeiro Durvalino, pondo-o nos eixos: o varapau ameaçara perder a cabeça e fazer feio. Ao avistar as roupas de seu Cicero Moura boiando nas aguas, Leva-e-Traz ficara palido, dera para tremer. Os olhos esbugalhados, apontando a camisa e o par de calças, começara a vagir que nem criança nova, manifestara sintomas de chique, como se nao bastassem as putas. Urgia terminar com o mau exemplo antes que outros o

imitassem e fosse geral o faniquito. Fadul nao perdeu tempo com discursos e conselhos, recorreu a remedio comprovado: aplicou a mao no pe do ouvido de Ja-Sabe?, um unico bofetão:

-- Se guenta, seu frouxo!

Foi tiro e queda, Durvalino aguentou as pontas: se nao recuperou a calma absoluta, ao menos engoliu o cagaco, começou na mesma hora a trabalhar. Cagaco, frouxidão, termos inadequados para definir o estado de espirito empregado do armazem: uma cisma, um pressentimento ruim. Vez por outra estremecia, abria a boca como se quisesse contar alguma coisa mas continha-se, guardava para si sobressos e cuidados. Do jeito que o patrao estava, a ocasião nao era propicia para discutir-lhe as ordens. A fim de recuperar o animo

abalado e impedir que o pânico se alastrasse, Fadul atribuiu -- atribuiu não, impôs sem deixar escapatoria -- a cada um, de imediato, responsabilidades concretas a enfrentar e a cumprir. Quanto a população da outra margem, dela se encarregaram Ticao Abduim e Bastião da Rosa, parentes afins dos sergipanos por laços de amizade. **13**

Não tardou e a casa do Capitão se encheu de gente, pela manhã estava abarrotada. Ali, até os mais desalentados sentiam-se em segurança, garantidos contra tudo e contra todos, inclusive as incontroláveis forças da natureza, estavam a salvo da raiva e do castigo de Deus. Por encontrar-se a casa situada no alto da colina e por pertencer ao capitão Natário da Fonseca. Para lá transportaram os recém-nascidos e as paridas, além de uma rapariga de nome Alzira, queimando de febre, sem forças para andar, carregada às costas por Balbino. Na sala repleta, Nadinho, o menino de Bernarda, ensaiava os primeiros passos mal equilibrado nas pernas, os outros filhos do Capitão corriam a ampará-lo, estouravam em riso. Bernarda descera para ajudar levando nos olhos a ameaçante visão daquela alegria despreocupada. Também Diva, tendo entregue a criança aos cuidados de Zilda, despencou ladeira abaixo sob a chuva e o vento, atravessou o descampado com água pela cintura, queria saber dos parentes do 366

outro lado do rio. Havia de chegar lá, fosse como fosse. Enfrentando a enchente, desobedecendo ao combinado com Ticao: fique com o menino, deixe que do resto eu me ocupo.

Os pequeninos na cama de casal, a doente na rede de Edu, mulheres chorando, homens calados, soturnos, naquela barafunda, Zilda pensou no que poderia fazer para diminuir o medo e dar novo alento aos fracos e mofinos ali refugiados. Puxar reza como queria dona Natalina não adiantava, a merencoria litania só fazia aumentar o acobramento. Zilda andou para o gramofone, manejou a manivela, ajustou o cilindro, a música fluiu, se estendeu e se elevou encobrindo a ladainha, a enchente e o vendaval.

14

Vencido o susto inicial, o povo demonstrou coragem, acudiu aos apelos, foi de bom adjutorio. No armazem, para preservar a mercadoria, ajudando Fadul e Durvalino a arrumar o estoque nas prateleiras mais altas, rentes ao teto. No curral, comboiando as reses para os morros a fim de impedir que o turbilhão as arrastasse, trabalhadeira desgranada. Por sorte eram poucas: a vaca leiteira, uma novilha e um boi aguardando abate. Precavido, o coronel Robustiano antecipara a remessa para Itabuna do grosso da boiada que ali se refazia antes de seguir para o matadouro. No depósito de cacau, para salvar a carga acumulada, a espera das tropas em atraso de Koifman & Cia. Dezenas de arrobas de grãos de cacau seco amontoadas sobre o assoalho, foi uma lufa-lufa. Com o auxílio dos voluntários, homens e mulheres -- as mulheres paravam de chorar, começavam a se divertir --, Gerino e os cabras que guardavam o depósito conseguiram levantar, com as tábuas sobradas da obra do pontilhão, uma espécie de jirau para nele armazenar, a salvo das águas, o cacau que tratavam de ensacar o mais rápido possível. Ainda assim, parte dos grãos foi atingida e se encharcou: perdendo a classificação de cacau superior, passando a good ou a regular. Restava discutir quem arcaria com o prejuízo: o Coronel ou a casa exportadora? Em Ilheus, o fazendeiro alertara Kurt Koifman, o 367

chefe da firma: andasse depressa pois tudo podia ocorrer no vale de Tocaia Grande. As chuvas ameaçavam a floração das roças mas o cacau seco estocado nos depósitos não estava livre de perigo se, a exemplo do rio Cachoeira, o rio das Cobras transbordasse. Com empenho de admirar-se, Pedro Cigano tomou a si o encargo de recuperar a canoa, tão necessária naquela emergência. Amarrada na margem oposta, seria natural que dela se ocupassem os sergipanos. Mas o sanfoneiro não quis ouvir razões e se tocou. Pela segunda vez, o caixeiro Durvalino agiu de maneira estranha, por pouco não leva outro tabefe. Tentara acompanhar Pedro Cigano, demonstrando também ele singular interesse pela embarcação. Mas Fadul cortou-lhe as asas e o manteve sob suas vistas, recebendo e executando

ordens. Por ordem do turco ou por iniciativa propria, Durvalino, embebendo em breu trapos inuteis, atando-os em varas de bambu, conseguiu fabricar algumas tochas cujo fogareu resistia ao vento, permitindo enxergar na escuridao. Assim puderam recuperar a tempo parte da criacao ameacada de exterminio e objetos dados por perdidos. Ajudavam galinhas a subir em goiabeiras e cajueiros, conduziam leitoes e porcos para as encostas das colinas. Salvavam animais e arrecadavam utensilios sem a preocupacao de saber a quem pertenciam: os donos se apressariam a reclama-los quando a enchente declinasse. Se um dia tal milagre acontecesse. Nao seria por falta de rezas e promessas: a costureira Natalina que, para se abrigar em casa do Capitaõ, subira os escorregadios degraus da ladeira, enfrentando a torrente perigosa, levando na cabeça a maquina Singer, seu ganha-pao, prometera mundos e fundos a Santa Maria Auxiliadora dos Aflitos e iniciara ladainha, com pouco sucesso, e bem verdade. Igualmente Merencia recorrera aos santos implorando demencia e misericordia. Sem levar em conta os rogos das putas: devido ao peso dos pecados nao alcançavam os ceus, desfaziam-se nas aguas da enchente com as palhas apodrecidas das chocas.

Temente a Deus benquista nas alturas, Merencia mereceu imediata resposta as suas preces. Na fulguracao de uma tocha empunhada por Ze Luiz, viu passar entre os destrocõs, enroscada num tronco de arvore, a jiboia que habitava na olaria. Ao reconhece-la, Merencia se precipitou, conseguiu salva-la, depositando-a nos galhos da jaqueira. Atravessara as aguas revoltas com a 368

cobra enrolada no busto volumoso: figura estapafurdia, digna de ser vista, causava espanto e riso. Naquela noite de espavento, nos limites de Tocaia Grande, viu-se de um tudo, houve motivo para espanto e riso, para choro e desespero.

Dodo Peroba conteve-se no melhor da vadiagem, buscou soltar-se de Ricardina quando escutou o pipoco do rio, tiro de canhao, ensurdecedor, barulho pavoroso, som de morte. A vaga derrubou a porta da casa de farinha, cobriu os corpos abracados e os rolou no chao. Dodo conseguiu por-se de pe, ajudou a apavorada Ricardina, saiu a ver. A agua invadira os rocados, devorava o milharal. A doca ainda tentou rete-lo ali, em seguranca. Mas ele a repeliu, desabrido, brusco, contrastando com seu feitio gentil e maneiroso. Enfrentou o temporal, desconheceu a enchente, o pensamento posto nos passarinhos presos nas gaiolas:

-- Me larga!

Chegou tarde demais, a barbearia deixara de existir, as gaiolas com os passaros haviam socobrado. Para que nem tudo fosse desolacao e tristeza, para conter as lagrimas do amestrador de corrupioes e curios, Guido recolhera das aguas a cadeira de barbear e pousada nela, a rolinha fogo-apagou. Dodo tomou do passarinho com os olhos umidos e o colocou sob a camisa junto ao peito para que se aquecesse. Somente entao se interessou pela cadeira, unico bem que lhe sobrava, pois do canca nao encontrou vestigio por mais houvesse demorado a procura-lo.

16

Ticao Abduim e Bastiao da Rosa desceram juntos da casa do Capitao onde haviam deixado as mulheres e os filhos, Cristovao e Otilia, em companhia de Maria Rosa, a menina dos tamanqueiros que iniciara a safra de partos no fim do inverno. Tamancos ao sabor das aguas afiguravam-se pequenos barcos enfrentando tempestades.

369

Junto ao pontilhao o carpina Lupiscinio montava guarda. Zinho buscara demove-lo, inutilmente; decidira entao fazer-lhe companhia. Bastiao da Rosa, que trabalhara com Guido e Lupiscinio no dificiloso empreendimento, vangloriou-se:

-- Isso e que e obra de se tirar o chapéu. Viva nos, compadre Lupiscinio! -- O pontilhao era um dos orgulhos de Tocaia Grande.

-- Ate agora ta aguentando. Vamos ver pra diante. Onde oces tao indo?

-- Ver como o pessoal de la ta se arranjando.

-- Nos vai trazer os meninos pra casa do Capitaó. -- Esclareceu o negro: -- Por que oce nao vem com a gente? Pode ser de precisao.

-- Vamos, Pai. -- Insistiu o rapaz: -- De que adianta ficar aqui?

-- Nao adianta de nada, eu sei. Mas uma coisa como essa, que fez a gente penar e se babar de gosto, e mesmo que um filho. Se corre perigo a gente quer ficar junto. Vai tu com eles.

-- Vou nao. Fico com vosmice.

A primeira pessoa que enxergaram na casa de farinha foi Coroca. Nos bracos secos, a criancinha que aparara horas antes e a quem haviam dado o nome de Jacinta. Espalhados no tacho, os demais recém-nascidos: as gêmeas de Dinora, os meninos de Hilda e Fausta. Faltava o de Isaura, ocupado a sugar o peito materno ubere escuro e tumido: o leite escorria farto. Uns poucos homens: a maioria andava a procura da canoa.

Molecas e moleques, indoceis, ali contidos a duras penas. Um mundo de mulheres, silenciosas. Ambiente carregado, triste, Bastiao da Rosa pilheriou na intencao de desanuvia-lo:

-- Bonita tachada de beijus!

Alem de dois ou tres moleques, apenas sia Leocadia, sentada na rosca da prensa, as pernas cobertas pela agua, riu da brincadeira do mestre-de-obras. Ambrosio nao achou graca, arrenegou:

-- Nos vai levar muito tempo sem comer beiju, sem torrar farinha. A mandioca se acabou, os rocados o rio levou. Nos perdeu tudo o que tinha. Sia Vanje deu um passo em direcao ao marido e, sem desdize-lo, fechou-lhe a boca de lastimacao. De que adiantava s queixar?

370

-- Ta certo, meu velho, o rio levou um punhado de coisas: as rocas, o rancho, os bichos. Mas nao levou tudo nao. A terra ta

ai, nos planta ela de novo, se Deus quiser.

Amancio, um dos estancianos, ripostou:

-- Parece que Deus nao ta querendo. Se depender dele... De cima do assento improvisado, sia Leocadia repreendeu o pirracento, apoiou Vanje:

-- Cala a boca, tu nao sabe o que diz. Eu digo o mesmo que vosmice, sia Vanje. Nos ta com vida e ninguem tomou a terra da gente. So peco a Deus que nos de saude.

-- Saude e um pouquinho de sol... -- brincou novamente Bastiao: -- Se lembra da promessa que lhe fiz, tia Vanje? A primeira casa que vou botar de pe quando a cheia se acabar vai ser a de vosmice. Nao pense que me esqueci.

Mal podiam se mover no pequeno recinto da casa de farinha. Ticao pediu noticias de Altamirando, a mulher e a filha. Soube pelos estancianos que o casal permanecia no rocado, ocupado em salvar a criacao de porcos; a enchente engolira o casebre e o chiqueiro. Nao haviam visto a lesa: largada no mundo, nao tinha hora de sair nem de chegar. A menos que estivesse com as cabras, metida num socavao dos morros. A conversa nao chegou a se encompridar pois os homens, que tinham ido recolher a canoa, voltavam, portadores de mas noticias. Conforme o previsto, da canoa nem sinal. Deixavam-na emborcada entre as raizes de copada cajazeira, mais

abaixo da correnteza, num local onde o rio, livre da garganta de pedras, se alargava e se tornava mais profundo. Como imaginar que a embarcação permaneceria ali, a disposição dos donos? O rio passara a ser senhor e dono, único e incontestado, desmandando sozinho. Nem paga a pena ir ver, dissera Ambrosio. Junto com os roceiros chegou Pedro Cigano, haviam-no encontrado ao pé da cajazeira: sombrio, de cara amarrada, falando sozinho.

O negro Castor não permitiu sequer que comesassem a discutir sobre a sorte da canoa:

-- Vambora enquanto o pontilhão tá firme, antes que leve a breca.

Coroca tomou a dianteira, exibiu o nenem para o pedreiro e o ferrador de burros:

-- Coisinha mais linda!

371

Despiu a blusa para com ela agasalhar melhor a criancinha, fio de vida, condão de esperança.

17

Imoveis nas lombadas do outeiro, as cabras eram pedras esculpidas. De súbito, sem motivo, uma delas partia a correr, desatinada; as demais a acompanhavam. Na paisagem devastada, as cabras afirmavam a eternidade.

Entre os dois, Das Dores e Altamirando, carregavam morro acima os porcos da engorda, as porcas prenhas e a parida, os leitões, mais de dez bichos pesados: cada passo custava um rude esforço. Perderam três dos oito bacorinhos. Por falar nisso, cade

Cão que não aparecia nas horas de ajudar? Gostava de embalar os bacorinhos, cantava-lhes cantigas de ninar.

Do paradeiro de Cao, fosse de dia, fosse de noite, ninguém dava notícia certa; de sua vida o pai e a mãe, resignados, carregavam a cruz. Sendo ela lesa, uma simples de Deus, sem tino de gente, impossível por-lhe freios, controlar-lhe os passos. Tentar bem que tinham tentado, sem sucesso. Das Dores dissera e repetira a Altamirando ao vê-lo amide apoucado por causa da filha:

-- Deixa pra lá. Foi Deus que fez ela assim, fica aos cuidados dele. Nós não podemos fazer nada. -- Temia que se o marido viesse a saber de tudo, enfurecido, matasse a pobre de pancada. Assim era, não podiam fazer nada. Altamirando buscava seguir o conselho da mulher, deixar de mão, tratava de não esquentar a cabeça. Mas quando Cao aparecia para apascentar as cabras, acalentar os bacorinhos ou para mercadejar na feira; quando vinha correndo e se pendurava em seu pescoco, o sertanejo, sem nada demonstrar, sentia-se outro, leve e contente. Uma boa menina, sua filha, não tinha culpa da moleira fraca, nascera assim, se havia um culpado era Deus que não tivera pena dela. Bonita como era, esquecida da cabeça, indefesa naquela brenha, melhor mesmo não pensar nas desgraças fáceis de acontecer. Exaustos, nas últimas forças, Das Dores botando os bofes pela boca, terminaram de labutar com os porcos. Nada tinham 372

podido fazer para salvar a lavoura. Das Dores sentou-se num pedregulho, Altamirando anunciou:

-- Vou me tocar por aí.

-- Fazer o que?

-- Vou procurar ela. Tenho de encontrar.

-- Vou com o ce.

-- Pra que? Tu fica aqui, tomando conta. Um sozinho ou dois junto, e a mesma coisa. Volto com ela ou com a notícia. A notícia: outra coisa não podia ser. Deus que dá a vida, dá a morte, pensou Das

Dores. Altamirando desceu o outeiro, entrou na água que lhe batia na cintura, vergou-se para a frente sob a chuva e o vento, e saiu a procurar a filha. Das Dores cobriu a cara com as mãos, pos-se a chorar.

18

A visão de Altamirando desnortado, indo de um lado para outro, no meio das águas que cresciam, a perguntar pela filha --

se a tinham visto, onde, com quem, fazendo o que -- causou tamanha impressão em Durvalino a ponto de leva-lo a enfrentar novamente a ira de Fadul Abdala, seu patrão a quem estimava, acatava e temia:

-- Seu Fadu, não me leve a mal mas tenho de ir...

-- Ir onde, pelo amor de Deus? Acha pouco...

-- Eu vi, com meus olhos...

-- Desgracado! Não vê que não é hora de fuxico?

-- Juro pela alma de minha mãe. Vi os dois, Cao e seu Cicero, no embarco da canoa. Seu Pedro Cigano também viu.

-- Por que não disse antes?

-- Bem que quis, vosmice não deixou.

Não chegaram a cajazeira onde a canoa estivera embarcada, tampouco obtiveram notícias recentes de Cao e de seu Cicero Moura, outras tarefas difíceis e urgentes ocuparam o patrão e o caixeiro. Do sumiço da canoa souberam pelos sergipanos enquanto Pedro Cigano confirmou haver visto de noitinha a maluqueta e o comissário de Koifman & Cia encaminhando-se para o abrigo da

cajazeira. O que lhes sucedera depois não tinha ideia. Ao ouvir o estrondo teriam fugido ou a enchente os alcançara?

373

Na metade do caminho entre o pontilhão e a casa de farinha, Fadul e Durvalino defrontaram-se com o numeroso bando dos sergipanos. Apesar da pressa, avancavam lentamente no cuidado com Zeferina, recém-parida e com as crianças, entre advertências e precauções. Velhos e jovens, homens e mulheres, a meninada insubmissa, além dos que haviam vindo do arraial: Coroca, Castor, Bastião, Pedro Cigano. Projetada dos longes da memória, uma lembrança azucrinou o árabe: menino, vira caravanas chegando do deserto, carregadas de miséria e de infortúnio. Tão diferente e tão igual. Ao se defrontar com os retirantes, e somente então, Fadul pode medir a completa extensão da catástrofe. Antes, não lhe sobrava tempo para se ocupar com os roceiros: ademais do casario, a enchente engolira a lavoura, arrasara, destruíra Tocaia Grande. Nos dois lados do rio, a miséria e o infortúnio. Logo quando as coisas marchavam tão a contento e ele, Fadul, começava a colher os frutos de sua persistência. O bom Deus dos maronitas mais uma vez o punha à prova. Bom Deus? Raios que o partam! Deus da ruína e da desolação, impiedoso, atrabiliário, carrasco! Iarara-dinak! Rara! Rara!

19

De nada adiantaria prosseguir no rastro de Cao e de seu Cícero Moura: a canoa já não servia de ponto de referência. Tício sugeriu que, após deixarem as mulheres e a filharada em segurança em casa do Capitão, organizassem uma batida geral nos arredores, em busca dos desaparecidos. Quem sabe, além daqueles dois, haveria outros: com tanto morador novato em Tocaia Grande, como afirmar que todos estavam a salvo? Reuniriam os homens disponíveis -- não sou homem mas me bote na lista, reclamou Coroca. Bastião duvidou da praticabilidade da ideia:

-- Enquanto as águas tiver subindo não vai se poder fazer nada. Daqui a pouco não dá nem pra se andar. Dagora em diante só vai ser pior.

Nem que houvesse adivinhado: Zinho surgiu como um fantasma, a pedir socorro. O rio arrancara as tabuas de cima do 374

pontilhão. Desvairado, Lupiscínio falava em se matar se a enchente destruísse a maravilha feita pelos mestres-de-obra a custa de suor, competência e capricho.

A enchente crescia em volume e em violência. Tício adiantou-se com o raspa-tabuas para avaliar o estrago. Fadul suspendeu com as mãos enormes a venerável sã Leocádia, pele e ossos e a indomita vontade de viver, e a colocou nos ombros, as pernas encaixadas em seu pescoco:

-- Esta a gosto, minha tia? -- Primeiro falou para a velha, depois para todos: -- Vamos atravessar de qualquer maneira. Aqui ninguém pode ficar, e morte certa. Não foi fácil mas conseguiram passar o povo todo. O negro mergulhara sob o pontilhão constatando que o rio levava apenas as tabuas do piso. As travessas que o sustentavam, grossos toros bem fixados, resistiam; as bases estavam íntegras, nada tinham sofrido. Consolado, Lupiscínio foi de opinião que era possível fazer a travessia por ali, utilizando os barrotes. Organizaram uma espécie de ponte humana: sobre cada uma das doze toras de madeira um homem se equilibrava, em pé. Assim, mudando de mão em mão, os nenéns cruzaram o rio. Menos a pequenina Jacinta, pois Coroca não admitiu confiá-la a outras mãos: medindo o passo, alargando-o na medida necessária, atravessou pisando sobre as travessas. Logo seguida por homens e mulheres. Fausta e Isaura escorregaram, mergulharam, engoliram água mas não chegaram a correr mais perigo. Uns poucos exibidos preferiram afrontar a correnteza, a nádo. Vava quase se afoga. Por iniciativa da molecada, utilizaram a porta da casa de farinha como embarcação. Armado com uma vara, Nando a pilotou; dedicaram-se a recuperar bichos e

bregueces. Naquela confusao de medo e de tristeza, os moleques riam alegremente. A cheia para eles nao era uma calamidade, era estupenda diversao, aventura apaixonante. Felizes, no navio dos piratas, capitao e marinheiros.

Descarregada dos ombros de Fadul, sia Leocadia, antes de galgar, em companhia das paridas, os degraus da subida para a casa do Capitao, perguntou por Das Dores. Vira-a carregando porcos para o morro, mas quando Altamirando passara diante da casa de farinha indagando pela filha, estava desacompanhado. Nao podiam abandona-la sozinha, sem recursos, na dependencia da volta do marido.

375

Fadul e Ticao entreolharam-se e, sem trocar palavra, dirigiram-se para a margem oposta, de onde tinham acabado de chegar. **20**

Tao ansiosos, o turco e o negro nao escutaram os gritos de Diva, perdidos na zoeira da enchente. Gritos altos, contidos solucoes: trazia nos bracos o corpo da cadela Oferecida que se afogara ao tentar acompanha-la.

Diva se atirara na agua para atravessar o rio e ser de auxilio a familia no outro lado, nao aguentava ficar a espera de noticias. Nao notou que a cadela a seguira desde a casa do Capitao. Somente ao chegar a outra margem, e ao estender a vista pelos arredores, se deu conta, tarde demais. A correnteza arrastara Oferecida para o fundo e a arremessara contra as pedras submersas. Diva enxergou o sangue borbulhando, antes de ver o corpo que boiou mais adiante num derradeiro estremecao.

Conseguiu alcanca-lo. Diva nadava igual a um peixe, nao era por acaso uma sereia? A pancada abrija a cabeca de Oferecida. Diva nao permitiu que o rio a levasse de cambulhada com as criacoes. No regresso de Ticao, cavaram um buraco na mesma colina onde ficava o cemiterio e ali a enterraram, assistidos por um cortejo de

moleques. Alma Penada ganiu durante horas, postado junto as pedras com que marcaram o local da cova. **21**

Os corpos de Cao e de seu Cicero Moura foram localizados bem mais abaixo no curso do rio, presos a montoes de baronesas. Avistara-os, a tarde, o capitao Natario da Fonseca, que acorria ao chamado de Zilda, varando a estrada.

Na Fazenda da Atalaia, Edu tivera de varejar as rocas a procura de Natario que acompanhava o coronel Boaventura Andrade numa inspecao aos cacau ais: a floracao sofria a valer com as chuvas, o perigo prolongava-se. Caras fechadas, o Coronel e o Capitao arrenegavam o mau tempo, remoiam prejuizos. 376

-- A bencao, seu-Coronel. A bencao, Pai. Mae mandou dizer que a cheia esta acabando com Tocaia Grande. Ta de fazer medo.

-- Com sua licenca, Coronel, vou ate la pra ver. Amanha ou o mais tardar depois de amanha, estou de volta. Estava de fazer medo, conforme anunciara Edu, e de cortar o coracao. Com a diminuicao das chuvas, a subida das aguas estacionara, mas o rio continuava a correr impetuoso e se alastrara pela mata. O Capitao, antes de alcancar a residencia na colina, percorreu o vale de ponta a ponta, a mula preta patinhava. Cavalgou pelas encostas dos morros onde a maior parte do povo se refugiara, parando para conversar, ouvir informacoes, escutar lamurias, dirigindo-se a cada um pelo seu nome, botando a bencao nos moleques. Nao disse que a enchente era uma bobagem nem que era o fim do mundo. Preferiu pedir sugestoes sobre como deviam agir assim que a cheia terminasse: o pior ja havia passado. Atento as opinioes e aos alvitres, com pouco estava discutindo projetos para reedificar e replantar:

-- Ja pensou onde vai botar a tamancaria, amigo Eloi? E

vosmice, seu Ambrosio, vai aumentar as rocas? -- Definiam detalhes, tomavam decisoes: --Ta na hora de ter uma pensao de raparigas em Tocaia Grande, tu nao acha, Ressu? -- Ressu achava.

Convocou voluntarios para remover os cadaveres de Cao e de seu Cicero Moura, e se informou do paradeiro de Altamirando. Soube que o sertanejo regressara a outra margem, ao outeiro onde deixara a criacao. Levava rapadura, um pedaco de jaba, uma garrafa de cachaca. Das Dores, resgatada por Ticao e Fadul durante a noite, agradecera mas retornara com o marido, nao admitira permanecer longe de seu homem. No armazem, o Capitao disse a Fadul:

-- Vou dar a noticia a eles.

-- Quer companhia, Capitao? -- Fadul se ofereceu. -- A carga e pesada. Altamirando nao se conforma.

-- Melhor que o compadre fique por aqui e se ocupe do enterro.

De noitinha, afinal, Natario entrou em casa e saudou a assistencia, um mundo de gente: de sia Leocadia, octogenaria, a Jacinta, bebezinho que ainda nao completara um dia de nascida. 377

Cercaram-no de todos os lados. Zilda carregava ao colo o filho de Bernarda:

-- Vou tomar ele pra criar.

O Capitao assentiu com a cabeça; pintando o sete, reinavam pela casa meninas e meninos que Zilda parira ou adotara, todos com a mesma cara de curiboca, sangue forte de indio: a bencao, meu pai.

22

Colocados em redes, iluminados pelas tochas, os corpos foram levados diretamente ao cemiterio ao escurecer. Nao havia local em condicoes para compassiva e influida sentinela na qual, entre tragos de cachaca, recordassem as boas qualidades dos falecidos. Cao, bonita e simples do juizo, fora a alegria do arraial, quem nao a estimava?

Os moleques corriam atrás dela, em algazarra. Os rapazes derribavam-na no emborco da canoa, nos cerrados em macios leitos de capim, nas clareiras da mata na vista dos lagartos impassíveis. Não somente rapazes novos, também homens feitos e maduros a desfrutarem e eram esses os que ela preferia. Teria sido compassivo e indiscreto velório de fuxicaria, fecundo em indagações: quem sabe, na fiada de lembranças e inconfidências, se tirasse a limpo o segredo em que se mantinha envolto o descabamento de Cao. Quem lhe comera os tampos, enfrentando a ira de Deus? Que não fora nenhum dos três insistentes e ineptos gabirus, Aurelio, Zinho e Durvalino, se sabia com certeza. Quem então? Pedro Cigano, sanfoneiro? Dodo Peroba que amansava passarinhos? Guido? Balbino? Seu Cicero Moura, de colarinho duro e gravata-borboleta?

Seu Cicero Moura, não. Somente se aproveitou e se regalou depois dela ter perdido os tampos. Havia muito também o que contar sobre seu Cicero: começando pelas razões do apelido de Doutor Permanganato, as manias de limpeza, o gosto pelas mucamas, o odor de brilhantina, a risca no cabelo. Pessoa importante nos atalhos do rio das Cobras, comprador de cacau, comprador de cacau, comissário de firma exportadora. Quem o substituisse, de fazenda em fazenda, carregando a pasta de documentos e o livro de notas, 378

continuará, ou não, a ofertar as pequenas estampas de santo, prenda piedosa e cobicada? Quem quer que fosse, não haveria de ser tão engomado e divertido quanto seu Cicero Moura. Se as putas satisfiziam-lhe as exigências, não discutia preço e pagamento. Pelo jeito, na opinião dos entendidos e eram muitos, Cao se afogara tentando salvar seu Cicero Moura, que não sabia nadar, banhava-se na água rasa, no Bide das Damas. Na hora do desespero atracara-se com a lesa, impedindo-lhe os movimentos; com o braço rodeara-lhe o pescoco e o apertara. Ninguém quis comentar o acontecido: não sendo na animação da sentinela, o melhor era esquecer.

Altamirando e Das Dores carregaram a rede com o corpo da filha. O Capitao e Fadul levaram o corpo franzino de seu Cicero Moura, calcado com as botas, vestido com o capote, os olhos abertos, esgazeados. No acompanhamento nao faltou quase ninguem. Ze dos Santos e sua Clara, o povo de Ambrosio, o clã dos estancianos, a excecao de sua Leocadia que nao estimava cemiterios. Dos morros onde se acoitavam desceram os moradores do Caminho dos Burros e o enxame de putas. Merenda fez o pelosinal, rezou um padre-nosso. Outra adivinha a decifrar: quem conseguira colher, nos cumulos das baronesas, uma flor intacta, azulceleste, e a colocara entre os dedos de Cao?

Situado numa encosta, o cemiterio nao fora atingido pela cheia, permanecia incolume. Entre as covas vicejavam mamoeiros, bananeiras, cajueiros, pitangueiras, agreste pomar, alegre de cores, rico de aromas. Indo de cova em cova podia-se contar a historia inteira de Tocaia Grande, desde o remoto e nebuloso comeco de lenda e patranha, ate o descalabro da enchente ainda acontecendo.

23

A enchente durou mais de trinta horas de agonia ate que na segunda noite as chuvas tornaram-se intermitentes e as aguas comecaram a baixar, a refluir lentamente para o leito do rio. Um sol mofino iluminou o chao de lama e a devastacao se mostrou plena, desnuda e suja.

379

Numa e noutra margem, a ruina e o abandono: as plantacoes alagadas, o cultivo destruido, a criacao dizimada. No arraial restaram as poucas casas de tijolos e de pedra-e-cal, meia duzia de barracos de adobe, o deposito de cacau, o curral, o forno da olaria, a oficina do ferreiro, o armazem do turco, a residencia do Capitao no alto da colina. Na Baixa dos Sapos apenas a casinhola de madeira de Coroca e Bernarda. Nas fazendas, as rocas de cacau, sobretudo as plantadas nas proximidades do rio, sofreram com a cheia, houve

prejuizos a lastimar, menos porem do que se previu e se temeu. Como se o rio, prosseguindo na assentada tradicao do continente grapiuna, tivesse preferido violentar e destruir a morada dos homens a prejudicar a lavoura do cacau.

Alguns dias depois, viajando para Ilheus onde dona Ernestina se excedia em promessas e em missas, consultava espiritos de luz sobre a meteorologia, o coronel Boaventura Andrade, acompanhado pelo capitao Natario da Fonseca e pelo negro Espiridiao, passou por Tocaia Grande, gleba de charcos, escombros e entulhos onde o povo ainda recolhia restos de pertences. Balancando a cabeça, o Coronel lastimou penalizado:

-- Bem que a comadre disse: se acabou. De vez. Nunca mais volta a ser o que ja foi.

Dizia para o Capitao, para Fadul e Castor, estavam os tres e tambem Pedro Cigano bebericando junto ao balcao da venda. Nos labios de Natario perpassou aquela sombra fugidia de sorriso: mal elevou a voz como se fosse desnecessario sublinhar as palavras:

-- Com sua licenca, Coronel, vou lhe dizer: vosmice ainda vai ver Tocaia Grande duas vezes o que foi.

Olhou para os demais, gostaria que estivessem todos: o velho Gerino e Coroca, Lupiscinio e Bastiao, Balbino e Guido, Merencia e Ze Luiz, Dodo Peroba e o povo da outra margem:

-- Nao sou eu sozinho quem ta dizendo. Pergunte a Fadul e a Ticao, a qualquer um que vosmice encontrar por ai vivendo nos outeiros.

Olhou alem da porta para a paisagem novamente bela sob o sol luminoso do verao:

-- Nao sei de ninguem que tenha ido embora daqui por causa da enchente. Nem as raparigas que nao sao de parar em lugar nenhum. So se fala em fazer casa, casa que a agua nao 380

derrube. Vosmice ha de voltar aqui comigo um dia desses: vai ver Tocaia Grande e vai se admirar.

NO DIA DA FESTA DO BARRACAO,

A FEBRE CHEGA E SE INSTALA

1

Fosse Pedro Cigano, cigano de verdade, de nacao e sangue, e se transformaria em artigo de fe a abusao de certas raparigas que costumavam emprestar carater sobrenatural as periodicas aparicoes do troca-pernas em Tocaia Grande. Mas sendo ele cigano apenas de apelido, atribuiam a concordancia de datas e fatos a reconhecida sabedoria do sanfoneiro: em simples casualidade ninguem acreditava.

-- Tu adivinha festa, nao e, meu bom? -- Exclamou a dolente Analia ao ve-lo transpor o batente da porta na pensao de Nora Pao-de-Lo: -
- Como foi que tu soube?

-- Um passarinho pousou no meu ombro e soprou em minha orelha. Tu nao sabe que os passarinhos sao meus proprios?

Me contam de um tudo.

O sumico se estendera por meses e meses. As noticias trazidas pelos tropeiros impediram que o considerassem morto e enterrado: animava dancaras nas quebradas do mundo e a todos perguntava por Tocaia Grande. Para explicar ausencia tao prolongada, havia quem afirmasse que Pedro Cigano tomara raiva do lugar, raiva ou desgosto. So podia ser. O motivo teria a ver com a morte de Cao nos bracos de seu Cicero Moura, um nanico, um pigmeu. A verdade de tais invencionices nunca se consegue comprovar, mas se mestre Pedro pensou que por haver sido o primeiro, seria o unico a derrubala sob o emborco da canoa, revelara total ignorancia a respeito da natureza das lesas, outra nacao muito singular. Na cronica fortuita

dos caminhos, as patranhas se alimentavam de ouvir dizer; Pedro Cigano jamais se gabara das primicias do cabaco de Cao; ao contrario, se alguem puxava o assunto, ele mudava de conversa.
381

De qualquer maneira, por adivinhacao ou por sabedoria, por ter superado o desgosto ou nao ter suportado a saudade, apenas acertada a data da festanca inaugural do barracao, ei-lo acomodado junto ao balcao do armazem, saboreando a lambada gratuitas de cachaca, oferecida por Fadul Abdala no calor das boas-vindas:

-- Como havia de faltar? Quem foi que inaugurou os outros dois? Nem a morte podia me impedir: levantava da cova e vinha. A inauguracao fora marcada para o domingo, sete de setembro, alias por feliz coincidencia data comemorativa da proclamacao da Independencia do Brasil, conforme lembrou o turco, cidadao informado e patriota, o unico em Tocaia Grande. Para os demais, essa historia de independencia era conversa-fiada, vaga e abstrata, acanhada, sem rudimentos nem larguezas. Para Ticao tinha a ver com o Dois de Julho e o desfile dos grupos escolares nas cidades do Reconcavo, os meninos carregando bandeiras e andores com as figuras do caboclo e da cabocla. No Dois de Julho, usando arcos e flechas contra as baionetas, os indios haviam expulsado os portugueses. Ou isso ou coisa parecida.

-- So faltava mesmo o amigo. -- Concordou Fadul. Como poderia estar ausente? A voz amarga revelava a justa indignacao do sanfoneiro. Quem senao ele colaborara na construcao dos galpoes anteriores? Do palheiro, se recorda, seu Fadul?

Um palacio, se comparado a precaria caranguejola situada no centro do descampado, entre o rio e as colinas: quatro paus fincados na terra, cobertos com quatro palmas de dende. Levantado em noite de chuva e frio, pelos tropeiros que haviam aberto na forca dos facoes e nas patas dos burros a trilha inicial para reduzir as leguas da estrada. Ele, Pedro Cigano, ajudara a por de pe o primitivo abrigo.

Nao via motivo para riso e troca. Fora de bastante ajuda, pois nao: dera palpites e alvitres, tirara teimas. Para construir nao bastam os bracos, nada se faz sem o uso da cabeca. Propusera ademais que assinalassem o feito e combatessem a chuva e o frio com um fovoco, e assim se fizera. Batucaram ate de madrugada, oito viventes contando tropeiros, ajudantes, putas e ele, Pedro Cigano, de fole em punho.

-- Perguntem a Lazaro se e mentira -- desafiava. Acontecidos de antanho, vetustos, nem o turco os conhecia. Mas Lazaro ai estava, vivo, tangendo tropas da Fazenda do 382

Malhado para Itabuna, podia confirmar ou desmentir a carrada de detalhes citados pelo viramundo: as putas eram tres, Coroca ha de se lembrar. Recordava os nomes das outras duas: Maria Grelao, ja

falecida, e Do Carmo que, ao se amigar com o vaqueiro Oseias, deixara de fazer a vida. Pedro Cigano perorava no parlatorio do cacete armado: cacete armado como se dizia quando Fadul abriu as portas do negocio, para vender cachaca, jaba e rapadura. Como havia de faltar? Nenhum acontecimento de importancia, bom ou ruim, sucedera em Tocaia Grande sem que dele participasse o tocador de harmonica. Com o pifio, ah, com o divino som de seu fole comandara festas de truz, forros de arromba. Alegre conviva na mesa do rega-bofe, brioso parceiro no emborco da garrafa, moco bonito no xodo das raparigas, com a mesma tempera e a mesma compostura testemunhara e padecera as adversidades e as desgracas a que se viram expostos lugar e moradores. Do assalto dos jaguncos quando Tocaia Grande nao passava de uma tapera com quatro putas e uma bodega, conforme definira Gerino na remota occasiao, ate a enchente do rio que, se nao acabara com o arraial, pouco faltou.

-- Ja sabe, seu Pedro? Tao dizendo por ai que ate o coronel Boaventura vai vir pra festa.--Anunciou Durvalino, o sabe-tudo.

-- Praza Deus! Dantes o Coronel gostava de um forro e de uma mulherzinha nova. Era mais moderno e menos rico.

-- De mulher nova gosta ate hoje.

Falando em mulher, o turco quis saber se o amigo Pedro Cigano ja estivera na pensao de Nora Pao-de-Lo:

-- Tem uma recruta, uma tal de Ceci... -- juntou os dedos da mao direita, colheu um beijo nos labios e o lancou no ar para completar o elogio da rapariga.

Pedro Cigano ainda nao estivera, chegara indagorinha mas nao deixaria de ir, com certeza. Para conhecer a fulana e o randevu:

-- Barracao, com esse vai ser o terceiro que inauguro. Mas pensao de mulher-dama em Tocaia Grande, nunca pensei de ver. Me contaram, levei na conta de lorota.

E la se foi Pedro Cigano rumo a pensao de Nora Pao-de-Lo. Embasbacado, de queixo caido, percorreu o arraial de ponta a ponta, parando a cada momento para trocar dois dedos de prosa, repetir interjeicoes de pasmo. Na pensao, desdenhou das habili383

dades da patroa, da dolencia de Analia, dos recomendados atrativos de Ceci, preferiu Paulinha Marisca que trazia de olho ha um montao de tempo.

2

Terra grapiuna, prodiga em riquezas e exageros: com um copo de agua se fazia um oceano. No vaivem das trilhas e estradas, dos atalhos e caminhos, tropeiros, alugados, putas em mudanca, jaguncos, inclusive coroneis, comentavam e engrandeciam o progresso de Tocaia Grande. Sacrificada por pavorosa enchente

-- tambem a enchente ganhava em volume e em violencia -- a povoacao se reerguera do pantanal a que ficara reduzida: nao se contentando em voltar a ser o que ja fora, movimentado lugarejo, ganhava foros de prospero arraial, de futuro assegurado: dera um salto para a frente, so vendo para crer.

Em lugar de ir-se embora, o povo juntara-se solidario. Virou uma familia, explicou em Ilheus o coronel Robustiano de Araujo, testemunha idonea. Com pouco tempo renasceram plantacoes e casario. Para contar tintim por tintim o dia-a-dia da reconstrucao de Tocaia Grande seria necessario cuspo e latim e, se certos detalhes valiam a pena pela graca ou pela valentia, a maior parte nao passaria de prolixa repeticao de atitudes correntias e fatos simples, enfadonho relatorio. Sergipanos e sertanejos retomaram a lavra da terra, os criatorios de porcos e de cabras. Com o auxilio de pedreiros e carpinas, levantaram moradias mais solidas, mais amplas e em maior numero. A necessidade promovia serventes a pedreiros, raspa-tabuas a carpinas, mestres-de-obra de cambulhada. Bastiao da Rosa recordou-se do prometido> antes mesmo de cuidar da casa de Jose

dos Santos e de sua Clara, avos de sua filha, se ocupou com a se sua Vanje e de Ambrosio. Promessa e divida, que ninguem paga, mas Bastiao, rapaz direito, pagou a divida, cumpriu a promessa. As vezes acontece.

Trabalhando noite e dia, espontaneo mutirao em curiosa prestacao e troca de servicos com pagamento em produtos da terra e bichos de criaao, se possivel, e dinheiro quando Deus desse 384

bom tempo, os habitantes refizeram a topografia do arraial. Topografia, palavra solene e presumida, nao se aplica a Tocaia Grande: modificaram a aparencia do lugar.

Antes da enchente, alem do Caminho dos Burros, arteria unica acompanhando o rio, havia o descampado com o terreiro ao centro

e, espalhados na distancia, o armazem, a oficina do ferrador de burros, o deposito de cacau e o curral, pouso das boiadas. Mais adiante, a Baixa dos Sapos, com as chocas de palha e a casinhota de madeira onde viviam Bernarda e Coroca. Assim era Tocaia Grande: em paragem tao bonita um lugarejo feio. Ate a lembranca se perdeu nas aguas. O Caminho dos Burros passara a ser Rua da Frente, de alegres fachadas coloridas. Paralela a Rua dos Fundos: houve quem preferisse habitar mais distante do rio. No Beco do Meio que ligava as duas vielas -- as duas ruas na ostentacao do povo -- os tamanqueiros viviam e trabalhavam. Ali tambem dona Natalina colocara a maquina de costura e nao chegava para as encomendas. Uma delas, recentissima, trazida pelo capitao Natario da Fonseca: vestido de festa para Sacramento, a zinha que embeicara o coronel Boaventura. Na Baixa dos Sapos novas palhocas substituiram as que o rio levara, todas alias. As raparigas precisavam com urgencia de um buraco onde estender as esteiras. Outras, porem, menos apressadas, tendo fixado raizes em Tocaia Grande -- Nininha, xodo de Lupiscinio, para lembrar apenas uma -- aproveitavam para construir habitacoes estaveis. Assim, uma ruela de barracos de adobe nasceu e prosperou: na esquina, pintada de amarelo, ficava a pensao de Nora Pao-de-Lo: alcunha precisa aos quinze anos, quando debutara em Aracaju, fofo e saboroso pao-de-lo; aos quarenta uma catraia boa para os urubus. Pensao de Nora e nao de Ressu. Ressu, coitada, incapaz de administrar a propria xoxota, passara a ideia a Nora pelo mesmo preco que a recebera do Capitao: de graca.

Vale a pena uma referencia a fato curioso, demonstrativo da ansia de construcao que dominara o arraial: donos de barracos que haviam resistido a cheia terminaram por derruba-los para edificar outros mais confortaveis .A olaria nao dava abasto aos pedidos de telhas e tijolos. Ze Luiz e Merencia se nao ficaram ricos ao menos tornaram-se credores da maioria dos habitantes. O mais surpreen385

dente e que esperavam cobrar as dividas: se o temporao sofrera e minguara com as chuvas, a safra compensara os prejuizos com

largueza.

As tabuas do pontilhao tinham sido repostas assim as aguas refluiram. Lupiscinio fora em pessoa a Taquaras adquirir material, pregos caibrais e ferramentas.

-- Agora pode vir a enchente que quiser. -- Disse o carpina ao coronel Robustiano de Araujo, cobrando-lhe aposta inexistente: -- Vosmice achou que nos nao era capaz de fazer obra pra durar. Tirante o tabuado de cima, o resto nem se abalou. Se tivesse havido aposta como vosmice queria...

Nao chegara a apostar mas nem por isso o Coronel deixou de concorrer com uns bons cobres para determinadas obras. Sem seu apoio, o barracao nao seria nem de longe aquele colosso que ele apontara com orgulho de tocaia-grandense honorario a seu Carlinhos Silva, novo comissario de Koifman & Cia:

-- Povinho teimoso, nunca vi. Nao arria a crista assim nem mais nem menos.

3

Durante alguns dias, apos o enterro de Cao, altamirando andara desarvorado, sem pronunciar palavra, distante. Das Dores se matava no trabalho, tentando recuperar a plantacao e o criatorio. Altamirando deixava-se ficar sentado no chao a picar fumo e a alisar a palha de milho com a ponta do punhal. Fumar era a unica coisa que fazia.

Mudou a partir do dia em que, estando o sol a pino, enxergou no alto do outeiro, sentada nas pedras segundo seu costume, a imagem de Cao: viera apascentar as cabras e sorria para ele. Chamou Das Dores para que ela tambem visse, mas quando a mae chegou, Cao desvaneceu-se. Altamirando compreendeu que somente ele e as cabras podiam ve-la.

Não se mostrava todos os dias, uma vez ou outra. Das Dores se recusava a acreditar: e natural pois aquele era um segredo entre o pai e a filha. Altamirando retornou ao trabalho com disposição e energia redobradas. Os vaqueiros que tratavam com ele no curral, 386

escolhendo os bois para o abate e a venda de carne a retalho, diziam que Altamirando ficara com um parafuso a menos: nem por isso desatento as obrigações e aos compromissos. Um parafuso a menos, o bastante para viver e labutar.

4

Apesar da insistência de Lupiscínio, dos rogos de seus compadres Castor e Diva, não pode o coronel Robustiano ficar para a festa do barracão. Resistiu inclusive a notícia, confirmada pelo capitão Natário da Fonseca, da presença do coronel Boaventura Andrade: o proprietário da Atalaia prometera comparecer. Para compensar, seu Carlinhos Silva, novo representante da Koifman & Cia, a principal firma exportadora de cacau, de volta de costumeiro recorrido pelas fazendas, não seguiu direto para Taquaras, demorou-se em Tocaia Grande para participar do arrasta-pe, hospedando-se na Pensão Central. Que novidade é essa de Pensão Central? Nesta breve resenha sobre o renascimento de Tocaia Grande já se fez mais de uma referência a pensão de Nora Pão-de-Lo com detalhes sobre a cor da fachada, a localização exata, na esquina da ruela de barracos, na Baixa dos Sapos. O número da porta não foi fornecido pela simples razão de não existir, mas pela boca pecaminosa do Turco Fadul louvaram-se as qualidades das raparigas que ocupavam os quartos do estabelecimento. Mais uma prova da facciosidade e da velhacaria de informes e relatos que se pretendem serios e corretos. Por ser albergue de putas, destinada a devassidão, a pensão de Nora mereceu destaque e elogios, enquanto a Pensão Central, devido sem dúvida ao caráter familiar, permaneceu relegada ao esquecimento. Estritamente familiar, apregoava a tabuleta pendurada na fachada: destinava-se a fornecer, a preços módicos,

casa e comida a eventuais visitantes do arraial. Dois quartos, cada um equipado com tres camas de campanha e uma bacia de flandre, das pequenas; no fundo do quintal a tina com agua. Que mais se pode dizer em beneficio da Pensao Central, de propriedade de dona Valentina e seu Juca das Neves? Que dona Valentina alem de proprietaria, cozinheira, criada de servir e de limpar, costumava 387

fraquejar se o forasteiro lhe caia nas gracas ou se dispunha a suplementar o custo da diaria? Bonita nao era, tampouco feia, mas o fato de ser casada dava-lhe categoria, despertava a cobica. Tais detalhes, porem, assim como os referentes a voracidade dos percevejos, cabia aos hospedes descobri-los. Esclarecido o equivoco das pensoes, cumpre retornar a seu Carlinhos Silva, hospede de categoria: o oposto, no fisico e no comportamento, ao seu antecessor. O que tinha seu Cicero Moura de franzino e esculpulo, tinha seu Carlinhos de espadaudo e espontaneo.

Sarara de carapinha loira e olhos claros, barata descascada, as malinguas diziam-no filho natural de Klaus Koifman, o fundador da firma. Se assim nao fosse, por que o gringo o teria mandado, molecote, estudar na Alemanha e la o mantivera durante anos? Com a morte de Klaus, assumiu a chefia da sociedade o irmao mais moco, Kurt, que, de imediato, ordenou o regresso ao Brasil do protegido do finado chefeo -- filho natural? Duvidoso. Filho da puta, com certeza. Voltou o jovem Carlinhos a Ilheus e a condicao de orfao de Benedita Silva, esplendor de negra que servira a mesa e esquentara a cama germanica de Klaus. De estudante em Weimar passou a escriturario na exportadora de cacau. Fez carreira.

Na festa do barracao revelou inesperada faceta de sua humanidade: sabia fazer magicas e se comprazia em exhibi-las. Escondia outras surpresas na manga do colete como se viu depois, na hora da decisao.

Razões de peso corroboravam a opinião entusiástica e generalizada: a maior e melhor festa jamais vista em Tocaia Grande. Imagine-se que o salão -- esse, sim, merecia ser chamado de salão de baile -- fora iluminado com candeeiros de vidro, as placas, artigo de luxo nas prateleiras do armazem, novidade incorporada aos utensílios em voga no arraial, substituindo em algumas residências as candeias e os fífos. Sem querer desfazer do brilhantismo do fole e da presença

388

de Pedro Cigano, diga-se, para começo de conversa, não ter sido ele o único músico a animar o dançar. Os estancianos trouxeram os instrumentos: os violões, o cavaquinho, a gaita, e executaram variado repertório de músicas dancantes, em moda nos bailes de Sergipe. Também o cego Tiago e o filho Lucas, os dois ao violão, demonstraram seu valor. Faziam parte de um grupo vindo de Taquaras, composto por figuras de proa da localidade vizinha, convidados do Capitão, de Lupiscínio, de Fadul, de Bastião da Rosa: o chefe da estação, seu Lourenço Baptista; o telegrafista, o almoxarife, dois ou três comerciantes, alguns fúros e Mara, abadessa de pensão de raparigas, acompanhada de quatro expansivas folionas.

Procedentes das fazendas próximas, alugados transitavam na feira desde cedo, faziam fila na pensão de Nora Pão-de-Lo e nas portas das chocas e casebres na Baixa dos Sapos: a noite, devido a

festa, as quengas trancariam os balaios. Alias, naquele domingo, a população de putas duplicou: acorriam das redondezas, algumas de bem longe, atraídas pelo anúncio da pagodeira que ressoava nos cafundos do rio das Cobras.

Não há palavras para descrever o sucesso de seu Carlinhos Silva, nos números de prestidigitação com que brindou os presentes. Provocando frouxos de riso de mistura com exclamações de incredulidade na assistência boquiaberta, levando a meninada a extremos de exultação e de assombro. Sucesso estrondoso e não vai

exagero no adjetivo: a quase totalidade dos espectadores jamais assistira a representacao teatral qualquer que fosse, nada sabia sobre ilusionismo, truques de magica, passes de baralho. As mulheres se benziam -- t'esconjuro! --, os homens, pasmados, nao sabiam o que pensar.

Seu Carlinhos Silva suspendeu as mangas do paletó e da camisa e os prodigios comecaram a acontecer, todos viram, nao era lambanca de pouso de tropeiro. Sem usar as maos, com a forca do pensamento, o empregado de Koifman & Cia transferiu moedas de tostao do bolso de Guido para a orelha de Edu; das ventas de Ze Luiz extraiu cinco graos de cacau seco. Repetindo palavras cabalisticas, hokos pokos, sinsalabin, presto, abracadabra e outras conjuras medonhasas, com a ponta dos dedos retirou do decote entre os seios da senhora Valentina o lenço de bolso que, na vista de todos, deixara guardado no embornal de Aurelio e de 389

la sumira sem ninguem nele tocar: nao dava para entender. Fez miserias com um baralho, as cartas circulavam entre seus dedos, apareciam, sumiam, reapareciam, o as de copas virava o rei de paus, o dois de espada se transformava em dez de ouro e a dama dos coracoes ele foi busca-la nos cabelos soltos de Bernarda. Manipulava os naipes diante de um publico estupefato, comprimido em sua frente, querendo ver de perto, vendo e nao acreditando.

-- Jogar com vosmice, Deus me livre e guarde! Mais melhor e jogar com o Cao! -- Avisou o tropeiro Ze Raimundo apesar de habituado a trapaceiros.

Fadul Abdala puxava as palmas, a assistencia acompanhava. Muitos queriam explicacoes -- ele encandeia os olhos da gente ou como e? --, outros juravam que seu Carlinhos tinha parte com o diabo. Quem mais se extasiou e aplaudiu foi a moca Sacramento. Estivera ate entao de olhos baixos, postos no chao, sentada em silencio ao lado de Zilda num banco de madeira. Ate o coronel Boaventura Andrade bateu palmas e nao regateou encomios a seu Carlinhos Silva: sim,

senhor, meus parabens! Se o amigo quisesse podia ganhar a vida fazendo magica nos teatros da capital. Musicos, magico amador, afuencia de pessoas de fora e sobretudo a presenca do fazendeiro levaram a festa do barracao aquelas culminancias. Haviam trazido e colocado num extremo do salao a cadeira de barbeiro de Dodo Peroba para o Coronel nela se sentar. Nas imediacoes do bar improvisado para a venda de cachaca, conhaque, licor de jenipapo, a cargo de Durvalino, sob a discreta vigilancia de Fadul.

Ninguem se atrevera a tirar Sacramento para dançar mas na hora da quadrilha, ao ver Castor organizando os pares, seu Carlinhos Silva, por não ser dali, não estando assim a par de certas particularidades, e tendo se agradado do rosto e do jeito modesto da taboaria que tanto o aplaudira, a ela se dirigiu convidando-a a compor com ele o baile dos lanceiros. Sozinha no banco, pois Zilda já se fora pelo braço do Capitão assumir seu posto na quadrilha, Sacramento viu-se confusa, gaguejante, os olhos baixos, perdida na rua da amargura. Parado, mão estendida, seu Carlinhos aguardava. Então o coronel Boaventura, que acompanhava a cena com um interesse sorridente, levantou-se da cadeira de barbeiro:

390

-- Me desculpe, Carlinhos, mas a dama já tem compromisso, o lanceiro dela é esse seu amigo. Não acreditando em seus ouvidos, Sacramento ergueu a vista, sorriu acanhada para o Coronel de pé a esperá-la. Pernas tremulas, ela o acompanhou a roda da quadrilha sob olhares de esguelha dos abelhudos. Seu Carlinhos Silva entendeu, saiu a cata de Bernarda: tarde demais, a rapariga já tinha par. Contentou-se com a senhora Valentina, melhor ela que ninguém. O negro Ticao bateu palmas chamando a atenção, a dança dos lanceiros ia começar. Elevou a voz, falou em franciú. **6**

Diva revolteava nos passos da quadrilha, ufana com a picardia de Ticao, também ele tinha parte com o diabo. Mas Ticao, que a conhecia e adivinhava, sabia-a inquieta, preocupada, por mais ela

procurasse disfarçar. Seu pensamento fugia da festa para a casa dos pais no outro lado do rio. Vanje e Ambrosio não se encontravam no barracão. Na feira, pela manhã, vendendo os produtos dos roçados, Ambrosio queimava de febre. Zilda, que parara para comprar e conversar, ao velo assim desfeito teve um mau pressentimento. Aconselhou Vanje

a levar o marido para casa e dar-lhe um suador o quanto antes. Quem sabe ainda poderia limpar-lhe o sangue, botar para fora os fluidos maus?

Na barulhenta mesa de almoço, repleta de convivas vindos para a festa, Zilda falou ao Capitão: pelo jeito Ambrosio pegara a febre:

-- Queira Deus não se alastre.

7

Ambrosio morreu três dias depois da festa do barracão e a seu enterro nem o velho Gerino nem o jovem Tancredo, filho do estanciano Vava, puderam comparecer: derrubados pela febre. 391

A febre sem nome, a peste, aquela que no dizer do povo matava até macaco. Falavam dela em voz baixa e reverente, monstruosa divindade, flagelo endêmico e antigo sobre o país do cacau, cidades e roças, recolhendo aqui e acolá a quota que lhe era devida em sacrifício. Evitavam citá-la nas conversas, procuravam esquecê-la para ver se assim ela os esquecia e os deixava em paz. Enquanto a maligna matava com parcimônia, sem pressa, sem esganada, iam-lhe entregando sua ração de mortos, convivendo com ela, conformados. Mas quando, aquartelada numa povoação, virava epidemia e matava a granel, o medo se transformava em pânico e em lugar do choro manso de pai e mãe, de mulher, marido e filho, subia aos céus um clamor de maldição. Consumia o vivente em poucos dias. Queimava-lhe o corpo e o amolecia, a cabeça estalando em dor, o bestunto avariado, o mau cheiro das bufas, as entranhas desfeitas numa soltura pestilenta. Morte certa e feia, não havia jeito

a dar. Outras febres tinham nome: a terca, a palustre, a aftosa que ataca gente e gado, a febre amarela e a febre de caroco, cada qual mais perigosa. Havia porem remedio e tratamento para todas elas, ate para a bexiga negra: bosta de boi, seca, colocada em cima das borbulhas. Mas nao havia remedio para a febre sem nome, simplesmente a febre, sem adjetivo a distingui-la, sem diagnostico nem receita, o paciente na mao de Deus, o impiedoso Deus da peste. Apelavam para suadouros, cataplasmas, mezinhas, garrafadas e tisanas, beberagens feitas com raizes e folhas do mato, formulas passadas de pais para filhos. Tiro e queda na cura de multiplas mazelas: as doencas feias, por exemplo, mula e cavalo, gonorreia. Mas de nenhum efeito para a febre, aquela que nao tinha nome e matava ate macaco. Restavam as rezas, as jaculatorias, as benzeduras, os feiticos e as promessas.

Chegava de repente, sem se fazer anunciar. Derrubava, pelava e escaudava, esvaziava as tripas e o juizo, reduzia o homem mais forte a um molambo, antes de mata-lo. Nada havia a fazer alem de esperar que, tendo enchido o bucho, inesperada como viera, fosse embora cavar sepulturas em outra parte. Obedecendo a um ciclo ou por simples acidente, a esmo? Por estar farta ou por que Deus ouvira as preces? Tudo podia ser. Se nas cidades de Ilheus e de Itabuna, doutores de anel e canudo nao sabiam diagnostica-la e combate-la, ao povo dizimado nos confins de 392

judas cabia apenas fugir ou aguardar que a febre decidisse partir, mudasse de quartel, levando no embornal as sentencas de morte, sem apelacao. Morte dolorosa, suja e fedorenta, atroz. **8**

Durou uma quinzena. Chegou no domingo da festa, exhibiuse na feira com Ambrosio, dois domingos depois aproveitou um vendaval, nele montou e prosseguiu viagem para matar adiante. Deixou no prospero cemiterio de Tocaia Grande nove cruces a mais para contar a historia.

O que a enchente não lograra: por em fuga os moradores, esvaziar o arraial, a febre esteve a pique de conseguir sem estrondo e sem baderna, na maciota. Se houvesse durado ainda uma semana, quem seria o doido capaz de permanecer ali, esperando a morte?

O exodo teve início na quarta-feira do enterro das primeiras vítimas, o velho Ambrosio e a rapariga Clementina. Prosseguiu e aumentou nos dias seguintes com o suceder das mortes. Coube a dona Ester, mulher de Lupiscinio, competente em doenças e em medicinas, tocar a rebate: a febre se instalara em Tocaia Grande. Opinião de entendida: gastar dinheiro com remédio era bobagem, fazer promessa era perder tempo. Farmácia não havia em Tocaia Grande, apenas quatro vidros de xarope no armazém do turco. Muito menos igreja onde rezar. Outra coisa não restava a fazer senão ir-se embora daquele miserável caixa-pregos, além de desprovido, empestado. Dona Ester cumpriu sua obrigação espalhando o alarme de vizinho em vizinho, fazendo-o com certa satisfação devido a desestima que sentia pelo povoado, o desgosto de habitar sítio tão atrasado. Entre outras amofinações menores, bastava o fato do marido viver aos trancos e barrancos com uma sujeitinha. Ainda se fosse amasia de casa montada, privativa, decente, vá lá. Mas não passava de puta de porta aberta. Dona Ester tentou arrastar o filho mas Zinho se recusou a acompanhá-la. Encolheu os ombros, paciência! Antes viver abandonada em Taquaras do que morrer na fedentina junto com a família. Recolheu seus terrenos, partiu sem olhar para trás, deu exemplo.

393

Com exagero duplicado devido às funebres circunstâncias, circulavam notícias de arrepiar, contavam-se episódios apavorantes, nas fazendas, nas povoações, nos pontos de pernoite, nos caminhos. Estava para suceder com Tocaia Grande o mesmo horror que se abatera sobre um anônimo arruado nas bandas de Água Preta: todos os moradores haviam desencarnado. Nas bandas de Água Preta, de Sequeiro de Espinho ou do Rio do Braco, variava a

geografia conforme o narrador, crescia o tamanho do lugar, o numero de mortos aumentava mas um detalhe permanecia igual: nao ficara ninguem para contar a historia. Quanto a Tocaia Grande, ate o capitao Natario foi dado como vitima da febre, batera as botas, devia estar no inferno pagando suas culpas. Houve quem, as escondidas, bebesse um trago para comemorar. As putas, ja de si andejas, arribaram. Tendo iniciado a colheita nos rocados dos sergipanos, a febre atravessou o pontilhao e varejou as chocas da Baixa dos Sapos: em dois dias morreram tres mulheres. A debandada foi quase geral: aproveitando o passo das tropas ou escoteiras, a trouxa na mao ou na cabeca, as raparigas se mandaram. Uma delas, Gloria Maria, partiu ja atacada de vomitos e tonturas, a febre na cacunda. Fez a viagem se borrando pelos matos, morreu ao chegar a Taquaras e la se enterrou, evitando assim que somassem dez as covas abertas no cemiterio de Tocaia Grande.

Alguns tropeiros desviaram a rota dos comboios, durante algum tempo evitaram o atalho, o movimento no barracao diminuiu. Na segunda semana o exodo cresceu, a ideia de fuga dominou o arraial. Depois de tentar obter, sem conseguir, a companhia de Ze dos Santos e de sua Clara -- com quem a gente vai deixar as rocas e os bichos? --, Bastiao da Rosa arrebanhou mulher e filha e foi buscar abrigo e seguranca em Taquaras. Ao ve-lo passar a tranca na porta da casa, os indecisos liquidaram as duvidas e se decidiram.

9

Contados sete dias e cinco mortos a partir do domingo em que Zilda referira seus temores ao Capitao, na mesma hora do 394

almoco, na mesa silenciosa, sem convivas, ela retomou o assunto no ponto em que o deixara:

-- Se alastrou.

A semana tinha sido triste e dificultosa. Natario, sombrio, parecia um bicho do mato, acuado. Vinham procura-lo, ansiosos, atormentados, como se o Capitao fosse medico ou curandeiro, esperando dele uma providencia, uma solucao, e ele nao tinha nem providencia nem solucao a oferecer, nem sequer uma palavra alentadora: as palavras eram vagas e vazias, ressoavam falsas. O

povo nao buscava consolo para o luto, queria salvaterio para os vivos. Ze Luiz sentara-se no banco, na varanda, lavado em pranto: nao existe nada mais importuno, mais insuportavel do que um homem chorando, perdidas a vergonha e a presuncao, despido da condicao de macho.

Zilda repetiu, elevando a voz para ser ouvida e obter resposta:

-- Se alastrou.

O Capitao amassava com os dedos um bolo de feijao com farinha:

-- Diz-que outro parente de sia Leocadia esta arriado. E

homem ou mulher? Tu sabe? -- Os estancianos na sexta-feira haviam enterrado o moco Tancredo.

-- Um menino, Mariozinho, de seus dez anos, nao tinha mais. Nao saia daqui, era carne e unha com Peba.

-- Tu fala como se ele ja tivesse morrido.

-- Deus me perdoe! Nao quero agourar ninguem mas oce ja

viu algum se salvar? Nunca soube de nenhum.

Baixou os olhos para o prato de flandre, revolveu a comida com a colher:

-- Ando agoniada por causa dos meninos. O que e que oce

acha? Não era mais melhor pegar neles e ir pra roca? Até passar. O Capitão correu a vista pela criançada que, desatenta a

conversa, comia com vontade, uns na mesa, outros sentados no chão. Depois encarou a mulher:

-- Tu já reparou quanta casa fechada, quanta gente já foi embora? Se nos se retira, se tu for pra roca com os meninos, no outro dia não fica mais ninguém em Tocaia Grande. Nós não pode fazer isso. 395

Zilda largou a colher, ergueu os olhos para ele:

-- Tomei filhos de outras pra criar.

-- Aqui é a casa deles e daqui nós não vai sair. Ninguém.

-- Limpou as mãos sujas de comida, uma na outra: -- A não ser que seja pro cemitério.

Zilda balançou a cabeça, em concordância: não estavam discutindo, apenas conversando. Conhecia o marido e sua maneira de pensar: quem tem mando e autoridade, tem obrigações. De nada adiantaria argumentar, menos ainda se opor. Cumprira sua parte, expusera seus temores:, a ele competia decidir, a ela obedecer.

10

Mais tarde, na cama com Bernarda, o Capitão lhe disse:

-- Um bocado de gente tá indo embora. Tu devia fazer o mesmo. Aqui, o risco é grande.

Olhava para o teto de madeira, a voz neutra, sossegada: não ditava uma ordem, dava um conselho.

-- Ir embora? Para onde?

-- Tem um lugar em Taquaras onde tu pode ficar.

-- O padrinho tambem vai?

-- Eu nao posso sair daqui.

-- E a Madrinha?

-- Fica aqui, comigo. Ela e os meninos.

-- Nem vosmice, nem a madrinha, nem os meninos. Por que eu houvera de ir? Por que vosmice quer me ver longe? Por que me manda embora? Nao fiz por merecer regalia nem desprezo. Aqui, se tiver de morrer, tou perto de vosmice e de Nadinho. Descansou a cabeça no peito do padrinho como o fazia desde criancinha, mas com os bracos e pernas o prendeu contra o corpo nu:

-- Se cansou de mim?

-- Nao disse que tu fosse, so lembrei.

Cumpria sua parte, igual a Zilda na mesa do almoco. O capitao Natario da Fonseca tocou com os dedos a face da afilhada, xodo de tantos anos. Ao falar, ja sabia da resposta. 396

11

Morte sentida foi a de Merencia. Se houvesse sido vitimada por qualquer outra doenca ou por picada de cobra, tambem ela teria merecido velorio de arromba, com mais razao do que a lesa e o comprador de cacau. Tantos acontecidos a recordar, passagens divertidas, momentos de exaltacao. Mulher casada, guardava distancia das raparigas mas nem por isso deixou de defende-las quando os boiadeiros tentaram impor a lei da prepotencia. Com as calosas maos de oleira, concorreu infatigavel para levantar paredes e colocar telhados na desolacao de Tocaia Grande apos a enchente. Com as delicadas maos arteiras, nas horas vagas, com papel e flecha fabricava arraias e as dava de presente aos meninos para que as empinassem no ceu do povoado. Vinha apreciar as habilidades de

seus protegidos e batia palmas aplaudindo a altura do voo e as evoluções. Desejara um filho, ah, como o desejara! Mas tinha a matriz virada, o ovelho seco. Na falta de filho mimava moleques, criava bichos. Quem não a recordava com a água pela cintura na manha da cheia, a jiboia enroscada em seu busto?

Se Ze Luiz passava das medidas, na cachaca ou no puteiro, bebado ou enrabichado, Merencia se zangava e chegava-lhe a roupa ao corpo sem que ele reagisse. Ia busca-lo, chumbado, na Baixa dos Sapos e o reconduzia ao lar aos xingos e bofetões. Nos enterros cabia-lhe recitar a oração da despedida. Ah! teria sido sentinela de muito riso e de muita compunção!

Fora enterrada as carreiras como os demais consumidos pela febre. Para que os miasmas não se alastrassem no ar penetrando no sangue dos viventes. Devota, uma capacidade em catecismo e reza, Merencia teria gostado de acompanhamento com ladainhas e louvados. Tão merecedora, na hora extrema tudo lhe faltou: velório, carpideiras, preces. Não teve sequer o coro das putas a dizer amem. A febre matava depressa, ainda mais depressa o defunto era levado ao cemitério na avexação do medo. No atabalhoado corre-corre, mal deu tempo para Fadul engrolar um padre-nosso em árabe.

397

12

Decorridos três dias do enterro de Merenda sem que se soubesse de novos casos de sentença e danção no arraial deserto de movimento e de alegria, Pedro Cigano aparecera na oficina de Castor Abduim em missão de vida e alegria. Para discutir a ideia de um fovoço: era preciso esquecer os dias negros, sustar o choro, apagar a memória da febre, por cobro as comemorações da morte: os mortos só ressuscitam por ocasião do juízo final. Em seguida a festa do barracão, Pedro Cigano havia desaparecido de Tocaia Grande e certa gatinha linguaruda se aproveitou para baixar-lhe a lenha. Capara o

gato com tal pressa e tamanho medo de bater a cacoleta, a ponto de haver abandonado o fole no armazem do turco: na hora da pandega era presenca obrigatoria, os cinco dedos estendidos, para cobrar os caraminguas da musica, a boca escancarada para beber por conta dos maos-abertas. Acusacoes de invejosos de seus dons de menestrel, das livres andancas e dos xodos constantes, miserias logo desmascaradas: Pedro Cigano voltou no mesmo pe-de-vento, carregado de quinino e de outras drogas de farmacia, obtidas em Taquaras, nos guardados da Estacao, destinadas ao combate a maleita, inuteis nos casos da febre sem nome e sem cura. Nao somente voltou, ali permaneceu distribuindo doses preventivas de quinino aos moradores, dando tons de azul ao mijo de Tocaia Grande.

Certo de que a maldicao chegara ao fim, saira em busca de apoio para a proposta de um pagode dos bons, capaz de extinguir a morrinha e restabelecer o riso. Na oficina conteve o entusiasmo ao lembrar que o velho Ambrosio, pai de Diva, iniciara o banquete da maligna. Mas Diva nao se ofendeu, concordou com o sanfoneiro: nada melhor do que um arrasta-pe para espalhar as cinzas e restaurar o gosto de viver. De acordo -- disse Ticao. Pedro Cigano foi adiante em busca de outras adesoes. **13**

Diva morreu ao amanhecer, limpa e serena, estendida na rede, sentindo contra o corpo em brasa o frescor do corpo de 398

Ticao, nele abracada, ouvindo-o murmurar: o iia, minha preta, preta minha, o iia. Marulho de aguas mansas, ondas na praia, distante som de buzio. Disse: -- Meu branco, e lhe faltou. Contraira a febre quando ja se pensava em festejar o termino do surto e se combinava data para o bate-coxas. Na manha seguinte a visita de Pedro Cigano, Diva se queixou de moleza nas pernas, calor no rosto e dor nas tripas. Durou um dia e uma noite. Lia e Vanje tinham vindo fazer companhia e ajudar. O menino fora levado para ficar com Dinora, longe do perigo de contagio. Ticao permanecia acororado ao pe da esteira onde Diva minuto a minuto se acabava: mao de afago,

palavras soltas, tentava sorrir, não conseguia. Sacrificara um porco para Omolu sabendo porém que seria inútil como haviam sido os dois ofertados na semana anterior. A febre fechara os caminhos para os encantados, abrira a porteira dos eguns e qualquer criatura, em cuja testa pusesse a mão, lhe pertencia. Ticao sabia de certeza mas decidira que a maldita não levaria Diva sozinha. Se não o derrubasse na mesma esteira imunda de vômito e soltura, Ticao sabia o que fazer. Ali, acorocado, pensara e resolvera.

Diva gemeu baixinho e mais uma vez a mãe e a cunhada limparam-na da sujeira enquanto Ticao a sustentava de encontro ao peito. Mas os trapos de pouco adiantaram, ela se sentia emporcalhada e fedorenta. Pediu que esquentassem água para um banho. Lia e Vanje resistiram: tomar banho com o corpo queimando, desejo absurdo, delírio da febre. Pelo amor de Deus, rogou Diva, desfalecente. Ticao mandou que atendessem: absurdo delírio, fantasia de agonizante, ela tinha direito ao que quisesse. Foi buscar a tina.

Tiraram-lhe a combinação suja, sentaram-na na água morna. Vanje e Lia que se retirassem para a oficina, deixando-a em companhia de Ticao. Nua, limpa, cheirando a sabão, quis que ele subisse com ela para a rede e se deitassem juntos. Debaixo da rede, imóvel, o focinho entre as patas, Alma Penada. 399

14

Uivo de morte, o grito de Ticao cortou a alvacentá madrugada, transpôs o medo e o luto, acordou o povo: o mesmo sucedera no verão quando a cabeça-d'água pipocou nas cabeceiras e o rio se fez devastação. Que outra provação se anunciava? Não bastava de infortúnio e sofrimento?

A aurora se acendia e os que acorreram viram a febre, desembestada, embarcar no vendaval: queira Deus estivesse farta de matar. Nove mortos, dez com Glória Maria, nada mau: boa parte

da populacao do cu-de-judas. Feitas as contas de somar e de subtrair, dando baixa nos defuntos e nos fugitivos, bem poucos sobravam dos que ali habitavam em permanencia. Nao perderiam por esperar. A febre sem nome, a que matava ate macacos, esquadrinhava a capitania do cacau, atenta ia e vinha de um sitio a outro, dava tregua mas nao dizia adeus para sempre e nunca mais. Lia apareceu na frente, correndo em disparada, clamando por socorro, pedindo a ajuda de Fadul. Logo se formou um grupo com tropeiros, putas, moradores, querendo saber. Em passo lento, cazumbi mal-assombrado, Ticao cruzava o descampado em direcao ao rio, seguido pelo cao Alma Penada. Nos bracos estendidos conduzia o corpo de Diva, vestido com a luz da barra da manha. Sozinha nao a deixaria ir: no fundo das aguas, no leito do rio se estendem terras de Aioca. Sacrilegio! Defunto se enterra em cemiterio e aos vivos cabe chorar e recordar. Vanje tropecou no pe-de-vento e caiu na lama antes de alcancar Castor e lhe suplicar respeito para com a morte e sua circunstancia. Bernarda apareceu e a ajudou a levantar-se. Calcada com as alpercatas do diabo, Coroca corria no redemoinho. No ceu, visagens se dissolviam em farrapos de nuvens. Depois da desgraca, o vituperio.

Fadul mal teve tempo de enfiar as calcas. Precipitou-se para tomar a frente do ferrador de burros e impedir-lhe o passo. Ia gritando:

-- Que e isso, Ticao, tu ta maluco?

Castor Abduim nao susteve a marcha, tampouco se apressou, prosseguiu andando. Nao era o ferreiro Ticao, bom moco, por todos estimado, era uma alma do outro mundo. Rosnou numa voz sem timbre, ruim de se escutar:

400

-- Arreda!

Um circulo foi se apertando em torno dele, o povo disposto a impedir o sacrilegio. O turco chegou mais perto, o circulo se fechou.

-- Vamos vestir ela, botar na rede, fazer o enterro.

-- Arreda!

Nos olhos o vazio da morte, Ticao tentou atravessar, esbarrou em Fadul. Em torno o povo, pronto para intervir: impotente contra a febre, nao iria permitir o ultraje.

Fadul ergueu a mao disforme, fechou o punho e desferiu o soco antes que o povo avancasse e fosse tarde. Vanje, Bernarda e Lia recolheram o corpo. Ticao se ergueu para matar e morrer. Mas quem ele encontrou postada em sua frente foi Coroca, a mae da vida:

-- Tu se esquece, desgraçado, que tem um filho pra criar?

O REISADO DE SIA LEOCADIA PEDE LICENCA

AO POVO DE TOCAIA GRANDE PARA DANCAR:

QUILARIO! QUILARIA!

1

Estava Castor Abduim entregue ao trabalho de ferrar a egua Imperatriz, montaria de estimacao do coronel Robustiano de Araujo, servico delicado, pois o animal, alem de passarinho, tinha os cascos frageis, quando os latidos de Alma Penada, inesperados e festivos, despertaram-lhe a atencao. O cao levantara as orelhas, pusera-se de pe abanando a cauda, e partira celere ao encontro de um viandante. Alma Penada nao era de indole expansiva. Apegado ao dono, reservava para ele suas efusoes, nao vivia a correr atras e a saltar em torno de desconhecidos. No fim da tarde de verao um fogareu queimava o ceu de Tocaia Grande, fulguracao de vermelhos e amarelos.

Entregando a Edu a pata da egua para que o rapazola completasse o servico com o puxavante, Ticao, fixando a vista, enxergou a silhueta

de um vivente, esbatida contra as luzes e as sombras do por-do-sol.
No pensamento do ferrador de burros per401

passou uma ideia fugaz e absurda: ia por fim tirar a limpo o misterio que cercava a aparicao de Alma Penada em Tocaia Grande. Decorridos tantos anos, alguem vinha por ele, disposto, quem sabe, a reave-lo. Vago perfil de mulher, envolto em luz e em poeira, o vulto se abaixou, largou no chao a trouxa de viagem para melhor receber e retribuir os afagos do cao. Naquele preciso momento, sem enxergar-lhe as feicoes nem o contorno da figura, o negro soube de quem se tratava: so podia ser ela e mais ninguem. Desde que partira, jamais dera noticia. Ticao manteve-se parado, a espera, sem manifestar reacao qualquer que fosse: morto por dentro, vivo apenas na aparencia. Ao menos assim corria no arraial: a verdadeira alma penada na oficina era o ferreiro e nao o cao. Passo maneiro, corpo sacudido, o bamboleio dos quadris, Epifania se aproximou, o rosto serio. Comedida nos modos, sem espalhafatos, nao arreganhava os dentes, nao se desfazia em dengue. Nem parecia aquela lambanceira e atrevida, luxenta, que virava a cabeça dos homem e perturbava a paz. Parou diante de Ticao, o atado sob o braco, o cachorro saltitando em redor:

-- Vim tomar conta do menino. Andei sumida, tava amigada. Trasantonte encontrei Cosme, ele me contou. Fiquei sentida. A voz serena e firme:

-- Cade ele, o meu menino? Nao vou embora nem que tu mande.

Sem esperar resposta, andou para a porta da oficina, seguida por Alma Penada, entrou casa adentro. Lavado em sangue, o sol afogava-se no rio.

2

Em companhia da neta Aracati, cujos quinze anos nao haviam festejado devido a febre que grassara no inverno, sia Leocadia percorreu a meia legua que mediava entre as plantacoes dos

estancianos e as do povo de Vanje. Valente andarilha apesar do fardo da idade a lhe vergar os ombros, a moleca devia aligeirar o passo para acompanhá-la.

Iam as duas conversando sobre assuntos insolitos naquelas capoeiras. Discutiam trajes de pastoras, pastoras de estrelas 402

conforme davam a perceber, e se referiam a personagens cujos nomes e titulos ressoavam estranhos e sedutores: Dona Deusa, Besta-Fera, Caboclo Gostosinho. Esses e outros seres espantosos, ademais de lindas pastorinhas de presepio, desfilariam em breve nas brenhas de Tocaia Grande, sob as ordens de sua Leocadia. Começara o verão, barrufos de chuva lavavam o céu, enxaguavam o sol, dias belos e calidos, corações alevantados. Sua Leocadia partira em obrigação de gentileza: ia ouvir a opinião dos vizinhos mas a resolução estava tomada e ninguém a faria desistir. Assim dissera a sua gente:

-- Não vou passar mais um ano sem botar o reisado na rua. Com os olhos fundos, dois buracos na cara cavada, esquadrinhara parentes e aderentes para observar a reação de cada um. Doninha, mulher de Vava, baixou os olhos e Sinha desviou a vista, mas ninguém levantou a voz para se opor. O genro Amancio não podia deixar de meter o bedelho. Achava-se engraçado, considerou em tom de zombaria:

-- Adonde vosmice viu rua por aqui?

-- Nos vai dançar do lado de lá.

Do lado de lá designava igualmente qualquer das duas margens, a do casario ou a das plantações, dependendo da posição de quem falasse. Amancio prosseguiu com a troca:

-- E do lado de lá tem rua? Vosmice pensa que nos ainda vive em Estancia?

-- Nos vivia na roca, perto de Estancia, agora nos vive perto de Tocaia Grande. Eu sei que e diferente, tu nao precisa me dizer. Tem uma coisa melhor, outra pior, a rua e pior, a terra e melhor. Quando nos veio nao trouxe so o corpo. Quando nos veio, o reisado veio com a gente, eu trouxe ele na cacunda. E agora ele vai dançar pro povo daqui, tu queira ou nao. -- Dirigia-se ao genro ou a todos os presentes? -- Se tu ta em contra, tu nao precisa sair, arranjo outro Jaragua. Ninguem e obrigado, so sai quem quiser.

-- Nanja eu! Nao ta aqui quem falou. Quem manda e vosmice.

Era ela quem mandava, a matriarca. Nao questionavam suas decisoes, e quanto a Amancio, ninguem mais apegado ao reisado do que ele. Na figuracao do Jaragua nao havia quem lhe levasse a palma, Besta-Fera arruaceiro e assustador. Falava por falar, conversa-fiada, da boca para fora: tem quem seja assim. Sia 403

Leocadia encerrou a conversa antes que alguma mulher, Doninha, Sinha ou outra tola qualquer, lembrasse os mortos:

-- O povo daqui vai endoidar. Tu ja pensou?

No ano anterior, recém-instalados em Tocaia Grande, nem tinham podido cogitar do reisado. Em Estancia, durante mais de quarenta anos, o Reisado de Sia Leocadia, vindo da roca, disputara com os da cidade os aplausos da populacao. Nao era o mais rico nem o maior, mas era o mais alegre e influido. Em fausto e luzimento nenhum se atreveria a comparar-se ao Reisado da Familia Alencar que, a mais das posses, tinha leitura e tutano. Dona Aglae e seu Alencarzinho ensaiavam o ano inteiro e ate nos livros estudavam cada passo e cada verso para cumprir a risca o enredo e a danca. Ainda assim, competindo com a fortuna e o saber, o Reisado de Sia Leocadia fazia bonito: quando despontava na entrada da cidade, acendia as lanternas das pastoras e a Senhorita Dona Deusa empunhava o estandarte, o povo acorria a sauda-lo e, entre palmas e vivas, o

acompanhava a Praça da Matriz. Sã Leocãdia calcava sapatos e usava travessa no cocuruto de cabelos brancos.

A avo e a neta disfarçavam a estirada comentando acerca da saída do reisado. Em Tocaia Grande não poderia ser igual a Estância, faltava de um tudo, a começar pelo bombo, indispensável: teriam de se contentar com sanfona e cavaquinho. Onde as praças, as ruas largas, iluminadas por lampiões a querosene, os sobrados e as casas com duas salas de frente: numa, o presepio armado, a outra aberta para a dança, as mesas postas com fartura para receber as pastoras e a figuracão? Em Estância os festejos começavam com a missa do galo na noite de Natal e se prolongavam até o dia dos Reis Magos: a Lira no palanque tocando dobrados, marchas e xotes, em cada esquina um dançarino. Mas Estância ficara nas quebradas do mundo quando os trabalhosos roçados foram substituídos por verdejantes campos de cana-de-açúcar. Em Tocaia Grande, nem lampiões de querosene nem sobrados coloniais ou casas com duas salas de frente e presepio armado: três e meia dezenas de habitantes, afora as putas estradeiras, os tropeiros no pouso do barracão, alugados vindos das fazendas fazer feira e consolar a rola. Nem por isso o Reisado de Sã Leocãdia seria menos caprichado e influído.

404

Quando passaram em frente ao criatório de Altamirando, a neta quis saber:

-- Não vai falar com sã Clara, vo?

-- Primeiro nos vai falar com Vanje, depois com os outros. Se ela quiser, o reisado vai ser de nos e dela. **3**

Tempo de atropelo, ainda não decorrera ano e meio da chegada dos estancianos a Tocaia Grande, parecia um século. Sã Leocãdia resumia, coberta de razão: ali desfrutaram do melhor, padeceram do pior. Terra devoluta, virgem e fértil -- em Estância a terra, cansada,

tinha dono --, protecao de parente rico, ajuda de bons vizinhos, compatriotas de Sergipe, facilidades de toda especie. Mas enfrentaram tambem, em curto prazo, a desgraça e a morte. A desgraça da enchente. Destruira por completo o que haviam conquistado com esforco insano, no momento em que se preparavam para colher os frutos iniciais: ficaram ao desabrigo e as vicosas plantacoes se transformaram em lama. Nem bem se recompunham e a febre, ou seja, a morte, acampara em Tocaia Grande.

Atacara de preferencia os sergipanos. Os grapiunas revelavam-se mais resistentes ao contagio e havia quem se gabasse de possuir corpo fechado; ate podia ser verdade. Dos dez enterrados pela febre, nove no cemiterio de Tocaia Grande, um no de Taquaras, seis eram sergipanos e Clementina viera de pertinho, das Alagoas na outra margem do rio Sao Francisco. Dois da familia de Vanje o marido Ambrosio e a filha Diva, amasia de Ticao; dois do cla de sia Leocadia, o rapazola Tancredo e o molecote Manozinho; das quatro putas que bateram a bota, uma unica, Dinair, nascera e se criara nas rocas de cacau; Caetana procedia de Buquim, Gloria Maria, de Itaporanga. Sinha Leocadia estava habituada a conviver com a morte. Entre filhos e filhas, genros e noras, netos e bisnetos ja rezara por quatorze: com os dois falecidos em Tocaia Grande perfaziam dezesseis. Mortes penosas aquelas duas, pois o lugar era desvalido e de tal febre nao se conhecia nem o nome, apenas se dizia que 405

matava ate macaco. O mocinho e o menino, ai, meu Deus, se acabando, botando a vida pela boca e pelas tripas, coisa medonha de se ver.

O reisado nao deixara de sair e de dançar nas ruas nem sequer por ocasio da morte de Fortunato, marido de sia Leocadia, chefe da familia, que entregou a alma enquanto trabalhava na roca, sem soltar um ai, sem ter dado aviso de doente. Durante um ror de anos figurara o Caboclo Gostosinho e, de acordo com o povo de Estancia,

nem o proprio seu Leonardo do reisado dos Alencar se comparava com ele no recitativo da partilha do boi:

Meu boi berrante

Morreu de quebrante

Com a falta de Fortunato, a figuracao do Caboclo Gostosinho deixara de ser exclusividade desse ou daquele. Cada ano sia Leocadia escolhia um dos homens da grei para assumir o posto e recitar a partilha. Quase chegando a casa da velha Vanje, Aracati atreveu-se a perguntar:

-- Quem vosmice pensa, vo, para dançar o Caboclo dessa vez?

Engracado: sia Leocadia vinha cogitando naquele problema:

-- Vou fazer tudo pra que seja seu Ticao. Inte parece que ele se enterrou junto com a mulher.

-- Acho bonito, vo, tanto sentimento. Vosmice nao acha?

-- Rapaz moderno, coberto de luto que nem viuva velha, acho bonito nao.

Luto, maneira de falar. Cobrir-se de preto, da cabeça aos pes, era regalia de rico nas cidades e nas casas-grandes das fazendas. O luto do povo era tristezas e quebranto, agoniando o peito, nao se exhibia nos trajés, chamava-se nojo e durava pouco. Na canseira da vida, cade tempo e sossego para saudade e choro?

4

Seu Carlinhos Silva modificou o aspecto do deposito de cacau, por fora e por dentro, ampliando-o inclusive com duas 406

novas construcoes. Uma lhe servia de residencia e escritorio, a outra para alojar os cabras: antes dormiam em esteiras junto ao cacau

estocado, banhavam-se no rio e faziam as necessidades no mato. Com a reforma ganharam cama de lona e cagatorio. Bem se dizia que seu Carlinhos tinha uma parte de gringo, cheio de novehoras. Casinhas fizera logo duas: a dos cabras e a dele, reservada para seu uso exclusivo, trancada a chave.

Houve quem estranhasse ve-lo um dia no deposito, as voltas com Lupiscinio e Zinho, tracando planos, contratando empreitadas, dando ordens. Mas a noticia logo se espalhou: o coronel Robustiano de Araujo cedera o deposito a firma Koifman & Cia. O motivo para a decisao do Coronel iam busca-lo na morte de Gerino, vitimado pela febre que nao respeitara sua condicao de grapiuna.

Devido a tantos enterros em tao pouco tempo, nao se fez referencia na ocasio ao vulto do velorio de Gerino, capaz de superar os de Cao e de seu Cicero Moura e de emparelhar com o de Merencia: quatro inexistentes sentinelas. Perversa, a febre matava e ainda por cima impedia recordacao e alabanca. O Coronel construira o deposito quando, tendo tido uma desavenca com os suicos de Weltman & Scherman a quem vendia suas safras, se passara para os alemaes de Koifman & Cia que, para agrada-lo, propuseram receber o cacau seco em Tocaia Grande, a meio caminho entre a Fazenda Santa Mariana e a estacao de Taquaras. Entregara o deposito a guarda de Gerino, cabra provado, serio e fiel, que o acompanhara durante as lutas, bom na repeticao, inutil na lavoura e na criacao de gado. As casas exportadoras, quase todas alemas e suicas, uma unica brasileira -- a menor e a mais ladrona, segundo os maldizentes --, travavam uma batalha de manha e de prestigio nas diversas areas da regio cacauera a fim de ganhar e garantir a freguesia dos fazendeiros. Dos pequenos, facilitando-lhes adiantamentos por conta do cacau a ser entregue, dos grandes oferecendo-lhes comodidades e vantagens. Devido a seu Cicero Moura e, sobretudo, a seu Carlinhos Silva, Koifman & Cia ampliara seus negocios nos limites do rio das Cobras, acaparando boa parte da producao da zona. Com o objetivo de facilitar a vida dos cacauicultores, em especial dos menores, libertando-os da obrigacao de entregar o produto na

matriz de Ilheus ou na filial de Itabuna, diminuindo o percurso das tropas e a despesa, seu 407

buna, diminuindo o percurso das tropas e a despesa, seu Carlinhos propos a Kurt Koifman, patroa e ex-parente, o estabelecimento de um deposito em Tocaia Grande, localidade bem situada e de futuro, para ali receber e estocar o cacau, a exemplo do que ja faziam com as safras do coronel Robustiano de Araujo. O fazendeiro, ainda abalado com a morte do insubstituivel Gerino -- cabra de confianca igual a ele so mesmo seu irmao Nazareno e esse nao largava do pe do Coronel, Deus seja louvado!

--, ao tomar conhecimento do projeto, propos ceder seu deposito a firma, negocio vantajoso para ambas as partes. Assim foi feito e, em consequencia, seu Carlinhos Silva instalou-se em Tocaia Grande com armas e bagagens, solucao comoda e pratica: ia a Ilheus uma vez por mes apresentar o relatorio. Alem de cama de casal, trouxe da cidade escrivaninha e estante com livros, a maioria em lingua de gringo. Aos que se admiravam ao ver cama de casal em casa de solteiro, respondia amavel e desbocado: solteiro, sim, punheteiro, nao. Pessoa dada, de natureza cordial, quando nao estava viajando para comprar cacau, gostava de cavaquear com o povo, interessado em toda especie de besteira: receitas de mezinhas e garrafadas, simpatias para curar asma e tistica, historias de abusoes, ditos e proverbios, acontecidos miudos e tolos. Com um toco de lapis tomava notas numa caderneta: se ve de um tudo nessa vida. Por essas e outras, Braulio, um dos guardas do deposito, dizia que seu Carlinhos era uma pessoa interessante. Braulio ouvira a palavra numa pensao de putas em Itabuna e a incorporara a seu minguado vocabulario, usando-a com parcimonia, quando tinha de explicar o inexplicavel: interessante!

Escutando sia Leocadia desdobrar o projeto do reisado, seu Carlinhos Silva aplaudiu a ideia com entusiasmo e se colocou as ordens: em que podia ser util? Sia Leocadia aproveitou para citar a grave questao do bombo: sem bombo, reisado nao era a mesma

coisa. Seu Carlinhos comprometeu-se a obter com Koifman & Cia a doacao do instrumento: fique descansada, nao sera por falta de bombo que o reisado deixara de sair. Em troca fez um pedido: desejava assistir os ensaios, teria permissao? E claro que sim, bastaria comparecer ao barracao onde seriam realizados, tres dias por semana. Em Estancia, cada ensaio era uma festa com namoro, cantoria e danca. As vezes, dava casamento.

408

5

O capitao Natario da Fonseca devolveu a palha e o fumo a Espiridiao, guardou o punhal no cinto, transmitiu ao coronel Boaventura Andrade a embaixada de sia Leocadia:

-- Sia Leocadia mandou dizer que conta como sem falta com vosmice para o reisado.

Recado urgente: nao se esqueca, Capitao, de falar com o primo. O Coronel sorriu, se recordando:

-- Velha disgramada! Inda me lembro do reisado dela. Nunca vi gente mais festeira que a de Estancia.

-- Ela disse que o pai de vosmice fazia figuracao de Mateus e era bom de danca.

-- O velho Ze Andrade era da pa virada. Saia em reisado, tocava trombone, pintava o diabo. Ate morrer.

Ate morrer. Na varanda da casa-grande, o coronel Boaventura Andrade demorou o olhar nos dois cabras, Natario, seu braco direito, Espiridiao, seu cao de guarda. Tanto um quanto outro tinham arriscado a vida a seu servico. Nao estaria ali, conversando, nao fossem eles. Natario por duas vezes, Espiridiao por uma, ao menos, atiraram antes que jaguncos a mando dos inimigos completassem

com exito o trabalho contratado a peso de ouro. Jurado de morte durante o decenio das lutas sem quartel quando coroneis e jaguncos construíram e asseguraram a riqueza com o dedo no gatilho. Em Estancia, o velho Jose Andrade, trombonista da Lira Estanciana, se divertira ate morrer. Na varanda da casa-grande o coronel Boaventura Andrade, milionario e poderoso, refletia sobre o destino das criaturas. Em Ilheus e em Itabuna pululavam bachareis, raca velhaca e suspeita; funcionavam Lojas Maconicas e Associacoes Comerciais; o colegio das ursulinas formava professoras; circulavam jornais, alguns todas as semanas, remexendo na politica, ocupacao asquerosa e necessaria; nos cabares exibiam-se dancarinas; fundavam-se hospitais; todas as semanas desembarcavam dos navios da Bahiana conferencistas em busca de dinheiro, os divertidos contavam anedotas, os macantes declamavam poesias; e ate um gremio literario fundaram em Agua Preta por occasiao de recente visita do filho do coronel Emilio Medauar, o tal que escrevia versos e fora colega de Venturinha na Faculdade de 409

Direito. Vagabundos os dois no Rio de Janeiro, gastando dinheiro a rodo, o escrevinhador ao menos dava aos pais motivos de ufania e vinha tornar-lhes a bencao, no Sao Joao e no ano-novo, pondo Agua Preta em polvorosa: os letrados e as mocas. Bom filho, devotado aos pais. O seu, nem isso. Devotados eram Natario e Espiridiao. Tanta grandeza nas cidades, luxo e pompa nos bangalos e palacetes, discursos, artigos de fundo, recitativos, conferencias, danca dos sete veus e mil outras sublimidades: toda essa vangloria se tornara possivel porque Natario, Espiridiao e a facinorosa laia dos jaguncos, Boaventura Andrade, Emilio Medauar e a gloriosa grei dos coroneis haviam empunhado os trabucos e partido para a conquista da mata: cada palmo de roca custara uma vida, por assim dizer. Os notaveis discursavam e escreviam sobre civilizacao, progresso, ideias liberais, eleicoes, livros e outras bobagens, palavrório e enrolacao. Se eles, coroneis e jaguncos, nao houvessem desbravado as matas e plantado a terra, o eldorado do cacau, tema das peroracoes e dos ditirambos, nem em sonhos existiria. Ouvindo Natario falar a respeito dos estancianos, o Coronel pousou sobre os dois cabras o

olhar afetuoso e sentiu no peito estima e gratidao. Envelhecera, ja nao era o mesmo pai-d'egua, tampouco o manda-e-faz autoritario, senhor de baraco e de cutelo, a ordenar na politica e na justica, na Intendencia e nos cartorios de Itabuna. Se ainda mantinha as redeas do poder, e as mantinha curtas para evitar tramoias, era porque apesar de tudo conservava a esperanca de ver o filho de regresso para assumir o mando e lhe permitir descansar em paz.

O velho Ze Andrade, homem pobre, musico amador, se divertira ate morrer, nao abrira mao de nada que a vida lhe oferecia, tanta coisa.

-- Diga a Leocadia que estou muito velho para dançar reisado.

-- Ela disse que vosmice fosse ao menos pra assistir. Pra se divertir um pouco.

6

Para divertir a velhice do Coronel bem poucas coisas a vida oferecia. Duas delas, porem, eram consolacao e balsamo: o cacau e a moca Sacramento.

410

A visao e o cuidado das rocas de cacau, espetaculo sublime, doce tarefa, jubilosa. Viera de completar, em companhia de Natario, a inspecao da entressafra, roca a roca, as antigas e as novas, cada qual mais florida e carregada naquele verao glorioso, perfeito na medida da chuva e do calor. Para compensar o prejuizo das inundacoes no ano anterior. Floracao excepcional, fartura e vigor dos bilros, aqueciam o coracao.

Atravessara tambem as rocas da Boa Vista, os cacauais nao faziam diferenca para os da Atalaia, o mesmo trato, o mesmo vico de dar gosto. Natario fora recompensado, se nao na medida do merecimento -- por duas vezes lhe salvara a vida --, ao menos possuia um pedaco de terra plantado de cacau: trabalhador e

sabido, acabaria rico. Já Espiridiao não tinha onde cair morto; guardava seus terrenos num quarto sem janelas na puxada aos fundos da casa-grande. Sono leve, ouvido fino, dormia na sala guardando o quarto e o descanso do patrão.

Nunca abria a boca para reclamar, nada quisera nem pedir. Chegara a Fazenda da Atalaia na alvorada da luta, em companhia de uma filha pequena: a mãe morrera tísica, botando sangue pela boca durante a seca no sertão de Conquista. Por disposição do Coronel e não por rogo do pai, a menina Antonia, cria da casagrande, cursara o colégio das ursulinas em Ilheus: única negra retinta no rol das alunas mais ou menos brancas. Professora diplomada, esforçava-se por alfabetizar meninos na pequena escola de Taquaras. Usava óculos, não se casara, criava passarinhos. O negro Espiridiao tinha pela filha verdadeira veneração, tratava-a com cerimônia, só faltava chamá-la de senhora e quando se referia ao seu nome acrescentava os títulos: minha filha, a professora dona Antonia.

Espiridiao sentado no degrau da varanda, Natario na ponta do banco, entre os dois cabras o Coronel refletia sobre a vida, a velhice e as poucas alegrias que lhe restavam. Da cozinha chegava a voz de Sacramento entoando modinha brejeira: *Azulão e passaro preto*

Rouxinol cor de canela

Quem tem seu amor de frente

Faz ronda, faz sentinela.

411

Venturinha folgava no Rio de Janeiro, esbanjando. Dona Ernestina, sua santa esposa, rezava e fazia promessas em Ilheus; Adriana, sua rapariga, em vias também de santidade, não saía das sessões espíritas; esposa e amasia, cada uma com suas mazelas e devoções: o seu povo, o lado rico. Na fazenda, onde se demorava sempre mais, Natario, Espiridiao, Sacramento, também gente dele, o outro lado.

Para que não morresse solitário, a vida lhe dera a moça Sacramento. Pena tivesse tardado tanto.

Sacramento silenciou a cantiga, apareceu na varanda com o bule de café acabado de passar, quente e oloroso. Enquanto o sorvia em pequenos goles, soprando na xícara, o Coronel pigarreou e disse:

-- Espiridiao vai querer uma cachacinha...

-- So ele? -- Brincou a moça, familiar dos hábitos do fazendeiro.

-- Acho que Natario é bem capaz de aceitar. Que me diz, compadre?

-- Se for para acompanhar vosmice, aceito com prazer. O Coronel riu confortado, sentia-se entre os seus. A simples presença da moça, igual a visão das rochas de cacau, aquecia-lhe o coração. Sacramento recolheu as xícaras, voltou com a garrafa e os copos. Copos de pé, cálices finos e frageis, neles não cabia mais do que uma gota de cachaca. Quando Sacramento se debruçou para servir, o Coronel enxergou, no vão do decote da bata, a curva e o volume dos seios e os sentiu contra as costas da mão, levantada de propósito. O desejo embaciou-lhe os olhos, queimou-lhe o peito de mistura com o trago de aguardente. Na varanda da casa-grande o Coronel refletia sobre a vida, a velhice, as poucas alegrias, as muitas misérias a que o homem está sujeito: com o passar da idade vai aumentando a distância entre o desejo e a tesa, entre o pensamento ardente querendo vadiar e o pau murcho, pururuca, recusando-se a subir. Natario e Espiridiao respeitavam-lhe os silêncios, entre eles nunca se fizera necessário desperdiçar palavras para que se entendessem: o Capitão até

adivinhava.

Festa de reisado, brincadeira para gente moça, que diabo ele e Leocadia tinham a ver com caboclos e pastoras? Ela com o pé na cova, ele a beira da broxura: a beira? Velha disgramada, querendo morrer na folia. Gente forte, não se deixavam abater: tinham 412

perdido dois na epidemia, um rapaz e um menino. Também o velho Ze Andrade folgara até morrer. As rocas de cacau, seu reisado. A moça Sacramento, sua pastora, sua Senhorita Dona Deusa. Tudo quanto lhe restava. Emborcou o calice de cachaca, ordenou, entre severo e brincalhão:

-- Deixe a garrafa aí, sua sumitica. Isso não é trago que se ofereça a Espiridiao.

Voltou-se para Natario, a voz cansada:

-- Diga a Leocadia que não garanto ir, o mais certo é que não vá. Até que gostaria. Mas ou bem Ernestina vem pra cá ou eu vou passar as festas em Ilheus. Prometer pra não cumprir não é de meu agrado.

A tarde morria sobre as rocas de cacau. No ribeirão, o coaxar de um sapo em agonia na boca de uma cobra. Na sala, Sacramento, a moça do Coronel, acendeu a placa de querosene. **7**

Lavado em sangue, o sol afogava-se no rio. Filho de Xango, com uma banda de Oxossi e outra de Oxala, o negro Castor Abduim ficara parado, sem ação, perto da porta da oficina por onde se enfiara a negra Epifania a procura do menino. Meu menino, ela dissera. Nuvens vermelhas corriam pelo céu, luz e sombra confundiam-se numa atmosfera de emboscada, aviso de ameaça, anúncio de perigo. Que fazer? -- perguntava-se Castor: -- Como enfrenta-la e dizer não?

Eis que um vento, abrupto e abrasador, soprou do oriente, agitou as águas do rio, cruzou a mata e no centro do descampado, entre o barracão e o armazém do turco, se estendeu, denso mantel de poeira, e cortou o mundo em duas partes, a de cima e a de baixo: numa a luz do dia, o calor da vida; na outra as sombras da noite, o frio da morte. E em seguida esse mantel de claridade e trevas separadas já não era remoinho de poeira e sim uma aparição

gigantesca e apavorante. A parte de baixo imersa na noite, vestida de farrapos sujos de vomito e soltura, as pernas e os 413

bracos presos em correntes imundas de ferrugem, a parte de cima refulgindo em lume, ateadada em chamas.

A figura completa, com a cabeleira de ouro puro, o manto de estrelas e a coroa de conchas azuis, so veio a se mostrar mais adiante, quando o horizonte se vestiu de purpura e o egum, enfim liberto, nele mergulhou e partiu para sempre e nunca mais. Nao era coisa desse mundo.

O negro Ticao Abduim viu-o surgir do vazio, espaventoso, crescer no ar, rodopiar no vento, levantar-se numa espiral que tocava o ceu. Encolheu-se no medo, curvou-se no respeito, fechou os olhos para evitar a cegueira e pronunciou a saudacao dos mortos: epa baba! Mastigando frases em nago, o egum lhe ordenou abrir os olhos e se aproximar para ouvir o que ele tinha a lhe dizer. Fazendo das fraquezas forca, o negro andou em sua direcao.

Epifania de Ogum, ekede apta a acolher os encantados pois ja cumprira quatorze anos de feita, poderia te-lo visto com seus olhos de enxergar e de aperceber mas nao estava ali, sumira casa adentro em busca de Tovo sem que Ticao, tomado de surpresa, a impedisse. Edu, ocupado em limpar com o puxavante os cascos da egua Imperatriz calcados com ferraduras novas, e o vaqueiro, portador da montaria por ordem do coronel Robustiano de Araujo, apenas viram, com os olhos de ver sem enxergar nem perceber, a poeirama levantada pelo inesperado pe-de-vento, espantaram-se com a altura e a forca do redemoinho. Ticao adiantou-se ao encontro do baba, arrastando os pes: perdera o controle dos proprios movimentos e, a proporcao que se aproximava, sentia crescer um peso no cangote, uma lombeira, um cansaco como se fosse morrer ali mesmo, naquela hora. Era o egum de Diva que se manifestava, motivo imperioso o fizera embarcar no vento de fogo do deserto: vinha do Alem para busca-lo. Ja era tempo.

A cabeça nas brumas da vertigem, as pernas lhe faltavam. Com dificuldade conseguiu alcançar um pedregulho e nele se sentar obedecendo ao mando do baba. Encontrou-se nos portões da noite, ainda fechados, diante do egum de Iemanjá, mas só o via da cintura para baixo. Trapos nojentos o cobriam, exalavam o fedor da febre, exibiam sua repugnante porcaria e os pés estavam amarrados com correntes iguais as que ele em menino vira 414

na senzala do engenho: tinham servido para prender os pés dos escravos e lhes impedir a fuga para a liberdade. Ticaó não conseguia distinguir-lhe o rosto projetado nas alturas mas reconheceu o marulho da voz de Diva sussurrando-lhe ao ouvido as palavras familiares de dengue e de ternura: meu branco, sou tua preta e aqui estou. Voz sofrida, entrecortada de soluços, lavada em pranto, transbordava magoa e queixa, amargura. Qual a razão de tão profundo sofrimento? Queres saber? Vou te dizer, escuta! Iniciou a acusação. Perguntou por que Ticaó não a libertava, não lhe dava a moeda do axexé para pagar o barco da morte, por que a prendia num mundo que já não era o dela e a mantinha amarrada em cadeias de tristeza e de revolta? Eu, que morri na maré da peste, sou obrigada a viver, tu, que estás vivo, pareces morto, tudo pelo avesso e pelo vice-versa, tudo ao contrário e desconforme. Ai, meu branco, tua preta está cumprindo pena, tu me condenaste, não tenho paz. Para que me queres pesando em teu costado?

Liberta minha morte e guarda em teu coração minha lembrança viva. Por que manténs meus trapos juntos dos teus no caixão de querosene e sobre eles o abebe que um dia cinzelaste para mim com um prego caibral e tua astúcia? Livra-me das cadeias: toma de meus trapos e leva-os para Lia e Dinora, ainda possuem serventia. Coloca o abebe no peji dos orixás porque agora sou uma encantada, um egum de Iemanjá. Chama Epifânia de Oxum e Ressu de Iansan e dança com elas o meu axexé: até hoje não o dançaste. Liberta minha morte que prendeste em teu peito e volta a viver como vivias antes de me conhecer. Quero escutar teu riso claro e alegre. Não

quero teu choro nem teu desespero. Volta a ser Ticao, de novo, um homem.

Os soluços cessaram, as queixas, a acusação e o que foi magoa voltou a ser calida ternura: meu branco, ai, meu branco, escuta o que te vou dizer. Disse e por três vezes repetiu para que o dito e o repetido se lhe encaixasse na cachola dura e obstinada: fora ela, Diva, sua falecida, sua preta, a mãe de Tovo, quem guiara os passos de Epifania, levando-a de retorno a oficina para que ela tomasse o menino a seus cuidados. Homem sozinho, nunca soube criar filhos, Tovo não aprendera sequer a rir, mais parecia um bicho-do-mato do que uma criança. Fora ela, Diva, quem enviara Epifania para ocupar-se de Tovo e também dele, 415

Castor Abduim da Assunção, dantes ticao aceso, depois acha de pau sem serventia. Quando morri não te capei, meu branco. Também tu viraste um bicho, uma visagem, um lobisomem. Por que choras se eu quero ouvir teu riso?

Somente então ele viu o rosto luminoso, enxergou a figura completa do egum: liberto das correntes, dos molambos, vestido de luz. Diva, as tranças de menina, Iemanjá, a longa cabeleira, eram as duas e eram uma única, não são coisas de explicar e sim de entender. Diva sobrevoou o rio e o descampado. Com os lábios tocou a face do negro, soprou-lhe a vida pela boca, ressuscitou-lhe a estrovenga, e em paz com a morte desapareceu no nada. Os que viram o negro Ticao Abduim sentado numa pedra, os olhos no reverbero de luz a se desfazer em poeira, contam que ele se levantou ainda ausente e executou passos rituais de dança, feiticarias de macumba. Informado por terceiros, Fadul Abdala veio às pressas do armazem:

-- Ta sentindo alguma coisa, Ticao?

Surpreso, viu o negro sorrir:

-- Não foi nada não. Tava dormindo e acordei.

Acordara sorrindo, boas novas.

8

Para Epifania de Oxum, Ticao concebera um abebe dourado em dias de solidao e de morrinha: a solidao, fardo pesado; a morrinha asfixiava. Oxum viera fazer-lhe companhia e o ajudara na tarefa de reunir os que ate entao viviam indiferentes e distantes, cada um para seu lado, como se o vizinho nao existisse. Juntos, os dois malungos romperam a solidao e prepararam a festa, em tempo de encontro e desencontro. Para Diva de Iemanja, Castor Abduim forjara um abebe

prateado em dias de duvida e de quebranto: a duvida, ferida exposta; o quebranto o consumia. Iemanja viera dos longes de Sergipe no bojo do navio da lua, e ancorara na rede de dormir. Meu branco, minha preta, ai! Na rede o mundo comecava e terminava.

Com a morte de Diva, a solidao retornara, outra, diferente. Agora nao provinha da carencia, do desamparo do lugar: estava 416

dentro do peito de Ticao, nao em derredor. Nao quisera entregar o menino a avo, as tias, recusara a oferta de Zilda: tomo conta dele, crio junto com os meus. Mas a presenca do filho nao diminuia a ausencia de Diva, nao consolava: ao contrario, tornava a lembranca mais aguda. Menino sem mae, criado a toa. Por vezes Ticao sentia-se culpado por mante-lo junto a si, mas, como separar-se dele? O

grito de Coroca, na noite da danacao, ainda ressoava em seus ouvidos: tu se esquece, desgraçado, que tem um filho! Para cumprir a obrigacao que Diva lhe deixava de heranca, o negro Castor Abduim nao se matara. Na solidao, ao abandono, tres bichos na casa de pedra e cal: Tovo, Ticao e Alma Penada. Nas aguas do rio, nos bracos do pai, Tovo aprendia a nadar; na oficina aprendia a andar, aos tropecos, embolado com o cao. Ganhara um guizo grande, dado por um tropeiro, e o Turco Fadul trouxera-lhe de Ilheus um pequeno

cisne de celuloide que Tovo mordia no despontar dos dentes. Menino sem mae.

Ticao parou a porta da oficina ao escutar um riso de crianca, logo renovado, vindo la de dentro. Ficou parado, atento ao riso de seu filho. Tovo nao sabe rir, censurara Diva, parece um bicho-domato e ele, Ticao, uma visagem. Era verdade. Acudia ao choro do menino somente para dar-lhe de comer ou limpa-lo do coco. Levava-o a mata de manha, ao rio no fim da tarde. Do mais, o cao se ocupava. Ele, Ticao, virara um lobisomem.

Na esteira brincavam os tres: Tovo, Alma Penada e Epifania. Ticao acocorou-se junto a eles. Epifania ouvira dizer que o ferrador de burros ja nao era o mesmo que ela conhecera, desaprendera o riso, vivia por viver. Quem inventara tal balela? Ali estava ele, rindo, o Ticao de sempre. Ninguem sabia rir com tanto gosto quanto ele.

-- Oce veio pra ficar? De verdade?

-- Tu nao escutou eu falar? Nao vou embora mesmo que tu mande.

Nao disse com voz de desafio, disse para que ele soubesse e concordasse. Levantou os olhos para Castor Abduim que um dia fora seu xodo. Jurara a si mesma, soberba e insubmissa, jamais voltar a ve-lo. Mas apenas soubera-o purgando pena, infeliz, um cao danado, e os pes ja nao lhe obedeceram: ali estava. Mas ainda conservava o brio antigo:

417

-- Nao vim ocupar tua rede, tu pode ter tudo que e mulher, nao me importa. Se eu tiver de dormir aqui por precisao do menino, durmo com ele na esteira. Nao vim na intencao de me amigar com tu e ser madraستا dele, juro por Deus. So quero que tu deixe eu brincar com ele, me ocupar. Tudo que e menino precisa de ter mae e tudo que e mulher precisa de um filho, inda que seja uma bruxa de pano ou um homem feito. Tu sabe que eu ja tive um filho? Nunca contei, pra

que? Tinha a idade dele, quando morreu. Também um dia eu quis morrer, Ticao.

-- Oze fez bem de vim. Foi ela que trouxe oze.

-- Ela? Possa ser. Soube por Cosme, no caminho. Eu tava indo pra Itabuna, segui avante. Não tinha andado nem meia legua e dei de mim no rumo de Tocaia Grande.

O menino engatinhava buscando o regaco de Epifania.

-- Tovo gosta de oze. -- O negro falou como se estivesse dando as boas-vindas.

-- E nome ou apelido?

-- O nome e Cristovao por causa de meu tio. Tovo e apelido que ela botou. O menino estendeu os braços para o pai. Alma Penada cobriu o focinho com as patas. O negro Castor Abduim da Assuncao acabara de chegar em casa, de volta das profundas do inferno.

9

Deus Todo-Poderoso, a Suma Sapiencia, apenas ele e mais ninguem poderia saber se o Reisado de Sia Leocadia viria a se transformar com o tempo numa tradicao de Tocaia Grande, repetindo o que acontecera em Estancia. Seu Carlinhos Silva previu que o mesmo ali sucederia: assertiva de simples mortal, não passava de duvidosa conjetura. Nas ruas de Estancia o reisado desfilara durante mais de quarenta anos: a fabulosa figuracao do Boi e do Caboclo, os cordoes de pastoras, o azul e o encarnado, a orquestra de sanfona e cavaquinhos, o bombo na marcacao. O

bombo arrastava a molecada, abria alas, levantava o povo. O que viria a se passar com o Reisado de Sia Leocadia em Tocaia 418

Grande, apos aquele ano de triunfo e gloria, so Deus sabia, se e

que sabia.

Certo e bonito e que houve baticum, arrasta-pe, namoro, xodo, folia a solta enquanto duraram os ensaios, dos meados de dezembro ate a antevespera do Dia de Reis. A vespera e o dia dos festejos dos Reis Magos foram lembrados durante a vida inteira pelos privilegiados que viram sia Leocadia, nas noites de cinco e seis de janeiro, transpor a porta do barracao, calcada de sapatos, alta travessa no cocuruto de cabelos brancos. Atras dela desembocava o terno de pastoras com todos os figurantes, para dançar no descampado onde o povo aguardava, reunido, e nas casas particulares, a comecar pela residencia do capitao Natario da Fonseca onde Zilda cozinvara paneladas de quitutes.

Antes, porem, desses incomparaveis sucessos de janeiro, houve a preparacao, vinte noites de trabalhadeira e patuscada durante as quais foram tracados os planos e postos de pe todos os detalhes necessarios a saida do reisado. A discussao foi publica -- em termos, pois as mocas guardavam relativo segredo acerca de pormenores dos trajes de pastora. Quanto as decisoes, pode-se dizer terem sido tomadas por aclamacao: sia Leocadia unanime decidia, os demais batiam palmas.

De dois em dois dias crescia a animacao com o ensaio da musica e dos passos de danca, das jornadas e dos recitativos, decorados na ponta da lingua. Conforme dissera sia Leocadia ao benemerito seu Carlinhos Silva -- obtivera a oferta do bombo --, a festa comecava com o primeiro ensaio e se prolongava por quase um mes.

Os presentes a escolha dos figurantes usaram e abusaram do direito de aplaudir as indicacoes feitas por sia Leocadia: patrona do terno, nao admitia controversia, ossuda mao-de-ferro. O capitao Natario da Fonseca comentou com o Turco Fadul a parecenca com a designacao dos candidatos as eleicoes para Intendente e edis em Itabuna: a assembleia dos politicos aclamando os nomes propostos pelo coronel

Boaventura Andrade. Não eram por acaso aparentados, a velha e o fazendeiro?

Reunidos no barracão os interessados e os curiosos, na prática a população inteira, SIA Leocádia distribuiu a figuracão. A Senhorita Dona Deusa seria a neta Aracati: devido a febre, seus quinze anos tinham passado em brancas nuvens. Vestido de 419

palhaco, ainda uma vez Vava triunfaria no papel de Mateus, arrastado e preso pela soldadesca. Amancio morreria de desgosto se coubesse a outro representar a temida Besta-Fera, também conhecida por Jaragua e Temeroso. Aurelio carregaria o couro do Boi para que houvesse gente de Vanje na figuracão do reisado. Zinho, Edu, Durvalino, Balbino, Zelito e Jair perfaziam o contingente de soldados que prenderiam Mateus, acusado de matar o Boi. Quanto ao Caboclo Gostosinho, principal elemento masculino, que contracenava e dialogava com a Senhorita Dona Deusa, pela manhã SIA Leocádia fora a oficina do ferreiro para convidar Castor Abduim a figura-lo. A seu ver, o Caboclo Gostosinho no desfile do reisado em Tocaia Grande não podia ser outro senão o negro: tinha o porte, a petulância, a picardia. Andava triste mas, quem sabe, o convite o animaria?

Tivesse ido uma semana antes, com certeza receberia redonda negativa. SIA Leocádia aproveitou para oferecer a negra Epifania um posto de pastora, mas a rapariga agradeceu e declinou da merce por causa do menino.

10

A contar do primeiro ensaio, melhor dito do encontro inicial para decidir sobre alguns pontos importantes, o Reisado de SIA Leocádia em preparativos para desfilar em Tocaia Grande já não foi idêntico aquele que alegrara a população de Estância durante quatro décadas. Cidade grande e populosa na medida de Sergipe, Estância fora rica e próspera, hospedara o Imperador Pedro II, e sua

decadencia se revestia de requintes de civilizacao, enquanto Tocaia Grande nao passava de reles lugarejo de putas e tropeiros, com umas poucas dezenas de habitantes. Como poderia ser igual o desfile do terno de pastoras? Apenas parecido e olhe la. Para Tocaia Grande, mesmo assim, modificado, o Reisado de Sia Leocadia foi um assombro, um xispeteo, um dois-de-julho, maravilha das maravilhas!

Para nao mentir dizendo que jamais participara do reisado moca mal-afamada, os mais monarcas se recordavam de Dolores, saltitando no cordao encarnado. Filha de seu Romero, galego e alfaiate, ia para a cama por dinheiro com os patroes da fabrica de
420

tecidos mas nao era rapariga de porta aberta, e seu Romero, ademais, costurava de graca o traje de Mateus, dificil mao-de-obra. Mas, tendo ido exercer no castelo de Ninita, em Aracaju, ao voltar a Estancia, por ocasio das festas, no proposito exclusivo de sair no cordao encarnado, Dolores encontrou-se substituida, perdera a vez. Nao explicaram a razao, nao se fazendo necessario. Em Tocaia Grande, como organizar os grupos de pastoras sem a participacao das putas? Para comecar, nao havia no lugar donzelas em numero suficiente para compor os dois cordoes de oito pastoras cada um, e, em geral, as casadas ou amigadas apresentavam desculpas: filho, marido ou amasio, e se recusavam. O

jeito foi recorrer as raparigas, mesmo porque em Tocaia Grande fazia-se impossivel estabelecer limites entre elas e as familias. Qual o oficio de Jacinta Coroca, diga quem for capaz, pelo amor de Deus; parteira ou mulher-dama? Afamada em uma e outra ocupacao, maos de fada, xoxota de chupeta, ganhava o pao de cada dia na cama de campanha, jamais aceitara dinheiro em pagamento pelos partos. Aparara todos os meninos ali nascidos, inclusive os de Hilda, Fausta e Zeferina, sendo que a filha desta ultima, desovada na noite da enchente, recebera o nome de Jacinta em honra da comadre, em prova de gratidao. Quem tentasse vetar a presenca das putas no pastoril de Tocaia Grande nao botaria reisado na rua, para pagar o

desaforo. Pastoras mais lindas, ai! Mais bem trajadas, mais garridas e exultantes! Foi portanto necessario aumentar o numero, pois em total, somando raparigas e donzelas, eram vinte e tres as candidatas para compor os dois cordoes, de oito pastoras cada um. Sia Leocadia, magnanima, decidiu que existindo um unico reisado em Tocaia Grande tais convencoes tornavam-se abusivas: por que somente oito? Elevou para doze o contingente do cordao azul e o do encarnado, e para igualar os numeros, convidou a velha Vanje

e ela nao se fez de rogada: pastora em sua idade, so mesmo ali, no cu-do-mundo!

Em Estancia cada pastora tinha um nome, tradicional: mudava a pastora, o nome persistia: Borboleta, Andorinha, Papagaio, Belaninha, Marialva, Veludinho, Juriti e Acucena, as oito do cordao azul, e Magnolia, Cuiubinha, Pintassilgo, Gracinha, Ribeirinha, Pitanga, Cordeirinha e Bem-Te-Vi, as oito do cordao encarnado. Acrescentaram-se em Tocaia Grande oito 421

novas alcunhas, escolhidas pelas interessadas, de acordo com sia Leocadia. A velha Vanje se intitulou de Sergipana, Ressu de Itabunense e Bernarda foi a Ciganinha, e assim por diante ate se completar a lista. Se alguem faz questao dos outros cinco nomes para que seja precisa nos detalhes a cronica da apresentacao do Reisado de Sia Leocadia em Tocaia Grande, ai vao eles: Graciosa, Baianinha, Atrevida, Florzinha, Girassol.

Houve de um tudo durante os ensaios: riso e choro, namoro, discussao e briga. Por causa da doca Ricardina, a pastora Girassol, Dodo Peroba e o tropeiro Levindo se estranharam, trocaram xingos e desafios, mas nao chegaram aos tapas: sia Leocadia exigia ordem e compostura nos ensaios. Sia Leocadia gabava-se de que em Estancia cada saida do reisado era marcada por um casamento. Se em Tocaia Grande aconteceu amigacao em vez de casamento, deveu-se ao fato de nao existir padre no lugar para celebrar o ato e abençoar os noivos. Zinho, carpina trabalhando por conta propria, tao

competente quanto mestre Lupiscinio -- fizera a armacao da Besta-Fera e a do Boi, melhores que as de Estancia, ao ver de sia Leocadia: mais leves e mais seguras --, ao termino do reisado se juntou com Cleide, a fogosa e apressada pastora Ribeirinha, filha mais moca de Gabriel e de Sinha, irma do falecido Tancredo e de Neneca, outra apressada, que ficara em Sergipe, vivendo com Osiris, a

custa de seu Americo: pai e para isso.

Um batalhao de mulheres se encarregou dos trajes das pastoras. A costureira Natalina responsabilizou-se pela vestimenta do palhao Mateus, pierro de chita, ornado de pompons, a vistosa calca do Boi e o estandarte. Para compor a figura do Caboclo Gostosinho obtiveram, de emprestimo no curral, jaleco e chapau de couro. Nao havendo fardas para os soldados, os soldados em Tocaia Grande transformaram-se em jaguncos, armados ate os dentes com clavinotes, garruchas e punhais. Sia Leocadia tomou a si a confeccao da indumentaria -- metade azul e metade cor-de-rosa -- da Senhorita Dona Deusa, sua neta Aracati: a saia, o corpete, o manto e os adornos, muitos. Nao tinham podido festejar os quinze anos de Aracati devido a febre que assolara Tocaia Grande durante o inverno. Sia Leocadia tirava a forra no verao. O verao transformara a lama em poeira e a luz do sol 422

alimentara os cacauais dando vigor a floracao e aos bilros nas rocas de incomparavel formosura. O povo andava alegre, esquecido do ano maldito de enchente e peste: o que passou, passou. **11**

Cavalgando ao lado do coronel Boaventura Andrade, Natario o achou muito acabado. Da noite para o dia a velhice se abatera sobre o fazendeiro, acentuando-lhe as rugas, aumentando as cas e os silencios.

Acompanhados por Espiridiao e pelo tropeiro Joel, iam a estacao de Taquaras esperar dona Ernestina que vinha passar as ferias na

fazenda com o marido. O burro Himalaia, assim nomeado devido a corpulencia, acompanhava a montaria do tropeiro, no dorso largo um selim fabricado sob medida para conter as banhas da santa esposa do Coronel.

Vendo-o durante dias seguidos na Atalaia, Natario nao se dava conta de quanto o Coronel envelhecera. Mas naquela manha, os dois animais no mesmo passo, emparelhados, o curiboca pode comprovar a devastacao da idade no rosto flacido do compadre e percebeu-lhe a respiracao arfante: teve medo.

Fazendo um sinal a Natario para que o acompanhasse, o Coronel cutucou a egua com a espora e se adiantou. O cabra e o tropeiro guardaram distancia conveniente.

-- Diga a Leocadia que, com Ernestina na fazenda, nao vou poder ir pro reisado. Tenho pena porque Sacramento havia de gostar. Disse a ela pra ir, ficava com a comadre Zilda. Sabe o que me respondeu? Imagine so: disse que nao ia nao, porque, se fosse, nao tinha quem ajudasse Ernestina. E uma boa moca. Guardou silencio por um momento como se refletisse sobre a recusa de Sacramento, depois baixou a voz:

-- Ouca, Natario, quero lhe pedir uma coisa.

-- As ordens, Coronel.

-- Tu nunca me faltou em vida. Quero que nao me falte quando eu morrer.

Cismado, Natario ficou alerta: que pedido ia lhe fazer o Coronel? Desejaria na certa arrancar-lhe a promessa de continuar a servir o filho como servira a ele, conservando o titulo e as 423

obrigacoes de administrador da Fazenda da Atalaia. Nao pretendia tomar tal compromisso. So ele sabia o prejuizo que significava para a Boa Vista o fato de ter sob seus cuidados as terras do Coronel:

plantacoes, safras, benfeitorias e trabalhadores, tarefa pesada e
dificil, responsabilidade imensa. Outro patroa, jamais. O

coronel Boaventura Andrade fora o primeiro e unico, seria o ultimo. Depois dele ninguem mais haveria de lhe dar ordens. Tenso, esperou.

-- Ouca, Natario. Me prometa que quando eu morrer, tu olha por Sacramento. -- Repetiu: -- E uma boa moca. Aliviado de cismas e temores, Natario prometeu:

-- Se acontecer vosmice faltar antes de mim, pode ficar descansado pela moca. Gente de vosmice e o mesmo que fosse minha filha. Zelo por ela.

Andaram um bom pedaco em silencio. A preocupacao desaparecera da face do Coronel, lassa porem serena, a voz tranquila. Assim acontecia sempre que ele tomava uma decisao:

-- Suportar abusos de velhos sem ganhar nada com isso! Tu sabe de uma coisa, Natario? Vou comprar uma casa em Itabuna e botar em nome dela.

-- Com sua licenca, Coronel, acho que vosmice faz muito bem.

12

Revolteavam as lanternas das pastoras, revoada de vagalumes, na subida que conduzia a residencia do capitao Natario da Fonseca no alto da colina, onde o Reisado de Sia Leocadia iniciaria sua exibicao na noite de cinco de janeiro, vespera de Reis. Atras, a populacao inteira. Apenas uma pessoa nao se abalara para apreciar as evolucoes do pastoril: o sertanejo Altamirando. Festa para ele resumia-se as aparicoes de Cao no outeiro das cabras. Nao precisava de mais nada para ir levando a vida. As duas alas de pastoras com a figuracao ao centro ordenavam-se em frente a varanda, no terreno que se estendia ate o pe de mulungu. A um sinal de sia Leocadia, iniciaram o Canto da Pedicao da Sala, dirigindo-se aos

endomingados donos da casa, sia Zilda e o Capitao, a espera na porta de entrada. 424

Chegou, chegou

Chegou as moreninhas

O Reisado das meninas

Oi que danca mais almofadinha.

Na sala de visitas nao havia espaco suficiente para a movimentacao do terno: as reinacoes do Boi, as evolucoes da Senhorita Dona Deusa e do Caboclo Gostosinho, as cambalhotas do palhaco Mateus, o corre-corre da Besta-Fera, a entrada dos soldados: vale dizer jaguncos. Nem na casa do Capitao, menos ainda nas demais visitadas a seguir. Em todas elas o reisado apresentou uma unica jornada, alem da pedicao da sala, os benditos cantados em honra do menino-Deus:

Bendito louvado seja

Bendito louvado seja

O menino-Deus nascido

Primeiro dancaram juntos os dois cordoes, depois separados o encarnado e o azul, iniciando a competicao do estandarte e a divisao da assistencia em dois partidos. Passaram entao a exibicao individual das pastoras, uma a uma no centro da sala e, sem querer desfazer de nenhuma delas, pois todas eram lindas e airosas, inclusive sia Vanje, corta-jaca de primeira, a verdade manda dizer que Bernarda sobressaiu entre as demais. Apos arrancar aplausos rodopiando, no repinique da orquestra, segurando a haste de bambu com a lanterna de papel de seda transparente, a formosa pastora Ciganinha com a outra mao trouxe para a roda uma crianca de seus dois anos de idade, se tivesse mais, pouco seria: filho de criacao de Zilda, nascido

do ventre de Bernarda. Dancaram, mae e filho, inovacoes do reisado em terras de Tocaia Grande.

A harmonica e os cavaquinhos puxavam a melodia pobre; o bombo, novo em folha, fazia a marcacao. Vestidos de chitao florado e colorido, com rendas, lacos e babados, os chapheus de palha ornamentados com folhas e flores de pano, enfeitados com fitas azuis e cor-de-rosa -- o azul da Virgem Imaculada, o encarnado da Paixao de Cristo --, as pastoras de Tocaia Grande dancaram e cantaram para o menino-Deus nascido no presepio de Belem e, sabe-se la por que, achado em Roma:

425

O menino-Deus nascido

Foi achado la em Roma

Foi achado la em Roma

Vestidinho num altar

Terminados os benditos, houve uma pausa na funcao para o beberete, comezaina farta e gostosa. As garrafas de cachaca passando de mao em mao, bebiam pelo gargalo: os copos e calices reservados para o licor de jenipapo servido as pastoras. Limpando a boca com as costas da mao, os figurantes do reisado iniciaram o Canto de Despedida, iam folgar em outra casa:

Oi boa tarde

Senhoras, Senhoritas

A minha ida

Vai fazer voces chora r

Acordado pela cantoria e pelo baticum do bombo, o papagaio Va-Tomar-no-Cu alvorocou-se no poleiro: sacudia as asas, gritava palavras enquanto todo o figura se reunia para entoar as estrofes finais:

Eu vou embora

Pra minha terra

Vou voltar meu pessoal

A ultima volteada na sala, o reisado acenava adeus: *Quitario, quilaria*

A Estrela-D Alva

So quilareia la no mar

Vacilante luz de vaga-lumes, as lanternas das pastoras na descida da colina, atras a populacao de Tocaia Grande, acrescida do capitao Natario da Fonseca, de sia Zilda e dos filhos do casal, os de sangue e os de criacao.

426

13

Dancaram e cantaram, comeram e beberam, folgaram a la vonte, em diferentes casas e locais, homenageando pessoas que haviam concorrido para a saida do reisado: os tamanqueiros Guaraciaba e Eloi Coutinho, Guido, Lupiscinio, o Turco Fadul, sia Natalina, dona Valentina e Juca Neves, donos da Pensao Central, sem esquecer Coroca: a casa de madeira, na Baixa dos Sapos. Concluíram o percurso da amizade no deposito de cacau seco onde, ao som do bombo oferecido por Koifman & Cia, o pastoril agradeceu a seu Carlinhos Silva o apoio e o interesse: o comprador de cacau nao perdera um so ensaio, de tudo tomando nota quando nao estava batendo coxa nos assustados.

A apoteose, porem, o nunca visto, cujo registro se faz obrigatorio, ocorreu no descampado, diante do barracao, no local da feira, ja noite fechada. Nao faltara um unico vivente, a excecao de Altamirando, conforme se contou. Das Dores, sua mulher, esteve presente, mas demorou-se pouco; desde que deixara o sertao nao tornara a ver um terno de pastoras: gostava tanto! Vieram os moradores dos dois lados do rio, os do arraial e os dos rocados: velhos, adultos, mocos e meninos, os pequeninos da ultima paricao escanchados nas ancas das maes.

Quem visse aquele mundao de gente reunido no descampado poderia ate pensar que Tocaia Grande era uma vila populosa, pois das fazendas haviam chegado levas de alugados e mateiros e o trafego das tropas crescera nas noites de Reis. Putas, nem se fala. Os habitantes do lugar que nao participavam do reisado nem por isso mostravam-se menos orgulhosos. Misturados a malta de forasteiros, arrotavam importancia e gabolice no louvor do Reisado de Sia Leocadia, ostentacao de Tocaia Grande. Em Taquaras um bumba-meu-boi saia a rua nas festas dos Reis Magos. Desanimado e pobre, meia duzia de pastoras esfarrapadas, figuracao de merda: sacos velhos de aniagem fazendo as vezes do couro do Boi, o Vaqueiro esmolambento, a Caapora vestida de folhagem trazida do mato e se acabou. Comparado com o reisado de Tocaia Grande, uma lastima.

Ao desembocar no descampado, os figurantes do pastoril haviam atingido o auge da animacao no calor da danca ja dancada 427

e dos tragos ja emborcados: o suor escorrendo pelos rostos, os pes descalcos, negros de poeira, o bodum solto no ar, inebriante. Montada em seus sapatos comprados na loja de seu Americo, em Estancia, a alta travessa no cocuruto da cabeça -- coroa inconteste de rainha! -- sia Leocadia equilibrou-se em cima de um caixao de querosene, vazio, trazido do armazem do turco. Com suas ossudas maos de octogenaria bateu palmas e pediu silencio: o reisado ia iniciar suas jornadas. Balburdia, barafunda, gritaria, gargalhadas,

dichotes, palavroes, diabruras dos moleques com toda a corda, tremenda barulheira: o rogo de sua Leocadia, velhinha fragil e miuda, mais do que um absurdo, era perda de tempo, tolice sem tamanho.

Pois bem: mal ela bateu palmas e anunciou o comeco da funcao, cessou todo e qualquer bulicio, o silencio foi total, absoluto. Nem o mais leve rumor, apenas as respiracoes ansiosas, o palpitar dos coracoes.

14

A apresentacao se iniciou com o Canto da Pedicao e os benditos, as dancas dos cordoes e as das pastoras, jornadas ja

vistas e ouvidas nas casas particulares, nem por isso menos aplaudidas: *Chegou as moreninhas*

Oi que danca almofadinha.

Dai em diante tudo foi novidade, encanto e fantasia. Do centro das alas destacou-se o Boi para fazer a sua entrada. Comecou por botar a molecada para correr, ameaçando chifrar os mais ousados, enquanto o figura cantava o Canto da Entrada do Boi:

Quem tiver seu boi

Que prenda no curral

Que eu nao tenho roca

Pra boi sona

428

Sem sair do lugar, as pastoras movimentavam os pes nos passos do bailado, obedecendo a orquestra de sanfona, bombo e cavaquinhos. A Senhorita Dona Deusa evoluia com o estandarte

-- uma face azul, a outra cor-de-rosa. Na azul, em letras cor-derosa, o nome do reisado: na cor-de-rosa, as letras eram azuis, feitas **umas e outras com retalhos de fazenda: REISADO DE**

LEOCADIA BENVINDA DE ANDRADE.

Quem tiver seu boi

Que prenda no mourao

Que eu nao tenho roca

Pra boi ladrao.

Os espectadores dividiam suas simpatias entre os dois cordoes na disputa do estandarte: a Senhorita Dona Deusa o entregaria, no final, a ala que recebesse, em moedas de vintem e de tostao, maiores provas da preferencia do publico. Houve quem gastasse ate o ultimo dez reis colocando-o no bolso do avental azul ou encarnado dessa ou daquela pastora. Zinho, e Balbino se bateram niquel a niquel ate ficarem limpos. Zinho, patrono de Cleide, a pastora Ribeirinha do cordao azul, Balbino sustentando as cores do encarnado na pessoa de Chica, filha de Amancio, o Temeroso, menina-moca de olhares e requebros de mulher feita, a gentil pastora Juriti. O Caboclo Gostosinho foi buscar o Boi e o trouxe de volta ao centro das alas depois de te-lo levado a reverenciar o Capitao e Fadul, Coroca e seu Carlinhos Silva, sia Natalina, Jose dos Santos e sia Clara. O palhaco Mateus fez sua entrada, vadiando com os meninos, gracejando com as mulheres, virando cambalhotas, a cara pintada com alvaiade. Dirigiu-se ao Caboclo, propondo comprar-lhe o Boi por tres vintens: *Eu tenho um vintem*

Jaci me deu dois

Pra comprar de fita

Pra lacar meu Boi

O coro das pastoras respondia:

Oi, iaia, oi

O Boi que te da

Enquanto Mateus cantava sua parte, surgiu da escuridão o Jaragua, envergando a horrenda vestimenta de Besta-Fera, o corpo escondido numa armacão de varas de bambu, revestida de chita, uma carcaca de jumento fazendo as vezes de cabeça. Investia em pragas e bufas, espalhava o povo, dava medo. As pastoras denunciaram-no: *La vem o Temeroso*

Que bicho feio

Feio e malvado. Saltou sobre o Boi, lutou com ele -- o Boi usando os chifres, Jaragua armado de poderes infernais -- em combate tremembundo, conforme comentou Mateus dirigindo-se a assistência. Segurando o Boi pelos cornos, Temeroso o derrubou no chão e, sem piedade, o matou. Riu com os dentes da carcaca do jumento, passou sebo nas canelas, pediu a ajuda do Capeta e sumiu no mundo. Avisada pelo Caboclo Gostosinho, a Senhorita Dona Deusa entrou em cena e vendo Mateus ao lado do Boi, aflito, mandou prende-lo, suspeitando fosse ele o matador. Mas as pastoras, que a tudo haviam assistido, proclamaram a inocência de Mateus e reclamaram sua liberdade: *Senhorita Dona Deusa*

Venho lhe fazer um pedido

Me solte Mateus

Que ele é meu amigo

Evoluindo entre os cordões, empunhando vaidosa o invencível estandarte do reisado, Senhorita Dona Deusa fez ouvidos moucos a

suplica das pastoras, mas elas não desistiram, buscaram novos argumentos, usaram a palavra amor:

430

Senhorita Dona Deusa

Venho lhe pedir um favor

Me solte Mateus

Que ele é o meu amor

Os olhos de Cleide postos em Zinho; os de Chica, em Balbino; a doca Ricardina com o olho são buscava Dodo Peroba, amestrador de passarinhos. A Senhorita Dona Deusa, tocada pelo amor, atendeu por fim ao rogo das pastoras e colocou Mateus em liberdade:

Ja ta solto, ja ta solto

Ja ta solto, ja soltei

15

O lamento do Caboclo Gostosinho sobrevoou as colinas e o rio, ressoou no vale de Tocaia Grande e as pastoras o acompanharam em lamentosa cantilena: *Meu Boi beirante*

Morreu de quebrante

Sinal de que o Caboclo Gostosinho e a Senhorita Dona Deusa iam iniciar a partilha do Boi, a jornada mais divertida do reisado, o povo se aproximou e cerrou fila diante do figura. O

Caboclo começou por oferecer ao capitão Natário da Fonseca a cabeça do Boi:

A cabeça do Boi

E de seu Capitao

A cada parte mencionada, correspondia o coro das pastoras: *Oi, iaia, oi*

O Boi que te da

431

Chegou a vez da Senhorita Dona Deusa reverenciar seu Carlinhos Silva:

O pe do focinho

E do seu Carlinhos

Assim, pedaco a pedaco, o Caboclo Gostosinho e a Senhorita Dona Deusa repartiram o Boi. Para dona Sinha, ficou a carne da pa; a chade-dentro foi para Jose dos Santos; a tripa mais grossa para dona Coroca; a tripa gaiteira, como sempre sucede, coube as solteiras; o osso corredor quem o ganhou foi Lupiscinio e, a loce de parler, o Caboclo Gostosinho usando a lingua franciu de Ticao Abduim deu a partilha por terminada: *A tripa do eu*

E de seu Fadu

Nunca se riu tanto e tao a la godaca em Tocaia Grande. Para que a felicidade fosse geral, todo o figura cantou pedindo a ressurreicao do Boi. Quem mais pedia era a Besta-Fera, o Temeroso, o Jaragua:

Levanta Janeiro, ei Boi

Danca no salao, ei Boi

Pra todo o povao, ei Boi

E o Boi ressuscitou, levantando-se num passo rebolado, Boi muito matreiro e sem-vergonha. Fez reverencias aqui e acola, investiu

contra os moleques, correu com eles. Ao Boi se juntaram o Caboclo Gostosinho, o palhaco Mateus, a Besta-Fera, as pastoras e os soldados que vieram de Estancia e viraram jaguncos em Tocaia Grande; a frente de todos a Senhorita Dona Deusa conduzindo, com justo orgulho, o estandarte do Reisado Grapiuna de Sia Leocadia Benvinda de Andrade. Juntaram-se para cantar a jornada da despedida.

432

16

Nao ha bem que sempre dure: nem por ser Iugar-comum deixa de ser verdade. O reisado se preparou para partir, as pastoras contaram as moedas a fim de saber que cordao iria ganhar o estandarte das maos da Senhorita Dona Deusa, a neta Aracati de sia Leocadia. Dodo Peroba, barbeiro e professor de passarinhos, veio depositar um niquel de cruzado, ou seja, quatrocentos reis, no avental de Ricardina: a paixao dos desafios conduz a tais loucuras. A um gesto de sia Leocadia a ultima jornada teve inicio: *Eu vou embora*

Pra minha terra

Vou voltar meu pessoal

Ainda bem que no dia de amanha teriam mais, a jornada foi a ultima da Vespera de Reis, mas a derradeira deveria ser somente no dia em que os Magos, Gaspar, Melquior e Baltazar, levaram ao menino-Deus nascido as oferendas de ouro, incenso e mirra. E

naquela Vespera, quando se extinguisse o canto das pastoras e as lanternas, as armacoes do Boi e do Temeroso e o estandarte fossem recolhidos, o bombo bem guardado no deposito de cacau, entao a harmonica e os cavaquinhos na certa iriam convocar os moradores do arraial e os forasteiros para o fovoco comemorativo da apresentacao do reisado que se despedia:

Quilario, quilaria

Quando eu morrer

O mundo pode se acabar

O reisado dancava no meio do povo, o povo dancava misturado com a figuracao e a orquestra. No bombo, fazendo a marcacao, Jaoze, de Maroim, nos cavaquinhos tres estancianos: Gabriel, Tarcisio e Jardelino. E a sanfona, quem a dedilhava? E facil encontrar a chave da adivinha, aqui vai uma pista: tratava-se de alguem jamais ausente das alegrias e das aflicoes de Tocaia Grande. Nao era outro, e nao poderia ser: tocando e dancando ao mesmo tempo, em meio ao rancho de pastoras, feliz da vida, Pedro Cigano, rapaz bonito, entoava o Canto da Despedida: 433

Quitario, quilaria

A Estrela-D'Alva

So quilareia la no mar

Afastavam-se as lanternas do reisado, cruzaram com um cavaleiro que irrompia das trevas da noite: montado em pelo, desatinado, vinha a galope, gritando pelo Capitao. Ao chegar diante dele, num pulo abandonou a montaria e foi falando. Era o negro Espiridiao:

-- Natario! O Coronel estuporou! Morreu na minha vista, sem dizer aqui-del-rei. Esbugalhou os olhos, torceu a cara, entortou a boca e caiu de borco no assoalho. -- Falou de um folego, talvez querendo livrar-se da visao que trouxera nos olhos e no peito.

O coronel Boaventura Andrade caira morto na vista de Espiridiao que guardava a porta do quarto do patroa e chefe para defende-lo de qualquer bandido pago por um inimigo para lhe fazer mal. Espiridiao nao pudera enfrentar com o clavinate a congestao que estava de tocaia, esperando a hora. Na distancia, o pastoril cantava adeus:

Quilario, quilaria

Quando eu morrer

O mundo pode se acabar

Quilario, quilaria

Zilda rompeu-se num soluço. O capitão Natário da Fonseca, o rosto imóvel, carranca de pedra ou de madeira: com sua licença, que desgraça mais grande. Coronel! Quilaria, quilario, o mundo se acabou.

434

A CIDADELA DO PECADO,

O COUTO DOS BANDIDOS

VISITACAO DO SANTO OFICIO

A TOCAIA GRANDE COM REQUISITORIO,

CONDENACAO E FORROBODO

1

Transportando em dois baús de flandres os sagrados utensílios, as vestes talares, o incenso, a água benta, o vinho de missa e a palavra de Deus, a Santa Missão chegou a Tocaia Grande quando, pesada e espessa, a morninha do inverno se impunha: chuva fina e deprimente, a lama dos caminhos, perigosos, a claridade dos dias diminuída, o negrume das noites encomprado. Dois frades mendicantes, na faina da catequese, desciam das cabeceiras do rio das Cobras. Na amplidão do vale, ao ritmo do desenvolvimento das rocas de cacau, brotavam arruados, cresciam lugarejos, uns mais, outros menos lazeirentos, vivendo todos, sem exceção, na iniquidade e no pecado.

Vinham frei Zygmunt Von Gottershammer e Frei Theun da Santa Eucaristia de percorrer, em dois meses de apostolado arduo e penivel, "a extensa provincia de paganismo e heresia e, ao se aproximarem de Tocaia Grande, montando burros tardos e cautelosos, traziam os coracoes pejados de piedade e de colera. De piedade o do jovem frei Theun, holandes de nascimento, novico consagrado padre em Roma, destinado pela Ordem a missionario no Brasil. De colera, o de frei Zygmunt, magro e seco, o ar ascetico, o dedo em riste, exprobatorio, a boca de anatema e condenacao. Gotteshammer, ou seja, o Martelo de Deus.

O rosto redondo de frei Theun, sacerdote recente em sua primeira santa missao, acusava o cansaco da interminavel travessia das desoladas comarcas carentes de conforto material e desvalidas de assistencia espiritual. Faltava-lhes de um tudo, apesar de serem fartas e ricas produtoras de cacau, mercadoria mais valiosa somente o ouro. Vinte anos mais velho do que o companheiro de predica e com mais de dez na irreligiosidade grapiuna, frei Zygmunt, se estava fatigado, nao dava a perceber e prosseguia avante na tarefa de desmascarar e derrotar Belzebu.

Nas margens do rio das Cobras a ausencia da ordem e o 437

desprezo pela moral eram totais e absolutos. A missao de instaurar ordem e moral, de implantar o temor de Deus, frei Zygmunt nao a recebera apenas do Superior da Congregacao que o enviara a pregar e converter naqueles confins do mundo. Recebera-a direta e inapelavel de Cristo Nosso Senhor. Na solidao da cela, em noites indormidas de prece e cilicio, flagelava-se com o azorrague para domar o corpo, livra-lo das seducoes do mundo, da idolatria e da luxuria. Ornato unico na parede nua, a estampa do Coracao de Jesus, o sangue escorrendo do sagrado coracao devido aos pecados cometidos contra a gloria de Deus, ganhava vida, o sangue se espalhava, salpicando coxas e ventre, nadegas e tronco do monge atormentado. Jesus lhe ordenava partir a combater o pecado a ferro e fogo, ate extirpa-lo por completo. Na opiniao de frei Zygmunt nao

possuía a Santa Madre Igreja santo de maior virtude, mais digno de honraria e devoção do que Torquemada, o inquisidor-mor de Espanha e Portugal: não fora canonizado, injusta que não o fazia menos venerável. Capitão das hostes da virtude e da doutrina, do exército de Deus, sob sua bandeira inscreveu-se frei Zygmunt e partiu para a luta sem quartel contra os hereges, os depravados e os anarquistas. Sustentava-o a fúria dos iluminados. Iluminado pelo fogo do inferno.

Durante a fatigante travessia, de arruado em arruado, os dois padres haviam tomado conhecimento da fama de Tocaia Grande, negra, sinistra. Sendo o mais próspero lugarejo do vale, nele campeavam a impiedade e a desordem. Ao que se ouvia contar, entre o gentio sem religião e sem lei, sem dogmas e sem códigos -- pagãos, amigados, jaguncos, marafonas --, existiam negros macumbeiros e árabes maometanos. O nome do lugar já

dizia tudo. Traduzido em termos bíblicos, Tocaia Grande significava Sodoma e Gomorra reunidas na danada dos sete pecados capitais.

2

Na esteira dos frades, acompanhante e concorrente, palmilhava a lama, em demanda de Tocaia Grande, o popular sanfoneiro e trocaternas Pedro Cigano. Onde se anunciava a presença de 438

monges e padres em santa missão de apostolado: pregação, batismo, casamento, confissão, conjura e expiação, chegava, na mesma batida, parte integrante do grandioso evento e ao mesmo tempo sua negação, a sanfona de Pedro Cigano. Para abrilhantar a temporada de forros com que o povo do lugar iria comemorar batizados e casamentos. De tanto frequentar santas missões, Pedro Cigano seria capaz de servir de sacristão e ajudar na celebração da missa. Apesar disso, frei Zygmunt, ao avista-lo atento as palavras candentes do sermão, na primeira fila dos devotos, sentia as tripas se revolverem nas fanáticas entranhas: via a figura de Satanás, em carne e osso, o

riso de deboche no rosto alvar. Muito sofre um missionario em epoca de desvario e decadencia dos costumes, desativado o Santo Oficio, abolida a santa escravidao.

3

Desde que vendera o deposito de cacau para Koifman & Cia, o coronel Robustiano de Araujo espacara seu transito por Tocaia Grande. Contudo, vez por outra, tomava pelo atalho e vinha deitar uma espiada no curral, dar dois dedos de prosa com o arabe Fadul e com o capitao Natario, fazer uma visita ao compadre Castor Abduim, botar a bencao no afilhado.

Tinha o negro em grande estima, ajudara-o a estabelecer-se por conta propria. Preocupara-se ao ve-lo murcho, desenxabido, desinteressado de tudo, apos a morte da comadre Diva. Nao restara nem sombra do rapaz expansivo e expedito a astuciar e promover presepadas e enredos, que animara com sua jovialidade a Fazenda Santa Mariana e com sua inventiva transformara os habitos do arruado.

A repentina ressurreicao do ferreiro alegrara o Coronel. O

compadre lhe contara em confianca o episodio do egum, manifestando-se no descampado para lhe ordenar o fim do luto e restituir ao corpo vazio e suicida o gosto de viver. Tocara-lhe a testa, o coracao e a estrovenga. Para que Epifania viesse cuidar dele e do menino, modificara o roteiro da rapariga, guiara-lhe os passos. O

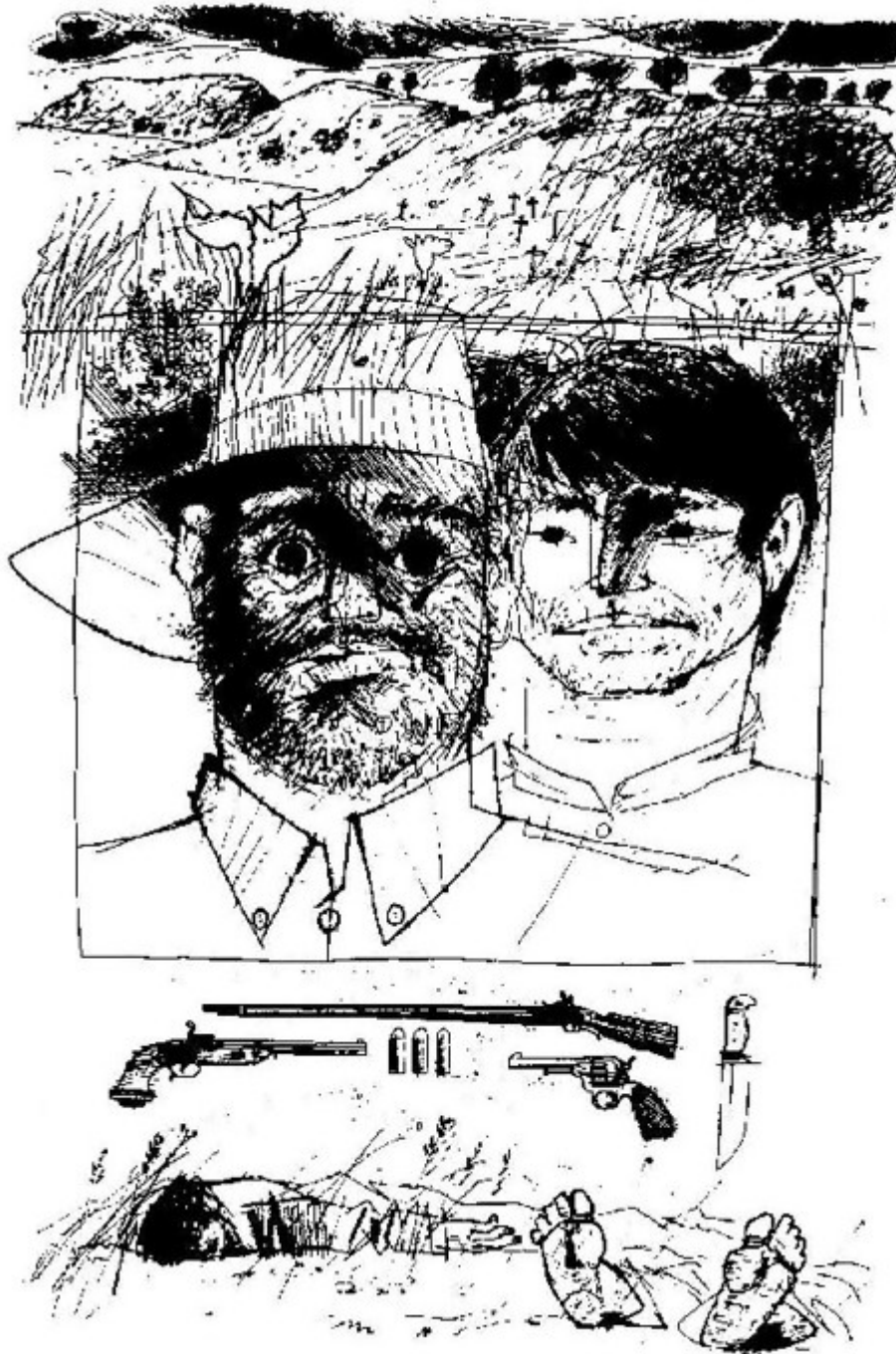
egum de Diva, estrela acesa sobre as ondas do oceano, nos longes de Aioca.

439

Ao contrario do que sucedia com muitos, o coronel Robustiano de Araujo nao buscava esconder o sangue negro que lhe corria nas veias, abundante e poderoso. Branco puro por ser rico, cacauicultor

de mais de seis mil arrobas por safra, pecuarista de consideravel rebanho de bovinos, sustentaculo da Igreja, sogro de franciu -- a filha cacula casara-se com um Laffitte da Companhia de Iluminacao a Gas --, nem assim renegava os orixas. Sua mae, a mulata Rosalia, escura e bela, entrara num barco de iaos para fazer o santo sem saber que estava prenha do patrao, o professor primario Silvio de Araujo, lindo e pobre, fraco do peito. Oxaguian, ao se apossar da cabeça de Rosalia, tornou-se no mesmo passo senhor e dono do nascituro. Para resgatar-lhe o direito a vida, Rosalia o recomprou ao encantado, cumprindo obrigacoes pesadas, pagando preco alto pela carta de alforria, mas teve exito em seu cometimento, libertou o escravo e deu-lhe hierarquia de filho de Oxaguian. O menino cresceu sadio e forte, ainda moco partiu para a guerra do cacau e dela regressou vitorioso.

Antes de morrer, o pai o perfilhara; nada mais tinha a lhe deixar alem do nome da familia. O jovem Robustiano se juntou a Basilio de Oliveira na luta legendaria contra os Badaros: rompeu a mata, demarcou terras, enfrentou jaguncos. Corpo fechado, protegido de Oxaguian, nao sofreu sequer um arranhao. Plantou cacau, elevou rebanhos, casou com moca rica, por sinal uma parenta dos Badaros, a menina Isabel. Nao teve filho varao, botou as filhas a estudar no Colegio da Piedade com as boas freiras ursulinas. Seriam professoras primarias como o avo mas nao teriam necessidade de lecionar -- morenas formosas, herdeiras ricas, nao lhes faltariam pretendentes. Assim aconteceu: o medico Itazil Veiga casou-se com a primogenita; a cadete, de nome Katia, ganhou na loteria, em dia de quermesse para Sao Jorge, o gringo Jean Laffitte, engenheiro formado nas estranjas. O Coronel contribuia generoso para as festas da Igreja e para as do axe de pai Arolu. Carregava o andor do santo padroeiro nas procissoes catolicas. Nao dancava na roda dos orixas, no candomble; mas em casa dava de comer a Oxaguian. 440



4

Certa feita, no verao anterior, o coronel Robustiano de Araujo demorara-se em Tocaia Grande um tempo maior do que a habitual parada de algumas poucas horas para vistoriar o curral e cavaquear com os amigos. Fizera-o para atender ao convite do capitao Natario

da Fonseca por quem sempre demonstrara especial apreço. Prometera-lhe uma visita a Fazenda Boa Vista cuja produção causava espanto e comentários: pedaço de terra mínimo se comparado as glebas da Atalaia ou da Santa Mariana, a colheita, na última safra, ultrapassara as quinhentas arrobas e o Capitão previa dobrar a cifra em poucos anos.

Ao cumprir o prometido -- correu a fazenda de ponta a ponta, de roca em roca, examinou as benfeitorias uma a uma, barcacas, estufas, cocho, casas de alugados -- o Coronel satisfez uma curiosidade: ficou sabendo o que de fato se passara entre Natário e Venturinha, quando o filho e herdeiro único do falecido coronel Boaventura Andrade tomara por fim posse de suas propriedades. Ouviam-se rumores sobre o delicado assunto, falavam em desentendimento e em troca de palavras asperas. Por ocasião do imprevisto falecimento do pai, Venturinha se encontrava na Europa, no início de uma excursão projetada para se prolongar pelos cabares e randevus das grandes capitais, Londres e Paris, Berlim e Roma. Não chegou a visitar Berlim e Roma, pois a notícia, retransmitida de Londres, o alcançara em Paris, apaixonado e perdulario. Com bastante atraso: havia quase um mês que o Coronel jazia no cemitério de Ilheus, no Alto da Conquista -- cortejo fúnebre interminável, intermináveis discursos ao pé do mausoléu --, e as missas de sétimo dia tinham sido rezadas, estando próximas as de mês: as encomendadas por dona Ernestina e as de Adriana. Inclusive o espírito do Coronel já se encarnara por mais de uma hora no corpo esguio e nervoso da medium Zoravia, na Tenda Espirita Fé e Caridade, solicitando a Adriana missas em intenção de sua alma e esmolas para os pobres, ajudando-o assim a deixar os círculos inferiores do Além onde vagava. Nas ruas das cidades, sobretudo em Itabuna, os maldizentes, a par de tais fenômenos psíquicos, traduziam círculos inferiores por profundas dos infernos. Línguas viperinas, não respeitavam os mortos. 441

Também se dizia a torto e a direito que a causa imediata da congestão que fulminara o Coronel fora a carta chegada do Rio de

Janeiro na qual o filho lhe anunciava a partida para Londres a bordo de um paquete da Mala Real Inglesa. Viagem de estudos com duracao prevista de tres meses. Solicitava o resgate de duplicata assinada contra um Banco igualmente ingles, emprestimo destinado a financiar a excursao. Viagem decidida de ultima hora, Venturinha lastimava nao ter tido tempo de avisar aos pais com a devida antecedencia: quando recebessem a carta ja estaria na Inglaterra. Nao tendo ainda endereco a comunicar, enviava o do Banco atraves do qual devia lhe ser remetida, com a natural urgencia, forte soma de dinheiro: sendo quem era nao podia fazer na Europa papel feio, de pobre-diabo, sem eira nem beira. Reclamava numerario copioso e rapido: estudos em Oxford e na Sorbonne custavam os olhos da cara.

A carta chegara a Ilheus e de la fora remetida para Taquaras. Obedecendo ordens estritas do Coronel, Lourenco, o chefe da estacao da Estrada de Ferro, a enviara por um proprio a Fazenda da Atalaia: carta ou telegrama do doutor Venturinha mande em cima das buchas, por um mensageiro a cavalo.

Segundo contava o negro Espiridiao, o Coronel mal concluiu a leitura da malfadada epistola. Dera um passo em direcao a dona Ernestina estendendo-lhe a folha de papel mas nao conseguiu entrega-la, arriara agonizante entre o cabra e a santa esposa, junto aos pes de Sacramento. Como pudera dona Ernestina suportar o acontecido sem cair morta ali tambem, no mesmo instante, ao lado do marido?

Com um grito atirou-se sobre o corpo inerte, e quando Sacramento conseguiu levanta-la, abraçou-se com a moca, juntas choraram. O marido morto, o filho longe, sozinha e perdida, dona Ernestina encontrou amparo e consolo na devotada e incansavel Sacramento. Levou-a consigo no trem especial em que, na manha

seguinte, embarcaram o corpo do falecido para enterra-lo em Ilheus. Chegado as pressas, no meio da noite, Natario se encarregara de

tomar as providencias. O rosto imovel nao deixava transparecer o que sentia, trancado num silencio duro e opaco. A partir de entao ate o desembarque de Venturinha, Sacramento fez companhia a dona Ernestina e chorou com ela a morte do coronel Boaventura Andrade, fazendeiro de cacau, 442

milionario, chefe de jaguncos, senhor das sesmarias da Atalaia, mandachuva em Ilheus e em Itabuna.

5

Se, como era voz corrente e ele proprio, coronel Robustiano de Araujo, pudera constatar, o trato dado as rocas da Fazenda da Atalaia fosse identico ao dispensado por Natario aos cacauais da Boa Vista, tinha Venturinha razao em demasia ao se aborrecer com a recusa do administrador a se manter no posto. Inabalavel recusa, nao houve proposta de dinheiro, vantagens outras e diversas capazes de modificar a decisao de Natario. Por que razao? --

Perguntou o coronel Robustiano de Araujo, a curiosidade se manifestando entre os louvores ao vico das rocas e a floracao paradisiaca: nada mais proximo a beleza do Paraiso do que a comovente imagem de uma plantacao de cacau carregada de flores e de bilros.

O capitao Natario da Fonseca ouviu a indagacao sem mover um unico musculo do rosto de curiboca: a face cobreada, os olhos miudos, nos labios aquele fio de sorriso que o bacharel e poeta Medauar um dia comparara a um fino corte de navalha. Sorriso enigmatico, uns pensavam-no zombeteiro, outros achavam-no amedrontador.

-- Vou lhe dizer, Coronel, se tiver paciencia pra me ouvir. Vim de Sergipe, era um menino, tinha feito uma estrepolia por la. Coisa de somenos, o sujeitinho nao valia o cartucho que gastei. Trouxe uma apresentacao pro Coronel e ele me acolheu. A egua Imperatriz do coronel Robustiano e a mula preta do capitao Natario iam parelhas

em passo lento e cuidadoso na vereda entre os cacauzeiros. O Coronel não comentou, o Capitão prosseguiu a narrativa:

-- Coronel Boaventura já tava metido nos barulhos, como vossmice sabe pois andaram juntos. Fez confiança em mim, me entregou uma repetição e me levou com ele. Posso dizer que ele me criou, sempre me tratou como se deve tratar um homem, devo a ele o que sou e o que tenho. Não me lembro de meu pai: comeu os tamos de minha mãe, capou o gato. O pai que conheci foi o coronel Boaventura.

443

-- Mas ouvi ele mesmo dizer que você salvou a vida dele mais de uma vez. Boaventura não lhe fez favor quando mandou botar em seu nome o chão que nós estamos pisando.

-- O Coronel me acoitou e me pagava o soldo de jagunco pra velar por ele. Sou ligeiro no gatilho e no pensamento. Só fiz a minha obrigação. Se ele quisesse, podia não ter me dado nem terra nem patente. Não vou dizer a vossmice que não mereci, mereci bem merecido, só que ele não tava obrigado a reconhecer pois havia o couro e a paga. O Capitão soltara a redea sobre o cabecote da sela, deixava a mula ir a loca pela trilha conhecida, ele percorria outros caminhos, os do passado, onde, às vezes, nem trilha havia:

-- O coronel Boaventura foi o homem mais valente e o mais direito que conheci e eu não me importava se tivesse de morrer por ele. Foi por isso que mesmo depois de ser possuidor de terra e de ter plantado cacau, não larguei do serviço dele, continuei cuidando da Atalaia. Disse a ele em mais de uma feita: enquanto vossmice for vivo e me quiser, sou um cabra a seu serviço. Pra depois da morte dele só prometi uma coisa e essa tô cumprindo. Mas nada tem que ver com roca de cacau e com posto de administrador.

-- Me disseram que Venturinha ofereceu lhe pagar o que você pedisse.

-- Coronel, eu penso que todo homem tem vontade de ser dono de sua sina. Quando eu comecei a ganhar a vida, acompanhando romeiro lá no São Francisco, ouvi o povo dizer que a sina da gente tá escrita no céu e ninguém pode mudar, mas meu pensar é diferente. Acho que cada criatura tem de cuidar de si e sempre tive vontade de ser dono de mim mesmo. Servi o Coronel por mais de vinte anos: tinha dezessete quando arribei por aqui, já

festejei quarenta e dois. Nunca prometi servir a viúva ou ao filho. Nem nunca ele me pediu.

Olhou para o coronel Robustiano de Araújo, contou:

-- Pouco antes dele faltar, um dia nos ia conversando assim como hoje eu e vosmice e ele me disse que ia me fazer um pedido para eu realizar depois de sua morte. Tive medo que me pedisse pra continuar capataz da Atalaia pois eu ia ter de lhe dizer não. Patrão somente ele e ninguém mais. Felizmente o que ele queria era outra coisa e eu disse sim. Venturinha pensou que eu ia 444

continuar tomando conta da fazenda, estranhou quando eu disse que por nenhum dinheiro. Nem por dinheiro nem por obrigação de amizade. A obrigação se acabou com a morte do Coronel. Retomou as redeas, as montarias abandonavam o cacauá, enveredavam pelo caminho que conduzia a casa de morada que Natário acabara de construir. O coronel Robustiano ainda não a conhecia. Natário abrandou a voz:

-- Gosto muito de Venturinha, quando cheguei na fazenda ele era menino pequeno. Mas é um gostar diferente do que eu sentia pelo Coronel. O Coronel me deu amor, eu não passava de um perseguido da justiça. Agora, só quem manda em mim sou eu, sou eu quem decide o que fazer.

-- E Venturinha entendeu seu ponto de vista? Concordou?

Soube que não.

-- Não perguntei, não quis saber. Ele vai se meter na política, assumir o lugar do pai. Eu disse a ele que se algum dia precisar de mim pra se defender dos inimigos, basta mandar me avisar, ainda tenho boa pontaria. Mas empregado, ele fosse desculpando, nem dele nem de outro qualquer.

Antes de apearem em frente a moradia, o coronel Robustiano de Araujo, a curiosidade satisfeita, encerrou a conversa:

-- Se minha opinião pode lhe interessar, Natario, fique sabendo que agiu direito tanto servindo Boaventura como se negando a servir Venturinha. Não tava na medida certa que deve haver entre quem manda e quem obedece. -- Mudou de assunto: -- Beleza de casa-grande. Meus parabens.

-- Casa-grande? Uma casinha pra Zilda ficar com os meninos. Ela não passa um mês sem vir na roca. **6**

Na Fazenda da Atalaia, as moradas dos trabalhadores --

casebres de barro batido ou de madeira -- agrupavam-se entre a casa-grande e o riachão, margeando a estrada; umas poucas ficavam isoladas, esparsas nas rocas mais distantes. Natario fizera questão de passar por todas elas para comunicar a notícia e se despedir, oferecendo os préstimos; mantinha com os alugados e os tropeiros boas relações de trabalho e também de cortesia e al445

guns eram seus compadres. A noite descera sobre os cacauais e a mata, e apesar do inverno não chovia, naquela noite a atmosfera estava tepida, cariciosa. O Capitão sentia-se dominado por sentimentos opostos: de alívio e ufania, pois deixara por fim de ter patrão, e de pena e nostalgia por abandonar aquela terra onde vivera e labutara por mais de vinte anos.

Em sua peregrinação, notou luz de fogo no barraco do finado Tiburcinho e se admirou: acabara de encontrar a Efigênia cuidando de Idalício, jovem colhedor de cacau, mordido por uma cobra

naquela tarde. Curandeira competente, a velha prestara-lhe socorro. Enchera de fumo de corda a boca sem dentes, boca de ventosa, e a aplicara sobre a picada, no tornozelo do padecente: sugava o veneno e o cuspia, murmurando rezas:

Meu Senhor Sao Bento

Bata o pau na cobra

Mata essa cobra

Que a cobra e do Cao

Me livre do veneno e da tentacao

Idalicio queimava de febre mas resistia, a velha conseguira reduzir a quantidade de peconha, mitigar-lhe o efeito quase sempre mortal. O Capataz a encontrou a cabeceira do doente e ali conversou com ela antes de abandonar a Fazenda da Atalaia. Fez votos para Idalicio escapar com vida, talvez conseguisse, gracias aos poderes de Sao Bento e a sabedoria popular da rezadeira. Falaram sobre Sacramento e sia Efigenia lamentou-se: sentia falta da filha cuja demora em Ilheus, onde cuidava da viuva do Coronel, impedia a realizacao de planos alimentados desde que ela a soubera possuidora de uma casa de aluguel em Itabuna, prenda do coronel Boaventura Andrade, agradecido e magnanimo. Da casa adquirida pelo fazendeiro e posta em nome da comborca, escritura lavrada no cartorio com todos os itens e todos os conformes, sia Efigenia e Sacramento tinham sabido por Natario, unico a par do sigiloso assunto: o Coronel nao desejava que a novidade se espalhasse. O aluguel rendia uns bons cobres mensais, bastante para mae e filha viverem livres de aflicoes. 446

Sia Efigenia sonhava desde entao abandonar o trabalho na fazenda para abrir uma quitanda, em Itabuna ou em Taquaras, onde vendesse bananas, frutas-pao, pimentas, jilos e o mais que fosse de guarnecer e temperar.

Estando porem o Coronel em boa saude e enrabichado pela moleca, a puxa-reza adiará o projeto para quando o fazendeiro enjoasse de Sacramento: xodo de rico sabe-se como e, pode acabar num atimo, da noite para o dia. Não deu para o Coronel enjoar, faltou antes: a morte soprou a congestão em seu cangote e ele caiu duro, a boca torta. Vendendo abobora e maxixe na quitanda, na influencia de Itabuna, Sacramento não tardaria a arranjar outro ricaco que lhe pusesse casa e abrisse conta em loja de fazenda e de sapato. Assim deliberara sia Efigenia, ambiciosa e pratica.

Mas dona Ernestina herdara Sacramento junto com as propriedades rurais e citadinas: o latifundio, as ruas de casas de aluguel em Ilheus e em Itabuna, o dinheiro a juros, a fortuna imensa. Os sonhos de quitandeira de sia Efigenia viram-se adiados para quando Deus quisesse.

A heranca do coronel Boaventura Andrade, tema principal de conversa e disse-que-disse nas esquinas e botequins, nas estradas e bodegas, não foi objeto de inventario e divisao. Mais dia menos dia, tudo sera dele -- dispusera a viuva encomendando missas ao padre Afonso e referindo-se ao filho --, tao logo Deus me chame para a sua companhia. Sendo assim, para que dividir rocas e casas, bens maiores e menores, o capital e os juros? Apenas Venturinha desembarcou da Europa, com escalas no Rio e na Bahia, a mae lhe entregara o mando e o desmando da fortuna. Exclusivo para ela, dona Ernestina reservou um unico pertence: a serva Sacramento.

7

De quem seria a sombra que o Capitaó via refletida na chama do fogo, em casa do finado Tiburcinho? O que viera fazer no barraco na ausencia dos moradores? Coisa boa não seria. Natario empurrou a porta com a mao esquerda, a direita no cabo do revolver. Deu de cara com Sacramento, coberta de poeira: a moca 447

soltou um pequeno grito ao ve-lo mas nao era de susto, era de surpresa e de satisfacao:

-- Ai, Capitaio! Que bom ver vosmice! Me disseram que tinha ido embora.

-- E tu, que faz aqui? Dona Ernestina lhe dispensou?

Sacramento baixou os olhos para o chao:

-- Por dona Ernestina eu nunca ia sair de la. A coitadinha deve estar pensando mal de mim, achando que nao presto. Escapuli sem dizer nada pra ela, mas como houvera de dizer?

-- Tu fugiu da casa do Coronel? Que cobra lhe picou?

-- Foi o doutor. Quis me agarrar.

O Capitaio nao pareceu surpreendido: nos labios desenhou-se o sorriso algido, quase imperceptivel.

-- Venturinha?

-- Como digo a vosmice. Invadiu o quarto onde eu tava, alterado, sujo de baba, com bafo de bebida. Foi minha sorte. Empurrei ele, caiu no chao, lancando. Nao teve forca de se levantar. So fazia dizer que ia me pegar. Fiquei com tanto medo que nem juntei minhas coisas. Fui apanhando a toa, ate achar o lenco onde tinha amarrado um dinheirinho, e fui esperar o trem na estacao. De Taquaras me toquei a pe pra ver Mae e falar com vosmice.

O Capitaio nao comentou, apenas os olhos fizeram-se mais apertados, na mesma medida do sorriso. Sacramento elevou a vista e o fitou de frente:

-- Me agarrou, me derrubou, me bateu e me mordeu. Se ta duvidando, veja. -- Mostrou os bracos com nodoas roxas, no

pescoco sinais de chupoes e de dentadas. Perdurou o silencio de Natario. Quem sabe, pensou Sacramento, ele nao achasse aquelas marcas suficientes para explicar a fuga. Suspendeu a saia ate o alto das coxas e as exibiu: manchas negras no lugar onde os joelhos de Venturinha, cidadao alto e corpulento, se haviam fincado na carnacao morena e apetitosa. Os olhos do Capitaio demoraram-se a espiar, Sacramento baixou a saia mas nao baixou a vista:

-- Como e que eu ia querer me deitar com o filho dele?

Deus me livre e guarde! Quando entrou, me ofereceu dinheiro, disse que eu era bonita e mais nao sei o que. Pedi que ele me deixasse em paz e ele falou no Coronel, gritou que sabia tudo e 448

que tambem queria. Pedi de novo, pelo bem da mae dele, pela alma do Coronel. Mas ele ja tinha tirado o paletto e a calca, foi quando me agarrou. Tava caindo de bebado, foi minha salvacao. O capitaio Natario da Fonseca nao pronunciou uma unica palavra, somente tocou com a ponta dos dedos o rosto tenso da moca e limpou-lhe uma lagrima na face. Sacramento tomou da mao que a afagava e a beijou:

-- No trem vinha pensando em vosmice. Afora Mae, que nao pode fazer nada, so tenho na vida vosmice. Baixou entao os olhos novamente para o chao:

-- Inda outro dia me lembrei de vosmice, me lembrei tanto que lhe vi junto de mim me dizendo que e que eu devia responder a dona Misete.

O nome soou familiar aos ouvidos do Capitaio:

-- Conheco uma Misete, uma que tem pensao de rapariga na Ilha das Cobras.

-- Me mandou um recado pra eu ir ser mulher-dama em casa dela. Foi ai que me lembrei de vosmice e vosmice me dizia que o Coronel

nao havia de gostar de me ver fazendo a vida. Era melhor ficar de criada na casa de dona Ernestina. So que, com o doutor morando la, nao pode ser. Tomei o trem, saltei em Taquaras, me toquei praqui. Cheguei inda agorinha, nem sei onde Mae esta. Mas vi vosmice e isso me basta.

Voltou a fita-lo para afirmar com a voz serena e firme:

-- Nao e por dinheiro nem a pulso que ninguem vai se deitar comigo.
-- Um sorriso entre as lagrimas, examinou os bracos poeirentos do caminho, tocou os cabelos duros de sujeira, falou baixinho: -- Tou precisando de tomar um banho, tou horrorosa. Assim Mae apareca, vou me lavar no rio.

Natario lhe disse onde Efigenia estava e o que fazia. Entre encabulada e atrevida, Sacramento anunciou:

-- Entonces vou me banhar agora mesmo, antes dela chegar. Tou imunda, tao feia que vosmice nem repara em mim.

-- Suja ou limpa, tu e bonita como que. Se o Coronel nao tivesse posto o olho em tu, quem ia lhe fazer mulher havia de ser eu.

-- Possa ser. Como eu ia dizer nao, se eu so pensava em vosmice?

Andou para a porta, passou junto a ele, os seios turgidos 449

tocaram o peito do Capitao. Com sua licenca. Coronel: ele a seguiu no rumo do ribeirao. **8**

Fuad Karan, na mesa do bar, saboreando o arak perfumado, bebida predileta, sorriu para o Grao-Turco, o amigo Fadul Abdala, e declarou, enfatico:

-- Desabou sobre Itabuna, meu Fadul, um cataclisma sexual e vivemos sob seu signo. Atende pela poetica e misteriosa invocacao de Ludmila Gregoriovna Cytkynbaum, um verso, ves? --

Repetiu elevando, num gesto declamatorio, a mao aberta e a voz empostada e redonda: -- Veio das taigas siberianas: Ludmila Gregoriovna Cytkynbaum!

Durante um segundo deteve-se a ouvir o eco da limpida pronuncia do nome altissonante, num evidente aplauso a propria voz:

-- Ja ouviste falar em mulher fatal, meu Fadul? Ludmila Gregoriovna e o especime perfeito, e o prototipo, o paradigma da mulher fatal, e estamos todos acorrentados aos seus encantos, somos seus escravos, felizes em nossa escravidao. Fuad Karan sorveu um gole de arak para temperar a garganta. O rosto irradiando profundo gozo intelectual, Fadul o acompanhou. Embevecido, escutava o boa-vida, um de seus dois corifeus: o outro era Alvaro Faria e habitava em Ilheus.

-- Uma devoradora de homens, meu Grao-Turco. Escuros de preferencia, quanto mais afro, mais lhe toca a psique e lhe umedece a vulva. Pertence de direito mas nao de fato ao nosso novo mestre e senhor, o doutor Boaventura Andrade Junior, herdeiro do Reino Unido de Itabuna e Ilheus. Estamos no reinado de Boaventura II, o Alegre, sucessor de Boaventura I, o Pai-D'Egua. Para Fadul, desterrado pelo bom Deus dos maronitas nos cafundos de Tocaia Grande, as vindas as ruas agitadas das cidades, para refazer o estoque, resgatar duplicatas vencidas e assinar novas, ir aos bares e cabares e as pensoes de putas, e para ver o mar virar espuma nas praias ilheenses, havia, alem do mais, o privilegio da prosa com as duas sumidades, os dois le450

trados: Alvaro Faria, no porto de Ilheus, Fuad Karan, no sertao de Itabuna. Pareciam-se os dois no pouco apreco por qualquer trabalho que nao fosse pura elucubracao intelectual: a conversacao, o jogo de poquer e o comentario das ocorrencias locais. Fuad Karan levava discreta vantagem sobre o parceiro no conceito de Fadul, por ser arabe e falar a lingua do profeta com mel e tamaras, com acucar e anis. A par de todos os acontecidos e de todas as invencionices,

Fuad os relatava e analisava com conhecimento e graça. Fadul ouvia extasiado.

-- Bonita? -- Voz de cobica e de apetite, Fadul quis saber.

-- Bonita e adjetivo improprio para definir Ludmila Gregoriovna: digamos bela, de preferencia. Quero crer que seja eurasiona, mestica de eslavo e semita; ainda sera nossa parenta distante e disso devemos nos orgulhar. Alem de bela, e mistica por ser russa, dramatica pois e judia, romantica e sensual devido ao sangue arabe. Se tua sorte de Grao-Turco ainda persiste, poderas ve-la durante o dia atravessar a rua para entrar nas lojas e desdenhar do mostruario ou, acompanhada de nosso jovem monarca, reinar a noite no cabare com a longa piteira de jade e os olhos verdes. -- Resumiu seus sentimentos numa expressao em arabe: ia hohi!

-- Como veio parar aqui?

-- Trazida por Venturinha, de que outra forma poderia ser?

-- E por que veio com o doutorzinho? -- Fadul ainda nao se considerava bem informado.

-- Porque e puta, esse e seu oficio. Disfarca cantando baladas russas. Assassina "O Barqueiro do Volga" com uma perfeicao extraordinaria. O irmao, diga-se de passagem, toca balalaica bastante bem: deve-se confessar por ser verdade.

-- Sera mesmo irmao?

-- Andei investigando e conclui que os lacos que unem Ludmila Gregoriovna e Piotr Sergueinovitch sao realmente de sangue e nao de cama. Irmaos por parte de mae. Quanto a ela ser puta, nao a devemos condenar assim sem mais nem menos. Por dinheiro, somente se vende ao nosso bravo Venturinha, aos demais da de graça pelo prazer da fornicacao, e nos sabemos, meu Fadul, que nao existe prazer igual, no mundo, ao de fornicar.

-- Nao existe mesmo.

Os exageros e a retorica de Fuad Karan correspondiam a

451

comocao da cidade ainda sob o impacto da presenca embriagadora de Ludmila Gregoriovna Cyt kynbaum: tanto no cabare quanto na Matriz, recintos animados, sua aparicao de neve e fogo, pendurada ao braco de Venturinha, causava sensacao, provocava tumulto: todos queriam ve-la, aquecer-se em seu sorriso, morrer no desmaio de seus olhos. No cabare silenciava a avinhada barulheira, na Igreja rompia o devoto silencio, aqui e ali ouviam-se ahs! e ohs! de cobica e entusiasmo e uma chama de desejo se elevava em torno dela como um halo divino, a fulgurante cauda de um cometa.

9

A noticia do falecimento do coronel Boaventura Andrade interrompera os fascinantes estudos de Venturinha na Sorbonne da Place Pigalle, apressando-lhe a volta ao Brasil. Naquela noite, o bacharel encharcou em vodca o remorso e o desgosto, amarrou o porre de sua vida.

Tambem Ludmila Gregoriovna, ao tomar conhecimento da tragedia que se abatera sobre seu "paizinho", teve uma crise de nervos, caiu num pranto agoniado, nao um chorinho qualquer com duas lagrimas acanhadas: pranto a eslava, com chilique, desvario e oracoes em russo. Apaixonado ate os gorgomilos e os escrotos, o novel europeu decidiu trazer Ludmila para o Brasil em sua companhia, melhor maneira de importar a cultura da Europa no que ela tinha de mais representativo. Acompanhou-a o irmao, Piotr Sergueinovitch, mas o amante, Konstantin Ivanovitch Surkov, ficara em Paris roendo tampa de penico na folclorica expressao do triunfante Venturinha. O conde e coronel da Guarda Imperial Konstantin Ivanovitch Surkov, parente da familia imperial mas em desacordo com o Czar, confidenciara um segredo de estado a Venturinha, le Baron Boaventura

Boaventurovitch como se fizera conhecido nos circulos da imigracao eslava: Ludmila Gregoriovna tambem tinha sangue nobre se bem nao o proclamasse devido ao infortunio que a obrigava a cantar melancolicas baladas nos cabares parisienses. Fugira da corte em virtude de ignobeis perseguicoes do GrandDuc Nikolai Nikolaievitch Romanov, que a queria de concubina. 452

Tio do Czar Nikolai II, generalissimo dos exercitos russos, infernava-lhe a vida. Tendo Venturinha estranhado que a requestada nao se houvesse entregue a tao poderosa e eminente figura, Konstantin Ivanovitch explicou ao seu querido Boaventura Boaventurovitch que a pequena Ludi, fina e sensivel, nao suportava o olor de alho do halito do generalissimo: os beijos do Grao-Duque causavam-lhe nauseas, sustentavam-lhe a virtude. Por isso acompanhara Konstantin quando o coronel dissidente se exilara em Paris. Relacionamento dramatico, nao podiam se casar pois ele tinha esposa em Moscou, tambem prima do Czar, mas haviam jurado amor eterno e cumpriam a jura. Venturinha pagava as contas e o fazia com justificado orgulho: nao e todos os dias que se corneia um membro da familia imperial de todas as Russias. Em La Datcha, cabare moscovita na Place Blanche, acompanhada pelo irmao Piotr, virtuose da balalaica -- Pedrinho, meu irmao!, rogava Venturinha no auge da paixao e da bebedeira, --

tange esse teu violao para me fazer chorar! --, Ludmila cantava melodias russas e dancava bailes do Caucaso exibindo a perfeicao das pernas. Em mesa proxima, o conde Konstantin, de antiga estirpe, e Boaventura Junior, barao recente, aplaudiam, consumindo vodca e conhaque. Ao fim da noite e do espetaculo, Piotr recolhia o escornado Konstantin, deixando aos cuidados do brasileiro, campeao continental da ingestao de aguardente, a timida e sofrida Ludmila: na cama, impetuosa egua da cavalaria imperial, gloria da corte do Czar. Na hora do orgasmo, recitava versos de Pushkin e oracoes ortodoxas.

A versao de Ludmila acerca dos sucessos de Moscou divergia um tanto quanto da proclamada pelo conde e coronel. Nao no que se referia ao Grao-Duque Nicolas, o mastigador de alho: de fato, perseguira-a como um cao danado, obrigando-a a exilar-se em companhia do irmao. Mas era falso que ela se houvesse apaixonado por Konstantin. Aproveitando-se de sua triste condicao de fugitiva, emigrada em Paris, ele se impusera em seu leito de artista obtendo-lhe contratos e defendendo-a da cupida agressao dos frequentadores de La Datcha. Agradecida, ela o aceitara e o tolerava, mas dai a proclamar amor ia uma distancia tao grande quanto a que separava a Praca do Kremlin, em Moscou, da Praca Pigalle, em Paris. Numa e noutra variantes subsistiam hiatos, contradicoes, 453

espacos em branco, incongruencias, tudo devido ao precario dominio da lingua francesa pelos personagens em causa, se bem Ludmila revelasse talento para o cultivo dos idiomas: com Venturinha aprendia palavroes em portugues e os repetia com adoravel pronuncia, entre beijos. De qualquer maneira, alguma verdade devia haver nas espaventosas narrativas, pois quando Ludmila Gregoriovna aceitou acompanha-lo ao Brasil, o conde e coronel invadira o hotel do brasileiro, ameaçando-o de escandalo e morte, desafiando-o para duelo, adaga em punho.

De Venturinha tudo se podia dizer, menos que fosse medroso. Ja se encontrara as voltas, em ocasioes anteriores, com maridos e amantes em furia e jamais se encagacara. Baixou o braco no parente do Czar, tomou-lhe a adaga e a guardou como trofeu. Terminou por resolver o assunto com educacao e generosidade, em francos franceses e libras inglesas, na falta de rublos. Embarcou para o Rio de Janeiro num transatlantico da Chargeurs Reunis, trazendo na bagagem Ludi e Piotr, a balalaica e a adaga, a Russia imperial.

No cabare, Fadul Abdala comprovou a justeza das palavras exaltadas de Fuad Karan e repetiu a exclamacao provinda do fundo da alma: ia hohi! Teve inclusive pretexto e circunstancia para tocar a mao alvissima da russa com as pontas dos dedos disformes, pois Venturinha, ao avista-lo e reconhece-lo, fez-lhe um aceno cordial. Diante do que o turco aventurou-se ate a mesa do bacharel para cumprimenta-lo e olhar mais de perto a ruiva fatal que incendiava a cidade de Itabuna e o mar de Ilheus. Na lingua venenosa de Fuad, era dada a pretos: petisco ideal para Ticao Abduim, negro habituado a vadiar com gringas. De regresso a Tocaia Grande, comentou o caso com o capitao Natario da Fonseca e lastimou fosse a russa especialista em negros e em milionarios, desinteressada de arabes bodegueiros. O

Capitao a conhecera e com ela tratara por ocasio do retorno de Venturinha. Para ele, Venturinha continuava a ser o menino a quem comboiara havia mais de vinte anos, ensinando-lhe a montar 454

e a atirar: a primeira mulher que o moleque conhecera, a sardenta Julia Sarue, fora-lhe apresentada pelo cabra:

-- E um cabeca-de-vento, nao pode ver rabo-de-saia. Com essa tal de russa esta gastando um bocado de arrobas de cacau. Nem assim deixa de correr atras das cabrochas, quer comer tudo que e mulher. No fundo nao passa de um menino.

-- Gastar dinheiro pra ser chifrudo...

-- Chifre de puta nao se leva em conta, Fadul, nao e chifre de verdade.

O turco ainda pensou em discutir o assunto mas deixou pra la: o Capitao era capaz de se ofender, pois gostava tanto de Venturinha, como se o doutorzinho fosse seu parente. Parente proximo, uma especie de sobrinho sem juizo. **11**

O anuncio da iminente chegada da Santa Missao correu como um rastilho de polvora, causando sensacao, exaltando os habitantes de Tocaia Grande, novidade de arromba. Num e noutro lado do rio, foi um deus-nos-acuda. Na manivela da maquina de costura, Natalina nao teve descanso. Encomendas do mulheroio em geral e, em particular, das noivas de maio: estavam nos meados de maio, mes das primeiras chuvas e, segundo souberam pelos frades, da Virgem Maria. Noiva digna de usar grinalda e veu, apontava-se uma unica: a menina Chica, de namoro firme com Balbino. Vivia em casa dos pais enquanto as demais candidatas a receber a bencao nupcial eram todas elas amigas, algumas com filhos. A propria Chica, apesar de moderninha e de continuar no lar paterno, quem se disporia a botar a mao no fogo por sua virgindade? Em Tocaia Grande, como alias em toda a extensao do pais grapiuna, donzelice costumava durar pouco; nas fazendas contava-se uma mulher para dez homens e a flor do cabaco fazia-se colher ainda em botao. Chica deixava-se ver em companhia de Balbino nos esconsos do rio, nas clareiras da mata, se ainda conservasse os tampos, de duas uma: ou bem Balbino era broxa ou ocorrera milagre. Fosse como fosse, sia Leocadia veio em pessoa encomendar o vestido 455

de noiva da neta e explicou a dona Natalina que o desejava a moda sergipana, com todos os apetrechos e atavios de donzela. As outras nao pediram tanto, contentavam-se com trajes simples, nao queriam casar cobertas com trapos velhos. Cleide, tambem neta de sia Leocadia, prima de Chica, estava de bucho cheio; encomendou um vestido azul da cor do seu cordao de pastoras no reisado, o azul da Virgem Imaculada. Ja que se fala nas netas de sia Leocadia e se citou o reisado, registre-se ainda no rol das casamenteiras a espera da Santa Missao a moca Aracati, que figurara a Senhorita Dona Deusa no desfile. Para surpresa dos parentes, inclusive da avo atenta, logo depois do triunfo na noite de Reis, apareceu em casa de braco dado com Guido, dizendo que iam morar juntos. Haviam os estancianos concorrido com tres prenas na estacao dos partos, colaboravam com tres noivas na safra dos casamentos.

Amigadas antigas também ordenaram vestidos a dona Natalina ou os costuraram em casa. Abigail trouxe o seu de Taquaras, onde ela e Bastião da Rosa estavam vivendo desde a enchente: os frades iriam até lá mas ela queria se casar em Tocaia Grande, ao mesmo tempo que Isaura, sua irmã: festança em casa de Ze dos Santos e sua Clara. Das fazendas chegaram casais em quantidade, não era sempre que uma Santa Missão aparecia nas bandas do rio das Cobras.

12

Não menos afobados estavam os pais das crianças à espera de batismo. Cerca de uma dezena de pagãos aguardavam em Tocaia Grande a oportunidade de se fazerem católicos romanos, escapando do limbo se morressem infantes, do inferno se chegassem a adultos. Houve uma animação de compadrio, a escolha dos padrinhos gerava discussões e risos. Zilda mandou um recado para Bernarda: escolhesse os padrinhos para Nado pois o menino seria batizado na passagem da Santa Missão. No leito com Natário, Bernarda trouxe o assunto à baila:

-- Padrinho já pensou em alguém? -- Descansava a cabeça no peito do Capitão, ele lhe tocava os cabelos desnastros. 456

-- Se tu quer, nos faz assim: eu escolho o padrinho, tu a madrinha.

-- Pra mim, a madrinha só pode ser comadre Coroca. Devo mais a ela do que a minha mãe, coitadinha.

-- Pra padrinho, pensei em Fadu, a gente já se trata de compadre. -- Desceu a mão dos cabelos para os seios da afilhada, dos seios para o ventre e brincou com os pelos do xibiu. Assim se deu a escolha dos padrinhos do menino Nado, filho de sangue de Bernarda e do capitão Natário da Fonseca, filho de criação de Zilda, madrinha de Bernarda, mulher do Capitão. **13**

Vade retro, Satanás! -- Exclamou frei Zygmunt Gotteshammer no momento culminante, da confissão da menina Chica, não tão menina

pois ia completar quatorze anos nas vespas de Sao Pedro: das noivas de maio a unica em condicoes de usar grinalda e veu na cerimonia do casamento. Revelando decidido pendor para os detalhes e absurda inocencia a respeito do que fosse e do que nao fosse pecado venial e pecado mortal, a moleca do cordao encarnado, sem ruborizar-se

-- o que alias iria bem com as cores de sua ala --, relatou ao indignado frei Zygmunt as gostosas provocacoes a que a sujeitava o namorado. Balbino tinha morado em Ilheus e conhecia as invencoes das gringas: com elas Chica se comprazira. Nem por incruenta, foi menos insana a luta que se travou no improvisado santuario entre o santo inquisidor e a mocinha do cordao encarnado. Diante do que, prazenteira, ela lhe narrou: escabrosos lances de dedo e lingua, de sodomia -- ah, Sodoma rediviva! --, o frade lhe interditar a veu e grinalda, os simbolos da virgindade. Mas a noiva, em obstinado preito, reivindicara seus direitos as flores de laranjeira, confeccionadas pelos dedos maneiros de dona Natalina, pois la dentro da periquita--juro por Deus, seu padre! -- Balbino nunca metera, Chica jamais deixara. O demais que tinham praticado servira exatamente para impedir que ele lhe tirasse os tampos: onde o reverendo frei ouvira dizer que tomar no eu era o mesmo que dar a maricotinha? Em Estancia as mocas casavam donzelas, em sua maioria, mas para aguentar a 457

espera iam tomando nas coxas e no fiofo, que ninguem e de ferro, seu padre.

Frei Zygmunt a expulsou em latim, vade retro, Belzebu!

Noutros tempos teria usado o azorrague para exorciza-la, retirar-lhe do corpo os demonios que o habitavam: nos bons tempos da Sagrada Inquisicao. Chica foi-se satisfeita, acreditando que o sacerdote a abençoava e com ela se pusera de acordo sobre o vestido de noiva. Rezou tres ave-marias e um padre-nosso, pois o bom frei esquecera de lhe dar a penitencia.

14

Os frades, com o consentimento de seu Carlinhos Silva, haviam improvisado dois confessionarios no deposito de cacau seco, um em cada extremidade do recinto. Nao havia a habitual separacao entre confessor e confessando, mas as poucas mulheres que foram cumprir o sacramento -- o mais importante de todos na sapiente opiniao de frei Zygmunt von Gotteshammer -- nao tinham pejo de olhar o padre na hora de despejar o saco de pecados, nao sabiam, as infelizes, o que fosse pudor.

Poucas mulheres, nenhum homem. Igreja e padre sao coisas de mulher, diziam os homens, os renegados. Criminosos de morte muitos deles, a comecar pelo tal de Capitaõ, a cuja fama de crueldade e a cujo passado de crimes tinham ouvido medrosas referencias nas palmilhadas leguas de chao do rio das Cobras. Frei Theun e frei Zygmunt haviam reservado o primeiro dia da Santa Missao para um balanço na vida de Tocaia Grande: receber em confissao os pecadores, tomar conhecimento da situacao do paganismo e da moralidade do lugar. Tendo sido minima a procura do confessionario, da penitencia e da absolvicao -- a absolvicao na voz de frei Zygmunt von Gotteshammer, o Martelo de Deus, tinha acento de censura e castigo --, saíram os frades a saber de casa em casa, de pessoa em pessoa. Regressaram a residencia de seu Carlinhos Silva, onde estavam hospedados, Theun com o coracao carregado de tristeza por ver tao menosprezada a lei de Deus -- ah! os pobres infelizes! --, Zygmunt tomado de indignacao e de horror, vibrando 458

de colera sagrada, ao constatar o estado de abominacao em que viviam aqueles renegados: reus malditos!

Crianças sem batismo, filhos naturais concebidos no pecado, casais reproduzindo-se como animais, sem o consentimento e a bencao de Deus, a devassidao, o crime, o desconhecimento e a incuria pelas coisas da Santa Madre Igreja. Maior que o casario erguido no nucleo

do arraial -- duas vielas e um beco --, era a podre aglomeracao de casebres de barro batido e de chocas de palha na Baixa dos Sapos, o puteiro na suja voz dos habitantes: a ele se referiam com acentuado orgulho, devido a suas dimensoes, o maior daquelas bandas.

No outro lado do rio onde plantavam o necessario para a feira semanal, nao ia melhor a moralidade, tampouco a devocao. No novo habitat, os piedosos sergipanos, tementes a Deus, ao contacto com a impiedade grapiuna, desleixavam-se das obrigacoes para com o Senhor, perdiam o temor de Deus e se espojavam na lama dos abominaveis habitos do lugar.

O arabe que ali comerciava, roubando pobres-diabos, residentes ou passantes, agiota dos piores, um degredado, nao era propriamente maometano mas pouco faltava. Longe de ser filho exemplar da Igreja de Roma, pertencia a seita oriental dos maronitas, pouco digna de confianca: para muculmano faltava pouco. Se vivesse na Espanha, nos bons tempos, nao escaparia da espada crista e abençoada de San Tiago Mata Mouros.

Quanto aos negros fetichistas, a frente o cinico ferreiro, sempre a rir, persistiam na eterna e perversa tentativa de conspurcar a pureza e a dignidade dos santos canonizados pelo Vaticano, misturando-os e confundindo-os com os demoniacos calungas das senzalas, ofertando-lhes animais em sangrentos sacrificios. O centro da feiticaria se encontrava instalado na oficina do ferrador de burros, um reprobato.

Frei Zygmunt Martelo de Deus projetava levantar o animo dos fieis durante os sermoes, quem sabe conseguiria leva-los a destruir o impio altar erguido por detras da forja para os monstruosos diabos africanos que os negros, libertos da escravidao atraves de conjuras e trampas da Maconaria, chamavam de encantados e procuravam vestir com o manto luminoso dos bemaventurados. Sacrilegio!

15

Repousando do barbaro -- e delicioso! -- jantar de frutas e cacas, ao fim daquele primeiro dia de Santa Missao, frei Theun lastimou, condoído e compassivo, a sorte daqueles pecadores, vitimas da ignorancia e do atraso, cujas almas estavam condenadas ao inferno sem que talvez o merecessem. Era sobretudo a falta dos codigos morais, da redea das leis, da contencao imposta pelas regras, que os levava a pratica de tamanhos erros, a viver em estado de delinquencia e culpa. Seu Carlinhos Silva, falando alemao com fluencia e pronuncia de letrado -- um mulato sarara, imagine-se! Surpresas a que estao sujeitos frades mendicantes cm Santa Missao --, com voz pacata e afavel, assim como quem nao quer nada mas vai dizendo as coisas, defendeu o lugar e o povo do lugar. Parecia um professor dando aula na cathedra de Weimar e frei Zygmunt o examinou com os olhos de suspeita. Com razao, pois o mestico inocentou aquela gentalha de qualquer culpa. Os habitantes de Tocaia Grande -- disse ele -- ali viviam a margem de ideias preconcebidas, desobrigados das limitacoes e dos constrangimentos decorrentes das leis, livres dos preconceitos morais e sociais impostos pelos codigos, fosse o codigo penal, fosse o catecismo. Gente mais ordeira do que a de Tocaia Grande, apesar do nome e dos maus costumes, nao havia em toda a regio do cacau, no pais dos grapiunas. E sabem por que, meus reverendos? Porque aqui ninguem manda em ninguem, tudo se faz de comum acordo e nao por medo de castigo. Se dependesse de seu Carlinhos Silva, jamais essa paz seria perturbada, esse viver feliz do povo de Tocaia Grande que, a seu ver, merecia com certeza o agrado de Deus, do verdadeiro.

-- Se vossas reverendissimas me permitem opinar, eu lhes direi que aqui se encontra o procurado paraíso natural dos sabios...

Ergueu-se num supetao frei Zygmunt Gotteshamraer, Martelo de Deus, derrubando o prato de flandre, o rosario na mao como se fora um latego levantado contra o pecado e os pecadores e, em especial, contra o herege em sua frente. Em Ilheus haviamlhe informado que esse mestico e filho natural fora educado na Alemanha e tinha fumacas de doutor: inimigo da Igreja de Roma, 460

era um infame luterano, talvez ainda mais pernicioso do que os macumbeiros, com certeza mais perigoso do que o maronita. Simbolo do que existia de pior no mundo: arauto das infames ideias da Revolucao Francesa, dos enciclopedistas, dos inimigos de Deus e da monarquia, dos petroleiros incendiarios, de bomba em punho contra os imperadores e a nobreza, de punhal erguido para de novo rasgar o coracao de Jesus Cristo. Alem de luterano, anarquista!

16

Os carpinas, Lupiscinio, Guido e Zinho, ergueram no centro do descampado a meia distancia entre o rio e o barracao, em frente ao local da feira, um cruzeiro de pau-brasil, monumental, de grande altura, obra de dar na vista, so comparavel ao pontilhao. Quem despontasse, vindo das cabeceiras do rio das Cobras ou da estacao de Taquaras, de longe nos caminhos avistava o Santo Lenho assinalando a passagem por Tocaia Grande da primeira Santa Missao a estender ate aquele fim de mundo a pregacao da virtude e a condenacao do pecado.

Uma larga plataforma de tabuas corridas foi armada diante do cruzeiro e nela os frades colocaram os materiais e os apetrechos para a missa, a bencao e os sacramentos de batismo e matrimonio. Os frades revestiram-se com os habitos talaes para os officios divinos e os sermoes. Frei Theun pregou pela manha, na eucaristia, Frei Zygmunt pregou a tarde, na hora da bendicao. Os habitantes foram unanimes em considerar o sermao de frei Zygmunt por todos os aspectos superior ao do frade holandes. Nao havia comparacao. Frei Theun, gordote e atarracado, falando portugues quase sem

acento, demorou-se na bondade e na misericórdia de Deus, descreveu o Paraíso, falou de suas belezas e benesses.

Magro e alto, cara cavada, mãos ossudas, misturando ao português termos alemães e expressões latinas, numa pronúncia de cão de caca, o alemão empolgou os ouvintes, pequena multidão ainda maior do que a reunida pelo Reisado de São Leocádia, no verão. Seu tema foi o inferno. Belzebu, o anjo decaído, o pecado e o fogo a consumir os pecadores. Martelo de Deus, como o nome 461

indicava, frei Zygmunt Gotteshammer obteve sucesso quase igual ao de seu Carlinhos Silva com os truques de prestidigitação. Um porreta, frei Zygmunt!

17

Deu-se a coincidência -- de coincidências estão cheios os romances, ainda mais a vida -- que, no segundo e último dia da Santa Missão, chegou a Tocáia Grande, procedente de Itabuna, em trânsito para a Fazenda da Atalaia, o doutor Boaventura Andrade Júnior, cada vez menos tratado pelo diminutivo familiar de Venturinha. Vinha acompanhado por Ludmila Gregoriovna, sua amante -- amante era o termo que o bacharel usava pois indicava fêmea nobre e cara, de alto coturno, dispendiosa, situada em alturas não atingidas por raparigas, mancebas, amásias, comborcãs, putada reles. Ouricada cabeleira cor de fogo, perfume forte de almíscar, nos trinques do traje inglês de montaria, calça-culote, egua das estrebarias do Czar da Rússia ou das cavalaricas do Rei Salomão, como melhor disse o Turco Fadul, leitor da Bíblia.

Nos tempos dos barulhos, quando os encontros de grupos de jaguncos eram acontecimentos corriqueiros e cada goiabeira escondia uma tocaia, os coroneis viajavam acobertados por grupos de cabras, havia sempre a possibilidade de um ataque. Com o fim das lutas, a guarda se reduzira a um homem de confiança, rápido no gatilho. O coronel Boaventura Andrade, cuja vida estivera tantas

vezes ameaçada, nos últimos anos fazia-se acompanhar apenas pelo negro Espiridiao. Por vezes Natario ia com eles: para conversar com o Coronel, acertar quefazeres, não na qualidade de capanga, como dantes. Venturinha, porém, não dispensava em suas travessias entre Itabuna e a Fazenda da Atalaia, ou para onde quer que viajasse, um sequito digno de um Basilio de Oliveira, de um Sinho Badaro, de um Henrique Alves nos aureos tempos.

No comando da patrulha de quatro homens armados até os dentes, um guerreiro celebrizado nas lutas passadas, Benaia Cova Rasa -- alcunha feliz, nada e preciso acrescentar. contei até

vinte, depois não contei mais, dizia o presumido Benaia falando 462

dos seus defuntos, daqueles para os quais abria cova rasa ou funda. Era um cafuzo pequeno e magro, de boca chupada e pouca fala, bom de clavinote, melhor de faca. Comparecera a três juris por causa da morte do coronel Josafa Peixoto. No primeiro pegou pena de trinta anos, no segundo de dezesseis, no terceiro, defendido por Rui Penalva, advogado celebre, foi absolvido. Posto em liberdade, engajou de soldado no batalhão da Polícia Militar, de onde Venturinha o retirara para ser o chefe de sua guarda pessoal. Seu último feito fora a morte de uma rapariga, chamada Bira, que não o quis receber por estar de balaio fechado devido a promessa feita a Virgem Mãe de Deus. Vestido com a farda de soldado e com a fama torva, ainda levou presos e espancou na cadeia dois pobres caixeiros que descarregavam a natureza com quengas da pensão, além da dona do puteiro, Maria Sacadura.

18

A rogo de Ludmila, Venturinha resolveu demorar-se em Tocaia Grande até a hora da benção, dos batismos e dos casamentos, do sermão final de frei Zygmunt von Gotteshammer: por nada no mundo perderia aquele espetáculo.

-- Nesse caso teremos de viajar a noite, quero dormir na fazenda.

-- Voyager dans la forêt pendant la nuit, c'est romantique, mon amour.

Mon amour concordou, ganhou um beijo e, em companhia de Piotr e de Cova Rasa, ele e Ludmila almoçaram em casa de Natario e Zilda. Brodio alegre e lauto, comemorativo da passagem da Santa Missão, contou com a presença do compadre Fadul Abdala que envergara o traje de viagem para o batismo de Nado. Dia de festa no Outeiro do Capitão.

Após o cafezinho, Venturinha estendeu-se na rede, na varanda, empunhou o charuto Suerdieck, ficou a conversar com o Capitão e com Fadul. Contratara um agrônomo para substituir Natario na administração da Fazenda da Atalaia e se alongou sobre a competência do fulano, doutor formado: estava fazendo uma revolução nos métodos de trabalho, de plantio e de colheita, 463

prometia triplicar a produção: o que e que Natario achava? Natario não achava nada, não comentou nem pretendeu comparar conhecimentos aprendidos nos livros de estudo com a rudimentar e precária sabedoria de coroneis e de feitores. Apenas em seus lábios transpareceu aquele fio de sorriso, sinal de dúvida ou de descaso, quem sabe?

Veio a baila o nome de Espiridiano, Venturinha não compreendia por que o negro, a exemplo de Natario, não aceitara o posto de chefe da guarda pessoal ora exercido por Benaia Cova Rasa, abandonara a fazenda para viver em companhia da filha professora, em Taquaras. Tratou o velho jagunco de ingrato, do que discordou Natario. Se alguém devia gratidão, não era o negro a Venturinha, e sim o filho do Coronel a quem salvara a vida do pai e lhe guardara o sono durante tantos anos. O bacharel mudou de assunto, ainda menino aprendera a respeitar as opiniões de Natario; se o respeito lhe pesava não dava demonstração. Tampouco o exadministrador falava em tom de reproche ou de cobrança, apenas conversava, a voz neutra, a face imóvel.

Quem cobrou algo a Venturinha foi Fadul, recordando que, de passo por Tocaia Grande, certa feita, o bacharel se declarara pessimista ao extremo em relacao ao futuro do lugar, previra-lhe vida curta e mesquinha. Isso aqui nao tem futuro, nao passara

nunca de um chiqueiro. Fadul nao esquecera as palavras que o haviam perturbado: se nao fosse o trato feito com o bom Deus dos maronitas teria se deixado envolver pelo desanimo. Rindo, Venturinha confessou haver-se enganado em suas previsoes:

-- Sim, senhor, dou a mao a palmatoria. O chiqueiro tomou impulso, cresceu, esta com ares de cidade.

Deu-se ao trabalho de expirar que cidade era forca de expressao e ele a usava para acentuar o crescimento do arruado se comparado a outros lugarejos da regio, porque categoria de cidade propriamente dita nao a mereciam nem Ilheus nem Itabuna, capitais de municipios, nem sequer a Bahia, capital de Estado, quando muito o Rio de Janeiro, se a comparacao fosse feita com Paris e Londres. Essas, sim, eram cidades. Que mulheres! Alias, os dois compadres podiam julgar pela russa que ele conquistara, ja tinham visto coisa igual?

Igual nunca tinham visto, nem o curiboca nem o turco. Mas Natario recordou que mulher bonita sempre fora o pao de cada 464

dia, o colchao do leito do bacharel. Naquela occasiao, ia para sete anos, quando renegara de Tocaia Grande, Venturinha, doutor recente, desde entao chegado a gringas e a artistas, andava metido com uma argentina, se lembrava?

Venturinha se lembrou, prazenteiro. Adela La Portena, um mulherao, cantava tangos, boa de cama. Junto, porem, de Ludmila Gregoriovna Cyt kynbaum nao passava de uma catraia, um rebotalho!

Os passos guardados por Benaia Cova Rasa, enquanto Venturinha conversava na varanda, Ludmila e Piotr desceram do outeiro para percorrer Tocaia Grande. A russa estava adorando aquela viagem a cavalo através das fazendas e dos povoados. Na Fazenda Carrapicho, primeira parada da comitiva, o coronel Demostenes Berbert recebera Venturinha e sua amante em grande estilo. Sendo solteiro, tres guapas mocetonas cuidavam da casa-grande e dos caprichos do ricalhaco, quarentao sacudido, com avo frances na mistura do sangue brasileiro. Falando frances com fluencia e correcao --

aprendera com o avo --, apresentara as tres gracas a Ludmila: a cunha, a minhota e a male, suas tres Marias, a india, a branca e a negra. Escolhidas a dedo pelo coronel Demostinho, fino conhecedor, de requintado gosto. Na selva do cacau, o proprietario da Fazenda Carrapicho era uma avis rara: na casa-grande tinha estante de livros, adega de vinhos e, alem do gramofone, um piano que ele proprio dedilhava para regalo das tres mucamas acocoradas em derredor. Fuad Karan, hospede frequente, referia-se ao harem do coronel Demostinho, e Alvaro Faria, sequestrado dos bares do porto, permaneceu uma semana na fazenda abatendo garrafas de vinho e de conhaque, portugueses e franceses. Na opiniao do letrado ilheense, o coronel Berbert era o unico ser de fato civilizado no universo grapiuna.

Na mesa do cafe matinal -- haviam partido de Itabuna na fimbria da manha com a intencao de chegar a Atalaia ao por do sol -- o Coronel serviu os manjares da regio: os cuscuzes, os 465

mingaus, o requeijao, a coalhada, a banana frita, a fruta-pao, o inhame, o aipim, batatas-doces e o espesso chocolate. Ludmila apreciava a boa mesa, de tudo comia um pouco e a tudo elogiava com a voz escura, pejada de misterio.

Visitaram as rocas em plena colheita -- o trabalho dos alugados começava as cinco da manha -- e o curral das vacas leiteiras onde, aproveitando-se de uma distraçao de Venturinha interessado na

novilha Sulamita, o coronel Demostinho correra a mão na nobre bunda de Ludmila Gregoriovna e lhe sussurrara, o bafo fazendo cocegas no cangote:

-- No dia que quiser, esta casa e sua, assim como uma outra que fica em Ilheus, em frente ao mar. -- Disse em seu melhor frances num murmúrio de brisa matutina.

Ludmila respondeu com um sorriso e um olhar enigmaticos como soem ser sorrisos e olhares de heroínas russas. O bravo Coronel antes de retirar a mão que sopesava o elegante rabiosque, ferrou-lhe delicado beliscão para recordar-lhe a oferta, concluir o trato.

Inolvidavel jornada para os olhos de Ludmila Gregoriovna Cytkybaum. A estrada margeava os cacauais: os cocos amarelos refulgiam na luz da manha, plantação mais bela não existe, nem mesmo o trigo maduro nas estepes. Paravam de fazenda em fazenda para desalterar, aceitando um gole d'água, um cafezinho, provando doce de banana em rodinhas ou de laranja-da-terra, deliciando-se com um copo de suco feito com o mel que cobre os grãos de cacau, invenção dos deuses.

Para conhecer a cantora russa que elas sabiam rapariga do doutor Venturinha, as senhoras dos coroneis abandonavam as cozinhas e os preconceitos e se apresentavam na estica, os vestidos domingueiros enfiados as pressas. Ludmila estendia a ponta dos dedos para o beijo dos fazendeiros, sorria formosa e modesta para as senhoras donas, dizia merci e vous etes tres gentille, Madame. Um encanto de cantora russa.

Todo aquele tropico ardente e delirante, de coroneis milionarios e de miseraveis alugados, de casas-grandes fartas e de casebres de barro, era o oposto e o igual das planuras da Russia de nobres, de kulakes e de servos. Ludmila Gregoriovna trocava lingua com Piotr, seu irmao, expressando a esperança de receber, mais dia menos dia, das mãos dadas de paizinho Boaventura 466

ou de outro tao rico quanto ele, a prenda de um campo e de uma aldeia com servos negros. Vivia numa exaltacao de descoberta, tudo lhe parecia amoroso e romanesco, com uma pitada de perigo: as serpentes e os bandidos.

A Santa Missao a encantou e foi ela quem estabeleceu a comparacao historica e erudita com o Santo Oficio, demonstrando mais uma vez a Venturinha caido dos quartos de tanta paixao nao ser apenas uma femea deslumbrante e incontinente: incontinente na cama, tao-somente. Acrescentava a beleza os dotes de inteligencia e de cultura: podia dar licoes aos bachareis de Itabuna. Conquistada por Tocaia Grande, andara no descampado, nas ruelas, atravessara o pontilhao, cruzara a Baixa dos Sapos e se demorara na oficina vendo o ferreiro -- busto nu, uma pele sebosa de queixada cobrindo-lhe as partes -- bater o ferro na bigorna, fabricando uma pulseira de metal. Quis compra-la, o negro a ofertou, lembranca pobre e incomparavel: faiscava ao sol. Ao regressar do passeio, os olhos cintilantes, o rosto perolado de suor, a voz cortada de emocao, Ludi perguntou a Venturinha ainda estirado na rede, prolongando a sesta:

-- Esta aldeia e tua, paizinho? Esses gentios sao teus servos?

-- Debrucou-se sobre a rede, os seios arfavam, comoventes: --

Se me amasses de verdade, me darias aldeia e servos em penhor de teu afeto.

20

Pronunciado pela manha, durante a missa, o sermao, emotivo e clemente, de frei Theun da Santa Eucaristia, lastimava o estado de degradacao e desregramento em que se comprazia o povo de Tocaia Grande, mas acenava com a caridade de Deus, suprema bondade, cujo coracao sangrava de pena pelas desviadas ovelhas de seu rebanho; convidava ao arrependimento e as lagrimas.

Não fossem empedernidos os tocaia-grandenses, o pranto teria corrido solto e alto, as mãos teriam flagelado os peitos pecadores: pecadores, ai, eram todos os habitantes do lugar, sem exceção. Seria piedoso e edificante consignar na crônica dos eventos de Tocaia Grande esse augusto instante de compunção e 467

de penitência da diminuta multidão comprimida em frente a Santa Cruz, que escutava em relativo silêncio as palavras do pregador. Mas, como faze-lo, se não aconteceram mostras de compunção nem tentativas de penitência? Numa coisa, contudo, estiveram de acordo: o reverendo falava bonito, a voz fervorosa e quente. Ele próprio era um bonito mocetão, na criteriosa opinião das putas. Não houve choro pela manhã nem ranger de dentes à tarde, medo pânico, durante o sermão de frei Zygmunt, Martelo de Deus a martelar com sua pronúncia de cão de fila, gotteshammer. Frei Theun obteve sucesso com o raparigal: enquanto, envergando em cima da surrada batina a alva sobrepeliz, se movia no altar improvisado e se condoia com o destino dos viventes cuja salvação lhe parecia tão ameaçada, as quengas trocavam comentários de gosto duvidoso e intenção canalha sobre o que elas fariam se tivessem o privilégio de apertar nos braços o rolico frade com cara de bebe

chorão. Em troca, frei Zygmunt com o sermão de fogo, de ameaças e de insultos, entusiasmou sobretudo aos homens, frade mais retado!

Choraram apenas algumas criancinhas quando levadas à pia batismal, uma bacia esmaltada, nova em folha, emprestada pelo Turco Fadul, peça cara no estoque de utensílios vendidos no armazém. Fadul, alias, desempenhou papel de destaque na cerimônia do batizado coletivo, tendo à sua direita Coroca que conduzia nos braços o menino Nado e, à esquerda, Bernarda, mãe comovida, formosa na saia rodada e na blusa de fustão, na mão uma vela acesa.

Reunidos os pagãos de todas as idades, entre os quais moleques taludos, vindos das fazendas, frei Theun os recebeu no seio da Santa Madre Igreja, fazendo-os cristãos. Foi de um a um, impondo-lhes o sal e o óleo, molhando-lhes as cabeças na bacia cheia de água benta. Declamava as palavras do Credo: creio em Deus Padre Todo-Poderoso. Pais e padrinhos as repetiam num vozear confuso, numa algaravia de feira livre. Cumprindo promessa feita, o coronel Robustiano de Araujo e a esposa, dona Isabel, amanheceram em Tocaia Grande para testemunhar o batismo de Tovo, filho da finada Diva e de Castor Abduim: ali estavam, presentes, na hora dos santos óleos. A negra Epifania bordara um pano para a cerimônia e nele envolvera o irrequieto Tovo, declarando-se madrinha de apresentação, con468

forme o costume. Alma Penada rosnou para o frade e tentou morde-lo quando o menino abriu no choro ao sentir na boca o sal da sacração. Incidente cómico, provocou risos.

No caminho para a estação do trem, em Taquaras, após o batizado, acompanhados pelo cabra Nazareno, o Coronel e dona Isabel cruzaram com o sequito de Venturinha e por alguns minutos trocaram gentilezas em meio ao lamacal. Das alturas do selim sobre o burro Mansidão, dona Isabel contemplou a tal sicrana que viera das estranhas trazida pelo filho do falecido coronel Boaventura, saudoso amigo. Não pode negar-lhe a beleza peregrina, parecia uma estampa da Virgem Maria na fuga para o Egito, modesta e pura. Essas, parecidas com santas, são as piores, comentou dona Isabel com o marido,, ao prosseguir viagem. Quanto ao corpulento bacharel, não passava, a seu ver, de um peralvilho. **21**

As noivas de maio, algumas prenhas, outras acompanhadas pelos filhos nascidos na abominação da mancebia, formaram lado a lado na plataforma diante do Cruzeiro, de frente para o altar. Frei Theun ajudou na arrumação dos pares, cada par ladeado pelos padrinhos e madrinhas. Ticao Abduim torneara para as noivas rústicas alianças de metal. Risonho e animado pela manhã, durante o batizado,

estivera serio e mudo a tarde, na ciranda dos casamentos, padrinho de Bastiao da Rosa e de Abigail. Epifania do meio do povo o contemplava, preocupada: sabia que o negro pensava em Diva, com quem estaria se casando se a febre nao a houvesse consumido.

Dizer qual a noiva mais bela e mais feliz seria dificil e imprudente; sobre a mais moca porem nao havia duvidas, era a menina Chica com seus quatorze anos incompletos e o xibiu inteiro. A unica nessas condicoes conforme ja se informou, inclusive a frei Zygmunt: onde o reverendo ouvira dizer que tomar no eu era o mesmo que dar a maricotinha? E na maricotinha, Balbino, o noivo, nunca pusera a arma, Chica nao deixara. Pois bem, nao e que na hora do santo sacramento do matrimonio, o frade empombou e exigiu que a pobre retirasse o veu tao lindo e a 469

grinalda onde dona Natalina se superara bordando flores de laranjeira, um mimo? Sia Leocadia que nao era de levar desaforo para casa, revoltada, quis brigar, retirar sua gente, abandonar a cerimonia, mas ficou nas ameacas com que brindou frei Zygmunt: nao vestisse batina, iria ver. Atendeu aos apelos de frei Theun e chegaram a um acordo -- ficou o veu, saiu a grinalda. Chica casou-se debulhada em lagrimas, afirmando em altos brados sua castigada donzelice.

Com os casamentos e a bencao, a Santa Missao chegava ao fim: no dia seguinte, de-manhazinha, os dois missionarios partiriam para Taquaras, lugar maior e menos abjeto. O sermao de frei Zygmunt encerrou a parte religiosa do evento que sacudiu e comoveu Tocaia Grande durante quarenta e oito horas de desvairada animacao. O derradeiro lance nao contou com a colaboracao dos frades; esteve sob direcao e controle de Pedro Cigano, sanfoneiro, benemerito cidadao. Para celebrar num unico blefore, tantos batizados e tantos casamentos, a festa teria de atravessar a noite como de fato atravessou. Compelida por Venturinha, Ludmila Gregoriovna Cytkynbaum partiu para a Fazenda da Atalaia antes do arrasta-pe chegar ao fim. Nao antes, porem, de ter dancado a quadrilha

francesa dos lanceiros sob o comando de Castor Abduim, o negro Ticao, naquele dia submetido a tao diversas emocoos. Um etiope da corte do Negus, disse Ludi a Piotr, irmao e confidente. Sentiu-se bem no forro, animado igual aos bailes de sua adolescencia camponesa e pobre. O sermao de frei Zygmunt von Gotteshammer foi o que se chama a chave de ouro, o fecho de diamantes da Santa Missao. As palavras afirmativas e candentes se nao medraram no arido terreno das almas safaras de Tocaia Grande, ecoaram em ouvidos certos dando lugar a reflexao, determinando procedimentos, tudo de acordo com os editos e os bons costumes.

O nome, dado em homenagem ao crime, ja diz tudo: eis como iniciou o Grande Inquisidor o seu sermao. Em resumo acusou Tocaia Grande de ser cidadela do pecado, Couto de bandidos. Terra sem lei, nem a de Deus nem a dos homens, territorio da degradacao, da luxuria, da impiedade, do sacrilegio, das imundas praticas do demonio, reino da danacao de Satanas, Sodoma e Gomorra reunidas, desafiando a ira do Senhor. Um dia a colera de Deus irrompera em fogo, castigando os infieis, 470

destruindo os muros da maldade e da profanacao, transformando em cinzas aquele covil de escandalo e de iniquidade. Assim profetizou.

Na hora da bencao, na agonia do crepusculo, frei Zygmunt Martelo de Deus ergueu a garra adusta, tracou no ar a cruz da excomunhao, amaldicoou o lugar e os habitantes. **COM A CHEGADA DA LEI A TOCAIA GRANDE,**

AQUI SE INTERROMPE, AINDA NO COMECO,

A HISTORIA DA CIDADE DE IRISOPOLIS

1

Valhacouto de bandidos, assassinos sem lei e sem rei, clavinoteiros e marafonas -- excomungara o enviado de Deus. Urgia por um freio a

violencia e ao deboche, dar cobro a desordem e a vilania: decretaram os sabitorios e os chaleiras. O rumor cresceu em exigencia no Forum, na Municipalidade, na Matriz, no cabare.

A tradicao era o caxixe, a tocaia, a jaguncaria, deles decorriam a propriedade e a lei. A frente de seu exercito, o rei montou o cavalo herdado e partiu a impor regra e compasso, autoridade e obediencia, onde somente houvera liberdade e sonho.

Do anatema do Inquisidor a marcha dos soldados, foi pequeno o passo, cobrindo justo a distancia entre o inverno dos sermoes e o verao dos tiros, entre a vida e a morte, entre o homem e o sudito. Inda mais curto foi o tempo de combate: dos recados a ocupacao, o que se passou, passou-se em poucos dias. **2**

O recado do coronel Robustiano de Araujo alcançou o capitao Natario da Fonseca de volta da Fazenda Boa Vista onde a colheita viera de terminar e a safra, no vigor das rocas novas, 471

ultrapassara os calculos mais otimistas. O Capitao previra chegar um pouco alem das seiscentas arrobas, passara das setecentas. Cacaual assim tao bem tratado, antes somente o da Fazenda da Atalaia. Depois nem esse, apesar da assistencia do doutor Luiz Cesar Gusmao e das modernas teorias sobre o cultivo do theobroma cacao, arvore esterculiacea -- na pernostica expressao do engenheiro-agronomo.

Doutor Luiz Cesar Gusmao, com toda sua ciencia agronomica, esteve a pique de ser despedido quando Venturinha, o patrao, de retorno do Rio de Janeiro onde fora tomar um rapido banho de civilizacao em companhia de Ludmila Gregoriovna e do irmao Piotr, deu-se conta da queda de volume da safra se comparada com a do ano anterior. Fez um escarceu, ameaçou deus e mundo, exigiu explicacoes. O engenheiro-agronomo, folheando livros especializados na materia, explicou que era assim mesmo: os resultados positivos da applicacao de metodos modernos e cientificos exigem tempo e

paciencia. Tempo e paciência, puta que os pariu! -- exprobrou Venturinha, indignado. Mas terminou por se render aos argumentos do doutor Gusmao, um vaselina de primeira, porque, ainda uma vez, Natario recusou-se a tomar conhecimento das propostas renovadas e irrecusaveis para reassumir o posto de administrador.

Venturinha se magoou e se ofendeu com a recusa pois prometera ao cabra, ao Natario do coronel Boaventura, ate comissao nos lucros; coisa nunca vista e reprovavel na critica e correta opiniao dos fazendeiros. A colera porta ao destempero: Venturinha falou, para quem quisesse ouvir, em deslealdade e usou a palavra traicao. Natario nao respeitara sequer a memoria do chefe e protetor, a quem tudo devia, e, em seguida a sua morte, pusera casa e financiara quitanda para Sacramento, rapariga do Coronel, corneando-o post-mortem, ignobil felonias. Pronunciava post-mortem e felonias com o mesmo acento doutoral com que o agronomo se referia ao theobroma cacao, arvore esterculiaceas. **3**

Ouvi umas conversas, nao gostei, se precavenha -- essa a mensagem do coronel Robustiano de Araujo, um tanto obscura, 472

trazida pelo cabra Nazareno, homem de fe, que nao soube acrescentar detalhes. De inicio, o Capitao pensou tratar-se dos resmungos despeitados de Venturinha, ja lhe haviam chegado as oucas e deles Natario se ria: zanga de menino mandao, quando for a Itabuna puxo-lhe as orelhas, emborcaremos um trago falando de mulheres e o amuo se termina. Discorrendo, porem, sobre o assunto com Fadul Abdala, surpreendeu-se ao saber que o turco recebera, com pequena diferenca de data, um papel escrito por Fuad Karan, vazado em linguagem alegorica, para nao dizer poetica. O fela planta no oasis um jardim de tamareiras, mas quem colhe os frutos e o zanguil; toma cuidado, meu bom Fadul, pois os frutos comecam a sazonar

-- alertava em rebuscada caligrafia arabe. O bilhete fora confiado ao tropeiro Ze Raimundo, veterano do atalho, para ser entregue, em

maos, ao bodegueiro.

Juntos quebraram a cabeça, Natario e Fadul, pediram o aviso de Castor Abduim, ainda assim não encontraram a chave da adivinha, capaz de expor a luz do entendimento o sibilino significado da embaixada do Coronel, da alegoria do letrado.

-- Pra semana vou a Itabuna, tiro isso a limpo. -- Disse Natario já então com a pulga atrás da orelha. Que conversas seriam aquelas que desagradavam ao coronel Robustiano? Precaver-se de que? Qual o conceito para a charada de tamaras maduras em que se esmerara Fuad Karan? Somando o recado e o bilhete, tirado o nozes-fora, o desenredo não devia ser coisa de somenos.

Para acompanhar o Capitão, antes compadre de tratamento, agora de verdade, depois do batizado de Nado, para estar com ele em Itabuna no bar, na pensão de Xandu, no cabaré, Fadul decidiu antecipar a costumeira viagem de negócios: encontro com os fornecedores, acordos de contas, renovação de estoque. Na pensão de raparigas, recordaria com Xandu a graça e o dengue de Zezinha do Butia, o xibiu aquele abismo! Perdida em Sergipe, não dava notícias nem sequer ao sobrinho Durvalino, o Leva-e-Traz. Se sobrasse tempo, iria a Ilheus cavaquear com Alvaro Faria e ver o mar que, rapazola, cruzara num lugre de imigrantes para vir do país das tamaras para as terras do cacau. 473

4

Não chegaram a empreender a projetada viagem, não houve tempo, os acontecimentos começaram a se desenrolar logo a seguir e se precipitaram em ritmo de tormenta e vendaval. Acabava o capitão Natario da Fonseca de abancar-se a mesa do almoço quando o filho Peba entrou correndo casa adentro: não vinha pela comida. Afobado, dirigiu-se ao pai:

-- Tem dois homens lá fora atirando nos porcos, diz-que são fiscais e já mataram...

O Capitao nao esperou que Peba completasse a frase, tomou do cinturao com o parabelo, pendurado na parede ao lado da mesa, despenhou-se pela ladeira. Alcançou o descampado a tempo de ver Altamirando, tambem ele chamado as pressas, se atracar com um dos dois desconhecidos. Com as armas em punho, gritando ameacas, os dois adventicios tinham feito uma carnificina de porcos, em sua maioria da criacao do sertanejo. Altamirando, um punhal na mao, e o tal sujeito cujo revolver se perdera na queda, rolavam no chao. Ainda distante, Natario nada pode fazer senao gritar, quando o outro individuo visou Altamirando e disparou o trabuco varias vezes: o criador de porcos derreou, um rombo nas costas por onde o sangue em jorro o abandonava. Quase no mesmo instante, o assassino caiu morto com um unico tiro do parabelo do Capitao. Chegava gente de todos os lados e Ticao Abduim prendeu nos bracos o fulano que, tendo se livrado do corpo de Altamirando, tentava se levantar. Quando o tipo se viu cercado e recebeu os primeiros sopapos, caiu de joelhos e implorou que nao lhe tirassem a vida, pelo amor de Deus, tinha mulher a sustentar e filhos a criar. Ali haviam chegado ele e seu colega, com ordens expressas a executar. Ambos fiscais da Intendencia do Municipio de Itabuna com alcada na cidade, nas vilas e nos arruados: no territorio do municipio situava-se o arraial, ou la o que fosse, de Tocaia Grande. Vinham para fazer valer a ordenanca que proibia animais soltos nas ruas: as determinacoes recebidas do Sargento Delegado mandavam matar todos os bichos de quatro pes que se encontrassem vadios nas arterias, pois nao tinham onde os recolher e, mesmo que tivessem, era necessario dar o exemplo. Quem cumpre ordens, nao e culpado, seu Capitao. Tenha do de um pobre pau-mandado. 474

Soltaram-no por fim, bastante maltratado, e permitiram que montasse no burro em que chegara. Antes, porem, o desarmaram

-- alem do revolver abandonado, portava punhal, navalha e um arsenal de balas --, e o desvestiram, deixando-o nu como viera ao mundo. Na sela do outro animal, amarraram o corpo do finado

matador de porcos e por despedida o Capitao recomendou ao apavorado fiscal de ruas:

-- Diga a quem lhe mandou que aqui, em Tocaia Grande, forasteiro nenhum poe o pe nem mete a mao. Quem ta mandando dizer e o capitao Natario da Fonseca e a prova tu ta levando. Nao esqueca do recado.

5

Finda a arrumacao dos terens indispensaveis para a temporada na fazenda, Zilda veio sentar-se junto a Natario, na varanda. Os filhos, a excecao de Edu, na oficina ajudando Ticao, subiam e desciam a ladeira, conduzindo as trouxas e os baus de flandre para o carro de boi, a espera, embaixo. Zilda permaneceu silenciosa durante um bom pedaco, afinal abriu o peito e falou:

-- Vou a contragosto. Arrepiava carreira, se pudesse.

-- Nao vejo por que. Pensei que tu tava contente. Desde que a casa ficou pronta tu so fala em ir pra roca.

-- Isso era entoncos. Depois que os fiscais apareceram por aqui, perdi a vontade. O que e que oce acha da vinda deles?

Do alto do outeiro, sentado no banco na varanda de sua residencia, o Capitao contemplava Tocaia Grande. Num dia distante, quando nem o cemiterio ainda comecara, dissera ao coronel Boaventura Andrade ao lhe ensinar a existencia do vale desconhecido: "aqui e onde vou fazer minha casa, quando a peleja acabar e vosmice cumprir o trato". Voltou-se para a mulher, fitoulhe a face em geral serena, naquele instante coberta por uma sombra de inquietacao. Zilda nunca fora uma formosura mas tinha os tracos delicados e ainda lhe restavam, no rosto magro, uns laivos de juventude: os anos e os filhos, os que parira e os que adotara, nao tinham conseguido quebra-la, reduzir-lhe a tempera e a disposicao. Levado

por Peba, o papagaio Va-Tomar-no-Cu passou gritando palavroes de protesto. Mesmo nos momentos 475

mais ruins de perigo, durante os barulhos, Natario jamais lhe faltara com a verdade quando Zilda, abandonando a contencao diaria, indagava sobre contingencias de barulho ou de mulher.

-- Pode nao ser nada, nao passar de saimento do sargento Origenes, querendo se mostrar, ou do Intendente, o doutor Castro.

O Intendente de Itabuna continuava a ser o mesmo bacharel Ricardo Castro que, dez anos antes, depois de ter servido o coronel Elias Daltro, se passara para o coronel Boaventura Andrade, com armas e bagagens. Suas armas e bagagens eram a subserviencia e a ambicao: assim sendo, outro melhor para o cargo nao podia haver e ele o revezava com Salviano Neves, um parente de dona Ernestina, dentista pratico. Eleito e reeleito, quase vitalicio, o bacharel Castro, nao passando de testa-de-ferro, apreciava exhibir forca e poder, arrotar autoridade.

-- Quando eu for a Itabuna, vou dizer a Venturinha pra passar um sabao nesses futricas. No tempo do Coronel nenhum deles ia se atrever, viviam na redea curta, mas Venturinha deixa a coisa correr.

-- Oce acha que foi sem ele saber? -- Apressou-se a acrescentar: -- Tambem acho, possa ser ate com o intento de intrigar.

O Capitaio aprovou com a cabeça. Quem sabe, bem podia ser essa a ideia de Origenes: doutor Castro era burro demais para pensar nisso. A conversa parecia ter chegado ao rim mas Natario prosseguiu falando. Nao queria deixar a mulher, mae de seus filhos, a par apenas da metade de suas lucubracoes: devia-lhe a mesma lealdade que ela lhe devotava. Por vezes nao lhe falava desse ou daquele assunto mais jamais lhe escondera fosse o que fosse quando ela abria a boca para perguntar.

-- Pode ser tambem coisa de mais alcance. Pode ter algum enxerido por detras do sargento ou do doutor. Tocaia Grande ta crescendo, dantes nao valia dois vintens mas agora deve ter muita gente de olho por causa da politica e do movimento. Gente que quer botar a mao aqui. So que eu nao vou deixar. Tendo esclarecido seu pensamento, deu o discurso por terminado:

-- Va sua viagem com os meninos.

-- Tou com vontade de nao ir.

476

O Capitaõ retirou de novo os olhos da paisagem gloriosa na manha de verao, deteve-se no rosto crispado de Zilda.

-- Tu se lembra que na provacao da febre tu queria ir pra roca com os meninos e eu disse que nao? Nao era hora de nos sair daqui, nem eu, nem tu, nem os meninos. Nos ia ficar nem que fosse pra morrer. Agora sou eu que digo: va e leve eles. No caso presente basta que eu fique.

-- Nao e mais melhor eu ficar com oce?

-- Quanto tempo faz que nos se juntou? Me diga. O que e que eu fazia entonces? Tu ja se esqueceu?

No acento normal, nem raiva, nem exaltacao, como se referisse coisas corriqueiras; presa no peito a ternura pela mulher que conquistara a bala no meio da estrada. Custara vida de homem, um peste-ruim. Com ela se casara no padre, aproveitando uma Santa Missao no tempo do onca, fizera-lhe um ror de filhos e, nao satisfeita, Zilda tomava os das outras para criar como se fossem dela. Eram todos dele.

-- Tu sempre ficou com os meninos, agiu direito. Eu sei me cuidar, meu ofício toda vida foi esse, o de jagunco, tu sabe muito bem. Vai, leva a molecada, arruma a casa e me espera lá.

-- Océ demora a ir?

-- Possa que sim, possa que não. Tenho muito que fazer na roça mas antes vou a Itabuna saber o que é que tá havendo. Do sope da colina subia a barulheira das crianças arrumando os trechos no carro de bois. Peba veio avisar que estava tudo pronto para a partida. O Capitão desceu junto com Zilda para botar a bênção nos filhos. Zilda estendeu-lhe a ponta dos dedos, as mãos se tocaram e a de Natário, num gesto muito dele, aflorou o rosto da mulher.

A calma da manhã ensolarada cobria Tocaia Grande, um manto de paz. Os ruídos eram os de sempre, a brisa arrepiava a água do rio, mulheres lavavam roupa cantando modas, porcos fucavam frutos podres debaixo da jaqueira. Fadul estava na porta do armazém, Durvalino tirava água do poço e se ouvia a pancada do malho sobre a bigorna na oficina de Castor Abduim. Bernarda e Coroca se aproximavam para desejar boa viagem a Zilda e beijar Nado.

No cemitério, uma sepultura a mais, cova rasa igual as 477

outras: a de Altamirando, pastor de cabras e de porcos. Tinhamno enterrado na vizinhança de Cao, adivinhando-lhe a vontade. **6**

Nus, devido ao calor, naquele mesmo dia, na boca da noite, estavam o capitão Natário da Fonseca e Bernarda, sua afilhada, seu xodo, na cama a folgar, quando sentiram alguém abrir a trâmela e empurrar a porta de entrada da casa de madeira. Devia ser Coroca voltando do outro lado do rio onde fora de visita a sua Vanje. Assim pensando, o Capitão quis prosseguir na folia, mas Bernarda duvidou e, num estremecão, saiu debaixo dele. Andava num pé e noutro desde o dia dos fiscais matando porcos, um pressentimento na cabeça, um peso no coração. Nas sombras do quarto incorporou-se um vulto, vinha gritando da sala:

-- Chegou o dia de tu morrer, Natario da Fonseca, capitao de merda!

Visou o Capitao mas quem recebeu o tiro foi Bernarda, que se erguera de subito, tomando a frente do padrinho. A bala lhe rasgou o peito, atravessando o seio esquerdo, e ela caiu em cima de Natario.

No mesmo instante uma bala, disparada da porta, derrubou o capanga. O negro Espiridiao fez-se ver ao lusco-fusco, mas nao entrou no quarto, ficou esperando na saleta. Bernarda morria nos bracos do padrinho como lhe anunciara a cigana no distante dia em que lhe lera a mao.

-- Meu amor... -- murmurou, botando sangue pelo peito e pela boca. Pela primeira vez ela lhe dizia meu amor, ao unico amor de sua vida. Ainda repetiu antes que a voz se extinguisse: --

Meu amor.,.

O sangue de Bernarda cobriu o busto de Natario, escorrendo-lhe pela barriga e pelas coxas. Ele a levantou nos bracos, deitou-a sobre a cama e a cobriu com o lencol. O rosto imovel, as mandibulas duras, os dentes cerrados, os olhos bacos, um fio de navalha, o Capitao demorou um minuto ali parado diante do corpo da afilhada. Dava pena e dava medo. 478

7

-- Dalvino, se lembra dele? -- Disse o negro Espiridiao empurrando o cadaver com o pe.

Natario lembrava-se muito bem do branquicela, um dos muitos que o tinham jurado de morte nos outroras dos barulhos. Defrontaram-se, entao, o cabra engajado nas hostes do coronel Dalton Melo, de Ferradas, ele guardando os passos do coronel Boaventura. Numa pensao de putas, em Itabuna, tiveram ademais uma desavenca por causa de mulher mas o desaguizado nao prosperara: Dalvino,

bebado, mal se aguentava em pé. A língua grossa de cachaca, reduzira-se a ameaças vas e a juras de vingança. Uma das raparigas o levou consigo para a cama.

Brancacento, cabelo cortado a escovinha, no queixo, lembrança de tiroteio, um rasgo vermelho. Bom de mira, Dalvino passava por autor de um sem-número de mortes em tocaias armadas por conta de mandantes diversos. Quando o coronel Dalton bateu as botas, consumido pela febre, a que matava até macacos, Dalvino se transformou em franco-atirador, alugando repetição e pontaria a quem lhe propusesse trabalho e pagamento. Depois sumira, deram-no como morto no sertão de Jequié, de onde viera e para onde voltara. Eis que ressuscitara de repente para aparecer em Tocaia Grande, resolvido a liquidar Natário. Por conta de velhas ameaças, vingança com tamanho atraso, difícil de acreditar. Fora contratado para fazer o serviço, por alguém a par da topografia do arraial e dos hábitos do Capitão, compromissos e amores.

-- Taquaras tá assim de jaguncos, todo dia chega uma porção, vindo de Itabuna. -- Continuou Espiridiano: -- Se quiser saber pra que, eu lhe digo: tá se juntando para atacar Tocaia Grande.

Achando estranho o repentino afluxo daquela banda de celerados, na estação de Taquaras, Espiridiano buscou saber o motivo da curiosa convergência. Há muito não se via tantos clavinoteiros reunidos, sem razão aparente, pois reinava paz na grei dos coroneis, a terra dividida entre os graúdos, e a política andava calma, ainda distantes as eleições. Sem nada que fazer a não ser admirar os conhecimentos da filha, a professora Antonia --

ve-la ao quadro-negro ditando contas para os meninos inflava⁴⁷⁹

lhe o coração e abria-lhe a boca num riso destampado de gengivas sem dentes --, saíra a cata de informações: por que se concentrava em Taquaras tal quantidade de capangas, alguns de temerosa e merecida fama? Todos armados até os dentes, dinheiro sobrando no

bolso: nas pensoes corria cachaca a Ia godaca. A maioria dos colhudos nao sabia grande coisa, alem do convite transmitido de parte do sargento Origenes para uma diligencia que podia render bons cobres, com garantia de saque e de butim, e a perspectiva de um posto na Policia Militar, dependendo do comportamento do individuo. Engajar na Policia Militar, com direito a farda e a impunidade, era a ambicao maior dos jaguncos desocupados. Em Taquaras, local de encontro, receberiam as diretivas no momento azado. Um ou outro, porem, sabia um pouco mais e o nome de Tocaia Grande foi citado varias vezes. Dalvino, cozinhando um porre monumental na pensao de Mara, no Beco da Valsa, gabola alem de bebado, jactou-se de estar encarregado de incumbencia especial, de relevancia, a preceder a movimentacao da jaguncada. Grato encargo, pois lhe permitiria cobrar-se de agravo antigo. Terminou referindo-se ao nome do Capitao e, a partir dai, Espiridiao ja nao o perdeu de vista. Pos-se no seu calcanhar, acompanhou de longe o encontro do cabra com o cabo Chico Roncolho, subdelegado de policia de Itabuna chegado no trem de ferro, e, mantendo boa distancia para nao ser visto, pisou nos passos de Dalvino quando o cabra tomara o caminho para Tocaia Grande. O resto do enredo o amigo Natario conhecia. O negro lastimava apenas nao ter atirado antes do miseravel, evitando a morte de Bernarda. Mas, da porta enxergava mal o interior do quarto, imerso nas sombras da boca da noite. Temera acertar na moca ou em Natario, so pudera descarregar a arma no clareao do tiro de Dalvino. Uma tristeza, a morte de Bernarda: era a rapariga mais bonita na vastidao do rio das Cobras, nenhuma se lhe podia comparar: uma estampa de folhinha.

8

Jacinta, dita Coroca havia muito tempo, por fim pareceu uma velhinha miuda e acabada, desvalida, como se a idade e o 480

cansaco se lhe tivessem tombado, de vez e de repente, na cacunda. Acocorada ao pe do leito de morte de Bernarda a fitar-lhe o rosto.

Leito de morte, cama de campanha onde a formosa exercera o ofício de puta durante tantos anos e durante todos esses anos fora mulher apenas de um homem, o seu padrinho. Duas vezes comadre. Coroca pegara o menino que ela parira; depois o batizara no altar da Santa Missão. Mais do que comadre, filha, pois quando se encontraram em Tocaia Grande e Coroca a adotara, Bernarda não passava de uma criança agravada pelo sofrimento: o cabaco comido pelo pai; a mãe entrevada na cama; crescidas ela e a irmã cacula, na fome e na porrada. Fosse filha de sangue, concebida em suas entranhas, não seria mais querida.

No decorrer daqueles anos, habitando as duas a mesma casinhota mandada construir pelo capitão Natário da Fonseca, jamais uma má palavra, um gesto abrupto, cisma de qualquer espécie, a menor desconfiança se interpusera na perfeita convivência das comadres. Meu Deus, de agora em diante como iria ser? Coroca abanou a cabeça, não queria pensar.

Não pensava em nada, não recordava o passado, acontecimentos, conversas, projetos, horas tristes e alegres, perigos, sonhos e festas. Estava seca e vazia como se lhe houvessem arrancado coração e tripas, a golpes de punhal. Lavara o corpo de Bernarda e o vestira, penteara-lhe os cabelos escorridos e pendurara-lhe nas orelhas os brincos que o padrinho lhe dera de presente.

Pouco a pouco, o povo foi chegando para a sentinela. As raparigas trancaram os balaios, em sinal de luto. 9

Com meu silêncio eu lhes digo, comadres e compadres: nos tempos de antanho, nesta terra grapiuna onde cresce a lavoura do cacau, a mais bela e a mais rica de quantas no mundo se plantam e se cultivam, existia uma decência de palavra empenhada, uma nobreza de trato, não se fazendo necessário o uso de papel timbrado ou a apresentação de documento. Os cidadãos, os ricos e os pobres, os coroneis e os jaguncos, tinham a mesma estatura 481

na lealdade e no respeito, no brio e na honra. A traicao se pagava com a morte.

Muita coisa mudara, por fora e por dentro, desde aquele ontem quando se cruzava a estrada de bacamarte em punho e a confianca entre os lordes e os valentes era moeda preciosa e acreditada. Agora manda outra gente. O rosto de Natario, pedra adusta, nao deixava transparecer os amargos pensamentos, nao refletia a dor da ausencia de quem fora amante e afilhada, quase filha. Mas as comadres e os compadres, fraterno compadrio nascido da diaria convivencia de homens livres, conheciam-lhe o discurso, o manifesto e o silencio.

Acontecesse o que acontecesse, honraria a palavra empenhada, tacita e subentendida, cumpriria o compromisso assumido na trajetoria das conjunturas e das ocorrencias, as grandes e as pequenas, as bem-aventuradas e as malditas, a alianca celebrada pela vida.

10

Espiridiao ouvira aqui e ali, nos bancos de cavaco ocioso da estacao, nas ruidosas bodegas de cachaca, nas alegres pensoes de raparigas, rumores, boatos, diz-que-diz-que sobre o intempestivo e intenso movimento na Intendencia, nos cartorios, no quartel da Briosa, na cadeia, nas ruas de Itabuna. As tramas, a acreditar no vozerio, eram varias e diversas.

Referencias muitas, porem vagas, nao bastavam para que se chegasse a conclusoes precisas. O Capitaõ pensou em se tocar para Itabuna a fim de saber, detalhe por detalhe, o que estava sucedendo, pondo tudo em pratos limpos. Mas os outros tres, e logo depois tambem Coroca, pessoa de bom aviso, desaconselharam tal jornada por imprudente e perigosa: era o mesmo que se meter na toca do inimigo, a ele se entregar de maos e pes atados. Na opiniao segura e equilibrada de Espiridiao, se tinham enviado um jagunco a

Tocaia Grande para matar Natario, haveria em cada esquina de Itabuna um bandido a espera-lo, na tocaia. Fadul Abdala e Castor Abduim concordavam em genero, numero e caso. Espiridiao encarregara a filha -- a professora Antonia dava-se com todo mundo, merecia confianca e era res482

peitada devido ao saber e aos olhos que o atestavam -- de obter o maximo de informacoes e mandar um proprio leva-las em mao, num recado escrito. Para escrever bem explicado, com letras bonitas, nao havia duas, a professora Antonia estava sozinha. Nem assim, contudo, o Capitao desistiria, nao fosse a chegada a Tocaia Grande de seu Carlinhos Silva. Estivera em Ilheus para o relatorio mensal, trazia noticias concretas e ordem expressa, ditada por Kurt Koifman em pessoa, de esvaziar e fechar o deposito de cacau e mandar-se de volta para a matriz da firma. Passado o tempo quente que se anunciava, decidiriam sobre a localizacao do deposito: na dependencia dos conformes poderiam ate mantelo em Tocaia Grande. **11**

Acompanhada pelos tres filhos, Jaoze, Agnaldo e Aurelio, a velha Vanje parou diante da entrada da varanda, em casa do capitao Natario da Fonseca:

-- Licenca, Capitao. Queria dar uma palavra a vosmice. Sentado num dos bancos de madeira, limpando o parabelo, o Capitao conversava com Fadul e Ticao. Armas amontoadas na sala de visita, aos pes do gramofone, chamaram a atencao da sergipana.

-- Tome assento, tia Vanje. -- Natario apontou os bancos vazios: -- Oces tambem. Tem lugar pra todos.

Jaoze voltara de Taquaras de olhos arregalados, as orelhas prenas com o que vira e ouvira. Fora a feira, em companhia do mano Aurelio, levando, nas cangalhas do burro, um jaca de galinhas e dois cacuas repletos de produtos do rocado: aboboras, chuchus, maxixes, quiabos, jilos, batatas-doces; regressara confuso e alarmado, em

marcha batida. Assistira ao insolito trafego de jaguncos, a feira em rebulico, escutara zunzunzuns de arrepiar.

-- Seu Capitao, vosmice sabe o que Jaoze ouviu dizer na feira de Taquaras? Ele contou pra gente e nem acredito que possa ser verdade.

O Capitao se levantara em busca de canecos, servia cachaca aos recém-chegados.

483

-- Va falando, minha tia, estou escutando...

Antes de sentar-se, reforcou a dose nos canecos do negro e do turco e no seu proprio. Deixou a garrafa ao alcance da mao.

-- Pois tao dizendo que nos tudo e criminoso, que tamos ocupando terra alheia sem ordem do dono.

-- Isso mesmo. -- Confirmou o filho: -- Que nos e ladrao de terra.

Vanje retomou a palavra:

-- Que vao botar nos pra fora, que os donos tao para chegar, nao demora.

-- Garantidos pelos jaguncos... -- Jaoze esclareceu.

-- Com os jaguncos... Os donos de Tocaia Grande, foi o que ele ouviu. Jaoze quis rebater, mas confirmaram o dito: e a lei que vai chegar. Por ser lugar atrasado, aqui nao tinha, mas vai ter. E verdade? Me diga, Capitao. So acredito em vosmice. O capitao Natario da Fonseca pousou o parabelo no banco, demorou o olhar na face ansiosa da velha sergipana, logo engoliu o trago de cachaca, com as costas da mao limpou a boca:

-- Tem gente querendo que seja assim, minha tia. Se nos deixar, vai ser.

-- Troque isso em miúdo, Capitão, não tá chegando pra meu entendimento.

Os três irmãos, assim como Castor e Fadul, acompanhavam em silêncio o diálogo entre a velha e o Capitão, bebericando a cachaca devagar. Havia uma tensão no ar, tão forte e concreta, quase se podia toca-la com a mão. Jooze cuspiu, além da porta, uma cusparada grossa.

-- Quantos anos faz que vosmice chegou aqui com o finada Ambrosio e o seu povo? Me responde se entences a terra tinha dono ou era devoluta? Quando oces ocupou ela, limpou a capoeira, começou a plantar mandioca, apareceu alguém pra reclamar dizendo que era o dono?

-- Ninguém.

-- Nem podia, pois nunca teve dono. Quantos anos faz?

Agora que tá limpo e plantado, tem casa de farinha, e oces vende aqui e em Taquaras, botaram olho-grosso em cima. Vosmice não viu o caso dos fiscais? De quem eram os porcos que mataram?

Não eram de Altamirando? Mataram ele também. Diz-que é a lei, que nos tem de obedecer.

484

Agnaldo abriu a boca, chegou a dizer, com raiva: a lei, merda de lei, mas a Mãe não o deixou continuar:

-- Espera, meu filho. Capitão, vosmice disse indagorinha que eles toma conta se nos deixar, não foi? -- Repetiu a pedir confirmação: -- Se nos deixar?

-- Isso mesmo, tia Vanje. Os homens em Itabuna fizeram um caxixe e tao dizendo que esse casco onde nos assentou Tocaia Grande tem dono, que tinha desde o comeco. Essas terras dos dois lados do rio, onde fica os rocados que oces plantou, junto com Ze

dos Santos, Altamirando e tia Leocadia, e onde tao as casas que nos fez. Os rocados e as casas que a enchente levou e oces e nos plantou e fez de novo. Essas terras que era de oces e de nos, dizque agora tem dono e que teve toda a vida. Esta escrito e registrado no cartorio. So falta mesmo nos concordar.

-- Concordar que eles tome a terra da gente?

-- Preste atencao, tia Vanje, atente no que vou dizer. Oces tambem, Jaoze, Agnaldo e Aurelio. Ou bem a gente diz que ta certo e se entrega, faz acordo: oces rica trabalhando a meacao, eu fico pagando foro pelo outeiro, ou a gente briga pra defender o que e da gente.

-- Sera que vale a pena? -- Jaoze cuspiu de novo: -- Nunca vi tanto jagunco.

-- A briga vai ser feia... -- o Capitaio percorreu os sergipanos com os olhos miudos, baixou a voz: -- ...o mais certo e que nos perca. Inda assim, Jaoze, sou de opiniao que vale a pena e o compadre Fadul mais o amigo Ticao pensam o mesmo. Nos decidiu que vai comprar a briga. Demorou a vista na face da velha, marcada pela vida.

-- Tocaia Grande foi nos que fez, nos e vosmice, tia Vanje. E mais os finados Ambrosio e Altamirando, a finada Merenda, os defunto que tao no cemiterio. Estou mentindo? Enquanto eu viver, ninguem vai abusar de nos. Agnaldo quis interromper, o Capitaio fez um gesto pedindolhe paciencia:

-- Tou acabando, Agnaldo, depois tu fala. Cada um e livre de fazer o que quiser, minha tia. Assim vosmice como seus filhos. Fazer trato, ir embora de vez ou pra voltar depois, ou bem pegar no pau-furado.

-- Por mim, sei o que vou fazer. Não vai ser como da outra 485
vez que elas não deixaram... -- explodiu Agnaldo quase aos gritos.

Vanje retomou a palavra, não alterou a voz:

-- Se lembra, Capitão, quando vosmice encontrou nos na estrada, corridos de Sergipe? Comigo era pela segunda vez, já tinha acontecido com a terra de meu pai. Sei o pensar de Agnaldo, ele nunca se esqueceu. Não sei dos outros, cada um sabe de si. Mas posso lhe dizer, capitão Natário, a vosmice que foi um pai pra nós: do proveito dessa terra que era mato fechado quando nos chegou, não vou dar a ninguém nem meia nem terca. A ninguém. E só saio dela morta. Os outros, eu não sei.

-- Nós faz o que vosmice mandar, Mãe. -- Jooze se levantou, não podia deixar os rocados no abandono. -- Vamos trabalhar.

-- Deus lhe pague, Capitão -- disse Vanje e saiu seguida pelos filhos. Mas Aurelio, o mais moco, que durante o encontro não pronunciara uma única palavra, deixou-se ficar para trás:

-- Vosmice me arranja uma arma, Capitão? Lá em casa, só quem tem é Agnaldo. E eu não sou ruim de pontaria. **12**

A lei, comadres e compadres. No cano da repetição, no gatilho dos revolveres, na boca dos clavinotes, a lei se anunciava. Após a enchente e a febre.

Quem quiser pode ir embora, tomar rumo, ganhar a estrada, ficar de longe esperando que o barulho acabe, para voltar de mansinho, o cangote baixo, a fim de receber a canga e obedecer as ordens do senhor. Quem quiser pode capar o gato, botar sebo nas canelas, arrebanhar os terens e cair fora. Não há mais lugar em Tocaia Grande para os velhacos e os cagoes.

Tendo decidido o que fazer, antes de tomar as ultimas providencias, o capitao Natario da Fonseca, antigo comandante de jaguncos, cabra sarado, ora acompanhado de Castor, ora de Fadul, se nao dos dois, foi de casa em casa, nas duas margens, e explicou a cada criatura o que estava acontecendo e o que iria acontecer.

A muitos, inclusive, por conhece-los bem, aconselhou a 486

prudencia e exortou a fuga; se lhes faltava o destemor, tampouco possuiam as mesmas razoes para assumir as armas e resistir. Era mais dificil -- ai, muito mais, sem comparacao! -- do que enfrentar a enchente: mais mortal a lei do a peste. So pagava a pena para aqueles que tinham um pacto a honrar. Um pacto com Deus, com o bom Deus dos maronitas, era o caso de Fadul. Ou com a liberdade, era o de Castor. Com a terra ganha com o suor do rosto, no caso de Vanje. No de Coroca, um pacto firmado com a vida. Ou quando alguem, tendo conquistado mando e autoridade, contraiu obrigacoes e deve cumpri-las. Era o caso do capitao Natario da Fonseca.

13

Na ultima noite de expectativa, o bom Deus dos maronitas apareceu em sonho a seu filho Fadul Abdala, como ja sucedera em diversas ocasioes anteriores. Viviam em assiduo contacto, trocavam impressoes sobre os acontecimentos, o arabe agradecia ou reclamava, conforme fosse, louvando as providencias tomadas pelo Senhor ou acusando-o de desatento e leviano. Com sua majestosa aparicao -- nuvem imensa que, para conversar com Fadul, adquiria forma humana, anciaio gigantesco, barbudo e metenudo -- o bom Deus interrompeu dissoluta noite de bacanal durante a qual o turco comecou passando nos peitos a viuva Jussara Ramos Rabat, alias mulher casada pois revertera a tal condicao ja fazia tempo, ao tomar marido: um patricio ainda jovem, recém-chegado a regio, que assumira com garbo a Loja Oriental e os chifres do saudoso Kalil. Em seguida, o potente Abdala faturou na mesma madorna duas irmas, ambas casadas e sapecas, com as quais estivera envolvido outrora

quando o Diabo andava a tenta-lo com mocas nubeis e herdeiras para o afastar de Tocaia Grande. Eram irmas de Adma, feia como a necessidade, ruim como o Cao, com quem estivera a pique de casar-se. Historia dos principios do arraial, menosprezada na cronica de Tocaia Grande pois os seus lances decorreram em Itabuna; teria sido narrativa curiosa e picaresca com personagens conhecidos tal como Fuad Karan, e com novos figurantes: Adib 487

Barud, o surpreendente garcom do bar, por exemplo -- mas e tarde demais para conta-la. Para completar a esbornia daquela noite solitaria, ate a donzela Aruza, sumida do largo leito de colchao de capim e de percevejos, desde que um bacharel a levava ao altar fodida e prenha, apareceu para lhe outorgar o cabaco ainda intacto, e o cabaco de Aruza era o xibiu de Zezinha do Butia, aquele infinito abismo. Nas ultimas noites, quando a espera foi longa e lenta, Zezinha lhe fizera constante companhia.

O bom Deus dos maronitas tocava-lhe no ombro, puxava-o pelo braco, retirando-o dos seios e das pregas das mulheres para alertalo acerca do perigo a aproximar-se de Tocaia Grande. Abriu os olhos, o Senhor se transformara no varapau Durvalino, seu caixeiro, que lhe informou, exaltadissimo:

-- Seu Fadu! Os cabras tao chegando, seu Fadu!

Uma excitacao incomum o dominava: individuo cuja caracteristica principal era a continua agitacao, imagine-se seu estado. Fadol pos-se de pe:

-- Como tu sabe?

-- Foi seu Pedro Cigano que me disse. Ele ta na venda querendo falar com vosmice e com o Capitao. So que o Capitao nao ta em casa.

Enquanto lavava a cara na bacia de flandre, o turco pediu detalhes, Durvalino contou o pouco que sabia:

-- Seu Pedro deu com eles vindo pra cá. Se escondeu e seguiu eles até pertinho daqui. Leva-e-traz esfregava as mãos, cocava os ovos, não conseguia esconder o nervosismo. Fadul acabava de enxugar o rosto:

-- Hoje mesmo tu vai embora.

-- Eu? Ir pra onde? Vosmice tá me despedindo? O que foi que eu fiz?

-- Não é bem isso. Tu não fez nada. Eu é que não lhe quero aqui. Não quero que amanhã sua tia me culpe se lhe acontecer alguma coisa. Durvalino riu nas fucas do patrão:

-- Tia Zezinha, quando mandou eu vim pra cá, me disse: Lininho, e assim que ela me chama, tu vai ficar com seu Fadu, vai tomar conta dele, tu não arreda pé de junto dele que meu turco é

um menino grande, vive se metendo em enrascadas. Enrascada 488

pior do que essa d'agora não pode haver. Como é que vosmice

quer que eu vá embora? O que minha tia houvera de dizer?

Olhou sério para o patrão e arriscou o palpite, adiantou sua opinião sobre todo aquele embeleco em que estavam envolvidos:

-- Vosmice vai ver, seu Fadu, que nos todos vai morrer nas mãos desses jaguncos. Não vai sobrar nenhum, vosmice vai ver!

14

Encostado ao balcão, Pedro Cigano servira-se, por conta própria, do trago matinal para lavar a boca. Passara boa parte da noite se arrastando nos matos, acompanhando a movimentação dos jaguncos, vindos de Taquaras, em marcha forçada. Hábito maquinal, Fadul reparou na baixa dada na garrafa de cachaca pelo corre-mundo. Suspendeu os ombros, o momento não era apropriado para

reclamar. Muito provavel que a razao estivesse com Durvalino e ninguem escapasse: no estado de guerra em que se encontravam nao cabiam as mesquinhas do comercio. Apenas comentou com certa aspereza:

-- Tu escolheu uma hora azarada para aparecer. Nao podia ser pior.

-- Por que o amigo Fadu diz uma coisa dessas? Ficou de mal comigo?

-- Quem melhor sabe o porque e tu que viu os cabras, pois nao viu? Tao vindo pra atacar Tocaia Grande, tu nao sabe?

-- E eu ja faltei alguma vez? Se faltei, pode dizer. Quem tava aqui quando Manuelzinho, Chico Serra e Janjao devastaram tudo? E na enchente, quem saiu a procura de seu Cicero Moura e de Cao, coitadinha dela? E na febre, quem foi buscar remedio?

Nao sou de me gabar, amigo Fadu, menos ainda de fugir na hora do pega pra capar. Pergunte ao Capitao, que ele me conhece nao e de hoje.

Pousou o copo no balcao sebento, cocou a gaforinha:

-- Que e que o amigo me diz da gente comer uma lasca de jaba pra quebrar o jejum? Saco vazio nao fica em pe e nos precisa forrar a panca antes que comece o tempo quente. -- Entregava a harmonica ao turco: -- Guarde a sanfona por favor que e pra nos festejar depois.

489

15

Comprovaram a exatidao das noticias fornecidas por Pedro Cigano, coincidiam com o escrito da professora Antonia, mandado em mao

propria, por um seu aluno, o capeta Lazinho, filho de Lourenco, chefe da estacao. Acostumado a levar cartas e telegramas ao coronel Boaventura Andrade, na Fazenda da Atalaia, o moleque, montado num burro em pelo, precedera os jaguncos, possibilitando a tomada de providencias. Providencias urgentes e nem sempre faceis.

Nao fora facil convencer o negro Espiridiao a ir para a Fazenda Boa Vista, mas ele decidiu-se a faze-lo por amizade a Natario: foi, a rogo do companheiro de tantos anos e de tantas tropelias, guardar-lhe a mulher e os filhos para que o amigo pudesse comandar com mais tranquilidade a defesa de Tocaia Grande. Quando o Capitao lhe falara no assunto, o negro por pouco se melindra:

-- Pra roca? Oce ta me desconhecendo, Natario? Sair daqui, logo agora? Virar um velho frouxo? Nanja eu.

-- E tem no mundo quem possa achar que tu e frouxo? --

Espantou-se tanto o Capitao que ate se pos a rir, coisa que so de raro em raro acontecia: -- Tire isso da cabeça e me ouca, por favor. -
- Colocou a mao no ombro do negro num gesto afetuoso, para melhor o convencer: -- Por que tu veio praqui? Tu nao veio por causa de Tocaia Grande, veio pra me ajudar porque nos e como se fosse irmaos. Tou mentindo?

-- Tu ta falando a verdade.

-- Pois entonces. Tu me ajuda mais se for ficar com Zilda e os meninos, nao tem ninguem de confianca pra acudir se for preciso. O que nao falta e cabra malvado por ai. Natario nao deu tempo a Espiridiao para refletir:

-- Se aparecer algum cabra rondando por la, primeiro meta bala, depois mande Peba vim me avisar.

Com a mao sempre pousada no ombro do negro, confiou-lhe sua provacao:

-- Bem que eu queria que Edu fosse junto, mas ele nem quis ouvir falar. Nunca lhe desobedeci, meu pai, vai ser pela primeira vez, foi o que disse. -- Repetia com preocupacao e com soberba, contente com a rebeldia do rapaz.

490

-- Tinha de ser, sendo seu filho.

Natario retirou a mao do ombro de Espiridiao e, abandonando mais uma vez a reserva costumeira, o prendeu nos bracos. Desde a morte de Bernarda, o Capitao parecia outro.

-- Diga a Zilda que se guente por la, nao saia da roca por nada deste mundo, faca tento nos meninos e me aguarde. **16**

Mais dificil ainda foi convencer a negra Epifania a partir para a Fazenda Santa Mariana, nas cabeceiras do rio das Cobras, levando Tovo, afilhado de dona Isabel e do coronel Robustiano de Araujo.

Filho de Xango, o deus da guerra, Ticao Abduim tinha um lado de Oxossi, o cacador, e outro de Oxala, o pai maior. Epifania era de Oxum, dona do rio e da faceirice; sendo rainha nao aceitava ordens de mortal, qualquer que fosse. Na madrugada, antes do sol raiar sobre os habitantes e os jaguncos, o ferrador de burros convocou Ressu para ajuda-los a apresentar o ebo de sangue; sacrificaram quatro galos e destinaram um deles a Iemanja, dona da cabeça da finada Diva.

Primeiro Iansan montou em seu cavalo, Ressu dancou danca de guerra, partiu para o combate, vultou a frente dos mortos e abriu caminho para o egum no axexe. O negro estremeceu, cobriu os olhos com as maos; perseguido, correu de um lado para outro, a boca vermelha de sangue do galo oferecido a Iemanja. O vento

soprou inesperado, a nuvem desceu dos ceus e se transformou numa entidade: nao era o bom Deus dos maronitas, era a rainha das aguas, a senhora do oceano, dona Janaina. Sendo de Oxala pelo lado direito, o filho de Xango

e de Oxossi, recebeu Iemanja, sua mulher. Ela tomou nos bracos o menino e o levantou nas maos. Mostrou-o a todos e, antes de entrega-lo a Oxum, cantou a alegria e a vida.

Ordens do egum, Epifania outro jeito nao teve senao obedecer. Mulher de briga e de conviccao, dura na queda, em seus olhos jamais se vira o traco de uma lagrima, nem elevar-se de seus labios o planger de uma queixa. Somente nas horas de xodo e de folia, gemia e suspirava: gemidos de jubilo, suspiros de deleite. 491

Epifania tentou resistir, nao pode, o egum apontava o caminho da vida com o dedo descarnado. Como ja o fizera antes, entregou-lhe o menino, impos a decisao.

A negra Epifania partiu chorando, quem a visse nao acreditaria. Alma Penada a acompanhou por um bom pedaco de caminho. Depois voltou para junto do amigo que empunhava as armas.

Ticao, na despedida, apertara o filho contra o peito:

-- Diga ao Coronel que faca dele um homem.

17

Por volta das onze horas da manha, a lei se fez presente na pessoa acanhada e pacata de Irenio Gomes, meirinho da vara criminal no movimentado forum de Itabuna. Chegou a Tocaia Grande acompanhado por dois soldados da Policia Militar para assim afirmar ou alardear autoridade; impingi-la, se possivel. Os soldados armados ate os dentes podres, Irenio exibindo no cinto uma pistola ferrugenta, obsoleta.

Sem descer da montaria, ladeado pelos dois recrutas, o oficial de justiça proclamou na praça pública, ou seja no descampado, diante do cruzeiro erigido para a Santa Missão, o edito ditado pelo Doutor Juiz de Direito, e por ele mandado publicar em "A Semana Grapiuna" e apregoar aos quatro ventos. Ordenava que os cidadãos de Tocaia Grande depusessem as armas e as rendessem a supracitada autoridade, a qual devia entregar-se ao mesmo tempo, pondo-se a disposição da justiça, para responder a processo por crime de morte e comparecer a júri, o indigitado Natário da Fonseca, contra quem fora expedida ordem de prisão.

Tendo terminado o prego solene, entre mofas e risadas dos assistentes, Irenio Gomes iniciou a retirada. E o fez em paz ou quase, pois o povo reunido para escutar apenas os desarmou, aos três basbaques. Os cidadãos mais exaltados mandaram a lei a

merda e o juiz a puta que o pariu.

492

18

Trocaram-se os primeiros tiros as duas horas da tarde, na casa de farinha, nos limites dos roçados de Ze dos Santos e da velha Vanje, e os últimos depois da meia-noite, nos altos do Outeiro do Capitão: na subida de pedras amontoavam-se os cadáveres como se a guarnição da casa fosse composta por uma data de colhudos. Valiam por um bando mas eram apenas dois, postados atrás do pe

de mulungu, desabrochado em flor.

Cerco, ataque e ocupação duraram dez horas e vinte minutos, contados, segundo a segundo, no patacão de níquel do nervoso sargento Orígenes. Entre as três e as quatro horas, ou seja, entre o massacre dos sergipanos e a segunda investida, comandada pelo cabo Chico Roncolho, aconteceu uma trégua. Aproveitada pelos atacantes para completar o cerco e pelos moradores para sepultar

seus mortos em covas abertas as pressas, as ultimas individuais. Depois ja nao houve tempo para enterrar ninguem e a fossa na qual, no dia seguinte, atiraram de roldao, indiscriminados, os corpos dos caídos, das duas faccoes, foi cavada pelos adventicios. No recrutamento de jaguncos, em Itabuna, os beleguins prometeram pandega descomunal, esbornia sem comparacao, butim ilimitado na grande festa comemorativa da vitoria. Na falta de putas, a funcao reduziu-se a comilanca e a cachacada, e de que vale comer e beber sem a animacao das raparigas? Somente elas sao capazes de apaziguar o coracao e remontar o animo sujeito as vicissitudes dos combates, o trio do medo apunhalando os quibas, afrouxando a rola. Alem disso, apenas o rico saque do armazem; nas residencias particulares, bem pouca coisa de valor obtiveram. Os que abandonaram Tocaia Grande antes e durante o ataque levaram consigo o maximo de pertences, autenticos burros de tropa, sobrecarregados. Ainda bem que a maquina de costura de dona Natalina era de mao e nao de pe, pois ela a conduziu sobre a cabeça. Dona Valentina e Juca Neves suaram e arrenegaram, transportando enormes trouxas nas quais salvavam roupas e objetos de cama e mesa da Pensao Central.

Nao vale a pena perder tempo falando dos que, por covardia ou avaricia, abandonaram o arraial recusando-se a pegar em armas. Deve-se dizer contudo que nem o Capitao nem Fadul e 493

Castor, seus lugar-tenentes, forcaram a decisao de quem quer que fosse. Nada mais arriscado do que comandar medrosos, quem melhor sabia era Natario. Os que fugiram, salvaram a vida e alguns terens, perderam tudo o mais, inclusive o respeito proprio e a consideracao alheia, como se, ao desertar dos parentes e vizinhos, adquirissem, no semblante e na alma, as marcas da bexiga negra ou contraissem lepra. Assim sucede.

Nao se inclui nessa cafila de frouxos aqueles que partiram para cumprir missao ou acompanhar feridos e crianas. Zinho, alem de amparar Lupiscinio, seu pai, ferido com gravidade ao fim da tarde,

levava o encargo de espalhar a noticia da morte de Natario com o objetivo de afrouxar a vigilancia do inimigo, conforme lhe confiara o mesmo Capitao. Jaoze, com o braco na tipoia e o ombro em frangalhos, conduzira em direcao as cabeceiras do rio das Cobras uma caravana de mulheres prenas ou paridas e a filharada. Deixava no cemiterio de Tocaia Grande a mae, os tres irmaos, a cunhada e uma das filhas, afora o compadre Jose dos Santos. Zinho, Lupiscinio, Jaoze e os demais feridos: Eloi, Balbino, Ze Luiz e Ressu figuram assim na lista dos valentes a ser proclamada em alto e bom som para que sejam recordados se para tanto houver occasiao, ensejo e empenho, duvidosa hipotese. Mesmo porque, uma vez ao menos, Durvalino acertara em seus pressagios, os que nao morreram, sofreram ferimentos: Ze Luiz ficou aleijado de uma perna, um jagunco arrancou um olho de Ressu com o punhal.

Em honra a seu correto raciocinio, abre-se a relacao dos destemidos com o nome do popular caixeiro Durvalino Leva-eTraz, inscrevendo-se a seguir, no atropelo da peleja, os de Lupiscinio, Zinho, Balbino, Guido, o oleiro Ze Luiz, o tamanqueiro Eloi, Pedro Cigano, Ze dos Santos, Jaoze, Agnaldo, Aurelio e Dodo Peroba, que pusera em liberdade os passaros ensinados. Treze viventes pouco afeitos a armas de fogo e a sarilhos, a excecao do sanfoneiro que ja vira de um tudo e ja correra de muitos tiroteios. A eles se juntaram, a partir de certo momento, os estancianos Vava e Amando que, ao contrario dos demais membros da 494

familia, nao abriram o chambre, nao picaram a mula. O cla se reunira, apos a visita do Capitao, e decidiu manter-se a margem do conflito pelo menos enquanto nao fossem atacados: o problema da posse da terra e das condicoes da lavoura discutiriam mais adiante. Sia Leocadia concordara a duras penas, se mordendo por dentro. Diante do sucedido com a gente de Vanje, os estancianos se dividiram, a maioria arribou, indo se refugiar em fazendas das cercanias.

Sob as ordens de Castor Abduim, de Fadul Abdala e do capitão Natario da Fonseca, somariam dezoito ao todo, mas seria injusta sem nome e sem medida não contar as mulheres entre os colhudos só por lhes faltarem os ovos. Os ovos, não a valentia: em intrepidez ninguém se comparava com Jacinta Coroca. Além dela, ali deixaram a vida sua Vanje, a nora Lia, Paulinha Marisca, uma revelação, e sua Leocadia. Cega de um olho, um lanho na cara, Ressu perdeu as feições de querubim, ficou parecendo uma visagem. Ainda mais injusto seria esquecer Edu e Nando, devido a

pouca idade. Nando chegara a Tocaia Grande menino de onze anos, crescera num adolescente femeeiro, dodoi das putas; morrera junto aos seus. Por igual, Mirinho, filho de Tarcisio, neto de sua Leocadia, que, a revelia dos pais e dos tios, veio colocar a esperteza dos inquietos doze anos à disposição de Natario, tendo sido de real utilidade para espionar os movimentos do inimigo. Capturado numa dessas idas e vindas, mataram-no a sangue-frio, arrancando-lhe as tripas. Edu caiu combatendo ao lado de Fadul: herdara do pai o desassombro e a pontaria. O balanço final daquelas dez horas de tiroteio, de tocaias e de corpo-a-corpo, de paus-de-fogo e de armas brancas, acusou um total de quarenta e oito mortos, sendo vinte e dois habitantes de Tocaia Grande entre velhos, jovens e crianças, e vinte e seis assaltantes, entre os quais o cabo Chico Roncolho e o facinoroso Benaia Cova Rasa. Nem nos tempos das lutas entre Basílio de Oliveira e os Badaros sucedera tamanho morticínio em tão curto espaço de tempo. 495

19

De nada adiantaria fazer acusações, assinalar responsabilidades, incriminar esse ou aquele, de qualquer maneira houvessem decorrido os fatos, a desproporção das forças conduziria fatalmente à ocupação final de Tocaia Grande. O contingente da Polícia Militar, oito homens efetivos e mais de vinte recrutados para garantir e legitimar a operação, sob o comando do cabo Chico Roncolho e do sargento Origenes, somente efetuou o grande ataque derradeiro

depois da noticia da morte de Natario, quando as forcas do Capitao estavam reduzidas a seis homens validos e a uma mulher: Coroca, puta, parteira e lugar-tenente em substituicao a Fadul e a Castor, caidos ambos em combate. Os afrontamentos anteriores deveram-se aos jaguncos sem uniforme -- que tantas tunicas militares nao possuia o destacamento --, outros vinte pelo menos: quantos foram encontrados vagando nos caminhos, provocando desordens nos lugarejos, ameaçando deus e o mundo. A verdade, porem, impossivel oculta-la, manda dizer que o tresloucado gesto de Agnaldo a aparicao dos primeiros capangas determinou a carnificina inicial, marcando a partir dai o carater cruel da expedicao, transformando a luta em matanca. Cortando por dentro a capoeira, um grupo de jaguncos, chefiados por Felipao Zureta, avancou mais rapido do que os demais e ocupou a casa de farinha. Natario mandou Castor atravessar o pontilhao, a

frente de quatro voluntarios, Dodo Peroba, Balbino, Ze Luiz e a negra Ressu de Iansan, santa guerreira, com o objetivo de desalojar os invasores ou de, pelo menos, impedi-los de marchar sobre o arraial. Sem esperar que o pelotao se aproximasse, Agnaldo tomou da carabina e se precipitou para a casa de farinha. Desde os longinquos e humilhantes dias de Sergipe -- a expulsao das terras em Maroim, o mourao onde fora amarrado como um boi de abate, os bolos aplicados com a palmatoria dos escravos --, Agnaldo sentia a sede da vinganca queimar-lhe o peito e a garganta. Bom mesmo teria sido atirar no Senador, mas, a falta dele, os enviados dos outros senhores para manter e renovar a lei iniqua pagariam as culpas.

Adiantou-se atirando com a carabina que, inutil, conduzira ao ombro na travessia dos retirantes. Acertou no arcabouco de um 496

jagunco e em seguida tombou varado de balas, foram os dois primeiros mortos. No passo de Agnaldo, para conte-lo, quem sabe, despenhara-se Lia, sua mulher: recebeu uma descarga a

queima-roupa, rolou em cima do corpo do marido. Por detras dela surgiu Aurelio, na maõ a arma que o Capitao lhe dera; nao chegou a dispara-la.

Furioso com o ataque imprevisto, Felipe ordenou violenta represalia e os cabras a iniciaram se bem nao conseguissem completa-la a contento. Nao lhes bastando liquidar ou colocar fora de combate Ze dos Santos e Jaoze que estavam armados, mataram a velha Vanje que acoirria aos gritos, o moleque Nando cuja arma era um badogue e uma das gêmeas de Dinora: mal-equilibrada nos gambitos, a inocente estendia os bracinhos para os clavinoteiros. So nao acabaram com as duas familias sergipanas -- a de Ambrosio e de Jose dos Santos -- porque o piquete de Castor chegou pelo outro lado e os pegou desprevenidos, pois haviam deixado o refugio da casa de farinha para matar mais a vontade. Bateram em retirada.

20

Quando o Turco Fadul se viu sozinho, Edu e Durvalino derrubados no chao, um morto, outro morrendo, sem bala no revolver nem municao no cinto, atirou-se em cima do cabra mais proximo que outro nao era senao Benaia Cova Rasa. Com as duas maos, aquelas maos disformes com que desapartava barulhos e convencia os mais renitentes, duas tenazes, apertou o pescoco do bandido mas nao chegou a estrangula-lo: recebeu dois tiros dos pistoleiros, um no ombro, outro no pescoco; afrouxou os dedos e arriou. Nao o mataram logo: atendendo as ordens de Benaia que, esbaforido e ofegante, respirava com dificuldade, amarraram o gigante e o depositaram no curral onde estavam entrincheirados. Benaia pretendia ocupar-se dele quando a luta arrefecesse. Por alguns minutos Fadul deixou-se ficar imovel, juntando forcas. Sangrava no pescoco e no ombro mas conseguiu encher o peito de ar e, inflando o torax, rompeu as cordas de prender bois com que o haviam atado. Num impulso rapido, apossou-se do revolver de um dos cabras e comecou a atirar. Mandou dois para o 497

inferno e mais não fez porque Benaia descarregou-lhe no corpo seis balacos. Não podendo acaba-lo a faca, devagarinho, como planejava, Cova Rasa esbravejou, ludibriados e enfurecido. Assim morreu Fadul Abdala, o Grao-Turco, o Turco Fadul, seu Fadu dos alugados e tropeiros, mascate de extensa tradição, bodegueiro, cidadão insigne do arraial, celebrado pelo tamanho da estroenga, respeitado pela força bruta, bem-visto pela afabilidade no trato, querido pela natureza franca e solidária: não fora ele quem decretara, em priscas eras, em Tocaia Grande, eram todos por um e um por todos.

Nas calendas, fizera um pacto com o bom Deus dos maronitas que ali o trouxera pela mão. Cumpriu sua parte até o fim, apesar de todos os pesares, e na hora de morrer, cobrou do Senhor o desamparo. Numa nevoa viu passar diante dos olhos turvos a figura de Zezinha do Butia, acenando um lenço de ramagens da porta do vagão. Abria a boca mas em lugar de balbuciar uma palavra terna, gritava o grito de Siroca quando ele a descabacara. Tendo tantas criaturas lindas em quem pensar, foi na moleca que pensou quando rendeu o corpo a Deus, ao bom Deus dos maronitas. Bom Deus? Ache quem quiser, indignou-se antes de vomitar a alma: -- Um embusteiro sem palavra, um patife, um bom filho da mãe, que faltou ao trato feito, ia-rara-dinak!

21

Depois de tudo passado, quando a lei já se instalara e se fazia cumprir com o necessário rigor, muitas histórias se contavam pelas estradas, pelos caminhos e atalhos da terra grapiuna, a respeito do assalto e da ocupação de Tocaia Grande. Conforme o noticiário dos jornais, o maior e mais violento combate que ocorrera na região desde o fim das lutas pela posse da terra, lutas que, por coincidência, tinham sido encerradas com a memorável tocaia grande, acontecida no mesmo lugar, de onde o nome. Nas caatingas do sertão, nos prados de Sergipe, os cantadores empunharam as violas e trovaram os acontecimentos medonhosos, rimando vingança com lambança, cupidez com intrepidez, 498

de um lado covardia e malvadeza, do outro valentia e inteireza, a iniquidade esmagando a liberdade.

Se na imprensa da capital, com argumentos em prol e contra cada folha exhibia sua verdade, o contrario acontecia na consonancia e na versificacao dos mestres do cordel: deu-se a condenacao unanime do massacre, numa evidente tomada de posicao ao lado do povo de Tocaia Grande. Expuseram as claras as causas da razia -- a inveja, a avidez de lucro, a imposicao da forca. Denunciaram herois proclamados pelas gazeta da situacao, marcaram os vencedores com os estigma da maldade e da violencia e defenderam a causa dos vencidos. Subversiva atitude de ignorantes, exposta em rimas de indigencia. Com faltas de metrificacao e de gramatica, as trovas correram mundo, chegando a distantes comarcas da Paraiba e de Pernambuco. Foram uma pequenina luz, um bruxuleio de fifos a alumiar a face obscura. Alguns nomes viram-se amaldicoados, outros exaltados nos rimances populares. Os versos falavam de injustica e intolerancia, de hipocrisia e aleive, de sangue e morte, mas tambem se referiam a beleza e a alegria. A homens de coracao leal, que haviam erguido sua casa e plantado uma roca de feijao: *A casa do Capitao*

Feita com amor e fe

O rocado de feijao

Da velha sia Vanje

A "Historia Verdadeira do Capitao Natario da Fonseca", de autoria de Filomeno das Rosas Alencar, parente pobre dos eruditos Alencar dos estudos folcloricos, descrevia os feitos de Natario. Nem todos seriam verdadeiros como anunciava o autor da narrativa, mas mesmo os inventados estavam na medida do desassombro e da decencia do curiboca: *Era um bravo capitao*

Era um fero comandante

Pras mulheres, bom amante,

Pros inimigos, a maldicao.

Contava como durante o cerco o Capitaó era visto em todos os recantos de Tocaia Grande, comandando e combatendo. 499

Somente ele liquidara uma data de facinoras e, dado por morto, prosseguira derrubando cabras a loce. Com a bala derradeira, na pontaria justa, cobrara ao infiel o preco fatal da traicao: *Acertou no tampo da cabeca*

Os miolos espalhando pelo chao.

Dudu Matias, violeiro de Amargosa, dedicara inspiracao e redondilhas a Pedro Cigano e a Dodo Peroba, "dois menestreis da vida". Relatou com competencia a chegada do "rei dos sanfoneiros e do imperador dos passarinhos" ao Paraiso onde, para atender a corte celestial, logo Pedro Cigano

Organizou influido dancaras

E Jesus dancou com Madalena

enquanto Dodo Peroba retirou do peito roto pelos clavinotes passaro sofre e o ofereceu de presente ao Padre Eterno *Para consolar o Deus Menino*

E abrandar a eternidade.

Todos os violeiros, sem excecao, falaram de Fadul, de sua forca de gigante, da potencia e do tamanho "da rola maior que a enorme palma da mao, menor que o imenso coracao", e recordaram Coroca, "abencoada aparadeira de meninos, xibiu de chupeta, quanto mais velha mais gostosa, na briga valera por dois homens, quica por tres".

Jesus da Mata, natural de Feira de Santana, incomparavel no improviso, tangendo a viola na boca do sertao, espalhou dos canaviais do Reconcavo aos cacauais do sul o "ABC de Castor Abduim, dito Ticao", em cujas estrofes de pe-quebrado, em seis e sete silabas rimadas, tracou a saga do negro, personagem de mil amores e incontaveis peripecias.

...Na francesia era um retado

De mucamas e madamas o queridinho

Comeu o bom e o melhor bocado

Dancou quadrilha, xote e miudinho

500

No exagero proprio dos poetas, afiancou que o negro "baixou o braco em conde e em barao, botou chifres na lordeza e na prelazia". Referiu-se com emocao a morte do ferreiro no tiroteio do pontilhao:

Pelas costas fuzilado

Caiu sem vida negro Ticao

O mais grande feiticeiro

O mais destro ferreiro

De toda aquela regioao.

Morreu na mesma occasiao

Alma Penada seu cao de estimacao.

Dudu Matias informava sobre a repercussao universal da morte de Castor:

Foi grande a choradeira

Na corte da Franca e na Bahia

Pois o capeta nao fazia distincao

Comia branca e negra ele comia

Com a maior satisfacao

Todas elas lhe servia

Pra acabar com a solidao.

Os versos mencionavam raios e trovoes na hora ultima do negro Castor Abduim da Assuncao, adolescente Principe de Ebanovadiando no leito da baronesa e da mucama, ferrador de burros, artifice de joias de latao, filho de Xango, com um lado de Oxossi e outro de Oxala, xodo de Oxum, chamego de Iemanja. No fulgor dos raios, no ronco do trovao, raios e trovoes dos bacamartes, subiram aos ceus negro Ticao e seu cao Alma Penada que ninguem sabia de onde viera: uma dadiva de Exu, nao havia outra explicacao.

Subiram aos ceus numa labareda e la podem ser vistos ate

hoje por negras, mulatas, caboclas, brancas e fidalgas, no rastro da lua, no campo das estrelas, sobrevoando os canaviais de Santo Amaro e o rio das Cobras, na capitania de Sao Jorge dos Ilheus. 501

22

Quanto aos referidos jornais da Capital, travaram ruidosa polemica, incruenta porem furibunda: ficou nos anais da imprensa baiana devido aos fulgurantes talentos que dela participaram, pleiade de aguias!

No unico jornal da oposicao, vibrantes plumitivos botaram a boca no mundo, em artigos, sueltos e a pedidos, que respingavam, todos

eles, indignação, vergonha e sangue, falando na volta dos tempos ignominiosos quando o sul do Estado era terra de criminosos desnaturados, monstros desalmados, bandidos sem lei. Os três diários governistas, não menos veementes, retrucaram afirmando que, muito ao contrário, o que se dera fora a imposição da ordem e da lei em remanescente valhacouto de bandidos, reus confessos e condenados, transfugas fugidos da polícia. Simples, rotineira operação de limpeza que viera por termo aos últimos resíduos de uma era de infâmia e barbárie. **23**

Apesar da insistência das autoridades superiores, apressadas e levianas, o sargento Origenes esperou, para ditar as ordens, uma boa meia hora após terem cessado os tiros esparsos vindos do cruzeiro e do barracão, sinal que, feridos ou mortos, os obstinados estavam fora de combate.

A prudência do Sargento era-lhe ditada pelas perdas sofridas. Não previra tantas baixas nas fileiras dos jaguncos e dos soldados. Dos oito praças efetivos, restavam-lhe apenas três, cinco haviam tombado, além do cabo Chico Roncolho. Uns quinze cabras -- não contara mas o cálculo devia ser bastante exato -- tinham entregue a alma a Deus ou ao Diabo. Os tipos de Tocaia Grande, alguns deles tomando das armas pela primeira vez, comportaram-se como profissionais, venderam caro a vida. Por que demônios o fizeram, o Sargento não sabia, mas, sendo do ramo, antigo jagunco, valorizava a facanha. A sorte tinha sido a morte do capitão Natário da Fonseca. Sem ele, o resto ficara fácil. Prolongando-se a calmaria, marcada a meia hora no cebolão, 502

Origenes ordenou ao contingente ainda numeroso, apesar das duras perdas, avançar sobre o barracão, com cuidado, devagar, de armas embaladas. Nunca é demais estar prevenido contra um louco, em todas as partes eles existem e se exibem. Tivesse apostado, teria ganho. Estavam se aproximando do cruzeiro quando dos esconsos da noite surgiu uma figura estranha, empunhando e agitando uma

especie de bandeira enquanto, com a mao livre, disparava uma garrucha carcomida: tiros ao leu, por isso mesmo perigosos.

Incontinenti, o Sargento comandou fogo e foi obedecido. A descarga derrubou o solitario atirador; a bandeira revolteou sozinha e veio cair aos pes da cruz. Servira de bandeira mas nao passava do estandarte de reisado, encarnado e azul. Quem o conduzira e manejava a garrucha fora sia Leocadia que, em lugar de seguir os parentes na retirada, a espera de ver como seria depois, preferira ficar em Tocaia Grande, arriscando a vida. Idosa de oitenta anos, envergara os trajes da Senhorita Dona Deusa, usados no Dia dos Reis Magos pela neta Aracati, empunhara o estandarte e a garrucha e viera desfilas no descampado. Ali ficaram, crivados de bala, a veneranda e influida estanciana -- velha broca, murmurou o Sargento -- e o invencivel estandarte do reisado.

Os jaguncos seguiram em frente e ocuparam o barracao. Com o que, o sargento Origenes Brito, da Policia Militar do Estado da Bahia, delegado comissionado de Itabuna, deu por cumprida a missao de guerra e passou a organizar, com os cabras indoceis, a guarda de honra para acolher com as venias devidas as autoridades do municipio, a egregia e garrida comitiva ainda a espera na Baixa dos Sapos. Somente depois da cerimonia do triunfo, o Sargento liberaria seus comandados para o saque e a esbornia.

24

No deslumbre da lua cheia cravada sobre a terra violada, sobre o rio assassinado, sobre a morte desatada, na hora da meianoite, junto ao pe de mulungu, no alto do Outeiro do Capitaó, Jacinta Coroca e Natario da Fonseca, ela com a repeticao, ele com o 503

parabelo, na tocaia, usufruiam a beleza da paisagem La embaixo, jazia Tocaia Grande ocupada pelos jaguncos e pelos cabras da Briosa.

-- O melhor de tudo -- disse Coroca --, não tem nada que se compare, e apapar menino. Ver aquele peso de carne saído de um bucho de mulher, mexer na mão da gente, vivo. Até da

vontade de chorar. No primeiro que peguei, caí no choro. O Capitão deixou transparecer nos lábios o fio do sorriso:

-- Tu pegou um bocão de menino. Tu virou uma senhora dona.

-- Nos mudou e cresceu com o lugar. Tu também, Natário, não é o mesmo cabra ruim de dentes.

-- Possa ser. . Houve um breve silêncio e, vinda do rio, na noite estival, a viração os envolveu numa carícia morna e espalhou no ar o perfume do jasmineiro. Na voz serena de Coroca, o calor e a brisa:

-- Nunca vi ninguém gostar tanto de outra pessoa, mulher gostar tanto de um homem, como Bernarda de Vance. -- Ficou pensativa por um instante, prosseguiu: -- Acho que isso é o amor de que se fala. Sei como é, conheci mocinha nova. Se chamava Olavo, me comeu os tãpos, era fraco do peito, morreu botando sangue pela boca. Me lembro como se fosse hoje Chegou até eles o tropel da comitiva dos notáveis Vinham da desolação da Baixa dos Sapos: nas chocas abandonadas pelas raparigas, os jaguncos haviam-se entrincheirado, após liquidar Paulinha Marisca, única que ficara de guarda no puteiro. Aprendera a atirar em Alagoas com os vários pistoleiros da família. Na casa de madeira, nos barracos de adobe, o intendente o Juiz o Promotor, o Mandatário e a alacre companhia, a corte altissonante, se abrigaram, aguardando o momento da entrada triunfal. Despontaram sob a claridade do luar, uma cavalcada de se ver e bater palmas: gordos, fortes, garbosos, bem vestidos, bem dispostos, traziam a lei para implanta-la. Jacinta. Coroca apoiou a repetição no galho da árvore. O capitão Natário da Fonseca repetiu:

.

-- Lugar mais bonito pra viver!

-- Nao ha igual. -- Concordou Coroca.

Montando um esplendor de egua, no centro do cortejo tendo de um lado o Intendente, do outro a divina Ludmila 504

Gregoriovna, destacava-se o corpanzil do bacharel Boaventura Andrade Junior, chefe politico, mandachuva. A cara aberta em riso.

Natario firmou a pontaria, visando a testa de Venturinha. Em mais de vinte anos, nao errara um tiro. Com sua licenca, Coronel.

25

E aqui se interrompe em seus comecos a historia da cidade de Irisopolis quando ainda era Tocaia Grande, a face obscura. O

que aconteceu depois -- o progresso, a emancipacao, a mudanca de nome, a comarca, o municipio, a igreja, os bangalos, os palacetes, os paralelepipedos ingleses, o intendente, o vigario, o promotor e o juiz, o forum e a cadeia, a loja maconica, o clube social e o gremio literario, a face luminosa -- nao paga a pena contar, nao tem graca. Ate mais ver.

FIM

Este romance foi escrito de deu em deu: em Sao Luis do Maranhao, de maio a junho de 1982, em casa de Jean e Eduardo Lago; no Estoril, em Portugal, em novembro de 1982, no Hotel Estoril-Sol; em Itapua, na Bahia, de marco a novembro de 1983, em casa de Rizia e Joao Jorge; em Petropolis, de abril a setembro de 1984, em casa de Gloria e Alfredo Machado.

505